



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MARINGÁ
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS LETRAS E ARTES - CCH
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA

PAULO ROBERTO SANTANA BORGES

**INSERÇÃO DA REGIÃO CENTRO OCIDENTAL NO CENÁRIO ECONÔMICO DO
PARANÁ: ATIVIDADES INDUSTRIAIS**



MARINGÁ - PR

2015

PAULO ROBERTO SANTANA BORGES

**INSERÇÃO DA REGIÃO CENTRO OCIDENTAL NO CENÁRIO ECONÔMICO DO
PARANÁ: ATIVIDADES INDUSTRIAIS**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Geografia, Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes da Universidade Estadual de Maringá, como requisito para receber o título de doutor.

Orientadora: Dra. Angela Maria Endlich

MARINGÁ - PR

2015

Ficha de identificação da obra elaborada pela Biblioteca
UNESPAR/Campus de Campo Mourão

B732i BORGES, Paulo Roberto Santana
Inserção da Região Centro Ocidental no cenário econômico do Paraná: atividades industriais / Paulo Roberto S. Borges; Orientadora Prof. Dra. Angela Maria Endlich. Maringá: UEM, 2015.
462 p.

Tese (Doutorado) – Universidade Estadual de Maringá. Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Estadual de Maringá.

1. Industrialização. 2. Perfil industrial no Paraná. 3. Mesorregião Centro Ocidental do Paraná. I. BORGES, Paulo R. Santana. II. ENDLICH, Angela Maria (orient.). III. Universidade Estadual de Maringá - Programa de Pós-Graduação em Geografia. IV. Título.

CDD 21.ed. 338.098162

INSERÇÃO DA REGIÃO CENTRO OCIDENTAL NO CENÁRIO ECONÔMICO DO
PARANÁ: ATIVIDADES INDUSTRIAIS

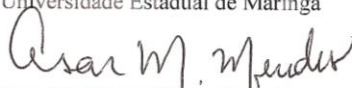
Tese de Doutorado apresentada a Universidade Estadual de
Maringá, como requisito parcial para obtenção do grau de
Doutor em Geografia, área de concentração: Análise
Regional e Ambiental, linha de pesquisa Produção do
Espaço e Dinâmicas Territoriais

Aprovada em 18 de setembro de 2015.

BANCA EXAMINADORA



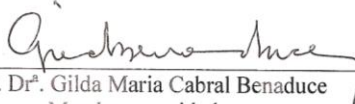
Prof.^a. Dr.^a. Angela Maria Endlich
Orientadora - UEM
Universidade Estadual de Maringá



Prof. Dr. Cesar Miranda Mendes
Membro convidado
Universidade Estadual de Maringá



Prof.^a. Dr.^a. Ana Lúcia Rodrigues
Membro convidado
Universidade Estadual de Maringá



Prof.^a. Dr.^a. Gilda Maria Cabral Benaduce
Membro convidado
UFSM



Prof. Dr. Lisandro Pezzi Schmidt
Membro convidado
UNICENTRO

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho a meus pais, Ismael (*in memoriam*) e Dorvalina, a meus filhos Murilo, Humberto, Bruna, Shayenne e Raphael e minha esposa Leila. São as pessoas que deram todo o suporte para conclusão desse trabalho que é a maior conquista até aqui.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente a Deus, pelo dom da vida e por estar ao meu lado em todos os momentos e a minha família pela paciência, pela ajuda na minha formação, pela compreensão e pela inspiração.

A Professora Dra. Angela Maria Endlich, pela confiança, incentivo, comprometimento com os nossos objetivos, dedicação, empenho nas orientações para a construção da tese e, acima de tudo pelo respeito. Professora cuja competência é reconhecida por todos que a conhecem pessoalmente e por aqueles que a conhecem através do acervo de material científico exaustivamente divulgados nas obras e nos canais eletrônicos. Trata-se, portanto de uma das mais brilhantes autoridades na área e que muito tem contribuído nos estudos e pesquisas sobre a Geografia Humana.

À Fundação Araucária, instituição de apoio a pesquisa e extensão pelo apoio financeiro; a Unespar-Campo Mourão pelo incentivo e ao PGE/UEM pela oportunidade para a realização do Curso de Doutorado.

Aos professores do Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Estadual de Maringá pelos ensinamentos de qualidade que nos colocaram em condições de conclusão do curso e melhorar nossos conhecimentos científicos para multiplicarmos ao longo da vida.

Aos meus amigos de estrada ao longo do curso: Ricardina Dias, Larissa Matos, Adalberto Dias, Fábio Costa, Oséias Cardoso, Cíntia Silvia Carvalho, Sandra Terezinha Malysz, Damião Xavier, Sérgio Maybuk e João Marcos que juntos formamos um grupo de amizades e compartilhamento de alegrias e preocupações.

Aos professores do Colegiado de Economia da Unespar campus de Campo Mourão, até então não citados, João Carlos Leonello, Luciana Bastos, Patrícia Estanislau e Tatiana Diair Lourenzi Franco Rosa que tanto nos incentivaram e apoiaram nessa jornada.

A professora e colega de doutorado Ricardina Dias, que motivou o meu ingresso no programa de pós-graduação e que culmina com a presente conquista, os meus sinceros agradecimentos pela indicação e informação sobre a inscrição do curso no ano de 2010.

A Secretária do Programa de Pós-Graduação de Geografia da Universidade Estadual de Maringá (UEM): Mirian de Carlos pela colaboração e atenção aos nossos pedidos e que sempre nos atendeu de forma sincera e cordial

Cada dia que vivemos nessa imensa escola da vida nos dá um cabedal maior de saber e de experiência. Obrigado a todos que de uma maneira ou outra fazem parte da minha vida.

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo analisar a inserção atual de Campo Mourão e da Mesorregião Centro Ocidental no cenário econômico do Paraná com destaque para as atividades industriais. Pesquisamos a partir da indústria paranaense, tratamos sobre o perfil industrial do Paraná e espacialidades dos investimentos, com abordagem sobre a trajetória industrial do Estado, considerando a reestruturação do capital, em especial a desconcentração industrial e que implicações esta trouxe ao Paraná em suas diversas regiões. Em um momento posterior nos referimos a especificamente a Mesorregião Centro Ocidental com os principais segmentos industriais com discussões relacionadas a produção, emprego, investimentos, e outras variáveis econômicas, sociais com comparativos entre as dez mesorregiões geográficas paranaenses. Na sequência abordamos sobre as indústrias dos municípios da região Centro Ocidental com ênfase para os principais estabelecimentos industriais com ampla consideração de dados como forma de mostrar a dinâmica, o perfil e a relevância do setor industrial. Utilizamos referencial teórico nacional e internacional no âmbito da Geografia e da Economia e outras ciências quando necessário; coletamos dados secundários através dos principais Institutos de Pesquisas do Brasil, assim como também utilizamos informações primárias por meio de entrevistas realizadas com prefeituras municipais, associações comerciais e industriais e com as principais indústrias na região. Ao final do trabalho as pesquisas indicaram a relevância da indústria para as localidades e região e demonstrou a inserção econômica desse setor no Estado do Paraná com empresas de expressão no mercado nacional e internacional.

Palavras-Chaves: Mesorregião Centro Ocidental. Perfil industrial. Indústria de transformação.

ABSTRACT

This thesis aims to analyze the current insertion of Campo Mourão and the Western Central Mesoregion regarding the economic scenario of Paraná with emphasis on industrial activities. We have started our research on the industries of Paraná, concerning the State's industrial profile and spatiality of investments and approaching the State's industrial trajectory, considering the capital restructuring, especially the industrial deconcentration and what implications that has brought to Paraná in its several regions . At a later time we have referred specifically to the Western Central Mesoregion and its industry major sectors with discussions regarding production, employment, investments among other economic and social variables comparing the ten geographic mesoregions of Paraná. Next, we have approached the industries of the cities in the Western Central region with emphasis on the main industrial facilities with a wide consideration of data as a way to show the dynamics, profile and the relevance of the industrial sector. We have used national and international theoretical framework within the range of Geography and Economics, among other sciences when necessary; We have collected secondary data through main Research Institutes in Brazil, as well as primary information through interviews with City Halls representatives, commercial and industrial associations and major industries in the region. At the end of the study the research revealed the importance of the industry to the local environment and region and demonstrated the economic insertion of this sector in the State of Paraná, as evidenced by prominent companies in the domestic and international market.

Key Words: Western Central Mesoregion. Industrial profile. Transformation industry.

LISTAS DE FIGURAS

Figura 1: Paraná. Mesorregiões Geográficas do Estado do Paraná.....	39
Figura 2: Paraná. Grupos de cidades com participação na totalidade dos estabelecimentos das indústrias de transformação de acordo com as escalas, 2012	74
Figura 3: Paraná. Distribuição do Valor de Transformação Industrial, segundo intensidade tecnológica, 1996-2007	79
Figura 4: Paraná. Evolução do emprego formal da indústria, período 1996-2013.....	83
Figura 5: Paraná. Participação do estoque de empregos formal por setor, 2013.....	86
Figura 6: Brasil. Participação do Paraná na produção de papel e celulose, 2009-2013 (em percentual).....	105
Figura 7: Brasil. Maiores empresas produtoras de papel, 2009.....	106
Figura 8: Paraná. Evolução em número de estabelecimentos por mesorregião, 2003-2012 (%).....	119
Figura 9: Paraná. Localização das destilarias e usinas do segmento sucroalcooleiro	125
Figura 10: Paraná. Produção de cana-de-açúcar (milhões/toneladas), período 2007-2012....	127
Figura 11: Paraná. Ranking da produção de cana-de-açúcar (t), açúcar (t) e álcool (m ³) em relação ao Brasil, safras 2007-2008 e 2012-2013	128
Figura 12: Paraná. Estoque de emprego formal no segmento sucroalcooleiro, segundo tipo de ocupação, 2000-2011	129
Figura 13: Paraná. Área total de plantio de cana-de-açúcar (em mil/ha), 2007-2012.....	130
Figura 14: Paraná. Área plantada de cana-de-açúcar, 2008-2009	133
Figura 15: Paraná. Investimentos anunciados pelas mesorregiões, 2003-2013 (R\$ bilhões). 147	
Figura 16: Paraná. Estabelecimentos por mesorregião com investimentos anunciados, 2003-2013.....	149
Figura 17: Paraná. Participação dos investimentos anunciados e da quantidade de industriais em relação ao total de investimentos por mesorregião, 2003-2013 ...	150
Figura 18: Paraná. Protocolos de investimentos anunciados na indústria automotiva, 2003-2013 (R\$ milhões).....	153
Figura 19: Brasil. Participação da indústria automobilística dos principais Estados fabricantes em relação a totalidade da produção nacional, 2000 e 2012	157
Figura 20: Mesorregiões do Estado do Paraná. Distribuição Geográfica.....	171
Figura 21: Mesorregião Centro Ocidental. Microrregiões de Campo Mourão e Goioerê.....	190

Figura 22: Mesorregião Centro Ocidental. Grau de Urbanização dos municípios, 2010 (em percentual).....	199
Figura 23: Mesorregião e Microrregiões. Produto Interno Bruto deflacionado, 2007-2012 (R\$ bilhões).....	209
Figura 24: Mesorregião Centro Ocidental. Produto Interno Bruto dos municípios mais primários e mais industrializados, 2007-2012 (R\$ 1.000,00)	210
Figura 25: Mesorregiões. Valor adicionado per capita da indústria de transformação das principais regiões do Paraná, 2010 (em R\$)	218
Figura 26: Mesorregião Centro Ocidental. Participação industrial no Valor Adicionado Fiscal total dos municípios (Divisões da CNAE 2.0), 2013.....	226
Figura 27: Mesorregião Centro Ocidental. IDH-M - Municípios com maior relevância nas dimensões longevidade, educação e renda, 2010.....	238
Figura 28: Mesorregião Centro Ocidental. Evolução dos estabelecimentos industriais da mesorregião, microrregiões e cidades de Campo Mourão e Terra Boa, 2008-2013.....	272
Figura 29: Mesorregião Centro Ocidental. Evolução dos estabelecimentos industriais da mesorregião, microrregiões e cidades de Campo Mourão e Terra Boa, 2008-2013.....	273
Figura 30: Municípios. Comparativo de empregos na indústria com a totalidade dos empregos nas municípios de Campo Mourão, Terra Boa, Araruna, Moreira Sales, Engenheiro Beltrão e Ubitatã em 2013 (em mil).....	279
Figura 31: Mesorregião Centro Ocidental.Comparativo de empregos na indústria na mesorregião e microrregiões de Campo Mourão e Goioerê, período 2008-2013	280
Figura 32: Mesorregião Centro Ocidental Comparativo de empregos per capita na indústria X estabelecimentos na mesorregião e microrregiões de Campo Mourão e Goioerê, 2013.....	283
Figura 33: Mesorregião Centro Ocidental. Municípios com estabelecimentos industriais com registro na Fiep, 2014.....	284
Figura 34: Mesorregião Centro Ocidental. Empregos industriais dos municípios com registro na FIEP, 2014.....	286
Figura 35: Mesorregião Centro Ocidental. Participação das indústrias com registros na Fiep com processos de internacionalização comercial, 2014.....	287
Figura 36: Microrregião Campo Mourão – municípios mais industrializados.....	289

Figura 37: Araruna. Participação percentual no emprego dos principais estabelecimentos industriais, 2014	292
Figura 38: Araruna. Balança Comercial do município, 2008-2014 (milhões de US\$, FOB).....	293
Figura 39: Araruna. Balança Comercial, regiões geográficas, (em milhões US\$, FOB), 2008- 2014	297
Figura 40: A.J. Rorato. Imagens de 1969 e 2014	299
Figura 41: Campo Mourão. Participação percentual no emprego dos principais estabelecimentos industriais, 2014.....	309
Figura 42: Campo Mourão. Balança Comercial do município, período 2008-2014 (em milhões de US\$, FOB).....	310
Figura 43: Campo Mourão. Exportações e importações de produtos industrializados (US\$, FOB), 2008-2014	311
Figura 44: Campo Mourão. Balança Comercial por regiões geográficas, 2008 a 2014 (em milhões de US\$, FOB)	315
Figura 45: Coamo – Distribuição Geográfica das Unidades nos Estados do Paraná, Santa Catarina e Mato Grosso do Sul	323
Figura 46: Coamo. Distribuição de funcionários por área de atuação (2015).....	325
Figura 47: Engenheiro Beltrão. Participação percentual no emprego dos principais estabelecimentos industriais, 2014.....	337
Figura 48: Engenheiro Beltrão. Balança Comercial, 2008-2014 (milhões de US\$, FOB)....	338
Figura 49: Engenheiro Beltrão. Balança Comercial por regiões geográficas, 2008 a 2014 (milhões de US\$, FOB).....	341
Figura 50: Terra Boa. Participação no emprego dos principais estabelecimentos industriais (percentual), 2014.....	349
Figura 51: Terra Boa. Instalações da Dudalina na cidade de Terra Boa	351
Figura 52: Goioerê e Moreira Sales. Participação percentual no emprego dos principais estabelecimentos industriais, 2014.....	355
Figura 53: Goioerê e Moreira Sales. Balança Comercial, 2008-2014 (milhões de US\$, FOB).....	356
Figura 54: Goioerê e Moreira Sales. Balança Comercial por regiões geográficas, 2008 a 2014 (milhões de US\$, FOB)	359
Figura 55: Ubitatã. Participação percentual no emprego dos principais estabelecimentos industriais, 2014	368

Figura 56: Ubitatã. Balança Comercial do município, 2008-2014 (milhões de US\$, FOB).	369
Figura 57: Ubitatã. Balança Comercial por regiões geográficas, 2008 a 2014 (milhões de US\$, FOB).....	372
Figura 58: Peabiru. Participação percentual no emprego dos principais estabelecimentos industriais, 2014	379
Figura 59: Peabiru. Balança Comercial do município, 2008-2014 (mil de US\$, FOB).....	379
Figura 60: Peabiru. Balança Comercial por regiões geográficas, 2008 a 2014 (mil de US\$, FOB).....	382
Figura 61: Barbosa Ferraz. Participação percentual no emprego dos principais estabelecimentos industriais, 2014.....	385
Figura 62: Estado do Paraná, Municípios com associados da Coaprocor	388
Figura 63: Municípios. Participação percentual no emprego dos estabelecimentos industriais de Mamborê, Campina da Lagoa, Janiópolis, Luiziana, Iretama e Quarto Centenário 2014	394
Figura 64: Mesorregião Centro Ocidental. Taxas de crescimento demográfico, 2000-2010.	409
Figura 65: Paraná. Fluxos migratórios intermesorregionais no Paraná 1995/2000.....	411
Figura 66: Mesorregião Centro Ocidental. Movimentação dos municípios com o mercado internacional, período 2008-2014	415

LISTA DE QUADROS

Quadro 1: Classificação de porte de empresa pelo Sebrae	120
Quadro 2: Paraná. Relação das montadoras automotivas e fábricas de motores instaladas na Região Metropolitana de Curitiba	159
Quadro 3: Faixas de Desenvolvimento Humano, 2013	234
Quadro 4: Campo Mourão. Valor Adicionado Fiscal – Principais Empresas, 2013	316
Quadro 5: Evolução do Quadro de Funcionários da Sabarálcool – Matriz e Filial, período 2008-2012	344

LISTA DE TABELAS

Tabela 1: Brasil. Comparativo entre as microrregiões com maiores ganhos de participação no emprego industrial entre 1990 e 2009	52
Tabela 2: Paraná. Taxas de crescimento acumuladas da produção física da indústria, segundo atividades, período 2004-2012.....	68
Tabela 3: Paraná. Quantidade de indústrias de transformação com mais de 200 estabelecimentos industriais por cidade, período 2008-2012.....	72
Tabela 4: Paraná. Participação do Valor da transformação industrial dos principais grupos de atividades industriais, com cinco ou mais pessoas ocupadas, período 2007 a 2011 (percentual).....	76
Tabela 5: Paraná. Exportação das indústrias de intensidade tecnológica, período 2000-2007.....	81
Tabela 6: Paraná. Estoque de emprego formal por setor de atividade, 1996-2012	85
Tabela 7: Paraná. Evolução dos gêneros industriais no valor das vendas e compras realizadas pela indústria paranaense, o período 2007-2012 (em percentual).....	89
Tabela 8: Paraná. Evolução das horas trabalhadas, emprego, salários médios por gênero e atividades industriais, período 2011-2012 (em percentual)	93
Tabela 9: Paraná. Composição da participação das exportações e importações segundo grupos durante o período 2008-2012 (em percentual)	95
Tabela 10: Paraná. Estabelecimentos industriais nas mesorregiões durante o período 2003-2012.....	117
Tabela 11: Paraná. Número de estabelecimentos da indústria de transformação e construção, de acordo com a classificação de porte de empresa pelo Sebrae, 2010.....	120
Tabela 12: Paraná. Número de trabalhadores nos estabelecimentos industriais de transformação e construção, de acordo com a classificação de porte de empresa pelo Sebrae, Junho 2012.....	121
Tabela 13: Paraná. Participação percentual da área de plantio (hectare) e da produção de cana-de-açúcar (tonelada) nos núcleos regionais, safras 2007-2008 a 2011-2012.....	132
Tabela 14: Paraná. Investimentos industriais anunciados dos municípios de maior valor entre janeiro de 2003 e junho de 2013 (em milhão de R\$)	142

Tabela 15: Paraná. Investimentos anunciados das vinte maiores indústrias e a participação (%) nos investimentos industriais totais entre 2003 e 2013	145
Tabela 16: Paraná. Investimentos industriais anunciados por mesorregião, de acordo com o tamanho populacional dos municípios, entre janeiro de 2003 e junho de 2013 (R\$ Milhões).....	151
Tabela 17: Brasil. Emprego e faturamento líquido na indústria automotiva e faturamento indústria de autoveículos, 1996-2012	155
Tabela 18: Brasil. Números de empregados nos Estados fabricantes de veículos automotores de acordo com sua distribuição espacial	162
Tabela 19: Mesorregiões Geográficas Paranaenses - Indicadores Socioeconômicos, 2010..	172
Tabela 20: Paraná. População e sua participação Mesorregião/Estado e evolução nos anos de 1980, 1991, 2000 e 2010.....	175
Tabela 21: Paraná. Comparativo sobre número de municípios e população por faixa de habitantes, 2000 a 2010	181
Tabela 22: Paraná. Estabelecimentos industriais das mesorregiões, período 2007-2012.....	183
Tabela 23: Paraná e Mesorregiões Geográficas do Estado. Empregos na indústria, período 2007-2012	184
Tabela 24: Mesorregião Geográfica Centro Ocidental. População censitária (1980, 1991, 2000 e 2010) , grau de urbanização, (2000, 2007 e 2010) e crescimentos da população e do grau de urbanização (2000-2010)	192
Tabela 25: Mesorregião Centro Ocidental. Distribuição espacial da população urbana e rural, 2010.....	197
Tabela 26: Mesorregião Geográfica Centro Ocidental Paranaense. PIB a preços constantes de 2012, período 2007-2012 (em R\$).....	202
Tabela 27: Mesorregião Centro Ocidental. Evolução do PIB e PIB per capita a preços constantes de 2012, períodos entre 2007-2012.....	203
Tabela 28: Mesorregião Centro Ocidental. Índice de Gini anos de 1991, 2000 e 2010	213
Tabela 29: Paraná. Mesorregiões Geográficas. Valor Adicionado da Indústria de Transformação em valores deflacionados a preços de 2012 das mesorregiões, período 2007-2012 (em R\$ 1.000,00).....	216
Tabela 30: Mesorregião Centro Ocidental. Participação dos setores econômicos no valor adicionado bruto a preços básicos, anos de 2010, 2011 e 2012 (%)	221
Tabela 31: Mesorregião Geográfica Centro Ocidental. Participação de alfabetização e anos de estudos da população dos municípios da região, em 2010	230

Tabela 32: Mesorregião Geográfica Centro Ocidental. Taxas de Analfabetismo, 2010 (em percentual).....	232
Tabela 33: Mesorregião Centro Ocidental. Índice de Desenvolvimento Humano, 2010.....	235
Tabela 34: Mesorregião Centro Ocidental. Componentes do Índice de Exclusão Social (IES) dos municípios da região, período 2000 e 2010	246
Tabela 35: Mesorregião Centro Ocidental. Resumo do Índice de Exclusão Social em quantidade de municípios e proporção, 2000 e 2010	247
Tabela 36: Região Centro Ocidental. Manchas de Extrema Exclusão Social, 2000 e 2010 ..	255
Tabela 37: Ranking das Empresas Exportadoras no Paraná em 2009 a 2011	263
Tabela 38: Mesorregião Centro Ocidental. Comparação da totalidade dos estabelecimentos com a quantidade de estabelecimentos industriais dos municípios, período 2008-2013.....	270
Tabela 39: Mesorregião Centro Ocidental. Estabelecimentos industriais por atividade das Microrregiões de Campo Mourão e Goioerê, período 2008-2013	275
Tabela 40: Mesorregião Centro Ocidental. Comparativo entre estabelecimentos e empregos industriais por atividade das microrregiões de Campo Mourão e Goioerê, 2013	275
Tabela 41: Mesorregião Centro Ocidental. Comparação da totalidade de empregos com empregos industriais dos municípios, período 2008-2013.....	277
Tabela 42: Araruna. Estabelecimentos industriais, produtos, tipo de comercialização e quadro de funcionários, 2014	290
Tabela 43: Araruna. Exportações e importações, principais países de destino e origem comercial – US\$, FOB - 2008 a 2014	295
Tabela 44: Campo Mourão. Estabelecimentos industriais, produtos, tipo de comercialização e quadro de funcionários, 2014	308
Tabela 45: Campo Mourão. Exportações e importações, principais países de destino e origem comercial – US\$, FOB - 2008 a 2012	313
Tabela 46: Engenheiro Beltrão. Estabelecimentos industriais, produtos, tipo de comercialização e quadro de funcionários, 2014	336
Tabela 47: Engenheiro Beltrão. Exportações e importações, principais países de destino e origem comercial – US\$, FOB - 2008 a 2012.....	340
Tabela 48: Terra Boa. Estabelecimentos industriais, produtos, tipo de comercialização e quadro de funcionários, 2014.....	348

Tabela 49: Goioerê e Moreira Sales. Estabelecimentos industriais, produtos, tipo de comercialização e quadro de funcionários, 2014.....	354
Tabela 50: Goioerê e Moreira Sales. Exportações e importações, principais países de destino e origem comercial – US\$, FOB - 2008 a 2012.....	358
Tabela 51: Ubitatã. Estabelecimentos industriais, produtos, tipo de comercialização e quadro de funcionários, 2014	367
Tabela 52: Ubitatã. Exportações e importações, principais países de destino e origem comercial – US\$, FOB - 2008 a 2012.....	371
Tabela 53: Peabiru. Estabelecimentos industriais, produtos, tipo de comercialização e quadro de funcionários, 2014	378
Tabela 54: Peabiru. Exportações e importações, principais países de destino e origem comercial – US\$, FOB - 2008 a 2014.....	381
Tabela 55: Barbosa Ferraz. Estabelecimentos industriais, produtos, tipo de comercialização e quadro de funcionários, 2014.....	384
Tabela 56: Campina da Lagoa, Iretama, Janiópolis, Luiziana, Mamborê, Quarto Centenário. Estabelecimentos industriais, produtos, tipo de comercialização e quadro de funcionários, municípios com até cinco indústrias, 2014.....	393
Tabela 57: Mesorregião Centro Ocidental. Quantidade de municípios com declínio demográfico por classes de municípios, 2000-2010.....	410

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ALCOPAR	– Associação de Produtores de Bioenergia do Estado do Paraná
AMC	– Áreas Mínimas Comparáveis do Estado do Paraná
ANFAVEA	– Associação Nacional dos Fabricantes de Veículos Automotores do Brasil
BACEN	– Banco Central do Brasil
BRACELPA	– Associação Brasileira de Celulose e Papel
CAGED	– Cadastro Geral de Empregados e Desempregados
CANAVALIS	– Melhoramento Genético de Cana-de-açúcar
CARB	– California Air Resources Board
CCQ	– Controle de Qualidade
CEDEPLAR	– Centro de Desenvolvimento e Planejamento Regional
CIC	– Cidade Industrial de Curitiba
CLT	– Consolidação das Leis do Trabalho
CNAE	– Classificação Nacional de Atividades Econômicas –
COAGEL	– Cooperativa Agropecuária de Goioerê
COAGRU	– Coagru Cooperativa Agroindustrial União
COAMO	– Coamo Agroindustrial Cooperativa
CONAB	– Companhia Nacional de Abastecimento
CONCLA	– Comissão Nacional de Classificação
COPACOL	– Cooperativa Agroindustrial Consolata
COPEL	– Companhia Paranaense de Energia Elétrica
COPERFLORA	– Coperflora Cooperativa Florestal
CTC	– Centro de Tecnologia Canavieira
C. VALE	– Cooperativa Agroindustrial
DATASUS	– Departamento de Informática do SUS
DEESPASK	– Dados sociodemográficos, economia, adm. Pública, violência e política.
DENIT	– Departamento Nacional de Infraestrutura de Transportes
DERAL	– Departamento de Economia Rural
EPA	– Environmental Protection Agency
FAEP	– Federação da Agricultura do Estado do Paraná
FDE	– Fundo de Desenvolvimento Econômico
FHC	– Fernando Henrique Cardoso
FIEP	– Federação das Indústrias do Estado do Paraná
FES	– Formação Econômico Social
FUNDETEC	– Fundação para o Desenvolvimento Científico e Tecnológico
IBGE	– Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
ICMS	– Imposto de Circulação de Mercadorias e Prestação de Serviços
IDH-M	– Índice de Desenvolvimento Humano Municipal
IDT	– Instituto de Desenvolvimento do Trabalho
IEDI	– Instituto de Estudos para o Desenvolvimento Industrial
IES	– Índice de Exclusão Social
IMCOPA	– Importação, Exportação e Indústria de Óleos S.A.
INEP	– Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas
INEP	– Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas
IPARDES	– Instituto de Desenvolvimento Econômico e Social
IPEA	– Instituto de Pesquisa Econômica Aplicadas
MERCOSUL	– Mercado Comum do Sul
MTE	– Ministério do Trabalho e Emprego

MDIC	– Ministério do Desenvolvimento Indústria e Comércio
OCEPAR	– Organização das Cooperativas do Estado do Paraná
ODM	– Objetivos de Desenvolvimento do Milênio.
OMC	– Organização Mundial do Comércio
OPTI	– Observatório de Prospecção e Difusão de Tecnologia Industrial
PEA	– População Economicamente Ativa
PIB	– Produto Interno Bruto
PNAD	– Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio
PNUD	– Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento
PUC	– Pontifícia Universidade Católica
RAIS	– Relação Anual de Informações Sociais
REPAR	– Refinaria Presidente Getúlio Vargas
REGIC	– Região de Influência das Cidades
RIDESA	– Rede Interuniversitária para Desenvolvimento do Setor Sucroalcooleira.
RMC	– Região Metropolitana de Curitiba
SEAB	– Secretaria de Estado da Agricultura e do Abastecimento
SEBRAE	– Serviço Brasileiro de Apoio as Micro e Pequenas Empresas
SECEX	– Secretaria do Comércio Exterior
SEFA	– Secretaria de Estado da Fazenda
SEIM	– Secretaria de Estado de Indústria, Comércio e Assuntos do Mercosul
SENAI	– Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial
SESI	– Serviço Social da Indústria
SINDIAVIPAR	– Sindicato das Indústrias de Produtos Avícolas do Paraná
SINPACEL	– Sindicato das Indústrias de Papel, Celulose e Pasta de Madeira para Papel, Papelão e de Artefatos de Papel e Papelão do Estado do Paraná.
SUS	– Sistema Único de Saúde
VAB	– Valor Adicionado Bruto
VAF	– Valor Adicionado Fiscal
VTI	– Valor de Transformação Industrial
UNICA	– União da Indústria de Cana de Açúcar
UNITÁ	– Unitá Cooperativa Central
USACUCAR	– Usina Santa Terezinha
UTFPR	– Universidade Tecnológica Federal do Paraná
UNESPAR	– Universidade Estadual de Maringá
UNIOESTE	– Universidade Estadual do Oeste do Paraná
UEM	– Universidade Estadual de Maringá

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	23
1.1 INTRODUÇÃO A PROBLEMÁTICA DA PESQUISA	31
ENCAMINHAMENTO METODOLÓGICO DO TRABALHO	33
ESTRUTURAÇÃO DA TESE	36
PARTE 1	38
1 O NOVO PERFIL INDUSTRIAL DO PARANÁ E ESPACIALIDADE DOS INVESTIMENTOS	38
1.1 REESTRUTURAÇÃO DO CAPITAL E DESCONCENTRAÇÃO INDUSTRIAL.....	44
1.1.1 Reconfiguração do emprego industrial no processo de desconcentração das vinte microrregiões brasileiras de melhor desempenho	51
1.1.2 Reestruturação do capital e as especialidades industriais	54
1.1.3 Desconcentração da indústria paranaense	57
1.1.4 Reestruturação produtiva da indústria paranaense.....	61
1.2 PANORAMA GERAL DA INDÚSTRIA	67
1.2.1 Dinâmica da produção física da indústria paranaense	68
1.2.2 Valor de Transformação Industrial do Paraná	71
1.2.3 O emprego formal na indústria de transformação do Paraná	82
1.3 A INSERÇÃO ECONÔMICA DO PARANÁ NO CENÁRIO ATUAL	87
1.3.1 Contextualização regional da indústria	97
1.3.2 Distribuição espacial dos estabelecimentos industriais no Estado do Paraná	116
1.3.3 Segmento sulcroatoleiro - Usinas e destilarias do Paraná	123
1.3.4 A produção política de um novo perfil industrial do Paraná	133
1.3.5 Novos investimentos industriais no Estado do Paraná.....	138
PARTE 2	165
2 ESPACIALIDADES DOS INVESTIMENTOS INDUSTRIAIS NO PARANÁ E AS MESORREGIÕES: O CASO DA REGIÃO CENTRO OCIDENTAL	165
2.1 MESORREGIÕES NO ESTADO DO PARANÁ	168
2.1.1 Distribuição da população e tendências demográficas.....	172
2.1.2 Estabelecimentos e empregos industriais	183

2.2	A DINÂMICA DA MESORREGIÃO CENTRO OCIDENTAL.....	185
2.2.1	Densidade demográfica dos municípios da Mesorregião Centro Ocidental.....	191
2.2.2	Aspectos do grau de urbanização dos municípios da Mesorregião Centro Ocidental.....	196
2.3	TENDÊNCIAS ECONÔMICAS E INDICADORES ECONÔMICOS - MESORREGIÃO CENTRO OCIDENTAL.....	200
2.3.1	Concentração de renda segundo o Índice de Gini	212
2.3.2	Valor adicionado da indústria de transformação das mesorregiões do Paraná	215
2.3.3	Valor Adicionado Bruto a preços básicos dos setores econômicos.....	219
2.3.4	Valor Adicionado Fiscal dos municípios da Mesorregião Centro Ocidental.....	225
2.4	MESORREGIÃO CENTRO OCIDENTAL E OS INDICADORES SOCIAIS.....	227
2.4.1	Nível educacional e as taxas de alfabetismo	228
2.4.2	Índice de Desenvolvimento Humano Municipal – IDH-M	234
2.4.3	Índice de exclusão social e a Mesorregião Centro Ocidental.....	242
2.4.4	Índice de exclusão social - IES.....	243
PARTE 3.....		259
3	AS INDÚSTRIAS DA MESORREGIÃO CENTRO OCIDENTAL PARANAENSE E DO MUNICÍPIO DE CAMPO MOURÃO	259
3.1	ASPECTOS GERAIS DAS INDÚSTRIAS LOCALIZADAS NA MESORREGIÃO CENTRO OCIDENTAL.....	262
3.2	O PERFIL INDUSTRIAL DA MESORREGIÃO CENTRO OCIDENTAL.....	268
3.2.1	Municípios, estabelecimentos e emprego industriais.....	289
3.2.1.1	Indústrias e emprego na cidade de Araruna.....	290
3.2.1.1.1	A dinâmica industrial de Araruna sob a ótica das empresas locais.....	298
3.2.1.1.1.1	A dinâmica industrial de Araruna sob a ótica da A.J. Rorato & Cia. Ltda	298
3.2.1.1.1.2	A dinâmica industrial de Araruna sob a ótica da Cofama Indústria e Comércio de Máquinas e Equipamentos Ltda.	301

3.2.1.1.1.3	A dinâmica industrial de Araruna sob a ótica da Líder Lar Estofados e Colchões Ltda.....	305
3.2.1.2	Indústrias e emprego na cidade de Campo Mourão.....	307
3.2.1.2.1	A dinâmica industrial de Campo Mourão sob a ótica das empresas locais.....	316
3.2.1.2.1.1	I. A dinâmica industrial de Campo Mourão sob a ótica da Coamo Agroindustrial Cooperativa Ltda.	317
3.2.1.2.1.2	A dinâmica industrial de Campo Mourão sob a ótica da Cristófoli Equipamentos de Biossegurança Ltda.....	327
3.2.1.2.1.3	A dinâmica industrial de Campo Mourão sob a ótica da Tyson do Brasil Alimentos Ltda. (JBS).....	332
3.2.1.3	Indústrias e emprego no município de Engenheiro Beltrão.....	335
3.2.1.3.1	A dinâmica industrial de Engenheiro Beltrão sob a ótica da Sabarálcool.....	342
3.2.1.4	Indústrias e emprego no município de Terra Boa.....	346
3.2.1.4.1	A dinâmica industrial de Terra Boa sob a ótica da Dudalina S/A	350
3.2.1.5	Indústrias e emprego nos municípios de Goioerê e Moreira Sales....	353
3.2.1.5.1	A dinâmica industrial de Goioerê sob a ótica da Sintex – Tinturaria Industrial.....	360
3.2.1.5.2	A dinâmica industrial de Moreira Sales sob a ótica da Usina Santa Terezinha (Usacucar)	362
3.2.1.6	Indústrias e emprego no município de Ubiratã.....	366
3.2.1.6.1	A dinâmica industrial de Ubiratã sob a ótica da Coagru Cooperativa Agroindustrial União Ltda.	373
3.2.1.6.2	A dinâmica industrial de Ubiratã sob a ótica da Unitá Central Cooperativa.....	376
3.2.1.7	Indústrias e emprego no município de Peabiru.....	377
3.2.1.8	Indústrias e emprego nos município de Barbosa Ferraz	383
3.2.1.9	Indústrias e emprego no município de Corumbataí do Sul.....	386

3.2.1.9.1 A dinâmica industrial de Corumbataí do Sul sob a ótica da Cooperativa Agroindustrial de Corumbataí do Sul - Coaprocor	386
3.2.1.10 Indústrias e emprego nos municípios de Campina da Lagoa, Iretama, Janiópolis, Luiziana, Mamborê e Quarto Centenário.	391
3.2.2 A indústria sob a ótica do desenvolvimento da Mesorregião Centro Ocidental.....	396
3.2.2.1 A participação das prefeituras municipais no processo de desenvolvimento da região	396
3.2.2.2 A indústria e o desenvolvimento da região sob a ótica das associações comerciais e industriais.....	399
3.2.3 A presença industrial na Mesorregião Centro Ocidental	406
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	418
REFERÊNCIAS.....	435
APÊNDICE - DVD	462



INTRODUÇÃO

No cenário das últimas décadas muito se falou sobre os processos de desconcentração industrial dos grandes núcleos industriais para outras regiões econômica e estruturalmente de menor potencial. Ao deslocarem suas bases produtivas a atividade industrial altera não somente o perfil produtivo, como também os indicadores sociais. A desconcentração industrial dependendo das condições e o do tipo de segmento instalado pode promover mudanças estruturais na produção do espaço em decorrência da entrada de uma nova atividade industrial.

A produção industrial paranaense caiu 11,5% em julho de 2015¹ Enquanto a atividade industrial brasileira caiu 8,9% nesse mesmo mês. Mas o Brasil tem um problema estrutural com o setor financeiro que é demasiado grande e tem um poder excessivo. Esse setor está muito focalizado, principalmente, por seus próprios lucros e por minimizar a inflação. Deixando de lado os claros interesses do setor financeiro, não existem razões para sacrificar crescimento ou emprego para reduzir a inflação.

Por financeirização entende-se como o processo no qual a valorização do capital via sistema financeiro é contemplada em detrimento da valorização do capital via produção, a tal ponto que os considerados métodos de organização e gestão da produção passam a refletir as boas práticas valorizadas do mundo financeiro, e os próprios sistemas de produção tendem a ser julgados com critérios habitualmente utilizados em ambiente puramente financeiro, a esfera produtiva subordinando-se, assim, a uma nova lógica, a lógica financeira (TAVARES, 2009; LUZ, 2012).

O setor financeiro é também o maior vilão que está por trás da sobrevalorização e desvalorização do real, que interfere nas tomadas de decisões da indústria e o setor manufatureiro, haja vista o crescimento exagerado do setor financeiro quando comparado com o setor industrial e com resultados sociais comprometedores devido as dificuldades de investimentos do setor produtivo.

A diversidade da indústria e a disponibilidade de matérias-primas dão grandes oportunidades para a promoção do desenvolvimento econômico e inclusão social. Por mais que a alavanca do capitalismo hoje esteja relacionada ao capital financeiro e a acumulação decorrente da atividade industrial submeta-se a sua lógica, a presença da indústria no espaço e seus desdobramentos econômicos e sociais são muito relevantes, em especial nos espaços não metropolitanos como o que estudamos.

¹ A queda se deveu ao recuo na fabricação de veículos automotores, reboques e carrocerias (caminhão-trator para reboques e semirreboques, automóveis, caminhões, veículos para o transporte de mercadorias e reboques e semirreboques) e de coque, produtos derivados de petróleo e biocombustíveis (óleo diesel, gasolina automotiva e álcool).

Retomando a questão da desconcentração industrial, precisamos ressaltar que ela não pode ser tratada como se fosse um processo que abranja genericamente o espaço, pois existe intensa seletividade espacial no que se refere às mudanças em padrões de localização entre as diferentes regiões e localidades.

É preciso entender que as recentes transformações da economia cada vez mais mundializada, a reestruturação produtiva e a financeirização da riqueza fazem com que o capital mantenha sua seletividade também quanto aos pontos em que ele se concentra. Contudo, as atividades produtivas e sua localização passam por ajustes e incluem mais diretamente as denominadas áreas periféricas. Sinalizando uma nova tendência ao plano do mercado local ao mercado internacional com objetivos de inserção no circuito da produção e do consumo globalizados.

Na verdade todo esse processo de descentralização e reestruturação de capital, principalmente no setor industrial originou em mudanças com a entrada de novas indústrias em territórios que estavam em estado de estagnação econômica, mas que pela instalação e formação da base industrial criou-se a expectativa de aumento de emprego e renda para as pessoas, além de arrecadação municipal que ajudaria na prospecção de desenvolvimento local e regional.

A preocupação com os desdobramentos sociais da atividade industrial na área estudada nos levou a problematização central do trabalho que se baseia na questão sinalizada por Benko e Lipietz (1994) acerca de onde estão os novos investimentos e os novos empregos? Esta questão é fundamental para compreender não só a dinâmica econômica no Paraná, como a mobilidade demográfica, vista a partir de aspectos relacionados a condição social da vida da sua população nos mais diferentes espaços.

Portanto, diante dos processos que se assinala de reestruturação do capital e de desconcentração industrial, como se encontram inseridas as diferentes regiões do Paraná e em especial a Mesorregião Centro Ocidental polarizada por Campo Mourão?

Esses processos que envolvem a desconcentração e a reestruturação do capital criam novos espaços industriais, com destaque para a interiorização com grandes indústrias em cidades como Ponta Grossa, Maringá, Londrina, Cascavel e a chegada de outras cidades com suas potencialidades industriais no caso de cidades de caráter mais emergente como Campo Mourão, Pato Branco, Toledo, Arapongas, Apucarana e Cianorte e um tanto de cidades de menor porte e até de pequenas cidades com resultados significativos como Araruna e Terra Boa na Mesorregião Centro Ocidental.

A Região Metropolitana de Curitiba (RMC) continua sendo o principal polo industrial do Estado com relevantes segmentos industriais tais como: automobilístico, petroquímico e eletrodoméstico. O ramo automobilístico se destaca no cenário nacional se apresenta como um dos principais segmentos industriais do Paraná conforme dados da Associação Nacional dos Fabricantes de Automóveis (ANFAVEA) e a Federação das Indústrias do Estado do Paraná (FIEP). Portanto, por meio de dados vimos a necessidade de identificar as políticas indústrias que colocam a RMC em um patamar com superioridade absoluta entre as regiões.

A interiorização industrial do Estado é um processo que vem avançando em diversos segmentos nos municípios, apesar das características, em sua maioria voltada para a agricultura e pecuária. Na Mesorregião Centro Ocidental os segmentos estão distribuídos entre os ramos da indústria tradicional até nos ramos que exigem intensidade tecnológica mais avançada, como equipamentos e produtos direcionados para os setores da saúde.

A reestruturação da economia paranaense está assentada principalmente nos seguintes processos: modernização da produção agrícola; implantação de novas indústrias e expansão do comércio e dos serviços e construção de infraestrutura para que a produção e o consumo fluam. Essa reestruturação do capital reflete no âmbito da produção, isto é, a inserção de novas tecnologias associadas à organização flexível do processo produtivo, além da dinâmica territorial que essas empresas adquirem na busca de lugares onde as melhores condições sejam proporcionadas para sua produtividade.

Endlich (2006) reforça bem a vinculação da dinâmica econômica como condição material do espaço quando se refere a dimensão social. A racionalidade econômica tem no espaço um fator primordial para o seu entendimento mais amplo, devido a importância da escala geográfica no mundo globalizado, em que a articulação do espaço geográfico como um todo apesar da concentração de interesses daqueles que detém o poder econômico. O espaço e a economia, apesar das limitações econômicas, oferecem combinações necessárias para as questões sociais.

Nesse trabalho procuramos abarcar a produção das condições materiais da Mesorregião Centro Ocidental Paranaense que é uma das dez mesorregiões do Estado, na qual observamos dados relevantes que nos levasse a compreensão da dinâmica econômica, social e espacial sobre a área industrial e suas implicações para as localidades e para a região.

Na hierarquia urbana dos municípios da Mesorregião Centro Ocidental, algumas cidades como Campo Mourão, Goioerê e Ubitatã tem ganhado notoriedade nos estudos

urbanos realizados regionalmente por se destacarem com relevante papel na configuração da rede urbana estadual.

A escolha do estudo proposto está relacionada às questões regionais e sua inserção no cenário econômico paranaense, mediante as novas dinâmicas trazidas pelo capital, com foco nas atividades industriais. Trata-se de um tema que precisa de conhecimentos de outras áreas, especialmente da área de Economia, ainda que priorizemos a abordagem geográfica.

Assim, nosso interesse em entender melhor a problemática agrícola regional e as questões relacionadas à gestão pública é que nos motivou o nosso direcionamento para o curso de Ciências Econômicas na Universidade Estadual de Maringá, posteriormente o mestrado pelo Programa de Mestrado em Desenvolvimento Econômico e Desenvolvimento Regional na Universidade Federal do Paraná e, mais recentemente, a entrada no curso de Doutorado através do Programa de Pós Graduação em Geografia pela Universidade Estadual de Maringá na área de concentração de Análise Regional.

A temática da indústria é uma vertente econômica que sempre nos interessou, devido ao conhecimento da Mesorregião Centro Ocidental ao longo de mais de quarenta anos de convivência com os aspectos regionais. Durante esse tempo procuramos compreender a indústria, sempre apresentada como força motriz do desenvolvimento local e regional, além das relações políticas, da capacidade empreendedora, do capital social e da força popular que de certa forma se comportaram aquém dos verdadeiros interesses da sociedade regional.

A preocupação em escrever sobre as atividades industriais como variável capaz de alavancar o processo de desenvolvimento socioeconômico nas localidades, nas regiões e na nação não é um fato novo, porém a atenção e os propósitos devem estar sempre em construção e transformação, considerando que a realidade é dinâmica e complexa, por isso quando se coloca um conjunto de ideias para discussão no âmbito das Ciências Humanas e Sociais Aplicadas.

Devido às expectativas geradas pelas transformações técnicas e da reestruturação do capital e seus desafios socioespaciais na busca do desenvolvimento regional, a pergunta que permeia a construção desse trabalho é de identificar ao final deste “Como se insere Campo Mourão e sua região no cenário econômico do Paraná, tomando por referência as atividades industriais?”.

No decorrer do desenvolvimento desse trabalho, não deixamos de mencionar a problemática agrícola regional e a gestão urbana, pois sendo uma região potencialmente forte no setor agropecuário atrai grandes corporações vinculadas às redes agroindustriais que se constituem como agentes econômicos participantes do espaço agrário e urbano. A opção

pelo industrial não se faz de modo a desconsiderar o setor agropecuário e nem a agroindústria isoladamente, mas que o processo conjunto dessas atividades econômicas pode resultar em proposta de desenvolvimento local e regional conforme debate ao longo desse trabalho.

Como consequência desses processos, intensificam-se as relações campo-cidade, de vez que as redes agroindustriais são dependentes de processos que se dão no espaço urbano próximo às áreas de produção agrícola e agroindustrial. Como resultado, esperamos evidenciar a possibilidade de evolução e crescimento das cidades com o agronegócio e a agroindústria, com isso essas cidades passam a ter novas funções na gestão dessas modalidades de produção e negócios e a produção de territórios especializados nessas atividades.

A contribuição geográfica se conecta com a espacialidade da economia, principalmente no universo da indústria. Se para produzir espaço é necessário trabalho, é necessário pensar os processos que acompanham essas relações, visualizar as estratégias espaciais das empresas e a contribuição espacial na reprodução do capital, que se baseia em custos, eficácia, mercado, dentre outros aspectos.

Na Geografia e na Sociologia encontram-se contribuições para ver a questão industrial pelo ângulo da classe trabalhadora, pois nelas existe a vasta tradição dos estudos sobre a apropriação e expropriação da classe trabalhadora e mais-valia, como vários autores escreveram, entre eles, David Harvey (1982) em sua obra “*The limits to capital*”; Soja (1993) em Geografias Pós-Modernas; Neil Smith (1988) no livro *Desenvolvimento Desigual*; em Castells (1992) na obra *The informational city*. Para Castells (1992) a produção é entendida assim:

[...] the action of humankind on matter to appropriate and transform if for its benefit by obtaining a product, consuming part of it (in an unevenly manner), and accumulating the surplus for investment in accordance with socially determined goals (CASTELLS, 1992, p. 8)².

Castells nos faz refletir sobre a produção e seu sentido dando ao menos uma contextualização básica sobre o desafio que pretendemos desencadear considerando que a transformação de matérias-primas em produtos primários processados que as pessoas adquirem, muitas vezes de forma desigual, mediante o consumo em parte desigual, mas que essa repartição tem o objetivo de atingir metas definidas socialmente.

² [...] a ação da humanidade na matéria para apropriar e transformar em razão do seu benefício por obter um produto, consumir parte dele (de maneira desigualmente distribuída) e acumular a mais-valia para investimento em acordo com objetivos determinados socialmente (CASTELLS, 1992, p. 8).

Para ancorar essas premissas, a contribuição geográfica nos estudos sobre as indústrias se torna imprescindível a conversa com a espacialidade da economia. Para isso entendemos ser um híbrido entre a Geografia Urbana e Econômica, além de transitar na Geografia Regional, contribuindo na produção da espacialidade da economia. “Se para produzir espaço é necessário trabalho, é mister pensar os processos que acompanham essas relações, visualizar as estratégias espaciais das empresas, a reprodução espacial do capital e etc.” (JURADO DA SILVA, 2011, p. 32).

Os questionamentos acerca da realidade regional e local baseiam-se na hipótese de que a Mesorregião Centro Ocidental vem apresentando dificuldades para se desenvolver, sobretudo quando se leva em consideração e comparação com outras mesorregiões mais desenvolvidas, que se mostram mais eficiente tanto nas ações como nas políticas públicas de desenvolvimento econômico, social e espacial. Essas experiências e ações das regiões mais desenvolvidas poderão mostrar alguns caminhos a serem analisados e se for o caso aplicados.

No âmbito da gestão pública dos municípios da Mesorregião Centro Ocidental e da proposta da inserção econômica atual dessa região no cenário econômico recente do Paraná será debatido ao longo do trabalho sobre a ausência de planejamento econômico. Deste modo, parece que o desenvolvimento regional está aquém do que poderia estar. Observamos a existência de atuações isoladas dos gestores públicos da região e do Estado, muitas vezes sem continuidade de ação de um executivo para o outro dificultando o estabelecimento de uma matriz de oportunidades para a região.

Dos problemas existentes que inibem o desenvolvimento socioeconômico da região abordados nesse trabalho estão no decréscimo demográfico, nas dificuldades sociais e econômicas e no perfil econômico direcionado ao setor agropecuário dos municípios mais periféricos, além dos baixos níveis de participação da indústria de transformação na economia da região.

Para analisar a região é preciso um olhar atento a sua dinâmica demográfica em diferentes momentos históricos, incluindo o período em que havia grande absorção de mão-de-obra em atividades agrícolas para uma nova realidade econômica quanto a absorção do trabalho vivo e sua relação com utilização da tecnologia cada vez mais influente na produção de bens e serviços.

Na conjuntura atual em que ocorre decréscimo demográfico e a formação de vazios demográficos na maior parte das localidades tem se constituído em dificuldades nas questões sociais, econômicas, espaciais e políticas. Essas considerações remetem a questionamentos de como a região trabalha essa problemática de em pelo menos, manter os níveis de população,

emprego e riquezas? Em sentido oposto quais seriam os municípios da mesorregião que contemplam aumento de população? Diante desse fenômeno, até que ponto a intensidade do processo migratório e sua seletividade interferiram no o ritmo de envelhecimento da população da região?

Em relação às questões econômicas, tomando por base o Produto Interno Bruto (PIB) do setor industrial, os municípios mais industrializados apresentaram participação de 12,85% do PIB total desses municípios. Os municípios de Araruna, Campo Mourão, Moreira Sales e Terra Boa são responsáveis pelos indicadores mais expressivos. Em fase intermediária estão os municípios de Engenheiro Beltrão e Goioerê e um pouco abaixo estão os municípios de Rancho Alegre e Ubitatã, enquanto os demais municípios apresentaram desempenho inferior a média da Mesorregião Centro Ocidental.

Dentre as dez mesorregiões do Estado, a Mesorregião Centro Ocidental obteve a penúltima posição no *ranking* estadual com 2,83% de participação no PIB do Paraná em 2012; e no IDH-M (2010) nenhum dos municípios alcançou posição acima da média do Estado (0,787), indicador que compromete o processo de desenvolvimento da região.

Os municípios periféricos da região tornam-se dependentes do município polo. De acordo com Rolim (1982), a noção de interdependência é conferida pela região polarizada originada da irradiação das atividades comerciais e de serviços das aglomerações urbanas devido a oferta mais acentuada de bens e serviços a população do entorno. A cidade mantém um intercâmbio com o campo e com as cidades satélites que gravitam ao seu redor.

Quando se trata de discutir o desenvolvimento regional, observa-se a fragilidade de perspectivas com empregos suficientes que sejam para melhorar a vida dos cidadãos e cidadãs na região e nas localidades. Na região, com exceção de Campo Mourão, Araruna, Goioerê, Ubitatã e Terra Boa não se têm percebido o crescimento e nem desenvolvimento das atividades produtivas econômicas que aproveitem de forma mais efetiva as potencialidades dos espaços locais, como a transformação da produção agropecuária para agregar no valor dos produtos.

Os baixos índices de participação da Mesorregião Centro Ocidental no contexto estadual, de acordo com as bases de dados disponibilizadas pelos Institutos de Pesquisas, tem implicado na constatação crescente de estagnação econômica nos seus municípios.

Uma das preocupações desse estudo é de identificar a extensão da estagnação econômica regional em detrimento de se elevar as possibilidades de atividades econômicas produtivas em face das dificuldades de criação de riquezas nos seus municípios. Procuramos

ao longo do trabalho compreender o significado das atividades industriais, observando os desdobramentos que elas provocam nos municípios da região onde elas se encontram de modo mais efetivo.

1.1 INTRODUÇÃO A PROBLEMÁTICA DA PESQUISA

Tendo em vista as motivações que nos levam a realizar a problematização para esse trabalho, enfatizamos nossas preocupações com os problemas sociais regionais. É certo que eles estão presentes nos mais diversos espaços, ainda que com diferentes intensidades. Ganhou relevância nos municípios da região os indicadores sociais que mostram pobreza e, deste modo, os programas de transferência de renda do Governo Federal, como as transferências governamentais de auxílio às famílias pobres através da Bolsa Família³ acabam sendo fundamentais para as economias locais. A desigualdade regional também é tratada juntamente com as questões relacionadas com o processo demográfico se desenha como dificuldade para os municípios de algumas regiões do Estado.

A economia regional tem suporte significativo na agropecuária e na agroindústria que devido ao processo de modernização a que estão incluídos se consolidaram a partir dos anos 1970. De qualquer modo, a atividade agrícola, que não é o enfoque principal desse trabalho, mas influenciada pelas tecnologias avançadas juntamente com as transformações da base técnica será mencionada ao longo do trabalho pela relevância econômica atribuída aos produtos regionais na categoria de *commodities*: trigo, soja e milho, e as matérias-primas industriais: algodão e cana-de-açúcar.

A agropecuária é referenciada pela presença da Coamo Agroindustrial Cooperativa⁴ a maior cooperativa do Brasil. Nosso estudo tem foco na atividade industrial e mostra a participação na economia regional. Abordaremos sobre os principais agregados macroeconômicos como o produto interno bruto, valor adicionado, emprego industrial, porém, no decorrer desse estudo veremos em tempos mais recentes como é a contribuição de emprego e renda das atividades industriais motivadas por investimentos na área.

³ O programa “Bolsa Família” integra o Plano Brasil Sem Misérias, que tem como foco de atuação os 16 milhões de brasileiros com renda familiar inferior a R\$ 70 mensais e está baseada na garantia de renda, inclusão produtiva e no acesso aos serviços públicos. De acordo com MDS (2015) 36% dos municípios tem equivalência (população/número de famílias beneficiadas) entre 7% a 10% representando 6,1 mil famílias que receberam cerca de R\$ 900 mil no mês de julho de 2015.

⁴ Na terceira parte desse trabalho está reservado espaço para os assuntos da Coamo.

Nossa perspectiva de análise tem recorte na região polarizada por Campo Mourão que tem influência econômica, social e espacial sobre as cidades do entorno, pelas possibilidades mais claras de atração de população e de investimentos na região.

A polarização geográfica da região refere-se aos impactos nos sistemas urbanos do desenvolvimento dos municípios onde se localizam as indústrias motrizes com destaque no setor; esses choques criam maior exigência de infraestrutura e levariam à minimização dos custos de transporte e a inserção de externalidade e afluência econômica no território da Mesorregião Centro Ocidental, assim o território deixa de ser um elemento externo à atividade econômica e é analisado de forma integrada ao conjunto das relações sociais que nele se materializam.

O objetivo geral da pesquisa considera as transformações econômicas que vem ocorrendo no Paraná, que por sua vez vinculam-se a reestruturação do capital de modo mais amplo, e em identificar como Campo Mourão e região estão inseridos, em especial quanto aos investimentos industriais e como eles se traduzem quanto a condição social de vida da população na região. Dessa forma, a proposta é de contribuir para o entendimento da dinâmica econômica de Campo Mourão e região sob a ótica do setor industrial, em especial das interações espaciais das suas indústrias mais relevantes.

Os objetivos específicos estão relacionados a contribuir para o entendimento dos seguintes pontos: i) compreender as tendências espaciais de investimentos no Paraná. Em que se pergunta, há um novo perfil industrial no Paraná? Quais as especialidades aos novos investimentos no Paraná e como se situam as diversas regiões neste processo? ii) discutir a Mesorregião Centro Ocidental Paranaense – Dinâmica econômica e desafios socioespaciais na atualidade e iii) analisar atividades industriais mais expressivas em Campo Mourão e região – alcances econômicos, espaciais e sociais.

Com os dados concernentes a Mesorregião Centro Ocidental pretendemos mostrar a natureza e a espacialidade da presença industrial na referida região.

O estudo que tem como objetivo ajudar a compreender a condição socioespacial em que se encontra o município de Campo Mourão e os demais da mesorregião, tendo em vista que se fala de um novo perfil industrial para o Paraná. Entre eles os municípios de baixos níveis de desenvolvimento e com processo de estagnação econômica e social e significativa evasão da população e com dependências praticamente crônicas da agricultura e das transferências governamentais, como benefícios da previdência social e bolsa família.

Com a existência de prenúncios dos baixos níveis de desenvolvimento da Mesorregião Centro Ocidental, as etapas a serem elucidadas consistem nas seguintes questões: i) se a região

realmente tem sofrido ausências de investimentos; ii) se o tipo de economia aplicada é que não é capaz de promover a inserção de pessoas no sentido de gerar emprego e/ou renda; e iii) se as duas situações juntas são as causas dos problemas econômicos e sociais da região.

ENCAMINHAMENTO METODOLÓGICO DO TRABALHO

A pesquisa foi desenvolvida com base em procedimentos que envolveram levantamentos, revisões e sistematização de dados e informações secundárias, além de visitas e entrevistas diversas. O referencial teórico envolve diversas contribuições da Geografia e da Economia. A proposição dos estudos da inserção econômica de Campo Mourão e região no cenário econômico do Estado na atualidade com direcionamento para a indústria consiste em processos de pesquisas que vão além das ferramentas usuais para a elaboração da tese, como a dependência de informações de pessoas e entidades pública e privada.

O debate a que nos propomos, sobre a inserção econômica de Campo Mourão compreendida no contexto da Mesorregião Centro Ocidental em relação ao cenário paranaense estará calcado nos conceitos oriundos da Geografia levando-se em conta as diversas transformações pelas quais passa o mundo devido aos novos papéis assumidos com o advento da tecnologia de informação e o avanço inquestionável das telecomunicações, as expectativas e possibilidades criadas e o que se observa de concreto no recorte espacial adotado.

Dessa forma, a Geografia passa a pensar o homem enquanto sujeito, ser social e histórico “que produz o mundo e a si próprio, num processo amplo de reprodução, ultrapassando a mera reprodução biológica e material” (CARLOS, 2002, p. 165).

Dentre as variáveis utilizadas nessa pesquisa, destacamos aquelas relacionadas a população, índices de exclusão social, índices de desenvolvimento humano, produto interno bruto, valor adicionado, investimentos nas atividades industriais, estabelecimentos e empregos na indústria, condições territoriais e espaciais e a participação das indústrias na rede urbana, eleitas para a presente pesquisa.

Utilizamos uma vasta base de dados secundários com as últimas atualizações dos diversos institutos de pesquisas brasileiros, porém em dias mais recentes nos deparamos com crises econômicas recentes no país, como consequência a estagnação crescimento da econômico, desemprego em alta, queda na arrecadação de impostos e inflação em alta que causam rápidas modificações nos resultados socioeconômicos que muda o rumo do cenário

socioeconômico que afetam todo o sistema econômico. Porém, as análises inseridas no presente trabalho não sofrem prejuízos substanciais porque as se tratam de dados e avaliações que retratam a realidade regional com suas peculiaridades e da própria dinâmica econômica que não altera muito as tendências do Estado e dos municípios, apesar de sofrer com os impactos econômicos.

O fato é que paradoxalmente as dificuldades na geração de emprego e renda persistem nessa região, grandes indústrias estão localizadas em seu território, porém, não ocorre o desenvolvimento local e regional suficiente para responder os desafios socioespaciais existentes. Em cima desses contrastes foram elaborados questionamentos respondidos em grande parte ao longo desse trabalho.

As entrevistas realizadas junto aos segmentos indústrias, prefeituras e associações comerciais e industriais das cidades da região em estudo têm como objetivo extrair detalhes de dados e informações que não estão disponibilizados pelos institutos de pesquisas, como, por exemplo, informações qualitativas como a tecnologia utilizada, a qualidade e quantidade produzida, procedência dos empregados, além dos fluxos referentes a produção, elementos de origem da área pública e da representação do comércio e indústria que auxiliem na compreensão desse trabalho.

Foram realizadas 34 entrevistas distribuídas nas prefeituras municipais (15), associações comerciais (8) e indústrias (11). Ocorreram enormes dificuldades para agendamento com os entrevistados que seriam a princípio com 25 prefeituras, 15 associações comerciais e nove indústrias totalizando 49 entrevistas, porém cumprimos cerca de 70% da meta que entendemos seja suficiente para o diagnóstico da região.

Em relação às entrevistas com os industriais foram realizadas nas cidades de Campo Mourão (três), Araruna (três), Ubitatã (uma), Goioerê (uma), Moreira Sales (uma), Corumbataí do Sul (uma) e Terra Boa (uma). As indústrias: Unitá Cooperativa Central (Ubitatã) - ramo de avicultura e a Sabarálcool (Engenheiro Beltrão) - ramo sucroalcooleiro não concederam entrevistas, mas pela relevância econômica e social para a região, utilizamos as respectivas páginas eletrônicas, material acadêmico e jornalístico como forma de dados e informações sobre essas empresas. Quanto a algumas prefeituras e associações comerciais que não nos atenderam, sentimos que não havia o preparo para as respostas da entrevista e nos pareceu que não tinham o devido conhecimento do próprio município.

Em alguns pontos com dados estatísticos detalhados que iriam ocupar muito espaço e traria números irrelevantes decidimos pela consolidação dos dados. Para as empresas: Coamo,

Cristófoli, Coagru e A.J. Rorato criamos textos sobre o perfil delas antes da descrição das entrevistas.

Devido indisponibilidade de dados com períodos iguais nos diversos institutos de pesquisas, algumas séries históricas apresentam dados estatísticos de forma não padronizadas em relação às variáveis econômicas e sociais, como por exemplo, produto interno bruto, índice de exclusão social, IDH-M, emprego, população e produção industrial, mas que não prejudicaram as análises e resultados. Os dados estatísticos para a pesquisa e estudos sobre as indústrias encontram-se disponibilizados nos meios institucionais, empresariais, governamentais e acadêmicos.

Durante o período dedicado a tese, de acordo com as manutenções do banco de dados dos institutos de pesquisas que culminaram com atualizações de valores quantitativos e em consequência alteramos as análises adequando-as novas situações. Enfim, esses procedimentos absorveram boa parte do tempo dispendido para elaboração do trabalho.

Cabe ressaltar que durante a execução da pesquisa foi necessária a articulação das ideias colocadas frente às teorias utilizadas e dos resultados obtidos. Isso deve ser conectado as experiências adquiridas para tratar da realidade presente vislumbrando o desenvolvimento das questões econômica, sociais e espaciais que formam um ambiente de produção.

Em função da extensão quantitativa do presente trabalho, para fortalecer as análises optamos em apresentar textos e dados complementares em um apêndice em DVD que disponibilizamos para leitura e pesquisa no meio acadêmico, empresarial e geral.

No referencial teórico utilizamos autores nacionais e internacionais, principalmente da Geografia, como também da Economia, tais como: David Harvey, Manuel Castells, Jodi Borja Sebastiá, Henri Lefebvre, Douglas North, Gunnar Myrdal, Antonio Vázquez Barquero, Milton Santos, Roberto Lobato Corrêa, Angela Maria Endlich, Rosa Moura, Olga Firkowski, Manoel Correia de Andrade, Glauco Arbix, Georges Benko, Walter Christaller, entre outros. Esse referencial aparece no trabalho não em uma parte específica, mas de acordo com o desdobramento da análise. Constituir estes referenciais foi fundamental pelo direcionamento que propiciou a pesquisa e a interpretação dos interlocutores, servindo como um norte para a leitura e compreensão das teorias aplicadas no trabalho. Como contribui Endlich (2006):

Estas considerações são como lentes, por meio das quais se compreende a temática trabalhada, dando o tom do diálogo e da interpretação da mesma. Por isso, o fato de estar na introdução e sua pouca presença entre outras partes não significa que o referencial tenha sido abandonado, já que ele permaneceu, ainda que implicitamente, orientando o desenvolvimento do trabalho. É certo, entretanto, que os resultados não passam de exercícios e

tentativas, aquém das possibilidades de entendimento que podem ser alcançadas pelos mesmos (ENDLICH, 2006, p. 36-37).

Com este referencial, entendemos que contemplamos uma espacialidade produzida por preceitos humanistas utilizando uma abordagem em que visamos a compreensão do esvaziamento populacional, os problemas causados por esse fenômeno, as dificuldades na geração de emprego e renda e a relevância da indústria na ocupação de espaço e na dinâmica econômica dos municípios da região.

Parafraseando Endlich (2006, p. 36): “É possível que o espaço importe, então, mais como um lugar do que como território econômico. É certo que este devir não se concretizará no âmbito da sociedade capitalista. [...] é possível vislumbrar nas tendências do presente elementos que poderão conduzir para esta trilha”.

ESTRUTURAÇÃO DA TESE

A tese está estruturada em três partes, além dessa parte introdutória e das considerações finais da pesquisa. Na primeira delas avaliamos o perfil industrial do Paraná e espacialidades dos investimentos, onde tratamos da reestruturação do capital e também da desconcentração industrial. Na década de 1990 vivenciamos um contexto de rápidas transformações do sistema capitalista mundial e de redefinição das áreas prioritárias de localização dos investimentos industriais, as empresas por motivações econômicas vêm buscando outras espacialidades com isso passaram por um período de reconfiguração do emprego industrial no processo de desconcentração industrial nas regiões brasileiras.

Retratamos sobre a reestruturação do capital que no caso do Paraná, esse processo ampliou a pauta de exportação e alavancou vários indicadores econômicos. Por isso, observamos como de fato Soja (1993) defende quanto às lutas competitivas desencadeadas, nas quais o Paraná também ingressou ao adquirir esse novo perfil industrial.

Essa parte trata faz menção ao panorama geral da indústria do Paraná com a dinâmica da produção, do emprego. Como a economia do Estado está inserida no cenário atual em relação ao setor industrial. E o segmento sucroalcooleiro o que representa no contexto do setor industrial e qual a participação das usinas da Mesorregião Centro Ocidental? Os novos investimentos industriais como estão distribuídos no Estado e como se encontram as empresas da região no contexto estadual?

Na segunda parte, explicamos sobre as capacidades de investimentos industriais no Paraná e como está situada a Mesorregião Centro Ocidental nos investimentos e o que representa para o Estado em termos de participação. Salientamos as questões demográficas em relação a distribuição e as tendências. Discutimos nessa parte sobre os estabelecimentos e empregos industriais e a dinâmica da mesorregião em relação a densidade demográfica dos municípios que refletem nos resultados do esvaziamento populacional. Os indicadores utilizados para medir a concentração de renda, o valor adicionado da indústria (fiscal e a preços básicos) que medem a participação industrial na economia dos municípios, assim como os indicadores sociais para disponibilizar o desenho do nível educacional, o IDH-M e o índice de exclusão social que são reflexos dos níveis de desenvolvimento dos municípios da região.

Na terceira parte retratamos sobre as indústrias da Mesorregião Centro Ocidental e do município de Campo Mourão que é o principal município da região. Discutimos nesse ponto sobre os aspectos gerais das indústrias e a localização delas. Nesse estudo avaliamos a capacidade de emprego desses estabelecimentos e como estão alocados nos municípios e nesse sentido sentimos a dinâmica regional em relação aos segmentos industriais. Nessa parte, as entrevistas realizadas junto às indústrias, prefeituras e associações comerciais e industriais dos municípios contribuíram de forma decisiva para identificarmos os tipos de indústria e os diversos segmentos existentes e fornecendo subsídios para uma avaliação do futuro industrial da região.



PARTE 1

1 O NOVO PERFIL INDUSTRIAL DO PARANÁ E ESPACIALIDADE DOS INVESTIMENTOS

O objetivo dessa parte é analisar a trajetória da economia paranaense, notadamente na espacialidade dos investimentos industriais tomando como recorte temporal dos anos 1990 até a década atual⁵, e como se inseriu as questões do crescimento, emprego, renda e o processo da interiorização industrial. Nas últimas décadas tem se alterado significativamente a espacialização industrial no Brasil, marcada sobretudo pela desconcentração espacial de alguns segmentos. O Paraná tem sido considerado como parte desses espaços que adquirem com esse processo um novo perfil industrial.

Pretendemos com essa parte analisar o que representou para o Estado em um primeiro momento a espacialidade dos investimentos industriais, mas ponderando para a forma desigual com que tal dinâmica se realiza no Paraná. Lembramos que sinalizamos para esta escala mais amplamente, porém o nosso foco é compreender a inserção da Mesorregião Centro Ocidental do Paraná, nesse processo.

Como tratamos das mesorregiões paranaenses como interface nas análises, representamos graficamente as 10 mesorregiões geográficas do Estado (Figura 1).



Figura 1: Paraná. Mesorregiões Geográficas do Estado do Paraná

Fonte: Elaborado a partir de base cartográfica do IBGE

⁵ Embora tenhamos adotado esse recorte temporal algumas variáveis divulgadas pelos diversos Institutos de Pesquisas não possibilitam essa padronização, porém não interferem nos resultados do trabalho.

Não pretendemos apresentar a história da industrialização do Paraná, que é bastante anterior ao período que adotamos como recorte. Além da dinâmica econômica do capital que já vem promovendo a desconcentração industrial, houve no Paraná a partir dos anos 1960 um conjunto de políticas que tinha como finalidade promover a industrialização do Estado. Embora não tenhamos como objetivo abordar historicamente, apresentamos alguns dados da década de 1970, para mostrar os antecedentes industriais do Paraná. A sistematização do texto não obedece sequência cronológica, pois em alguns pontos precisamos retomar períodos anteriores, em especial no item a que se refere como a trajetória da indústria paranaense.

A industrialização paranaense esteve inicialmente ligada diretamente à economia agrário-exportadora cujos principais produtos foram à erva-mate, a extração, beneficiamento e exportação de madeira e a produção, beneficiamento e exportação de café, até meados do século XX. A partir desse momento, influenciada pela ação estatal que seguiu orientações da Cepal⁶ e mudanças do Governo Federal, a industrialização ganhou um novo impulso sob o papel decisivo do Estado, tanto no seu planejamento como no financiamento e, em muitos casos, na própria execução.

Segundo Haffnaer (2002) para efetivar a industrialização, a CEPAL tinha como proposta uma abertura para a assistência técnica e financeira externa. Desta forma, o corpo técnico nacional poderia ser treinado e se obteria o necessário financiamento para a indústria de base do país. Este tipo de recomendação era muito importante para os países que estavam se industrializando porque por um lado havia carência de treinamento nos seus grupos técnicos e por outro, faltava financiamento para realizar a industrialização.

A principal razão das mudanças foi a tomada de consciência de que, no futuro, o Brasil não poderia alcançar elevado ritmo de crescimento se continuasse a se apoiar basicamente na exportação de seus principais produtos primários. A CEPAL tentava mostrar que as mudanças decorrentes da industrialização seriam revertidas em uma maior autonomia nacional e principalmente em melhores condições de vida para a população.

Segundo Verri (1998), na década de 1950, o Estado de São Paulo possuía um parque industrial bem desenvolvido e com relações comerciais bem definidas com o Estado do Paraná, pois a economia do Estado de São Paulo era fortemente alavancada pela indústria e as características geográficas ajudaram nessa aproximação.

⁶ Para efetivar a industrialização, a CEPAL tinha como proposta uma abertura para a assistência técnica e financeira externa. O corpo técnico nacional poderia ser treinado e se obteria o necessário financiamento para a indústria de base do país. Este tipo de recomendação era relevante para os países que estavam se industrializando porque por um lado havia carência de especialização nos seus grupos técnicos e por outro, faltava financiamento para realizar a industrialização (HAFFNER, 2002).

Ainda que com precedentes longínquos no tempo, a industrialização paranaense foi lenta. Observamos que o Paraná apresenta no período 1940-1960 um setor primário que mantém a sua participação significativa na renda total do Estado. Somando a participação dos setores primários e terciários, o Estado alcança um percentual que varia de 86% a 90%. O setor secundário paranaense se mantém ao longo do período com uma média próxima de 12% de participação que é bem abaixo da média nacional para o mesmo período, situando-se em aproximadamente 20%. Em comparação com o Estado de São Paulo, fica evidente a supremacia paulista no que diz respeito à participação do setor secundário na renda total gerada, passando de 25% em 1947 para 29% em 1956.

Estudos recentes sobre atividades econômicas demonstram que o peso das atividades agropecuárias somadas às agroindustriais mantém-se elevado no Paraná devido às próprias características regionais, no entanto seu potencial de crescimento é muito dependente da demanda internacional quer nas exportações de grãos, de alimentos industrializados e/ou de bens de capital como automóveis e máquinas e equipamentos cujas atividades contribuem nos níveis salariais em função dos níveis salariais diferenciados e praticados nas atividades industriais que se deve a qualificação profissional dos seus trabalhadores.

O setor industrial tem sido considerado extremamente relevante para subsidiar o desenvolvimento regional, em cuja direção, o do Paraná, estrategicamente, se apresenta com posição geográfica privilegiada. Essas condições favorecem a percepção de se criar condições capazes de formular políticas públicas direcionadas ao desenvolvimento regional. Apesar dessa expectativa positiva alguns documentos relativizam o significado das suas implicações socioespaciais.

Segundo o Estado do Paraná (2007), o ramo agroindustrial⁷ de papel e papelão apresenta boas condições no Estado de responder a eventuais incrementos da demanda, porém o resultado desse segmento no conjunto da economia é questionável, como por exemplo, não se caracteriza por uma elevada geração de emprego. A produção agroindustrial propriamente dita estabelece poucos vínculos com outras atividades industriais, tornando a economia regional muito especializada e dependente da atividade, como se observa nas regiões do Estado em que ela está crescendo.

⁷ Segundo o código de nomenclatura da Classificação Nacional de Atividades Econômicas – CNAE são caracterizadas, entre outras, como atividades da agroindústria: abate e preparação de carnes; fabricação de alimentos para animais, indústria de café e açúcar, fabricação de artigos de vestuário e acessórios, fabricação de produtos de origem na madeira.

Do mesmo modo, raciocínio semelhante pode ser desenvolvido para a agroindústria do açúcar e do álcool. Desdobramentos sobre os combustíveis renováveis estão impulsionando muito fortemente a produção de cana-de-açúcar em todo o norte do Estado, que apresenta características físico-climáticas favoráveis. Nesse caso, a capacidade instalada da indústria sulcraolcooleira deve crescer, acentuando a concentração fundiária, a migração rural, o despovoamento e o empobrecimento de municípios.

O Paraná, ainda se rendeu às demandas do setor público estadual nas áreas de energia e telecomunicações e havia necessidade de expansão do mercado nacional com a instalação de grande planta para produção de combustíveis. “Resultou, por fim, da intervenção direta do governo estadual na atração de investimentos, com destaque a uma grande empresa de ônibus e caminhões” (IPARDES, 2007, p. 11).

Na Região Metropolitana de Curitiba, de acordo com o documento Plano Plurianual 2008-2011, o polo automotivo do Estado, o terceiro do país, exhibe muitas lacunas na cadeia de fornecimento, estando aí possibilidades de expansão da malha industrial. No entanto, as estratégias de crescimento dessas empresas são determinadas, tendo em vista as oportunidades mundiais, atuais e futuras. Fica evidente nessa passagem a preocupação em relação à origem do capital dessas empresas cujos centros de decisão não se encontram no Paraná, ou no Brasil (ESTADO DO PARANÁ, 2007).

Segundo Hersen *et al* (2010) foi delineado na indústria paranaense um ciclo de investimentos estruturantes, destacando-se o polo automobilístico, a modernização da agroindústria, a ampliação quantitativa e qualitativa do complexo madeireiro e papelero, a expansão da fronteira internacional com o bloco dos países membros do Mercosul, o melhor aproveitamento das dotações do Estado e o desenvolvimento das aptidões regionais.

O segmento industrial de refino de petróleo, apesar de ser o principal segmento da indústria paranaense em termos de resultados econômicos, não foi suficiente para constituir um polo petroquímico no Estado. Decisões de ampliação e diversificação de sua produção são definidas nacionalmente, com pouca influência do Governo do Estado.

No documento Plano Plurianual 2008-2011 - aparecem valorizadas as possibilidades de crescimento e ocupação que o Governo do Estado defendeu quando da elaboração. Considerando a heterogeneidade atual entre os municípios paranaenses, necessário se faz disponibilizar estratégias territoriais que sejam adequadas à realidade contemporânea (ESTADO DO PARANÁ, 2007).

A face contrária do processo de concentração demográfica, a dispersão espacial tanto demográfica quanto econômica verificada em áreas onde predominam pequenos centros

urbanos baseia-se na pouca absorção de trabalho e, por conseguinte, não consegue reter os fluxos migratórios que tem como destino às áreas mais concentradas, dado que são áreas cujas dinâmicas econômicas são privadas de opções de ocupação e geração de renda. Isso se percebe na tendência manifesta de maior crescimento da população urbana nas maiores cidades, incluindo o polo metropolitano de Curitiba, algumas correspondem a cidades médias e outros centros urbanos regionais e sub-regionais.

Dentro da problematização desse trabalho, é preciso considerar que os segmentos industriais possuem uma espacialidade diferente, ou seja, contemplam regiões diferentes. Não é demais lembrar que eles possuem também desdobramentos diferentes quanto à externalidade econômica e quanto à condição social gerada, já que promovem postos de trabalho com remuneração muito diferenciada.

O Paraná se enquadrou de forma significativa na atividade industrial do Brasil, inclusive em segmentos de maior qualificação tecnológica e com participação crescente da região Sul do país. Desde meados da década de 1990, a indústria paranaense tem passado por estágio de expansão e reformulação da sua capacidade instalada, devido à dinâmica dos seus níveis de produção, pois fatores relacionados ao crescente investimento das empresas nacionais e multinacionais despertaram novamente a atratividade do mercado brasileiro, além da elevação do poder aquisitivo da população provocada pela estabilização monetária.

Para avaliar os dados apresentados é preciso levar em consideração que o desempenho PIB ao longo de todo o ano de 2009 foi afetado pela crise econômica internacional, cujos efeitos foram visíveis, em maior ou menor grau, em todas as atividades econômicas. Segundo o IBGE (2011) embora suas origens remontem ao ano de 2007, foi em setembro de 2008 que a crise financeira se aprofundou e adquiriu escala mundial.

Assim o cenário externo de crise trouxe implicações para a política econômica no Brasil. Com isso o governo brasileiro, implantou-se uma série de iniciativas nos campos monetário e fiscal com o objetivo de incentivar a demanda agregada da economia (IBGE, 2011).

Fatores como a dinâmica contagiante das economias asiáticas, que apontam o crescimento do PIB a taxas anuais em torno de 10%, as exportações como prioridades para os mercados, estabilidade econômica e os níveis do câmbio, fizeram com que, a partir de 2004, o Banco Central do Brasil fosse reduzindo a taxa de juros básica de juros e o aumento da oferta do crédito tanto para consumo como para o investimento, sendo beneficiados setores como o segmento automobilístico e construção civil. Além disso, o poder aquisitivo melhora com a

expansão do salário mínimo e o avanço das políticas sociais do governo, como Bolsa Família, Cesta Básica e o acesso dos mais pobres as Universidades através do Prouni.

1.1 REESTRUTURAÇÃO DO CAPITAL E DESCONCENTRAÇÃO INDUSTRIAL

A desconcentração industrial⁸ trouxe dinâmicas espaciais diversas, dentre as quais o crescimento de cidades-médias dotadas de boa infraestrutura e com centros formadores de mão-de-obra qualificada, sobressaindo nesses casos às universidades. Além disso, percebe-se um movimento de indústrias tradicionais, de uso intensivo de mão-de-obra, como a de calçados e vestuários para o Nordeste, atraídas pela mão-de-obra extremamente barata.

Lima (2006) retrata que a desconcentração econômica é considerada como o estágio de transferência das indústrias para o interior dos estados brasileiros. O que se transfere são apenas as unidades produtivas dos centros industriais para outras áreas.

Nos anos 1990, em contexto de rápidas transformações do sistema capitalista mundial e de redefinição das áreas prioritárias de localização dos investimentos industriais, as empresas por motivações econômicas vêm buscando outras espacialidades.

Como destaca Andrade (1998) os países industrializados, diferentemente dos países fornecedores de matérias-primas, em geral, mostram à condição de vida da população que permite torna-la menos propensa a dependência econômica. Tal situação recai no processo de globalização, onde os grandes grupos econômicos apresentam um domínio espacial e econômico, adquirindo empresas estatais e mistas, acentuando o processo de concentração de capital e excluindo grande percentagem da população.

Esses fatores motivaram a uma reorganização na distribuição geográfica das indústrias, em cidades que ofereçam melhor infraestrutura urbana, com área disponível para a expansão de suas atividades e onde os governos municipais e estaduais concedem incentivos fiscais.

Os principais destaques, de acordo com Santos e Silveira (2001), na desconcentração industrial na década de 1990 foram a RMC, Norte e Nordeste de Santa Catarina, Distrito Industrial do Cabo, em Pernambuco, Distrito Industrial de Aratu na Bahia, Campina Grande na Paraíba e o notável crescimento industrial na Grande Fortaleza, Ceará.

⁸ Desconcentração industrial é o nome dado ao processo que se caracteriza tanto pela diminuição do ritmo de crescimento da indústria nos grandes centros urbanos como pelo aumento do número de empresas que preferem transferir suas atividades, instalando novas unidades de produção em cidades menores, geralmente localizadas no interior.

Para Santos e Silveira (2001), a produção industrial concentrada na Região Sudeste torna-se mais complexa, estendendo-se para novas áreas da Região Sul e alguns pontos das regiões: Centro Oeste, Nordeste e Norte. As regiões industriais já consolidadas tornam-se ainda mais dinâmicas e especializadas. Os estados da região Sul do Brasil, bem como o interior do Estado de São Paulo, são os maiores beneficiados com a desconcentração industrial da Região Metropolitana de São Paulo.

Além da desconcentração industrial da região Sudeste é relevante entender a reorganização produtiva do parque industrial brasileiro para outras regiões, principalmente naqueles Estados que se inserem nas áreas com alto índice de exclusão social, apresentado por Pochmann e Amorim (2003), se considerou que o processo de disputas por investimentos industriais, envolveu Estados que tiveram uma intensa guerra-fiscal no final dos anos 1990 (DULCI, 2002).

Estudos como os de Diniz e Crocco (1996) deixa bem claro que, apesar da hegemonia de São Paulo como o Estado mais industrializado, se confirma a existência de desconcentração industrial no Brasil.

As diferenças regionais, devido aos fatores pontuais, como clima, nível educacional, econômico e cultural é tratado de forma abrangente por Pacheco (1998), pois:

(...) o futuro desenho regional irá depender em muito das possibilidades do Estado Nacional de patrocinar políticas estruturantes (...) que também continuam sendo imprescindíveis, ainda mais quando parte das condições de competitividade assume uma dimensão sistêmica e passa a depender destas “externalidades construídas” (PACHECO, 1998, p. 246-247).

As experiências concretas de desenvolvimento industrial desconcentrado, especialmente o conjunto delas que ficou conhecido como Terceira Itália estimulou a formulação de políticas de desenvolvimento local para espaços não metropolitanos de modo geral. Em um contexto de aprofundamento das disparidades regionais, a realidade territorial denominada Terceira Itália (Itália do Meio ou Itália do Centro) pelos pesquisadores, despertando o interesse sobre as elevadas taxas do emprego industrial e o considerável desempenho das exportações evidenciadas pelo tecido produtivo regional (SILVA, 2004).

Vázquez Barquero (2009) em suas narrativas sobre desenvolvimento local defende que essa variável como uma estratégia capaz de fomentar as questões sociais e o desenvolvimento sustentável. “Entiende que el desarrollo es un proceso en el que el crecimiento económico y la distribución de la renta son dos caras de un mismo fenómeno, ya que lo sectores públicos y

privados, cuando deciden y ejecutan sus inversiones, lo hacen con la finalidad de aumentar la productividad y mejorar el bienestar de la sociedad” (VÀZQUES BARQUERO, 2009, p. 9).

A sequência de ideias de Vázques Barquero (2009) – que nos permite avaliar que sendo o desenvolvimento local uma estratégia baseada na melhoria contínua dos recursos disponíveis que contribui para aumentar à vantagem competitiva do território e bem-estar. A população e nesse contexto o desenvolvimento industrial desconcentrado é uma questão relevante para a promoção das condições de novos investimentos em outras regiões.

Soja (1993) argumenta que quando se trata de mobilidade geográfica do capital, enfatiza as questões relacionadas ao controle da mão-de-obra, considerando que o domínio superior do espaço torna-se relevante na luta dos trabalhadores com a classe dominante. Harvey (1992, p. 265), no mesmo sentido afirma: “A mobilidade geográfica e a descentralização são usadas contra um poder sindical que se concentrava tradicionalmente nas fábricas de produção em massa”.

O autor prossegue afirmando que “a fuga de capitais, a desindustrialização de algumas regiões e a industrialização de outras e a destruição de comunidades operárias tradicionais como bases de poder na luta de classes se tornaram o pivô na transformação espacial sob as condições de acumulação mais flexíveis” (HARVEY, 1992, p. 265).

Harvey (1992) destaca outros aspectos relevantes quanto à localização geográfica industrial, tais como, a disponibilidade local de recursos materiais de qualidades especiais, baixos custos marginais e variações locais de gosto do mercado. “[...] As diferenças locais de capacidade de empreendimento, capital para associações, conhecimento técnico e científico e de atitudes sociais também contam, enquanto as redes locais de influência e de poder e as estratégias de acumulação das elites dirigentes locais [...]” (HARVEY, 1992, p. 266).

Dentro das premissas discutidas sobre o espaço, em que se trata de: espaços industriais, de investimentos, avanços na tecnologia e telecomunicações, produção, fuga de capitais, acessos a espacialidades, desigualdades sociais, condições de vida da população e dos trabalhadores especificamente, Verdelho (2010), como abordagem geográfica, sociológica e econômica, salienta que a Geografia tem gerado ao longo da história inúmeros debates e obras importantes para o revigoramento e sustentação dessa ciência. Prossegue ele dizendo que apesar de algumas divergências em torno desse conceito, ultimamente duas correlações têm sido muito debatidas: o encurtamento das distâncias promovido pelo desenvolvimento dos meios de comunicação, e a submissão do território ao capital.

Endlich (2006) diz nos trabalhos em que a Geografia é regida pelo contexto das Ciências Humanas e Sociais, a espacialidade social é de fundamental importância para a compreensão do tema, e assim:

[...] o espaço geográfico é parte condicionante e expressão de dinâmicas econômicas, políticas, enfim, de processos sociais como um todo, ou seja, enquanto a sociedade define-se econômica e politicamente, estabelecendo condições sociais, produz também o espaço em que vive com atributos que só podem ser compreendidos neste contexto geral. Por outro lado, o espaço produzido é também mediação deste processo (ENDLICH, 2006, p. 22).

A autora, ainda considera o espaço geográfico como fator preponderante para se desvendar os suportes da realidade estabelecida, então a Geografia possui papel primordial no campo das Ciências Sociais e Humanas.

No estudo do espaço geográfico é fundamental considerar a sua relação composta por uma dialética socioespacial, como cita Moura (2009), a qual entende que o papel do espaço é tão ativo quanto o da própria sociedade, refutando a noção abstrata e física do espaço como continente ambiental da vida humana, como base epistemológica ilusória, e assume-se que “o espaço em si pode ser primordialmente dado, mas a organização e o sentido do espaço são produtos de translação, da transformação e da experiência sociais” (SOJA, 1993, P. 101).

Lefebvre (1976) resgatou a contribuição marxista quanto a distinção entre a natureza, com um contexto dado, e a segunda natureza, como espaço transformado e socialmente a partir do trabalho humano deliberado, é importante para demarcar o conceito de espaço. O espaço foi formado e moldado a partir de elementos históricos e naturais, mas esse foi um processo político. O espaço é político e ideológico. É um produto literalmente repleto de ideologias (LEFEBVRE, 1976).

Na perspectiva geográfica é fundamental compreender que se trata da necessidade de adaptação aos espaços de produção de bens e serviços que é fruto da nova realidade imposta pelo capitalismo contemporâneo, criando e recriando espaços qualitativamente para atrair novos investimentos, principalmente das indústrias ou para determinadas etapas de produção.

As possibilidades de reestruturação do capitalismo estão profundamente relacionadas a nova condição trazida pelas técnicas para o mundo atual. Dessa forma, segundo Castells (2000) o espaço se configura cada vez mais dentro de uma rede de comunicações com a articulação espacial das funções dominantes no seio das sociedades e na rede de interações, facilitadas pelos equipamentos de tecnologia da informação.

Nessa rede, as posições não agem por si só e são organizadas e definidas por fluxos, por isso [...] “a rede de comunicação é a configuração espacial fundamental: os lugares não desaparecem, mas sua lógica e seu significado são absorvidos pela rede”. (CASTELLS, 2000, p. 437).

Segundo análise de Cruz e Santos (2009) a desconcentração industrial, revela a perda de importância das regiões metropolitanas de São Paulo e Rio de Janeiro, quanto ao papel industrial. Observando-se as microrregiões que foram beneficiadas e as que perderam neste processo, verificou-se que a maioria das microrregiões que mais perderam empregos está concentrada no Sudeste, sendo a microrregião de São Paulo a mais afetada por estas transformações.

Arbix (2002), disse que ao considerar que a aplicação da externalidade no processo de desconcentração industrial está na migração do parque fabril automotivo para fora de São Paulo, pois o interior brasileiro oferece diferenças salariais de até 40% menores devido aos índices educacionais mais baixos e menor propensão ao conflito, considerando que a grande São Paulo é berço do movimento sindical mais atuante do país. Outro fator determinante é a melhoria da infraestrutura ofertada em outros estados para escoamento da produção que reduz os custos das montadoras. Segundo Vázquez Barquero (2007) que o avanço tecnológico é um dos processos endógenos de crescimento e que há espaços para a política industrial e desenvolvimento regional.

Ainda que com o processo de desconcentração, o papel do Estado de São Paulo continua sendo extremamente relevante, pois ele é o ponto onde se concentra a gestão do capital financeiro dentro do país. As maiores corporações com unidades instaladas no Brasil possuem escritórios administrativos na capital paulista, além de potencial ofertante de atrativos turísticos, culturais e entretenimento.

Sposito (2004, p. 223) quando se refere às metrópoles, afirma que estamos concomitantemente frente a permanentes processos de concentração, desconcentração e reconcentração espacial dos capitais fixos no conjunto do Estado, e de centralização industrial, na metrópole paranaense, dos capitais produtivos.

Com o processo de desconcentração gerando transformações nas regiões que não haviam sido contempladas por mudanças do perfil industrial, Moreira e Melazzo (2011) retratam sobre suas compreensões, ou seja,

Infere-se aqui que, no contexto mais amplo da chamada acumulação capitalista, está inserida a desconcentração espacial da indústria paulista,

caracterizada não por ser uniforme nem aleatória, mas seletiva. Assim, essas selecionadas escolhas locacionais representam as tomadas de decisões de investimentos realizadas pelos agentes econômicos que, orientados por suas estratégias e expectativas, entendem que nesses espaços encontrarão as melhores condições para mobilizarem/ampliarem sua rentabilidade. Ou seja, nessa lógica em que decisões sobre investir dependem, sobretudo, das imposições do mercado, o padrão espacial dos investimentos apresenta fortes inércias locacionais frente à desconcentração seletiva das atividades industriais na dinâmica sócio-territorial e face às atividades econômicas já existentes em diferentes regiões do Estado e do país (MOREIRA e MELAZZO, 2011, p. 86).

Destacamos o debate sobre dinâmicas espaciais considerando o processo denominado por Harvey (1992) de compressão espaço-temporal em que uma diminuição das distâncias efetivas, bem como o tempo necessário para se vencer as dificuldades espaciais, se defrontam com os intermináveis avanços nas tecnologias de telecomunicações e transportes que fazem parte de consenso mundial. As formulações de Harvey estão baseadas na literatura original: “[...] resistências regionais, as lutas por autonomia local, organizações localizadas, podem ser excelentes bases para a ação política, mas elas não dão conta de suportar sozinho o peso de mudanças históricas radicais” (HARVEY, 1989, p. 303).

São contribuições que deixam clara a necessidade atual de estarmos atentos a multiescalaridade implícita nos processos. Para Fuini (2013), a desconcentração que existe demonstra que o capital é seletivo com concentração da gestão financeira estratégica das empresas com forte ligação ao papel centralizador de cidades de *status* mundializadas como São Paulo, por exemplo; além disso, a questão da redução do processo de concentração espacial da atividade industrial que resulta numa desconcentração seletiva de produção.

Segundo Harvey (2009), a intensa compressão do espaço-tempo tem exercido uma influência, de certa forma, desorientada e de rompimento sobre as práticas político-econômicas, sobre o equilíbrio do poder de classe, bem como a vida social e cultural das pessoas. A causa principal foi à transição do modelo de acumulação fordista para o de acumulação flexível, que trouxe a rápida implantação de novas formas organizacionais e novas tecnologias produtivas.

Dessa forma, a produção de uma redução do espaço-tempo, notadamente pela velocidade dos fluxos transitados pelos meios de comunicação, levantando outra dimensão do papel mutante da espacialidade conforme aponta Harvey (1992, p. 266) “Se os capitalistas se tornam cada vez mais sensíveis às qualidades espacialmente diferenciadas de que compõe a geografia do mundo, é possível que as pessoas e forças dominem esses espaços os alterem de um modo que os torne mais atraentes para o capital altamente móvel”.

O alerta de Harvey (1992) é de que um dos fenômenos marcantes a definir essas novas características do espaço e suas especificidades na construção de território e lugares foi a crescente integração dos mercados, da produção e das finanças, a denominada globalização, processo este que funda uma nova divisão territorial que acirra as desigualdades no espaço mundial.

Segundo Dollfus (1991) o conjunto das escolhas para definir a localização das atividades e das produções, pertence aos investidores que são estimulados pela competição, através dos centros que vão se multiplicando entre si os intercâmbios com o objetivo de conquistar suas periferias devido ao processo de concorrência nas economias capitalista.

Associando a temática do capitalismo, utilizamos como base teórica o desenvolvimento geográfico desigual, de acordo com os pensamentos de Harvey (2004), Santos (1996), Santos e Silveira (2001) e Soja (1993) que no contexto de economia globalizada, retratam que a sobrevivência do capitalismo e a análise da dinâmica de ocupação do espaço, em especial, na escala regional, impõe a necessidade de considerarmos a lógica e a dinâmicas próprias do desenvolvimento capitalista na reprodução de uma espacialidade diferenciada levando-se em conta a existência de regiões mais desenvolvidas em detrimento as regiões com mais dificuldades de desenvolvimento.

Lencioni (1997), retratou que tanto a escala regional, como a escala intermediária de análise, como mediação entre o singular e o universal, pode permitir revelar a espacialidade particular dos processos sociais e globais. Nesse sentido, o regional pode se reabilitar frente ao global, como particularidade da globalização e, assim, a própria noção de região também se reabilita.

Endlich (1997) retrata a temática capitalista observando sobre a seletividade que:

[...] a acumulação por este desenvolvimento geograficamente desigual, concretiza pela divisão espacial do trabalho que ocorre entre diferentes áreas, regiões e nações. Acompanhando as formas de produção, evidencia-se que estas vêm abarcando espaços cada vez mais amplos, atingindo atualmente definitivamente o espaço mundial. Assiste-se, então, ao subjugo do Estado nacional pelas corporações econômicas. É o neoliberalismo atingindo definitivamente o mercado mundial. A mundialização é econômica e envolve, de maneira favorável, pequena parcela da sociedade (ENDLICH, 1997, p. 50).

A desconcentração industrial, relacionada com toda a discussão até aqui desenvolvida, é reforçada pelas atividades industriais que se espalham por cidades e/ou regiões até então refém dos setores primário e terciário da economia, mas que as oportunidades conquistadas

pelas mais diversas estratégias de atração de investimentos acabam sendo um marco para as políticas de desenvolvimento. A desconcentração acaba por premiar os detentores desses novos investimentos, pois independem agora de uma localização central para atingir os seus objetivos.

Muitas fábricas acabaram se descentralizando, incentivadas pelos custos operacionais e administrativos e da tecnologia de informação, além da nova dinâmica cultural e educativa dos novos habitantes que passam a dividir os espaços públicos e as novas atividades produtivas, provocando transformações nos fluxos e na produção. Além disso, a vida cotidiana das pessoas muda pela mistura de novos hábitos com os novos integrantes da localidade recebedora de investimentos, nesse sentido Endlich pondera que:

Os relacionamentos pessoais não são mais tão intensos com quem está próximo. Os locais passam a ser locais privados como os shoppings centers que promovem seus centros de lazer e praças de alimentação. Mercantilizam-se os pontos de encontro. Por seu adensamento, se dilui e cede lugar a cidade fragmentada e interligada por fluxos de mercadorias, pessoas e informações (ENDLICH, 1997, p. 65-66).

A partir dessas considerações sobre a desconcentração industrial analisaremos a seguir o desempenho do emprego industrial nas microrregiões brasileiras. Esse ponto é relevante para este trabalho, pois buscamos compreender as dinâmicas espaciais abrangendo especialmente, a demográfica, profundamente relacionada às oportunidades de geração de emprego e renda.

1.1.1 Reconfiguração do emprego industrial no processo de desconcentração das vinte microrregiões brasileiras de melhor desempenho

O IPEA (2011) realizou estudo para o Brasil, identificando as microrregiões industriais, sendo assim consideradas aquelas que tivessem pelo menos 50 empregos formais na indústria de transformação. Para se definir os melhores desempenhos nesse processo de reconfiguração da produção industrial no Brasil foi considerado o aumento da participação relativa de cada microrregião no emprego industrial no Brasil entre 1990 e 2009, comparando a participação relativa do emprego industrial existente em 1990 com a apresentada em 2009.

As vinte microrregiões localizadas nos estados de Minas Gerais, Paraná e Santa Catarina, Ceará, Goiás, Distrito Federal e Mato Grosso do Sul, obtiveram os maiores ganhos de participação relativa no emprego industrial brasileiro. Essas microrregiões em 2009

responderam por 1,2 milhões de trabalhadores, correspondendo a 17,04% do emprego industrial brasileiro, ampliando em 6,59% sua participação no emprego industrial de 1990 (Tabela 1).

Nesse formato se caracteriza o processo de desconcentração industrial dos centros maiores e mais tradicionais como São Paulo para cidades de menor porte populacional e econômico (IPEA, 2011).

Tabela 1: Brasil. Comparativo entre as microrregiões com maiores ganhos de participação no emprego industrial entre 1990 e 2009

ORDEM	MICRORREGIÕES	1990		2009		VARIACÃO NA PARTICIPAÇÃO DO EMPREGO (1990-2009)
		EMPREGO	PARTICIPAÇÃO DO TOTAL (%)	EMPREGO	PARTICIPAÇÃO DO TOTAL (%)	
1º	Curitiba (PR)	112.568	2,06	201.590	2,74	0,67
2º	Goiânia (GO)	25.534	0,47	75.686	1,03	0,56
3º	Fortaleza (CE)	81.172	1,49	139.947	1,90	0,41
4º	Chapecó (SC)	8.408	0,15	38.114	0,52	0,36
5º	Blumenau (SC)	76.851	1,41	130.364	1,77	0,36
6º	Sobral (CE)	2.649	0,05	26.627	0,36	0,31
7º	Divinópolis (MG)	21.032	0,38	50.353	0,68	0,30
8º	Toledo (PR)	7.400	0,14	31.409	0,43	0,29
9º	Sudoeste Goiás (GO)	1.673	0,03	23.356	0,32	0,29
10º	Caxias do Sul (RS)	81.521	1,50	130.221	1,77	0,27
11º	Apucarana (PR)	11.547	0,20	35.148	0,48	0,27
12º	Joinville (SC)	77.499	1,42	123.756	1,68	0,26
13º	Maringá (PR)	13.808	0,25	37.628	0,51	0,26
14º	Brasília (DF)	12.144	0,22	35.356	0,48	0,26
15º	Londrina (PR)	21.636	0,40	47.619	0,65	0,25
16º	Cianorte (PR)	3.855	0,07	22.508	0,61	0,24
17º	Cascavel (PR)	5.917	0,11	25.161	0,34	0,23
18º	Itapetininga (SP)	561	0,01	17.664	0,24	0,23
19º	Pacajus (CE)	433	0,01	16.740	0,23	0,22
20º	Dourados (MS)	4.169	0,08	21.752	0,30	0,22

Fonte: Rais/MTE/IPEA

Comparando o crescimento do emprego industrial das microrregiões paranaenses com as microrregiões catarinenses entre 1990 e 2009, os destaques industriais de Santa Catarina se concentraram em Joinville (59,69%) e Blumenau (69,63%) que cresceram menos que a microrregião de Chapecó (353,31%). As microrregiões paranaenses de Curitiba (79,08%), Maringá (120,09%) e Londrina (172,51%) apresentaram desempenho inferior às microrregiões, Cianorte (487,87%) e Cascavel (325,23%), Toledo (324,45%) e Apucarana (204,39%).

Na região Sudeste observou uma expansão em direção ao Sul de Minas Gerais e da microrregião de Belo Horizonte. No Sul, a expansão no Oeste do Paraná e em Curitiba, o Vale do Itajaí e a microrregião de Caxias do Sul destacam-se com a ampliação do emprego industrial. Das vinte microrregiões selecionadas sete são do Estado do Paraná se tornando a Unidade da Federação com expressiva presença no *ranking* nacional.

Enquanto essas vinte microrregiões apresentavam desempenho acima da média nacional e com a geração de 536 mil empregos no setor industrial entre os anos de 1990 e 2009, nas microrregiões de São Paulo e do Rio de Janeiro que são os principais centros industriais do país ocorreu redução de 544 mil empregos industriais. Na totalidade da indústria brasileira o acréscimo foi de 1,9 milhões de novos empregos. No período 1990 a 2009 o estoque de empregos industriais das vinte microrregiões cresceu em 115,96% ao que em nível nacional o acréscimo foi de 34,71%.

Os dados apresentados até aqui nos lembram dos registros que remetem a identificação de uma Terceira Itália. A referência a essa terceira Itália tornou-se muito conhecida porque enquanto as regiões polarizadas por cidades maiores perdiam empregos industriais, sobressaiam os empregos gerados por distritos industriais concentrados em pequenos ou médios centros urbanos isoladamente ou de modo regional. Benko (1993) ao tratar desses processos quanto às suas tendências espaciais baseia-se no questionamento: Onde estão os investimentos e as oportunidades? São essas questões fundamentais para nossa análise.

As microrregiões ganhadoras nesse processo é uma consequência da perda de emprego da maioria das microrregiões concentrada no Sudeste. A distribuição do emprego nas microrregiões de São Paulo, Rio de Janeiro e Porto Alegre foi identificada pela perda absoluta de empregos industriais e ao considerável aumento de regiões industriais concentradas em outras microrregiões do país. (DINIZ, 1993).

Os números mostram que apesar da redução de empregos em algumas importantes regiões brasileiras, todavia, nos últimos anos em outras regiões ocorreu significativa criação de novos empregos expressando o processo de reconfiguração espacial da produção industrial na brasileira. Nessa direção destacamos as microrregiões de Curitiba, Blumenau, Joinville, com cerca de 60% de crescimento. No caso do Paraná, como já mencionamos além da microrregião de Curitiba, as microrregiões localizadas nas mesorregiões Norte Central, Noroeste e Oeste foram abrangidas. Esse processo de criação de novos empregos permite uma abertura para a instalação de outros ramos de serviços em função das indústrias existentes, sem contar com novas unidades industriais atraídas pelas potencialidades das microrregiões.

Segundo Paiva (2002) a criação de externalidades econômicas acentua o desenvolvimento e cumpre seu potencial transformador na justa medida de sua articulação com políticas territoriais integradas, mobilizadoras de agentes e recursos regionais.

Cruz e Santos (2009) entendem que as regiões com uma base industrial relevante, caso das cidades do interior de São Paulo, ainda que tenham reduzido sua participação no emprego

industrial, se especializaram em indústrias de maior conteúdo tecnológico. Em vários casos, houve aumento de empregos nestas indústrias. Segundo os referidos autores o melhor desempenho de emprego industrial reflete a importância de outros fatores locais, incluindo incentivos fiscais mais contundentes. Contudo, devemos destacar que o crescimento significativo do emprego em indústrias de alta intensidade tecnológica ocorreu em microrregiões com parques industriais mais diversificados caso de Curitiba e Caxias do Sul (IPEA, 2011).

Ressaltamos o salto quantitativo de empregos dos vinte municípios ganhadores de empregos praticamente dobraram a quantidade de empregos, com crescimento de 94,13% de empregos industriais, compensando a perda registrada nos estados de São Paulo e do Rio de Janeiro. Novamente a desconcentração industrial é refletida na maior diversificação regional entre microrregiões ganhadoras de empregos industriais.

1.1.2 Reestruturação do capital e as especialidades industriais

Para compreendermos as tendências atuais da indústria e suas implicações socioespaciais é fundamental considerarmos essas e outras dinâmicas recentes da economia. O processo de reestruturação produtiva que ocorre em escala global passa a ser imprescindível para compreender os processos econômicos e espaciais no Brasil. O mesmo ocorre quanto ao Paraná devido à dimensão das transformações que o setor industrial promove do ponto de vista econômico e rebatimento socioespacial que se traduz na recomposição espacial conforme os ditames da dominância do capital. Isto abrange vários aspectos como a incorporação de novos setores industriais e de novas tecnologias de produção, organizacionais e gerenciais.

Soja (1993) ressalta a reestruturação como uma resposta reativa as dificuldades anteriores:

[...] sua hierarquia de manifestações, a reestruturação deve ser considerada originária e reativa a graves choques nas situações e práticas sociais preexistentes, desencadeadora de uma intensificação de lutas competitivas pelo controle de forças que configuram a vida material. Assim, ela implica fluxo e transição, posturas ofensivas e defensivas, e uma mescla complexa e irresoluta de continuidade e mudança. (SOJA, 1993, p.194).

No caso do Paraná, esse processo ampliou a pauta de exportação e alavancou vários indicadores econômicos. Por isso, observamos como fato que Soja (1993) defende quanto às lutas competitivas desencadeadas, nas quais o Paraná também ingressou ao adquirir esse novo perfil industrial.

Gomes (2011) entende que a reestruturação ocorre somente quando as estruturas socioespaciais necessárias à acumulação tornam-se obstáculos para alavancar o crescimento e, conseqüentemente, a produção e a reprodução do capital. Caracterizando o momento em que as estruturas vigentes já não atendem às necessidades do capital e provavelmente é o que ocorreu quando desencadeou a crise estrutural do capital nos anos 1970.

Dentro desse entendimento é que a reestruturação produtiva passa ser considerada uma resposta à crise estrutural do capital⁹. Para Mandel (1982) a reestruturação acontece como mecanismo de superação das crises do modo de produção capitalista sendo uma alternativa de restabelecer os mecanismos econômicos. Esse é o contexto mundial que deve ser considerado para compreendermos as transformações nacionais e regionais. Ao pensarmos nas diferentes escalas torna-se inevitável pensar também nos descompassos existentes entre elas.

Santos (2009) quando aborda a temporalidade diferenciada nos faz refletir, dizendo:

O tempo rápido não cobre a totalidade do território nem abrange a sociedade inteira. Em cada área, são múltiplos os graus e as modalidades de combinações. Mas, graças à globalização e a seus efeitos locais, os tempos lentos são referidos ao tempo rápido, mesmo quando este não exerce diretamente sobre os lugares ou grupos sociais (SANTOS 2009, p.267).

De acordo com Serra (2001), as transformações ocorridas nas sociedades capitalistas nas últimas décadas, são decorrentes da crise iniciada nos anos 1970, com a redução da taxa de lucro do capital, nos países centrais, provocando baixo crescimento da produção e da produtividade, com repercussão no mundo do trabalho e reflexos nos crescentes níveis de desemprego.

A reestruturação produtiva baseado nos anos 1990, ocorre pela crise econômica no mercado interno e pela política de abertura adotada inicialmente pelos governos Collor e FHC que deram lastro para continuidade desse processo para os governos posteriores (GOMES, 2011). Esses fatos fizeram com que as empresas buscassem estratégias inovadoras em suas

⁹ Hoje, a noção de reestruturação tem adquirido várias denominações: reestruturação urbana, reestruturação social, reestruturação espacial, reestruturação organizacional, reestruturação econômica, reestruturação industrial e reestruturação produtiva (GOMES, 2011, p.55).

atitudes comerciais e espaciais devido à concorrência internacional que induz sistematicamente as preocupações com qualidade e preço.

Com a reestruturação produtiva, as transformações de cunho socioespaciais e técnicas ganham expressividade nas análises da Geografia Econômica e outras áreas do conhecimento estão interessadas na discussão da repercussão da reestruturação produtiva. No caso da Geografia vários trabalhos foram dedicados a analisar, por exemplo, os novos espaços industriais nos municípios paranaenses e do interior do Brasil que receberam montadoras no período pós-1990, casos de Catalão e Anápolis (GO), Camaçari (BA), Gravataí (RS) e Sete Lagoas (MG).

De acordo com a perspectiva de que a atividade industrial é um fator de atração populacional, no contexto da cidade de Catalão, verificou-se que, após a instalação das grandes montadoras Mitsubishi Motors Corporation e John Deere, na década de 1990, houve um adensamento do núcleo urbano da cidade, além da conseqüente expansão das atividades ligadas ao terceiro setor; como o comércio e a educação, além de se observar um incremento populacional. (MARÇAL, 2008, p. 48).

Uma característica comum que permeia a maioria das diferentes perspectivas teóricas sobre a reestruturação, segundo Gottdiener (1990, p. 59) “[...] as recentes mudanças no capitalismo provocado pela crise, especialmente a partir de 1970, são responsáveis pela reorganização das estruturas espaciais urbanas e das relações entre as cidades no sistema urbano”. Os fluxos materiais e principalmente imateriais se ampliam, promovendo, através de suas redes, uma nova integração espacial.

Para Lencioni (1998) os processos por meio dos grupos econômicos atuam como forma social do capital e a metrópole desconcentrada, como forma espacial da cidade para reestruturação do espaço com nova formatação. Para Lencioni (1998, p. 5) “[...] as formas anteriores não se dissolvem nesse processo de reestruturação, elas se modificam e são modificadas pela teia de relações em movimento. Tornam-se, sim, subordinadas face ao desenvolvimento dessas novas formas que reestruturam tanto a sociedade como o espaço”.

O processo de reestruturação da indústria brasileira, de acordo com Leite (1998) e Druck (1999) que se iniciou na década de 1970 culminando com a consolidação da globalização a partir dos anos 1990, nesse ínterim, vários programas de qualidade, tais como

Círculos de Controle de Qualidade (CCQ)¹⁰ e *Just in time*¹¹, na busca da excelência nos ganhos de capital foram utilizados nesse processo de reestruturação. Os anos 1990 foram marcados pela inserção de modo mais direto e deliberado do Brasil no processo de reestruturação produtiva.

De maneira geral, a interpretação das questões a que nos propomos nesse estudo sobre desconcentração industrial e a geração de novos espaços industriais se faz necessária para compreender a região, e o que pretendemos abordar e como ela se situa no Paraná que adquire um novo perfil industrial.

1.1.3 Desconcentração da indústria paranaense

Nesse item abordaremos mais especificamente a desconcentração industrial do Paraná. Assim a nova fase da industrialização paranaense caracterizada por alguns dados apresentados, segundo Firkowski (2001, p. 88) ocorre “[...] Não apenas porque o Estado é um dos componentes do polígono ou da região concentrada, mas, sobretudo, pelo desempenho positivo que tem tido em relação à atração de novos investimentos industriais, notadamente do setor automobilístico”.

De acordo com Firkowski (2001), em meios dos anos 1990 a implantação de novas indústrias foi mais expressiva, parte em razão da inércia do ramo industrial e dos graves problemas econômicos da década de 1980, este último responsável pela fuga de capitais internacionais por longo período, e outra razão pelo expressivo movimento de localização de indústrias automobilísticas na RMC, custeada por incentivos governamentais, demonstrando a disposição de atingir os objetivos de industrializar do Paraná.

As condições advindas e inseridas pela abertura econômica e financeira das privatizações e da desregulamentação dos mercados do país favorecem principalmente, a entrada de investimentos industriais. De acordo com Lourenço (2012), a plena inserção do Brasil na globalização produtiva, comercial e financeira foi associada à estabilização econômica a partir de 1994, com o Plano Real, que tinha na redução da inflação, a força necessária para reacender as expectativas de impulsão dos investimentos produtivos. Com isto, os estados da Federação começaram a colocar os seus trunfos, como privilégios

¹⁰ O CCQ permite a melhoria da qualidade dos produtos e serviços, otimização no aproveitamento dos recursos, maior integração entre os colaboradores, entre outras vantagens.

¹¹ *Just in time* é um sistema de administração da produção que determina que nada deve ser produzido, transportado ou comprado antes da hora certa e a manutenção de estoque mínimo de matéria-prima. O termo *just in time* é em inglês, e significa na hora certa.

tributários e financeiros, utilizados na estratégia conhecida como guerra fiscal, proporcionado pelas condições do sistema tributário prevalecente no País para favorecer os empreendedores potenciais, na disputa de novos, complexos e modernos negócios.

Para Lourenço (2003), esse fato se deu por meio da diminuição do peso do Governo Federal e das empresas estatais e da ampliação da interferência dos componentes de mercado e das forças políticas subnacionais, materializadas na guerra fiscal e na concessão de infraestrutura.

A desconcentração inter-regional do crescimento do setor manufatureiro brasileiro ocorreu a partir de 1995, motivado pela estabilidade econômica e pela opção geográfica em outros centros, além de São Paulo e Rio de Janeiro. O Paraná, estrategicamente, utilizou um conjunto de atrativos formados por sua privilegiada localização geográfica, adequada infraestrutura e mecanismo institucionais¹² para a viabilização da expansão e implantação de indústrias no Estado. A desconcentração no Paraná começa com RMC como locação preferencial e partir daí para o interior do Estado.

Cruz e Nakabashi (2006) ressaltam a importância da análise setorial da indústria de transformação para identificar as atividades capazes de responder pela recuperação do setor, bem como aquelas que apresentam dificuldades de avanços, essas avaliações dão margem a processos de discussão de nível conjuntural e estrutural para que o Estado não se acomode e não dê margem a queda na atividade industrial.

Para o entendimento de uma previsão mais consolidada da divisão territorial da indústria paranaense, o entorno da RMC, têm sido as localizações preferenciais das empresas nas suas escolhas estratégicas territoriais, por ser próximo o suficiente de Curitiba para que as empresas possam usufruir de seus benefícios e distantes o bastante para não serem surpreendidas por suas desvantagens (LENCIONI, 2003). Por isso, embora as indústrias montadoras, por exemplo, sejam muito relevantes no âmbito da RMC, elas também não elegeram Curitiba como município, mas o município de São José dos Pinhais que é o local das maiores indústrias do segmento automotores do Estado.

Assim, a dinâmica de desconcentração industrial da RMC ou a perda relativa que vem ocorrendo frente a outras localidades do interior do Estado vêm gradualmente alterando o comportamento da economia e a configuração urbana do Estado, principalmente das regiões mais propensas a atrair o capital industrial. Contudo, é preciso ter clareza sobre que tipo de

¹² O aparato institucional foi composto pelo Programa Mais Empregos, criado em 1992 com a denominação de Bom Emprego Fiscal, e pelo Fundo de Desenvolvimento Econômico (FDE), formado pelos royalties de energia e os créditos em liquidação do Badep, extinto em 1991 (LOURENÇO, 2005).

investimento vai para as áreas não metropolitanas e que tipo de emprego e de oportunidades eles trazem.

Dessa maneira é possível entender as mudanças estruturais na produção do espaço da indústria paranaense, com a configuração de novos territórios econômicos dentro das condições geográficas que tem conseguido absorver o processo de interiorização das atividades industriais, assim percebemos uma condição espacial bastante acentuada no que se refere às mudanças em padrões de localização nas diferentes localidades.

O processo de desconcentração industrial, além do capital fixo e da pessoa jurídica que se transfere para outros municípios de outras regiões dentro e fora Estado, cria uma nova situação no número de empregos. Por isso, é fundamental para a Geografia analisar esses processos, pois são eles que impulsionam os fluxos humanos diversos e a adequação espacial.

Para Carlos (2002), o espaço é humano não porque o homem habita, mas porque o produz. Um produto desigual e contraditório à imagem e semelhança da sociedade que o produziu com seu trabalho. Nesse sentido o espaço é a própria razão da materialização dos sonhos e concretização ou não dos anseios da sociedade que o habita.

Para Santos (1982) as formas espaciais constituem uma linguagem dos modos de produção. Sociedade e espaço não são instâncias separadas, mas uma formação, e assim a sociedade só se concretiza por meio do seu espaço. O autor descreve, ainda, que o espaço é uma instância social e desse modo às formações socioespaciais são uma realidade, logo é uma estrutura com uma determinação que atua no movimento da totalidade social.

Considerando dados do IBGE (2011), no ano de 2009 as microrregiões paranaenses mostram que alguns pontos são relevantes, por exemplo, a população microrregional de Toledo é aproximadamente 15% menor que a população da microrregião de Cascavel e ambas pertencem geográfica e administrativamente a Mesorregião Oeste, porém a participação da microrregião de Toledo é 0,43% dos empregos industriais do Brasil, enquanto que a participação da microrregião de Cascavel foi de 0,34%.

Entre a microrregião de Londrina (0,65%) e de Maringá (0,51%) prevalece a maior participação da primeira em relação aos empregos industriais no contexto nacional, porém em termos de desempenho a microrregião de Maringá é superior e crescimento de participação entre 1990 e 2009. Esses são dados que confirmam a consolidação de outras áreas como polos industriais no Paraná, ainda que nelas predominem segmentos das indústrias tradicionais.

Esse estudo permite entender o crescimento industrial das regiões do interior do Estado, percebemos ao longo das pesquisas que as principais cidades estão se industrializando e são beneficiadas pelo deslocamento de bases produtivas da metrópole e entorno,

possibilitando com isso o crescimento industrial a taxas mais elevadas que a região mais industrializadas. A atividade industrial altera não só as bases técnico-produtivas anteriores, como também de maneira mais ampla, suas bases econômicas e sociais (BRANDÃO, 2007).

Para Mendes (2013) as regiões, as localidades possuem características peculiares, por isso o autor defende que:

As diferenças regionais no território paranaense podem ser relacionadas com os objetivos do governo do Estado e, em particular, a dinâmica econômica e populacional. A concentração industrial e a dinâmica econômica na Região Metropolitana de Curitiba, assim como os aglomerados de Londrina e Maringá, foram incentivados como eixos de desenvolvimento econômico (MENDES, 2013, p. 43).

O Estado do Paraná assume uma respeitada posição industrial no cenário nacional, contando com 35% das mesorregiões brasileiras com os melhores ganhos de participação, revelando nesse ponto, a excelência do setor e o mais importante está interiorizando a indústria e ao mesmo tempo ratificando a RMC como uma das maiores referências na indústria brasileira e tem na sua microrregião de Curitiba como a principal microrregião entre as vinte de maiores ganhos (Tabela 1).

Sintetizando o emprego industrial das sete microrregiões paranaenses inserida nessa análise cresceu em média 244,23% no período 1990-2009 significando a criação de 225 mil novos empregos. Isso mostra que o Paraná vem sistematicamente incorporando atividades industriais comprovada pela inserção entre as microrregiões brasileiras que mais obtém ganhos (IPEA, 2011).

É substancial observar que há uma relação positiva entre o grau de especialização da região em indústrias de menor conteúdo tecnológico e a criação de empregos industriais em indústrias tradicionais. Essa análise nos permitiu identificar como o processo de desconcentração industrial afetou a configuração do emprego industrial no Brasil. Em comparação entre os anos 1990 e 2009 as microrregiões industriais possuem uma maior dinâmica nos níveis de emprego no Brasil.

Como o objeto desse trabalho se vincula ao desenvolvimento industrial e as questões socioespaciais da Mesorregião Centro Ocidental. Questionamos porque os registros do processo de desconcentração industrial prosseguem juntamente com intensos fluxos demográficos no Paraná, e os municípios se esvaziando demograficamente cada vez mais? Parece não ser falta da presença do capital e de investimentos, mas talvez da natureza deles,

ou seja onde estão localizados e se há uma centralidade de capital. Mediante os fatos e os questionamentos que temos, essa parece ser a trilha de análise mais certa.

1.1.4 Reestruturação produtiva da indústria paranaense

A abundância de matérias-primas, aliada à demanda de um amplo mercado interno contribuíram para alavancar o desenvolvimento industrial do Paraná. Todos os setores produtivos acham-se representados no Estado, com destaque para as indústrias automobilísticas, mecânica, química, eletrônica, alimento, têxtil, e de papel entre outros.

Devido a tendência de diversificação da indústria paranaense e uma maior participação dos segmentos industriais tecnologicamente mais complexos se torna inevitável a diversificação e de modernização industrial no Estado, de acordo com Nojima (2002) “[...] a indústria estadual ampliou e diversificou sua capacidade instalada devido à retomada de investimentos estrangeiros no país, à desconcentração produtiva em âmbito nacional e à recuperação de investimentos em diversos segmentos industriais, em razão da retomada do mercado interno” (NOJIMA, 2002, p. 29).

As grandes empresas paranaenses e os principais centros de produção industrial se concentram na RMC que a torna a região mais industrializada e urbanizada do Estado, estendendo sua influência por todo o território paranaense, tanto pelo investimento de capitais, quanto pelo controle de mercados em âmbito regional e alcança sustentação no mercado nacional e internacional. Nesse grupo destacam-se a RMC e as mesorregiões Norte Central, Centro Oriental e Oeste, além do processo de desconcentração e reestruturação produtiva e industrial no Estado ter a maior presença. Nas regiões, onde a industrialização é bastante reduzida, a economia baseia-se fundamentalmente na atividade agropecuária que muitas vezes aumenta o grau de dependência e a ocorrência de esvaziamento demográfico.

Para Endlich (2006) o novo perfil industrial paranaense está relacionado ao processo de reestruturação do capitalismo, especialmente quanto à redefinição de espacialidades industriais. A necessária mobilidade do capital na forma de investimentos produtivos internos e externos, ainda que relativizada, provoca intensas mudanças no comportamento social, econômico e espacial.

Como afirma Hugon (1996, p. 37 *apud* Endlich, 2005), a industrialização das economias em desenvolvimento está induzida pela reestruturação da economia da

Mesorregião Norte Central, especificamente pela realocização de unidades por parte de grandes empresas.

Para entender o que ocorre no território paranaense, deve-se considerar o processo de transferência industrial em âmbito mundial, mas também certa desconcentração territorial da atividade industrial produtiva ocorrida em âmbito nacional, envolvendo áreas vizinhas ao Estado de São Paulo. É nesse cenário que pode se explicar a dinâmica industrial atual no Paraná, bem como outros desdobramentos dela decorrentes (ENDLICH, 2006, p.123).

O Estado do Paraná até a década 1970 tinha sua economia mais dependente da agricultura, mas ao passar dos anos foi se industrializando, inicialmente na cidade de Curitiba e mais adiante em boa parte da RMC. Isso aconteceu em descompasso com o interior que ainda demandava por instalação de indústria, mesmo assim algumas mesorregiões, notadamente a Norte Paranaense e Centro Oriental e mais tarde a região Oeste mostravam sinais de industrialização, paralelamente alguns municípios polos de outras regiões contavam em seus territórios com algumas indústrias de média e alta tecnologia e com isso, em virtude dos níveis de alta concorrência de mercado e ao novo perfil dos consumidores, a indústria de transformação se submeteu a elevação do valor agregado dos produtos industrializados (WASQUES *et al.*, 2011).

Uma reação da indústria paranaense e brasileira às medidas econômicas de cunho neoliberal foi praticada nos anos 1990 para construção do processo de reestruturação produtiva. “Essas políticas promoveram a abertura comercial e financeira da economia brasileira e, conseqüentemente, expuseram a indústria paranaense à concorrência internacional” (WASQUES *et al.*, 2011, p. 13). Assim, o setor industrial paranaense adotou estratégias de investimentos em processos produtivos intensivos em tecnologia, promovendo a modernização e a diversificação, principalmente, da indústria de transformação.

Suzuki (2009) afirma, a continuidade do dinamismo industrial do Paraná está condicionada à diversificação, com a incorporação e o fortalecimento de segmentos caracterizados pela agregação de valor. Isso fez com que no período 1990-2010 deparássemos com uma aceleração do processo de industrialização e não o desencadeamento do fenômeno desindustrialização.

Esse processo todo acabou sendo motivo de reflexão, tanto que de acordo com Gomes (2011), a sociologia analisa os reflexos da reestruturação produtiva na subjetividade do trabalhador; mas principalmente, nos arranjos socioespaciais que aprofunda a segregação nas cidades, enquanto a economia analisa a produção e gestão do trabalho e mercado de trabalho;

a engenharia de produção analisa as mudanças nos padrões organizacionais e tecnológicos. Então, como de certa forma foi colocado ao longo desse trabalho, compete a Geografia fazer uma análise do processo de reestruturação produtiva e suas implicações na dinâmica espacial, buscando mostrar como esse processo se manifesta no espaço.

Endlich (2006) ao se referir à reestruturação do capital e suas várias flexibilidades sistematiza:

[...] máquinas e equipamentos flexíveis; flexibilidade organizacional da produção que aproxima a demanda e a produção diminuindo os riscos; trabalho flexível – quanto à habilidade dos contratados em se adequar a diferentes tarefas, bem como na regulamentação das relações de trabalho; capacidade de produção diferenciada para atender a diversos tipos de demandas e produtos (com necessidades recorrentes pela rápida obsolescência dos mesmos) (ENDLICH, 2006, p. 118).

Por fim, o que mais interessa, do ponto de vista geográfico, é a flexibilidade espacial pela possibilidade de transferência das empresas em busca das virtuosidades, frequentemente de custo mais baixo da mão-de-obra, isto mostra como o salário está no cerne dos processos de reestruturação do capitalismo (ENDLICH, 2006).

Sobre a reestruturação contemporânea e a espacialização, é importante examinar que esse momento contemporâneo pode ser considerado, a mais recente tentativa de reestruturar as matrizes espaciais e temporais do capitalismo na busca de um arranjo espaço-temporal voltado para a sua sobrevivência (SOJA, 1983).

No entanto pela maneira como Soja (1983) formula sua proposta, o capitalismo pode depender do desenvolvimento desigual e das transferências geográficas de valor e/ou ainda do incremento da produtividade oriundo do avanço tecnológico que garante a elevação da lucratividade e a sobrevivência do capitalismo.

De outro lado, Chesnais (1996), relata as questões do trabalhador e diz que ocorreu a partir dos anos 1980 uma profunda mudança na correlação de forças, nas quais os trabalhadores foram fortemente desfavorecidos, particularmente com a reestruturação produtiva que exigiu novas tecnologias aliada à crescente dinâmica financeira instalada no capitalismo contemporâneo.

Como fruto do processo de reestruturação do capital, o Paraná, muito embora a indústria automobilística tenha iniciado com suas atividades na década de 1970 ela se consolida a partir dos anos 1990 com a abertura comercial para o resto do mundo.

O segmento que se destacou na inserção do Paraná de forma mais efetiva como espacialidade industrial brasileira foi o segmento automotivo. Ancorado nas expectativas de desenvolvimento que ele representa, o Governo do Paraná criou uma série de condições favoráveis para que as grandes montadoras se instalassem. Como se sabe a geração de emprego industrial é oneroso e essa política gerou expressivo endividamento do Estado.

A atração de empresas automotivas ampliou as dívidas do Estado em razão do seu comprometimento firmado nos protocolos. Os contratos acordados entre a tecnocracia lernista e as empresas automotivas que se estabeleceram na RMC (*Renault, Chrysler e Audi/Volkswagen*) exigiram um grande esforço da economia paranaense, contribuindo significativamente para esse desequilíbrio.

Contudo, apenas um deles veio a público, o Protocolo de Acordo *Renault*-Estado do Paraná, o que permitiu identificar o volume de investimentos públicos efetuados em uma empresa privada de capital estrangeiro durante a gestão do governo Jaime Lerner. Enquanto isso, Oliveira (2003) afirmava que a estratégia de decisão foi dando cada vez mais sustentação a um modo de regulação neoliberal. Os *déficits* da economia paranaense ampliaram-se de modo significativo, colocando o Estado do Paraná à beira da falência.

Para promover o desenvolvimento industrial acumulou-se um crescente endividamento externo, inviabilizando qualquer possibilidade de crescimento autossustentável, conduzindo o Estado a graves problemas estruturais. São fatos que contradizem a própria retórica neoliberal, que sustenta a opinião de que a política de abertura comercial e de privatizações visa equilibrar as finanças.

Reiteramos que a localização das indústrias no Brasil e no Paraná parecem seguir um processo comum em todas as partes do mundo. Em regra geral neoliberal em um primeiro momento há muita concentração industrial em uma determinada região e depois, o período da dispersão.

Tércio (2007) defende que os estados do, Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul se depararam com um processo de industrialização bem semelhante, ou seja, a atividade industrial nasceu com pequenas indústrias, baseada em matérias-primas agropecuária e era dirigida para o mercado regional, só mais tarde atingiu o mercado nacional. Assim, o Rio Grande do Sul está entre os estados mais industrializados do país possuindo o parque industrial dinâmico e diversificados com ramos industriais: alimentício, de couro, de calçados, petroquímico, automobilístico, tabagista e da construção civil, entre os principais.

No Paraná, a RMC passou a ser conhecida como um território polo automobilístico brasileiro com a *Audi, Volkswagen, Renault, Chrysler e Volvo*. Em Santa Catarina, o Vale do

Itajaí com indústrias têxteis e de cristais e a principal área industrial, tendo e, Joinville e Concórdia como polos industriais nas atividades dos segmentos: cerâmica e de frigoríficos, respectivamente.

Carleial (1996) em estudo sobre a industrialização paranaense, entende que essa ocorreu tardiamente e não tão dinâmica quando comparado ao Estado de São Paulo que é o detentor do maior parque industrial brasileiro. É significativo esse entendimento para compreender o peso das transformações da indústria mais recentemente. Carleial, esclarece, também que partir da década de 1990 a RMC tem seu espaço definitivamente integrado e reconhecida no contexto da economia nacional, afirmando que esse fato resulta de uma série de transformações ocorridas na estrutura produtiva do Paraná nas suas bases agrícola e industrial. Relata ainda que os ramos de material de transporte, material elétrico e de comunicação, mecânica e metalurgia apresentaram resultados econômicos e sociais mais satisfatórios para o Estado no período de 1991-1994.

Conforme Gomes (2011) o processo de desconcentração industrial é caracterizado pela realocação industrial, em que muitas empresas dos ramos metal-mecânico se deslocaram do Estado de São Paulo para o Estado do Paraná. No setor automobilístico, com a instalação de um polo autoindustrial, ocorreu um movimento de reespecialização geográfica da produção, com a Renault instalada no município de São José dos Pinhais e a aliança entre *Renault/Nissan* em Curitiba, entre outras.

O processo de desconcentração industrial verificado no país após 1970, procurando identificar a direção do movimento para além do Estado de São Paulo, com apontamento para a região Sul do Brasil. O Paraná foi dos estados brasileiros que mais aumentaram participação na produção industrial. “Embora os três estados sulinos tenham aumentado suas participações nacionais, Paraná e Santa Catarina apresentaram resultados bem melhores do que o Rio Grande do Sul” (CANO, 1997a, p.118).

Segundo Cano (1997a) a Região Sul do Brasil foi a que mais se destacou na participação industrial em 1995 atingindo 18,1% devido a desconcentração motivada pela decisão política do Governo Federal na instalação do terceiro polo petroquímico nacional, e com o expressivo desempenho agroindustrial; de produção de máquinas agrícolas e tratores, equipamentos em geral; material elétrico e de transporte.

Cano (1997b) afirma que além da prática do expediente guerra fiscal, a região tem apresentado condições adequadas em relação à mão-de-obra, urbanização, agricultura moderna, etc. e com grau avançado de desconcentração do investimento industrial.

Bragueto (2008) sintetiza que essas transformações e os dados estatísticos utilizados permitiram listar as condições para os seguintes aspectos: i) estruturalmente há uma diversificação na composição interna dos ramos industriais, com uma queda relativa daqueles dos segmentos mais tradicionais; ii) acontece uma elevação da participação de novos ramos, como a metalurgia, a mecânica, material elétrico e de comunicações, material de transporte e química; iii) ampliação na escala de produção e aumento de produtividade com o uso de tecnologias mais avançadas; iv) surge, ainda que timidamente, relações de compra e venda no próprio Estado, aumentando os fluxos interindustriais; v) ocorre a confirmação de oligopólios, como resultado da penetração de capital estrangeiro e de outras grandes indústrias já radicadas no Brasil.

Para Trintin (2001), a instalação da Cidade Industrial de Curitiba teve um papel fundamental tanto no crescimento do parque industrial quanto na determinação de sua concentração no entorno de Curitiba.

Em função da concentração industrial na RMC, para onde os investimentos foram e são extremamente desiguais em relação ao interior do Estado pela diferença de infraestrutura e as condições geopolíticas e logísticas que a favorecem para a atração e decisão de investimentos. Portanto, ainda que se fale em desconcentração industrial, as forças de concentração prosseguem fundamentais para explicar a espacialidade industrial no Paraná.

As regiões do interior, dentro de suas condições, continuavam assediando e atraindo segmentos industriais e principalmente agroindústrias, estas por questões logísticas apresentam tendências em se estabelecer mais próximas das origens dos insumos para produção do bem final. “[...] as demais buscavam os benefícios fiscais, as facilidades da infraestrutura da Cidade Industrial de Curitiba e as economias de aglomeração já existentes na região da capital” (TRINTIN, 2001, p.101).

Fica evidente que existe um descompasso entre o desenvolvimento industrial da RMC em relação ao interior, iniciando-se pelos investimentos e o adensamento tecnológico, complexidade e diversificação do parque industrial metropolitano mais recente.

A participação do Paraná como novo espaço industrial no âmbito da desconcentração industrial brasileira ocorre especialmente com as plantas do setor automotivo. Embora esteja sendo difundido recentemente, já havia alguns investimentos precedentes, com os primeiros investimentos na década de 1970, mediante a criação da Cidade Industrial de Curitiba (CIC) e a instalação de multinacionais como a *Volvo* do Brasil e a *New Holland* (atualmente *CNH*). O segundo ocorreu nos anos 1990, quando se instalaram no Paraná indústrias como *Renault*, *Nissan*, *Chrysler* e *Volkswagen*.

Nesse contexto, uma transformação expressiva na estrutura industrial paranaense, que se configura com maior relevância em Curitiba e está relacionada às instalações industriais com investimentos nacionais e estrangeiros, cuja escala de produção personaliza a capital do Estado com elevado grau de concentração da produção industrial e uma acentuada concentração de indústrias oligopolizadas.

De acordo com Oliveira (2003), a RMC no período de 1995-2000 foi responsável por 73% dos investimentos, se apresentando como um dos principais polos da indústria automobilística do país devido aos efeitos dos investimentos diretos e indiretos realizados na região. Nela o setor de serviços em geral e as externalidades econômicas advindas dos investimentos industriais se expandem consideravelmente. Os investimentos destinados às regiões não metropolitanas foram direcionados a modernização das atividades primárias tradicionais fortalecendo a agroindústria do interior do Estado.

1.2 PANORAMA GERAL DA INDÚSTRIA

Como um segundo item desta parte, preparamos um panorama geral da indústria paranaense, apresentando dados que mostram o crescimento industrial recente do Paraná, no cenário nacional, sinalizando os segmentos que mais cresceram, contextualizando tais dinâmicas e considerando fatos internacionais. Apresentamos também dados da indústria de transformação, mostrando os ramos que ganham projeção e os que perdem relativamente sua participação na produção geral. Sistematizamos nessa apresentação geral a indústria quanto a intensidade de tecnologia, como se apresentam e volume de exportação de acordo com isso. Por fim, abordamos dados referentes aos empregos.

Como assinalamos antes, a região Sul passa a compor de modo mais efetivo a espacialidade industrial brasileira com o processo de desconcentração econômica do Sudeste, por causa da sua proximidade geográfica e à densa rede de transportes e comunicações, além de várias empresas nacionais e estrangeiras têm sido atraídas para a região, sobretudo pelo canal geográfico e comercial propiciado pelo bloco econômico do Mercosul. Neste contexto, focalizamos como o Paraná tem participado desse processo.

1.2.1 Dinâmica da produção física da indústria paranaense

A dinâmica da produção física da indústria paranaense pode ser aferida de várias maneiras, como no total de emprego e renda gerados, o total de embalagens utilizadas, a produção industrial, as vendas no comércio, etc. Dessa forma, a Pesquisa Industrial Mensal – Produção Física (PIM-PF), realizada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE, permite que seja retratada a produção industrial realizada pelas empresas e assim se tornando um importante indicador da geração de emprego e renda.

De acordo com IBGE (2013), no indicador acumulado de produção física da indústria¹³, o setor industrial nacional em 2013 expandiu 1,6%, o Paraná 4,0% e os estados da Bahia 5,8%, Rio Grande do Sul 5,6%, Goiás 4,6% Ceará 2,8% e São Paulo 2,0% de crescimento. Portanto, o Paraná superou a média nacional e a razão desses resultados se deve ao maior dinamismo por fatores relacionados ao aumento na fabricação de bens de capital e de bens de consumo duráveis, além da maior produção vinda dos setores de refino de petróleo e produção de álcool, produtos têxteis, calçados e artigos de couro e alimentos.

O desempenho da indústria de transformação e dos segmentos industriais, de acordo com as atividades no período 2004-2012 mostra a dinâmica da produção física industrial do Estado do Paraná (Tabela 2).

Os resultados parecem estar baseados em uma política industrial mais ampla. Nessa linha Passos e Campos (1997) argumentam que:

O desempenho positivo ou negativo da indústria estadual, assim como da nacional, vem sendo amplamente direcionado pelas medidas de política econômica adotada pelo Governo Federal, uma vez que as medidas tomadas repercutem diretamente sobre setores específicos ou sobre a indústria como um todo. O que varia é a intensidade desses efeitos sobre o desempenho face à composição do produto industrial em termos de gêneros e, também, internamente aos mesmos (PASSOS; CAMPOS, 1997, p. 40).

Tabela 2: Paraná. Taxas de crescimento acumuladas da produção física da indústria, segundo atividades, período 2004-2012

SEÇÕES E ATIVIDADES INDUSTRIAIS	TAXA DE CRESCIMENTO (%)		
	2004-2008	2008-2012	2004-2012
Alimentos	2,73	6,21	9,11
Bebidas	23,36	20,16	48,23
Madeiras	-28,71	7,33	-23,48
Celulose, papel e produtos de papel.	27,22	4,65	33,14
Edição, impressão e reprodução de gravações.	28,53	51,02	94,10
Refino de petróleo e álcool	14,71	5,27	20,75

¹³ Compara a produção acumulada no ano, de janeiro até o mês de referência do índice, em relação a igual período do ano anterior.

SEÇÕES E ATIVIDADES INDUSTRIAIS	TAXA DE CRESCIMENTO (%)		
	2004-2008	2008-2012	2004-2012
Outros produtos químicos	-31,57	-4,64	-34,75
Borracha e plásticos	24,15	7,99	34,07
Minerais não metálicos	31,62	7,73	41,79
Produtos de metal (exclusive máquinas e equipamentos)	9,59	15,31	26,37
Máquinas e equipamentos	16,73	6,64	24,48
Máquinas, aparelhos e materiais elétricos.	45,50	11,45	62,17
Veículos automotores	55,54	24,80	94,12
Imobiliário	0,43	16,83	17,33
Indústria de transformação	15,70	12,91	31,96

Fonte: IBGE, Diretoria de Pesquisas, Coordenação de Indústria.

NOTA: Na revisão do cálculo da Produção Industrial Mensal - Produção Física (PIM-PF) regional, Indicadores da Produção Industrial por Seções e Atividades de Indústria – Paraná. Base: últimos doze meses anteriores = 100.

Dentro de um contexto mais geral, a dinâmica da produção física da indústria paranaense revela expansão durante os anos iniciais da estabilização monetária que ocorreu a partir de 1999; o compasso mais lento na parte intermediária do processo de estabilização ocorrido no período 1999-2002, marcado pela sequência de crises financeiras internacionais, como a crise da brasileira no final de 1994 e início de 1995, Turquia e Argentina em 2001 como consequência a dependência de capitais voláteis, juros altos, novos empréstimos; a valorização da taxa real efetiva de câmbio em três anos (2000, 2003 e 2004) com o aumento das exportações que proporcionou a taxa de crescimento da indústria superando, inclusive, ao crescimento da economia brasileira entre 2005 e 2008.

O resultado acumulado de 15,7% no período 2004-2008 mostrou bons desempenhos na maioria das atividades setoriais que variou entre 0,43% a 55,54%. As atividades madeira e outros produtos químicos apresentaram com desempenhos negativos e muito tem a ver com o processo de desindustrialização e doença holandesa¹⁴, conforme estudo do Instituto de Estudos para o Desenvolvimento Industrial - IEDI divulgado em 22/12/2009 no Valor Econômico, que afirma que dentro desse período o saldo comercial da indústria salta de 17,09 bilhões de dólares para -4,83 bilhões de dólares em 2009. A partir de 2003 houve ampliação da política de exportações, e a partir de 2006 da política industrial. Durante o governo FHC não houve nenhuma política industrial de financiamento ou apoio.

No período de 2008-2012 a produção física da indústria do Paraná acumulou crescimento de 12,91% de crescimento, inferior às taxas do período 2004-2008 (15,7%), em função, sobretudo, da crise americana iniciada no segundo semestre de 2007 a setembro-outubro de 2008 com disseminação na Europa e Japão.

¹⁴ Segundo Bresser Pereira (2008), a doença holandesa é o fenômeno da valorização da taxa de câmbio, provocada pela entrada de divisas internacionais provenientes da comercialização da riqueza natural abundante (gás no caso Holandês).

A consequência se refletiu na redução dos créditos externos, desvalorização cambial com retração de investimentos financeiros que passou de 21,3% em 2010 para 4,7% em 2011, quedas nos preços das *commodities*; desaceleração do ritmo de crescimento econômico; baixo desempenho do PIB e principalmente do setor industrial e do setor agropecuário, retração nas exportações.

No período 2008-2012, exceto a atividade outros produtos químicos em que a produção reduziu em 4,64% as demais atividades apresentaram desempenhos positivos que variou entre 2,73% e 55,54%.

A diminuição no ritmo da produção da indústria de transformação do Paraná na passagem entre os períodos 2004-2008 e 2008-2012, observada na pesquisa, com destaque para as perdas assinaladas nos segmentos: celulose, papel e produtos de papel (22,57%), refino de petróleo e álcool (9,44%), máquinas e equipamentos (10,09%), máquinas, aparelhos e materiais elétricos (34,05%) e veículos automotores (30,74%).

Com os resultados alcançados entre esses dois períodos foram reflexos do comércio internacional, com ênfase na crise americana a chamada bolha imobiliária que alterou os níveis de crescimento da indústria de transformação que influenciou na unidade produtiva do segmento de refino de petróleo e produção de álcool e veículo automotores que acelerou o ritmo de queda.

O desempenho no período 2004-2012 foi expressivo na indústria de transformação paranaense com o crescimento real de 31,96% da produção física. Os desempenhos negativos foram registrados para as atividades madeira e outros produtos químicos, enquanto que nas demais atividades as taxas oscilaram entre 9,11% e 94,12%.

Segundo o IBGE (2012), o crescimento acumulado do Paraná no período 2004-2011 foi ainda mais significativo e o índice superou a 38,35% enquanto que os níveis de produção física nacional apontou crescimento de 10,5% o que credencia que o Paraná vem consolidando sua posição como um dos estados mais atraentes em investimentos industriais do país.

Considerando o crescimento acumulado entre 2004-2012 às atividades industriais bebidas; máquinas, aparelhos e materiais elétricos; edição, impressão e reprodução de gravações e veículos automotores foram as que mais se destacaram em relação ao desempenho da produção física do Paraná.

A melhoria de condição de vida da população, a recuperação do emprego e da renda e os impactos da ampliação dos programas de transferências de renda do Governo Federal, principalmente nas classes de baixa renda, alguns segmentos da indústria paranaense e

brasileira foram beneficiados e responderam com o crescimento da produção física da indústria.

Desse modo, a fabricação de veículos automotores foi o ramo que mais se destacou na produção física atingindo crescimento acumulado de quase 95% no período 2004-2012 com a contribuição das facilidades de crédito e prazos de financiamento, além do aumento da demanda interna e externa por ônibus e caminhões.

Ao comparar índice de crescimento da produção da indústria de transformação o Paraná foi beneficiado por uma significativa evolução no período 2004-2008, quando a produção física subiu 15,7% reduzindo 2,79% em relação ao período 2008-2012.

Dessa forma, o desenho da produção física da indústria de transformação do Paraná mostra os segmentos madeiras e outros produtos químicos com taxas negativas na produção no acumulado do período 2004-2012, mesmo com o ramo madeireiro apresentando sinais de recuperação no período de 2008-2012 devido a maior produção de madeira densificada (MDF), painéis de partículas de madeira, madeira compensada e madeira serrada, aplanada e polida, o ramo vem apresentando sinais de recuperação na produção e comercialização (IBGE; IPARDES, 2013).

1.2.2 Valor de Transformação Industrial do Paraná

Antes das considerações acerca do valor de transformação industrial, trataremos nesse item sobre a quantidade das indústrias de transformação das cidades paranaenses, porém, trataremos somente das cidades que possuem acima de 200 estabelecimentos industriais notadamente nos anos de 2011 e 2012, não sendo consideradas as cidades com número menor 200 de estabelecimentos industriais no período de 2008-2012. Nessa abordagem as atividades da indústria de transformação comumente são desenvolvidas em plantas industriais e fábricas, utilizando máquinas movidas por energia motriz e outros equipamentos para manipulação de materiais, como por exemplo, as indústrias automobilísticas, eletrônicas, papel e celulose no (FIEP, 2014).

Santos (1982) destaca que o modo de produção, formação social e espaço, são categorias interdependentes. Todos os processos que juntos, formam o modo de produção (produção propriamente dita, circulação, distribuição, consumo), são histórica e espacialmente determinados em um movimento de conjunto, e isto através de uma formação social. Tais como as relações entre espaço e formação social são de outra ordem, pois elas se fazem num

espaço particular e não num espaço geral, assim como os modos de produção. Os modos de produção escrevem a história no tempo, as formações sociais escrevem-na no espaço.

As indústrias de transformação, em geral, produzem bens tangíveis (mercadorias). Algumas atividades de serviços são também incluídas no seu âmbito, tais como os serviços industriais, a montagem de componentes de produtos industriais, a instalação de máquinas e equipamentos e os serviços de manutenção e reparação. (CONCLA, 2014).

Para identificar a quantidade de indústrias de transformação nos municípios que operam com mais de 200 estabelecimentos industriais, os dados mostrados na Tabela 3 permitem essa análise dos principais municípios industriais do Paraná.

Segundo o IBGE (2013) as cidades detentoras de mais de 200 estabelecimentos industriais estão geograficamente localizadas em diversas regiões do país. No Paraná os dados da Rais (2012) revelam que somente 7,27% das cidades paranaenses possuem mais de 200 estabelecimentos industriais. Geograficamente esses estabelecimentos estão localizados nas mesorregiões: RMC (oito), Norte Central (oito), Oeste (quatro), Noroeste (três), Sudoeste (dois), Centro Ocidental (um), Centro Sul (um), Centro Oriental (um) e Sudoeste (um).

Especificamente na Mesorregião Centro Ocidental apenas a cidade de Campo Mourão se enquadra na relação das cidades brasileiras com mais de 200 estabelecimentos industriais, nessa região as cidade de Terra Boa, Goioerê e Ubitatã se destacam com 99, 66 e 64 estabelecimentos industriais.

Tabela 3: Paraná. Quantidade de indústrias de transformação com mais de 200 estabelecimentos industriais por cidade, período 2008-2012

CIDADE/ESTADO	ANO					Média 2008-2012
	2008	2009	2010	2011	2012	
Curitiba	4.480	4.708	4.672	4.823	4.955	4.728
Maringá	1.845	1.903	2.037	2.025	2.110	1.984
Londrina	1.719	1.781	1.762	1.765	1.846	1.795
São José dos Pinhais	1.025	1.015	1.073	1.126	1.130	1.074
Cascavel	825	912	963	1.036	1.089	965
Apucarana	910	937	977	1.007	1.050	976
Pinhais	753	770	810	814	804	790
Ponta Grossa	695	726	721	742	753	727
Cianorte	699	755	723	771	750	740
Colombo	614	629	662	693	715	663
Arapongas	509	501	518	536	559	525
Toledo	454	478	477	506	532	489
Cambé	369	366	385	461	437	404
Umuarama	368	391	404	424	436	405
Campo Largo	376	408	407	412	418	404
Araucária	349	367	391	389	413	382
Guarapuava	382	372	366	376	401	379
Pato Branco	292	301	314	338	374	324
Foz do Iguaçu	308	320	321	351	365	333
Paranavaí	254	265	286	288	334	285
Francisco Beltrão	292	307	317	315	333	313

CIDADE/ESTADO	ANO					Média 2008-2012
	2008	2009	2010	2011	2012	
Sarandi	259	269	272	301	310	282
Campo Mourão	224	236	256	264	281	252
Rolândia	261	266	277	284	273	272
Almirante Tamandaré	221	225	248	256	256	241
Fazenda Rio Grande	172	190	191	201	229	197
Mandaguari	183	196	207	218	225	206
Marechal Cândido Rondon	192	197	217	221	217	209
União da Vitória	204	212	207	217	217	211
Estado do Paraná	29.777	31.142	31.852	33.270	34.244	32.057

Fonte: Relação Anual de Informações Sociais (Rais) - Atividade Econômica (Subsetores do IBGE)

As mesorregiões onde estão localizados os municípios com mais 200 estabelecimentos industriais por cidade estão distribuídas assim: RMC com (28,54%); Norte Central (19,75%), Oeste (6,43%), Noroeste (4,44%) e demais (6,88%) da totalidade do Estado. A Mesorregião Norte Pioneiro não tem registro de cidades que se enquadrem nesse parâmetro de estudo. A quantidade de cidades com menos de 200 indústrias correspondem a 33,96% dos estabelecimentos industriais do Paraná.

As cidades de Cianorte, Arapongas e Apucarana, estão entre as cidades paranaenses com mais de 200 estabelecimentos industriais, foram apoiadas nas micro e pequenas empresas, graças a esse apoio, iniciou-se o setor de confecção em Cianorte, o parque moveleiro em Arapongas e a confecção de bonés em Apucarana. Segundo Fresca (2004) esses investimentos locais vêm contribuindo no processo de desenvolvimento local e regional e que na motivação novos investimentos são concretizados inclusive no comércio, como uma resposta a externalidade econômica.

Através dos dados da Tabela 3 classificamos as cidades em quatro grupos de acordo com a quantidade de estabelecimentos industriais para mensurar a participação de cada grupo em relação à totalidade Estado no ano de 2012 (Figura 2).

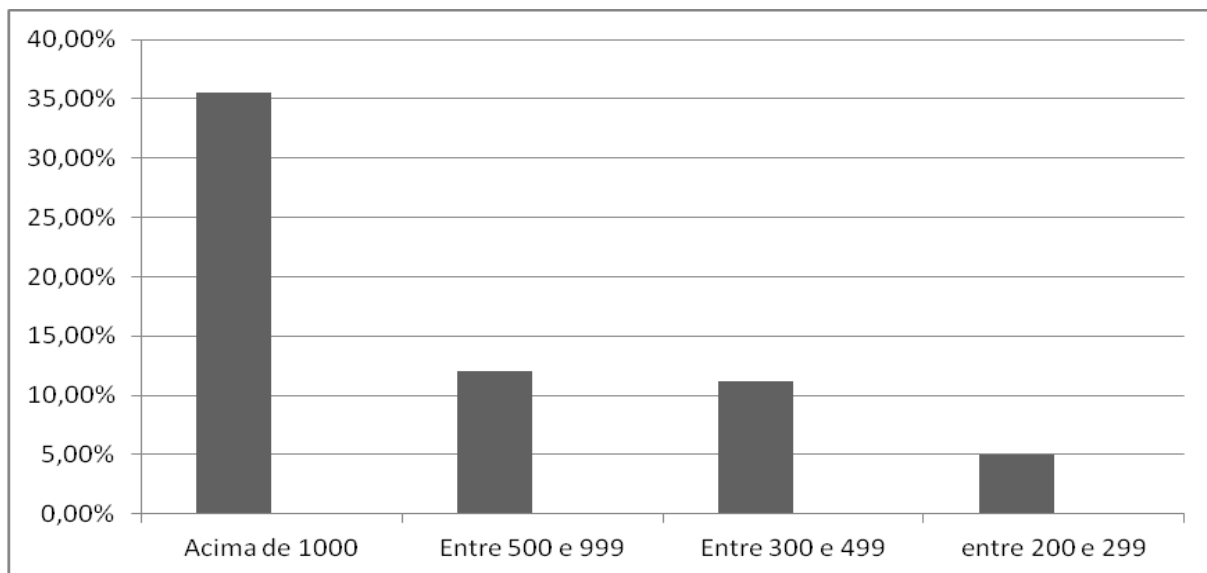


Figura 2: Paraná. Grupos de cidades com participação na totalidade dos estabelecimentos das indústrias de transformação de acordo com as escalas, 2012

Fonte: Relação Anual de Informações Sociais (RAIS) - Atividade Econômica (Subsetores do IBGE)

As cidades de Curitiba, Maringá, Londrina, São José dos Pinhais, Cascavel e Apucarana tem mais de 1000 estabelecimentos industriais de transformação, juntas representam 35,57% da totalidade do Estado, somente a cidade de Curitiba responde por 14,47%. Em um grupo intermediário entre 500 e 999 estabelecimentos industriais que corresponde a 12,01% da totalidade do Paraná estão às cidades de Pinhais, Ponta Grossa, Cianorte, Colombo, Araçongas e Toledo.

Outro grupo de cidades composto por 300 a 499 estabelecimentos industriais é formado pelas cidades de Cambé, Umuarama, Campo Largo, Araucária, Guarapuava, Pato Branco, Foz do Iguaçu, Paranavaí, Francisco Beltrão e Sarandi somando 11,16% dos estabelecimentos industriais do Estado e finalmente o grupo de cidades com mais de 200 e menos que 300 estabelecimentos industriais que é composto pelas cidades de Campo Mourão, Rolândia, Almirante do Tamandaré, Fazenda do Rio Grande, Mandaguari, Marechal Cândido Rondon e União da Vitória que representam 4,96% da totalidade.

Na presente análise entre 2008 e 2012, a taxa de crescimento da cidade Fazenda Rio Grande atingiu 33,14% e foi o maior destaque entre municípios com 200 estabelecimentos industriais. Em seguida estão Cascavel (32%), Paranavaí (31,5%), Pato Branco (28,08%) e Campo Mourão (25,45%) que em média não atinge 1% de participação do Estado. A evolução no parque industrial desses municípios propiciaram melhorias no desempenho do valor adicionado devido às modificações no perfil das indústrias instaladas cuja intensidade de parte delas é maior em capital do que em mão-de-obra.

Diante do cenário recente, o maior poder concentração dos estabelecimentos das indústrias de transformação está localizado nas regiões de Curitiba, Maringá, Londrina e Cascavel, além de outras cidades polos como Apucarana, Cianorte, Araçongas com tradição no setor industrial do interior paranaense. As microrregiões de Prudentópolis, Guarapuava, Pitanga, Ivaiporã, Campo Mourão e Goioerê com baixos indicadores nas atividades industriais ficam mais suscetíveis às atuações de políticas públicas dos governos estadual e federal por apresentarem limitações no segmento manufatureiro.

Considerando os municípios situados entre 70 e 87 mil habitantes de acordo com o Censo Demográfico de 2010 (Campo Mourão, Sarandi, Paranavaí, Francisco Beltrão, Pato Branco e Cianorte) que possuem mais de 200 estabelecimentos industriais do Paraná, a melhor média de estabelecimentos pertence à Cianorte que tem a menor população entre esses municípios. A menor média de estabelecimentos ficou com Campo Mourão que tem população a maior entre os municípios de Sarandi, Paranavaí, Francisco Beltrão, Pato Branco e Cianorte.

Assim, no final do século XX o setor industrial do Estado ampliou e diversificou sua capacidade instalada e interiorizou a distribuição espacial para regiões como menos tradição no setor. Pela ótica de Nojima (2002), os efeitos dessa reformulação se refletiram na diminuição da dependência excessiva do complexo da soja e na maior presença do material de transporte nas exportações do Estado.

A seguir trataremos da participação dos principais grupos de atividades industriais em relação à totalidade das indústrias de transformação no período 2007-2011 com o intuito de mostrar a importância dos segmentos do setor industrial na economia do Paraná (Tabela 4).

O setor estratégico¹⁵ nos remete a uma avaliação da importância econômica e do desempenho da indústria do Paraná no Brasil. Nesse sentido, o Paraná representando em média 5,87% do PIB nacional no período 2007-2012. Sobre o Valor da Transformação Industrial (VTI) a participação do Paraná em relação ao Brasil foi de 7,3% no período 2007-2011 (IPARDES, 2013).

¹⁵ Os grupos de atividades vinculadas à indústria do petróleo e à fabricação de veículos automotores (produção de automóveis, camionetas e utilitários e fabricação de caminhões e ônibus), apresentaram aumento na participação dos investimentos (IPARDES, 2011).

Tabela 4: Paraná. Participação do Valor da transformação industrial dos principais grupos de atividades industriais, com cinco ou mais pessoas ocupadas, período 2007 a 2011 (percentual)

GRUPOS DE ATIVIDADES ECONÔMICAS (CNAE 2.0)	PARTICIPAÇÃO DO VTI (%)				
	2007	2008	2009	2010	2011
Veículos automotores	13,1	15,0	16,4	16,8	21,0
Produtos alimentícios	18,9	18,1	19,0	20,2	19,7
Coque, de prod. derivados do petróleo e de biocombustíveis.	21,1	22,1	19,4	16,1	17,4
Produtos Químicos	6,0	5,5	4,8	4,7	4,4
Móveis	2,3	1,9	2,3	2,5	2,5
Informática, eletrônicos e ópticos	3,4	2,9	3,1	2,5	2,5
Produtos de metal	3,0	2,8	2,9	3,0	2,7
Celulose e papel	5,4	5,0	5,1	4,4	4,3
Máquinas e equipamentos	4,8	5,4	4,5	5,5	4,2
Máquinas e materiais elétricos	2,4	2,2	2,7	2,8	2,4
Vestuário	1,9	1,3	1,8	2,0	2,3
Borracha e plásticos	2,2	1,9	2,1	2,4	2,1
Bebidas	1,9	1,9	2,1	2,1	1,8
Metalúrgica	1,6	2,0	1,5	2,1	1,1
Têxteis	1,2	1,0	1,3	1,2	1,1
Manutenção, reparação, e instalação de maq/equipamentos.	0,7	0,7	0,7	1,1	1,1
Produtos de minerais não-metálicos	2,9	2,9	3,6	3,2	2,9
Produtos de madeira	4,2	4,1	2,7	3,2	2,9
Produtos diversos	1,0	1,0	1,3	1,1	1,1
Impressão e reprodução de gravações	0,5	0,5	0,5	0,9	0,8
Fumo	0,3	0,7	0,8	0,8	0,7
Farmoquímicos e farmacêuticos	0,6	0,6	0,8	0,7	0,6
Couros e calçados	0,5	0,4	0,5	0,6	0,4
Outros equipamentos de transporte	0,1	0,1	0,1	0,1	0,0
Total Indústria de transformação	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0

Fonte: IBGE – Pesquisa Industrial Anual (2013)

O Valor da Transformação Industrial (VTI) do Paraná aumentou 28,3% no período de 2007-2011 da produção industrial (indústria de transformação e indústria extrativa) do Estado, enquanto que o desempenho em nível nacional que foi de 29,3%. Em linhas gerais nos grupos de atividades econômicas com os produtos alimentícios o Paraná demonstrou melhores resultados que o Brasil (IBGE, 2013).

Nessa breve discussão, algumas reflexões sobre o desempenho da indústria paranaense são pertinentes, pois os dados preliminares apontam que o processo de mudança estrutural da indústria tendo como viés a concentração dos ganhos nas três atividades principais que representam 58,1% de participação no VTI no período 2007-2011.

Nesse cenário observamos os avanços, da indústria automotiva, produtos alimentícios e das atividades vinculadas ao petróleo. Dessas três atividades o segmento automotivo superou ano a ano sua participação no total do VTI, enquanto que as atividades vinculadas ao petróleo apresentaram participação em queda a partir de 2009 e nas atividades de produtos alimentícios ocorreu leve queda no ano de 2011.

O desempenho da cadeia do segmento automotivo advém da busca de maior especialização produtiva das empresas paranaenses em adequação a concorrência entre as indústrias nacionais e multinacionais. Contudo, isso pode ser atribuído, também, às ações articuladas entre essa atividade e subatividades tem assegurado avanço do Estado no VTI setorial brasileiro que implicou em empregos do setor. Entendemos que a expressiva participação do segmento automotivo no setor industrial reduz as possibilidades de queda no VTI.

Trintin e Campos (2013) argumentam que, dentre as mudanças ocorridas na estrutura do setor industrial toma relevância a perda de importância relativa dos produtos alimentares, madeira e têxtil que detinham grande participação no VTI do Paraná até o início da década de 1970 e passaram a ceder espaço perante os gêneros que implicavam em maior elaboração e de tecnologias mais desenvolvida, como química e o grupo metal-mecânica que se fortaleceram a partir dos anos 1970.

No entanto período 2007-2010 a participação das atividades vinculadas aos produtos alimentícios foram superiores ao segmento automotivo, assim como a atividade coque, derivados de petróleo e biocombustíveis apresentou desempenho superior ao dos segmentos automotivo e produtos alimentícios no período 2007-2009 em participação. Em 2011 o segmento automotivo passa a ter a maior participação no VTI.

Como define Trintin e Campos (2013) apesar da perda de importância relativa no conjunto estadual dos gêneros dos produtos alimentares, madeira e têxtil, isto não representou um processo de estagnação, pois a exemplo do gênero, produtos alimentares ainda permaneceram como importantes na estrutura da indústria estadual, porém o ponto alto foi o processo de inserção na modernização ocorrida a partir desse período, pelas exigências da maior integração no mercado nacional e internacional, principalmente pelo crescimento da população mundial e a elevação da renda nacional.

No decorrer do período 2007-2011, a indústria de transformação paranaense ficou praticamente estável e em média foi responsável por 99,51% da totalidade da produção industrial do Estado (soma da produção da indústria de transformação e indústria extrativa). As atividades: produtos químicos, celulose e papel, máquinas e equipamentos, produtos de madeira, metalurgia, foram as atividades com desempenho negativos no período em termos de participação no VTI. Essas quedas estão relacionadas com as perdas em atividades com maior agregação de valor (a consolidação de algumas indústrias voltadas quase que exclusivamente à montagem de produtos, com a importação dos componentes, as alterações na estrutura produtiva regional).

De outro lado, os segmentos: máquinas e equipamentos, materiais não metálicos, produtos de metal, informática, eletrônicos e ópticos, máquinas e materiais elétricos, borrachas e plástico, bebidas, metalurgia, têxteis, produtos diversos, fumo, farmoquímicos e farmacêuticos, couros e calçados e outros equipamentos de transporte que representam 23,6% do VTI do Paraná ficaram estagnados, ou seja, mantiveram os padrões de participação de 2011. Com exceção de produtos alimentícios, petróleo e veículos automotivos, os segmentos: móveis, vestuário, manutenção, reparação e instalação de máquinas e equipamentos e impressão e reprodução de gravações apresentaram crescimento de participação e correspondem a 6,7% do VTI.

Assim levantamos a questão que a indústria de transformação possui grande participação no VTI, nos levando a entender que a mudança estrutural verificada no processo industrial brasileiro e em consequência no Paraná mostrou rigidez na sua estrutura produtiva. No entanto, é razoável entender as tendências atuais e futuras à especialização nas atividades intensivas em recursos naturais e na indústria de automotores paranaense baseadas em vantagens comparativas e competitivas no cenário brasileiro, Assim como a diversificação dos produtos alimentícios corroborados pela matéria-prima regional e a adaptação às inovações tecnológicas passa a ser um forte aliado ao desenvolvimento industrial.

O dinamismo do setor industrial tem laços vinculados às mudanças tecnológicas com vistas ao aumento dos níveis de produtividade, competitividade de mercado interno e globalizado na produção de produtos de qualidade e de menor custo para atendimento às expectativas de demanda. A tendência atual é a inovação tecnológica e cada país de acordo com suas potencialidades busca a níveis mais elevados de intensidade tecnológica que oferece a oportunidade de agregar mais valor aos insumos básicos de produção.

Na produção do espaço é indispensável considerar o uso da tecnologia, da cultura e, fundamentalmente a organização da sociedade na gestão dos espaços dentro os territórios. No caso do modo de produção capitalista, é imposto o ritmo de acumulação que implica uma dotação diferencial de instrumentos de trabalho, e com isso resulta em uma distribuição no espaço “desigual e combinada” que é próprio do sistema capitalista Santos (1996).

O Valor de Transformação Industrial de acordo com a intensidade tecnológica será analisado de acordo com dados dispostos sobre os níveis tecnológicos utilizados na produção industrial (Figura 3).

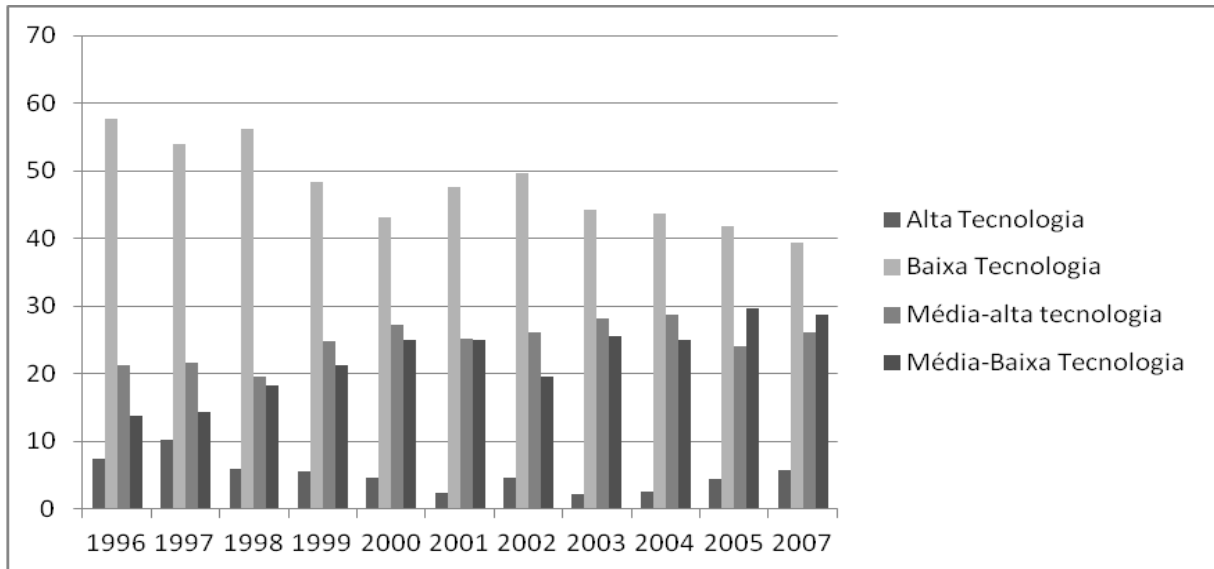


Figura 3: Paraná. Distribuição do Valor de Transformação Industrial, segundo intensidade tecnológica, 1996-2007

Fonte: IBGE - Produção Anual e Ipardes (2008)

A definição do período 1996-2007 para a análise do VTI segundo a intensidade tecnológica foi feita por dois motivos. Primeiro, porque nesse período a metodologia da Produção Industrial Anual (PIA) não sofreu alterações, evitando problemas quanto à classificação dos setores. Segundo, porque iniciando o estudo em 1996 os problemas relativos à conversão de valores da moeda que vigorava antes do real foram evitados. Não usamos o ano de 2006 por não encontrarmos dados durante as pesquisas.

Segundo o Ipardes (2008), no Paraná o maior grau de concentração industrial continua sendo Curitiba, porém grande avanço se constata no interior do Estado para todos os níveis de intensidade tecnológica. Cidades como Maringá, Londrina, Ponta Grossa, Toledo, Apucarana, Pato Branco apresentam expressividade nesse segmento e com tendências animadoras para o desenvolvimento tecnológico.

Em pesquisa realizada, observamos que os gêneros relacionados às indústrias de maior intensidade tecnológica nos últimos anos apontou predominância da RMC que responde por cerca 70% do total dos investimentos, contra pouco mais de 30% destinados ao interior do Estado. Essa proporção tem se mantido como tendência devido a tradição e as condições mais favoráveis aos municípios da RMC.

Essa tendência se aprofunda para outras cidades que estavam na busca pela evolução industrial, caso de Campo Mourão município polo regional com indústrias de instrumental

médico, produtos em papéis e filmes autoadesivos, montagem de placas de circuitos impressos e conjuntos eletrônicos.

Para o Iparades (2008) em uma avaliação da indústria paranaense de maior intensidade tecnológica, em termos de relevância e de competitividade, recomenda o conhecimento da estrutura dessas indústrias e exame detalhado das atividades que a compõem, a partir da classificação dos grupos de alta e média-alta intensidade tecnológica em que se trata de bens de capital e de bens de consumo duráveis que pelas características de seus produtos proporciona acentuado retorno aos investimentos.

A indústria enquadrada na classificação alta e baixa intensidade tecnológica mostraram perda de participação em detrimento as de média-alta e média-baixa intensidade tecnológica. Enquanto as indústrias de alta e de baixa intensidade tecnológica perderam espaços de participação no VTI com quedas de 24,0% e 31,89%, respectivamente, as atividades de média-alta e média-baixa intensidade tecnológica apresentaram evolução de 23,58% e 110,22%, respectivamente (Figura 3).

Em um estudo mais específico, os níveis de baixa e média-baixa intensidade tecnológica juntos em 2007 somaram 68,1% do VTI com concentração na fabricação de alimentos, madeira, metalurgia básica e papel e celulose. No lado mais depurado em termos tecnológicos, os segmentos industriais de média-alta e alta intensidade tecnológica somaram 31,9% do VTI com produção de automotores, indústria química e farmacêutica, entre outras (Figura 3).

A intensidade tecnológica verificada nos setores de média-alta e alta intensidade tecnológica não apresentaram um padrão de crescimento consistente, notadamente o setor da indústria de alta intensidade que somente nos anos iniciais dessa análise mostrou os melhores desempenhos, mas que ao longo do tempo poderão contribuir para um crescimento econômico mais expressivo e estabelecer novos rumos para o desenvolvimento da região.

Nessa linha podemos dizer que a existência da produção de bens em segmentos industriais de alta intensidade tecnológica é relevante para os resultados geoeconômicos das regiões e do país, apesar da baixa participação desses segmentos (Figura 3). A produção dessa linha exige um nível tecnológico mais avançado e mais investimentos em equipamentos, porém o uso de tecnologias mais avançadas melhora os índices de produtividade.

Souza (2005) ao se referenciar sobre o aumento dos investimentos em tecnologia entende que ele exerce efeitos quantitativos e qualitativos sobre o produto final, elevando os níveis de produtividade dos fatores de produção estendendo os efeitos agregativos às unidades produtivas. Quando se refere à produtividade total dos fatores o autor defende que é a única

variável capaz de sustentar um crescimento econômico no longo prazo com o fomento a indústria de alta intensidade tecnológica.

Nos estudos da indústria paranaense observamos relativa desigualdade quanto a distribuição espacial das indústrias mais intensivas em tecnologia. Em um estudo mais amplo, os setores de alta intensidade tecnológica estão localizados de maneira mais intensa nas regiões Sudeste e Sul, além da Região norte com o Estado do Amazonas produzem em alta intensidade tecnológica nos setores eletroeletrônicos.

Na referência ao mercado internacional nas quatro categorias de intensidade tecnológica das industriais o Paraná aumenta sua participação na totalização das exportações brasileiras. No que diz respeito às relações econômicas do Estado com o mercado mundial, de acordo com as exportações, no período entre 2000-2007, foi registrado variação de 181,12% na indústria, correspondendo ao crescimento de 25,87% ao ano (Tabela 5).

Tabela 5: Paraná. Exportação das indústrias de intensidade tecnológica, período 2000-2007

INTENSIDADE TECNOLÓGICA	VALOR DA EXPORTAÇÕES				VARIÇÃO 2000-2007
	2000 (US\$ FOB)	(%)	2007 (US\$ FOB)	(%)	
Alta	34.524.508	0,79	140.049.921	1,13	305,65
Média-Alta	1.188.032.216	27,04	3.505.368.006	28,38	195,06
Média-Baixa	113.649.466	2,59	578.693.675	4,68	409,19
Baixa	2.322.408.430	52,85	6.249.129.965	50,59	169,08
Subtotal	3.658.614.620	83,26	10.473.241.567	84,78	186,26
Outras exportações	735.547.056	16,74	1.879.615.905	15,22	155,54
TOTAL	4.394.161.676	100,00	12.352.857.472	100,00	181,12

Fontes: MDIC/ Secex e IparDES.

Segundo dados do Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior (MDIC), os produtos industriais registraram uma participação total de 83,26% e 84,78% na pauta de exportações paranaenses nos anos de 2000 e 2007, respectivamente.

As exportações dentro do conteúdo das indústrias de alta tecnologia, apesar de apresentar participação com resultados absolutos inferiores às demais categorias de intensidade tecnológica, foram depois das indústrias de média-baixa intensidade tecnológica de melhor desempenho de participação no total das exportações paranaenses.

No contexto geral, nas exportações das indústrias de baixa intensidade tecnológica houve uma pequena queda de participação, no entanto há indicativo de tendência de perda de participação devido ao crescimento dos investimentos nas demais categorias de intensidade tecnológica. No entanto as exportações das indústrias de baixa intensidade continuam com médias de participação superiores as demais categorias de intensidade

tecnológica, porém tiveram variação inferior à média estadual, ou seja, enquanto a média do Estado na indústria com intensidade tecnológica se encontrava em torno de 80% as indústrias de baixa intensidade girava em cerca de 50% nos anos de 2000 e 2007, demonstrados anteriormente.

No conjunto denotamos que as indústrias de média-alta e baixa intensidade tecnológica foram as mais significativas nos resultados totais das exportações com 79,89% (2000) e 78,97% (2007), respectivamente, significando que o Estado está evoluindo nesse sentido pelos resultados alcançados pela indústria de média-alta intensidade tecnológica, com exportações de bens de capital, como veículos automotores, máquinas e equipamentos produzidos no Paraná.

As exportações das indústrias enquadradas como média-baixa intensidade tecnológica (produtos metálicos, petróleo entre outros) foram as que apresentaram os melhores desempenho (400%) nas exportações, enquanto as exportações de alta intensidade tecnológica detiveram os menores valores absolutos nos anos de 2000 e 2007.

De acordo o Banco Central (2014) - semelhante ao desempenho da indústria de intensidade tecnológica brasileira, notadamente nos estados de São Paulo, Rio de Janeiro e Minas Gerais, as exportações paranaenses também mostraram evolução mostrando que os investimentos em inovação estão sendo significativos para o setor, existindo sinais de ganhos de participação da indústria de intensidade tecnológica mais elevada na produção de bens para atendimento ao mercado interno e mercado externo, com reflexos diretos na PIB, nos níveis de renda e empregabilidade.

Nesse prisma, compactuamos que indústrias de transformação com maior intensidade tecnológica podem promover a inovação e expansão em espaços territoriais atuais e novos e assim criar meios diretos e indiretos de geração de emprego e renda com mais qualificação, com a fabricação de produtos enquadrados nas P&D promovendo níveis de especialização mais adequados as exigências de produção.

1.2.3 O emprego formal na indústria de transformação do Paraná

Segundo Instituto de Desenvolvimento do Trabalho - IDT (2007) a abertura comercial brasileira iniciada nos anos 1990 resultou na destruição líquida de postos de trabalho. Entre janeiro de 1997 e dezembro de 1999, por exemplo, a indústria de transformação foi responsável pela extinção de 51,3% dos postos de trabalho com a eliminação de 418.927 vagas.

Tais impactos afetaram consideravelmente o desempenho do emprego industrial, pois, mesmo nesse recente período de expansão do emprego formal:

Conseguir um emprego na indústria em termos atuais é ainda mais difícil que em décadas passadas, sendo que é virtualmente impossível obter uma vaga na época do ajuste produtivo decorrente da abertura comercial (MACAMBIRA, 2006, p.52).

Para o Iparides (2007) no Paraná, o mercado de trabalho da indústria de transformação beneficiou-se pelo processo de diversificação da matriz industrial, iniciado a partir da segunda metade dos anos 1990, e também pela expansão de atividades industriais tradicionais beneficiadas pela expansão recente dos mercados nacional e internacional. Na prática esse reflexo mostra que o crescimento de emprego¹⁶ do Paraná é superior aos níveis do Brasil, ou seja, na totalização dos empregos a diferença é de 9,34%; no setor da indústria chegou a 35,91% e especificamente na indústria de transformação a diferença é de 54,03%.

A seguir trataremos dos níveis de crescimento do emprego formal no setor industrial, durante o período 1996-2013 (Figura 4).

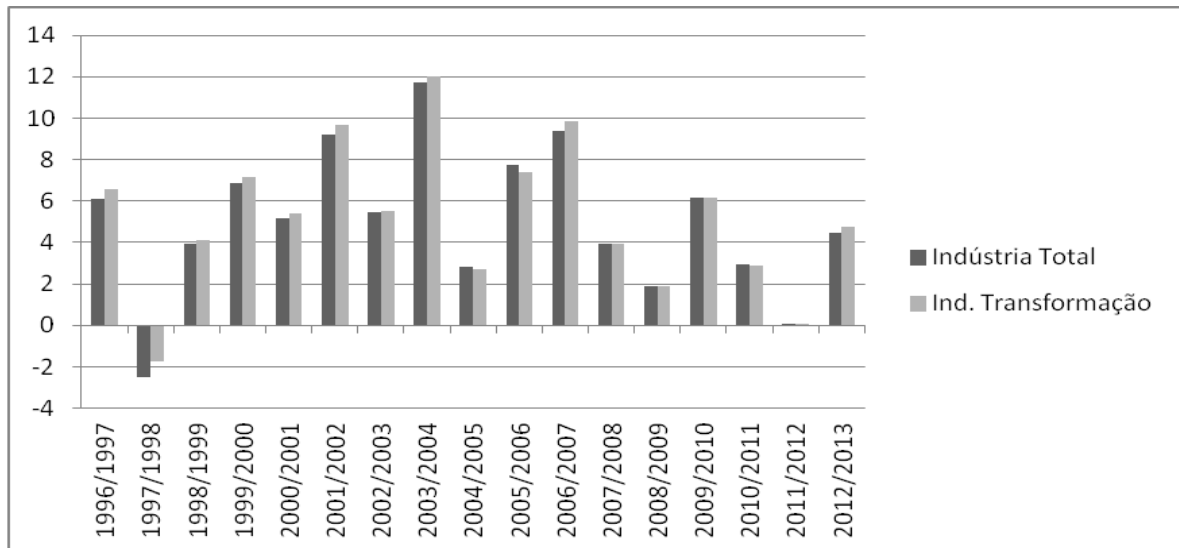


Figura 4: Paraná. Evolução do emprego formal da indústria, período 1996-2013

Fonte: Ministério do Trabalho e Emprego (MTE)/Relação Anual de Informações Sociais (Rais)

O crescimento do o emprego na indústria paranaense no período 1996-2013 foi de 128,17% enquanto a indústria de transformação que é o setor mais importante da indústria obteve elevação de 134,6% isso se deve ao aumento da quantidade de estabelecimentos

¹⁶ Razão da evolução do Paraná menos a evolução do Brasil superior ao nacional em todas as variáveis de emprego, considerando os valores absolutos de emprego.

devido às condições de atratividade de investimentos industriais do Estado do Paraná, apesar do crescimento negativo no período 1997-1998 e praticamente nulo no período 2011-2012.

Em consonância com a economia brasileira no período 2003-2010, a indústria paranaense em todos os setores e em particular a indústria de transformação buscou a retomada do crescimento pela combinação dos fatores relacionados ao cenário externo favorável, a estabilidade econômica e a ampliação do mercado interno. Todavia entre os anos 2011 e 2013, a economia brasileira passou por um forte declínio no crescimento e isso influenciou fortemente na economia paranaense e o desempenho dos investimentos não respondeu com intensidade esperada, apesar do desempenho da indústria do Paraná comparativamente melhor em relação à maioria dos estados da Federação.

A indústria de transformação do Paraná durante o período 1996-2013 foi responsável, em média, por 94,8% do total de empregos das indústrias do Estado. No mesmo período a taxa de crescimento total das indústrias foi inferior ao crescimento da indústria de transformação em 0,17%.

Conforme visualização gráfica os maiores índices de crescimento do emprego industrial formal ocorreram em 2002, 2004 e 2007 e os crescimentos mais baixos ocorreram nos anos 1998, 2009 e 2012 com base no ano imediatamente anterior.

Nessa dinâmica de desempenho da indústria, geograficamente distribuído em todos os estados da Federação, algumas variáveis como: as dificuldades de logística e infraestrutura, a elevada carga tributária, juros elevados e a burocracia dificultam o crescimento da economia brasileira, impactando na competitividade da indústria de transformação com o mercado internacional, resultando em perdas financeiras e de produção em consequência a geração de emprego e renda são prejudicadas.

A discussão desse item contempla sobre os comparativos entre as participações dos empregos dos setores econômicos e da totalidade dos empregos no Estado. Sinteticamente, a pesquisa foi realizada a partir dos dados estatísticos dos setores econômicos distribuídos espacialmente na: agropecuária, indústria de transformação, indústria de extração de minerais, construção civil, comércio e serviços (Tabela 6).

Tabela 6: Paraná. Estoque de emprego formal por setor de atividade, 1996-2012

SETOR DE ATIVIDADE	ESTOQUE DE EMPREGO FORMAL DOS SETORES ECONÔMICA							VARIÇÃO 1996-2013 (%)
	1996	2000	2005	2010	2011	2012	2013	
Agropecuária	76.571	85.616	91.124	102.590	101.627	102.643	104.290	36,20
Ind. Transformação	302.879	353.881	496.518	658.613	677.810	678.080	710.559	134,60
Ind. Extr. Mineral	4.164	4.302	4.411	6.930	6.237	6.475	6.500	56,10
Construção Civil	69.370	64.528	56.391	136.051	146.059	151.424	147.152	112,13
Comércio	232.317	290.006	431.821	590.211	622.407	646.397	670.040	188,42
Serviços	738.258	836.375	1.008.465	1.263.944	1.338.843	1.421.173	1.456.020	97,22
Total	1.445.063	1.651.275	2.109.348	2.783.715	2.920.277	3.033.665	3.121.384	116,00

Fonte: Ministério do Trabalho e Emprego (MTE)/Relação Anual de Informações Sociais Rais)

O emprego formal do Paraná superou os resultados do Brasil em relação às taxas médias de crescimento nos anos de 1996, 2000, 2005, 2010, 2011 e 2012. Enquanto no Brasil a taxa média de crescimento do emprego total (15,38%), da indústria total (13,79%) e da indústria de transformação (11,85%). No do Paraná a taxa média de crescimento da totalização do emprego nacional (18,55%), na indústria total (15,44%) e na indústria de transformação (18,55%). O melhor desempenho com 20,71% de participação nos empregos do Estado ocorreu em 2010 (IBGE, 2013).

A participação do Paraná em nível nacional na geração do emprego industrial saltou de 6,11% (1996) para 8,32% (2012). Regionalmente, a participação da indústria de transformação no total de emprego é inferior apenas a do setor de serviços (Tabela 6).

O crescimento de emprego gerado pela indústria de transformação paranaense foi de 407,68 mil empregos com carteira assinada durante o período 1996-2013, enquanto o crescimento de emprego no Paraná¹⁷ com aumento de 1,67 milhões empregos. O crescimento médio anual de trabalhadores com carteira assinada apontou que para a totalização das indústrias foram criados 83,5 mil e na indústria de transformação 20,4 mil novos empregos.

Outro dado expressivo sobre o estoque de empregos formais do Estado diz respeito à trajetória de crescimento segundo os diferentes portes de municípios em termos populacionais, caso dos municípios de Curitiba, Londrina, Maringá e Cascavel. Desse ponto de vista, apesar do domínio da RMC, o que se observa é a interiorização do emprego industrial. Embora a taxa de crescimento do número de trabalhadores formais seja observada em todos os setores econômicos selecionados, ele é mais intenso nos setores da indústria e de serviços.

Outras cidades de maneira bem mais modesta vão se inserindo nesse processo, mas a desigualdade permanece e o empobrecimento das pessoas é algo latente, principalmente, em

¹⁷ Nesse período, segundo os dados da RAIS e do CAGED, divulgado pelo Ministério do Trabalho e do Emprego (MTE), o mercado de trabalho paranaense revelou-se mais dinâmico em relação ao mercado de trabalho brasileiro, especialmente em seu segmento da indústria de transformação.

municípios demograficamente pequenos e distantes de áreas metropolitanas ou aglomerados urbanos, onde as dificuldades são maiores pela falta de emprego e renda, variáveis que estimulam a evasão principalmente da população mais jovem. Essa dinâmica fortalece os municípios polos que têm melhores condições de oferta de empregos em função novos investimentos que permitem aumento de produção industrial e mobilidade de empregos nos demais setores.

O mercado formal de trabalho paranaense, no período 1996-2013, apresentou crescimento contínuo no estoque de empregos industriais e demais setores, expandindo em ritmo mais intenso que a média nacional.

Na sequência trabalharemos, especificamente com a participação do emprego formal por setor de atividade no ano de 2012 (Figura 5).

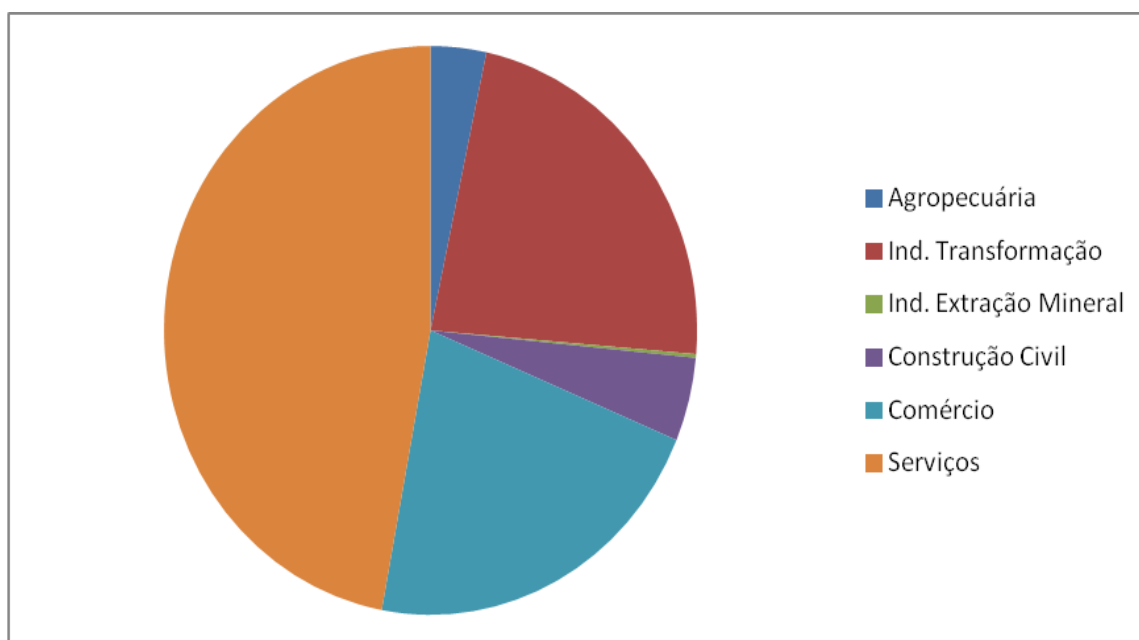


Figura 5: Paraná. Participação do estoque de empregos formais por setor, 2013

Fonte: Ministério do Trabalho e Emprego (MTE)/Relação Anual de Informações Sociais (Rais)

Em estudo mais recente da indústria paranaense quanto a participação do estoque de empregos das atividades econômicas em relação a totalidade dos empregos referente ao ano de 2013. O setor de serviços respondeu por 46,65% dos empregos do Estado, enquanto o setor da indústria (transformação e extrativa de minerais) correspondeu a 22,97% e setor de comércio com 21,47% são os principais setores empregadores do Paraná que juntos somam 91,09% de participação do total.

Os segmentos terciários (serviços e comércio) 68,12% participação no estoque de empregos ficando clara a importância dessas atividades para as questões geoeconômicas no

Paraná. O setor industrial juntamente com a construção civil somam 27,68% de participação no estoque de empregos do Estado Paraná. Enquanto o setor primário puxado pela agropecuária é o setor de menor participação (Figura 5).

Em síntese parcial, o entendimento de que as políticas industriais deram relevantes resultados de cunho socioeconômico para a RMC onde se localizam os principais segmentos industriais do Estado, notadamente os de alta intensidade tecnológica. No interior do Estado o setor industrial vem gradativamente se fortalecendo nas cidades estratégicas, tais como, Ponta Grossa, Maringá, Londrina, Cascavel, Toledo e Pato Branco.

A maioria dos municípios do interior foi e continua sendo a parte do território paranaense com menor expressividade industrial, além de se apresentarem com baixo nível populacional. Essa condição os impõe as dificuldades econômicas e muitos deles ficam reféns dos repasses governamentais, tanto o município como a população.

Os municípios demograficamente pequenos não têm sobrevivido sem os repasses institucionais, por isso, dependem de políticas públicas mais eficazes para criar possibilidades de geração de emprego e renda. A tímida inserção da indústria nos municípios demograficamente pequenos é os mantém pequenos.

1.3 A INSERÇÃO ECONÔMICA DO PARANÁ NO CENÁRIO ATUAL

Após o panorama apresentado pretendemos tratar com mais detalhe a inserção econômica do Paraná nesse cenário. Lembramos que nossas preocupações estão relacionadas a interpretar posteriormente a inserção de uma região específica e das condições sociais geradas pelas dinâmicas econômicas.

Segundo o IparDES (2014), a concentração geográfica da geração de renda vem se ampliando no Estado dando mais consistência econômica em algumas regiões. Dessa forma, de acordo com informações do IparDES, a RMC¹⁸ como resposta ao desempenho crescente na economia sai de 44,88% (2000), para 45,46% (2012) de participação do PIB do Estado, salientando que em 2010 essa participação chegou a 47,15%. No mesmo raciocínio a microrregião de Curitiba com 39,75% e Curitiba com 23,11% de participação econômica do

¹⁸ A RMC é formada por 29 municípios: Adrianópolis, Agudos do Sul, Almirante Tamandaré, Araucária, Balsa Nova, Bocaiúva do Sul, Campina Grande do Sul, Campo do Tenente, Campo Largo, Campo Magro, Cerro Azul, Colombo, Contenda, Curitiba, Doutor Ulysses, Fazenda Rio Grande, Itaperuçu, Lapa, Mandirituba, Piên, Pinhais, Piraquara, Quatro Barras, Quitandinha, Rio Branco do Sul, Rio Negro, São José dos Pinhais, Tijucas do Sul e Tunas do Paraná.

Paraná. Esse desempenho tem como destaque a localização geográfica, as potencialidades econômicas e o espaço geográfico da RMC que coloca a cidade de Curitiba na quarta capital no *ranking* nacional, ficando atrás de São Paulo, Rio de Janeiro e Brasília.

As nove maiores economias do Estado, representados pelos municípios de Curitiba, São José dos Pinhais, Araucária, Londrina, Maringá, Paranaguá, Foz do Iguaçu e Ponta Grossa e Cascavel participaram com 55,45% do PIB do Paraná/2012. Esses municípios são fortes economicamente e detêm em seu setor produtivo as melhores estruturas produtivas nos segmentos metal-mecânico, petroquímica ou no agronegócio, sem deixar de destacar o setor de serviços e comércio que possuem participação significativa nas riquezas do Estado. Com esse nível de desempenho os nove municípios estão integrados na lista dos 100 maiores PIB do país.

Para Trintin (2011) devido às acentuadas mudanças decorrentes, principalmente, da nova ordem da economia global, a economia paranaense a partir da década de 1990 se moldou a nova realidade e apresentou modificações na dinâmica relacionada a alguns gêneros de sua indústria, o que entendemos ser uma condição necessária para que o Estado ter inserido com destaque no cenário nacional e internacional.

Trintin (2011) demonstra que alguns gêneros das atividades industriais, tais como, alimentos que nos anos 1990 respondiam por 59,38% das vendas de produtos industriais e que ao longo do tempo e mais recentemente acabaram perdendo espaço na produção e comercial para outros produtos o que fortaleceu outros segmentos industriais. Isso confirma todo processo de diversificação no setor produtivo do Estado, como o caso dos investimentos realizados a partir dos anos 1970, quando grandes empresas, entre elas a *New Holland*, a refinaria da Petrobrás, e as novas indústrias ligadas ao agronegócio com o advento da produção da soja e seus derivados que deram novos rumos a agroindustrialização no Paraná.

Segundo Trintin (2006), outros investimentos realizados nas empresas como a *Klabin* produtora de papel e celulose também participaram dessa linha que foi reforçada com os novos investimentos da década de 1990 quando outros segmentos industriais deram continuidade e modernizaram os produtos mais tradicionais da indústria paranaense.

A Tabela 7 nos permite analisar o comportamento industrial do Paraná, por meio dos dados de compras e vendas dos últimos anos, indicando os segmentos que mais sobressaíram e os que apresentaram relativas quedas nesse processo.

No estudo dos gêneros e atividades da indústria se faz necessário considerar o funcionamento da estrutura produtiva e os investimentos em inovação tecnológica para o atendimento da demanda dos produtos pelo mercado local, regional, nacional e internacional.

Tabela 7: Paraná. Evolução dos gêneros industriais no valor das vendas e compras realizadas pela indústria paranaense, o período 2007-2012 (em percentual)

GÊNEROS DAS ATIVIDADES INDUSTRIAIS	EVOLUÇÃO DAS VENDAS NO PERÍODO (%)						EVOLUÇÃO DAS COMPRAS NO PERÍODO (%)					
	2007	2008	2009	2010	2011	2012	2007	2008	2009	2010	2011	2012
Produtos Alimentícios e Bebidas	15,36	10,86	2,06	2,16	5,76	-4,19	13,82	6,31	-4,44	6,13	-1,17	4,40
Produtos Têxteis	-18,01	-15,87	-9,08	8,28	-36,72	20,54	-31,42	3,32	-19,10	18,98	-20,02	1,64
Confecção de Artigos do Vest. e Acessórios	20,21	-0,33	-22,53	23,34	17,59	18,29	21,59	-8,00	-24,42	-0,29	4,76	9,38
Couros, Artesanatos de Couro e Calçados	-1,43	-6,57	-41,24	22,47	-3,92	13,22	-20,78	-1,85	-47,32	28,55	-3,19	28,81
Produtos de Madeira	-5,32	-3,84	-20,12	3,13	-1,59	10,67	-6,79	-6,58	-13,55	-9,57	1,63	19,92
Celulose, Papel e Produtos de Papel	5,76	13,65	-9,04	7,57	0,39	3,51	-6,30	12,70	-12,73	5,87	3,03	8,17
Edição, Impressão e Reprodução de Gravações	-26,67	22,31	31,46	-16,20	0,04	-23,44	-9,45	0,85	0,97	-17,41	2,10	-4,37
Coque, Refino de Petróleo e Prod. de Álcool	1,86	9,52	-10,93	1,23	12,05	4,96	-15,95	45,00	-17,60	22,08	-0,87	-21,38
Produtos Químicos	-3,95	-11,25	-20,72	6,62	6,34	9,73	7,47	7,65	-41,11	36,03	9,05	6,17
Artigos de Borracha e Plásticos	-0,66	21,24	14,80	22,38	-0,48	-9,11	13,77	15,42	25,32	13,52	6,88	-19,84
Produtos de Minerais não Metálicos	8,63	-0,72	-8,29	27,29	3,27	-1,46	12,83	2,24	-11,45	35,53	25,35	-7,30
Metalúrgica Básica	3,92	3,23	-32,64	4,31	-7,54	-17,28	15,88	13,25	-44,31	35,95	-5,68	-8,63
Produtos de Metal—Excl. Maq. e Equipamentos.	5,14	22,33	-14,55	15,21	13,68	1,38	27,81	6,52	-28,39	23,72	8,35	-3,58
Máquinas e Equipamentos	25,67	23,54	-5,83	12,48	-5,49	16,95	36,27	15,39	-13,54	27,80	-6,05	13,33
Máquinas, Aparelhos e Materiais Elétricos	0,91	10,16	-8,43	21,72	-6,81	6,82	-9,76	19,00	-16,85	21,03	-9,46	3,11
Material Eletrônico e de Comunicações	-18,29	-1,38	-30,69	14,59	6,51	22,84	-34,56	41,70	-37,02	29,69	5,20	19,53
Fabricação e Montagem de Veic. Automotores	19,42	12,84	-16,88	33,54	9,61	15,96	19,12	-2,07	-7,57	34,93	19,51	4,24
Móveis e Indústrias Diversas	-5,08	-13,18	-1,71	10,99	9,26	-15,68	11,39	-18,72	-18,43	22,46	5,49	-2,40
Total da Indústria de Transformação	10,27	8,82	-5,77	7,87	5,80	2,27	8,67	8,98	-11,31	14,91	2,79	1,46
Crescimento médio dos Gêneros e Atividades	1,53	5,36	11,35	12,05	1,73	4,10	2,50	8,45	18,42	18,61	2,50	2,84

Fonte: Federação das Indústrias do Estado do Paraná

O segmento industrial de produtos alimentícios que em 2007 era um dos mais importantes havia crescido 15,36% nas vendas e 13,82% na compra, ao longo do período foi diminuindo sua participação e em 2012 os índices de evolução eram bem menores caindo de em 2012 de forma drástica, ou seja, as vendas participaram de 4,19% e as compras 4,4% da totalidade da indústria de transformação do Paraná. O que ficou evidente é que esse segmento perdeu espaço para outros ramos com intensidade tecnológica mais elevada.

Os dados da FIEP (2013) mostram as atividades industriais relacionadas às vendas e compras, a primeira em média foi levemente superior a segunda somente no ano de 2012, significando maior dependência de fornecedores por parte das indústrias, notadamente nos segmentos de montagens, exemplo as fábricas de veículos automotores (Tabela 7).

Os gêneros industriais que mais cresceram nas vendas foram pela ordem: material eletrônico e de comunicações; produtos têxteis, confecção de artigos de vestuários e acessórios; máquinas e equipamentos e fabricação e montagem de veículos automotores, enquanto que pelo lado das compras: couros, artesanatos de couro e calçados; produtos de madeira; material eletrônico e de comunicações; máquinas e equipamentos e confecção de artigos de vestuários e acessórios.

O crescimento das vendas do gênero máquinas e equipamentos que se constituiu em um dos mais relevantes segmentos da indústria paranaense, ao qual muito se deve ao aquecimento na comercialização e produção de tratores e colheitadeiras para o agronegócio da soja, trigo, milho e cana-de-açúcar e material elétrico e comunicação no mercado nacional e internacional. Apesar de não ser o gênero que mais evoluiu relativamente no período 2007-2012, a fabricação e montagem de veículos automotores é o principal produto paranaense em relação ao valor agregado e rede de produção em está inserido.

A explicação para este fato está nas vendas realizadas pelo setor automotivo paranaense que se volta para o mercado brasileiro e que a partir de finais dos anos noventa contou a participação das Vendas da Renault e das unidades da Volkswagen que se somaram as empresas já existentes no Estado. Além disso, esse setor agrega muito mais valor aos produtos se comparado aos demais (TRINTIN, 2011, p. 5).

Pacheco (1998) defende que o segmento automobilístico tende a se estabelecer geograficamente aos mercados mais próximo onde haja fornecedores que distribuam materiais e produtos para montagem final de veículos automotores. Esse é um fator fundamental no processo de desenvolvimento a partir das atividades industriais, pois consistem nas

externalidades geradas por ela. No caso do Paraná, a instalação das indústrias automobilística sugeriu a chegada de um conjunto de empresas fornecedoras industriais e de serviços.

No período 2007-2012, os segmentos produtos alimentícios; edição, impressão e reprodução de gravações; artigos de borracha e plásticos; produtos minerais não metálicos; metalúrgica básica; móveis e indústrias diversas foram os que mais perderam espaços na produção e nas vendas. Nas compras de insumos as maiores perdas estiveram com os gêneros impressão e reprodução de gravações; coque, refino de petróleo e produção de álcool; artigos de borracha e plásticos; produtos minerais não metálicos; metalúrgica básica; produtos de metal excluindo máquinas e equipamentos e móveis e indústrias diversas.

Produtos têxteis; confecção de artigos de vestuário; couros, artesanatos de couro e calçados; produtos de madeira; produtos químicos; máquinas e equipamentos; material eletrônico e de comunicações e fabricação e montagem de veículos automotores vão rapidamente ocupando espaço na indústria de transformação paranaense.

Detalhando as ações no período 2011-2012, nas vendas industriais com 23,44% o segmento: edição, impressão e reprodução de gravações responderam pela maior redução e em seguida móveis e indústrias diversas com queda de 15,68% e os produtos alimentícios que perderam 4,19% de vendas. Esses resultados foram os principais responsáveis pelos baixos indicadores nas vendas. No mesmo período o gênero fabricação e montagem de veículos automotores com 22,84% de evolução o melhor desempenho, seguido do gênero produtos alimentícios e bebidas com 20,54%. Salientamos que 11 dos 18 segmentos industriais avaliados tiveram desempenho negativo que contribuíram para a baixa média das vendas no período.

No período 2011-2012 as compras apresentaram decréscimo em doze atividades do gênero, sendo as maiores quedas localizadas nas atividades dos gêneros coque, refino de petróleo e produção de álcool com 21,38% e artigos de borracha e plásticos um pouco menos. Vale lembrar que das doze atividades do gênero, nove delas apresentaram queda nas vendas, significando diminuição na produção. O maior crescimento nas compras ficou por conta do segmento couro, artefatos de couro e calçados com 28,81% de elevação.

A diversificação dos produtos industrializados com a aplicação de intensidade tecnológica mais avançada vem substituindo os produtos tradicionais nas vendas industriais do Paraná, inserindo-se assim com melhora qualitativa, pois têm ganhado importância nos segmentos que necessitam um processo de fabricação de bens de consumo durável e de capital com diferenciada linha de produção. Essas constatações nos remete a entender que o Paraná, nas últimas décadas, deixou de ser conhecido apenas como produtor de alimentos e

matérias-primas para as regiões mais industrializadas do país e entra no *ranking* dos estados mais conceituados no setor industrial.

Nesse sentido, Trintin (2011) argumenta que a economia paranaense cada vez mais se insere na economia nacional. A partir de meados dos anos 1990 se constatou uma mudança qualitativa na pauta das vendas da indústria paranaense. De acordo com os números das vendas a perda de importância relativa do grupo de indústrias tradicionais em favor das indústrias marcadas pela produção de bens intermediários e de consumo durável e de bens de capital é um fato inquestionável e crescente em décadas recentes. É certo que isso se realiza de modo bastante diferenciado dentro do território paranaense, devido o amadurecimento ou não das regiões no contexto industrial local, regional, estadual e nacional.

A inserção econômica apreendida por meio dos dados sobre as compras realizadas pelo setor industrial paranaense mostra a relevância dos gêneros de confecção e couro que juntos evoluíram 38,19% e com concentração maior no interior do Estado o que em contrapartida as vendas cresceram 31,61%. Destaque também, para o gênero material eletrônico e de comunicações pelo próprio grau de intensidade tecnológica em que está inserido e como ferramenta necessária para a sociedade, tanto nas compras como nas vendas saiu de um decréscimo em 2007 para taxas de crescimentos em torno de 20% ao final do período.

A evolução dos gêneros das industriais em relação às vendas e compras no período 2007-2012 mostrou quedas em torno de 80% no crescimento da indústria de transformação. O crescimento ocorrido em 2010 com base no ano imediatamente anterior para vendas e compras atingiu 14,91%, porém, as quedas ocorridas nos demais anos influenciaram negativamente de acordo com índices de 2012.

Dentro das informações dos gêneros e atividades industriais, em média durante o período 2011-2012, o destaque ficou com a variação das vendas que cresceram 4,1%, enquanto que nas os níveis mais baixos ficou com as compras 2,37%. Essas variações acabaram sendo relativamente satisfatórias se considerarmos o crescimento da economia paranaense e brasileira que evoluíram 1,26% e 1,03% em igual período.

A diversificação na produção industrial paranaense provoca substancial aumento da produção e das vendas da base de exportação o que sem dúvidas atinou a agregação de valor de outros gêneros, como madeira, papel e papelão, metalurgia e minerais não metálicos.

Para alcançar os resultados da indústria paranaense alguns pontos devem ser analisados na forma de desempenho da participação no mercado de compra e venda de

produtos, insumos. A seguir abordaremos sobre horas trabalhadas, níveis de emprego, salários preservando a individualidade dos gêneros de atividades (Tabela 8).

Tabela 8: Paraná. Evolução das horas trabalhadas, emprego, salários médios por gênero e atividades industriais, período 2011-2012 (em percentual)

ATIVIDADES E GÊNEROS	VARIAÇÃO % PERÍODO 2011-2012			
	HORAS TRABALHADAS NA PRODUÇÃO	EMPREGO TOTAL	EMPREGO NA PRODUÇÃO	SALÁRIOS MÉDIOS LÍQUIDOS
Produtos alimentícios e bebidas	6,43	2,01	1,85	11,62
Produtos têxteis	-1,03	-3,93	-4,62	20,25
Confecção de artigos do vestuário e acessórios.	84,53	75,64	88,66	-27,23
Couros, artefatos de couro e calçados.	-14,66	-4,44	-5,79	-3,98
Produtos de madeira	-2,18	0,05	-1,83	-19,63
Celulose, papel e produtos de papel.	-0,21	0,27	-2,51	1,86
Edição impressão e reprodução de gravações	-10,22	0,16	2,48	37,86
Coque, refino de petróleo e produção e álcool.	-0,14	-3,34	3,43	1,02
Produtos químicos	12,97	19,11	13,68	1,96
Artigos de borracha e plásticos	3,36	-1,74	0,63	2,74
Produtos de minerais não metálicos	0,96	5,05	7,39	-8,26
Metalúrgica básica	-20,81	-19,53	-19,83	41,93
Produtos de metal-excl. máquina e equipamento	0,68	2,34	1,87	33,06
Máquinas e equipamentos	2,88	0,47	0,46	4,62
Máquinas, aparelhos e materiais elétricos	-7,06	-2,02	-3,96	-2,02
Material eletrônico e de comunicação	3,04	4,68	-3,06	41,88
Fabricação e montagem de veículos automotores	-0,42	-1,31	-3,82	-30,27
Móveis e indústrias diversas	-13,67	-12,18	-14,01	7,78
Crescimento médio dos Gêneros e Atividades	2,47	3,41	3,39	6,40

Fonte: Federação das Indústrias do Estado do Paraná

No estudo dos gêneros e atividades da indústria, além dos investimentos em inovação tecnológica, o emprego, horas de atividades exercidas pelos trabalhadores e as condições salariais são essenciais para o funcionamento da estrutura produtiva para atendimento a demanda de seus produtos pelo mercado.

Os dados da FIEP (2013) mostram às variações das horas trabalhadas na produção¹⁹, do emprego total, não cresceram de maneira significativa enquanto que a variação de salário líquido real em média foi dentro dos limites inflacionários (Tabela 8).

De acordo com as informações dos gêneros e atividades industriais, em média no período 2011-2012, o destaque ficou com a variação de 6,4% nos salários médios líquidos que foi superior ao crescimento da economia brasileira no período, enquanto o emprego total e emprego na produção lograram crescimento em torno de 3,5%. Nas horas trabalhadas na produção industrial 2,47% foi o crescimento no período.

¹⁹ Resultado do acréscimo ou decréscimo de quantidade de horas trabalhadas em relação ao ano imediatamente anterior transformado em números relativos (percentual).

As horas trabalhadas na produção na indústria que se refere exclusivamente na produção (chão da fábrica) no período 2011-2012 apresentaram variações negativas em dez gêneros e atividades, refletindo em menos horas de trabalho com influência direta na produção, vendas, compras e salários dos trabalhadores. O gênero e atividade confecção de artigos do vestuário e acessórios a mais expressiva e a metalúrgica básica a menor taxa de crescimento.

O desempenho do gênero e atividade emprego total (pessoal da administração e piso fábrica) e emprego na produção da indústria (emprego total da indústria menos o pessoal da administração) têm o melhor desempenho no gênero e atividade confecção de artigos do vestuário e acessórios e o pior desempenho metalúrgica básica. Ainda em relação ao gênero e atividade do nível de emprego, cerca de 50% do emprego na produção e 44,44% no emprego total da indústria apresentaram desempenho negativo (Tabela 8).

Um dos itens mais importantes da presente análise está relacionado ao salário médio líquido dos trabalhadores do setor indústria paranaense. O gênero e atividade da metalúrgica básica foi o que mais cresceu e a fabricação e montagem de veículos automotores com o pior desempenho no período.

Esses processos de sustentação da indústria paranaense compostos pela produção, pela venda, pela compra, e o trabalho e salários remetem ao setor produtivo as possibilidades de investimentos para aumentar a produção e a produtividade para atender o mercado nacional e o mercado internacional que serão tratados no momento seguinte através dos grupos de produtos.

No estudo seguinte analisaremos a composição dos grupos de produtos envolvendo a internacionalização comercial de compra e venda distribuídos como: dos complexos da soja e da carne, material de transporte e componentes, açúcar, madeira e manufaturadas de madeira, máquina, aparelhos instrumentos mecânicos, materiais elétricos e eletrônicos, produtos metalúrgicos, produtos químicos, papel e celulose, instrumento, aparelhos de ótica de precisão, produtos têxteis, cereais, petróleo e derivados, outros grupos de produtos (Tabela 9).

O comportamento das exportações paranaenses como a brasileira é influenciado por mudanças de políticas internas e alterações de âmbito mundial. Os efeitos dos resultados externos são transferidos aos exportadores e se adequam aos novos cenários do mercado mundial. A internacionalização das indústrias paranaenses vem demonstrando que o comércio internacional de mercadorias em 2011 apontou crescimento de 5,0% de acordo com a Organização Mundial do Comércio (OMC).

Tabela 9: Paraná. Composição da participação das exportações e importações segundo grupos durante o período 2008-2012 (em percentual)

GRUPOS DE PRODUTOS	PARTICIPAÇÃO											
	EXPORTAÇÃO						IMPORTAÇÃO					
	2007	2008	2009	2010	2011	2012	2007	2008	2009	2010	2011	2012
Complexo da Soja	21,97	28,62	29,17	27,21	31,36	33,12	-	-	-	-	-	-
Complexo Carne	11,47	13,25	14,81	13,51	13,06	12,26	-	-	-	-	-	-
Material de transp. e componentes	19,52	16,46	13,01	15,41	12,64	11,98	20,85	17,27	20,64	21,78	24,34	22,65
Açúcar	3,22	3,50	6,24	7,98	8,55	8,66	-	-	-	-	-	-
Madeira e manufaturadas de madeira	8,41	5,69	4,74	4,57	3,69	4,09	-	-	-	-	-	-
Máquina, aparelhos instr. Mecânicos	5,26	5,21	3,87	4,50	3,74	3,74	12,75	11,37	13,89	14,53	13,49	12,95
Materiais elétricos e eletrônicos	1,55	1,50	1,65	1,47	1,08	1,31	7,50	6,77	9,36	10,12	9,04	8,47
Produtos metalúrgicos	-	-	-	-	-	-	3,57	3,19	4,03	4,99	3,92	3,92
Produtos químicos	3,11	3,19	3,50	3,27	3,54	3,51	20,68	24,84	18,91	16,55	19,43	20,97
Papel e celulose	2,79	2,94	3,08	3,02	2,69	2,59	1,49	1,19	1,60	1,66	1,62	1,31
Instrumento, apar. de ótica de precisão	-	-	-	-	-	-	1,80	1,43	1,92	1,65	1,61	1,61
Produtos têxteis	1,00	1,03	1,07	1,06	0,93	0,91	1,01	0,69	1,06	1,12	1,46	3,19
Cereais	5,58	2,89	2,84	3,57	3,78	6,96	1,85	1,62	2,56	1,31	1,09	1,67
Petróleo e derivados	2,80	3,10	2,86	2,49	3,83	3,83	19,45	22,18	14,15	14,59	13,59	13,46
Outros grupos de produtos	13,32	12,62	13,16	11,94	11,11	7,04	9,05	9,45	11,88	11,70	10,41	9,80
Total	100,00	100,00	100,00	100,00	100,00	100,00	100,00	100,00	100,00	100,00	100,00	100,00

Fonte: Ministério de Desenvolvimento Indústria e Comércio (MDIC)/Secretaria de Comércio Exterior (Secex)

Nota: Composição dos grupos de produtos:

- Complexo da soja: soja em grão, farelo de soja, óleo de soja bruto, óleo de soja refinado, óleo de soja, exceto óleo bruto ou refinado.
- Complexos carnes: carne de frango in natura, carnes salgadas, carne suína in natura, carne de frango industrializada, carne bovina in natura, carne de peru in natura, carne bovina industrializada e demais carnes.
- Material de transporte e componentes: automóveis, autopeças, tratores, veículo de carga, partes de motores para veículo, ônibus, chassis, e carroçarias para veículos automóveis, reboques para transporte de mercadorias, helicópteros, pneumáticos e câmaras de ar, parte e peças de aviões e helicópteros, trens e materiais para vias férreas, motocicletas e demais materiais de transportes.
- Açúcar: açúcar bruto e açúcar refinado.
- Petróleo e derivados: óleos e combustíveis para consumo de bordo, óleo e combustíveis, gasolina, óleos e lubrificantes e demais derivados de petróleo.
- Cereais: cereais.
- Máquinas, aparelhos e instrumentos mecânicos: compressores e bombas, máquinas e aparelhos de uso agrícola, exceto tratores, torneiras e válvulas, refrigeradores e congeladores, aparelhos para filtrar ou depurar, máquinas e aparelhos de elevação de carga, descarga, aparelhos de ar condicionado, rolamentos e engrenagens, máquinas e aparelhos para fabricação de pasta celulósica e papel, máquinas e aparelhos para encher, fechar, etc. recipientes, computadores e acessórios, máquinas e aparelhos para trabalhar pedra e minério, máquinas e aparelhos de terraplanagem, perfuração, máquinas de costura, laminadores de metais e demais máquinas, aparelhos e instrumentos mecânicos.
- Madeiras e manufaturas de madeira: madeira compensada ou contraplacada, madeira serrada, obras de marcenaria ou de carpintaria, madeira laminada, painéis de fibras ou de partículas de madeira e demais madeiras e manufaturas de madeira.
- Produtos químicos: adubos e fertilizantes, produtos químicos orgânicos, plásticos e suas obras, produtos químicos inorgânicos, produtos farmacêuticos, óleos essenciais e resinoides, extratos tanantes e tintoriais, produtos para fotografia e demais produtos químicos.
- Papel e celulose: papel e celulose

Segundo Albuquerque *et al.* (2010) o perfil exportador do Paraná vem desde a ampliação da participação dos produtos industrializados que parecem residir em aspectos de natureza geopolítica operantes ainda no período do regime militar, assim como no desenvolvimento de políticas específicas de mudança da matriz produtiva estadual apoiadas no crescimento dos investimentos produtivos estrangeiros.

Silva (2004) defende que o processo de substituição de exportações aconteceu em uma etapa posterior e ligada a fase de industrialização pela substituição de importações. Prossegue a autora, uma vez esgotada as potencialidades de acesso ao mercado interno brasileiro, as grandes indústrias aqui instaladas buscaram a ocupação de capacidade ociosa e mesmo ampliação da produção a partir da conquista de mercados externos. Isso explica o porquê a participação da indústria passou de 15,2% em 1990 para 59,0% do total das exportações brasileiras em 2000, com pequena queda em 2005 pontuando 55,1% do total e caindo bruscamente nos anos 2010 (39,4%) e 2011 (36,3%) e 2012 (37,5%) das vendas externas (MDIC).

As exportações referentes aos complexos da soja e de carnes e do grupo de material de transporte e componentes foram os maiores responsáveis pelas exportações realizadas pelas empresas residentes no Paraná. Esses três grupos participaram em média com 54,67% das exportações totais do Paraná no período 2007-2012.

Na contextualização da participação na pauta das exportações paranaenses, o crescimento médio no período 2007-2012 apontou que o grupo complexo soja predomina com 11,15% de crescimento. As carnes em média em igual período, representando pouco mais de 13%. O grupo de material de transporte e componentes foi representado por 14,84% das exportações do Paraná (Tabela 9).

Os três maiores grupos de produtos importados (material de transporte e componentes; máquinas, aparelhos, instrumentos mecânicos; e produtos químicos) correspondem a 56,57% da totalidade das importações paranaenses e se referem a insumos industriais para produção de bens finais. Em média no período 2007-2012 o grupo de material de transporte e componentes respondia por 21,26%; máquinas e aparelhos, instrumentos mecânicos 13,16% e produtos químicos 20,23% de participação da totalidade das importações paranaenses. Esses valores demonstram grande dependência dos insumos e ativos fixos para produção e que os resultados econômicos ficam a mercê da política cambial brasileira para que sejam estabelecidos os níveis de competitividade dos produtos fabricados nas indústrias do Paraná e do Brasil.

1.3.1 Contextualização regional da indústria

Os conceitos relativos a região e ao regional são múltiplos na Geografia e podemos considerar que cada tendência teórica no âmbito dessa ciência tem a sua concepção. Assinalamos algumas dessas acepções. Consideramos oportuno lembrar o conceito de Hartshorne, região enquanto criação intelectual, “constituindo-se em uma questão de classificação ou taxonomia espacial” (CORRÊA, 1997, p. 50). Como fruto da influência neopositivista, a análise regional desta corrente é isenta da historicidade, visto que a mesma provém da crítica ao historicismo da Geografia tradicional, em especial dos conceitos de La Blache.

Carvalho (2002) pondera, que para a região é reservado um caráter especial de classificação, agrupamento, subsidiada por técnicas estatísticas sofisticadas de laboratório, e por uma linguagem mais burocrática e rica, amparada pelas grandes teorias e em dados estatísticos, por conseguinte, afastada do trabalho de campo.

Surgindo daí a possibilidade de classificar as regiões em homogêneas, funcionais ou polarizadas, administrativas de forma sistemática, construindo regiões cristalizadas no tempo e no espaço. “Na aparência as formas técnicas de abordagem são renovadas e mais eloquentes, bem próprio de uma ciência moderna embora, na essência, seu discurso revela-se pobre e conservador” (CARVALHO, 2002, p.7).

Em assim sendo, com a Nova Geografia, segundo Diniz e Batela (2005) a disciplina adota o positivismo lógico incorporando métodos e técnicas de análise mais sofisticada e abstrata. Tais transformações visavam, em boa medida, combater o caráter ideográfico da Geografia tornando-a mais nomotética²⁰. Os autores prosseguem argumentando que neste contexto, a região perde sua concretude, passando a ser resultado de análises estatísticas, portanto nessa mudança, a região é concebida como “o conjunto de lugares onde as diferenças internas entre esses lugares são menores que as existentes entre eles e qualquer elemento de outro conjunto de lugares” (CORRÊA, 1986, p.32).

A Geografia regional vem sendo um importante elo entre a geografia física e humana e tem cumprido um papel fundamental na construção dos recortes espaciais paranaenses e auxilia nas políticas e estratégias das entidades públicas e privadas e com contribuições na espacialização das indústrias.

Segundo Corrêa (2000) os gêneros de vida exprimiam uma situação de equilíbrio entre população e os recursos naturais em que essa combinação de fatores resulte em uma

²⁰ A análise nomotética é feita com base na ideográfica, indicando a passagem do individual para o geral.

adequação racional do uso do espaço. Isto colocado considera-se que uma paisagem geográfica enquadraria, na verdade, a área de ocorrência de uma forma de vida em um território, por isso.

A região geográfica abrange uma paisagem e sua extensão territorial, onde se entrelaçam de modo harmonioso os componentes: humano e natureza. A ideia de harmonia, de equilíbrio, evidente analogia organicista que Vidal de La Blache adota, constitui o resultado de um longo processo de evolução, de maturação da região, onde muitas obras do homem fixaram-se, ao mesmo tempo com grande força de permanência e incorporadas sem contradições ao quadro final da ação humana sobre a natureza (CORRÊA, 2000, p. 15).

Segue Corrêa na sua concepção que a paisagem geográfica tem, ainda, uma extensão territorial e limites razoavelmente identificáveis. Dessa maneira, a região é a expressão espacial da ocorrência de uma mesma paisagem geográfica. O objeto da geografia possibilista (a relação homem-natureza é percebida a partir da interpretação da paisagem) é, portanto, a região e a geografia que se confunde com a geografia regional.

Segundo Milton Santos, a região não é uma ilha; vista numa perspectiva isolada ela é parte, um subespaço de uma totalidade e não tem existência própria, como ele mesmo descreve “cada lugar é ao mesmo tempo, objeto de uma razão global e de uma razão local, convivendo dialeticamente” (SANTOS, 2005, p. 170).

As inquietações mais relevantes de Milton Santos é de que a teoria social precisa compreender que o espaço geográfico é uma instância social e que não existe formação econômica social sem espaço, o que existe é a formação sócioespacial; além disso, o espaço como instância social está sempre numa dinâmica dialética entre o trabalho morto e o trabalho vivo.

Moraes e Costa (1982) consideram que o objeto da geografia seria o processo social de valorização do espaço. Esta valorização se torna necessária pela impossibilidade do espaço ser tomado por si apenas em sua existência e individualidade, mas deveria ser considerada como resultado da relação sociedade/espaço.

O espaço exerce um relevante papel quando tratamos da análise social, porém segundo Milton Santos a Geografia tem minimizado a formação socioespacial na sua relação com a sociedade, considerando o espaço como um mero reflexo ou palco das ações humanas. Santos (1982, p. 21) relata que a “Geografia se interessou mais pela forma das coisas do que pela sua formação”, ou seja, confundindo o seu objeto de estudo, que é o espaço geográfico, com a análise da paisagem, não detendo, assim, a circulação da sociedade.

Na consideração que a aproximação teórico-conceitual está intimamente relacionada à teoria dos lugares centrais (CHRISTALLER, 1933) e ao modelo de rede urbana (LOSCH, 1954), em que a noção de região é diretamente associada à ideia de rede urbana. O princípio da centralidade como o espaço organizado em torno de um núcleo urbano principal denominado lugar central e a região complementar, ou entorno, que possui uma relação de dependência conjugada com o núcleo principal, por ser este o *locus* ofertante de bens e serviços, por natureza, urbanos (MENDES, 2009).

Diante das considerações, a seguir vinculamos com dados informados pelo Observatório de Prospecção e Difusão de Tecnologia (OPTI) em trabalho compartilhado com o Senai e FIEP.

Assim OPTI-Senai/FIEP (2005), em estudo sobre o comportamento industrial do interior do Estado, tendo como parâmetro seis das dez mesorregiões paranaenses: RMC, Centro Oriental, Norte Central, Sudoeste, Oeste e a Mesorregião Centro Ocidental, exceto o último, as demais apresentaram os melhores resultados obtidos pela indústria paranaense nas décadas do século XXI.

Ainda que a Mesorregião Centro Ocidental, comparativamente, esteja entre as mesorregiões de menores taxas de crescimento, dentro das limitações tem apresentado indicadores econômicos satisfatórios. O município de Campo Mourão é o seu maior representante.

Pretendemos ao final do estudo desse item fazer uma abordagem sintetizada sobre comportamento industrial das mesorregiões geográficas Noroeste, Norte Pioneiro, Centro-Sul e Sudeste do Paraná.

O setor industrial do Paraná é crescente e reproduz as melhores taxas do setor no Brasil. Com a descentralização, mesmo sabedores da notável participação da RMC no cenário paranaense, as demais regiões estão sendo beneficiadas com a entrada de novas empresas indústrias representando cerca de 30% das indústrias paranaenses. As regiões Centro Oriental e do Oeste começam a mostrar uma elevada concentração de indústrias (IPARDES, 2013).

A economia paranaense nas últimas quatro décadas registrou profundas alterações quantitativas e qualitativas em suas bases de operação, particularmente com a construção da infraestrutura nos anos 1960; a modernização agrícola e agroindustrial, a implantação da Cidade Industrial de Curitiba (CIC) e da Refinaria de Getúlio Vargas (REPAR), no decênio de 1970 e; o ciclo diversificado de investimentos do segundo quinquênio da década de 1990. Baseado nos dados do IBGE/SIDRA (2014), o setor industrial paranaense é responsável, em

média por 26,42% do valor adicionado a preços básicos (equivalente ao PIB deduzido dos impostos) do Estado durante o período 2010-2012.

Ao tratar-se de industrialização no Estado do Paraná, nos deparamos com a condição de heterogeneidade de suas regiões, tornando-se inevitáveis a visualização das diferenças de cada região, não somente entre a RMC com as demais mesorregiões paranaenses, mas, também entre as regiões do interior, como por exemplo, a Centro Ocidental com a região Oeste Paranaense que possuem enormes diferenças econômicas, espaciais e populacionais, além disso, de modo geral sempre há de se considerar as necessidades e vantagens comparativas de cada região. O grande problema é de como cada região trata de seus pontos fortes e pontos fracos.

Esse conjunto de situações pode orientar os setores públicos e privados na viabilização de políticas de investimentos inerentes a realidade da região que sejam capazes de atender as demandas individuais e coletivas da comunidade, para tanto, se faz necessário entender os problemas e as virtudes existentes e considerar a totalidade das demandas locais e regionais, pois alguns processos com os quais nos preocupamos somente podem ser compreendidos se forem utilizados métodos comparativos.

No entendimento de Bernis (2008), Geografia Econômica abrange desde o estudo de caça e da pesca e da indústria de transporte, através de todos os tipos de culturas, pecuária, pesca e mineração entre outros. Em resumo, trata-se de um campo da Geografia que focaliza as ocupações produtivas e tentativas de explicar por que certas regiões se destacam na produção e exportação de determinados bens e serviços e por que outras se destacam em seu uso ou consumo. No passado esse processo era mais simples e a medida que passam os anos tem se tornando cada vez mais complexo, pois foram se alterando os fatores que definem tais especializações devido a mundialização o crescimento populacional e as demandas por bens públicos e privados.

Segue Bernis (2008), que é evidente que as ocupações do homem para garantir o mais importante produtos que necessita, não só para garantir a manutenção de suas energias vitais (alimento, abrigo e vestuário), mas também outros, como combustível, equipamentos e matérias-primas para a indústria, incluindo os artigos de luxo, com bases físicas para os fatores adaptados em um ambiente natural.

De acordo com OPTI/Senai/FIEP (2005), um dos objetivos fundamentais da economia do Estado é a melhoria da competitividade de seu complexo industrial mediante a incorporação de novas tecnologias, bem como a incursão de setores como a microtecnologia e

materiais. Os ramos de maior dinamismo possuem ligação direta ou indireta como complexo químico/petroquímico/plásticos, automotores e alimentos.

Segundo Piffer *et al.*, (2002) em décadas mais recentes, o Estado do Paraná tem quebrado paradigmas em relação a sua base produtiva deixando de ser uma região eminentemente dependente da produção agrícola, passando a diversificar o setor industrial e aumentando assim sua base econômica e de exportação. Para Jesus e Ferrera Lima (2001) a estrutura produtiva industrial avançou, por exemplo, para a estrutura metal mecânica, a mecatrônica, a agroindustrialização, a transformação da celulose aos poucos foram e estão se desconcentrando da Capital e cidades como Londrina, Maringá, Ponta Grossa e Cascavel passam a ter maior influência na indústria paranaense.

Os setores da indústria agroalimentar, metal-mecânica, têxtil, moveleira, e plásticos podem ser estimulados, pela expressão econômica e espacial, a qualificar com mais intensidade a participação do Estado nos resultados nacionais. Os principais objetivos desse eixo são os seguintes: i) realização de um inventário de capacidades e oferta tecnológicas existentes no Estado; ii) criação de uma rede de centros tecnológicos que deem serviço às empresas e, especificamente para: indústria alimentícia, tecnologias de design e produção, materiais, microtecnologias e microssistemas; e iii) apoio e promoção de projetos integrados inter-setoriais como, por exemplo, automotivo/novos combustíveis (OPTI/Senai/FIEP (2005).

A RMC desfruta de uma estrutura industrial moderna, diversificada e integrada aos mercados nacional e internacional. Essa tendência de expansão industrial aconteceu pelo processo de descentralização das indústrias de outras áreas do Brasil e a vinda de empresas de outros países devido às condições de infraestrutura e econômica citadas anteriormente.

A Refinaria Presidente Getúlio Vargas (Repar), unidade do Sistema Petrobras localizada na cidade de Araucária, construída na década de 1970, localizada em Araucária na RMC, ocupa uma área de 10 milhões de m², é a principal empresa do setor químico paranaense e a maior indústria do Sul do país e também é a maior contribuinte de ICMS para o Estado do Paraná, sendo responsável por 25% da arrecadação. A capacidade de refino é de 32 milhões de litros diários de petróleo, equivalentes a 196 mil barris, representando 12% da produção nacional, transformados em produtos. Aproximadamente 85% de sua produção destinam-se ao abastecimento do Paraná, de Santa Catarina, do Sul de São Paulo e Mato Grosso do Sul e o restante completam o abastecimento de outras regiões ou são exportados (PETROBRAS/REPAR, 2011).

Depois da relevância industrial da Refinaria Presidente Getúlio Vargas (Repar), encontra-se o ramo emergente da região que corresponde ao parque automotivo que será

discutido no decorrer dessa parte. Em seguida a fabricação de alimentos e bebidas, atrelada à demanda interna e externa, multiplicada com a estabilização monetária e o incremento e a sofisticação dos mercados mundiais. Nas vertentes posteriores, a produção de máquinas e equipamentos, notadamente para a agricultura, e os complexos madeira/móveis e papel, direcionados ao atendimento das demandas doméstica e internacional.

A RMC concentra a maioria dos municípios do espaço metropolitano, do Litoral e da Ribeira. Ela apresenta uma dinâmica econômica bastante heterogênea, com concentração de geração de renda no eixo central e a maior parte dos segmentos industriais e de serviços do Estado. Além disso, tem se mostrado relevante para o desenvolvimento industrial, contando com indústrias de alto padrão tecnológico e por isso tem ganhado melhoria de competitividade. Para isso, há necessidade de se desenvolver um plano de modernização do setor metal-mecânico e fomento de P&D no campo dos plásticos e materiais compostos²¹.

Na composição do valor adicionado bruto a preços básicos do setor industrial, a RMC em relação ao Estado, atingia 46,37% (2000) caindo para 45,71% (2012). A queda de 0,66% muito se deve aos avanços econômicos do setor de serviços, comércio e administração pública.

Os municípios de Curitiba, Araucária e São José dos Pinhais que pertencem a RMC juntos formam a maior expressão econômica do Estado, a cidade de Curitiba é detentora de uma estrutura industrial expressiva, logística bem distribuída e diversificada e bem integrada nos mercados nacional e internacional, além de ter *marketing* e projetar-se, não sem controvérsias, como modelo mundial como capital ecológica e sistema de transporte copiado por vários países.

A cidade de Curitiba é a quarta colocada do *ranking* nacional em relação ao Produto Interno Bruto a preços correntes de 2011 atingindo R\$ 58 bilhões, superada por São Paulo, Rio de Janeiro e Brasília. A cidade de São José dos Pinhais, em nível nacional é 37^a colocada e Araucária é a 41^a, essas são as três maiores economias do Estado. Na Região Metropolitana de Curitiba, as exportações estão condicionadas pelos setores alimentos e bebidas, veículos automotores, máquinas e equipamentos e produtos da madeira (IBGE, 2013).

Segundo PNUD (2013) as cidades de Curitiba, São José dos Pinhais e Araucária que são as três maiores economias do Estado estão em 1^o (0,823), 21^o (0,758) e 58^o (0,740) na classificação do IDH-M, enquanto que a média do Paraná ficou em 0,749.

²¹ Um material composto é formado pela união de dois materiais de naturezas diferentes, resultando em um material de desempenho superior àquela de seus componentes tomados separadamente. O material resultante é um arranjo de fibras, contínuas ou não, de um material resistente (reforço) que são impregnados em um matriz de resistência mecânica inferior às fibras (PEREIRA, 2003)

A Mesorregião Norte Central Paranaense tem com principal referência o eixo Londrina-Maringá, em 2012 os dois municípios contabilizaram quantia superior a R\$ 23,0 bilhões no PIB que corresponde a 9,02% do PIB do Estado (Iparde, 2014). Esses dados refletem a importância socioeconômica região norte sendo superada apenas pela RMC. A região Norte Paranaense tem no complexo sucroalcooleiro e agroquímico como duas atividades relevantes do setor industrial da região.

Na Mesorregião Norte Central Paranaense, as exportações industriais estão mais concentradas nos segmentos de mercado dedicados à produção de alimentos, que deverá passar por modernização para impulsionar a capacidade de produção e aumentar a produtividade. Nesse processo estabelecer sistematização do desenvolvimento de atividades empresariais para a fabricação de alimentos funcionais baseados nas proteínas da soja e para outros produtos a criação de desenho e automação da indústria de móveis, por exemplo. (FIEP, 2009).

Considerando o PIB de 2012, os municípios de Londrina e Maringá figuram na quarta e na quinta posição, respectivamente, no *ranking* da economia paranaense. Seguindo a dinâmica nacional, no valor adicionado bruto a preços básicos a participação mais expressiva está no setor de serviços. No caso de Londrina 81,1% do valor adicionado bruto corresponde ao setor de serviços e a indústria com 17,05% e a agropecuária com 1,85% da totalização do Estado. Enquanto a distribuição do valor adicionado bruto do município de Maringá o setor de serviços é responsável por 80,17%, à representatividade industrial é 19,17% e agropecuária 0,66%. Especificamente ao PIB do setor industrial, Maringá vem apresentando crescimento superior ao de Londrina no período 2010-2012. Na mesma parametrização, o crescimento do setor industrial entre os anos 2010 a 2012 alcançou 6,15% em Londrina e 12,5% em Maringá (IBGE, 2014).

Em uma análise comparativa entre o PIB dos municípios de Londrina e Maringá, ressaltamos que o último se aproxima cada vez mais do primeiro, ou seja, o valor do PIB de Maringá é cerca de 80% em relação a Londrina. Percebe-se essa evolução ao tomarmos a medida de 2003 cuja equivalência era de 72,24%.

Em relação ao IDH-M medido para o ano 2010, os municípios de Maringá (0,808) e Londrina (0,778) ocupam, respectivamente, a segunda e a sétima posição no *ranking* paranaense, superando a média estadual que é de 0,749 (PNUD, 2013).

Como força-motriz a agroindústria norte paranaense, devido a disponibilidade de matéria-prima e, sobretudo, pelo alcance de um potencial mercado consumidor incluindo o interior do Estado de São Paulo, esse segmento vem estimulando os agentes econômicos

regionais na busca da consolidação da produção agroindustrial e a diversificação econômica, por meio da implantação de atividades com maior conteúdo tecnológico e agregação de valor.

Os complexos industriais do setor sucroalcooleiro e agroquímico estão se constituindo em uma das referências do setor industrial no Estado do Paraná. As usinas de açúcar e de álcool foram implantadas após o declínio do café e viabilizadas com os incentivos do Proálcool, como forma de controle da erosão na área do arenito caiué e ganharam notoriedade nacional.

A agropecuária possui laços consolidados com a agroindústria e com a demanda externa, sobressaindo-se pelos elevados volumes de produção de soja, milho, cana-de-açúcar e feijão, aves e bovinos. O processamento industrial dessas matérias-primas permitiu que as empresas agregassem valor e o Estado aumentasse a arrecadação fiscal. Além das significativas participações do setor industrial, os espaços polarizados pelas cidades de Londrina e Maringá mantêm primeiro posto na produção de cana-de-açúcar no Estado, do segundo na produção de soja, milho e plantel bovino, do terceiro com a cultura do feijão e o quarto em volume de produção de leite e efetivo de aves.

A região Norte vem se destacando no cultivo frutas, como é o caso de uvas, no município de Sarandi, e de laranja em Paranavaí. O refino de óleo de soja e de fabricação de fios de algodão e de seda também a credencia com potencialidades reais de aumento da produção industrial e o uso da sua capacidade produtiva.

Ressalta-se também o polo moveleiro do município de Arapongas, o segundo maior do país, e da indústria do vestuário e de confecções, principalmente, nos municípios de Londrina e Maringá depois da superação da crise da primeira metade da década de 1990, e em Apucarana, especializado na fabricação de bonés.

A fabricação de embalagens e de produtos de metal, a partir da transferência recente de algumas unidades industriais procedentes do Interior de São Paulo, especificamente para o município de Londrina é uma fato consolidado.

A Mesorregião Centro Oriental, é denominada pelos historiadores como parte do Paraná tradicional²². A exploração da madeira primeiro em bosques nativos depois em reflorestamento (pinus e eucaliptos) é a principal atividade da economia regional. Os setores mais influentes da economia regional estão vinculados à fabricação de papel, madeira,

²² A designação de Paraná Tradicional remete-se ao período de conquista e ocupação do território indígena pelos luso-brasileiros, desde o século XVII até o XIX, compreendendo a porção do litoral, primeiro planalto, Campos Gerais, Campos de Guarapuava e Palmas. Inicialmente, através da predação de índios e da mineração, possibilitou-se a criação das primeiras vilas portuguesas, no litoral e no primeiro planalto, como a de Paranaguá, Antonina e Curitiba. (Secretaria de Estado da Cultura, 2013).

fertilizante e produtos alimentícios que em 2003 juntos representavam 92,15% dos resultados. A indústria madeireira emprega aproximadamente 35% da mão-de-obra, seguida pela indústria de alimentos em torno de 20% e a de papel com 15%.

O município de Ponta Grossa polariza a mesorregião que se beneficia das vantagens geográficas pelos acessos facilitados para os principais mercados regionais tanto do Brasil como do bloco do Mercosul, além do entroncamento rodoferroviário e as proximidades com a capital do Estado e do Porto de Paranaguá. A região se beneficia das riquezas naturais como os recursos minerais: talco, gesso e calcário.

O desenvolvimento das indústrias de papel e de madeira deriva dos volumosos investimentos realizados por empresas nacionais e estrangeiras, especialmente nos segmentos de embalagens e placas *Medium Density Fiberboard* (MDF), utilizadas pelos ramos do mobiliário e da construção civil. A região atraiu a maior fabricante de embalagens cartonadas operante no Brasil e dois grupos produtores de MDF, o chileno com a Masisa, em Ponta Grossa, e outro nacional, a Placas do Paraná, comprado pela chilena Arauco, instalada em Jaguariaíva, a maior empresa de base florestal em operação no país.

O Paraná abriga indústrias de papel (que representam 3,4% da produção brasileira), como a *Klabin*, em Telêmaco Borba, e a indústria madeireira Inpacel localizada na cidade de Arapoti que industrializa madeiras da Amazônia (IPARDES, 2013).

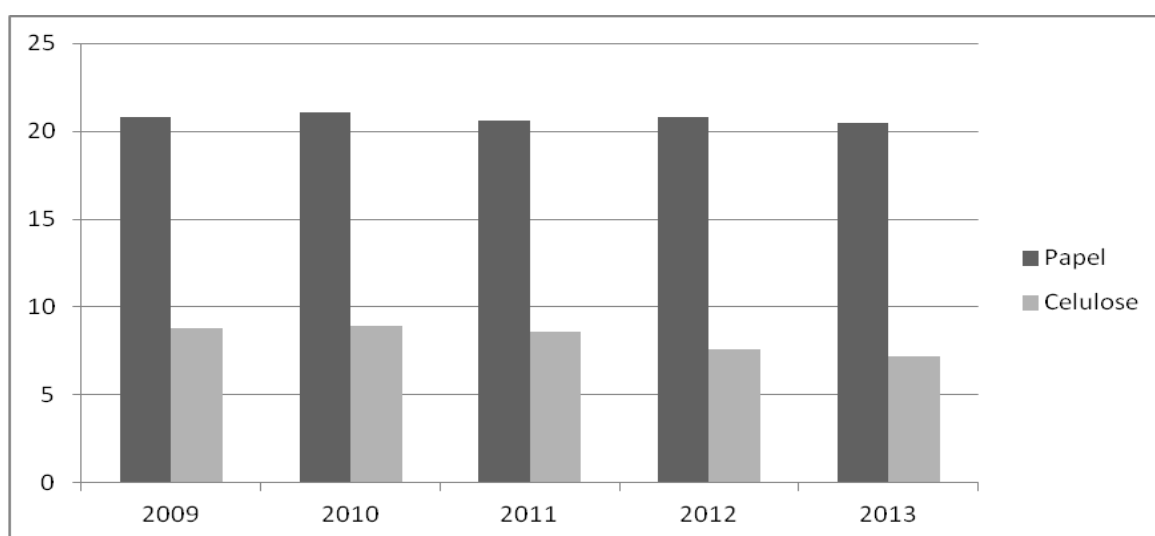


Figura 6: Brasil. Participação do Paraná na produção de papel e celulose, 2009-2013 (em percentual)

Fonte: Sindicato das indústrias de papel e celulose do Estado do Paraná (Sinpapel).

Sobre as principais empresas produtoras de papel no Brasil, as maiores são a Klabin (17,0%), a Suzano (11,5%), a International Paper (9,9%), a Fíbria (3,9%), a Rigesa (3,2%), a que são responsáveis por 45,5% da produção nacional de papel (BRACELPA, 2010).

Relativo especificamente à celulose, as maiores empresas brasileiras produtoras são a Fíbria (38,9%), a Suzano (17,3%), a Klabin (11,0%), a Cenibra (9,0%) e a *International Paper* (6,2%) que respondem por 82,4% da produção nacional.

A *Klabin* possui 16 unidades industriais, sendo 15 no Brasil e uma na Argentina, escritórios comerciais em oito Estados do Brasil e uma filial nos Estados Unidos, além de representantes e agentes comerciais em vários países (KLABIN, 2014).

Os municípios de Telêmaco Borba, Arapoti e Jaguariaíva se constituem no polo papelero da região. O grupo *Klabin* opera em Telêmaco Borba desde 1944, tendo a maior planta integrada da América Latina e representando cerca de um terço da produção de papel e celulose do Estado, com capacidade produtiva de papel e celulose, de 600 mil para 750 mil toneladas/ano que é praticamente a metade de sua produção no Brasil (IPARDES, 2013).

A Pisa, única fabricante de papel de imprensa do país, foi construída em 1981 em Jaguariaíva, em 2000 foi adquirida pelo grupo norueguês *Norske Skog*. A Inpacel instalada em Arapoti no ano de 1983 foi negociada nos anos 1990 para o grupo *Internacional Paper*.

Na Figura 7 demonstra as cinco principais indústrias do Brasil no ramo de papel, com destaque para *Klabin* que possui uma unidade industrial na cidade de Telêmaco Borba na Mesorregião Centro Oriental e que está com elevados investimentos na cidade de Ortigueira.

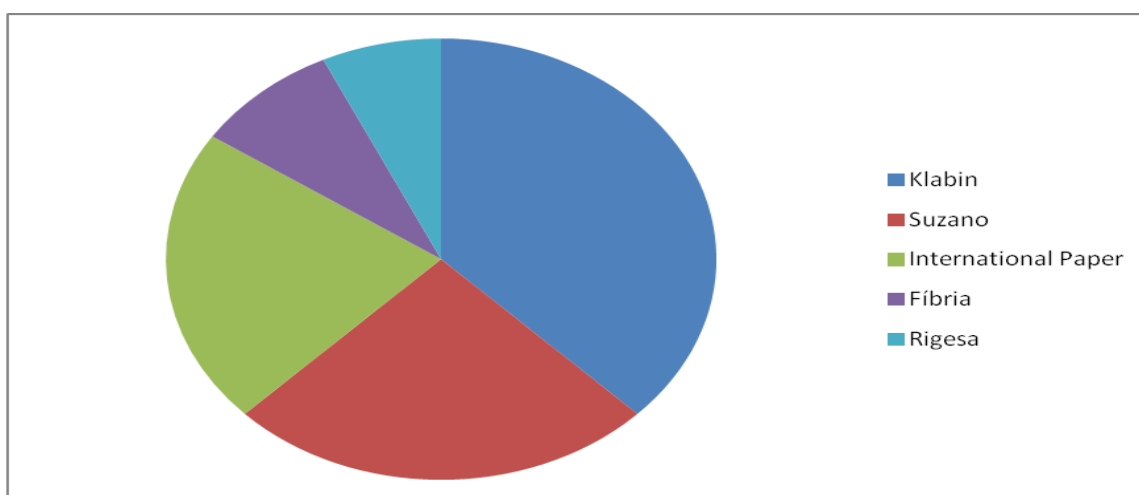


Figura 7: Brasil. Maiores empresas produtoras de papel, 2009

Fonte: Associação brasileira de celulose e papel (Bracelpa)

O Paraná ocupa posição de destaque nacional na produção de papel com cerca de 20% de participação e na produção de celulose cerca de 8%, tendo na Klabin sua principal indústria do segmento no Paraná. Além da fábrica em Telemaco Borba, até o último trimestre de 2014 será instalada a fábrica de celulose em Ortigueira, a pouco mais de 50 quilômetros de Telemaco Borba com aporte financeiro de R\$ 6,6 bilhões. A fábrica Klabin Celulose vai produzir 1,5 toneladas/ano de celulose. A fábrica vai produzir a celulose *fluff*, utilizada, principalmente, na fabricação de fraldas descartáveis e absorventes higiênicos e deve abastecer o mercado nacional que é carente dessa matéria-prima (KLABIN, 2014).

As empresas como a *Coimbra* (grupo *Dreyfus*), a *Cargill*, a *Bunge* e a *Insol*, localizadas em Ponta Grossa fazem da região o maior polo de processamento de soja do País. A indústria de trigo pertence ao grupo *Bunge* (antigo Moinho Santista) e a produção de fertilizantes ficam sob o comando de grandes empresas internacionais e nacionais. A instalação da fábrica de bebidas *Kaiser* em Ponta Grossa na segunda metade dos anos 1990 constituiu-se um marco, a qual preencheu a lacuna deixada pela antiga fábrica de bebidas Antártica.

O segmento de cooperativas é um dos marcos no desenvolvimento regional, tendo como âncora a atividade de laticínios da Cooperativa Central de Laticínios do Paraná (CCLPL), que detém a marca Batavo, tem como associadas à Cooperativa Agropecuária Castrolanda de Castro, Arapoti e Batavo. A CCLPL com 26% no mercado de refrigerados e 29% no mercado de iogurtes no Paraná, ainda, ocupa a quarta posição no *ranking* das empresas de laticínios do País, atrás apenas da *Nestlé*, *Parmalat* e Cooperativa Paulista de Laticínios.

Outras indústrias, como o parque de fundição e máquinas para as indústrias de alimentos e papel; instalação de plantas e carpetes, tubos de ar condicionado, mangueiras e correias de borracha e freios para atender o polo automotivo da RMC; produção de equipamentos médico-hospitalares, instrumentos de precisão e aparelhos para automação industrial.

Para o Ipardes (2004), a Mesorregião Sudoeste Paranaense tendo em Pato Branco e Francisco Beltrão seus principais municípios, tem a base industrial na indústria agroalimentar o gênero alimentos é representado basicamente pelos segmentos de abate e industrialização de aves que insere a mesorregião como parte do polo agroindustrial do Oeste de Santa Catarina, onde se situam algumas das principais empresas do setor – e produção de leite, com pequenas unidades atuando no fortalecimento da bacia leiteira regional, por meio de melhoramento genético do rebanho.

O Iparades (2004) relata que dez agroindústrias cooperativadas estão organizadas na Mesorregião Sudoeste com ramos de produção ração animal, abate de bovinos e suínos, produção de conservas de frutas, produção de derivados de milho e laticínios. A empresa Sadia com apoio da prefeitura de Francisco Beltrão tem realizado investimentos na cadeia produtiva. Outros segmentos perfazem o montante o ramo industrial da região, como o complexo de madeira, o segmento de esquadrias e o gênero metalúrgico e elétrico, ferramentas, ferragens, funilaria e cutelarias que vem conquistando espaço na mesorregião.

Segundo Sindiavipar (2014) a quantidade de frangos abatidos no Estado²³ totalizou 1,46 bilhão de cabeças em 2013 com a Mesorregião Sudoeste com seus quatro abatedouros e cinco incubadoras respondeu pelo abate de 315 milhões de cabeças de frango que corresponde a 22% da produção do Paraná, ficando atrás somente da região Oeste que abateu 33% do total.

A Mesorregião Sudoeste está se consolidando nos segmentos metal-mecânica, com os ramos de eletrodomésticos e aparelhos eletroeletrônicos, com forte articulação ao setor metalúrgico e com uma base institucional composta por escolas técnicas, universidades públicas estaduais e federais, agências de desenvolvimento regional. “Com a instalação do Centro de Tecnologia Industrial do Sudoeste (Cetis) um condomínio organizado pela Copel, Lactec, Prefeitura de Pato Branco, governo federal e empresariado local, existem fortes evidências de conformação de um cluster regional de base tecnológica” (IPARDES, 2003, p. 68).

No documento Leituras Regionais, o Iparades (2004) argumenta que o polo eletroeletrônico de Pato Branco, pela atuação do Cetis, vem obtendo resultados positivos no segmento de aparelhos eletroeletrônicos, decorrente das empresas *Hosonic* (oscilador de frequência) e *Metavision* (alarmes para carros); no de equipamentos para energia elétrica, com a empresa *Green Lights* (transformadores e indutores); e no segmento de equipamentos para comunicações, representado pela empresa *Relm Chatral* Telecomunicações.

A Mesorregião Oeste que é referenciada por três microrregiões que tem como sede os destacados municípios paranaenses de Foz do Iguaçu, Cascavel e Toledo, tem se pautado ao longo da última década como sendo, uma das regiões em franco desenvolvimento no Estado do Paraná. Os eixos de desenvolvimento da região são a agricultura tendo como principal produto a soja e pecuária especialmente no processamento da carne, a indústria de turismo e a estrutura da renda regional que mostra a relevância do setor industrial pela produção de energia de Itaipu.

²³ No total de abates de frango com inspeção federal no país, o Paraná ficou em primeiro lugar entre os Estados, com participação de 29,03% (Sindiavipar, 2014) .

O setor industrial da Mesorregião Oeste é muito relevante, da mesma forma que o setor de serviços que agrega o maior número de cooperativas agroindustriais do Paraná, com destaques para Coopavel de Cascavel, Lar localizada em Matelândia, Copacol com sede em Cafelândia, Coopervale da cidade de Palotina e Sudcoop de Medianeira, além de unidades de outras cooperativas, como a Coamo Agroindustrial Cooperativa.

A indústria de transformação na região tem como recorte nos ramos agroalimentar com desempenho bem superior ao das demais atividades. A indústria agroalimentar justifica sua viabilidade pelas potencialidades regionais, devido à oferta de matérias-primas diversificadas, estrutura humana e técnica de alto nível em função, principalmente aos recursos técnicos disponibilizados pela UTFPR, Unioeste, PUC, Fundetec e Senai e como vantagem geográfica de fronteira a proximidade com o Paraguai e Argentina países integrantes do Mercosul.

Na constituição da diversificação do ramo industrial, os segmentos: vestuário, química e metalurgia, devido aos bons resultados do setor industrial, estão se interessando e instalando suas unidades na Mesorregião Oeste, que vem se credenciando como uma das regiões de maior atração de investimentos e com isso se transformando em um dos mais importantes territórios econômicos do Estado.

Segundo OPTI (2005), a Mesorregião Oeste Paranaense é um espaço geográfico que vem aperfeiçoando os processos de transformação na base técnica de produção da agricultura, de concentração da posse da terra e de inserção de ramos industriais à antes e depois do rural, liderados por grupos privados nacionais e organizações cooperativistas, com capacidade de participar do mercado interno e externo.

O eixo do desenvolvimento da região Oeste deve-se pela articulação entre os complexos soja e carnes, graças à produção de rações e milho. A região ainda se beneficia com o aproveitamento do potencial turístico e os seus desdobramentos sobre as atividades de serviços, como redes de hotéis, restaurantes e transportes e a geração e a transmissão de energia elétrica da usina de Itaipu que contribui com aportes financeiros advindos do pagamento de *royalties* pelo governo federal em face de inundação pela represa de parte dos territórios dos municípios.

Em trabalho anterior (BORGES, 2009) constatamos que na Mesorregião Oeste e, mais especificamente no município de Toledo, a industrialização de alimentos tem como carro-chefe do setor, o abate de animais e processamento de carnes, graças às plantas de grande dimensão, como os da Sadia que foi instalada no município de Toledo desde os anos 1950 e na década de 1990 realizaram investimentos de grande volume na ampliação e modernização

da capacidade produtiva e no processamento de carnes, especialmente de aves pela Sudcoop, da Coopavel, da Coopervale e da Copacol.

De acordo com o Sindiavipar (2014) a quantidade de frangos abatidos na Mesorregião Oeste totalizou 476,6 milhões de cabeças de frango em 2013 utilizando uma estrutura de oito abatedouros e um incubatório correspondendo a 33% dos abates do Paraná, o que lhe confere a 1ª colocação na produção de frangos do Estado.

A Mesorregião Centro Ocidental que tem Campo Mourão como polo regional, cuja economia regional sustenta-se basicamente na agropecuária, e tem na Coamo Agroindustrial Cooperativa como a grande empresa comercial e industrial da região, a qual possui duas indústrias de esmagamento de soja, uma refinaria de óleo de soja, uma fábrica de margarina e gorduras hidrogenadas, uma fiação de algodão e um moinho de trigo.

Na região a agroindústria tem participação de domínio na geração de renda e na ocupação de espaço geográfico de produção, especialmente da fabricação de alimentos, açúcar e álcool, móveis, produtos têxteis e papel celulose. Salienta-se a expansão das indústrias de alimentos, do complexo sucroalcooleiro e da fabricação de papel celulose, porém as atividades fabricação de móveis e produtos têxteis apresentam redução na participação conforme relatório do OPTI (2005).

A indústria alimentar é favorecida pelas características regionais devido à participação das cooperativas de produção do preparo técnico fornecido pelos cursos universitário, notadamente, o curso de engenharia da produção agroindustrial e o curso de tecnologia de processamento de alimentos vegetais, disponibilizados pela Universidade Estadual do Paraná e pela Universidade Federal Tecnológica do Paraná, respectivamente, instalada na cidade de Campo Mourão, além da incubadora tecnológica da Fundação Educere que tem a função de incentivar o empreendedorismo biotecnológico e que tem a Cristófoli Biossegurança com sede em Campo Mourão como sua principal mantenedora.

As oportunidades do crescimento econômico regional ficam na dependência da consolidação do Polo de Alimentos de Campo Mourão que precisa de mais clareza em seus objetivos. O aproveitamento dos insumos para alimentos a base de soja, de mandioca, milho, cana-de-açúcar para a transformação em bens finais podem propiciar um novo impulso e uma melhor disposição dos espaços regionais de maneira que ocorram de fato maior integração e distribuição geográficas de interesse de todos os municípios da região.

O setor primário, apesar representar a menor contribuição no produto interno bruto e do valor adicionado na maioria dos municípios da Mesorregião Centro Ocidental, é relevante para a economia regional pela formação da cadeia produtiva que se insere nos demais

segmentos econômicos. A presença da Coamo como excelência no agronegócio e a consolidação de Institutos de Pesquisa e Desenvolvimento (P&D) que venha de fato assumir a as tecnologias, biotecnologia e ferramentas para rastrear as possibilidades das certificações das atividades que possam ser referência para promoção do desenvolvimento regional com aproveitamento dos insumos gerados na região.

Apesar da Mesorregião Centro Ocidental não figurar entre as principais regiões com mais tradição no setor industrial, identificamos uma crescente participação da produção industrial nos segmentos do açúcar e álcool através das usinas instaladas nos municípios de Engenheiro Beltrão e Moreira Sales²⁴; dos derivados da mandioca no município de Araruna que abastece todo o território nacional; do segmento de papel e papelão, dos autoadesivos, dos produtos de biossegurança pela empresa Cristófoli e do processamento de carne de aves através da *Tyson Food* em Campo Mourão; das metalurgias e facções em outros municípios.

A indústria de alimentos²⁵ sinaliza desempenho animador que decorre, principalmente dos efeitos multiplicador provocado pelas cooperativas estabelecidas nos municípios da região com liderança da Coamo Cooperativa Agroindustrial. Entre elas estão a indústria de moagem de trigo conta com a unidade da Coamo, de Campo Mourão; a Coagru, de Campina da Lagoa; Moinho Balestrin, de Mamborê; e D'Angelo e Melo, de Roncador, além de outros Moinhos de porte menor na cidade de Campo Mourão.

De relevância é a presença de atividades vinculadas à fabricação de embalagens metálicas, especificamente à produção de latas para envase de óleo, além de segmentos voltados à fabricação de cabines, carrocerias e reboques para caminhões, ligados às atividades da agricultura da região.

Segundo Beneton e Bovo (2011) o município de Terra Boa se destaca com segmentos industriais como o de facções, moveleiro, embalagens, embalagens plásticas, calçados. O setor de maior representatividade industrial é o segmento de confecções devido ao número de indústrias do ramo e a geração de empregos diretos. As maiores empresas desse segmento são: a Dudalina, Looperfios Confecções, Pele Azul e a *PTL Nabhan* (MOLLE, 2013). No ano de 2012, o setor industrial do município respondeu por 20,92% do valor adicionado bruto a preços básicos, cuja participação na totalização do município é inferior aos setores agropecuário e serviços, este último com o melhor desempenho da economia (IBGE, 2014).

²⁴As usinas Sabarácool, de Engenheiro Beltrão, e Usina Goioerê, de Moreira Sales, compõem o segmento de açúcar e álcool da mesorregião.

²⁵O destaque para o município de Araruna, o segmento derivados da mandioca destaca Pinduca e Helce, de Araruna; Amitec, de Goioerê; Amafil, de Terra Boa; e a Kvitschal & Rieke, de Quinta do Sol. O segmento biscoitos, doces e massas, destacam-se as empresas Zadimel (biscoitos), de Goioerê, e Naturitos e Produmac, de Terra Boa e Bokada de Campo Mourão.

O setor industrial do município de Campo Mourão é o dos mais representativos na região quanto ao crescimento e agregação de valores com suas indústrias de transformação. No segmento de fabricação se destacam a OM *Fashion*, *Ayon* Confeccões e *Sajama* Malhas com malharia, estamparia, texturização e têxteis diversos.

Outros ramos complementam o setor industrial Campo Mourão, entre eles, serrarias, esquadrias, celulose, papel e papelão, adesivos (destaque para empresa Auto Adesivos Paraná de Campo Mourão), metal mecânico, segmentos de equipamentos para agricultura e embalagens metálicas (Metalgráfica Iguazu - produção de latas para envase de óleo), material de transportes (cabines, carrocerias e reboques para caminhões) e, torrefação de café, ração de animal, têxtil.

No ramo de equipamentos médico-hospitalares através das empresas Cristófoli, ACME, Orto-*Press* e Orto e as empresas incubadas. A incubadora de empresas da Fundação Educere, mantida pela empresa Cristófoli Biossegurança.

A Fundação Educere é um centro de pesquisa e desenvolvimento na área de biotecnologia, cujo foco principal é a incubação de empresas a partir de um projeto social inovador que atua na formação de jovens com potencial empreendedor que permite descobrir novos talentos empresariais. Esse processo ocorre através da formação multidisciplinar que tem relevância na pesquisa e no desenvolvimento de novos produtos da área de saúde e tem o papel de estimular e apoiar os novos empreendedores em seus negócios.

A Fundação Educere terminou o ano de 2013 com o total de 15 empresas, sendo sete empresas graduadas (que possuem capacidade de autossustentabilidade) e oito empresas incubadas, que residem no ambiente da incubadora e estão em fase de desenvolvimento de equipamentos. As empresas geraram 208 empregos diretos e um faturamento de R\$ 31,16 milhões em 2013 como resultados econômicos sinalizou uma evolução de 28% e no lado social a geração de empregos foi de acréscimo de 29% em relação ao ano imediatamente anterior.

O principal segmento da química é o de produtos farmacêuticos e veterinários em que o destaca que é a empresa *Deshydrater* (produtos naturais), de Campo Mourão, e RR Laboratórios Farmacêutica de Goioerê. Dessa área também estão instalados em diversos municípios da região uma quantidade significativa de laboratórios de remédios manipulados e segmentos de higiene e limpeza.

Segundo Pedrosa (2013) as dez maiores empresas são responsáveis por cerca de 60% do valor adicionado fiscal de Campo Mourão em 2012 nelas estão incluídas as principais indústrias da cidade, caso da Coamo Agroindustrial Cooperativa e a *Tyson* do Brasil que

juntas correspondem a 43,07% de participação do valor adicionado fiscal municipal. A autora complementa sua análise dizendo que o setor industrial de Campo Mourão cresceu 10% no período 2006-2010 significando o maior crescimento da economia local, superando o crescimento dos setores da agropecuária e de serviços.

De acordo com Micheloni (2013) e informações de empresários e pioneiros da cidade de Araruna, as atividades industriais do município são constituídas basicamente de empresas tradicionais e familiares, isso aconteceu com algumas empresas que se instalaram desde a emancipação política do município. As empresas cinquentenárias A. J. Rorato e Cia Ltda. (o ramo de móveis) e a Pinduca Indústria Alimentícia Ltda. comercializam seus produtos no mercado interno e externo.

Micheloni (2013) afirma que em função da evolução econômica das empresas Líder Lar e A. J. Rorato do ramo de móveis, outras empresas surgiram na condição de pequenas fábricas para fornecimento de materiais e produtos para a produção das empresas instaladas, como pés para móveis, briquetes de madeira, cantoneiras plásticas para proteção de quina dos armários, corredeiras plásticas para gavetas, cantoneiras de papelão para proteção das quinas dos armários, acessórios de proteção anti-riscos em papelão.

No município de Araruna o segmento de metalurgia com a utilização de intensidade de alta tecnologia no processo de produção é representado pelas empresas Opção Painéis – que produz painéis elétricos, e as empresas Cofama, Comaster e Fameger especializadas em fabricação de máquinas para produzir espumas para estofados e colchões atuando no mercado nacional e internacional (MICHELONI, 2013).

Em Goioerê a cultura do algodão atingiu seu auge no início da década de 1990, quando o município foi considerado como sendo o maior produtor do Brasil, com 44 mil hectares cultivados. Devido a certos aspectos externos e internos como políticas agrícolas inadequadas, pragas e preços desestimulantes, a partir de 1993 a cultura do algodão sofreu um declínio passando a ter pouca importância econômica no Estado do Paraná (PAZ Jr., 2003).

Por questões adversas aos interesses do todo o Estado, os parques de fiação, inclusive as indústrias desse segmento das cidades de Campo Mourão e Goioerê apresentaram perdas consideráveis devido à extinção da produção de algodão na região devido ao elevado custo de produção em função da prática de monocultura para essa cultura. Por isso, as indústrias do segmento de fiação de fios de algodão, optaram pela importação da matéria-prima produzida no Estado do Mato Grosso logo no início da década de 1990. Isso tudo ocorreu pelo deslocamento da produção do algodão para aquele Estado que detinha de grandes áreas para o

plantio e colheita e com a vantagem comparativa da mecanização da cultura através padrões tecnológicos avançados.

Segundo Abbade (2005) o município Goioerê tem nas atividades relacionadas ao setor têxtil um segmento motivado inicialmente pelo plantio de algodão entre as décadas de 1970 e 1990, contando com o apoio técnico com o curso de Engenharia Têxtil da Universidade Estadual de Maringá – Campus de Goioerê e com a Coagel²⁶. As principais indústrias estabelecidas na microrregião de Goioerê estão no ramo têxtil, como a Sintex (tingimento); Zadimel, no ramo de alimentos as empresas Amitec e Trivial Salgados; Realme (móveis para escritório) e a Usina Santa Terezinha (Usacucar) no ramo sulcroalcooleiro.

O município de Moreira Sales que pertence à microrregião de Goioerê, conta com 24 indústrias de pequeno e médio porte, predominantes na área de produção alimentar, metalurgia, extração de minerais e madeira. A Usina Santa Terezinha – Usacucar é a maior indústria municipal da microrregião de Goioerê (GARCIA, 2013).

Entre principais indústrias do município de Ubitatã estão a Coagru (Cooperativa Agroindustrial União) com moinho de trigo, fábrica de ração e fábrica de suplemento mineral, no segmento de frigorífico abatedouro de aves a Unitá Cooperativa Central criada a partir da associação entre a Coagru Cooperativa Agroindustrial União, Copacol Cooperativa Agroindustrial Consolata e a Coperflora Cooperativa Florestal com investimento de R\$ 135 milhões (FIEP; SINDIAVIPAR, 2013).

A Copacol, a Coagru e a Coperflora na constituição do frigorífico abatedouro Unitá promovem a transformação de matéria-prima agregando valor com reflexos direto na geração de emprego e renda do município de Ubitatã, assim:

As agroindústrias utilizam os mesmos processos produtivos das indústrias. Uma das diferenças neste processo produtivo são as matérias-primas empregadas às várias fases da cadeia produtiva. Nas indústrias, a matéria-prima não necessariamente precisa ser produtos oriundos diretamente do setor rural. Entretanto, nas agroindústrias a característica fundamental é a transformação de matérias-primas, predominantemente rurais (RODRIGUES; RICHALTZ, 2011, p. 2).

Dentre as mesorregiões paranaenses, o Norte Pioneiro, de acordo com dados estatísticos do Iparde e da Secretaria da Indústria, Comércio e Assuntos do Mercosul SEIM (2012), tem um dos menores mercados formais da indústria de transformação do Estado, e

²⁶ A Cooperativa Agropecuária Goioerê Ltda. - Coagel por problemas financeiros e econômicos passou em 2009 a ser administrada pela Coamo Agroindustrial Cooperativa que em maio de 2012 a incorporou definitivamente.

com mão-de-obra concentrada no gênero de alimentos, seguido pelo têxtil e madeireiro. Isso faz com que essa região tenha baixa participação da indústria na absorção da força de trabalho, por ser um mercado regional de trabalho ainda é muito dependente das atividades agrícolas que abrange cerca de 1/3 do total de ocupados.

O perfil da produção industrial do território da região Norte Pioneiro é dado pelas atividades de alimentos e bebidas, produtos de madeira, produtos químicos e alguma produção relativa a álcool e açúcar e outros combustíveis. A atividade de eletricidade, gás e água quente, com participação de 9,4% vem sendo essencial para o núcleo industrial regional. (PIFFER; AREND, 2009).

Piffer e Arend (2009) retratam que no Norte Pioneiro, os municípios de Jataizinho, Quatiguá, Bandeirantes, Nova Fátima além das atividades básicas na indústria, as atividades da indústria não tradicional começou a se consolidar na prestação de serviços. Por outro lado, Jataizinho, Nova América da Colina, Sapopema Salto do Itararé e Barra do Jacaré se enquadram com atividades dinâmicas. Cornélio Procópio tem a indústria tradicional como básica. Como os ramos de atividade das indústrias não-tradicionais e indústrias dinâmicas²⁷ são mais intensivos em capital, em consequência o produto interno bruto desses municípios são mais expressivos.

No Norte Pioneiro, estão sediadas indústrias que atuam na fabricação de equipamentos para geração de energia elétrica. Siqueira Campos possui 97 fábricas com destaque para os setores de confecção e metal-mecânico. A principal indústria é a *Pro Tork*²⁸ a maior fabricante de peças e acessórios para motocicletas da América Latina que tem duas plantas industriais gerando 3,6 mil empregos e seus produtos são comercializados no mercado interno e para a América Latina, Europa e Ásia (MIGLIORINI, 2006).

Os municípios de Ibaiti, Jacarezinho, Siqueira Campos e Santo Antônio da Platina concentravam, mais de três quintos dos registros de empregos industriais. O município de Santo Antonio da Platina contava com 1.368 registros no ano 2005, sendo 19,7% na fabricação de alimentos e bebidas, 19,2% na construção, 17,5% na fabricação de máquinas, aparelhos e material elétrico, e 16,8% na confecção de artigos do vestuário e acessórios (IPARDES, 2007).

²⁷ As indústrias tradicionais, são mais intensivas em mão-de-obra, o que significa maior volume de assalariados e, conseqüentemente, consumidores. Já as indústrias dinâmicas têm um volume menor de assalariados, mas com salários mais significativos.

²⁸ Antes instalada em Curitiba, quando fabricava, de forma artesanal, apenas escapamentos para motos, os diretores do grupo, que já eram de Siqueira Campos ficaram atraídos com as facilidades e se mudaram para Siqueira Campos em 1993. São duas plantas industriais que empregam 3,6 mil trabalhadores e de onde saem os produtos vendidos para todo o país, além de serem exportados para a América Latina, Europa e Ásia.

Piffer *et al.* (2010), salienta que na Mesorregião Centro Sul, os municípios de Guarapuava, de Clevelândia, de Mangueirinha e de Pinhão se concentram nas indústrias tradicionais. Das mesorregiões do Paraná, a Centro Sul não é tão dispersa quanto outras regiões mais dinâmicas, ou seja, a Centro Sul não possui necessariamente atividades de base em todos os ramos do setor secundário.

No Sudeste do Paraná, as indústrias dinâmicas estão localizadas como básicas nas AMC²⁹s de São Mateus do Sul e de Mallet. As indústrias tradicionais são mais dispersas internamente nessa mesorregião, pois estão localizadas nas AMCs de Bituruna, de General Carneiro, de Imbituva, de Inácio Martins, de Irati, de Porto Vitória e de União da Vitória. Em 2000, elas já surgem como básicas em Paula Freitas, em Paulo Frontim e em Teixeira Soares. A indústria não-tradicional surge como básica na AMC de Porto Vitória. Diferente da localização das atividades de transformação, a Prestação de Serviços e Comércio aparece como básica nas AMCs de União da Vitória e de Irati (PIFFER *et al.*, 2010).

A indústria da Mesorregião Sudeste tem em seus principais setores o complexo da madeira a indústria de cerâmica, beneficiada pela possibilidade de exploração do gás derivado xisto e pelas reservas de argila, a indústria de alimentos, a erva-mate e agroindustrialização com a participação das cooperativas na utilização dos insumos oriundos do leite, arroz, mandioca, trigo e milho (PARANÁ, 2013).

Este foi um breve panorama dessa mesorregião que como recorte territorial do trabalho, será retomada em partes posteriores.

1.3.2 Distribuição espacial dos estabelecimentos industriais no Estado do Paraná

Na década de 1990, com os novos investimentos industriais efetivados, o Estado do Paraná se mostrou competitivo no cenário nacional, ocorrendo com isso uma maior concentração, tanto de capital com pequeno número de empresas monopolistas responsáveis pela maior parte do valor da produção, quanto espacial, que proporcionou um desequilíbrio na distribuição do desenvolvimento econômico ao restante do Estado (OLIVEIRA, 2001).

As dez mesorregiões distribuídas no território paranaense totalizam mais de 34 mil estabelecimentos industriais de todos os portes e conforme Oliveira (2001) o desequilíbrio entre as regiões é perceptível a começar pelas potencialidades de algumas delas em

²⁹ Perfil locacional e a especialização produtiva nas Áreas Mínimas Comparáveis (AMC) do Estado do Paraná, no período de 1970 a 2000.

detrimento aos níveis de pobreza de outras, conforme análise a partir desse ponto conforme dados conforme dados disponibilizados na Tabela 10.

Tabela 10: Paraná. Estabelecimentos industriais nas mesorregiões durante o período 2003-2012

LOCALIDADE	QUANTIDADE DE ESTABELECIMENTOS INDUSTRIAIS POR ANO									
	2003	2004	2005	2006	2007	2008	2009	2010	2011	2012
Centro Ocidental	543	568	582	638	628	677	705	743	769	805
Centro Oriental	1.270	1.278	1.304	1.345	1.394	1.510	1.561	1.548	1.593	1.622
Centro Sul	750	762	758	735	752	796	810	824	845	860
RMC	7.405	7.742	7.938	8.588	8.890	9.299	9.740	9.919	10.246	10.487
Noroeste	1.964	2.110	2.160	2.226	2.352	2.497	2.679	2.745	2.934	3.010
Norte Central	5.913	6.292	6.616	7.117	7.347	7.755	8.040	8.359	8.657	8.887
Norte Pioneiro	876	933	994	1.023	1.091	1.134	1.158	1.128	1.206	1.208
Oeste	2.478	2.614	2.763	2.923	3.028	3.218	3.422	3.505	3.794	4.004
Sudeste	1.094	1.125	1.148	1.152	1.124	1.164	1.205	1.189	1.242	1.253
Sudoeste	1.459	1.530	1.574	1.613	1.650	1.727	1.822	1.892	1.984	2.108
Estado do Paraná	23.752	24.954	25.837	27.360	28.256	29.777	31.142	31.852	33.270	34.244

Fonte: Rais, Ipardes – Banco de Dados (2014)

Na espacialização das indústrias do Estado do Paraná, o setor industrial está mais concentrado na RMC com aproximadamente 10,5 mil estabelecimentos e a Mesorregião Norte Central cerca de nove mil estabelecimentos industriais, se constituindo no maior parque industrial com 56,58% de participação no setor no Estado em 2012 (Tabela 10).

Desde a década de 1960, já existia forte tendência à concentração espacial da atividade industrial em torno da RMC, decorrente das políticas de industrialização desenvolvidas na época que privilegiavam os investimentos públicos, como infraestrutura de transporte e telecomunicações e a criação da CIC, e também, a instalação das plantas industriais que se deslocavam para o Estado do Paraná, nessa região, como por exemplo, a fábrica automotiva da *Volvo* do Brasil.

O setor industrial paranaense está mais concentrado na RMC e na Mesorregião Norte Central Paranaense. As regiões Noroeste e Oeste com 20,48% de participação no Estado foram beneficiadas com a entrada de novos investimentos industriais, as demais regiões respondem por 22,94% de participação na totalização dos estabelecimentos industriais do Paraná. Quanto à concentração da atividade industrial na RMC, segundo Oliveira (2001, p. 55) “é uma consequência das políticas públicas de industrialização realizada pelo Estado que propiciou grandes incentivos para as indústrias se instalarem naquela região”.

No contraponto as regiões Sudeste, Norte Pioneiro, Centro Sul e Centro Ocidental que representam as regiões com maiores dificuldades econômicas e sociais do Estado, juntas participam com 12,05% dos estabelecimentos industriais do Paraná (Tabela 10). Apesar das dificuldades, essas regiões estão construindo as bases industriais e se incorporando com

empresas de média e alta intensidade industrial, com atuação no mercado nacional e internacional com produtos industrializados nos segmentos de alimentos, saúde, tecnologia da informação, metal-mecânico e entre outros segmentos ligados a agroindústria regional.

Para ilustrar, nas mesorregiões: Centro Ocidental, Centro Sul e Norte Pioneiro no ano de 2003 eram compostas por menos de mil estabelecimentos industriais ao passo que, em 2012, somente a norte pioneiro ultrapassou aos mil estabelecimentos. No entanto, a partir de determinado ponto, com exceção das mesorregiões: RMC, Noroeste, Norte Central, Oeste e Sudoeste, assim como o Estado do Paraná, houve uma inflexão da trajetória apresentada com a retomada do crescimento da quantidade de estabelecimentos na indústria de transformação, como por exemplo, a Mesorregião Centro Ocidental que até 2006 houve uma sequência de crescimento que foi interrompido em 2007 e retomado a partir de 2008 (Tabela 10).

Considerando as cem maiores³⁰ empresas comerciais e industriais do Paraná em 2010 - 58% delas têm estabelecimentos na RMC; Norte Central (16%); Oriental (10%); Oeste (9%); Centro Sul (2%), Centro Ocidental (2%), Nordeste (1%); Norte Pioneiro (1%) e 1% Sudoeste.

Entre as cem maiores cidades que detém o maior número grandes empresas estão: Curitiba (48), Maringá (7), Londrina (6), São José dos Pinhais (5) e Ponta Grossa (4). A Mesorregião Centro Ocidental contribuiu com duas empresas a Coamo de Campo Mourão que é a 7ª maior do Paraná e a Sabarálcool de Engenheiro Beltrão que está na 100ª colocação (REVISTA AMANHÃ, 2013).

Os números em relação as cem maiores empresas do Paraná, sinalizam que a RMC é a que mais contribui para a economia do Estado. Outras cidades do interior como Maringá, Londrina, Cascavel, Toledo e Campo Mourão estão classificados nesse *roll* de grandes empresas. Essa dinâmica acaba configurando o processo de desconcentração industrial. Os números mostram que o processo de industrialização do Paraná consolidou um setor bastante ampliado e diversificado.

A indústria paranaense ao longo das últimas décadas mostra uma característica de descentralização da produção que alcança todo o território, com empresas em todas as regiões do Estado. De acordo com a FIEP (2012), em número de estabelecimentos industriais no ano de 2010, os setores que mais se destacam são vestuário (4.467) alimentos (3.443), produtos de metal (3.274) e madeira (2.280).

³⁰ Das cem maiores empresas do Estado, cerca de 40% estão em atividades industriais, revelando a importância desse segmento para o desenvolvimento socioeconômico do Paraná (REVISTA AMANHÃ, 2011).

Um dado expressivo está em relação à evolução quantitativa dos estabelecimentos industriais entre 2003 e 2012. A RMC se encontra na sexta colocação do ranking paranaense (Figura 8).

Utilizando-se dos dados estatísticos da Rais desenvolvidos pelo Iparde (2014) constatamos o crescimento na quantidade de estabelecimentos indústrias para todas as mesorregiões paranaenses entre 2003 e 2012, com destaques para as mesorregiões: Oeste, Noroeste, Norte Central e Centro Ocidental que foram as que apresentaram os melhores índices de crescimento de estabelecimentos industriais.

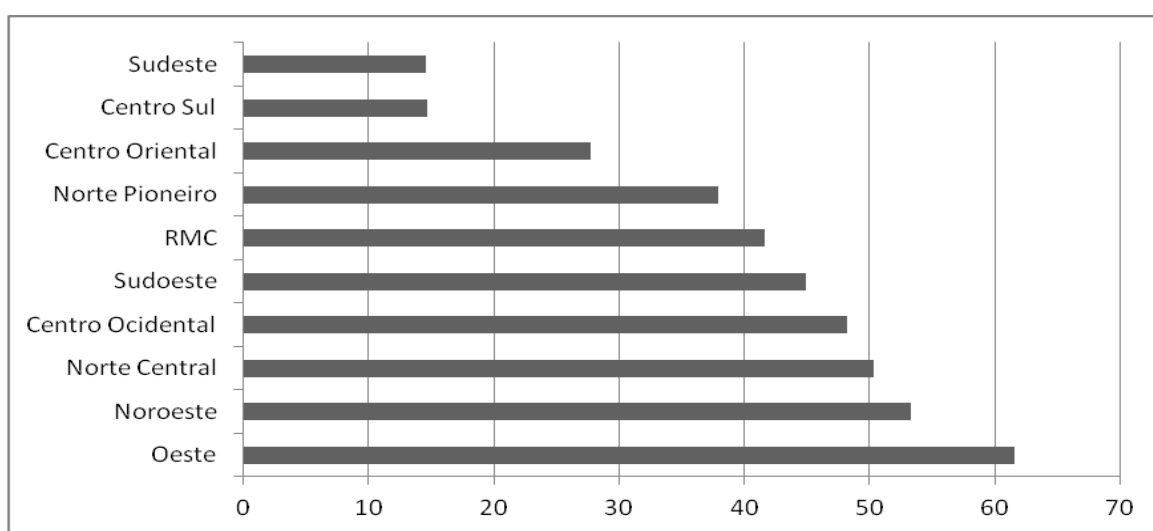


Figura 8: Paraná. Evolução em número de estabelecimentos por mesorregião, 2003-2012 (%)

Fonte: Federação das Indústrias do Estado do Paraná

As mesorregiões Oeste e Noroeste tiveram os melhores desempenhos acima de 50%, a Noroeste e Norte Central com crescimento. A Mesorregião Centro Ocidental se encontra num processo de evolução industrial quanto às variações do número de estabelecimentos industriais ocupando a quarta posição no *ranking* das mesorregiões do Estado, com índices muito próximos aos dois maiores destaques. Essa variação sinaliza como o Estado está se interiorizando sendo gradativamente o setor industrial.

O crescimento na quantidade de estabelecimentos industriais pode ser creditado em parte pela indústria alimentícia que atua como forte componente econômico e espacial devido a capacidade na produção de matéria-prima favorecida pelas características econômicas do Estado. As maiores indústrias de alimento estão localizadas nas cidades de Cascavel, Maringá e Londrina que representam as principais regiões produtoras do Estado.

A seguir desenvolveremos uma análise sobre os estabelecimentos das indústrias e construção obedecendo a classificação de porte de empresa pelo Sebrae parametrizado na variável pessoal ocupado, conforme Quadro 1:

Quadro 1: Classificação de porte de empresa pelo Sebrae

Categoria	Pessoal ocupado (PO)
Micro	De 0 até 19
Pequena	De 20 até 99
Média	De 100 até 499
Grande	Acima de 499

Fonte: Sebrae.

No próximo momento trataremos sobre os dados distribuídos por porte de estabelecimentos industriais e de construção referentes ao ano de 2010, apontando a correspondência de cada classificação dentro de cada mesorregião (Tabela 11).

Tabela 11: Paraná. Número de estabelecimentos da indústria de transformação e construção, de acordo com a classificação de porte de empresa pelo Sebrae, 2010

Mesorregião	Grande	%	Média	%	Pequena	%	Micro	%	Soma
Centro Ocidental Paranaense	3	0,38	14	1,78	104	13,23	665	84,61	786
Centro Oriental Paranaense	10	0,59	64	3,77	237	13,97	1.386	81,67	1.697
Centro Sul Paranaense	6	0,27	65	2,92	326	14,65	1.829	82,17	2.226
RMC	61	0,51	391	3,29	1.676	14,11	9.747	82,08	11.875
Noroeste Paranaense	15	0,54	60	2,18	478	17,34	2.204	79,94	2.757
Norte Central Paranaense	30	0,34	237	2,68	1.354	15,30	7.228	81,68	8.849
Norte Pioneiro Paranaense	6	0,52	33	2,88	166	14,49	941	82,11	1.146
Oeste Paranaense	18	0,46	76	1,93	519	13,16	3.330	84,45	3.943
Sudoeste Paranaense	8	0,41	35	1,77	271	13,73	1.660	84,09	1.974
Estado do Paraná	157	0,45	975	2,77	5.131	14,55	28.990	82,23	35.253

Fonte: Federação da Indústria do Estado do Paraná, a partir dos dados da Rais.

Nota: A FIEP não disponibilizou dados da Mesorregião Sudeste Paranaense

As mesorregiões paranaenses, de acordo com os dados desta pesquisa, em relação ao ano de 2010 não estagnou no período em estudo, contrariando as afirmações de lideranças empresariais e sindicais. A quantidade de estabelecimentos industriais dentro da classificação do porte de empresa estão mais localizados nas classe pequena e micro empresas com 96,78% no Estado e na Mesorregião Centro Ocidental que tem a maior participação da região com 98,88% juntando essas duas classes.

A classificação no porte grande conta com o menor número de estabelecimentos no Estado, sendo que a RMC com 61 estabelecimentos e a Mesorregião Norte Central com 30 as mais representativas nessa classe, o mesmo acontece com a classe média.

Albuquerque (2001) salienta a importância da pequena empresa, principalmente em termos de geração de emprego e renda e considera que sem políticas adequadas nos diferentes sistemas locais, as estratégias de desenvolvimento tende a ficar limitado. Ao tratar da competitividade das pequenas empresas, há necessidade de avançar na especialização, reunindo conhecimento tecnológico, mercadológico e organizacional (BIANCHI, 1996).

Porter (1999) relata que para serem competitivas, as empresas devem melhorar continuamente sua eficácia operacional e defende a ideia de que a existência de aglomerados industriais incentiva as empresas a elevarem seu grau de competitividade que independe do tamanho, porém com ressalvas em relação às grandes e médias que pelo potencial econômico, relativamente, possuem condições mais claras de investimentos que venham se fixar mais no mercado.

Dando sequência as análises comparativas sobre os estabelecimentos industriais e construção de acordo com a contribuição estatística da FIEP, faremos uma avaliação dos números de trabalhadores nos estabelecimentos com a classificação por tamanho das empresas (Tabela 12).

Tabela 12: Paraná. Número de trabalhadores nos estabelecimentos industriais de transformação e construção, de acordo com a classificação de porte de empresa pelo Sebrae, Junho 2012

MESORREGIÃO	GRANDE	%	MÉDIA	%	PEQUENA	%	MICRO	%	SOMA
RMC	52.790	20,18	83.893	32,07	70.709	27,03	54.209	20,72	261.601
Norte Central Paranaense	23.832	14,37	47.666	28,74	54.483	32,84	39.899	24,05	165.880
Oeste Paranaense	30.329	36,54	13.289	16,01	21.399	25,78	17.981	21,66	82.998
Noroeste Paranaense	18.546	30,66	10.712	17,71	19.438	32,14	11.791	19,49	60.487
Centro Oriental Paranaense	7.405	18,95	13.612	34,83	9.981	25,54	8.084	20,68	39.082
Centro Sul Paranaense	-	0,00	13.413	36,69	12.757	34,90	10.388	28,42	36.558
Sudoeste Paranaense	9.189	25,88	6.750	19,01	10.534	26,97	9.034	25,44	35.507
Norte Pioneiro Paranaense	2.494	11,35	7.304	33,24	7.012	31,91	5.166	23,51	21.976
Centro Ocidental Paranaense	2.599	20,41	2.660	20,89	4.151	32,59	3.326	26,11	12.736
Estado do Paraná	147.184	20,53	199.299	27,80	210.464	29,36	159.878	22,30	716.825

Fonte: Federação da Indústria do Estado do Paraná, a partir dos dados da Rais 2010 e Caged.

Nota: Dados da Mesorregião Sudeste Paranaense não disponibilizados pela FIEP.

As mesorregiões paranaenses em relação aos trabalhadores também seguiram a tendência dos números de estabelecimentos, expandindo de acordo com suas atividades e modernização de suas indústrias. A expansão das atividades industriais oportunizou a geração de novas empresas nos municípios e nas regiões, promovendo a ampliação da oferta de empregos no setor.

A partir de 1994, com a abertura do mercado iniciada no governo Collor e com a implantação do Plano Real, o setor industrial do Paraná e do Brasil vivenciou crises e bons

momentos econômicos. Algumas empresas tradicionais, não tradicionais e dinâmicas não suportaram a crise e faliram, provocando um alto índice de desemprego.

Como forma de superar essa crise, pequenas e micro indústrias iniciaram suas atividades aumentando a participação de trabalhadores que em 2010 alcançou a 51,66% da totalização do Estado. A Mesorregião Centro Ocidental nessas duas classificações atingiu 58,7% de empregos.

Pelos motivos expostos até aqui em relação aos estabelecimentos industriais, vimos que o conjunto de pequenas e médias indústrias detém mais de 50% dos empregos de suas respectivas regiões. Entre elas duas das regiões mais pobres do Estado, caso da Mesorregião Centro Sul (63,32%) e Centro Ocidental (58,7%).

Analisando os indicadores das grandes empresas com o número de trabalhadores em segmentos que exigem, em boa parte delas, mão-de-obra especializada nos ramos de média e alta intensidade tecnológica, as mesorregiões Oeste e Noroeste dominam relativamente esse comportamento com indicadores superiores a 30% de participação, enquanto a RMC, Sudoeste e Centro Ocidental ficam na casa de 20%. Esses dados causam impactos na produtividade e competitividade do setor industrial, assim identificando o desempenho das mesorregiões estudadas.

Abordamos nesse tema sobre a indústria e construção do Paraná de acordo com distribuição geográfica, demonstrando de forma sintética a distribuição de empregos por classe dentro de cada mesorregião e nesse parâmetro as mesorregiões Oeste e Noroeste se apresentam com maior participação na classificação grande porte. As mesorregiões, Centro Oriental, Centro Sul, Norte Pioneiro e RMC estão relacionados entre os maiores índices de participação nas indústrias e construção de médio porte; e as mesorregiões Centro Ocidental, Corte Central e Sudoeste predomina a melhor participação na classificação de pequeno porte.

As regiões de Curitiba, Cascavel e Londrina/Maringá oferecem melhores oportunidades de trabalho, atraem investimentos e pessoas devido as melhores possibilidades de empregabilidade, além de apresentar níveis elevados de I&D, formação de novas empresas.

Portanto, tratando-se do nível estadual, a competitividade tem como base um alto desempenho da produtividade em atividades capazes de expandir as oportunidades de empregos e renda que promovam a melhor condição de vida para as pessoas, e ao mesmo tempo mantendo aumentando o número de empresas e fortalecendo o setor industrial.

1.3.3 Segmento sulcroatcooleiro - Usinas e destilarias do Paraná

A partir da década de 1980 o agronegócio canavieiro paranaense expandiu chegando a segunda posição no *ranking* nacional da produção canavieira. “No Paraná, a utilização da cana-de-açúcar em escala industrial remonta à década de 40, quando foram instaladas as primeiras usinas de açúcar na Mesorregião Norte Paranaense” (IPARDES, 1983, p.38).

O setor sucroalcooleiro paranaense foi beneficiado pelos incentivos concedidos pelo governo brasileiro e aproveitou às condições favoráveis encontradas no estado, como o clima adequado, a pouca incidência de geadas, terras aptas ao cultivo da matéria-prima necessária para a alternativa energética renovável, o que resultou no aumento da produção da cana-de-açúcar e na expansão da produção do álcool (PACZYK, 2009, p. 5)

O plantio da cana-de-açúcar ocupa cerca de sete milhões de hectares, aproximadamente 2% de toda a terra arável brasileira e, em função de suas características geográficas e edafoclimáticas³¹, são permitidas duas safras por ano, sendo uma no Norte-Nordeste e a outra no Centro-Sul, possibilitando a produção contínua de açúcar e álcool para o mercado interno e mercado externo (ALCOPAR, 2010).

No Paraná o plantio de cana-de-açúcar tem baixa ocupação área agricultável, com maior incidência nas mesorregiões Noroeste, Norte-Central, Norte Pioneiro e Centro-Ocidental Paranaense proporcionando geração de riqueza aos municípios das regiões com garantia de emprego a mais de meio milhão de trabalhadores direta e indiretamente (ALCOPAR, 2010).

Nesse contexto Scatolin e Fruet (2003), o setor industrial nos setores sucroalcooleiro, de laticínio e sucos está em sua maior parte na Mesorregião Noroeste Paranaense, assim, enquanto alguns setores industriais estão concentrados em algumas regiões, outros tem suas plantas disseminadas em diferentes regiões do Estado.

A Incopa - Importação, Exportação e Indústria de Óleos S.A. localizada em Araucária na Região Sul do Paraná, além da produção dos derivados da soja (farelo, óleo, lecitina, tocoferol e melação), produz álcool de soja que é utilizado como combustível renovável, sanitizante, cosmético e para a produção de bebidas alcoólicas. Em sua usina de álcool de soja em que é pioneira no mundo produz até dez mil litros diários de álcool hidratado de soja. Este produto possui as mesmas características físico-químicas do álcool obtido da cana-de-açúcar.

³¹ As características edafoclimáticas são as condições de solo e clima (relação planta-solo-clima para plantio). Os fatores edafoclimáticos são referidos como os mais importantes não só para o desenvolvimento das culturas, como também para a definição de sistemas de produção.

Em decorrência do visível crescimento do setor sucroalcooleiro, apoiado no caráter sustentável das exportações de açúcar e do vigoroso crescimento do consumo interno de álcool, as expectativas são confortantes para o aumento da produção de álcool e açúcar, cujo reflexo está no interesse expansionista desse segmento no Estado, considerando, sobretudo a área de plantio e produção da cana-de-açúcar, devido às possibilidades da entrada de mais cinco usinas/destilarias no Paraná (ALCOPAR, 2013).

A cultura de cana-de-açúcar, de acordo com Olivette *et al.* (2010), vem crescendo desde a época da colônia expandindo pelos estados brasileiros, quando o açúcar era o principal produto da cana-de-açúcar, até a década de 1970 e o álcool, até então considerado resíduo de processamento misturado a outros produtos, era utilizado como combustível nos veículos das usinas. Esse quadro foi modificado no decorrer dos anos principalmente com a criação do Proálcool, a preocupação em abastecer o mercado com o produto proporcionou o desenvolvimento de novas tecnologias para sua produção.

De acordo com a Única (2014), a produção paranaense de cana-de-açúcar acompanha a dinâmica da indústria sucroalcooleira, mediante investimentos na ampliação da área de cultivo e no volume de cana produzida, além de elevação da produtividade e da melhoria de qualidade da matéria-prima.

A produção paranaense de cana-de-açúcar que representa 6% da totalidade brasileira tem suas unidades físicas distribuídas em quatro mesorregiões (ALCOPAR, 2013).

A tendência é que a produção de cana-de-açúcar se destine pouco mais ao álcool, porque os estoques estão relativamente baixos e a demanda aquecida. Neste contexto a Alcopar (2013) entende que nas safras seguintes a produção da cana-de-açúcar deverá ter a seguinte destinação: 50,4% para a fabricação de álcool e 49,6% para o açúcar.

Para o Paraná, quarto maior produtor de cana-de-açúcar do Brasil, a SEAB/Deral (2012) registrou na safra 2011-2012 produção estadual de 43,8 milhões de toneladas, ou seja, 2,34% menor que a safra 2010-2011 (44,9 milhões de toneladas). Ressalvando que até a safra 2008-2009 o Estado estava na segunda posição do *ranking* brasileiro na produção de cana-de-açúcar.

As usinas e destilarias de açúcar e álcool, com maior concentração nas regiões Norte, Noroeste Centro Ocidental Paranaense e com menor intensidade no Norte Pioneiro. As indústrias baseadas na produção de cana-de-açúcar estão vez mais se consolidando no Paraná como acontece no Estado de São Paulo (Figura 9).

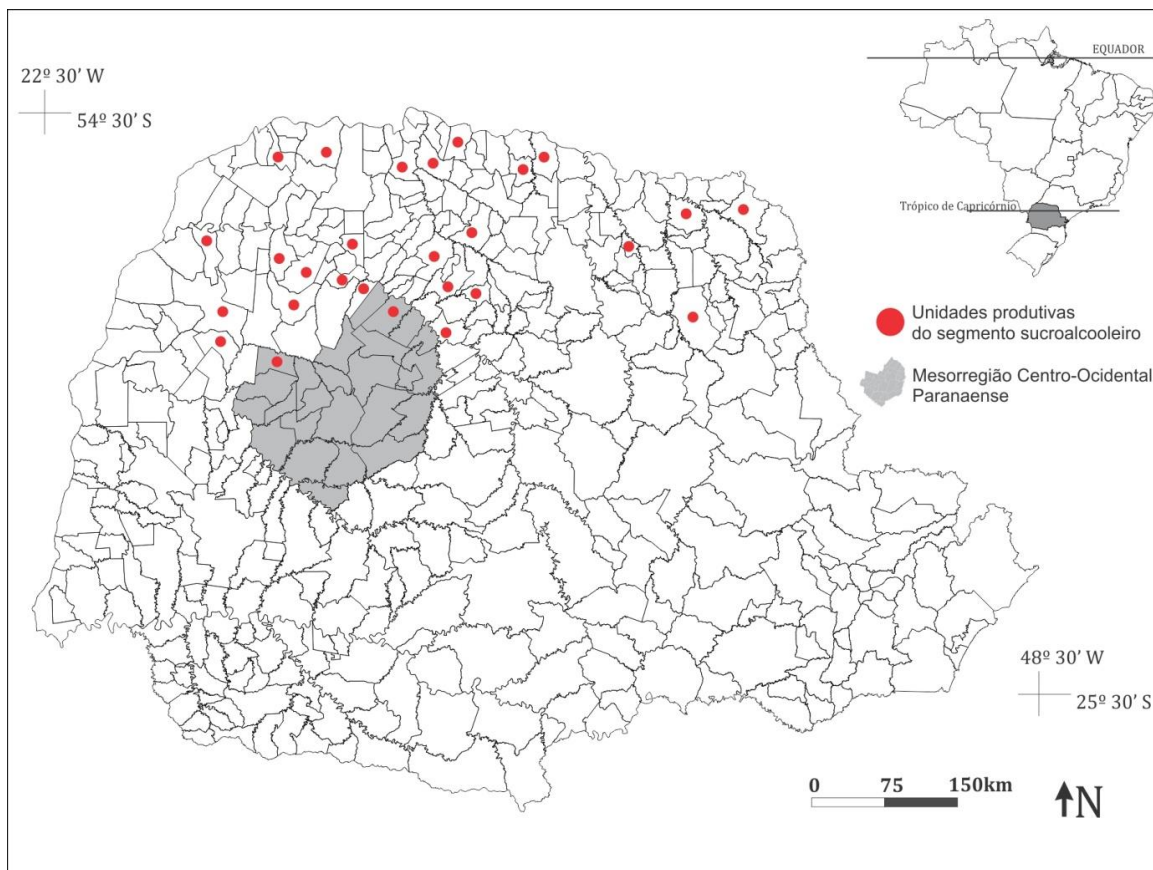


Figura 9: Paraná. Localização das destilarias e usinas do segmento sucroalcooleiro

Fonte: Alcopar – Associação de Produtores de Álcool e Açúcar (2014)

Segundo Leite *et al.* (2010) São Paulo³² e Paraná são os principais estados na produção sucroalcooleira no Brasil, respectivamente foram colhidos cerca de 60% (São Paulo) e 10% (Paraná) da produção nacional de cana-de-açúcar no ano de 2008.

No Estado do Paraná, são 28 usinas e destilarias de cana-de-açúcar, distribuídas em quatro regiões produtoras. As mesorregiões Norte Central e Noroeste concentram a maioria das usinas e os investimentos se aproximaram de R\$100 milhões em 2008 para a construção de um terminal de transbordo de açúcar e álcool na região de Maringá (ALCOPAR, 2013).

As usinas e destilarias do Estado estão especializadas em quatro mesorregiões paranaenses, com sua distribuição por município obedecendo às características do solo e mudanças na agricultura. Segundo Endlich (2006, p. 135) “[...] foi a instalação de destilarias

³² A região Centro Sul possui 75% das unidades de processamento do país. O estado de São Paulo é a maior referência em cultivo, processamento e distribuição da cana-de-açúcar no Brasil, por concentrar a maior capacidade em ciência e tecnologia desenvolvendo as principais pesquisas para o setor sucroalcooleiro (LEITE *et al.*, 2010).

de álcool e o cultivo da matéria-prima para esta atividade, a cana-de-açúcar, que passou a fazer parte da paisagem da região”.

As mesorregiões produtoras de cana-de-açúcar se constituem como referência da agroindústria sucroalcooleira do Estado devido as características regionais beneficiadas pelos fatores climáticos, fertilidade do solo para a cultura da cana-de-açúcar, disponibilidade de mão-de-obra, facilidade de transporte.

As unidades produtivas do segmento sucroalcooleiro paranaense estão assim distribuídas por mesorregião: i) Noroeste - Destilarias Melhoramentos (Jussara), Usina de Açúcar Santa Terezinha Ltda. (São Tomé), Usina de Açúcar Santa Terezinha Ltda. (Tapejara), Sabarálcool S/A - Açúcar e Álcool (Perobal), Costa Bioenergia Ltda. (Umuarama), Usina de Açúcar Santa Terezinha Ltda. (Rondon), Usina de Açúcar Santa Terezinha Ltda. (Cidade Gaúcha), Cooperativa Agropecuária Noroeste Paranaense (Nova Londrina), Usina de Açúcar Santa Terezinha Ltda. (Terra Rica), Usina de Açúcar e Álcool Santa Terezinha (Paranacity), Usina de Açúcar Santa Terezinha Ltda. (Ivaté) - ii) Norte Central - Cooperativa Agrícola Regional de Produção de Cana (São C. do Ivaí), Usina de Açúcar Santa Terezinha Ltda. (Maringá), Cooperativa Agroindustrial Nova Produtiva (Astorga), Usina Central do Paraná S/A (Porecatu), Usina Alto Alegre S/A (Florestópolis), Usina Alto Alegre S/A (Colorado), Usina Alto Alegre S/A (Santo Inácio), Cooperativa Agroindustrial Vale do Ivaí (Jandaia do Sul), Renuka Vale do Ivaí S.A. (São Miguel do Cambuí) e Renuka Vale do Ivaí S.A. (São Pedro do Ivaí) – iii) Centro Ocidental - Usina de Açúcar Santa Terezinha Ltda. (Moreira Sales) e Sabarálcool S/A - Açúcar e Álcool (Engenheiro Beltrão) – iv) Norte Pioneiro - Açúcar e Álcool Bandeirantes S/A (Bandeirantes), Companhia Agrícola Usina Jacarezinho (Jacarezinho), Dacalda Açúcar e Álcool Ltda. (Jacarezinho), Destilaria Americana S/A (Nova América da Colina) e Destilaria Clarion Ltda. (Ibaiti).

Segundo estudos realizados por Endlich (2006), dentre as usinas e destilarias que compõem o segmento a Companhia de Melhoramentos Norte do Paraná tem na Companhia Agrícola Usina Jacarezinho, produtora de açúcar e álcool, no município de Jacarezinho, e a Destilaria Melhoramentos, produtora de álcool, em Jussara como unidades produtivas.

A importância dada a esse segmento industrial justifica-se pela sua representatividade socioeconômica para a Mesorregião Centro Ocidental em que estão localizadas as usinas Sabarálcool com sede em Ivailândia distrito de Engenheiro Beltrão e a Usina Santa Terezinha (Usacucar) de Moreira Sales, pois são unidades produtivas do ramo sucroalcooleiro.

Na sequência trataremos sobre a evolução da produção da cana-de-açúcar do Paraná a partir da safra 2007-2008, mostrando picos relevantes de produção, (Figura 10).

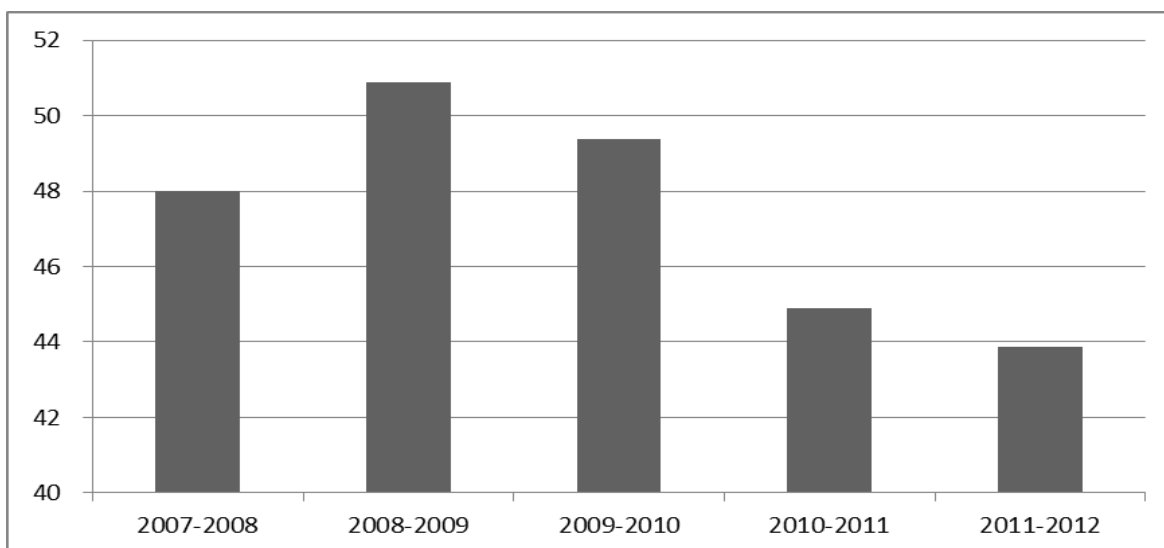


Figura 10: Paraná. Produção de cana-de-açúcar (milhões/toneladas), período 2007-2012

Fonte: SEAB / Departamento de Economia Rural, 2013.

O Paraná está inserido no grupo dos maiores estados produtores da agroindústria canavieira do Brasil, segundo Shikida (2005) na safra 2003-2004, era detentor de 7,9% da produção nacional de cana-de-açúcar, 7,4% da produção de açúcar e 8,3% da produção de álcool (safra 2003-2004).

No entanto, na safra 2008-2009 o Paraná tinha 10,7% de participação da produção nacional da cana-de-açúcar que totalizava 505 milhões toneladas e 9,19% da produção de açúcar, além de 8,16% da produção de álcool. Na safra 2011-2012 o Paraná tinha 8,21% de participação da produção nacional da cana-de-açúcar que totalizava 493 milhões toneladas, 9,61% da produção de açúcar e 4,92% da produção de álcool (UNITA, 2014).

Finalizando esse comparativo, na safra 2012-2013 o Paraná tinha 7,46% de participação da produção nacional da cana-de-açúcar que totalizava 532 milhões toneladas, 9,05% da produção de açúcar e 6,83% da produção de álcool (UNITA, 2014)

A produção brasileira e paranaense da safra 2011-2012 foi severamente comprometida devido as questões climáticas, para recuperação há necessidade para safra futuras aumentar a área de plantio que venham provocar crescimento da produção.

Esses dados qualificam o Estado do Paraná entre os maiores produtores brasileiros, sendo superado apenas por São Paulo, conforme demonstração gráfica a seguir:

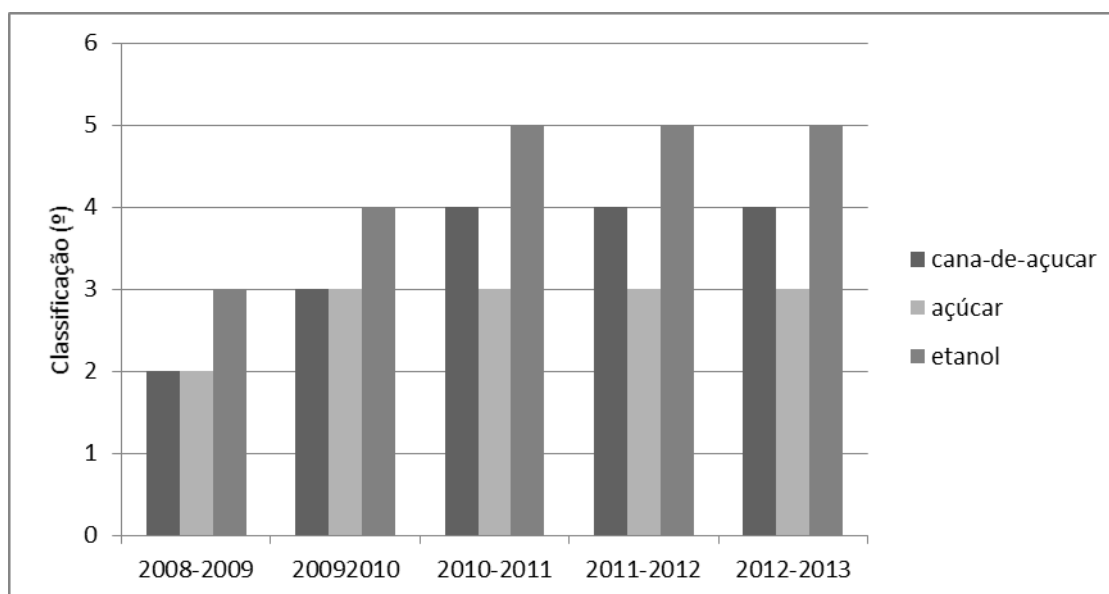


Figura 11: Paraná. Ranking da produção de cana-de-açúcar (t), açúcar (t) e álcool (m³) em relação ao Brasil, safras 2007-2008 e 2012-2013

Fonte: União da Indústria de cana-de-açúcar – UNITA (2014), São Paulo, a partir de informações do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE (2014)

Para Zampieri (2012) o Estado do Paraná ocupa a quarta colocação em área, rendimento da lavoura e em cana industrializada no novo *ranking* sucroalcooleiro brasileiro no ano de 2012 e que os reflexos dessa posição estão vinculados aos novos investimentos nas regiões Sudeste e Centro Oeste do Brasil, a destacar, Minas Gerais, Goiás e Mato Grosso do Sul.

A melhor classificação do Paraná no *ranking* sucroalcooleiro brasileiro se deveu a produção da cana de açúcar (safra 2008-2009) com a segunda colocação. Na categoria produto final é o segundo produtor brasileiro de açúcar (2008-2009), precedido pelos estados de São Paulo e Minas Gerais e o terceiro na industrialização do álcool (2008-2009), logo após os estados de São Paulo e Minas Gerais (Figura 11).

No Paraná, o desempenho da produção do açúcar a partir da safra 2009-2010 levou a uma consolidação na terceira colocação no cenário dos produtores brasileiros, enquanto que na produção de cana-de-açúcar se estabiliza na quarta posição a partir da safra 2010-2011 e o álcool tem uma participação em menor escala devido ao avanço dos estados de Goiás e Mato Grosso do Sul localizados na região Centro Oeste do Brasil.

Esses resultados advêm das vinte e oito indústrias que compõem o segmento da agroindústria canavieira do Paraná que conta com unidades produtoras de açúcar e/ou álcool – a maioria de perfil moderno tanto operacional como técnico, além da abrangência econômica em aproximadamente 150 municípios gerando 63 mil empregos diretos em julho de 2011, para

uma área avaliada em 642 mil hectares, devido a forte demanda de mão-de-obra de baixa qualificação para os serviços mais operacionais, como por exemplo, o trabalho no corte da cana-de-açúcar (MTE/RAIS, 2013).

Para identificar dados que esclareçam a importância do segmento sucroalcooleiro tanto econômico como social, as informações a seguir retratam sobre o estoque de emprego formal.

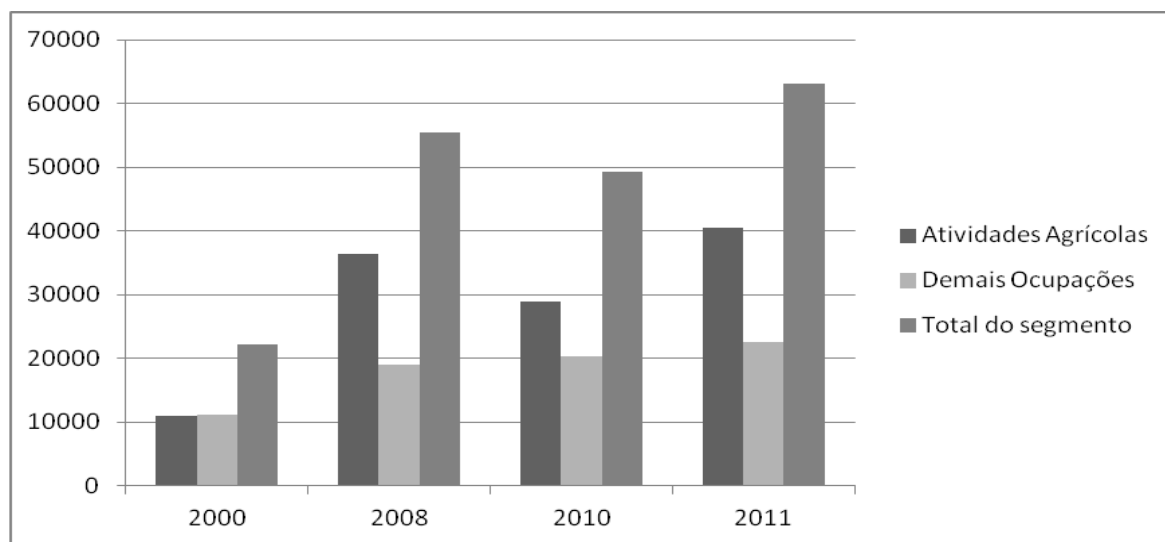


Figura 12: Paraná. Estoque de emprego formal no segmento sucroalcooleiro, segundo tipo de ocupação, 2000-2011

Fonte: MTE e Rais, 2012

O segmento sucroalcooleiro possuía 49,3 mil postos de trabalho em 2010, registrando queda de 20% em relação a 2008 (Figura 12). Para Delgado (2012) uma das causas estão relacionadas a estiagem nas áreas produtoras do Estado na safra 2010/2011. “Apesar do aumento na área colhida, comparativamente à safra anterior, a produção neste ano teve uma queda de 3,5%; além disso, houve uma antecipação do fluxo de moagem, que pode ter implicado na antecipação da dispensa de mão-de-obra, para antes do final do ano” (DELGADO, 2012, p. 51).

Dados do IparDES (2012) mostram o estoque e o saldo de emprego formal, considerando os trabalhadores da atividade agrícola e as demais ocupações (basicamente, ao processamento industrial) que 12,8 mil empregos gerados entre 1º de janeiro a 31 de julho de 2011 correspondiam a 85% das atividades agrícolas, apesar de que no auge da colheita esse número era de pelos 40,5 mil empregos. Esse segmento está propenso ao processo de mecanização da colheita da cana-de-açúcar que leva para a expectativa de redução de emprego na área.

Para Endlich (2006), a área industrial contrata cerca de 10% de trabalhadores da área rural, que corresponde a aproximadamente seis mil pessoas. Existe a possibilidade que o número de pessoas dependentes desse segmento seja maior se considerados os desdobramentos indiretos dessa atividade econômica. A autora acrescenta ainda que:

Não há dúvida de que este ramo tem significativo papel na manutenção de grande número de pessoas vivendo no interior do Estado do Paraná, em áreas de intenso esvaziamento demográfico. Por outro lado, a condição de trabalho das pessoas envolvidas na atividade do corte de cana é precária. Trata-se de uma atividade extenuante, mal remunerada, além de frequentemente mutiladora (ENDLICH, 2006, p. 139).

Zoratto (2006) afirma que a cana-de-açúcar se constitui também em uma importante cultura para a geração de riquezas, portanto para melhor equacionamento dessa questão, prima-se pelo bom senso dos atores envolvidos no processo e interferência governamental quando preciso. O Estado vem se constituindo num grande produtor de cana-de-açúcar, conforme análise a partir da Figura 13.

O Estado do Paraná tem aumentado as áreas de canaviais nos últimos anos, atraindo os produtores com terras férteis. As novas áreas de cana-de-açúcar vêm ocupando mais intensamente as áreas de pastagens de lavoura localizadas próximas às usinas. Destacamos que os municípios da Mesorregião Noroeste que é a maior área de plantio de cana-de-açúcar do Estado.

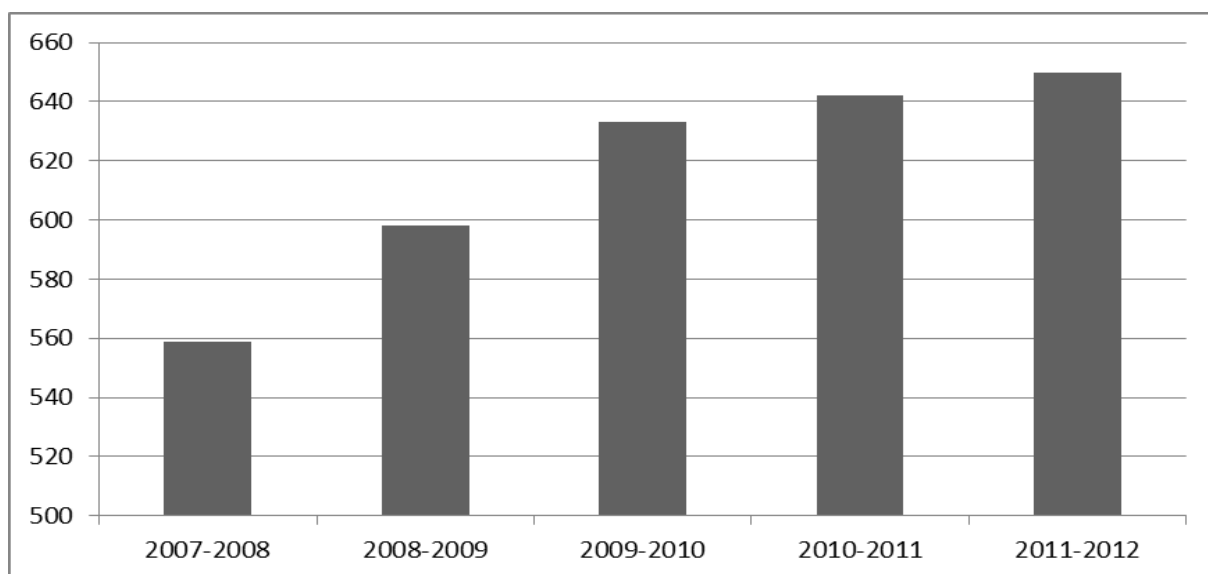


Figura 13: Paraná. Área total de plantio de cana-de-açúcar (em mil/ha), 2007-2012

Fonte: SEAB / Departamento de Economia Rural, 2013.

Visualizamos que de safra após safra a quantidade de área de plantio aumenta, porém a produção não respondeu na mesma proporção, em função das questões climáticas, cambiais e mercadológicas pelo qual passou o segmento sucroalcooleiro nos últimos tempos.

Desde a década passada, o segmento sucroalcooleiro paranaense apresentou uma forte expansão das atividades, ou seja, no período 2007-2010 a área de plantio da cultura cana-de-açúcar foi ampliada em 13,1%, alcançando um montante de 632,8 mil de hectares neste último ano (SEAB, 2013).

Associando os pensamentos de Kaefer e Shikida (2000) e dados Alcopar (2013), o Estado do Paraná vem aumentando sua área de cana-de-açúcar a partir da década de 1980 inicia com área 57.990 ha, para 140.772 ha em 1986. Na década de 1990, a área supera a quantidade dos 300.000 ha na safra 1997-1998; na década de 2000 a safra de 2007-2008 a área aumentou para 598,6 mil ha e mais recentemente na safra 2011-2012 a área foi de 650 mil hectares representando uma evolução de 1.020% da década de 1980 até 2012.

A evolução da área de plantio da cana-de-açúcar, apesar do aumento absoluto na quantidade de área, as variações foram caindo significativamente de safra em safra, ou seja, o crescimento da safra 2007-2008 para 2008-2009 foi de 17,49% essas variações foram caindo vertiginosamente até chegar à comparação das safras 2010-2011 para 2011-2012 que o crescimento atingiu apenas a 1,16% da área de plantio.

No Paraná, a área plantada de cana-de-açúcar cresceu 16,17%, no período 2007-2012, atingindo aproximadamente 650 mil hectares (Figura 13). Segundo o IBGE (2013), mesmo com o crescimento do plantio da cana no Estado, sua produção a partir de 2011 foi ultrapassada pela produção de Goiás, colocando o Paraná como quarto produtor nacional, atrás de São Paulo, Minas Gerais e Goiás.

De forma geral, a maior expansão recente de área de cana-de-açúcar vem ocorrendo na Região Noroeste do Estado com os núcleos regionais de Cianorte, Paranavaí e Umuarama, seguidos das regiões Norte Central e Norte Pioneiro com os núcleos de Maringá, Jacarezinho, Cornélio Procopio e Londrina (SEAB, 2013).

Com relação à expansão da cana, a ocupação das novas áreas, como citado anteriormente, ocorre em maior escala sobre as áreas de pastagens por não ser sido utilizada como área cultivável nas lavouras de grãos nas regiões: Noroeste, Norte Central, Norte Pioneiro e Centro Ocidental onde estão estabelecidas as 28 usinas e destilarias do Paraná.

O objetivo da análise seguinte é o de mostrar o cenário paranaense da produção e da quantidade de área de plantio da cana-de-açúcar dos produtores que respondem integralmente pela produção e industrialização do produto (Tabela 13).

Tabela 13: Paraná. Participação percentual da área de plantio (hectare) e da produção de cana-de-açúcar (tonelada) nos núcleos regionais, safras 2007-2008 a 2011-2012

NÚCLEO REGIONAL (SEAB)	2007-2008		2008-2009		2009-2010		2010-2011		2011-2012	
	ÁREA (%)	PRODUÇÃO (%)	ÁREA (%)	PRODUÇÃO (%)	ÁREA (%)	PRODUÇÃO (%)	ÁREA (%)	PRODUÇÃO (%)	ÁREA (%)	PRODUÇÃO (%)
Apucarana	3,31	3,16	2,94	2,94	2,62	2,67	2,69	2,83	2,49	3,08
C. Mourão	5,03	5,24	4,25	3,96	3,59	2,97	3,92	3,59	3,29	2,95
Cianorte	14,99	14,71	16,89	17,17	16,39	15,85	16,31	15,05	16,46	15,13
C. Procópio	6,79	7,36	7,02	7,84	6,48	8,22	6,07	7,39	6,42	7,82
Ivaiporã	2,20	2,16	2,13	2,10	2,08	2,20	2,04	2,16	2,06	2,20
Jacarezinho	12,90	12,67	10,73	12,52	9,30	10,61	9,95	11,63	9,63	11,53
Londrina	5,47	5,90	6,50	7,39	8,36	8,85	7,25	7,96	7,17	8,09
Maringá	16,37	16,28	15,25	14,32	15,70	15,87	16,07	16,80	16,14	17,32
Paranavaí	17,97	18,95	18,75	17,63	20,03	19,40	21,12	19,84	21,43	19,63
Umuarama	12,79	12,26	13,54	12,85	13,57	12,04	13,51	12,00	13,96	11,55
Sub total	97,82	98,66	97,98	98,73	98,10	98,69	98,94	99,25	99,05	99,29
Outros	2,18	1,34	2,02	1,27	1,90	1,31	1,06	0,75	0,95	0,71
Total Geral	100,00	100,00	100,00	100,00	100,00	100,00	100,00	100,00	100,00	100,00

Fonte: Secretaria de Estado de Agricultura e Abastecimento / Departamento de Economia Rural, 2013.

A área de plantio de cana-de-açúcar do Paraná na safra 2011-2012 se aproximou de 650 mil hectares, representando um aumento de 16,17% em relação à safra 2007-2008 (Tabela 13). Na produção de açúcar houve incremento de 20,44% entre as safras 2007-2008 e 2010-2011 totalizando 3,02 milhões de toneladas (2010-2011), no mesmo período a produção do álcool (anidro mais o hidratado) reduziu 13,41% devido às condições mercadológicas adversas (ALCOPAR, 2013).

Delgado (2012) ressalta que o crescimento ocorreu, sobretudo, a partir de 2006 e que foi além das exportações de açúcar e álcool também com a adoção de novas tecnologias que propiciaram a expansão das vendas de carros Flex Fuel, ampliando a demanda pela produção de álcool hidratado e contando ainda com a adição do álcool anidro a gasolina.

Segundo Iparde (2012), no Estado do Paraná existem dados estatísticos de cultivo de cana-de-açúcar da maioria dos municípios, porém, o cultivo para a produção industrial está concentrado em 102 municípios mais próximos das usinas e destilarias, com área plantada variando entre um e 25 mil hectares representando praticamente a totalização da produção de cana-de-açúcar destinada ao uso industrial.

Os 102 municípios estão situados nas porções Norte e Noroeste Paranaense, acima do paralelo 24 com a região mais propensa ao desenvolvimento da cultura da cana-de-açúcar (Figura 14).

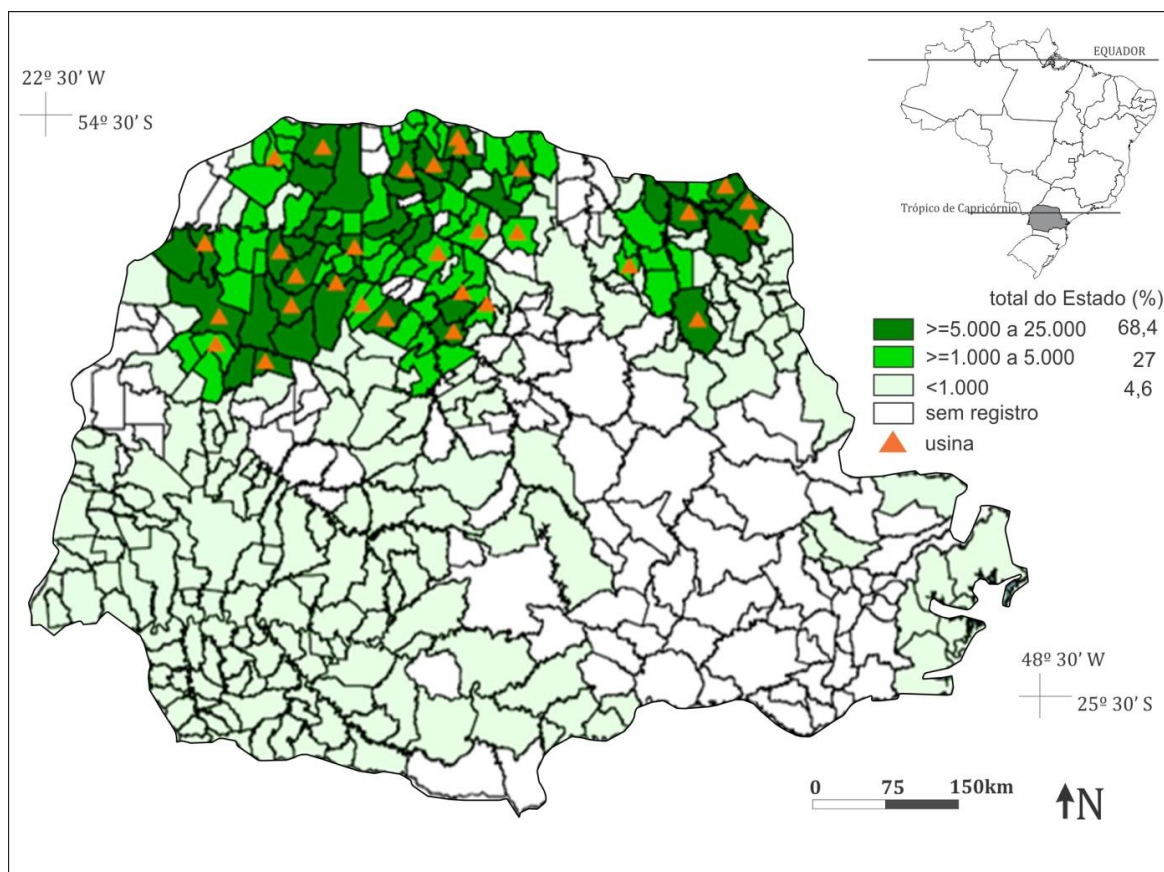


Figura 14: Paraná. Área plantada de cana-de-açúcar, 2008-2009

Fonte: SEAB - Secretaria de Estado de Agricultura e Abastecimento (2013)

A região Noroeste se define como a mais importante região nas atividades vinculadas ao segmento sucroalcooleiro paranaense liderando em termos área de plantio e produção da cana-de-açúcar, seguida de perto pela região Norte. Essas duas regiões são representadas pelos núcleos regionais de Paranaíba, Cianorte, Maringá e Umuarama onde se localizam as potencialidades desse ramo de atividade econômica.

Seguindo esse raciocínio, a Mesorregião Norte Pioneiro fica em uma posição intermediária, tendo o núcleo de Jacarezinho como o principal da região. A Mesorregião Centro Ocidental com duas usinas em sua jurisdição, na safra 2011-2012 produziram 1,3 milhão de toneladas correspondendo a 2,95% da produção paranaense numa área 21,4 mil hectares equivalente a 2,43% da área total, ficou com a menor participação do Estado.

1.3.4 A produção política de um novo perfil industrial do Paraná

Borja e Castells (1997) defendem que as cidades, além de oferecer uma base histórica e cultural para a integração dos indivíduos, devem estabelecer planos estratégicos que

permitam condições de atrair e promover a competitividade do capital internacional. Com isso, enfatiza-se o poder de atuação das políticas locais nos diversos contextos sócio-territoriais e o estabelecimento de uma gestão urbana capaz de tornar possível a inserção das cidades no mercado internacional.

Eles se referem à gestão competitiva que busca investimentos nas cidades. No caso do Paraná a gestão política refere-se ao Estado como um todo, embora seu foco tenha sido de modo mais efetivo para a RMC. No entanto, a tônica é a mesma a que se referem esses autores e outros que avaliam políticas dessa natureza.

Vainer (2007) argumenta sobre a ausência de um pacto territorial democrático que reconheça a autonomia de estados e municípios, mas, também, ao mesmo tempo, sua necessária solidariedade e complementaridade. “Esta situação propicia a eclosão de uma guerra de todos contra todos, da qual saem vencedoras, como se sabe, as empresas privadas, que promovem verdadeiros leilões para os que ofereçam maiores vantagens fiscais, fundiárias, ambientais, etc.” (VAINER, 2007, p. 12).

Nas questões ligadas aos atrativos de investimentos a ferramenta *city marketing* passa a ser uma estratégia fundamental para implementação das novas políticas e gestões urbanas e estaduais no Brasil. Está sendo muito comum assistir a uma onda de propagandas de municípios/estados em todos os meios de comunicação, como forma de divulgar, encantar e viabilizar investimentos para seus espaços territoriais.

Para essa motivação, muitas vezes, sem a devida racionalidade, que Vainer (2002) adverte:

Talvez esta seja, hoje, uma das ideias mais populares entre os neoplanejadores urbanos: a cidade é uma mercadoria a ser vendida, num mercado extremamente competitivo, em que outras cidades também estão à venda. Isto explicaria que o chamado *marketing urbano* se imponha cada vez mais como uma esfera específica e determinante do processo de planejamento e gestão de cidades. Ao mesmo tempo, aí encontraríamos as bases para entender o comportamento de muitos prefeitos, que mais parecem vendedores ambulantes que dirigentes políticos (VAINER, 2002, p. 78).

Há um impasse entre os interesses que motivam essa política de *marketing* espacial e as questões que dizem respeito a condição de vida dos cidadãos. Isto porque os investimentos com a finalidade de adequar os espaços para as empresas cria um descompasso com as necessidades da população. Aconteceu com a cidade chinesa de Xangai onde foi criado um complexo de contínua autopromoção atraindo muitos estrangeiros com empregos, e muitos a sua procura. Isto tende a iniciar um processo de desequilíbrios sociais (VARELA, 2003).

Vainer (2002) na sua crítica e em defesa da autonomia das cidades, em que mesmo aos mais convictos adeptos vendedores, a cidade é certamente a mais complexa de quantas mercadorias jamais existiram. “Nestas condições, o que é que, afinal de contas, se vende quando se põe à venda uma cidade?” (VAINER, 2002, p.78). Mas afinal quem vai usufruir? Os atributos seriam diferenciados, como relata Vainer (2002), se for para idosos estes podem querer calma, e grande número de serviços médicos; se for religiosos podem preferir grande concentração de lugares de retiro e prece e para os jovens podem estar buscando certos tipos de entretenimento e lazer etc.

Para discussão dessa temática das políticas industriais para traçar o novo perfil do Paraná desde a década de 1990 tornou-se mais incisiva a produção de políticas de atração de investimentos, igualmente a de outros estados brasileiros, em que se buscou a conquista de novos investimentos para os estados através da estratégia da guerra fiscal que apesar de possuir dimensões analíticas diferentes consiste, basicamente, em um instrumento de política de desenvolvimento regional.

De acordo com Vasconcelos e Castro (1999) a guerra fiscal pela entrada de investimentos industriais tornava-se agressiva em todo o território nacional. Nessa estratégia para atração de investimentos Governo do Paraná manifestou publicamente de conhecimento nacional que não aderiria à guerra fiscal³³. Em que pese essa postura, o Estado instituiu no programa Bom Emprego Fiscal, cujos pressupostos nos fazem pensar que não se vislumbrava alternativas e foram estabelecidas estratégias no uso da competição para enfrentar a guerra que se avistava em quase todos os Estados da Federação.

Com base na acirrada concorrência dos investimentos industriais, o Estado do Paraná a partir de 1995 entra de forma audaciosa na atração desses investimentos e acaba se inserindo na chamada guerra fiscal, como dizia Milton Santos (2009) a guerra de lugares, que passam a formar um exército reserva de lugares.

A noção de "exército de reserva de lugares", cunhada por R. Walker (1978, pp. 26-27) ganha, então, um novo significado. Trata-se, aqui, de um verdadeiro exército profissional, cada membro devendo ser preparado para bem exercer determinadas funções. Nesse sentido, é lícito admitir que vivemos em um mundo onde os lugares mostram uma tendência a um mais rápido envelhecimento (de um ponto de vista técnico e socioeconômico),

³³ Antonio Carlos Banzatto técnico de carreira e integrou a equipe lernista na Secretaria de Indústria e Comércio. Depoimento dado a Cândida Deichmann Santos Lima em novembro de 2005, em entrevista, lembra que o governo Requião nunca foi adepto à políticas de incentivo fiscal, mas como a lei já havia sido aprovada pela Assembleia, esta foi regulamentada pelo governo e recebeu o nome de Bom Emprego Fiscal mais tarde transformado em Paraná Mais Empregos.

com ritmos diversos e, mesmo, inesperados, segundo regiões e países (SANTOS, 2009, p. 166).

Três instrumentos foram fundamentais para a atração de novos investimentos no Estado que foram: i) a revitalização parcial do Fundo de Desenvolvimento Econômico (FDE)³⁴ instituído em 1962, junto com a Companhia de Desenvolvimento do Paraná (Codepar); ii) o Programa Paraná Mais Empregos³⁵, política implementada na primeira gestão de Jaime Lerner à frente do executivo estadual paranaense (1995-2002) e que foi a base do planejamento industrial deste governo no qual se destacaram questões como a política automotiva, privatizações e concessões e iii) Programa Paraná Competitivo³⁶ – Decreto 630/2011 que tem como objetivo a atração de novos investimentos e a expansão das atividades industriais já instaladas no Paraná.

Lourenço (2003) esclarecendo sobre esses instrumentos para atração de investimentos entende que o Fundo de Desenvolvimento Econômico (FDE) representava um orçamento paralelo para investimentos públicos e privados e sem influências políticas diretas na alocação dos haveres públicos. O montante de recursos do fundo era constituído por um adicional de 2% sobre a alíquota de 4,5% do Imposto sobre Vendas Consignações e Transações (IVC). Segundo o autor “a corrente financeira do FDE é composta pelos *royalties* da energia e pelas entradas das cobranças dos financiamentos concedidos ao setor privado pelo Badep, durante vários anos” (LOURENÇO, 2003, p. 96).

Segundo Lourenço (2003) o Governo do Paraná, em setembro de 2002 confirmou as fortes suspeitas em relação aos benefícios tributários concedidos a um grupo seletivo de empresas, entre elas as montadoras de automóveis, de utilitários e de motores e pelos seus fornecedores mundiais. Entre 1996 e 2001, nada menos que 69 empresas de um total de 254 foram atraídas para o Estado, que teriam sido agraciadas com generoso prolongamento do prazo de vigência dos incentivos fiscais a partir do ICMS.

³⁴ O Fundo de Desenvolvimento Econômico - FDE - é um instrumento financeiro do Governo do Estado do Paraná, constituído com a finalidade de apoiar programas e projetos de desenvolvimento econômico e social de interesse do Estado.

³⁵ Apesar do nome Paraná Mais Empregos dar a impressão de que estamos nos referindo à uma política pública de emprego de forma restrita, o objetivo do governo era o de promover a ampliação e diversificação do parque industrial paranaense, tendo como consequência deste processo a geração de empregos. Além disso, o marketing político advindo com tal título era vantajoso para um governo recém-eleito.

³⁶ O programa contempla uma série de medidas por meio da dilação de prazos para recolhimento do ICMS (Imposto Sobre Circulação de Mercadorias e Serviços), investimentos para melhoria da infraestrutura, comércio exterior, desburocratização e de capacitação profissional para tornar o Estado atrativo para novos empreendimentos produtivos que gerem emprego, renda, riqueza e desenvolvimento sustentável em todo o estado. (*Agência de Notícias do Paraná*)

Concretamente, o governo revelou que uma parte do conjunto de empresas que aportou no Estado deve pagar apenas 25% do tributo devido, passando a recolher o restante apenas depois do ano de 2016. Os 25% se refere a parcela do imposto destinada ao Fundo de Participação dos Municípios (FPM)". (LOURENÇO, 2003, p. 97-98).

Portanto, não são essas dinâmicas econômicas espontâneas do capital ou do mercado, mas profundamente marcadas pela política. Apresentam um custo financeiro e político para a sociedade de modo geral. Com o Paraná aderindo a guerra fiscal a partir de 1995 ficou constatado que entre outras críticas das indiscriminadas isenções ocorridas, está o rompimento do princípio básico da isonomia tributária, “[...] por meio do tratamento diferenciado em relação ao parque produtivo já operante nos estados, configurando um tipo de competição desleal, caracterizada por produtos e mercados idênticos e cargas tributárias diferenciadas” (LOURENÇO, 2003, p.100).

Segundo Lourenço (2014) o Paraná contabilizou portfólio de mais de R\$ 35 bilhões em projetos de investimentos industriais privados, nacionais e multinacionais, atraídos pelo Programa Paraná Competitivo, entre fevereiro de 2011 e dezembro de 2014, o município de Ortigueira com investimentos de R\$ 6,8 bilhões para a instalação da nova unidade da Klabin e da Mesorregião Centro Ocidental foram beneficiados o município de Campo Mourão com R\$ 40,6 milhões e Terra Boa com R\$ 11,7 milhões.

As ponderações mencionadas por Bragueto (2007) e Lourenço (2003) sinalizam pontos importantes sobre o governo FHC, pois o governo Federal abandonou políticas de desenvolvimento e financiamento industrial, obrigando os governos estaduais a efetuarem políticas ativas. Os governos estaduais dispõem de menos recursos e instrumentos de política econômica limitada, encontrou-se a saída mais cômoda com a guerra fiscal para atração e consolidação dos investimentos na área industrial. Os estudos encaminham para o entendimento de que a política adotada se mostrou concentradora, por beneficiar o grande capital e em poucas áreas.

Para Santos (2009) a globalização desconhece o conceito de território. Ela trabalha com pontos privilegiados, que os governos mantêm custos financeiros elevados além de ceder à chantagem que fazem as empresas quando anunciam a intenção de instalar-se em determinada região promovendo disparidades e desigualdades econômicas, sociais e espaciais de investimentos. A disparidade existente entre a distribuição de benefícios fiscais entre as pequenas e grandes empresas é muito grande, cuja prática é um fator de inibição a geração de novos empregos que poderiam ampliar a base geográfica dos municípios localizados em território paranaense (AKEL, 2001).

Firkowski (1999) contribui também no sentido de apreender a seletividade espacial, mostrando que a análise direcionada para o número de estabelecimentos, o equilíbrio técnico entre as empresas localizadas no interior (48%) e na RMC (52%); quanto à descentralização em relação ao número de empregos criados, o interior (58,5%) e a RMC com (41,5%).

Nesse sentido, Firkowski (1999) adverte que os gêneros industriais predominantes no interior são qualitativamente diferenciados dos localizados na RMC, enquanto que no interior dá-se um reforço da antiga estrutura industrial produtiva, com a participação dos setores diretamente ligados à agropecuária cujo processo produtivo insere-se no que há de mais moderno, com capital e tecnologia intensivas.

Rodríguez-Pose (1999), em sua crítica a guerra fiscal para atração de investimentos considera que essa política representa desperdícios de recursos públicos e, sobretudo promove desequilíbrios nos estados não contemplados e deixa a marca produzindo das incertezas nos âmbitos locais e nacionais, comprometendo os orçamentos dos municípios e estados.

Em análise de Braguetto (2007), o descompromisso das empresas quando se sentirem ameaçadas pelas perdas de privilégios se reconduz a busca de novas localidades transferindo a planta industrial de acordo com seus interesses econômicos, independentemente se o Estado e/ou município recuperou ou não os recursos investidos em infraestrutura e na concessão de terrenos.

Segundo Oliveira (2001) as semelhanças com a experiência da Cidade Industrial de Curitiba e as políticas de atração de investimentos industriais para o Estado são reais. Apesar da parte dos estudos se referencia quase que especificamente ao setor automobilístico, acredita-se que possam, também, serem estendidos aos demais setores beneficiados pelos incentivos fiscais.

1.3.5 Novos investimentos industriais no Estado do Paraná

Apesar do recorte temporal adotado neste trabalho contemplar as décadas mais recentes, retomamos alguns aspectos do desenvolvimento anterior para que possamos ter parâmetros para dimensionarmos as modificações. Com início na década de 1990, segundo Cano (1998) a indústria paranaense teve desempenho superior em relação ao da indústria nacional, transformando o setor industrial paranaense no quarto mais importante parque industrial do Brasil, inferior aos estados de São Paulo, Minas Gerais e Rio de Janeiro.

A crise dos anos 1980 forçou a economia estadual se adequar à nova realidade econômica brasileira, principalmente no aperfeiçoamento da competitividade (MAGALHÃES, 1993). O desempenho satisfatório de 1990 ocorreu em um contexto de baixa do crescimento econômico e restrição de demanda agregada, forçando as empresas a atuarem em um ambiente de grandes incertezas e mesmo assim a indústria do Estado apresentou indicadores positivos.

Segundo Araújo (1999), o caráter espacialmente seletivo dos investimentos industriais, fatalmente, em algumas regiões ocorre o privilégio por certos espaços tornando-se assim visível a divisão espacial, por isso algumas pontualidades e práticas comerciais especificamente a deflagração da guerra fiscal entre os estados e municípios que oferecem inúmeras vantagens para consolidar investimentos em suas áreas de ação, como a concessão de local para instalação da fábrica, exoneração de impostos entre outros benefícios.

Araújo (1999) assegura, ainda, que a inserção do Brasil (e aí entendemos que também a do Paraná), na economia globalizada apresentam tendências de ser amplamente diferenciada, com isso acentuar as profundas desigualdades regionais em que regiões se apresentem com maiores possibilidades econômicas e investimentos industriais em detrimento a outras.

Seguindo esse raciocínio, os autores Pacheco (1998) e Araújo (1999) defendem suas posições, ou seja, enquanto o primeiro retrata a possibilidade da existência de fragmentação da nação e o segundo denomina essa possibilidade de desintegração competitiva, o que poderia ser evitado com a implantação de política nacional de desenvolvimento regional para que as desigualdades regionais não se aprofundem.

Assim, entendemos que as desigualdades econômicas e espaciais para atração de novos investimentos industriais no Estado que se constituem em duas ou três regiões mais dinâmicas, em que algumas se encontram em processo de desenvolvimento e outras, ainda, com baixo grau de industrialização e conseqüentemente com mais dificuldades de crescimento e desenvolvimento. Pretendemos que ao longo do trabalho sejam mostradas as condições de desenvolvimento das regiões, em especial a Mesorregião Centro Ocidental.

Segundo o Iparde (2002) a indústria do Paraná em função da retomada dos investimentos estrangeiros, utilizou das condições geográficas favoráveis para ampliar e diversificar sua capacidade de produção. Outra variável determinante foi a desconcentração das indústrias dos grandes centros para centros menores e a recuperação de investimentos na agroindústria devido a crescente demanda externa e pelo *boom* do mercado interno.

Essa tendência de crescimento acontece pela marcante presença no Estado de empresas nacionais, locais e multinacionais que utilizam as mais diversas fontes de matérias-primas, entre eles a madeira para a produção de papel e celulose para comercialização no mercado interno e externo.

Diante dessa breve contextualização - no processo da reestruturação do capital e das flexibilidades do capital e espacial tem promovido a ampliação quantitativa e qualitativa da espacialidade industrial no Brasil. Assim, o Paraná se desperta para a atração de investimentos industriais e se beneficia da privilegiada posição geográfica e pelas transformações econômicas do Estado, construindo um perfil produtivo com a presença de segmentos de bens de consumo durável e de capital, além da reestruturação do complexo agroalimentar com influência dos canais comerciais com o Mercosul.

A política de industrialização adotada no Estado (Programa Paraná Mais Empregos) nos anos 1990 contribuiu para a mudança do perfil econômico do Paraná, passando de um Estado com forte dependência da agricultura para uma das regiões mais industrializadas do país e com a consolidação do polo automotivo.

Os investimentos na indústria paranaense abarcaram segmentos mais modernos e de implantação recente na economia brasileira, como material elétrico e de comunicação, mecânica leve, máquinas agrícolas, química, e material de transportes. Foram reforçados também os segmentos já existentes como agroindústria, papel e papelão, entre outros, com investimentos para exportação e mercado interno. Destacamos, ainda, os segmentos de carnes (aves e carne industrializada), café solúvel, óleos vegetais, laticínios e fiação (IPEA, 1999).

Segundo o IPEA (1999), esses dois grupos de indústrias, ao comandar a estrutura industrial do Paraná, se caracterizam como segmentos do setor da indústria de transformação, sujeito as alterações e particularidades inerentes a atividade, inserindo-o cada vez mais na economia brasileira, e mesmo internacional – uma vez que aumenta a participação da compra e venda de produtos mais modernos nas relações do Paraná com outros estados e aumenta a participação dos produtos processados para exportações diante dos produtos primários.

Bittencourt (2003) destaca alguns fatores que considera como explicativos pela inserção mais efetiva do Paraná no mapa da indústria brasileira: expressiva oferta de mão-de-obra, em parte qualificada, mas também intensa mão-de-obra com baixos índices de qualificação, propiciando baixos níveis salariais; infraestrutura urbana; localização estratégica em relação ao Mercosul; acesso fácil a rodovias federais, portos e aeroportos, além de universidades de qualidade. Estes foram alguns fatores decisivos para os investimentos que culminaram com a instalação das montadoras na RMC.

Os resultados da mudança nos rumos da política estadual de atração de investimentos trouxeram empresas como *Arauco*, *Cargill*, Supremo Cimento, *Caterpillar*, *Volvo*, dentre outras ocupam o cenário e a espacialidade industrial do Estado.

Buscamos nessa parte do trabalho compreender as dinâmicas e tendências espaciais dos investimentos industriais no Paraná. Para tanto, usamos dados dos protocolos de intenção de investimentos. Como já vimos até aqui, por meio de diversos dados e estudos expostos foi possível constatar que há uma inserção mais efetiva do Paraná como espaço industrial brasileiro. Pretendemos agora observar qual a natureza dessa inserção e a espacialidade dessa dinâmica no interior do Paraná.

São reflexões fundamentais para compreender as dinâmicas socioespaciais das diversas regiões paranaenses. O comportamento demográfico indica as condições sociais nelas existentes, especialmente as oportunidades existentes ou não quanto a geração do emprego e da renda. Essa reflexão está norteada no âmbito regional quando questiona: Onde estão os investimentos? Onde estão os empregos? Procuramos encontrar respostas no âmbito do Paraná a estes questionamentos, mas a eles acrescentamos – que tipo de atividades traz estes investimentos, quanto aos seus desdobramentos e externalidades? Que tipo de empregos e oportunidades gera? Estas últimas, tanto quanto as primeiras são fundamentais para compreender a realidade socioespacial paranaense. Das expectativas geradas com a sinalização que se vê teoricamente com a desconcentração industrial, o que esse processo representa? Como já apresentamos essas são questões fundamentais para este trabalho.

São boas questões, mas não é fácil ter acesso aos dados que nos ajudam a responder a elas. Utilizamos dados disponibilizados pelo Iparde que compilam as intenções de investimentos no Paraná, coletados pelo Iparde a partir de notícias da imprensa e secretarias estaduais de planejamento. Estes se referem a intenções expressas de janeiro de 2003 a junho de 2013. Alguns dos empreendimentos já estão em curso, enquanto outros têm uma previsão de ocorrência em períodos seguintes.

Sobre período anterior, movida pelas mesmas questões que esse trabalho retoma, Endlich (2006) abarcava os protocolos de intenções com dados contemplados até o ano de 2000. Ela ponderava sobre esta sistematização de informações,

[...] a partir das notas de investimentos na Análise Conjuntural, baseada nos protocolos de intenções, não deve de forma alguma ser entendida como o real montante de investimentos, empregos e empresas em processo de instalação no Paraná. Inicialmente, porque é possível que não estejam contemplados todos os investimentos, além do que, como se tratam de protocolos de intenções, é possível que nem todos se tornem efetivos. Por

outro lado, as notas não obedecem a uma padronização do tipo de informação divulgada - volume de investimento e número de empregos gerados. Portanto, os resultados aqui apresentados são aqueles que foram possíveis inferir a partir desta fonte. De qualquer maneira, indicam tendências quanto à espacialidade dos investimentos e empregos no espaço paranaense. Foi a forma encontrada de conseguir acompanhar o que vem ocorrendo nos últimos anos, já que a informação obtida no rol de protocolos de intenções contemplava até o ano 2000, embora possua alguns registros de investimentos posteriores (ENDLICH, 2006, p. 130).

O desdobramento dos anúncios de investimentos pelos municípios selecionados como receptores de volume financeiros mais expressivos. Os investimentos industriais relacionados promovem uma dimensão muito grande para abertura e atração de outras empresas do próprio e de outros setores para agregarem as existentes e com possibilidades de vislumbrar o crescimento e quiçá o desenvolvimento das cidades e regiões beneficiadas mesmo com as dificuldades e desafios que virão com os inevitáveis investimentos públicos em infraestrutura para atender as novas demandas econômicas e sociais (Tabela 14).

Lembramos Borja e Castells, (1997) quando mostram que o modelo industrial é internacionalizado está baseado na competitividade urbana, cabendo ao poder local reduzir os riscos das empresas nos investimentos. Como forma de atrativos, as cidades poderiam desenvolver várias ações incentivando a instalações de atividades de valor agregado através de atrativos culturais, ambientais, educacionais, entre outros que despertassem o interesse do capital financeiro e o capital humano. Nesse sentido as cidades de Curitiba, Ponta Grossa, São José dos Pinhais, Londrina, Maringá, Cascavel/Toledo, Araucária e Campo Mourão foram as que mais foram tiveram anúncios de investimentos que as tornassem referências como localidades de baixo risco para implantação e ampliação de unidades de produção.

Tabela 14: Paraná. Investimentos industriais anunciados dos municípios de maior valor entre janeiro de 2003 e junho de 2013 (em milhão de R\$)

MUNICÍPIOS	ANÚNCIOS DOS INVESTIMENTOS NO PARANÁ POR ANO								
	2003	2004	2005	2006	2007	2008	2009	2010	2011-13
Curitiba	470,50	126,50	291,30	844,50	82,00	273,30	9,00	401,70	3.989,30
Ponta Grossa	0,00	121,00	0,00	1,00	20,00	43,00	140,00	50,00	3.417,90
São José dos Pinhais	578,00	247,80	127,00	795,50	76,00	314,50	1.000,00	60,00	1.550,00
Londrina	29,20	3,00	0,00	0,00	24,00	112,00	0,00	15,00	235,50
Maringá	24,00	0,00	0,00	69,00	196,00	40,00	0,00	0,00	488,80
Cascavel/Toledo	17,70	0,00	0,00	73,10	2,50	229,00	0,00	0,00	238,20
Araucária	107,90	0,00	37,20	132,30	942,60	1,00	0,00	50,00	46,50
Campo Mourão	0,00	0,00	212,00	0,00	40,00	180,00	60,00	200,00	740,00
Demais municípios	418,10	457,60	707,70	2.695,00	1.314,20	2.150,00	423,60	321,00	16.547,20
Totais Investimentos	1.645,50	955,90	1.448,40	4.539,80	2.923,90	3.073,80	1.672,60	1.097,70	27.253,50

Fonte: Iparades – Boletim de Análise Conjuntural

O somatório dos maiores investimentos industriais anunciados no Paraná no período 2003-2013 foram canalizados na região Sul do Estado com os municípios de Curitiba, São José dos Pinhais e Ponta Grossa totalizando R\$15 bilhões, enquanto que:

- O município de Campo Mourão é o quarto colocado com investimentos anunciados no valor de R\$ 1,43 bilhão - a Coamo Agroindustrial Cooperativa respondeu por 97,21% - seguido de Araucária no valor de R\$1,31bilhão - com expressiva participação das indústrias: biocombustíveis e petroquímica - enquadradas nas empresas de média-baixa intensidade tecnológica.

- A cidade de Maringá com R\$ 817 milhões tendo na Cocamar e na Insol *Inter-trading* os maiores investimento; Londrina com R\$692 milhões com a TMT Memory Group/Scandisk no ramo de informática a principal empresa em termos de investimentos e por último Toledo e Cascavel juntos com investimentos anunciados no valor de R\$566 milhões - Coopavel e - Sadia com os principais investimentos.
- Os demais municípios espalhados por diversas mesorregiões do Estado representam 56,12% de participação nos investimentos anunciados apesar de não ter apresentado investimentos consideráveis para entrarem nesse *ranking*, entretanto, observamos o aparecimento de regiões do interior na relação dos anúncios de investimentos.

Em uma rápida análise, entendemos que a crescente participação do interior nos investimentos anunciados para o Estado do Paraná indica que os investimentos a serem programados pelas indústrias para os próximos anos poderão priorizar o processo de desconcentração da produção industrial para o interior do Estado.

Dentro dessa premissa, entendemos que o desenvolvimento industrial recente do Paraná vem atendendo a maior parte das perspectivas projetadas com a entrada de novas indústrias na RMC e no interior do Estado, com isso, muitas vezes até superando a taxa de crescimento nacional devido a expansão dos níveis de produção. Assim, “em termos de médio e de longo prazo sua competitividade é revelada pela manutenção ou aumento de sua importância no contexto nacional em termos da agregação de valor, das relações de comércio exterior e do volume de emprego gerado” (IPARDES, 2007 p. 52).

A expectativa é os que os efeitos da interiorização dos investimentos anunciados dinamizem o cenário socioeconômico das regiões beneficiadas, pois com isso outros investimentos privados serão gerados inclusive em infraestrutura e serviços público para atendimento de novas necessidades de consumo de bens e serviços.

Dos investimentos industriais anunciados para o Paraná durante o período 2003-2013 - 43,88% do total destinaram-se aos municípios Curitiba, São José dos Pinhais, Ponta Grossa,

Campo Mourão, Araucária, Maringá, Toledo/Cascavel e Londrina. De outro lado, 56,12% dos investimentos anunciados foram distribuídos entre os demais municípios que demonstra o crescimento industrial do interior do Estado.

Durante o período 2003-2013 a RMC, assim como algumas outras regiões metropolitanas brasileiras, caso de São Paulo, por exemplo, sofre uma progressiva queda na sua participação. Ao mesmo tempo, a queda da participação da RMC é acompanhada por variações positivas em outras regiões do interior em atração de investimento.

Como reflexo da queda de 2,7% da produção nacional em 2012 (IBGE, 2013), os dados referentes aos investimentos industriais anunciados, sugerem que os principais municípios do Estado do Paraná, com exceção de Ponta Grossa que cresceu 9,73% no período de 2011-2013, mostraram a menor participação em relação ao período 2003-2010. Porém os investimentos previstos para os demais municípios incidiram numa elevação de 27,1% indicando que o interior do Estado assume aos poucos uma nova dinâmica industrial.

Lourenço (2012) analisa a dinâmica da Região de Ponta Grossa e nessa perspectiva:

[...] a mira na Região de Ponta Grossa, detectada pelas recentes manifestações empresariais, não deve ser interpretada rigorosamente como uma onda desconcentradora. Na realidade, o acompanhamento de diferentes experiências de desenvolvimento regional no mundo permite apurar que o deslocamento da expansão dos investimentos, em uma distância entre 100 e 150 km do núcleo dinâmico, pode representar simplesmente o prolongamento geográfico dos impactos polarizadores daquele, ou uma desconcentração concentrada (LOURENCO, 2012, p. 2)

Considerando que o ano de 2009 fez parte do período de crise na economia brasileira, segundo o Instituto de Estudos para o Desenvolvimento Industrial (IEDI) o ano de 2012 foi o pior resultado do setor em toda a série histórica.

Esses resultados influenciaram nos anúncios de novos investimentos industriais, pois a retração da indústria acontece de forma generalizada em todos os setores e regiões do país, como por exemplo, em Araucária a participação sai de 9,52% no período 2003-2010 - caindo para 0,17% no período 2011-2013, devido à desconfiança dos empresários, o endividamento das famílias e o mercado internacional cada vez mais complexo e de maior competitividade, ajudaram no enfraquecimento da atividade industrial no país e suas regiões.

Nesse cenário, com exceção de Ponta Grossa, alguns municípios importantes do Paraná como: Londrina, Maringá e Cascavel/Toledo mostram baixos níveis de participação de investimentos anunciados no período 2003-2013 - influenciando negativamente para alavancar a indústria paranaense por exercerem a condição de polos regionais.

A expectativa da recuperação da indústria se manteve em 2013. A estagnação da indústria contribuiu para os baixos níveis de investimentos que refletiu no baixo crescimento da economia em 2012 afetando diretamente o setor de bens de capital, como fábricas, máquinas, ferramentas, equipamentos, construções necessárias para produzir bens de consumo e coloca-los no mercado.

Em continuação trataremos os investimentos anunciados das empresas no Estado do Paraná com a finalidade de identificar as regiões e municípios que mais atraíram investimentos para o setor e em quais empresas/segmentos os recursos estão sendo projetados para o setor da indústria (Tabela 15).

Em relação aos períodos anteriores, observa-se um maior equilíbrio entre a RMC e as áreas do Paraná. Contudo, para analisar essa tendência é fundamental observar que isto se explica praticamente por esses maiores investimentos, em especial os referentes ao papel e celulose e agroindustriais.

Tabela 15: Paraná. Investimentos anunciados das vinte maiores indústrias e a participação (%) nos investimentos industriais totais entre 2003 e 2013

EMPRESA	SEGMENTO	INVESTIMENTO INDUSTRIAL ANUNCIADO POR PERÍODO					
		VALOR EM R\$ (1.000,00)			PARTICIPAÇÃO (%)		
		2003-10	2011-13	2003-13	2003-10	2011-13	2003-13
Klabin	Papel Celulose	2.110,00	6.800,00	8.910,00	15,18	24,95	19,97
Renault	Automotivo	2.030,00	1.500,00	3.530,00	15,20	5,50	7,91
Ouro Verde Transportes	Construção	-	2.113,00	2.113,00	-	7,75	4,74
Ambvev	Bebidas	-	2.040,00	2.040,00	-	7,49	4,57
Coamo	Agroindustrial	652,00	740,00	1.392,00	4,88	2,72	3,12
Volvo do Brasil	Automotivo	1.170,10	190,00	1.360,10	8,76	0,70	3,05
Sumitomi Rubber	Auto Peças	-	1.360,00	1.360,00	-	4,99	3,05
Votorantin Cimentos	Cimento	400,00	625,00	1.025,00	2,99	2,29	2,30
Paccar	Automotivo	-	672,20	672,20	-	2,47	1,51
Norske Skog	Papel Celulose	646,30	-	646,30	4,84	-	1,45
Sadia S/A	Agroindustrial	470,60	168,50	639,10	3,52	0,62	1,43
Volkswagen	Automotivo	578,00	-	578,00	4,33	-	1,30
Grupo Tacla – Shopings	Construção	560,00	-	560,00	4,19	-	1,26
Sig Combibloc	Papel papelão	-	543,50	543,50	-	1,99	1,22
Grupo Positivo	Informática	84,00	400,00	484,00	0,63	1,47	1,08
Brasbiofuel	Biocombustíveis	480,00	-	480,00	3,59	-	1,08
Suzano Petroquímica	Plástico	-	444,96	444,96	-	1,63	1,00
Cimpor	Cimento	-	436,70	436,70	-	1,60	0,98
Spaipa	Bebidas	200,00	225,00	425,00	1,50	0,83	0,95
Golden Mix Concreto Ltda.	Cimento	-	412,00	412,00	-	1,51	0,92

Fonte: Iparides – Boletim de Análise Conjuntural

Dos vinte segmentos com investimentos anunciados no período 2003-2013, quatro registraram montantes acima de R\$2,0 bilhões, quatro estiveram entre R\$1 bilhão e R\$2,0 bilhões e doze entre R\$400,00 a R\$700,00 milhões. A *Klabin* de Telêmaco Borba com os

investimentos na nova unidade de Ortigueira encabeça por ordem de grandeza o ranking dos investimentos industriais, seguido da Renault no setor automotivo.

Outros investimentos industriais anunciados no período 2003-2010 foram das empresas Ouro Verde-Transportes e Locação (construção), Ambev (bebidas), *Sumitomi* (construção), Paccar (automotivo), *Sig Combibloc* (papel e papelão), Suzano Petroquímica (plástico), Cimpor (cimento) e *Golden Mix* Concreto (cimento). No período 2011-2013 não houve anúncio de investimentos para as empresas *Norske Skog* (papel e celulose), *Volkswagen* (automotivo), Grupo *Tacla-Shopings* (construção) e *Brasbiofuel* (biocombustível).

Das vinte empresas selecionadas como as que tiveram intenções de investimentos - 40% delas tiveram presentes nos períodos 2003-2010 e 2011-2013 (*Klabin*, *Renault*, Coamo, Volvo do Brasil, Votorantin Cimentos, Sadia e Spaipa). Desse grupo de empresas industriais, apenas a Renault e a Volvo do Brasil são de capital estrangeiro, o que podemos identificar o potencial das empresas brasileiras, das quais três delas são genuinamente paranaenses, o caso da *Klabin*, Coamo e Spaipa.

Os casos da Coamo e Klabin têm em suas matérias-primas principais aquelas produzidas em suas regiões, como a soja, milho, eucaliptos e pinos. Segundo Harvey (2005):

As “forças da natureza” se sujeitam ao controle humano: os maquinários, a utilização da química para a indústria e agricultura, a navegação a vapor, as ferrovias, os telégrafos, a roçadura de continentes inteiros para o cultivo, a canalização dos rios, a expulsão de populações inteiras do campo [...] (HARVEY, 2005 p. 198).

Entre as regiões que foram contempladas com investimentos anunciados no período 2003-2013, o maior destaque ficou com a RMC com R\$ 19,1 bilhões que representou 46,5% dos investimentos totais. Em seguida aparece a Mesorregião Centro Oriental com os municípios de Ponta Grossa e Telêmaco Borba, com 13,7% do total e 16,31% dos investimentos industriais.

O debate seguinte sobre os investimentos anunciados pelas empresas de modo geral e mais especificamente as industriais das dez mesorregiões, com foco no valor, participação e quantidade de estabelecimentos.

Em síntese, os principais protocolos de intenções de investimentos referentes ao setor industrial no Estado do Paraná, no período de janeiro de 2003 e junho de 2013, estão direcionados aos setores de automotivos, alimentos e produção de papel e celulose. As mesorregiões: Metropolitana de Curitiba, Centro Oriental e Oeste Paranaense foram as que mais receberam propostas de investimentos. Por causa desses grandes investimentos,

verificamos que o setor industrial contempla a maioria dos principais projetos de investimentos de implantação e ampliação das instalações industriais.

Os grandes investimentos possuem forte impacto na economia estadual como um todo e, particularmente, na economia e na condição de vida da população das regiões receptoras desses investimentos.

Embora a mensuração dos impactos diretos e indiretos seja inexpressiva em algumas regiões, é importante delinear uma comparação entre a magnitude destes investimentos entre as mesorregiões paranaenses e entender os efeitos desse setor econômico para o desenvolvimento local e regional (Figura 15).

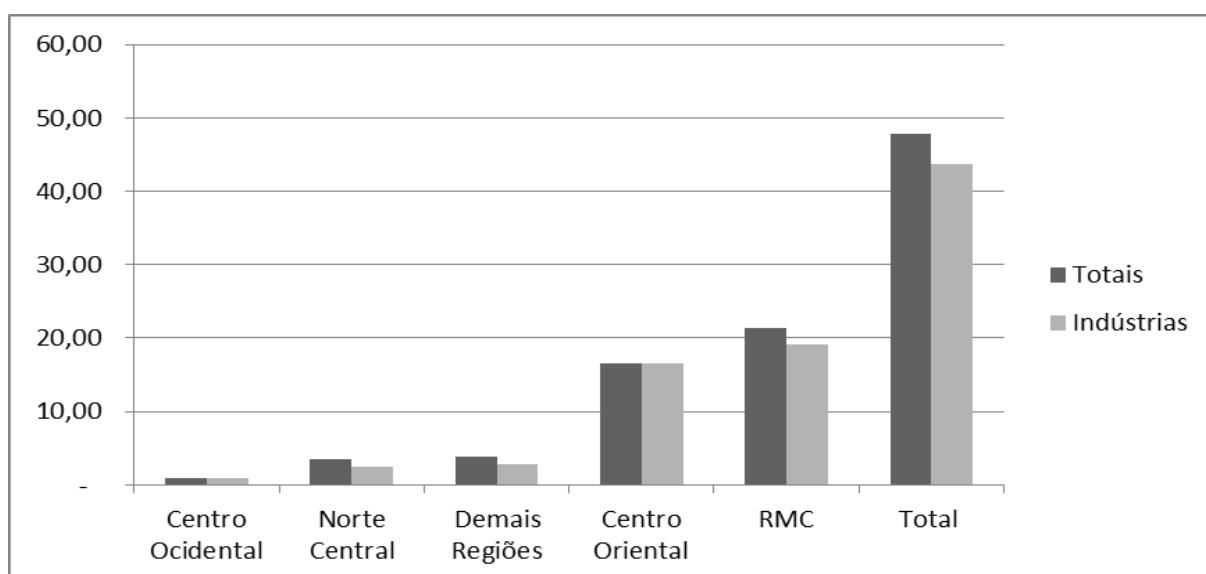


Figura 15: Paraná. Investimentos anunciados pelas mesorregiões, 2003-2013 (R\$ bilhões)

Fonte: Iparides – Boletim de Análise Conjuntural

Quanto à espacialidade dos segmentos econômicos do Paraná, observamos que a distribuição dos investimentos anunciados mais recente está mais centralizada na RMC e na Mesorregião Centro Oriental. Essas duas áreas foram beneficiadas com quantias significativas nos investimentos totais (R\$69,08 bilhões) e dos investimentos industriais anunciados (R\$62,8 bilhões), enquanto isso a Mesorregião Centro Ocidental em torno de R\$1bilhão aparece na quinta colocação no *ranking* estadual tanto para os investimentos totais como para os investimentos industriais anunciados no Paraná (Figura 15).

Os investimentos industriais anunciados entre R\$129 milhões para área Sudeste até R\$19 bilhões para a RMC no período 2003-2013 totalizaram R\$43 bilhões distribuídos no

setor industrial do Estado, configurando-se como um resultado dos mais significativos para a promoção do desenvolvimento do Paraná.

Como, ligeiramente mencionado nesse item, os dados mostram que as indústrias da Mesorregião Centro Oriental e a RMC participaram de 81,57% dos investimentos industriais e 79,4% no total dos investimentos totais anunciados do Estado, essas duas regiões se constituem em potências recentes na atratividade de investimentos de grande volume. Enquanto que na Mesorregião Centro Ocidental a participação foi pouco mais de 2% nos anúncios de investimentos nos três setores econômicos, porém os investimentos anunciados estão praticamente direcionados à Coamo.

Entre as mesorregiões: Norte Central e Oeste, a participação nos investimentos anunciados no cenário regional é bem inferior a RMC e a Mesorregião Centro Oriental. Um fato relevante nesse comparativo coloca a Mesorregião Norte Central com quantidade de empresas beneficiadas superior a quantidade de empresas da Mesorregião Centro Oriental. Essa última se apresenta com maior volume financeiro devido às potencialidades das indústrias instaladas ou a instalar - com intensidade tecnológica mais avançada, enquanto a Mesorregião Norte Central tem maior diversificação, porém com intensidade tecnológica, no geral, com padrão menor que a Centro Oriental e RMC.

No caso dos investimentos industriais do Estado, o descompasso entre a RMC e as demais regiões, como mencionado anteriormente, se evidencia por questões de logísticas, geográficas, econômicas e interesses políticos. Essa ideia de centralidade dos investimentos acaba criando um hiato nas condições paritárias de desenvolvimento entre as regiões, principalmente nas demandas para o setor industrial.

A externalidade devido ao processo de investimentos diferenciados entre as regiões impulsionam, ainda mais, as políticas locais e regionais para a atração de novas indústrias que, por consequência, motiva novos investimentos para setor de serviços e comércio.

Destacamos a importância desses dados para visualização das tendências da política industrial do Estado e quanto é importante é a utilização da matéria-prima origem dos solos paranaenses para a transformação industrial. Além da importação de matérias-primas de outras regiões e países para complementação da produção de bens finais que serão destinados ao mercado. Isso tudo representa movimentação econômica que estimula a geração de emprego e renda não somente na área industrial como nas demais dos setores econômicos.

A partir desses resultados verificamos que os dados operacionalizados estão atrelados ao tamanho populacional, a capacidade empreendedora, a força política de cada região e cada município. Essas variáveis atuam como parâmetros que facilitam a identificação de

habilidades políticas e empresariais para a atração de investimentos industriais que venham fortalecer a economia e os espaços das localidades e regiões.

Com participação expressiva nos investimentos, o setor industrial possui uma crescente participação na economia, ao levarmos em conta os montantes financeiros de intenções de investimentos industriais das mesorregiões e a totalidade do Estado Paraná. No sentido de avaliar os resultados efetivos na atração de investimentos industriais, a proporcionalidade de participação nos investimentos anunciados passa a ser um indicador que possibilita a visibilidade da contribuição de políticas públicas para a promoção do desenvolvimento do Paraná.

O objetivo dos dados a seguir é o de mostrar a quantidade de estabelecimentos por mesorregião em comparação com os estabelecimentos industriais em relação aos anúncios de investimentos (Figura 16).

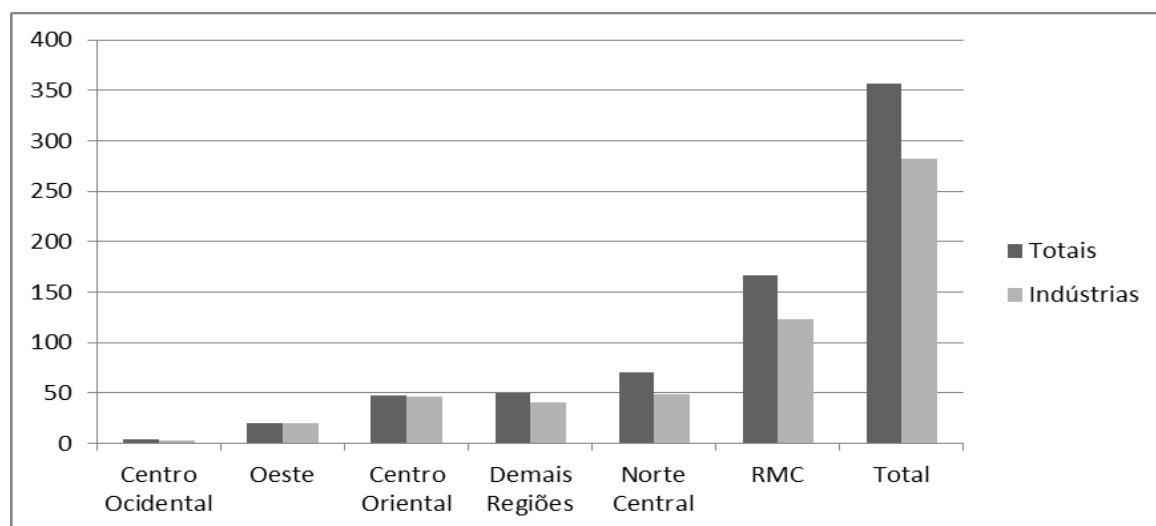


Figura 16: Paraná. Estabelecimentos por mesorregião com investimentos anunciados, 2003-2013

Fonte: IparDES – Boletim de Análise Conjuntural

Uma das formas de se avaliar os resultados das políticas de desenvolvimento industrial é a capacidade de atração de novos investimentos pelos índices de riscos mínimos para os investidores, além de outros parâmetros citados no decorrer dessa pesquisa. Os dados sinalizam a centralidade dos investimentos na RMC, porém, há prenúncios claros de interiorização dos investimentos.

As mesorregiões RMC (43,2%), Norte Central (17,38%) detém a maior concentração de estabelecimentos industriais incluídos nos anúncios de investimentos do Paraná. Nas mesorregiões Noroeste e Sudoeste as propostas de investimentos atenderam entre oito e dez empresas beneficiadas. As mesorregiões Sudeste e Centro Ocidental com quatro e três

estabelecimentos industriais, respectivamente, estão nas últimas posições desse *ranking*. A Mesorregião Centro Ocidental aparece na décima colocação no *ranking* estadual com 1,06% de participação com três empresas (IPARDES, 2014).

Segundo o IparDES (2014) a Mesorregião Centro Ocidental é a quinta Região do Paraná em nível de propostas de investimentos. No entanto, ela e a Mesorregião Sudeste se apresentam com os menores indicadores de participação da quantidade de empresas beneficiadas. Os investimentos espalhados (7,74%) por todo o Paraná, ou seja, aqueles que não são específicos de determinada mesorregião estão sob a administração de 14% das empresas que tem propostas de investimentos no Estado.

A Figura 17 tem por objetivo identificar a participação dos investimentos anunciados das indústrias em relação ao total de investimentos anunciados e também mostrar a proporção de empresas industriais em relação a totalidade das empresas beneficiadas.

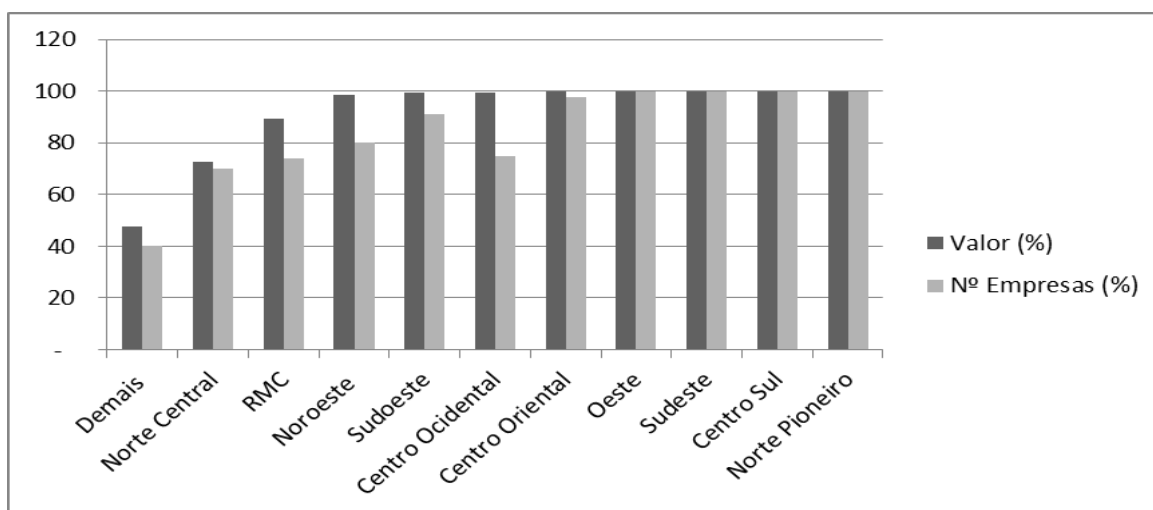


Figura 17: Paraná. Participação dos investimentos anunciados e da quantidade de industriais em relação ao total de investimentos por mesorregião, 2003-2013

Fonte: IparDES – Boletim de Análise Conjuntura

Após a contextualização dos investimentos propostos durante o período 2003-2013, os investimentos industriais respondem por 91,61% do total e a participação de empresas industriais é de 78,99% em relação ao total dos estabelecimentos beneficiados. A RMC, em termos quantitativos detém a maior parcela de empresas com anúncios de investimentos do Estado, seguido pelas mesorregiões Oriental, Norte Central e Oeste Paranaense.

As quatro mesorregiões de maior participação nas intenções de investimentos industriais do Paraná são representadas por 51 cidades que corresponde a 65,38%. Esses investimentos industriais estão distribuídos nas mesorregiões: RMC (18), Norte Central (14), Oeste (10) e Centro Oriental (9).

Considerando os níveis de participação dos investimentos anunciados para o setor industrial em comparação com o total desses investimentos, identificamos que as mesorregiões Oeste, Centro Sul e Sudeste, o setor industrial absorveu totalmente as intenções de investimento. Nas mesorregiões: Noroeste, Centro Ocidental, Centro Oriental e Sudoeste os investimentos anunciados se aproximam de 100%. Enquanto os dois maiores centros industriais representados pela RMC e Mesorregião Norte Central se apresentam com as menores participações relativas de investimentos anunciados para indústria.

A menor participação relativa da RMC e da Mesorregião Norte Central se justifica pela presença da dinâmica de outros setores da economia, como o setor de comércio e serviços e da agropecuária que tem significativa participação econômica no Estado. Observamos que a dinâmica da interiorização dos investimentos está crescendo graças às potencialidades dos importantes centros regionais de Londrina, Maringá, Ponta Grossa, Cascavel e Toledo.

Em trabalho realizado por Endlich (2006) quando retrata sobre a diversificação dos investimentos industriais na área metropolitana “observa-se que nos aglomerados, centros regionais e pequenas cidades, eles estão relacionados a atividades extrativas, agrícolas ou pecuárias, ou seja, são áreas extensas e frequentemente, uso intenso de mão-de-obra barata” (ENDLICH, 2006, p. 128).

Com o objetivo de verificar a distribuição espacial dos projetos de investimentos anunciados para o período 2003-2013 - alocados por tamanho populacional dos municípios com escala de habitantes que contém o número de projetos por município. A escala varia de até cinco mil habitantes para acima de 500 mil habitantes, sendo que os maiores investimentos anunciados, sem levar em consideração setores ou atividades a que eles pertençam ficou localizado nas faixas 20 a 50 mil e 100 a 500 mil (Tabela 16).

Tabela 16: Paraná. Investimentos industriais anunciados por mesorregião, de acordo com o tamanho populacional dos municípios, entre janeiro de 2003 e junho de 2013 (R\$ Milhões)

População (Em Mil)	Rmc	Centro Oriental	Norte Central	Oeste	Centro Ocidental	Noroeste	Centro Sul	Norte Pioneiro	Sudoeste	Sudeste	Total
Até 5	752	-	-	-	-	347	-	-	-	-	1.099
De 5 a 10	-	-	272	42	-	-	-	-	-	-	314
De 10 a 20	342	451	76	165	2,2	285	16	169	119	70	1.695
De 20 a 50	1.733	8.672	254	615	973	-	-	229	10	100	12.586
De 50 a 100	1.546	2.804	606	-	-	142	-	-	-	75	5.173
100 a 500	8.599	4.687	1205	994	-	-	501	-	-	80	16.066
Acima 500	6.105	-	97	-	-	-	-	-	-	100	6.302
Total	19.078	16.614	2.512	1.715	975	774	517	398	129	425	42.791

Fonte: Iparides – Boletim de Análise Conjuntural

Os dados apresentados possibilitam visualizar a localização dos investimentos quanto ao volume populacional dos municípios facilitando o entendimento espacial dos investimentos anunciados, bem como ajuda a identificar as regiões e cidades que foram ou serão favorecidas ou não pelos investimentos destinados a produção industrial.

Constatamos uma tendência de desconcentração industrial não só da RMC como também de outros grandes centros indústrias do país com destino para outras regiões do interior e para algumas importantes cidades paranaenses, tais como, Apucarana, Arapongas, Campo Mourão, Cascavel, Cianorte, Londrina, Maringá, Pato Branco, Ponta Grossa e Toledo que estão entre as cidades mais industrializadas do Estado.

A RMC não apresentou investimentos anunciados para os municípios com tamanho de cinco a dez mil habitantes e a Mesorregião Norte Central que não registrou anúncios de investimentos nos municípios com população de cinco mil habitantes.

O presente estudo mostra que nem sempre uma grande quantidade de cidades de uma região equivale a um maior montante de investimentos, caso das mesorregiões centro oriental e norte central com cidades enquadradas na faixa populacional de 100 a 500 mil habitantes, ou seja, a primeira com número menor de cidades que a segunda, porém, com volume de investimentos industriais bem superiores. Semelhante situação pode ser vista com a Mesorregião Centro Ocidental que possui menos municípios, mas valor financeiro superior individualmente às mesorregiões: Norte Pioneiro, Sudoeste e Sudeste, graças ao montante de investimentos da Coamo Cooperativa Agroindustrial.

Nas cidades com população entre 50 e 100 mil habitantes, os investimentos anunciados são mais relevante na Mesorregião Centro Oriental. Essa mesorregião tem expressiva participação em outras faixas populacionais, destaques para as cidades de Ortigueira (R\$6,8 bilhões), Ponta Grossa (R\$3,8 bilhões) e Telêmaco Borba (R\$2,1 bilhões) com investimentos anunciados nos segmentos de papel, celulose, alimentos, bebidas.

Os municípios enquadrados nas faixas de 20 a 50 mil e de 100 a 500 mil habitantes são os que mais receberam protocolos de investimento entre 2003-2013, nessas faixas, os municípios de Ponta Grossa, Londrina, Maringá, Cascavel, Toledo, Pato Branco e Campo Mourão foram responsáveis por 66,96% dos investimentos anunciados.

Os pequenos municípios de até 20 mil habitantes que correspondem a 77,94% dos municípios paranaenses têm suas identidades econômicas concentradas mais na área rural e nas transferências do Governo através dos benefícios do INSS, Bolsa Família e outros auxílios que se constituem em importante fonte de renda da população. Na maioria desses municípios os investimentos industriais anunciados são muito baixos, representando apenas

7,26% do valor total aplicado para o Estado sendo um dos parâmetros para explicar as diferenças sociais entre as cidades mais e menos industrializadas.

Em discussão anterior, no Paraná os investimentos anunciados entre os anos de 2003 e 2013 foram mais expressivos na RMC. Ao contrário de décadas passadas, as regiões do interior, mais recentemente passaram a contar com as possibilidades de novos investimentos que é fruto do processo de desconcentração industrial brasileira.

Constatamos que a maior parte das agroindústrias do Estado são produtoras de alimentos, outras aparecem na produção de papel e produtos de madeira. O uso do solo é relevante para os municípios paranaenses localizados fora das áreas da RMC, por isso a forte tendência das regiões do interior a agroindustrialização da matéria-prima regional na forma de agregar valor ao produto.

Segundo Endlich (2006) podem ser consideradas como exceção algumas indústrias de embalagens e equipamentos eletrônicos em centros regionais ou aglomerados, indústrias de confecções existentes em diversos tipos de municípios, além de outros exemplos isolados.

Um dos principais segmentos da indústria paranaense está alocado no ramo automotivo que foi tratado durante a elaboração desse trabalho. Os investimentos anunciados estão distribuídos com mais intensidade na RMC que trataremos a seguir (Figura 18).

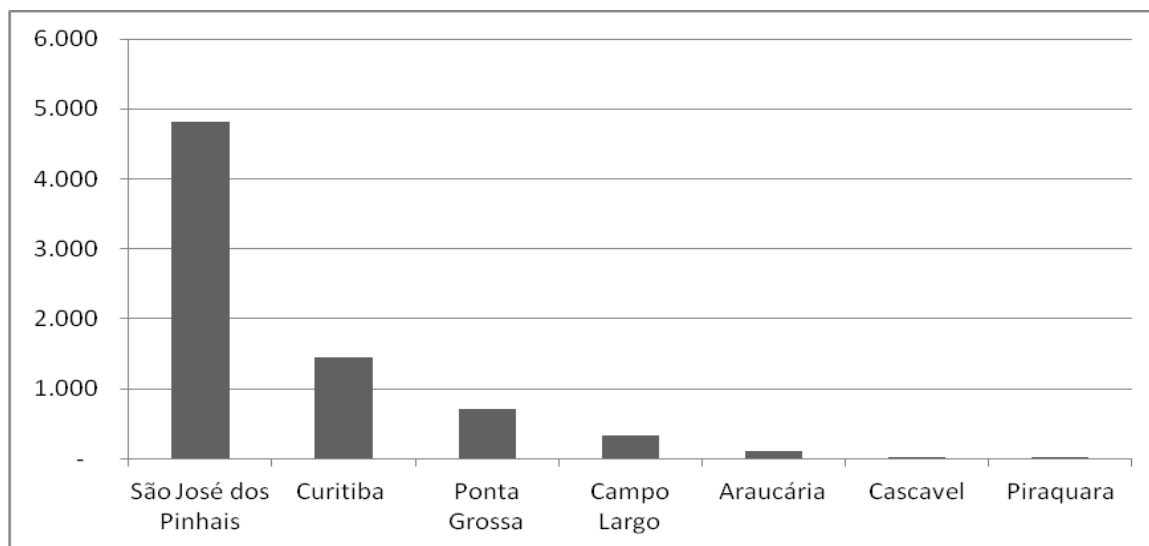


Figura 18: Paraná. Protocolos de investimentos anunciados na indústria automotiva, 2003-2013 (R\$ milhões)

Fonte: Iparides – Boletim de Análise Conjuntural

Em trabalho realizado por Endlich (2006) e comparando com dados mais atualizados, o ramo automotivo está quase que integralmente concentrado na RMC, isso vem denotando a

importância desse novo perfil da indústria paranaense pelos investimentos efetivos e pelos protocolos de intenção de investimentos e ainda mais, esse ramo é altamente mundializado e o montante de capital internacional é muito expressivo, tal como acontece com outros ramos.

Como é um ramo de dependência de peças e acessórios para a montagem final dos veículos acaba formando um complexo automotivo com as empresas fornecedoras de motores, pneus, painéis e outros produtos necessários para a montagem dos veículos. Os municípios de Cascavel, Irati e Ponta Grossa, localizados nas mesorregiões Oeste, Sudeste e Centro Oriental, respectivamente, possuem empresas industriais fornecedores de componentes automotivos³⁷ com distância média de 100 quilômetros da RMC.

Durante o período 2003-2013 a RMC (São José dos Pinhais, Curitiba, Campo Largo, Araucária e Piraquara) os níveis de investimentos correspondem a 90,4%, enquanto a Centro Oriental (Ponta Grossa) participou com 9,47% e a Oeste (Cascavel) com 0,13% dos anúncios de investimentos no segmento. Ao todo sete cidades detêm os investimentos que são distribuídos em 17 empresas (unidades industriais).

A cidade de São José dos Pinhais se destaca na RMC, pois além de ser município contíguo da Capital do Estado é de fácil acesso ao Porto de Paranaguá, Sul do Brasil e Aeroporto Internacional Afonso Pena.

Firkowski (1999, 2002), em suas contribuições considera o conjunto de municípios que compõem de maneira mais efetiva a RMC devido a maior articulação cotidiana e contiguidade territorial, de aglomerado metropolitano.

Ainda segundo Firkowski (1999, 2002) os municípios de Almirante Tamandaré, Araucária, Campina Grande do Sul, Campo Largo, Campo Magro, Colombo, Curitiba, Fazenda do Rio Grande, Pinhais, Piraquara, Quatro Barras e São José dos Pinhais são os municípios responsáveis pela articulação metropolitana. Devido o amadurecimento do polo mecânico, a RMC talvez tenha sido a que mais se industrializou no Brasil depois do Plano Real e as indústrias automotivas, a *Renault*, a *Volkswagen* e a *Volvo* anunciaram seus planos de expansão e de investimentos.

Lencioni (2003) compreende que a ideia de descentralização, tanto da indústria como da região metropolitana, é um equívoco, pois supõe a existência de pelo menos dois centros: o primeiro relativo ao que perdeu posição de centro e, o segundo, ao que ganhou essa posição. O que aconteceu, na realidade, foi um espraiamento da atividade industrial. No caso do

³⁷ As indústrias de Cascavel, Irati e Ponta Grossa fornecem cabines, carrocerias e reboques para montagem final de ônibus de ônibus e caminhões para as montadoras localizadas na RMC. As indústrias de Irati e Ponta Grossa fabricam cabines, carrocerias e reboque para caminhões e os fabricantes de Cascavel produzem cabines e carrocerias para ônibus. (IPARDES, 2014).

Paraná, o processo fez com que a RMC aumentasse seu número de indústrias, mantendo sua posição na hierarquia, sendo ainda o principal polo industrial do Estado e um dos mais importantes do País. As recentes transformações da economia brasileira e mundial remetem a fazer com que o capital industrial tenha centralizado cada vez mais na RMC

As informações dos investimentos de acordo com o Ipardes (2014) correspondem às tendências de estudos anteriores realizados no período 1996-2001. Os novos anúncios de investimento não apenas apresentaram crescimento, mas também se generalizaram, sendo observadas em setores diversificados e na constituição de redes produtivas complexas e diversificadas em várias regiões do Estado.

Em linhas gerais o segmento industrial automotivo se caracteriza mundialmente como um oligopólio na estrutura de mercado, formado por um pequeno número de grandes empresas organizadas em diversas aglomerações produtivas em diversos países de todos os continentes. Para compreender o comportamento do mercado, são levados em consideração os elevados ganhos de economia de escala e de aglomeração para a dinâmica do processo de produção de um automóvel e a representatividade na geração de emprego e faturamento (Tabela 17).

Tabela 17: Brasil. Emprego e faturamento líquido na indústria automotiva e faturamento indústria de automóveis, 1996-2012

ANO	EMPREGO NO SETOR			FATURAMENTO (US\$)		
	AUTO-VEÍCULOS	MÁQ. AGRÍC.	TOTAL	AUTO-VEÍCULOS	MÁQ. AGRÍC.	TOTAL
1966	50.562	2.431	53.093	10.924	612	11.535
1971	71.406	5.274	76.680	20.914	1.424	22.338
1976	112.429	16.428	128.857	36.580	7.618	44.198
1981	103.992	17.606	121.598	26.688	6.086	32.774
1986	129.332	28.436	157.668	34.724	7.538	42.262
1991	109.428	15.431	124.859	30.042	4.782	34.825
1996	101.857	9.603	111.460	47.361	2.796	50.157
2001	84.834	9.221	94.055	45.518	4.810	50.628
2006	93.243	13.107	106.350	60.110	6.091	66.200
2010	119.392	18.470	137.862	86.066	9.719	95.785
2011	125.972	20.071	146.043	84.980	10.749	95.730
2012	129.997	19.546	149.543	83.676	10.301	93.977

Fonte: Anfavea - Relatório Anuário da Indústria Automobilística (2013)

Segundo Ipardes (2005), desde 1950 onze empresas montadoras se instalaram no país. Em 1957 a produção nacional foi de 1.166 unidades de veículos, até 1959 o crescimento atingiu 14.495 unidades. A dinâmica se manteve nos anos 1960, sendo que de 1960 até 1980 se caracterizou pelo aumento da produção nacional. Nos anos 1980 em que foi considerada a década perdida, as vendas, produção, emprego e investimentos sofreram oscilações entre crescimento e estagnação nas atividades econômicas.

Em 1981, ocorreu forte declínio na produção de autoveículos, com redução de 37% em relação ao ano anterior resultando numa queda de 27,04% no faturamento. Desse ano até 1984 houve grande retração na produção nacional, e a capacidade ociosa chegou a 27%, influenciando no faturamento (TIGRE *et al.* 1999).

Segundo Costa (2008), Fonseca, Souza e Schneider (2009), no início da década de 1990 a indústria automotiva passou a simbolizar o atraso tecnológico de certos segmentos industriais brasileiros. As vendas de automóveis, ainda em patamares próximos aos observados na década de 1970, reforçavam a percepção de estagnação do setor no Brasil. O segmento voltou a ultrapassar a marca de um milhão de unidades vendidas, que já havia sido superada em 1979, somente em 1993.

Na década de 1990, a indústria automotiva brasileira iniciou a fase de reestruturação a partir dos incentivos criados pelos Acordos Automotivos de 1992 e 1993³⁸ e ampliados pelo Regime Automotivo de 1995, que contribuíram para incentivar o setor a investir em novas plantas através das empresas já instaladas no país. O resultado é de que outras se instalaram e as existentes modernizaram suas fábricas para enfrentar a concorrência e com isso aproximar dos padrões de eficiência e de produtividade (GRAZIADIO, 2000).

No entendimento de Fauth, Morais e Clezar (2009) há uma carência de pesquisas para análise da demanda interna de veículos no mercado brasileiro. Normalmente essas pesquisas compreendem dois modelos agregados. O primeiro que se relaciona entre a quantidade total de veículos vendidos com variáveis explicativas como preço e nível de renda, ou ainda o segundo modelo que é desagregado, no qual se considera a demanda por produtos diferenciados (com marcas), explicado pela função de utilidade de cada indivíduo no mercado.

O modelo de demanda agregada, com base na venda do mercado interno de veículos automotores, o nível de salário mínimo real, o preço dos veículos, as taxas médias de juros mensais das operações de financiamento, o volume de crédito destinado, o crédito total na economia e a relação crédito/PIB - passa a ser um modelo dependente das oscilações das variáveis macroeconômicas, conforme se verifica no cenário de empregos e faturamento do segmento automotivo.

³⁸ O primeiro acordo setorial, assinado em julho de 1992, entre seus principais objetivos, propunha: a redução de 22% nos preços dos automóveis e veículos comerciais leves, para facilitar a aquisição e recuperar níveis de produtividade perdidos; a manutenção dos empregos; e a correção mensal de salários. O segundo acordo da indústria automotiva em fevereiro de 1993 trazia um pacote de várias medidas de incentivos para a recuperação do setor.

Diante do contexto econômico nacional, as vendas internas cresceram 7,37% e o Paraná mesmo com menores valores absolutos que o Rio Grande do Sul, o desempenho nas vendas foi de 29,47% nos indicadores de crescimentos, enquanto que para os gaúchos o crescimento chegou a 13,43% em unidades comercializadas durante o período 2011-2012 (ANFAVEA, 2013).

Os dados permitem afirmar que houve um incremento muito significativo no emprego e faturamento do setor no período 1966-2012 mostrando que a expressão do segmento para a economia brasileira, implicando processo de relativa diversificação espacial da rede necessária para a montagem dos autoveículos.

A Figura 19 tem o objetivo de mostrar como o Paraná passou efetivamente a condição de polo industrial automobilístico e que a vinda das montadoras de automóveis se consolidou numa verdadeira transformação econômica do Estado e assim se constituindo em um dos principais polos automotivos do país, como veremos a seguir.

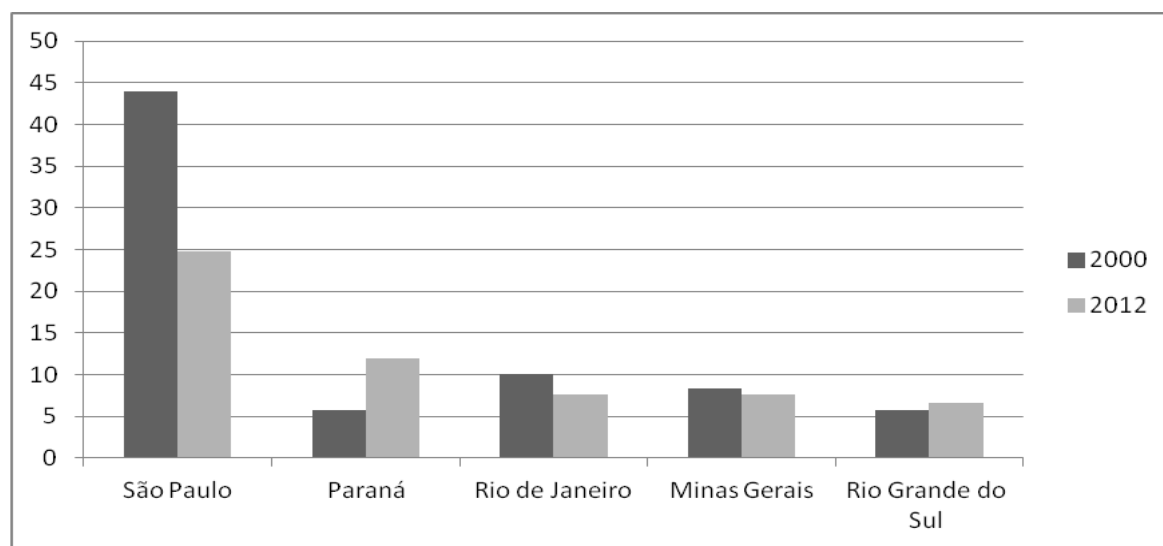


Figura 19: Brasil. Participação da indústria automobilística dos principais Estados fabricantes em relação a totalidade da produção nacional, 2000 e 2012

Fonte: Anfavea - Relatório Anuário da Indústria Automobilística - 2013

A vinda de montadoras para o Estado do Paraná ocasionou aumento na produção e empregos diretos (dentro da própria indústria automobilística) e indiretos (principalmente gerados pelos fornecedores de autopeças, que se deslocaram para as proximidades das montadoras) e com poder de compra em alta pelos consumidores, preços e políticas de crédito e prazos favorecendo as camadas sociais de classe média baixa, média e média alta, as

aquisições de autoveículos e os licenciamentos aumentaram nos estados do Paraná e Rio Grande do Sul.

Considerando a produção e o licenciamento de veículos em que se entende que a i) produção é composta pela adição do número de veículos montados e desmontados e tem como destino o mercado interno e externo e ii) o licenciamento é composto pelo número de veículos produzidos no Brasil e veículos importados. O número total de veículos licenciados, entre 2003 e 2012, teve um aumento de 166,14%, passando de 1,43 para 3,8 milhões de unidades. Ao passo que produção em igual período de tempo cresceu 101,07% que é resultado da elevação da produção de 1,68 para 3,38 milhões de unidades (ANFAVEA, 2013).

No Relatório Anual da Anfavea (2013) uma parcela significativa do total licenciado foi representada pelos veículos importados, que de 415 mil unidades em 2012, representando 10,92% de todos os veículos licenciados no Brasil. O Brasil importou principalmente da Argentina, Coréia do Sul e México.

Sobre a participação dos licenciamentos de veículos nas regiões brasileiras, a região Sul no ano de 2012 detinha 19,9%. O Paraná com 12% de participação foi o principal Estado nos licenciamentos, em seguida o Rio Grande do Sul (6,7%) e Santa Catarina (1,2%). Esses dados sinalizam a liderança do Paraná no âmbito regional qualificando como um dos principais fabricantes de veículos.

O crescimento da participação dos licenciamentos dos estados em relação a totalização nacional dos cinco maiores produtores nacionais, somente os estados do Paraná e Rio Grande do Sul apresentaram crescimento positivo entre 2000 e 2012. O Paraná evoluiu 106,9% e o Rio Grande do Sul 17,5% enquanto o Estado de São Paulo registrou queda de 180,43%.

A participação do Paraná na promoção da indústria automotiva tinha com vistas à obtenção de estágios de desenvolvimento para o setor industrial e por extensão incentivar outros segmentos econômicos e cadeias produtivas do segmento. O setor automotivo foi uma aposta do Estado, valendo-se de mecanismos de proteção e incentivo a setor industrial existente, tais como incentivos fiscais.

Ressaltamos que em 2000 os estados do Paraná e Rio Grande Sul tinham praticamente o mesmo nível de participação no contexto nacional, porém em 2012 a participação paranaense superou a gaúcha, saltando de 5,8% para 12%, enquanto o Rio Grande do Sul saiu de 5,7% e atingiu 6,7% no segmento automotiva.

Muito embora, a participação do segmento de autoveículos tenha sido expressiva no cenário industrial brasileiro, a produção caiu 0,85% em 2012 em relação ao ano imediatamente anterior. Excetuando a década de 1980 que para a indústria automobilística

caracterizou-se como período de estagnação. A partir da década de 1990 os dados estatísticos revelam que a produção aumentou e a participação do setor automobilístico evoluiu significativamente, menos nos anos de 1997 a 1999 devido a queda de produção provocada pelos efeitos da política econômica do período.

Os dados estatísticos que trata das principais regiões brasileiras com fábricas de montagem de veículos automotores instaladas mostram que a vinda dessas indústrias fortaleceu a economia do Estado que somada as exportações de produtos agrícolas primários deu nova fisionomia e respeito ao potencial da indústria do Paraná.

As instalações das indústrias automotivas e fábricas de motores teve início em 1970 e foi até 2010 na RMC com maior concentração econômica na cidade de São José dos Pinhais (Quadro 2).

Quadro 2: Paraná. Relação das montadoras automotivas e fábricas de motores instaladas na Região Metropolitana de Curitiba

EMPRESA	LOCAL	PRODUTO	ANO DE INSTALAÇÃO
<i>Volvo</i>	Curitiba	Caminhões, ônibus e motores	1970
<i>CNH (Case IH. New Holland)</i>	Curitiba	Tratores de rodas e colheitadeiras	1975
<i>Chrysler</i>	Campo Largo	Comerciais leves	1997
<i>Renault</i>	São José dos Pinhais	Automóveis e motores	1998
<i>Volkswagen/Audi</i>	São José dos Pinhais	Automóveis e comerciais leves	1999
<i>Renault/Nissan</i>	São José dos Pinhais	Comerciais leves	2001
Tritec Motors (Chrysler/BMW)*	Campo Largo	Motores	2002
Fiat PowertainTecnologies (FTP Mercosul)*	Campo Largo	Motores	2010

Fonte: Ipardes (2005) e Anfavea (2011)

Como reflexo da descentralização da indústria automobilística da região do ABCD para o interior do Estado de São Paulo, mas, sobretudo com a preocupação de evitar o distanciamento dos estados de São Paulo e Rio de Janeiro os principais mercados consumidores da década de 1970. Nessa época iniciou-se a produção de veículos no Paraná, com a implantação das fábricas da *Volvo*, *New Holland*, *Chrysler/BMW*, *Renault/Nissan*, *Volkswagen/Audi*, todas na RMC (Quadro 2).

Segundo Meza e Carleial (2007) a RMC se consolida como um novo polo automotivo no Brasil, no final da década de 1990 após a instalação da *Renault* e a *Volkswagen-Audi*. No caso específico da *Renault*, o acordo firmado com o Estado, em 1996, estabeleceu as seguintes concessões: cabia ao Estado além de ceder benefícios fiscais, ter a participação acionária nos projetos estratégicos da empresa. A responsabilidade da *Renault*, por sua vez, era fazer toda a sua importação e exportação pelo Paraná.

Em seguida foi firmado um acordo com a *Renault/Nissan* para a fabricação de comerciais leves para implantação de suas unidades fabris na região, além de firmar um

acordo de expansão com a *Volvo*, que já estava instalada na CIC fabricando caminhões e ônibus (*Renault Máster e Nissan Frontier*).

A *Chrysler* encerrou suas atividades em 2000, enquanto *Renault/Nissan* faziam parceria e pertencia a mesma unidade de produção e a *Fiat Powertrain* adquiriu a unidade da *Tritec Motors* em 2008. O fechamento da *Chrysler* foi à causa da demissão de 250 funcionários com efeitos negativos para a economia de Campo Largo que era o município sede e para os seus fornecedores (*Dana, Detroit Diesel e Lear*), que se instalaram no Paraná exclusivamente para atender a *Chrysler*.

Os investimentos das montadoras tiveram reflexos determinantes na atração de seus fornecedores para o Paraná, caracterizando-se assim como processo de externalidade econômica, conforme Santos e Pinhão (1999) retratam:

Destaca-se, ainda, a implantação de fábricas de motores, que no caso de automóveis são tradicionalmente produzidos pelas próprias montadoras. Essas novas plantas caracterizam-se por serem bastante enxutas, tanto em termos de operações industriais como organizacionais, com poucos níveis hierárquicos. De modo geral, são realizadas internamente apenas as operações de pintura e montagem, à exceção da Volkswagen, que também inclui a estamperia pesada. Os principais fornecedores ficam no terreno ou em torno da fábrica. Além de fabricantes de autopeças, essas empresas estão trazendo para o país firmas prestadoras de serviços, como logística, alimentação e administração de condomínios industriais (SANTOS; PINHÃO, 1999, p, 187).

Cabe dizer que, normalmente, os fornecedores das montadoras de veículos são do mesmo país de origem: a Volkswagen, a Renault e a Chrysler trouxeram, respectivamente, fornecedores alemães, franceses e norte-americanos. No Paraná com a chegada de novos fornecedores que não possuem subfornecedores locais, possibilitou o aproveitamento das empresas locais e vantagens de custo e logísticas (SANTOS; PINHÃO, 1999).

Como o Estado do Paraná não tinha uma infraestrutura no setor de autopeças, nem tampouco mão-de-obra treinada, os benefícios para a localização de novas plantas nesta região se baseavam nas proximidades com o Mercosul, em concessões governamentais com a desoneração de impostos e cessão de terrenos, na condição de vida da população e nas proximidades com o porto de Paranaguá e a localização privilegiada do aeroporto internacional (IPARDES, 2005).

Segundo Wiedersheim-Paul *et al.*, (1978) todos esses investimentos realizados pelas indústrias montadoras e fornecedoras colocaram o Paraná como um importante polo de produção e modernização na montagem de veículos.

A relevância do valor de transformação industrial é refletida nas condições de empregos gerados a partir dos investimentos industriais do segmento de automotores. Para mostrar a expressividade do Estado do Paraná na indústria brasileira e especificamente na indústria automotiva, analisaremos nesse item o resultado dos investimentos com a geração de emprego.

Considerando a importância socioeconômica do segmento de veículos automotores, utilizamos dados estatísticos sobre os níveis de empregos nos ramos vinculados a: Fabricação de automóveis, camionetas e utilitários; Fabricação de cabines, carrocerias e reboques para veículos automotores; Fabricação de caminhões e ônibus; Fabricação de tratores e de máquinas e equipamentos para a agricultura e pecuária; Fabricação de peças e acessórios para veículos automotores - para análise da evolução participação dos empregos Estado/Brasil conforme classificação estabelecida pelo CNAE 2.0 (Tabela 18).

A partir dos dados da Rais do Ministério do Trabalho e Emprego (MTE), no período 2006-2013, o Estado de São Paulo é o maior empregador do segmento automotores brasileiro, em média a participação é de 57,78% no período; em seguida Rio Grande do Sul 12,97%, Minas Gerais 12,67% e Paraná 8,65%. Os quatro principais fabricantes respondem em média por 88,74% dos empregos do segmento de automotores do país.

Tabela 18: Brasil. Números de empregados nos Estados fabricantes de veículos automotores de acordo com sua distribuição espacial

ESTADOS	NÚMERO DE EMPREGADOS NO RAMOS DE AUTOMOTORES DOS ESTADOS BRASILEIROS								PARTICIPAÇÃO DO NÚMERO DE EMPREGADOS ESTADOS/BRASIL							
	2006	2007	2008	2009	2010	2011	2012	2013	2006	2007	2008	2009	2010	2011	2012	2013
São Paulo	238.212	267.769	281.033	273.755	303.805	309.496	300.778	314.627	57,75	56,03	55,67	55,43	54,21	52,54	51,95	51,99
Rio G. do Sul	48.362	58.432	64.569	62.198	74.723	79.933	77.993	85.282	11,72	12,23	12,79	12,59	13,33	13,57	13,47	14,09
Minas Gerais	47.428	57.972	60.144	62.491	72.537	76.743	81.749	79.241	11,49	12,13	11,91	12,65	12,94	13,03	14,12	13,09
Paraná	35.141	40.675	42.473	41.766	48.778	53.337	50.148	53.642	8,52	8,51	8,41	8,46	8,70	9,05	8,67	8,86
Santa Catarina	13.625	17.410	18.469	13.394	18.089	19.380	20.820	22.121	3,29	3,64	3,66	3,69	3,23	3,29	3,60	3,67
Rio de Janeiro	8.942	11.217	12.222	11.519	15.048	16.212	14.623	14.991	2,17	2,35	2,42	2,34	2,69	2,75	2,53	2,48
Bahia	8.440	8.850	8.577	8.491	8.920	8.867	9.725	10.426	2,05	1,85	1,70	1,72	1,59	1,51	1,68	1,72
Amazonas	3.660	4.579	5.463	3.215	3.665	6.829	4.709	5.047	0,89	0,96	1,08	0,65	0,65	1,16	0,81	0,83
Goiás	2.554	3.900	4.158	4.612	6.119	7.023	7.407	8.137	0,62	0,82	0,82	0,93	1,09	1,19	1,28	1,34
Pernambuco	1.637	1.948	2.086	1.833	1.955	3.337	2.871	3.308	0,40	0,40	0,41	0,37	0,35	0,57	0,50	0,55
Ceará	1.713	1.889	2.100	2.188	2.512	2.743	2.767	2.707	0,42	0,40	0,42	0,44	0,45	0,47	0,48	0,45
Espírito Santo	756	839	836	790	926	1.077	1.156	1.088	0,18	0,18	0,17	0,16	0,17	0,18	0,20	0,18
Mato Grosso	296	470	502	441	589	818	777	928	0,07	0,09	0,10	0,09	0,11	0,14	0,13	0,15
Demais Estados	1.755	1.979	2.214	2.382	2.763	3.254	3.381	3.613	0,43	0,41	0,44	0,48	0,49	0,55	0,58	0,60
Total	412.521	477.929	504.846	493.890	560.429	589.049	578.934	605.158	100,00	100,00	100,00	100,00	100,00	100,00	100,00	100,00

Fonte: Ministério do Trabalho e Emprego (MTE), Relação Anual de Informações Sociais (Rais) – CNAE 2.0

No recorte geográfico, a característica marcante é a destacada concentração espacial da indústria de automotores no Sul e Sudeste. As regiões Sul e Sudeste em números absolutos lideram a geração de empregos do segmento respondendo em média por 82,66% dos empregos desse segmento. Em 2006 essas regiões tinham participação de 95,14% e em 2013 94,35% com maior influência do Estado de São Paulo, mesmo considerando que desde 2010 vem perdendo participação motivada pela desconcentração industrial desse segmento para outros estados brasileiros.

Apesar desses resultados a classe trabalhadora vem sendo suplantada pela hegemonia do sistema técnico produtivo na atual fase do capitalismo devido aos avanços tecnológicos inerentes ao século atual. Maar (2006) entende que no modelo brasileiro a dialética do trabalho social se realiza mediatizada pela sociedade na perspectiva do capital, se considerado o capitalismo produtivista este é avaliado como fardo, desprovido do momento formativo do sujeito mediante sua interação com a sociedade e natureza.

Ao visualizarmos a distribuição dos setores entre os estados, os segmentos automotivos com as fábricas mencionadas anteriormente, estão incluídos entre os principais setores em quantidade de empregados formais nos estados. Assim, além de ser um segmento relevante no emprego industrial brasileiro é um dos segmentos que mais se insere no processo de desconcentração da indústria brasileira.

O Paraná é um dos principais destaques no emprego industrial do país. Em todo o período em análise a participação do Estado no cenário nacional foi superada pelos estados de São Paulo, Rio Grande do Sul e Minas Gerais. Na indústria, assim como outros setores econômicos, a queda de emprego da maioria dos estados brasileiros durante o período 2008-2009 teve forte influência nas questões cambiais e na crise internacional iniciada ao final de 2007 nos Estados Unidos.

Todos os estados das regiões Sul e Sudeste tiveram redução de emprego no segmento de automotores no período 2008-2009, o Estado do Paraná em função dessa dinâmica teve queda de 1,66% do emprego se constituindo no menor índice entre os estados de São Paulo, Minas Gerais, Rio de Janeiro, Espírito Santo, Rio Grande do Sul e Santa Catarina. No Brasil o nível de emprego do segmento nesse período apontou queda de 2,17%.

A evolução dos níveis de crescimento de emprego do Estado do Paraná obedeceu a uma escala industrial de crescimento do segmento de automotores com exceção dos períodos 2008-2009 e 2011-2012. A maior parte dos fabricantes de automotores do Estado está instalada na RMC onde se localizam os maiores índices de emprego do segmento automotores.

As decisões de investimentos para o segmento automotivo refletem no emprego da cadeia automotiva. Os investimentos no setor industrial da RMC foram mais concentrados nos municípios de São José dos Pinhais devido às montadoras *Renault* e *Volkswagen/Audi*. Esses investimentos se externalizam para setor de serviços e comércio que por sua vez impulsionam as melhorias e adequações em áreas estratégicas como sede do Governo, serviços públicos, Aeroporto Internacional Afonso Pena e as atratividades da cidade de Curitiba, entre outros.

A descentralização dos investimentos automotivos cria novas economias locais e regionais, agregando empregos, renda, consumo e melhor condição de vida, seguindo um círculo virtuoso. A interiorização da indústria automobilística, principalmente na condição de fornecedores para as grandes montadoras instaladas na RMC atua como fator de sustentabilidade local, regional e nacional.

A política industrial paranaense deve fixar objetivos no desenvolvimento e na implantação dos complexos industriais que envolvam produtos que permitam maximizar valor agregado e explorar a indústria de alta tecnologia que pela sua dinâmica e complexidade exigem profissionais mais qualificados resultando a geração de salários mais elevados e maior produtividade.

O Paraná também possui uma das melhores infraestruturas viária do país. Apesar da existência de regiões com níveis de modernização e boa condição de vida em algumas cidades do Norte e Oeste Paranaense e particularmente a cidade de Campo Mourão da região Centro Ocidental, ainda se constata a existência de bolsões de pobreza e muitos beneficiários do programa social bolsa família, constituindo fato real de que mesmo nos espaços territoriais mais ricos existem regiões e bairros pobres, como por exemplo, em Campo Mourão 3.794 famílias foram beneficiadas pelo programa em julho de 2015, que custou cerca de R\$ 600 mil e aproximadamente R\$ 7 milhões durante o ano de 2014 e uma equivalência de 4,35% na relação população/quantidade de famílias atendidas (MDS, 2015).

Com essa primeira parte, observamos as tendências industriais no Paraná, seu panorama e modificações em sua inserção no Brasil e no mundo. Considerando esse novo perfil industrial do Paraná, dedicaremos em seguida na construção da contextualização da Mesorregião Centro Ocidental e em seguida enfocar a sua inserção econômica com foco nas atividades industriais existentes.



PARTE 2

2 ESPACIALIDADES DOS INVESTIMENTOS INDUSTRIAIS NO PARANÁ E AS MESORREGIÕES: O CASO DA REGIÃO CENTRO OCIDENTAL

Após abordarmos o perfil industrial, espacialidades dos investimentos no Paraná e ao tratarmos de questões ligadas a dinâmica industrial passamos para a segunda parte do trabalho com foco na espacialidade dos investimentos do Paraná e das mesorregiões com ênfase na Mesorregião Centro Ocidental.

As mesorregiões geográficas paranaenses possuem características heterogêneas naquilo quando tratamos da distribuição espacial de seus municípios, recursos naturais, população, grau de urbanização, Índice de Desenvolvimento Humano (IDH), aspectos econômicos e níveis de emprego.

No entanto, há de se considerar que os dados econômicos e sociais influenciam diretamente no desenvolvimento ou não de uma região, assim como nas estratégias das microrregiões e de suas cidades para crescerem e desenvolverem durante o processo de aplicação das políticas públicas. Nisso é essencial observar que “a estrutura econômica é de extrema importância para o desenvolvimento local, ou seja, um ótimo desempenho econômico indica que existem recursos para investir e proporcionar melhorias sociais e ambientais” (RODRIGUES; LIMA, 2012, p.17).

Temos como objetivo nesta parte, primeiramente, traçar um breve panorama sobre as mesorregiões paranaenses, para em seguida evocarmos a Mesorregião Centro Ocidental e como ela se insere no cenário econômico e espacial paranaense contemporâneo, inclusive as desigualdades que os índices econômicos e sociais apontam no seu interior, pois nossas preocupações centrais mantêm-se na sociedade e sua condição social.

Como em outras regiões brasileiras, as mesorregiões paranaenses apresentam-se com semelhanças e contradições em seus meandros, temos como regiões mais industrializadas as mesorregiões da Metropolitana de Curitiba, Norte Oriental, Norte Central e Oeste possuem as maiores riquezas do Estado. As mesorregiões Sudoeste e Noroeste, notadamente a primeira vem se industrializando com tecnologia de intensidade média-alta com indústrias localizadas na cidade de Pato Branco; enquanto que na segunda tem na fabricação de vestuário seu principal vetor industrial. As mesorregiões Centro Ocidental, Centro Sul, Norte Pioneiro e Sudeste, tem suas economias mais direcionadas para a agropecuária, apesar do avanço industrial em algumas cidades polos dessas regiões, como Campo Mourão, Guarapuava, Cornélio Procópio e União da Vitória em diversos ramos da indústria.

Trabalhamos nessa pesquisa com dimensões regionais, como já sinalizamos. Os estudos baseados na região, ainda que não tenha comparecido muito a pauta acadêmica da Geografia recentemente, são bastante numerosos e diversos³⁹.

Adotamos a dimensão regional como uma escala geográfica de trabalho⁴⁰. Estabelecemos como recorte territorial para o trabalho a Mesorregião Centro Ocidental e nos referimos as demais para que possamos contextualizá-la mediante esse conjunto no Estado do Paraná. Contudo, para essa análise consideramos que é fundamental manter o enfoque multiescalar, pois a condição do mundo atual em que as dinâmicas são cada vez mais inter-relacionadas.

Nossa concepção de região nesse trabalho está de acordo de que apreender a parte está relacionada ao todo e que esse também só pode ser apreendido por meio de suas partes, e essas se fazem simultaneamente somente através do todo – processo de totalização. Portanto, “O movimento da totalidade parece alterar os signos das variáveis que o constitui, pois os signos não acompanham o movimento, ou seja, a cada transformação social, obrigatoriamente, renovam-se ideologias e símbolos que assumem novos e mutantes sentidos nesse processo” (PINTO; CASTROGIOVANI, 2009, p.286).

Portanto, não se modifica apenas a materialidade, mas acompanha essa transformação um conjunto de ideias e concepções que a sustentam. Considerando a incidência regional de determinações oriundas de interesses mais amplos e que se organizam em escalas geográficas mais amplas, ocorre um processo de homogeneização de dinâmicas em diferentes espaços. “A região neste novo contexto, é definida como um conjunto de lugares onde as diferenças internas entre esses lugares são menores que as existentes entre eles e qualquer elemento de outro conjunto de lugares” (CORRÊA, 1995, p. 32).

A concepção teórica de região perpassa as diferentes tendências teóricas da Geografia, além de outras advindas de outras ciências. Com o processo de expansão mais recente do capitalismo tem se argumentado sobre as transformações homogeneizadoras que ele traz. Ianni, (1996), considera a homogeneização do espaço e a globalização, “[...] os processos de concentração e centralização do capital adquirem maior força, envergadura, alcance. Invadem cidades, nações e continentes, formas de trabalho e vida, modos de ser e pensar, produções culturais e formas de imaginar. [...] Muitas coisas desenraizam-se, parecendo flutuar pelos espaços e tempos do presente” (IANNI, 1996, p. 39).

³⁹ Elaboramos revisão teórica sobre o espaço e região que se encontra em disponível no apêndice disponibilizado em CD. Selecionamos dessa revisão, apenas o essencial para manter no texto impresso da tese.

⁴⁰ Fundamentamo-nos em Smith que trata da divisão do trabalho como face do processo de reestruturação produtiva e dos desdobramentos da flexibilidade capitalista para o mundo do trabalho.

Embora tenha fundamentação essa tendência, houve uma reação no campo científico, dentre os quais, Milton Santos (2009), não satisfeito com a interpretação sobre a homogeneização do espaço, alega que enquanto os processos de modernização de produção se espalham por todos os territórios, a produção se especializa regionalmente. Assim, “se o espaço se torna uno”, continua o autor, para entender às necessidades de uma produção globalizada, as regiões aparecem como as distintas versões da mundialização. E ao contrário de outros pensadores, Santos (2009) prossegue e nos diz que a mundialização não garante a homogeneidade, mas, ao contrário, instiga diferenças, reforça-as e até mesmo depende delas.

O crescimento das taxas de emprego das atividades: agropecuária, indústria de extração de minerais, construção civil, serviços e administração pública direta e indireta foram inferiores a taxa de crescimento de emprego da indústria de transformação, que por sua vez foi inferior às taxas de crescimento das atividades do setor de comércio que é o principal empregador do Estado.

Lembramos, todavia, que nosso foco principal de análise é o setor secundário. Como parte de discussões posteriores dessa pesquisa, em momentos que retrataremos sobre o emprego formal, dados do Caged e Rais indica que a Mesorregião Centro Ocidental em 2012 possuía 9.358 estabelecimentos, dos quais 805 estão no setor industrial sendo 790 na indústria de transformação e que Campo Mourão como seu principal município tem registrado 281 indústrias de transformação e que em média são empregadas sete pessoas por estabelecimento (FIEP, 2014).

Como vimos na primeira parte, constatamos que há um novo perfil industrial do Paraná, mas é um fato que se modifica fundamentalmente dependendo da região do Estado em que se analisa. A realidade que encontramos no Paraná e nas mesorregiões precisa ser assim ponderada e pretendemos contribuir com essa interpretação.

2.1 MESORREGIÕES NO ESTADO DO PARANÁ

A Divisão Regional do Brasil em Mesorregiões e Microrregiões Geográficas criadas pelo IBGE (1990) apresenta finalidades estatísticas e surgem em substituição à Divisão Regional em Microrregiões Homogêneas, elaborada em 1968.

Os limites político-administrativos estaduais e municipais foram respeitados, utilizando o conceito de Organização do Espaço, que se refere às “diferentes estruturas espaciais resultantes da dinâmica da sociedade sobre um suporte territorial” (IBGE, 1990,

p.7). O IBGE estabeleceu a mesorregião como: “uma área individualizada, em uma Unidade da Federação, que apresenta formas de organização do espaço geográfico definidas pelas seguintes dimensões: o processo social, como determinante, o quadro natural, como condicionante e, a rede de comunicação e de lugares, como elemento da articulação espacial” (IBGE, 1990, p. 8).

Aplica-se esta compartimentação espacial na elaboração de políticas públicas para: subsidiar o sistema de decisões quanto à localização de atividades econômicas, sociais e tributárias e para auxiliar o planejamento, estudos e identificação das estruturas espaciais de regiões metropolitanas e outras formas de aglomerações urbanas e rurais (IBGE, 2009).

O IBGE (1989) menciona que metodologicamente as microrregiões geográficas se constituem como parte das respectivas mesorregiões e que pelas características econômicas, sociais, climáticas, relevo, níveis culturais, entre outros, tal como as mesorregiões são heterogêneas quando se refere à organização do espaço, devido as especificidades.

Segundo Clemente (1994 p.23), microrregiões são subdivisões das mesorregiões em espaços específicos relacionados à produção. “Para efeito da delimitação das microrregiões, o conceito de estrutura de produção é abrangente, englobando além da produção propriamente dita, distribuição, troca e consumo, incluindo atividades urbanas e rurais”.

Mesmo que para Milton Santos o espaço também seja funcional ao modo de produção, sua ênfase recai “no processo de produção do espaço no momento em que a sociedade se apropria da natureza, processo que adquire ao mesmo tempo caráter global e diferenciado nos diferentes pontos do planeta” (Zusman, 1996, p. 31).

As microrregiões geográficas, segundo (IBGE, 2003), são conjuntos de municípios próximos e, conceituadas como partes das mesorregiões, porém, apresentam especificidades quanto à organização do espaço. Suas limitações consideram, além das dimensões formadoras das mesorregiões, a vida de relações em nível local, pela possibilidade de atendimento às suas populações, pelos setores sociais básicos e do comércio varejista e atacadista.

As últimas décadas foram de profundas mudanças socioeconômicas e espaciais no Estado do Paraná. Por sua vez, são necessárias reconfigurações regionais que ocorrem por força da dinâmica de desenvolvimento que se adequa a realidades de cada época, como por exemplo, as intensas transformações ocorridas com a erradicação do café no setentrão paranaense. A agropecuária incorporou novas tecnologias e formas de produção, que se consolidaram de maneira distinta no plano espacial.

Reconhecemos que a indústria, ao desenvolver seus próprios padrões de localização, interfere de forma visível no crescimento de alguns centros regionais, no caso do Paraná,

salientamos a expansão de novas e diversificadas plantas industriais na RMC e na Mesorregião Norte Central. Ao longo das últimas décadas, a configuração regional paranaense incorporou mudanças e se tornou necessárias novas pesquisas e recortes regionais sobre as indústrias.

Conforme o IBGE (1990), a divisão geográfica do Paraná possui dez mesorregiões subdivididas em microrregiões. Para Cigolini (2004) as mesorregiões foram fragmentadas mediante motivos variados: a influência na ocupação da região, os aspectos naturais, culturais e econômicos. Para analisar o perfil desse território, à luz dos primeiros resultados do Censo Demográfico de 2010, considera-se a divisão mesorregional e suas regiões metropolitanas do Estado institucionalizadas que estão distribuídas territorialmente em Curitiba, Londrina, Maringá e Umuarama e mais recentemente Apucarana, Campo Mourão, Cascavel e Toledo que juntas vão agregar cerca de 80 municípios e atinge a 1,5 de habitantes.

Segundo Firkowski (2011) a expressão região metropolitana se reveste de inúmeras faces: a teórico-conceitual, que confronta tal expressão com o conceito de metrópole. A Constituição Brasileira prevê a existência de regiões metropolitanas e sua criação como competência dos estados; a técnico-operacional, que mobiliza profissionais com competências variadas a propor os critérios para sua definição e, finalmente, a popular que se refere à apropriação da expressão, pela população em geral, com os mais variados significados.

As dez mesorregiões geográficas paranaenses são: Noroeste (MSR 1) – com a região metropolitana de Umuarama, Centro Ocidental (MSR 2) - com a recém criada região metropolitana de Campo Mourão, Norte Central (MSR 3) – inserindo as regiões metropolitanas de Maringá e de Londrina, Norte Pioneiro (MSR 4), Centro Oriental (MSR 5), Oeste (MSR 6), Sudoeste (MSR 7), Centro Sul (MSR 8), Sudeste (MSR 9) e Metropolitana de Curitiba (MSR 10) - na qual se encontra a RMC (Figura 20).

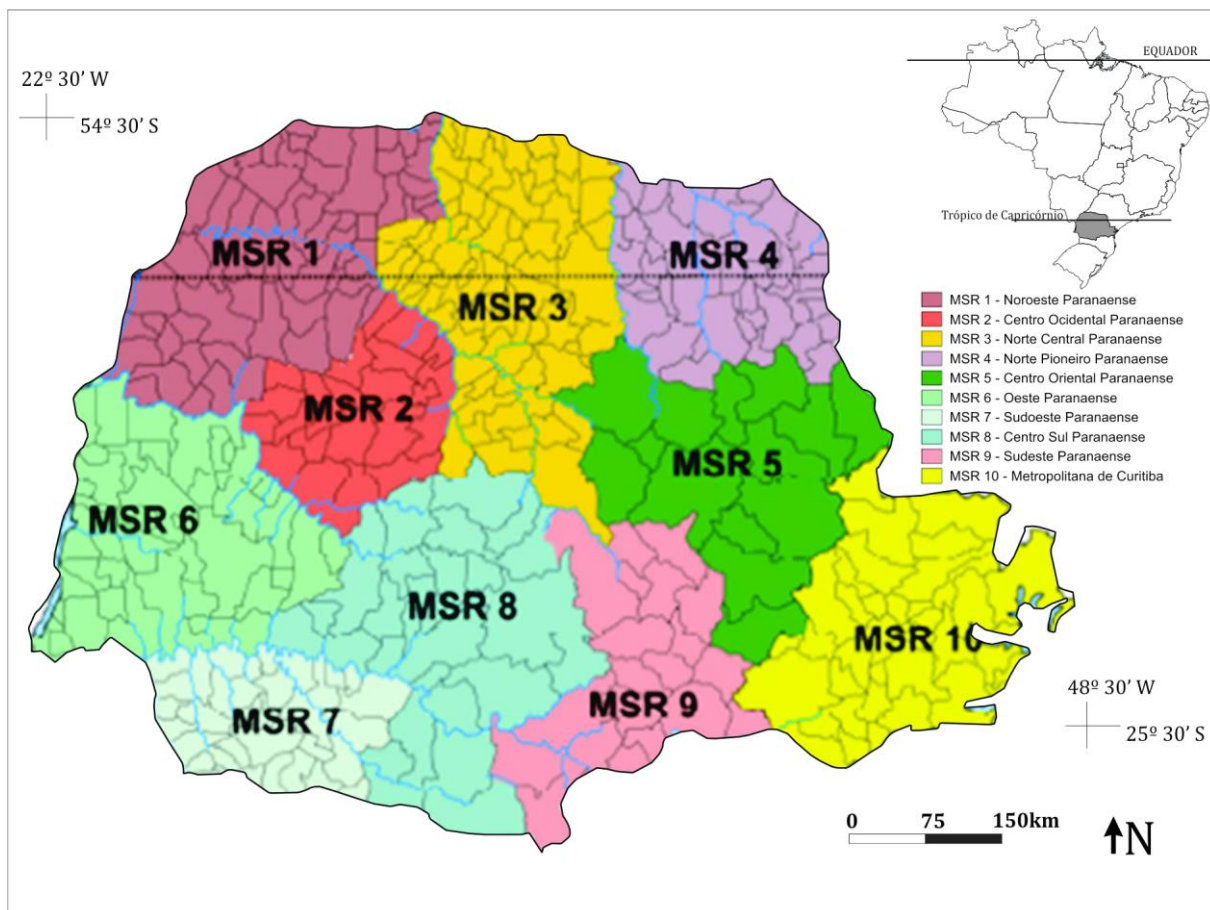


Figura 20: Mesorregiões do Estado do Paraná. Distribuição Geográfica

Fonte: IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (2006)

A Mesorregião Centro Ocidental (MSR 2) é bastante heterogênea no que tange a sua distribuição demográfica, espacial, social e econômica, sendo as que as maiores cidades são: Campo Mourão, Goioerê e Ubitatã. Elas são responsáveis pelo maior número da população habitada na região, cujas economias estão fortemente ligadas ao setor agroindustrial representado pelas cooperativas: Coamo Agroindustrial Cooperativa, Coagru (Cooperativa Agroindustrial União) e Unitá (Cooperativa Central Agroindustrial) que possuem suas origens na região, assim como outras cooperativas, tais como a Integrada e C. Vale que tem suas origens em outras regiões.

Entre os oito municípios mais populosos do Paraná, de acordo com o IBGE (2010) os três primeiros se constitui das cidades principais e de suas respectivas regiões e população: Curitiba (1.746.896), Londrina (506.645), Maringá (357.117), Ponta Grossa (311.697), Cascavel (286.171), São José dos Pinhais (263.488), Foz do Iguaçu (256.081) e Colombo (213.027) – todos com mais de 200 mil habitantes e com características de elevadas taxas de urbanização.

Conforme Firkowski (2011) esse cenário demonstra a dinâmica diferenciada e ampliada de crescimento populacional de Curitiba em relação aos demais municípios do Estado. Com esses dados entendemos que a metropolização tem produzido um ritmo de crescimento populacional ímpar nas áreas com características de metropolização.

Compreendemos a dinâmica demográfica como um indicador significativo para compreender em parte a condição de vida social, em especial quanto a oportunidades de trabalho e geração de renda proporcionada em cada local ou região.

2.1.1 Distribuição da população e tendências demográficas

Alguns indicadores mostram a heterogeneidade entre as mesorregiões por força de suas características geográficas - regionais, étnica, políticas e econômicas. No interior delas, as microrregiões se apresentam com diferenças significativas. No caso das microrregiões de Campo Mourão e Goioerê que pertencem a Mesorregião Centro Ocidental é uma situação real, pois os índices sociais, econômicos e demográficos são muito favorável à microrregião de Campo Mourão, com destaque para os municípios de Araruna, Campo Mourão e Terra Boa que são os mais industrializados da região.

As regiões possuem características diferenciadas econômica e socialmente, com isso, aquelas com maiores níveis de desenvolvimento são identificadas a partir das particularidades locais. O nível populacional da Mesorregião Centro Ocidental é inferior em relação as demais mesorregiões e ainda é a segunda menor taxa de crescimento populacional e terceira com a mais alta taxa de desemprego do Estado (Tabela 19).

Tabela 19: Mesorregiões Geográficas Paranaenses - Indicadores Socioeconômicos, 2010

Mesorregião	Municípios	População Censitária	Taxa de crescimento da população 2000-2010	Grau de Urbanização (%)	Participação do V.A.F. (%)	Taxa (%) de Desemprego
Noroeste	61	678.319	5,81	83,40	4,89	4,81
Centro Ocidental	25	334.125	-3,61	80,26	2,65	5,50
Norte Central	79	2.037.183	11,38	91,63	14,98	4,72
Norte Pioneiro	46	546.224	-0,36	80,00	3,15	6,22
Centro Oriental	14	689.279	10,58	84,70	7,04	6,66
Oeste	50	1.219.558	7,11	85,61	11,96	4,94
Sudoeste	37	587.496	24,30	69,58	5,37	3,47
Centro Sul	29	453.821	-14,91	65,74	2,85	4,89
Sudeste	21	404.779	7,29	61,36	2,38	4,38
RMC	37	3.493.742	14,42	91,57	44,73	5,10
MRG C. Mourão	14	217.374	0,10	81,92	1,73	5,74
MRG Goioerê	11	116.751	-9,84	77,17	0,92	5,03
Estado do Paraná	399	10.444.526	9,21	85,33	100,00	5,01

Fonte: Iparde/BDE (2013)

Apesar do baixo grau de urbanização, os dados do IBGE e da Rais mostram que a Mesorregião Sudoeste vem apresentando bons indicadores, inclusive com o menor índice de desemprego entre as mesorregiões paranaenses. O desempenho da Mesorregião Oeste a coloca entre as mesorregiões mais desenvolvidas do Paraná e a terceira maior população superada pelas mesorregiões Norte Central e Metropolitana de Curitiba.

Os dados estatísticos baseado no ano 2010 apontam variáveis determinantes para análises comparativas entre o Estado e as mesorregiões do Paraná, exceto a taxa de crescimento da população que é referente ao período de 2000-2010, possibilitando a visualização de um panorama recente do comportamento demográfico, social e financeiro do Paraná em sua totalidade.

Segundo dados do IBGE entre 2000 e 2010 a população paranaense aumentou 881 mil habitantes em média 73,4 mil habitantes/ano. A população do Estado tem maior concentração nas mesorregiões: RMC (33,5%), Norte Central (19,5%) e Oeste (11,7%), justificado pela representação econômica dessas três mesorregiões que respondem por 64,7% da população censitária e 71,67% do Valor Adicionado Fiscal do Paraná demonstrando o poderio econômico e espacial no Estado do Paraná.

A Mesorregião Centro Ocidental que é o principal objeto dessa pesquisa, se apresenta com algumas dificuldades pontuais, tais como a participação da população a mais baixa de todas as mesorregiões, apenas 3,2% do Estado, taxa de desemprego superior a média estadual e baixa participação no valor adicionado fiscal.

A aglomeração de pessoas nas regiões mais populosas (RMC, Norte Central e Oeste) muito se deve a força política, o potencial econômico, baixa taxa de desemprego, atração de mais investimentos nacionais e internacionais e a maior taxa de propensão ao desenvolvimento socioeconômico. É bem verdade que quanto maior a população aumentam as proporções das preocupações e exigências por mais investimentos em infraestrutura necessárias para o atendimento as demandas socioeconômicas. A contrapartida é de que o custo benefício é saudável e o efeito multiplicador na economia, dependendo das dinâmicas empregadas pelos agentes econômicos (empresas, governo e sociedade) em curto e médio prazo poderá ser viabilizado.

Quando nos referimos ao processo de urbanização, constatamos que o comportamento horizontal envolvendo a totalidade dos municípios paranaenses com perfil concentrador. Esses municípios apresentam articulação a partir da configuração de aglomerações urbanas e da própria expansão de sua extensão física, dando origem a arranjos espaciais mais complexos como o arranjo urbano-regional de Curitiba, Ponta Grossa e Paranaguá, ou os arranjos

singulares que articulam aglomerações e centros no Norte Central polarizado por Maringá e Londrina e no Oeste polarizado por Cascavel/Toledo e por Foz do Iguaçu, neste caso incluindo uma aglomeração internacional – (IPARDES, 2006; MOURA, 2009).

O desenvolvimento recente do Estado, marcado pela intensa modernização da base produtiva e da sua concentração em alguns polos regionais, definiu uma ordem de disparidades tanto entre regiões e muitas vezes dentro dos próprios municípios. “Disparidades que se revelam nos movimentos da população e nos indicadores econômicos e sociais, frutos da capacidade de superação de obstáculos normais, enfrentamento de crises e racionalização dos recursos para inserção na dinâmica produtiva paranaense” (IPARDES, 2004, p.4).

Na sequência a análise de dados das mesorregiões paranaenses, inicialmente o tratamento sobre os dados populacionais (Tabela 20).

Tabela 20: Paraná. População e sua participação Mesorregião/Estado e evolução nos anos de 1980, 1991, 2000 e 2010

MESORREGIÃO	POPULAÇÃO REGIONAL				PARTICIPAÇÃO MESORREGIÃO/ESTADO (%)				EVOLUÇÃO POPULAÇÃO POR MESORREGIÃO (%)			
	1980	1991	2000	2010	1980	1991	2000	2010	1980/1991	1991/2000	2000/2010	1980-2010
Centro Ocidental	406.734	387.451	346.648	334.125	5,33	5,33	4,59	3,62	-4,74	-10,53	-3,61	-17,85
Centro Oriental	472.655	547.559	623.356	689.279	6,19	6,48	6,52	6,60	15,83	13,84	10,58	45,83
Centro Sul	415.428	422.505	448.500	453.821	5,44	5,00	4,69	4,35	1,70	6,15	1,19	9,24
RMC	1.703.819	2.319.526	3.053.313	3.493.742	22,33	27,45	31,93	33,45	36,14	31,64	14,42	105,05
Noroeste	746.543	655.509	641.084	678.319	9,78	7,76	6,70	6,49	-12,19	-2,20	5,81	-9,14
Norte Central	1.459.566	1.638.677	1.829.068	2.037.183	19,13	19,40	19,13	19,50	12,27	11,62	11,38	39,57
Norte Pioneiro	571.713	555.339	548.190	546.224	7,49	6,57	5,73	5,23	-2,86	-1,29	-0,36	-4,46
Oeste	960.775	1.016.481	1.138.582	1.219.558	12,59	12,03	11,91	11,68	5,80	12,01	7,11	26,93
Sudeste	371.347	427.540	462.091	495.148	4,87	5,06	4,83	4,74	15,13	8,08	7,15	33,34
Sudoeste	521.269	478.126	472.626	497.125	6,83	5,66	4,94	4,76	-8,28	-1,15	5,18	-4,63
Total Estado	7.629.849	8.448.713	9.563.458	10.444.526	100,00	100,00	100,00	100,00	10,73	13,19	9,21	36,89

Fonte: IBGE/Centro Demográfico e Ipardes/Banco de Dados

As cinco mesorregiões mais populosas foram lideradas pelas cidades de Curitiba, Londrina, Maringá, Ponta Grossa, Foz do Iguaçu e Cascavel as mais populosas do Estado. Com destaques para a cidade de Curitiba a mais populosa da região Sul e a sétima cidade mais populosa do Brasil, enquanto Londrina é quarta cidade mais populosa da Região Sul sendo superada por Curitiba, Porto Alegre e Joinville.

As maiores taxas de crescimento anual, no período de 1980 a 2010, foram observadas na RMC, Centro Oriental, Norte Central, Sudeste e Oeste - enquanto isso na Mesorregião Centro Ocidental a população reduziu em 17,85% a razão dessa queda, segundo o IBGE, a variável “migratória” foram determinantes para o decréscimo demográfico. Devido a preocupação com essa realidade foi elaborado por iniciativa da Associação de Municípios estudo específico pelo Observatório das Metrópoles, que é parte do referencial desse trabalho (IPARDES e OBSERVATÓRIO DAS METRÓPOLES, 2014).

Endlich (2007) já havia realizado estudo anterior tomando por referência três mesorregiões (Noroeste, Centro Ocidental e Norte Central), no qual analisa de 1960 a 2000, a dinâmica demográfica, bem como seu significado econômico, político e social.

No caso dos investimentos industriais do Estado, o descompasso entre a RMC e as demais regiões, se evidencia por questões de logística e gestão política. Essa ideia de centralidade dos investimentos acaba criando um hiato nas condições paritárias de desenvolvimento entre as regiões, quando o foco está para o setor industrial. Aqui devemos ponderar que se atribui o novo desenvolvimento industrial do Paraná a um processo de desconcentração industrial. Esta afirmação decorre de uma perspectiva nacional, mas no Paraná não ocorre uma desconcentração, mas uma nova concentração na RMC.

As áreas de evasão populacional estão mais centralizadas no interior do Estado, com grande incidência nas mesorregiões: Norte Pioneiro, Noroeste, Centro Ocidental e Sudoeste, regiões cuja estrutura econômica é baseada na agropecuária e atividades primárias tradicionais, com baixa incorporação de tecnologias modernas, com exceção, na Mesorregião Centro Ocidental em que a maioria dos seus municípios recebem estímulos tecnológicos para exploração da agricultura devido a presença da Coamo Agroindustrial Cooperativa.

Segundo Fresca (2004), as cidades de Cianorte, Arapongas e Apucarana foram apoiadas nas micro e pequenas empresas, graças a esse apoio, iniciou-se o setor de confecção em Cianorte, o parque moveleiro em Arapongas e a confecção de bonés em Apucarana. Esses investimentos locais vêm contribuindo no processo de desenvolvimento local e regional e que na motivação novos investimentos são concretizados inclusive no comércio, como uma resposta a externalidade econômica.

Para compreender essa dinâmica, nos parece fundamental o questionamento de Benko e Lipietz (1994) sobre onde estão os novos investimentos e empregos? Esses são elementos fundamentais para explicar as novas desigualdades territoriais, dentre elas o comportamento demográfico.

Como vimos em parte anterior, as novas dinâmicas e os novos desafios econômicos e espaciais tem direcionado a atividade econômica através da reestruturação produtiva, assim essas dinâmicas espaciais colocam sobre as regiões industriais necessidade de modificações técnicas e econômica para suportar aos novos patamares de competitividade de mercado. Fuini (2008) entende que diante da maior complexidade em que se encontra o cenário econômico, fica mais evidente que a partir do final dos anos 1970, a variável competitividade incorporou também fatores situados na infraestrutura, aparato político institucional e regulatório, centros de educação e formação, mão-de-obra qualificada, além das práticas cooperativas, aparatos institucionais.

Porter (1999) e Benko (1994, 1996) em seus estudos descobriram na dimensão territorial um elemento ativo da vantagem competitiva, pois as indústrias mais competitivas tem se concentrado geograficamente em certas cidades e regiões, ora em aglomerados urbanos ora em localidades menores – distritos industriais: as regiões ganhadoras. Nesse debate, a problemática central é de elucidar como algumas regiões e localidades produtivas são mais bem sucedidas que outras?

Tais processos renovam a necessidade de reflexão sobre as expectativas de mudanças nas políticas econômicas e sociais e nas formas de entendimento das teorias relacionadas no desenvolvimento que podem explicar os desequilíbrios regionais conforme sugere o questionamento anterior (BENKO, 1996; BENKO; LIPIETZ, 1994).

Sobre a Mesorregião Centro Ocidental, segundo Costa e Rocha (2009) a partir da década de 1970, em razão do novo modelo de uso do solo e por vezes a falta de alternativas para o desenvolvimento, a região passou a ter decréscimo de população que para fazer frente ao desemprego migrou para os centros urbanos maiores para sobrevivência e busca de oportunidades de trabalho. Por isso, embora estejamos trazendo dados de população propomos uma compreensão mais ampla do que significa esse processo, que os dados permitem dimensionar. Compreendemos essa realidade como um processo marcado pela desigualdade social provocada pelo capitalismo que inviabiliza a permanência das pessoas em determinados espaços, como é o caso de diversos municípios da região que abordamos.

A variação absoluta da população das mesorregiões geográficas paranaenses quanto às taxas de crescimento anual indica que, enquanto no período de 1980-1991 ocorreu elevação

de 10,73% no período de 2000-2010 o crescimento foi de 9,21% com perda de crescimento de 1,52% (Tabela 20). Segundo Magalhães e Cintra (2010, p.13), o “grande peso determinante para a drástica redução da taxa de crescimento atual advém da igualmente drástica queda da taxa de crescimento vegetativo da população paranaense, impulsionada pela célere redução da fecundidade”.

Mesmo como um processo na sua totalidade, algumas particularidades são relevantes entre as mesorregiões durante o período 1980-2010, enquanto algumas tiveram crescimento populacional, as localizadas nas regiões: Noroeste, Sudoeste, Norte Pioneiro e Centro-Ocidental perderam população. Os piores desempenhos foram identificados nas mesorregiões: Centro Ocidental e Norte Pioneiro que perderam população em todos os anos a partir de 1980.

Em média as mesorregiões: Norte Pioneiro, Sudoeste e Centro Ocidental apresentaram dados negativos nos períodos indicando os espaços foram pouco atraentes ou as políticas públicas em termos de oportunidades econômicas e investimentos não foram capazes de promover o aumento populacional e nem a fixação da população em seus territórios.

No intervalo entre 2000 e 2010 que é o mais recente da medição da população censitária as mesorregiões: Centro Ocidental e Norte Pioneiro, apesar do declínio demográfico reduziram o ritmo das perdas que tiveram nas décadas entre 1980 e 2000. O processo migratório decorrentes dessas perdas populacionais tiveram como destinos os aglomerados urbanos, regiões metropolitanas, bem como para outros como Mato Grosso, Rondônia, Tocantins, Goiás, Sul da Bahia e região de Imperatriz do Maranhão. Em condições mais favoráveis se encontram na RMC e Regiões Norte Central e Centro Oriental com os melhores desempenhos através dos índices de crescimento.

A participação da população censitária das mesorregiões paranaenses perante a totalidade do Estado, durante o período 2000-2010, foi contemplada com os avanços na RMC e nas regiões Norte Central e Oeste. Especificamente, no ano de 2010 - a participação da RMC e a Norte Central responderam por 52,95% do Estado. Esse fenômeno, em muito se deve a infraestrutura, logística e oportunidades de emprego que essas regiões/municípios oferecem principalmente para a população mais jovem na busca de trabalho e universidades.

No período 2000-2010, as demais mesorregiões apresentaram perdas de participação não se caracterizando em perdas contundentes. Essas perdas foram compensadas por alguns municípios das mesorregiões paranaenses que se destacam pelas suas potencialidades geográficas e econômicas e sociais através dos crescentes indicadores sociais e econômicos que estrategicamente atraem novos habitantes vindos de outras regiões brasileiras que não conseguem manter e nem tampouco atrair novos moradores.

Estudo do Ipardes (1997) registra a tendência de concentração de população urbana nas espacialidades de regiões metropolitanas e aglomerações urbanas com a manutenção do ritmo de crescimento dos periféricos. Nessas áreas, a dinâmica de crescimento também será estendida a pequenos e médios municípios, fenômeno que certamente não será reproduzido em toda mesorregião, onde a mudança do perfil funcional urbano dos centros, independentemente do tamanho, induzirá à manutenção e até à elevação do ritmo de incremento da população.

Pode se afirmar, que os espaços formalizados como as regiões metropolitanas no Paraná contituem significativos vetores da imigração intraestadual. Não por sua denominação forma de metropolitano que pode ser fortemente contestada em muitos casos, mas pelas dinâmicas que apresentam. É certo que isso não corresponde ao conjunto de municípios que compõem as regiões metropolitanas mais recentemente formalizadas. Segundo o Ipardes (1997) o fluxo do interior para as áreas metropolitanas é superior ao fluxo da regiões metropolitanas para o interior, com exceção da Região Metropolitana de São Paulo em que saída da metropole para o interior vem crescendo em proporção a entrada, sinalizando o possível esgotamento da condição de absorvedor de grandes fluxos de pessoas devido a desconcentração da atratividade metropolitana.

As mesorregiões Oeste e Sudoeste apesar da perda de população têm em suas principais cidades aumento significativo da população, principalmente, os municípios de Cascavel, Toledo e Foz do Iguaçu, Pato Branco e Francisco Beltrão que minimizou as saídas da população das cidades de menor porte, como por exemplo, Chopinzinho, Guaraniaçu e Vitorino.

As duas menores médias de participação, durante os censos de 1980, 1991, 2000 e 2010 foram das mesorregiões Centro Ocidental e Centro Sul, isso se deve a evasão da população; mecanização da agricultura; a crescente urbanização dos municípios; oportunidade de trabalho para a população jovem e os baixos níveis de industrialização. As principais causas da evasão são identificadas pelo processo de modernização da agricultura que a torna menos absorvedora de mão-de-obra; presença industrial na região não compensou a eliminação de postos de trabalhos decorrentes dessa transformação e falta de oportunidades quanto ao estudo, emprego ou geração de renda, especialmente para jovens.

No Censo Demográfico de 2010, Curitiba com mais de 1,7 milhão de habitantes, seguida por Londrina com pouco mais de 500 mil, outros 16 municípios possuem mais de 100 mil habitantes, como é o caso dos municípios de São José dos Pinhais, Araucária, Campo

Largo, Maringá e Arapongas que cresceram em torno de 2% ao ano que foi superior a média estadual de 1,78%.

Observamos que a evolução de 9,21% da população paranaense entre 2000 e 2010. Para medir a dinâmica populacional do Estado, nesse período o município de Tunas do Paraná localizado na RMC, o crescimento atingiu a 73,25% e no município de Altamira do Paraná pertencente à Mesorregião Centro Ocidental ocorreu uma redução de 38,48%, contudo essas evidências mostram as disparidades existentes no interior do Estado. Disparidades vinculadas a dinâmica econômica do Estado, em especial quanto aos investimentos e empregos industriais.

As externalidades normais desse processo de investimentos diferenciados entre uma região para outra impulsionam, ainda mais, os níveis de investimentos, justamente pela capacidade que uma atração de novas indústrias proporciona e motiva novos investimentos, principalmente, do setor de serviços e comércio.

O esvaziamento populacional de cinco das dez regiões paranaenses foi afetado diretamente pelo fenômeno da oportunidade de emprego e geração de renda, ou seja, da possibilidade de reprodução social nestes espaços. De acordo com os Censos Demográficos do IBGE, esse esvaziamento no período 2000-2010 não se refletiu a todos os municípios de suas respectivas mesorregiões porque os principais municípios de cada região mesmo que minimamente tiveram aumento de população, como é o caso de Campo Mourão (8,35%), Cianorte (21,88%), Paranavaí (7,71%), Umuarama (11,01%) Francisco Beltrão (17,59%), Pato Branco (16,29%), Guarapuava (7,84%) e Santo Antonio da Platina (6,92%), indicando as dificuldades dos pequenos municípios ou daqueles que não estão inseridos nos complexos dinâmicos da economia regional (Tabela 20).

Levando-se em consideração os períodos 1980-1991, 1991-2000 e 2000-2010, a evolução da população do Estado do Paraná, na média cresceu cerca de 10%. Das dez mesorregiões do Paraná, cinco, delas perderam população (Centro Ocidental, Centro Sul, Noroeste, Norte Pioneiro e Sudoeste), o caso mais crítico ficou com a Mesorregião Centro Ocidental que em média teve sua população reduzida em 6,29%. Exatamente a outra metade das mesorregiões teve crescimento populacional. Acima da média do Estado ficaram a Centro Oriental (13,42%), RMC (27,40%) e Norte Central (11,76%).

A distribuição dos municípios segundo classes de população no Estado do Paraná e a quantidade de municípios de acordo com a classe entre 2000 e 2010 mostra o nível de concentração dos municípios de acordo com a população (Tabela 21).

Tabela 21: Paraná. Comparativo sobre número de municípios e população por faixa de habitantes, 2000 a 2010

HABITANTES	NÚMERO DE MUNICÍPIOS		POPULAÇÃO DOS MUNICÍPIOS	
	2000	2010	2000	2010
Até 2.000	3	5	4.822	8.490
De 2.001 a 5.000	92	93	338.896	340.603
De 5.001 a 10.000	121	105	868.933	716.323
De 10.001 a 20.000	102	109	1.451.550	1.501.913
De 20.001 a 50.000	51	55	1.550.174	1.677.587
De 50.001 a 100.000	18	14	1.364.569	1.048.277
De 100.001 a 500.000	11	16	2.392.662	2.892.725
Mais de 500.000	1	2	1.586.848	2.258.608
Total	399	399	9.558.454	10.444.526

Fonte: IBGE e IparDES

Os municípios com até 20 mil habitantes diminuiu de 318 para 312. Os municípios com população superior a 20 mil até 50 mil habitantes aumentou em quatro de saindo de 51 para 55, a quantidade de municípios com mais de 50 mil habitantes até 100 mil reduziu em quatro unidades. Na classe de 100.001 a 500.000 aumentou cinco unidades e na classe com mais de 500 mil habitantes houve o incremento do município de Londrina (IBGE – Censo Demográfico 2000 e Censo 2010).

O Paraná em 2010 contou com 78,2% dos municípios com até 20 mil habitantes, esse resultado é de 1,5% menor que o ano de 2000, assim como 13,78% dos municípios está inserido na classe de 20 a 50 mil habitantes; essa classe aumentou 1% em relação ao ano de 2000. As demais classes juntas representaram 8,02% dos municípios, em relação ao ano de 2000 houve um crescimento de 1,25%. Esses dados mostram que o declínio demográfico ocorre em municípios de menor população, polarizados por pequenos núcleos urbanos.

Os dados dos Censos Demográficos indicam que as taxas de redução da população em relação à década anterior implicaram uma desaceleração populacional no Paraná, acenando que o Estado tem crescimento populacional com menor intensidade, mantendo, porém, o processo de concentração maior nas regiões tradicionalmente mais atrativa a entrada de novos habitantes, como é o caso das regiões metropolitanas de Curitiba, Londrina e Maringá.

A Mesorregião Centro Ocidental em 2010 contava somente com o município de Campo Mourão com população acima de 50 mil habitantes; entre 20 mil e 50 mil habitantes os municípios de Goioerê e Ubatã. A região é composta de pequenas localidades que corresponde a 28% de população (população inferior a 10 mil habitantes).

No Estado do Paraná as classes de tamanho até 100 mil habitantes correspondem a 50,68% da população, enquanto 49,32% está localizada em apenas 18 municípios inclusos na classe acima de 100.001 habitantes (IBGE, 2010).

Resumindo, a análise da distribuição por classes de tamanho de município, examinada nos anos de 2000 e 2010 sinaliza para uma concentração da população dos municípios com mais de 100 mil habitantes, com predominância das regiões metropolitanas e na microrregião Oeste do Estado. Em contrapartida, as classes de até 20 mil perderem a capacidade de retenção populacional entre os anos de 2000 e 2010 (Tabela 21).

Com o estudo sobre as classes de tamanho da população dos municípios da Mesorregião Centro Ocidental os municípios de Campo Mourão, Goioerê e Ubitatã detêm elevados índices de urbanização, na contramão os municípios de Altamira do Paraná, Corumbataí do Sul, Roncador, Nova Cantú e Iretama possuem os mais baixos índices de urbanização e contam ainda com expressiva população no campo.

Os relevos dos municípios de Altamira do Paraná, Corumbataí do Sul, Roncador, Nova Cantú e Iretama são bastante acidentados pela presença de vales e morros que dificultaram o processo de modernização agrícola. Conforme estudos da área da Geografia Física, a altitude condiciona a prática da agricultura em sistema de produção simples, com os produtores se dedicando à criação de suínos, bovinos e as lavouras de milho, feijão e arroz. Os declives acentuados das encostas podem contribuir para uma maior erosão dos solos. Nas regiões de relevo mais acidentado, maior densidade populacional e povoamento disperso há uma redução das áreas cultivadas.

A condição histórica da Mesorregião Centro Ocidental faz com que as desigualdades regionais aumentem quando se compara com as regiões de Curitiba, Maringá, Londrina, Toledo e Umuarama. A região de Umuarama com menor intensidade tem fortes atrativos econômicos, financeiros e espaciais para a entrada de empresas e instituições públicas, além da consolidação de atividades existentes nos segmentos de comércio/serviços e industriais que também atrai mão-de-obra aumentando o movimento pendular. Embora timidamente, a Mesorregião Centro Ocidental, puxado pelos municípios de Campo Mourão, Araruna e Terra Boa apresentou sinais de recuperação populacional.

Esse é o panorama da distribuição espacial da população no Paraná, com base em suas mesorregiões, bem como as tendências demográficas que observamos. Reiteramos que os fluxos constatados, cada vez mais marcados pela concentração populacional e decréscimo demográfico de algumas áreas estão profundamente relacionados à dinâmica econômica. Neste trabalho destacamos o que se refere ao industrial, como apresentamos na primeira parte desse trabalho e que retomaremos com mais detalhe para a Mesorregião Centro Ocidental na última parte.

2.1.2 Estabelecimentos e empregos industriais

Apresentamos alguns dados da evolução e participação na totalização do segmento industrial do Estado do Paraná em relação aos estabelecimentos industriais e do emprego da indústria das mesorregiões paranaenses durante o período de 2007-2012, considerando que a rede urbana e seus núcleos expressam as dinâmicas econômicas (agropecuária, indústria e serviços) e como retrata Corrêa (2011) essas interdependências formam um conjunto de localizações interconectadas.

Ao analisarmos a distribuição das indústrias por número de estabelecimentos, é possível perceber as dinâmicas que refletem o cenário industrial das mesorregiões paranaense, com olhar mais direcionado para a Mesorregião Centro Ocidental foco principal desse estudo e que mostra os menores indicadores entre as mesorregiões paranaenses.

Tabela 22: Paraná. Estabelecimentos industriais das mesorregiões, período 2007-2012

MESORREGIÕES	QUANTIDADE DE ESTABELECEMENTOS INDUSTRIAIS POR MESORREGIÃO					
	2007	2008	2009	2010	2011	2012
Centro Ocidental	628	677	705	743	769	805
Centro Oriental	1.394	1.510	1.561	1.548	1.593	1.622
Centro Sul	752	796	810	824	845	860
RMC	8.890	9.299	9.740	9.919	10.246	10.487
Noroeste	2.352	2.497	2.679	2.745	2.934	3.010
Norte Central	7.347	7.775	8.040	8.359	8.657	8.887
Norte Pioneiro	1.091	1.134	1.158	1.128	1.206	1.208
Oeste	3.028	3.218	3.422	3.505	3.794	4.004
Sudeste	1.320	1.361	1.420	1.399	1.467	1.485
Sudoeste	1.454	1.530	1.607	1.682	1.759	1.876
Estado do Paraná	28.256	29.797	31.142	31.852	33.270	34.244

Fonte: Rais

Durante o período 2007-2012 a RMC foi a maior expressão na quantidade de estabelecimentos e empregos industriais, enquanto as menores expressividades foram identificadas nas regiões: Centro Ocidental e Centro Sul com ligeira vantagem para a segunda (Tabela 22). Em relação à participação média dos estabelecimentos industriais a RMC, Norte Central e Oeste foram as mais representativas e são responsáveis por 68,21% dos estabelecimentos industriais do Paraná.

Quanto a evolução da quantidade de estabelecimentos industriais das mesorregiões paranaenses no período 2007-2012 as mesorregiões: Oeste (32,23%), Sudoeste (29,02%) e Centro Ocidental (28,18%) se localizaram os desempenhos mais expressivos. A Região Metropolitana de Curitiba ficou numa posição intermediária quanto a evolução nas variáveis estabelecimento e emprego, mas continua sendo a principal referência industrial para o Paraná.

No período 2007-2012, denotamos que as mesorregiões Centro Sul, Centro Ocidental, Norte Pioneiro e Sudeste foram as que apresentaram mais dificuldades de crescimento socioeconômico e junto, na média, absorveram 13,03% dos estabelecimentos industriais do Estado do Paraná.

O cenário de emprego nas mesorregiões destacados pelos números mostram as tendências das regiões e o predomínio da RMC e Norte Central nos níveis de emprego do Estado, bem como o baixo nível de emprego nas mesorregiões Centro Ocidental e Centro Sul (Tabela 23).

Tabela 23: Paraná e Mesorregiões Geográficas do Estado. Empregos na indústria, período 2007-2012

MESORREGIÕES	QUANTIDADE DE EMPREGOS NA INDÚSTRIA					
	2007	2008	2009	2010	2011	2012
Centro Ocidental	10.709	11.812	12.226	11.937	12.380	12.794
Centro Oriental	36.796	36.015	35.062	38.954	39.834	39.527
Centro Sul	11.742	12.460	11.925	12.541	13.001	13.396
RMC	223.540	232.308	236.898	251.872	258.497	260.917
Noroeste	55.661	55.805	59.923	61.642	64.625	67.318
Norte Central	136.601	144.198	147.308	157.238	157.611	163.456
Norte Pioneiro	24.341	24.473	22.440	23.508	26.077	26.561
Oeste	66.819	70.181	71.989	76.352	79.565	72.056
Sudeste	20.907	21.550	21.569	23.281	24.604	25.337
Sudoeste	27.292	29.712	31.346	33.594	35.147	30.666
Estado do Paraná	614.408	638.514	650.686	690.919	711.341	712.028

Fonte: Rais

Em relação à participação média dos empregos industriais do Estado do Paraná no período 2007-2012 as regiões RMC, Norte Central e Oeste que juntas somaram 69,88% foram às três mesorregiões com os melhores indicadores do Estado, em que a RMC foi responsável pela maior quantidade empregos enquanto que na Mesorregião Centro Ocidental os menores índices de emprego. A Mesorregião Centro Ocidental superou a Centro Sul somente no ano de 2009. Na abordagem do desempenho dos empregos da indústria as regiões: Sudeste (21,19%), Noroeste (20,94%), Norte Central (19,66%) e Centro Ocidental (19,47%) apresentaram os melhores indicadores de evolução nos níveis de emprego industrial do Paraná.

A Região Metropolitana de Curitiba e a Mesorregião Norte Central são os maiores empregadores juntos respondem em média no período por 395 mil empregos correspondendo a 56,01% dos empregos do setor industrial do Estado.

As mesorregiões Sudeste, Centro Ocidental e Centro Sul que estão entre as regiões mais pobres do Estado apresentaram crescimentos significativos dos níveis de empregos industriais no período 2007-2012. Os estudos mostraram também que os municípios dessas regiões, com exceção daqueles com *status* de líder, apresentam dificuldades para avançar no

processo de industrialização. O crescimento do emprego dessas regiões mais pobres é superior ao crescimento das regiões Centro Oriental, Oeste e Sudoeste que são regiões mais desenvolvidas no comparativo com as regiões Sudeste, Centro Ocidental e Centro Sul onde os níveis de desenvolvimento são mais acentuados.

A Mesorregião Centro Oriental, que é referenciada pelo município de Ponta Grossa, localizado a 100 km de Curitiba, teve significativa redução na participação do emprego industrial, apesar de ter apresentado a segunda maior variação na participação no valor adicionado. Situação semelhante a da RMC, que aumentou sua participação no valor adicionado, mas teve redução de participação quanto ao número de estabelecimentos e emprego.

As mesorregiões Norte Central, Noroeste e Centro Ocidental estão entre as regiões com os melhores índices de crescimento no número de estabelecimentos e empregos industriais. No período 2007-2012, as mesorregiões: Centro-Sul, Centro-Ocidental, Norte Pioneiro e Sudeste, tiveram mais dificuldades econômicas e sociais e responderam, em média por 10,75% de participação de empregos industriais do Paraná.

2.2 A DINÂMICA DA MESORREGIÃO CENTRO OCIDENTAL

A ocupação capitalista efetiva da área compreendida como essa mesorregião teve início no princípio do século XX impulsionada a partir da década de 1940 (HESPANHOL, 1993; SORIANO, 2002; ANDRADE, 2005). Antes do século XX, a região era passagem de bandeiras luso-brasileiras que promoveram a expansão do território de domínio português sobre o espanhol (VEIGA, 1999).

A Mesorregião Centro Ocidental, que tem como referência a cidade de Campo Mourão que possui duas áreas fisiográficas, a maior delas com presença do arenito Caiuá. Sua ocupação é fruto de dois fluxos, um deles oriundo do Norte do Paraná, relacionado à expansão do café, e outro decorrente de movimentos de gaúchos e catarinenses, com a policultura alimentar.

A Mesorregião Centro Ocidental pertence ao compartimento geomorfológico denominado de Terceiro Planalto. A área faz parte de uma região que engloba os 25 municípios ou 6,27% dos municípios do Paraná, abrange uma área territorial de 12.058 Km² ou 6,05% do espaço territorial do Estado, e possui um contingente populacional de 346.648 habitantes. A localização da área de Campo Mourão - cidade polo, possui extensão territorial

de 773,21 km² com altitude em torno de 630m, latitude de 24o02'38"S e longitude de 52o22'40"W. Em 2000, a Região possuía 346.648 habitantes, dos quais 72,6% na área urbana. (SOUZA *et. al*, 2005).

No contexto estadual a região Centro Ocidental foi a que mais perdeu população em valores absolutos, essa redução vem ocorrendo desde a década de 1970, devido, a decadência do café e em seguida do algodão, justamente duas das culturas que mais seguravam a população na zona rural, pelas próprias características de trabalho na época com mão-de-obra eminentemente manual. Moura e Kleinke (1999) defendem que a partir da década de 1970 as taxas de urbanização foram intensificadas devido à concentração populacional em aglomerações urbanas, motivada pela modernização da agricultura.

Entre 1986 e 1996 ocorreu migração intraestadual de 63.730 e interestadual de 15.678 habitantes na Mesorregião Centro Ocidental. Esse volume de saída da população abrangeu cerca de 80 mil habitantes – que corresponde a população de Campo Mourão em 1996, refletindo bem a os impactos políticos e os resultados econômicos e sociais o processo de migração da população da região. A escolha dos destinos dessas pessoas está voltada para o mercado de trabalho e dinâmica de crescimento e desenvolvimento econômico e social das regiões receptoras dos novos habitantes. (KLEINKE, 1999).

Para Costa e Rocha (2009) os principais fatores ligados ao decréscimo de população na Mesorregião Centro Ocidental são: i) modernização da agricultura e êxodo rural; ii) substituição da policultura pela cultura da soja e trigo em muitos espaços da Região; iii) substituição de pequenas e médias propriedades rurais por médias e grandes; e iv) ausência de políticas públicas destinadas a manutenção e fixação da população.

No debate acerca da caracterização da Mesorregião Centro Ocidental buscamos o entendimento das implicações desta região em relação à produção do espaço local, apontando estudos que estão direcionados à divisão do território paranaense a partir de uma revisão bibliográfica sobre o tema e da caracterização do quadro social, econômico e espacial dessa mesorregião, porém levando em conta as dinâmicas das mesorregiões geográficas.

Conforme destacamos anteriormente, a perda de população é uma marca da Mesorregião Centro Ocidental. Segundo Pagliarini Júnior e Colavite (2010) o esvaziamento populacional também tem outra vertente para o entendimento, embora:

[...] uma grande parcela da população dos municípios dependa das atividades no setor rural (atividades agropecuárias), muitos dos moradores que antigamente moravam nas áreas rurais dos municípios, vieram para as áreas urbanas em busca de conforto e acessibilidade a infraestrutura que a cidade oferece e acabam tendo o campo apenas como sua fonte de renda e como

área de lazer nos finais de semana. Esta situação pode ser percebida em todos os municípios da Mesorregião Centro Ocidental paranaense fazendo que esta população tida como rural se torne cada vez menor já que esta é uma prática que vem acontecendo cada vez mais no decorrer dos anos até os dias atuais (PAGLIARINI JÚNIOR e COLAVITE, 2010, p. 4).

Alinhado as questões que se referem às causas do esvaziamento populacional, de acordo com o diagnóstico do Plano Estadual de Habitação de Interesse Social do Paraná elaborado pelo Iparde (2011, p. 27), colocam a Mesorregião Centro Ocidental na terceira maior taxa de desemprego e o menor crescimento relativo e absoluto do emprego formal, no período 1996-2001, com redução, inclusive, em Campo Mourão que é o polo regional.

O esvaziamento populacional pode desestimular investimentos privados e públicos, especialmente em infraestrutura e serviços públicos de *status* estadual e federal nos municípios. Além dessas situações, em função da baixa quantidade de habitantes da Mesorregião Centro Ocidental o interesse político para a região pode frustrar os anseios da população.

Na matriz industrial da região destacam-se os segmentos açúcar e etanol, óleo/gorduras vegetais, algodão e mandioca. No complexo agroindustrial, a Coamo tem uma atuação que extrapola os limites mesorregionais constituindo-se no maior grupo exportador de produtos agrícolas e agroindustriais do Paraná. Dedicaremos posteriormente parte específica do trabalho para abordar a expressão dessa cooperativa para a região.

Em relação às experiências institucionais de Ciência, Tecnologia e Inovação, o destaque é do município de Campo Mourão, em especial as incubadoras industriais promovidas pela Fundação Educere, apoiando empreendimentos de base tecnológica na área de equipamentos de saúde, e um hotel tecnológico, com projetos na área de alimentos e meio ambiente.

A Mesorregião Centro Ocidental apresenta um sistema viário bastante articulado, revelando bom Estado de conservação nas ligações com as mesorregiões Norte Central (PR-317) e Oeste (BR-369), e alguns trechos bem precários em direção ao Centro Sul. A situação mais crítica é a da BR-487, que liga Campo Mourão a Porto Camargo, na divisa de Mato Grosso do Sul que por questões puramente políticas o retardamento das obras da Estrada da Boiadeira⁴¹ que viria dar um arranque no ritmo de desenvolvimento das regiões: Centro Ocidental e Noroeste.

⁴¹ Segundo o DNIT dos cinco lotes que compõem a pavimentação da rodovia BR-487/PR, a Estrada Boiadeira, dois lotes estão concluídos, um está em obra e os dois últimos (obra do PAC) foram licitados. Disponível em 15 de maio de 2014, através do link: <http://www.dnit.gov.br/noticias/dnit-licita-dois-ultimos-lotes-da-estrada-boiadeira>.

Segundo Costa e Rocha (2009) a partir do ano de 2007 surgem políticas públicas, tais como, liberação de crédito para investimentos nas empresas; criação de barracões industriais para pequenas empresas, formação de cooperativas e associações nos programas de economia solidária; diversificação de produção agrícola, com objetivos de incentivo ao desenvolvimento local bem como estímulo à produção, criação de trabalho e renda em propriedades familiares, com a finalidade de inibir o processo migratório da população local e regional.

Em linhas gerais a Mesorregião Centro Ocidental com forte base agrícola é caracterizada pelos espaços agrícolas de uso intenso do capital (localizados nas áreas de médios platôs) e pelos espaços agrícolas marcados pelo predomínio de características tradicionais (localizados em espaços de relevo acentuado).

O espaço agrícola é, seletivamente, o receptáculo de dois tipos de capital: um capital novo, valorizado, que escolhe lugares privilegiados onde, ajudado pelo Estado, pode reproduzir-se melhor e mais rapidamente; e um capital desvalorizado, velho, que deve se refugiar nas atividades menos rentáveis, prejudicado ainda pela má qualidade ou mesmo pela inexistência de infraestrutura (SANTOS, 2007, p. 142).

De acordo com Andrade (2005) - na Mesorregião Centro Ocidental, os espaços caracterizados por relevos de médios platôs foram neutralizados pelo capital motivados pelo incentivo do Estado, levando a formação de um espaço agrícola moderno e altamente dependente de capital. Já os espaços caracterizados por um relevo acentuado pouco interessaram ao capital modernizador, apresentando espaços agrícolas pouco valorizados e com baixos rendimentos. Assim:

O espaço agrícola está, assim, marcado por desigualdades gritantes: num extremo as explorações agroindustriais, muitas vezes dependentes do mercado mundial e apoiadas direta ou indiretamente nos capitais internacionais; noutro extremo, as pequenas explorações que funcionam na base do trabalho humano e de um capital variável fraco, obtido frequentemente por empréstimos usurários. Entre os dois, toda uma gama de explorações que combinam de modos múltiplos, frações de capital e trabalho (SANTOS, 2007, p. 143).

Dados da Secretaria da Fazenda do Estado do Paraná - SEFA (2013) apontam que a Mesorregião Centro Ocidental entre 2000 e 2012 se apresentou com uma variação de 0,78% de participação na totalização do valor adicionado fiscal do Estado, ou seja, de 2,24% (2000) para 3,02% (2012).

Segundo dados do SEAB/Deral/Conab (2012), a Mesorregião Centro Ocidental é a terceira maior na produção de soja do Paraná com 1,44 milhão de toneladas e 574.265 hectares de área plantada na safra 2012/2013, ficando atrás da Mesorregião Norte Central com 2,17 milhões toneladas e área plantada de 821.139 hectares e da Mesorregião Oeste com 1,73 milhão toneladas e área plantada de 927.361 hectares.

Em relação à produtividade a Mesorregião Centro Ocidental com 2,51 toneladas por hectare é inferior a Norte Central (2,65 toneladas por hectare) e superior a Oeste (1,86 toneladas por hectare), ressaltamos que a área territorial da Mesorregião Centro Ocidental (11.937,564 km²) é inferior as das mesorregiões Norte (24.553,976km²) e Oeste (22.864,702 km²).

Como a região é composta por cidades de diferentes tamanhos, sobre essa diversidade dos espaços urbanos, Fresca (1990, p. 212) afirma “[...] um lugar não pode acolher nem todas, nem as mesmas variáveis. E quando as acolhe, as combina de maneira singular embora muitas vezes as variáveis sejam comuns a vários lugares”. A autora prossegue “Há, pois, uma receptividade específica de cada lugar em relação aos processos emanados do momento da totalidade social” (FRESCA, 1990, p. 212). Ainda que os processos sejam homogeneizadores a inserção de cada região e local apresentam singularidades.

A Mesorregião Centro Ocidental é constituída por 25 municípios e subdividida em duas microrregiões: i) microrregião de Campo Mourão, composta 14 municípios e a microrregião de Goioerê composta por 11 municípios (Figura 21).

As duas microrregiões da Mesorregião Centro Ocidental, apresentam algumas diferenças pontuais, mesmo estando muito próximos territorialmente. Essas diferenças estão na quantidade de indústrias, população, setor de serviços e a própria dinâmica de desenvolvimento. Essas ponderações miram tanto os municípios líderes como as pequenas cidades da região, pois possuem características econômicas, sociais, políticas e espaciais próprias, cabendo a eles a racionalização na utilização de suas potencialidades e vantagens comparativas para manutenção e manter o equilíbrio.

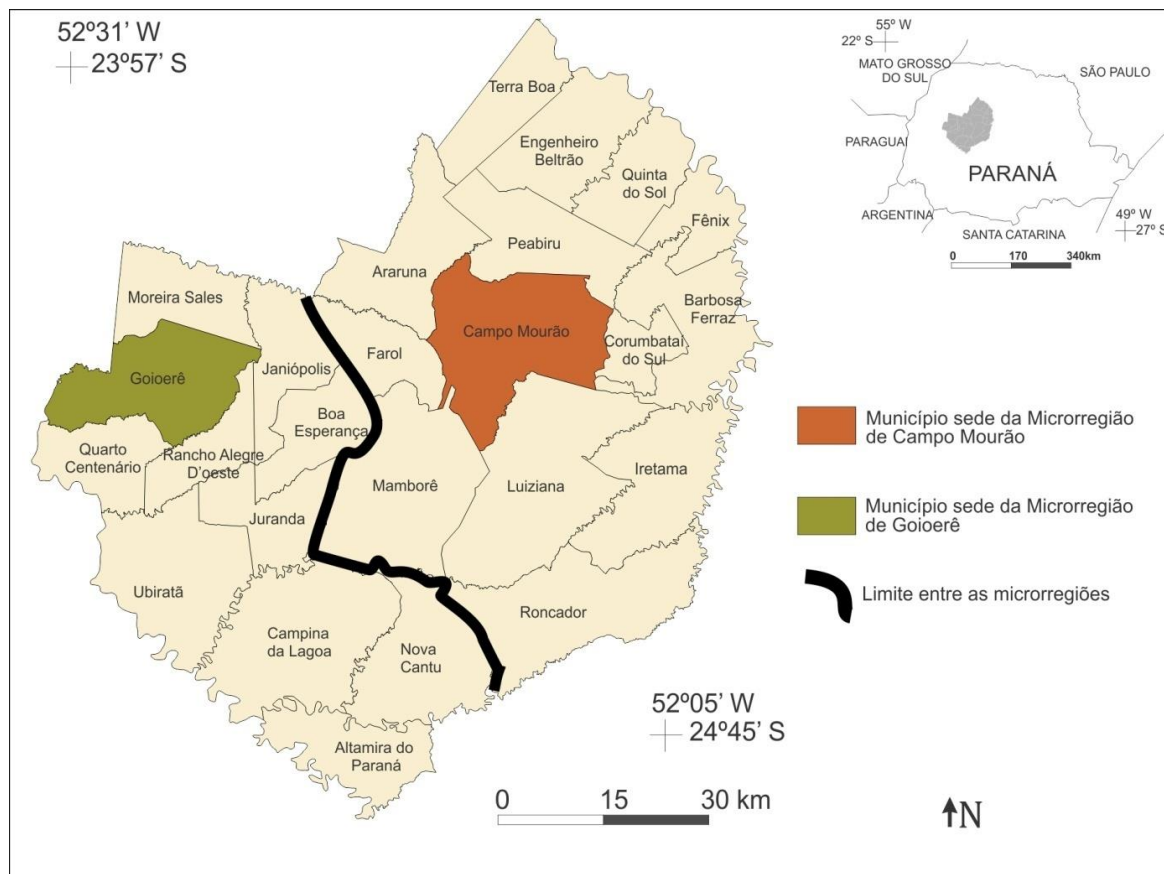


Figura 21: Mesorregião Centro Ocidental. Microrregiões de Campo Mourão e Goioerê

Fonte: IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, 2014

Nessa abordagem, Santos (2009) destacou a existência de diferenças entre as cidades, independentemente do seu tamanho, mesmo porque até nas metrópoles as diferenças existem e são bem acentuadas. Ele ainda orienta que a dinâmica da configuração territorial do país, devido à abrangência e do avanço tecnológico na interação dos sistemas que dão suporte a infraestrutura, como a engenharia de energia, transporte e telecomunicações é cada vez mais intensa e a exigência com respostas mais rápidas são cada vez mais costumeiras.

Forte na base agrícola, com destaque para o plantio de soja e milho, os agricultores da Mesorregião Centro Ocidental são motivados pela representatividade da Coamo que vem inovando o setor com novas formas de plantio e a adoção de tecnologias de ponta. Esse processo de ampliação e incorporação tecnológica praticada também imprime transformações no território regional e essas condições interferem ao quadro de produção das cidades e na formação socioespacial.

Considerando os níveis de desenvolvimento dos municípios da região, cada município de uma forma ou de outra acaba sendo referência para a própria região e outras regiões pelo que representa, como por exemplo, Corumbataí do Sul com o plantio e a industrialização de

suco de maracujá, Barbosa Ferraz com cooperativa de crochês, Araruna com seu parque industrial, Nova Cantú com a aplicação da economia solidária.

Com outro ritmo de desenvolvimento, municípios como Altamira do Paraná e Quarto Centenário apresentam maiores dificuldades pela dependência da agricultura e dos repasses governamentais. Como as dinâmicas de desenvolvimento de cada município refletem nas estatísticas e isso tem preservado suas características, mas não se isolam da totalidade regional que fazem parte.

Segundo Costa e Rocha (2009) a Mesorregião Centro Ocidental foi menos dependente da cultura do café como fora a Mesorregião Norte Central representada, principalmente, pelas regiões de Londrina e Maringá. As inclinações econômicas estavam mais direcionadas a exploração de madeira, arroz, milho, algodão, hortelã e rami. Desses produtos, na região o milho é o produto remanescente e que ao lado da soja que há duas décadas são tidos como principais produtos agrícolas para a região.

Ainda como observado por Moura *et al.* (2006), como referência da região Centro Ocidental, o município de Campo Mourão constitui pontos economicamente relevantes centrados em porções do território que não manifestam condições similares. Funciona como receptáculo da produção do entorno, o que, somente pela natureza agrícola das riquezas, não permite impulsionar uma estrutura econômica e social horizontalizada, portando entendemos que a participação dos demais setores da economia é condição necessária para minimizar as desigualdades sociais da região e que devem ser acompanhados da maior eficiência da gestão pública.

2.2.1 Densidade demográfica dos municípios da Mesorregião Centro Ocidental

A densidade demográfica admite inferir a proporção entre o número de habitantes e a amplitude territorial, permitindo a verificação das áreas mais e menos povoadas. Ela consiste na média de pessoas residentes em uma determinada área. Usualmente, ela é o número de habitantes por quilômetro quadrado: hab/km². Apresentamos na sequência o comportamento demográfico nos municípios da Mesorregião Centro Ocidental, com dados baseados nos dados estatísticos do IBGE, conforme Tabela 24.

Tabela 24: Mesorregião Geográfica Centro Ocidental. População censitária (1980, 1991, 2000 e 2010) , grau de urbanização, (2000, 2007 e 2010) e crescimentos da população e do grau de urbanização (2000-2010)

LOCALIDADES	CENSOS DEMOGRÁFICOS/POPULAÇÃO (ANOS)				GRAU DE URBANIZAÇÃO (ANOS)			CRESCIMENTO POPULAÇÃO (%)	CRESCIMENTO GRAU DE URBANIZAÇÃO (%)	
	1980	1991	2000	2010	2000	2007	2010	2000-2010	2000-2007	2000-2010
Altamira do PR.	-	7.437	6.999	4.306	30,28	38,41	49,58	-38,48	26,85	63,74
Araruna	14.222	12.387	13.081	13.419	69,83	75,40	78,06	2,58	7,98	11,79,
Barbosa Ferraz	36.156	18.389	14.110	12.656	68,99	74,01	75,70	-10,30	7,28	9,73
Boa Esperança	8.487	6.954	5.162	4.568	49,96	52,12	57,79	-11,51	4,32	15,67
Campina da Lagoa	23.110	20.506	17.018	15.394	74,58	79,78	81,57	-9,54	6,97	9,37
Campo Mourão	75.423	82.318	80.476	87.194	92,89	94,26	94,82	8,35	1,47	2,08
Corumbataí do Sul	-	6.642	4.946	4.002	40,40	50,47	53,15	-19,09	24,93	31,56
Engenheiro Beltrão	15.638	14.671	14.082	13.906	79,03	82,58	88,29	-1,25	4,49	11,72
Farol	-	-	3.963	3.472	49,05	60,99	58,12	-12,39	24,34	18,49
Fênix	7.444	5.983	4.942	4.802	77,62	81,40	83,19	-2,83	4,87	7,18
Goioerê	48.792	45.131	29.750	29.018	82,47	86,35	86,99	-2,46	4,70	5,48
Iretama	22.109	15.814	11.335	10.622	54,31	51,86	58,25	-6,29	-4,51	7,25
Janiópolis	13.741	10.614	8.084	6.532	54,03	60,38	61,82	-19,20	11,75	14,42
Juranda	-	8.796	8.134	7.641	70,86	74,79	76,42	-6,06	5,55	7,85
Luiziana	-	9.103	7.540	7.315	54,88	60,38	65,02	-2,98	10,02	18,48
Mamborê	24.646	16.032	15.156	13.961	59,47	63,61	64,35	-7,88	6,96	8,21
Moreira Sales	18.939	17.004	13.395	12.606	70,05	75,12	78,80	-5,89	7,24	12,49
Nova Cantú	11.789	11.260	9.914	7.425	39,50	45,90	55,27	-25,11	16,20	39,92
Peabiru	16.966	14.161	13.487	13.624	77,79	82,68	80,81	1,02	6,29	3,88
Quarto Centenário	-	-	5.333	4.856	50,35	57,82	59,97	-8,94	14,84	19,11
Quinta do Sol	7.688	5.599	5.759	5.088	59,98	71,76	74,90	-11,65	19,64	24,87
Rancho A. D'Oeste	-	-	3.117	2.847	66,28	74,59	80,89	-8,66	12,54	22,04
Roncador	17.991	17.573	13.632	11.537	50,07	58,37	61,71	-15,37	16,58	23,25
Terra Boa	16.267	14.249	14.640	15.776	76,35	82,55	82,73	7,76	8,12	8,36
Ubiratã	27.326	26.828	22.593	21.558	78,05	82,34	85,34	-4,58	5,50	9,34
Mais primários*	7.688	23.498	25.396	25.516	58,69	66,98	68,62	0,47	14,13	16,92
Mais industrial**	121.550	123.625	122.279	130.296	79,53	83,70	85,98	6,56	5,24	8,11
MRG de Goioerê	152.184	154.530	129.499	116.751	67,75	73,98	77,17	-9,84	9,20	13,90
MRG C, Mourão	254.550	232.921	217.149	217.374	75,43	79,84	81,82	0,10	5,85	8,47
MSR C. Ocidental	406.734	387.451	346.648	334.125	72,56	77,75	80,26	-3,61	7,15	10,61
Estado do Paraná	7.629.849	8.448.713	9.563.458	10.444.526	81,41	84,18	85,33	9,21	3,40	4,82

Fonte: IBGE/ Ipardes (2013)

* Boa Esperança, Juranda, Luiziana, Mamborê e Quinta do Sol.

** Araruna, Campo Mourão, Engenheiro Beltrão, Rancho Alegre D'Oeste e Terra Boa.

A população da mesorregião entre as décadas de 1960 e 1970 aumentou em 135.237 habitantes; entre as décadas de 1970 e 1980 perdeu 128.241 habitantes. A redução populacional continuou nas décadas seguintes. A partir da década de 1980 houve significativa perda populacional na Mesorregião Centro Ocidental devido a mecanização da agricultura, gestão pública com dificuldades de ordem política e de organização, modesto parque industrial e mercado de trabalho aquém das necessidades, principalmente as faixas etárias mais baixas. No período 1970-2010 a região perdeu 198 mil habitantes.

A média dos 25 municípios da região é de 13.365 habitantes; a dos quatro municípios mais industrializados⁴² é de 32.574 habitantes e dos quatro municípios mais primários⁴³ é de 5.789 habitantes. As microrregiões de Campo Mourão e Goioerê, em média, detêm 15.526 e 10.613 habitantes por município, respectivamente. Ressaltamos que no Estado a média de habitantes por município é de 26.176 habitantes, inferior a média dos municípios mais industrializados da região.

O esvaziamento populacional, pelas características regionais está vinculado com o êxodo rural⁴⁴ e as oportunidades de trabalho e geração de renda que estão vinculados a natureza da economia como um todo existente na região, mas em especial ao tipo de indústria existentes na região. Os municípios de Campo Mourão, Engenheiro Beltrão e Goioerê são mais urbanizados e cerca de 60% dos municípios da região tem taxa de urbanização superior a 70%. O município de Altamira do Paraná é o único da região com taxa de urbanização inferior a 50% (Tabela 24).

O município de Campo Mourão foi responsável por 34,43% em 2000 e 40,11% em 2010 da população da microrregião de Campo Mourão que o coloca na liderança regional e a principal cidade da mesorregião. Essa liderança vai se consolidando e fortalecendo o município, ao passo que na maioria dos municípios houve perda de população. O município de Goioerê o segundo maior da região, em 2000 detinha 18,95% e 24,85% em 2010 dos habitantes da microrregião de Goioerê. No período 2000-2010, enquanto a microrregião de Goioerê apresentou perda 9,84% da população a microrregião de Campo Mourão praticamente ficou praticamente estagnada devido ao baixo crescimento populacional de 0,10%.

⁴² Araruna, Campo Mourão, Engenheiro Beltrão e Terra Boa - municípios mais industrializados de acordo com IBGE (2013).

⁴³ Farol, Juranda, Luiziana e Quinta do Sol - municípios mais primários de acordo com IBGE (2013).

Essa classificação foram com base nos resultados do Valor Adicionado Bruto e/ou PIB setorial a preços correntes do ano de 2011, tomando como base o setor secundário (industrial) dos municípios da Mesorregião Centro Ocidental Paranaense.

⁴⁴ Fator decisivo para a mudança da vida rural para a vida urbana iniciou na década de 1970.

Magalhães e Cintra (2010, p.13) alertam que o “grande peso determinante para a drástica redução da taxa de crescimento advém da drástica queda do crescimento vegetativo da população paranaense, impulsionada pela célere redução da fecundidade”. Os dados demográficos comparados aos dados socioeconômicos permitem o diagnóstico para elaboração de medidas que possam inicialmente amenizar as distorções locais e regionais.

Quando a referência é o crescimento populacional levamos em conta a sua relevância, por ser uma variável que desequilibra uma estrutura regional. Quando acontece o crescimento populacional, invariavelmente reflete a atratividade de um local, seja por facilidades de transporte e contribui para as questões: habitacional, saúde, educação, segurança e emprego. Isso permite constatar que os indicadores de crescimento populacional vão além do simples aumento quantitativo da população, mas pressionando a esfera pública das melhorias na estrutura local e regional e com isso aumentando o poder de atração de investimentos.

Na Mesorregião Centro Ocidental não se pode negar a importância das cidades pequenas nos estudos de Geografia Urbana para sua realidade. Adotamos como referencial de limite superior para pequenas cidades o patamar demográfico de 50 mil habitantes. Assim, na região exceto Campo Mourão, 96% das localidades são pequenas.

Conforme Motta, Mueller e Torres (1997), a classificação das cidades por tamanho com referência ao ano de 1991 se constituía como sendo São Paulo e Rio de Janeiro as regiões metropolitanas de 1ª ordem; as cidades com mais 500 mil habitantes eram consideradas regiões metropolitanas de 2ª ordem; centros grandes de 250 mil a 500 mil habitantes; centros médios de 100 mil a 250 mil habitantes; centros médios-pequenos de 50 mil a 100 mil habitantes e centros pequenos as cidades de até 50 mil habitantes.

As cidades classificadas nos centros pequenos são divididas em três subgrupos, cidades de até 10 mil; de 10 a 20 mil e de 20 mil a 50 mil habitantes.

Face ao dinamismo menor nas cidades em boa parte delas de até 50 mil habitantes, considerados como centros pequenos elas apresentaram fortes indícios de esvaziamentos populacionais. A pesquisa revela que dentro do grupo de centros pequenos, os índices mais baixos de crescimento demográfico foram dos núcleos com até 10 mil habitantes. A participação dos pequenos centros urbanos na composição da população brasileira passou de 40% em 1970, para 31,6% em 1980. Estes dados são respostas da migração decorrente do processo industrial em algumas áreas, como também, pela modernização agrícola brasileira, em especial no Centro-Sul, processo responsável pela liberação de enorme contingente de trabalhadores rurais (ENDLICH, 2006).

Jacobi (1994) aponta a dinâmica da urbanização latino americana, em que possibilita a definição de três formas agrupadas, a saber:

[...] posibilita la definición de tres formas de agrupación, 1) ciudades grandes que abrigan entre 500.000 y uno millón de habitantes y aquellas con más de un millón; 2) ciudades intermedias que incluyen dos rangos – entre 50 mil y 100 mil habitantes y entre 100 mil habitantes y 500 mil habitantes – y 3) ciudades pequeñas que incluyen rangos – entre 10 mil e 20 mil habitantes; menos de 10.000 habitantes y entre 20 mil y 50 mil habitantes. (JACOBI, 1994, p. 74).

Olhar os dados anteriores, tanto em âmbito regional como local, o entendimento é de que no decorrer das décadas a dinâmica heterogênea da população residente na região, por exemplo, o município de Goioerê em 1975 chegou ao seu auge populacional, tendo o IBGE registrado uma população de 100.360 habitantes, parte significativa atraída pelo cultivo do algodão que era a principal cultura do município, tanto que nesse período o município passou a ser conhecido nacionalmente como capital nacional do algodão. No entanto com o fim do plantio do algodão na década de 1990 e a emancipação de alguns de seus distritos, o município foi perdendo população e no Censo de 2010 a sua população corresponde a 27,3% da população de 1975.

Cada uma das microrregiões pertencentes à Mesorregião Centro Ocidental possui características bem próximas, notadamente em relação às atividades socioeconômicas, culturais e etc. Segundo Moura *et al.* (2006, p. 147) as microrregiões de Campo Mourão e Goioerê se constituem entre as mais tímidas áreas de econômicas do Estado, comprovando com a redução de população e fraco perfil industrial em quase todos os seus municípios.

No entanto o município de Campo Mourão polo regional abriga a sede da Coamo Agroindustrial Cooperativa que a mais referenciada cooperativa brasileira no ramo de produção e assim nessa condição extrai excedentes de seu entorno assegurando a maior expressão econômica e política regional o que lhe permite instrumentalizar sua estrutura de indústria, comércio e de serviços, estreitando seus vínculos externos, porém sem grandes desdobramentos regionais.

O município de Campo Mourão ocupa uma área de 768,2 km² apresenta maior contingente populacional da região e se tornou, por força da Coamo, um grande centro do agronegócio paranaense, inclusive no mercado externo em que se constitui entre as empresas de maior expressão no Estado de acordo com dados da Secretaria de Indústria e Comércio e Assuntos do Mercosul – SEIM (2012).

Nos municípios mais industrializados, percebemos uma mudança significativa na última década, pois, sabemos que apesar da maior atração populacional é direcionada aos grandes centros (capitais, metrópoles, polos regionais) os municípios na categoria de mais industrializados da região de Campo Mourão recebem pessoas vindas dos municípios menos industrializados da Mesorregião Centro Ocidental e de outras regiões paranaenses e até mesmo brasileiras. Essa absorção, nem sempre se trata de famílias que buscam mais segurança, melhores níveis educacionais, saúde, mas acima de tudo são atraídas pelas oportunidades de emprego e renda que os municípios mais industrializados podem proporcionar aos trabalhadores.

2.2.2 Aspectos do grau de urbanização dos municípios da Mesorregião Centro Ocidental

A urbanização brasileira⁴⁵ na maioria dos municípios do Brasil é um fenômeno determinante na sua organização, formação e transformação espacial. Segundo definidos por Santos (1996) nas últimas décadas, ocorreu significativa inversão do local de residência da população brasileira, além de que o crescimento de urbanização é atrelado ao crescimento demográfico que originou na dicotomia: natalidade elevada e de uma mortalidade em descenso em face de melhoria na condição de vida, saneamento básico mais adequado e a própria urbanização.

Na década de 1980, a taxa de urbanização no Brasil era de 67,7%; em 2010, aumenta para 84,36% - aumentando 57,45% enquanto que a população urbana se multiplica por duas vezes. Na década de 2000, a população urbana brasileira ultrapassou os 81,23% apresentando uma população urbana maior que a população total de 1980. Isso significa que o processo de urbanização no Brasil conhece uma aceleração e ganha novo patamar, consolidando-se a partir da década de 1980 (IBGE - Censos Demográficos de 1980 e 2010).

Seguindo o raciocínio de Milton Santos (1996), outro elemento da ascendente urbanização brasileira liga-se aos processos hegemônicos de expansão e concentração do capitalismo mundial, desencadeados nos países subdesenvolvidos através da industrialização, notadamente nos grandes centros comerciais como as Regiões Metropolitanas de São Paulo, Curitiba e Belo Horizonte.

⁴⁵ População do Brasil 1980 = 121.150.573 (urbana=82.013.375+rural=39.137.198)
População do Brasil 2000 = 169.590.693 (urbana=137.755.550+rural=31.835.143)
População do Brasil 2010 = 190.755.799 (urbana=160.925.792+rural=29.830.007)

O processo de urbanização, além de ter provocado grande transformação na distribuição geográfica da população do Paraná e mais especificamente da Mesorregião Centro Ocidental, gerou intensos impactos na estrutura urbana e nas condições de gestão das cidades, que devem utilizar dinâmicas diferenciadas para administrar os súbitos crescimentos das demandas sociais e de infraestrutura de maneira geral. Isso ocorreu mesmo em municípios em que houve declínio da população total, porque juntamente com esse processo houve também na maioria deles a inversão local da população do campo para a cidade.

Consideramos pertinente destacar que todo processo de urbanização requer cuidados, uma vez que a urbanização implica não somente a dinâmica da organização do espaço urbano, como também a condição de vida dos habitantes de seu território. Ou seja, investimentos em políticas públicas de infraestrutura urbana e regional, serviços de saneamento básico, educação, saúde e transporte público que são os mais visíveis para sustentar um projeto de crescimento sustentável.

Segundo o Ipardes (2013), o grau de urbanização paranaense se elevou substancialmente, saindo de 58,6% da década de 1980 e evoluindo para e 85,34% em 2010. Esse crescimento da urbanização se atribui a participação da atividade agropecuária paranaense com elevada incorporação de tecnologia e o fortalecimento da integração com o agronegócio.

Como Santos (2008a, p. 36) escreveu: “o crescimento da população urbana se faz sempre em detrimento do campo ou das pequenas cidades”, isto é com o passar do tempo, a tendência é de que o grau de urbanização dos municípios brasileiros seja cada vez abrangente em função, principalmente, ao avanço tecnológico observado na agropecuária paranaense.

Na Tabela 25 mostramos a distribuição espacial da população paranaense e da Mesorregião Centro Ocidental e suas respectivas microrregiões e municípios mais e menos industrializados.

Tabela 25: Mesorregião Centro Ocidental. Distribuição espacial da população urbana e rural, 2010

LOCALIDADE	DISTRIBUIÇÃO ESPACIAL DA POPULAÇÃO POR ÁREA			PARTICIPAÇÃO ESPACIAL DA DISTRIBUIÇÃO (%)	
	URBANO	RURAL	TOTAL	URBANO	RURAL
Mesorregião Centro Ocidental	10.726	2.639	13.365	80,25	19,75
Microrregião de Campo Mourão	12.719	2.807	15.526	81,92	18,08
Microrregião de Goioerê	8.190	2.423	10.613	77,17	22,83
Municípios mais industrializados	29.620	2.954	32.574	90,93	9,07
Municípios mais primários	4.106	1.773	5.879	69,84	30,16
Estado do Paraná	22.337	3.839	26.176	85,33	14,67

Fonte: IBGE/Órgãos Estaduais de Estatística, Secretarias Estaduais de Governo, Suframa e Ipardes

A Mesorregião Centro Ocidental tem apresentado crescentes índices de urbanização nos municípios com economia mais industrializadas, cujo grau de urbanização é superior a 90% com participação mais expressiva no município de Campo Mourão.

A microrregião de Campo Mourão é mais urbanizada que a microrregião de Goioerê. Para os municípios mais industrializados: Araruna, Campo Mourão, Engenheiro Beltrão e Terra Boa a média do grau de urbanização é de 85,98% e nos quatro municípios economicamente mais primários: Farol, Luiziana, Juranda e Quinta do Sol, o grau de urbanização em média ficou em 65,75%, portanto, os municípios menos industrializados tem o maior índice de população rural.

Considerando o ano 2010, os dois municípios mais urbanizados da mesorregião são Campo Mourão (94,26%) e Goioerê (86,99%) detêm grau de urbanização superior à média do Estado. Isso reflete uma realidade locacional das últimas décadas em que os produtores rurais estão cada vez mais fixando suas moradias nas cidades, sendo esse, puxado pela mecanização agrícola, um dos fatores do esvaziamento da população da área rural.

Podemos destacar o grau de urbanização como uma variável relevante para o desenvolvimento. O estudo mostra que o grau de urbanização da mesorregião ainda está abaixo da média estadual em 5,07%. Quando se refere somente aos quatro municípios “menos industrializados” a diferença se eleva para 19,58% - enquanto que o grau de urbanização dos quatro municípios mais industrializados superou a média estadual em 0,65%.

O grau de urbanização dos municípios de Altamira e Campo Mourão em 2010 estão situados nos extremos. A Mesorregião Centro Ocidental está constituída por onze municípios com grau de urbanização entre 49% e 69%; cinco municípios com grau de urbanização ente 70% e 79% e nove com o processo de urbanização mais adiantado, entre 80% e 95%.

Segundo o Ipardes (2013) os municípios menos urbanizados, apresentaram elevados índices de crescimento do grau de urbanização entre 2000 e 2010 como é o caso de Altamira do Paraná, Nova Cantú e Corumbataí do Sul que evoluíram 63,74%, 39,92% e 31,56%, respectivamente. Esses três municípios têm baixo nível populacional entre quatro e sete mil habitantes. Enquanto a o grau de urbanização da região cresceu 10,61% apesar da redução de 3,61% da sua população. Essa redução populacional não tomou rumos mais drásticos graças ao crescimento de 0,10% da população da microrregião de Campo Mourão. O grau de urbanização da microrregião de Goioerê com crescimento de 13,9% enquanto que a microrregião de Campo Mourão cresceu 8,47%. Cabe observar que a microrregião de Goioerê teve sua população diminuída em 9,2% no período de 2000-2010, devido a evasão dos habitantes da zona rural principalmente.

Esses dados mostram que a Mesorregião Centro Ocidental, como as demais mesorregiões paranaenses, resguardando as devidas proporções, é heterogênea com municípios bem urbanizados, mas conta ainda com parte considerável de municípios com população espacialmente localizada no campo, porém, como foi dito anteriormente, com o passar dos anos essa condição diminui em função da mecanização e possibilidades de formação de latifúndios.

A Figura 22 permite a visualização do grau de urbanização dos vinte e cinco municípios da região com destaques para os municípios de Campo Mourão, Engenheiro Beltrão, Goioerê e Terra Boa.

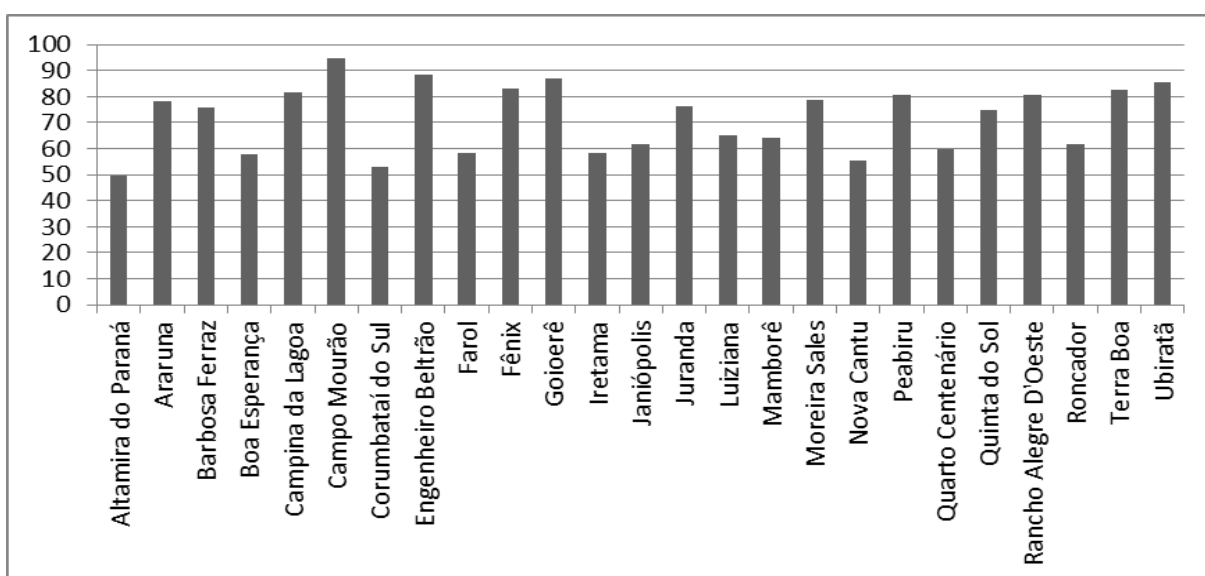


Figura 22: Mesorregião Centro Ocidental. Grau de Urbanização dos municípios, 2010 (em percentual)

Fonte: Ipardes/Banco de Dados.

Ao final dessa seção entendemos que ao detalhar dados da mesorregião e com a análise das suas microrregiões ficou claro quanto às fragilidades da Mesorregião Centro Ocidental a medida das comparações que mostram as condições abaixo das médias encontradas nos indicadores econômicos e sociais do Estado. Isso demonstra que as ações regionalizadas deveriam resultar na promoção de atividades econômicas mais absorvedoras de mão-de-obra, com postos de trabalho com níveis de remuneração mais atraentes para os trabalhadores visando uma base econômica mais sólida.

Nos dois próximos itens abordaremos os indicadores econômicos e sociais para medir o desempenho da Mesorregião Centro Ocidental. Fizemos diversos levantamentos de dados, porém optamos em utilizar os indicadores relacionados ao PIB, Índice de Gini, valor adicionado a preços básicos, índices de alfabetização, IDHM e Índice de Exclusão Social

(IES) que abordassem a realidade regional. Esses indicadores foram analisados e formam parâmetros essenciais para as análises conclusivas da tese que até aqui se encontra em construção. Outros indicadores como, índices de dependência, investimentos, emprego que são dados significativos nas análises, estão disponibilizados em CD na forma apêndice. Cabe lembrar a existência de séries históricas com períodos distintos nas tabelas e figuras, devido a disponibilidade de dados para cada variável, porém procuramos inserir no presente trabalho os dados mais atualizados possíveis.

2.3 TENDÊNCIAS ECONÔMICAS E INDICADORES ECONÔMICOS - MESORREGIÃO CENTRO OCIDENTAL

A Mesorregião Centro Ocidental detêm características divergentes das principais regiões industriais do Estado (RMC, Norte, Oeste, Centro Oriental), pois teve na base do seu desenvolvimento raízes no setor primário, na produção agropecuária que originou excedentes de produção que possibilitaram o início da criação de alguns parques industriais que ajudam na dinâmica de desenvolvimento socioeconômico em relação aos investimentos industriais.

Utilizaremos dados do PIB⁴⁶ municipal para mostrar o panorama econômico dos municípios que compõem a região em estudo.

Em linhas gerais o PIB representa a soma (em valores monetários) de todos os bens e serviços finais produzidos numa determinada região (quer sejam países, estados ou cidades) durante um determinado período. O PIB é um dos indicadores mais utilizados na macroeconomia com o objetivo de mensurar a atividade econômica de uma região.

Segundo Matos e Garcia (2007) o uso da representação espacial dos fenômenos estudados, a fim de usufruir do grande poder de síntese que os dados estatísticos possuem, mas também de evidenciar que os processos de distribuição e redistribuição de pessoas e atividades só podem ser amplamente reconhecidos se as territorialidades que lhes são subjacentes forem explicitadas, de preferência com todas as suas dimensões intrínsecas como posição, localização e tamanho.

O PIB não capta todas as riquezas geradas no país, porque, para fazer o cálculo, o IBGE leva em consideração apenas as atividades formais (legais). As atividades informais não

⁴⁶ PIB é a soma das riquezas geradas pelos setores econômicos do país, medindo a diferença entre o custo de se produzir e o que se obtém como fruto dessa produção, o chamado valor agregado. Ele é composto por itens como consumo das famílias e despesas do governo, informações sobre as exportações e importações, além dos investimentos que é a formação fixa de capital bruto.

são absorvidas em sua totalidade pela metodologia aplicada. O cálculo do PIB dos municípios brasileiros baseia-se na distribuição do valor adicionado das atividades econômicas das Contas Regionais do Brasil segundo essas localidades. Essa metodologia toma como base informações proveniente de órgãos estaduais de estatística, de secretarias estaduais de governo e de outras agências, sob a orientação da Coordenação de Contas Nacionais do IBGE (IBGE, 2004).

Para analisar o comportamento do PIB de um país é preciso diferenciar o PIB nominal ou PIB a preços correntes e do PIB real ou PIB corrigido/deflacionado. PIB nominal calcula a preços correntes, ou seja, no ano em que a mercadoria foi produzida e comercializada, e PIB real é calculado a preços constantes, onde é escolhido um ano-base para eliminar o efeito da inflação, e o PIB real é o mais indicado para análises (BACEN, 2012).

Baseado nas conceituações sobre a variável PIB, elaboramos com dados do IBGE e do Iparde o desempenho da economia paranaense, da Mesorregião Centro Ocidental com as duas microrregiões e os vinte e cinco municípios e os grupos dos municípios mais industrializados e mais primários. Para a composição das análises as Tabelas 26 e 27 fornecem subsídios para o entendimento do comportamento desse fenômeno econômico dentro do espaço geográfico regional comparável com o Estado do Paraná.

Tabela 26: Mesorregião Geográfica Centro Ocidental Paranaense. PIB a preços constantes de 2012, período 2007-2012 (em R\$)

LOCALIDADES	PIB – VALORES DEFLACIONADOS (R\$ 1.000,00)						PIB PER CAPITA – VALORES DEFLACIONADOS (R\$ 1,00)					
	2007	2008	2009	2010	2011	2012	2007	2008	2009	2010	2011	2012
Altamira do PR.	38.219	45.220	45.130	47.252	45.119	47.069	8.748	11.027	11.879	10.974	11.004	12.069
Araruna	188.010	220.789	223.650	245.902	265.244	262.639	14.862	17.004	17.254	18.325	19.728	19.497
Barbosa Ferraz	112.944	127.798	116.039	120.416	127.242	134.451	8.272	9.117	8.292	9.515	10.143	10.811
Boa Esperança	103.221	145.491	127.320	113.564	117.221	119.264	21.934	30.406	26.850	24.861	25.917	26.627
Campina da Lagoa	187.956	231.408	205.965	226.923	233.418	255.167	11.760	14.172	12.681	14.741	15.286	16.844
Campo Mourão	1.802.527	1.937.814	2.052.371	1.912.040	1.946.085	1.921.842	21.841	22.675	23.893	21.929	22.187	21.787
Corumbataí do Sul	35.206	39.442	36.512	42.405	44.996	42.796	8.260	9.192	8.652	10.597	11.449	11.087
Eng. Beltrão	206.707	282.652	257.190	258.612	281.082	267.947	14.907	19.803	18.011	18.597	20.232	19.305
Farol	63.313	90.642	73.183	70.362	81.399	72.357	18.654	26.559	21.819	20.266	23.697	21.924
Fênix	69.444	86.747	82.087	74.719	84.371	93.403	14.257	17.302	16.362	15.560	17.607	19.536
Goioerê	378.797	407.076	385.397	444.396	460.887	481.501	13.088	13.691	12.975	15.315	15.913	16.656
Iretama	82.524	95.348	91.960	104.021	105.711	133.745	7.385	8.289	7.990	9.793	10.003	12.719
Janiópolis	73.031	101.614	96.332	89.121	92.240	94.574	10.386	14.328	13.795	13.644	14.384	15.017
Juranda	155.569	223.677	158.395	195.346	205.056	206.547	20.246	28.465	20.250	25.565	26.967	27.296
Luiziana	152.346	189.570	175.985	157.576	161.523	174.723	21.147	25.687	23.921	21.541	22.132	23.994
Mamborê	281.688	350.811	316.670	329.828	347.629	353.025	19.333	24.326	22.095	23.625	25.063	25.617
Moreira Sales	170.185	179.315	175.147	158.751	164.872	152.886	13.166	13.520	13.231	12.593	13.141	12.244
Nova Cantú	79.084	99.001	95.510	93.546	98.766	113.504	10.145	12.833	12.767	12.598	13.653	16.100
Peabiru	183.393	171.048	156.479	156.772	172.497	184.777	14.076	12.792	11.724	11.507	12.652	13.542
Quarto Centenário	81.233	116.399	104.073	101.517	114.420	119.976	16.755	23.625	21.322	20.906	23.739	25.079
Quinta do Sol	74.002	98.929	81.580	96.287	98.759	97.105	14.306	18.857	15.721	18.924	19.607	19.472
Rancho A.D'Oeste	55.388	72.525	67.922	62.276	68.626	71.068	18.921	24.240	22.823	21.875	24.275	25.318
Roncador	139.875	178.906	178.006	168.046	195.341	210.166	11.405	14.379	14.462	14.565	17.169	18.730
Terra Boa	151.317	152.642	162.559	210.048	246.815	271.456	10.373	10.149	10.788	13.315	15.558	17.021
Ubiratã	313.494	379.299	348.485	393.865	412.675	519.471	14.778	17.501	16.165	18.270	19.213	24.272
Mais primários*	178.589	227.123	203.645	205.416	214.552	219.428	19.513	25.548	21.768	22.903	23.937	24.601
Mais industrial**	480.768	533.284	552.738	537.776	561.571	558.990	16.181	18.774	18.554	18.808	20.396	20.586
MRG de Goioerê	1.636.190	2.001.026	1.809.676	1.926.565	2.013.301	2.181.027	13.817	16.611	15.189	16.501	17.389	18.993
MRG C. Mourão	3.543.295	4.023.137	4.004.270	3.947.032	4.158.694	4.220.432	20.641	18.383	18.298	18.158	19.130	19.412
MSR C. Ocidental	5.179.485	6.024.163	5.813.946	5.873.587	6.171.996	6.401.459	15.637	17.754	17.187	17.579	18.524	19.267
Estado do Paraná	214.851.473	223.856.056	227.887.488	244.791.949	254.206.704	255.926.609	20.891	21.138	21.325	23.437	24.182	24.195

Fonte: IBGE/Órgãos Estaduais de Estatística, Secretarias Estaduais de Governo, Suframa e Iparades.

* Boa Esperança, Juranda, Luiziana, Mamborê e Quinta do Sol.

** Araruna, Campo Mourão, Engenheiro Beltrão, Rancho Alegre D'Oeste e Terra Boa.

Tabela 27: Mesorregião Centro Ocidental. Evolução do PIB e PIB per capita a preços constantes de 2012, períodos entre 2007-2012

LOCALIDADE	VARIACÃO PIB (%)					VARIACÃO PIB PER CAPITA (%)				
	2007-2008	2008-2009	2009-2010	2010-2011	2011-2012	2007-2008	2008-2009	2009-2010	2010-2011	2011-2012
Altamira do Paraná.	18,32	- 0,20	4,70	- 4,51	4,32	26,05	7,74	- 7,62	0,28	9,67
Araruna	17,43	1,30	9,95	7,87	- 0,98	14,42	1,47	6,20	7,66	-1,17
Barbosa Ferraz	13,15	- 9,20	3,77	5,67	5,67	10,22	-9,05	14,75	6,60	6,58
Boa Esperança	40,95	- 12,49	-10,80	3,22	1,74	38,62	-11,70	- 7,41	4,25	2,74
Campina da Lagoa	23,12	- 10,99	10,18	2,86	9,32	20,51	- 10,52	16,25	3,70	10,19
Campo Mourão	7,51	5,91	- 6,84	1,78	-1,25	3,82	5,37	-8,22	1,18	-1,80
Corumbataí do Sul	12,03	-7,43	16,14	6,11	-4,89	11,29	-5,88	22,48	8,05	-3,17
Engenheiro Beltrão	36,74	-9,01	0,55	8,69	-4,67	32,84	-9,05	3,26	8,79	-4,58
Farol	43,17	- 19,26	- 3,85	15,69	-11,11	42,37	- 17,84	-7,12	16,93	-10,14
Fênix	24,92	-5,37	-8,98	12,92	10,71	21,36	- 5,43	- 4,90	13,15	10,96
Goioerê	7,47	-5,33	-15,31	3,71	4,47	4,61	- 5,24	18,04	3,91	4,67
Iretama	15,54	- 3,55	13,12	1,63	26,52	12,24	- 3,61	22,58	2,14	27,15
Janiópolis	39,14	- 5,20	-7,49	3,50	2,53	37,96	-3,72	- 1,10	5,42	4,40
Juranda	43,78	-29,19	23,33	4,97	0,73	40,60	- 28,66	26,25	5,48	1,22
Luiziana	24,43	- 7,17	-10,46	2,50	8,17	21,47	-6,88	- 9,95	2,74	8,41
Mamborê	24,54	-9,73	4,16	5,40	1,55	22,04	- 9,17	6,92	6,09	2,21
Moreira Sales	5,36	-2,32	-9,36	3,86	- 7,27	2,69	- 2,14	-4,83	4,35	-6,83
Nova Cantú	25,19	-3,53	-2,06	5,58	14,92	26,50	- 0,52	- 1,32	8,37	17,92
Peabiru	-6,73	-8,52	0,19	10,03	7,12	- 9,12	- 8,35	-1,85	9,95	7,04
Quarto Centenário	43,29	- 10,59	- 2,46	12,71	4,86	41,00	-9,75	-1,95	13,55	5,65
Quinta do Sol	33,68	- 17,54	18,03	2,57	- 1,67	31,82	- 16,63	20,37	3,61	- 0,69
Rancho A. D'Oeste	30,94	-6,35	- 8,31	10,20	3,56	28,11	-5,84	- 4,16	10,97	4,30
Roncador	27,90	-0,50	-5,60	16,24	7,59	26,08	0,57	0,72	17,88	9,09
Terra Boa	0,88	6,50	29,21	17,50	9,98	- 2,16	6,30	23,42	16,85	9,40
Ubiratã	20,99	-8,12	13,02	4,78	25,88	18,43	-7,63	13,02	5,16	26,33
Mais Primários*	27,18	- 10,34	0,87	4,45	2,27	30,96	- 14,80	5,22	4,52	2,77
Mais Industrializados**	10,92	3,65	-2,71	4,42	-0,46	16,03	-1,17	1,37	8,44	0,93
MRG de Goioerê	22,30	- 9,56	6,46	4,50	8,33	20,22	- 8,56	8,64	5,38	9,22
MRG Campo Mourão	13,54	- 0,47	-1,43	5,36	1,48	- 10,94	- 0,46	-0,76	5,35	1,48
MSR Centro Ocidental	16,31	-3,49	1,03	5,08	3,72	13,54	-3,19	2,28	5,38	4,01
Estado do Paraná	4,19	-1,32	10,01	5,67	1,26	1,18	0,89	9,90	3,18	0,05

Fonte: IBGE/Órgãos Estaduais de Estatística, Secretarias Estaduais de Governo, Suframa e Iparde.

* Boa Esperança, Juranda, Luiziana, Mamborê e Quinta do Sol. ** Araruna, Campo Mourão, Engenheiro Beltrão, Rancho Alegre D'Oeste e Terra Boa.

Considerando o PIB real da Mesorregião Centro Ocidental ficou evidente a perda de espaço no Estado do Paraná no período 2011-2012 se considerado o período anterior mesmo sabendo que a economia vem se recuperando da crise financeira internacional com a chamada bolha imobiliária consolidada no ano de 2008 nos Estados Unidos. Mesmo diante da perda de espaço, a região cresceu e essa evolução ocorreu de forma similar em 80% dos municípios da mesorregião, apenas 20% tiveram suas economias em ritmo de crescimento mais efetivo no período 2011-2012.

Com a recuperação dos efeitos da crise americana a mesorregião vem se estabilizando de acordo com as flutuações do PIB, ou seja, queda de 3,41% no período 2008-2009 seguido do baixo crescimento de 2009-2010 e o maior crescimento em 2010-2011 e com queda de 1,36% no período mais recente de 2011-2012 no comparativo com o período anterior.

Não obstante ao privilégio geográfico da maioria dos municípios da Mesorregião Centro Ocidental, os dados mostram uma significativa disparidade econômica regional, reforçados com as publicações do PIB pelo IBGE comprovando a existência de município com o PIB entre R\$42,7 milhões R\$ 1,85 bilhão mostrando os níveis de desigualdade econômica, social e espacial entre os vinte e cinco municípios da região (Tabela 26).

No *ranking* do Estado, o município de Campo Mourão está classificado na 17ª posição, se constituindo no principal município da Mesorregião Centro Ocidental. No período 2011-2012 a economia local foi contemplada com queda de 1,25% no crescimento do PIB em valores reais, todavia de 2010 para 2011 o crescimento tinha sido de 1,78% se recuperando da queda de 6.84% do período 2009-2010. Baseado no PIB do ano 2012, os municípios de Campo Mourão, Ubatã, Goioerê detiveram, pela ordem, as três primeiras colocações no *ranking* da região em valores absolutos. Os três valores mais baixos estão nos municípios de Corumbataí do Sul, Altamira do Paraná e Rancho Alegre D'Oeste (Tabelas 26 e 27).

Os municípios de Iretama, Ubatã, Nova Cantú e Fênix apresentaram os maiores crescimentos da região de acordo com dados do PIB de 2012, enquanto os crescimentos negativos do PIB ficaram com os municípios de Araruna, Campo Mourão, Corumbataí do Sul, Engenheiro Beltrão, Farol, Moreira Sales e Quinta do Sol (Tabela 27).

Se considerarmos as médias do período 2007-2012 os melhores desempenhos foram para os municípios de Terra Boa (12,81%), Ubatã (11,31%), Iretama (10,65%), Quarto Centenário (9,525), Fênix (8,99%) e Juranda (8,72%). Os piores resultados no período ficaram com os municípios de Moreira Sales (-1,95), Goioerê (1,0%), Peabiru (0,42) e Campo Mourão (1,42).

Analisando mais amplamente sobre o PIB da região em relação a média de crescimento referente ao período 2007-2012 concluímos que os municípios com *status* de mais industrializados apontaram crescimento de 3,16% e os de economia mais primária 4,89%. Em análise microrregional, a microrregião de Goioerê com crescimento médio de 6,41% superou ao da microrregião de Campo Mourão 3,7%. Todavia a Mesorregião Centro Ocidental apresentou variação de 4,51%. Sintetizando o desempenho regional, a Mesorregião Centro Ocidental e as microrregiões de Goioerê e Campo Mourão foram superiores ao crescimento de 3,96% do Estado do Paraná e 3,23% do Brasil.

O município de Campo Mourão se consolida com polo regional pelos serviços públicos (Estadual e Federal), universidades, comércio, indústrias e agronegócios esses atributos ajudam a colocá-lo com vantagens econômicas e sociais sobre os demais municípios da Mesorregião Centro Ocidental. Como a própria teoria do princípio da causação circular cumulativa de Myrdal (1957), cujo foco era as relações estabelecidas entre os espaços desequilibradamente desenvolvidos, que acarretariam uma trajetória de crescente agravamento das disparidades matriciais nos níveis de desenvolvimento.

Assim, Campo Mourão se destaca regionalmente pela potencialidade econômica na região, pois no período 2007-2012 respondia por 32,63% da Mesorregião Centro Ocidental, 48,43% microrregião de Campo Mourão e 100,04% da microrregião de Goioerê. Na última comparação o valor do PIB total dos 11 municípios que compõe a Região de Goioerê é inferior ao contabilizado pelo município de Campo Mourão. Especificamente no ano de 2012 o crescimento dos municípios mais industrializados foi -0,46% e dos municípios de predomínio da economia mais primária atingiram 2,27%.

Myrdal (1957) vai de encontro dessas análises, entendendo que o equilíbrio estável da economia seria garantido pelos mecanismos de mercado e que nas relações de comércio entre regiões e localidades de níveis de desenvolvimento diferentes haveria uma tendência à igualação dos custos e da produtividade dos fatores produtivos, propiciando o avanço em termos de desenvolvimento. Ele afirma que as forças de mercado em atuação, tendem a aumentar e não a diminuir as desigualdades regionais.

Os municípios de Campo Mourão, Goioerê e Ubitatã e o grupo dos municípios mais industrializados (Araruna, Campo Mourão, Engenheiro Beltrão, Rancho Alegre D'Oeste e Terra Boa) de acordo com o valor adicionado bruto a preços básicos por setor econômico, têm maior expressão econômica e social e representatividade política, paradoxalmente, não se encontram entre os maiores PIB per capita da região. O PIB per capita mais baixo encontra-se

nos municípios de Altamira do Paraná, Barbosa Ferraz, Corumbataí do Sul, Iretama, e Moreira Sales que são inferiores a R\$13 mil anuais (Tabela 26).

Em relação ao PIB per capita, os municípios de Boa Esperança, Campo Mourão, Farol, Juranda, Luiziana, Mamborê, Quarto Centenário, Quinta do Sol, Rancho Alegre D'Oeste e Ubiratã detêm os maiores valores da região. Campo Mourão o principal município da região ocupa a nona colocação e juntamente com Rancho Alegre D'Oeste que compõem o grupo dos dez maiores PIB per capita da região pertencem ao grupo dos municípios mais industrializados. Os municípios de Juranda e Boa Esperança com forte participação do setor de serviços seguido pela agropecuária apresentam a melhor renda per capita da região.

Analisando a média de valores em reais entre 2007 e 2012, o PIB per capita da microrregião de Campo Mourão é de R\$ 2,58 mil superior ao da microrregião de Goioerê. Especificamente, no ano de 2012 o PIB per capita da microrregião de Goioerê equivale a 97,84% em relação a microrregião de Campo Mourão, diferentemente o PIB a preços constantes a correspondência é de 51,68% da microrregião de Campo Mourão.

Dados relevantes nessa pesquisa do PIB per capita está em relação a comparação entre os cinco municípios mais industrializados e os cinco menos industrializados, em que esse último grupo apresenta um PIB per capita anual de R\$24,6 mil enquanto o grupo dos municípios mais industrializados ao valor é de R\$20,5 mil um valor de 16,67% menor no ano de 2012. Essa medida pode ser em detrimento a um maior poder de concentração de renda nos municípios com economia mais dependente da agricultura.

As constatações acerca do PIB e PIB per capita e principalmente sobre o segundo em que municípios pequenos com base econômica mais concentrada na agropecuária apresentam como anteriormente descritos, o PIB per capita superior aos municípios mais industrializados que economicamente são mais equilibrados.

Dessa forma, entendemos que ao utilizar os dados do Índice de Gini de 2010, que os municípios que despontam com mais elevada renda per capita na Mesorregião Centro Ocidental estão muito inclinados à concentração de renda, tendo em vista que os Índices de Gini mais elevados estão nas pequenas localidades. Mesmo nos municípios de Campo Mourão, Goioerê, Ubiratã, Mamborê, Engenheiro Beltrão, Araruna e Terra Boa que tem o *status* de mais desenvolvidos economicamente, a diferença no nível de renda per capita municipal é bastante significativa.

A base teórica da desigualdade parte da premissa de que existe um processo de causação circular cumulativo, em que os efeitos se originam de uma mudança social ou econômica primária, que está na essência da explicação do porque se verifica e se amplia as

desigualdades entre regiões e cidades mais desenvolvidas e pobres, e, por consequência, da disparidade entre seus respectivos níveis de desenvolvimento (SILVA, 2004).

[...] o poder de atração de um centro econômico se origina principalmente em um fato histórico fortuito, isto é, ter-se iniciado ali com êxito um movimento [...]. Daí por diante, as economias internas e externas sempre crescentes fortificaram e mantiveram seu crescimento contínuo a expensas de outras localidades e regiões, onde, ao contrário, a estagnação ou a regressão relativa se tornou a norma. (MYRDAL, 1957, p. 52).

Segundo dados do IparDES (2014), o PIB per capita de 2012 do Paraná foi superior em 6,41% em relação ao Brasil e inferior em 5,61% na comparação com Região Sul⁴⁷. Pontualmente, sobre os estados do Rio Grande do Sul e de Santa Catarina, o Paraná foi inferior a ambos em 6,55% e 14,78% pela ordem. Para 17,79% dos municípios paranaenses o PIB per capita foi superior sobre a média brasileira, contra 13,53% registrado no ano de 2011. Os municípios de Boa Esperança, Juranda, Mamborê, Quarto Centenário, Rancho Alegre D'Oeste e Ubatã localizados na Mesorregião Centro Ocidental se apresentam com PIB per capita superior a média do Estado do Paraná.

Sentindo fortemente os efeitos da crise financeira mundial de 2008, cujos reflexos foram mais palpáveis no ano seguinte nas duas microrregiões, sendo extremamente prejudicadas em relação ao desempenho do PIB a preços correntes e constantes e PIB *per capita*. A microrregião de Goioerê, com exceção de Altamira do Paraná que apresentou crescimento no PIB per capita, os demais municípios tiveram decréscimo; enquanto no PIB a preços correntes e constantes todos os municípios tiveram queda de desempenho. Na mesma linha, na microrregião de Campo Mourão, somente os municípios de Araruna, Campo Mourão, Roncador e Terra Boa tiveram crescimento no PIB per capita e no PIB a preços correntes e constantes somente os municípios de Araruna, Campo Mourão e Terra Boa tiveram desempenho positivo.

Esses resultados foram oriundos, como citado anteriormente, dos reflexos da crise mundial e dos preços de comercialização praticados abaixo das expectativas dos produtores. Cerca de 80% dos municípios em 2009 e 48% dos municípios em 2010 não conseguiram desempenho positivo do PIB *per capita*, indicando empobrecimento da população e redução de investimentos. Essa situação foi literalmente modificada no ano de 2011 com crescimento

⁴⁷ Valores do PIB per capita de 2012 – Brasil R\$ 22.615, Região Sul R\$ 25.633, Paraná R\$ 24.195, Rio Grande do Sul R\$ 25.779 e Santa Catarina R\$ 27.771 (IBGE/Sidra, 2014).

do PIB *per capita* em todos os municípios da região com desempenho favorável em suas economias.

O município de Campo Mourão apresentou taxa negativa de crescimento do PIB per capita e PIB a preços correntes e constantes durante o período 2009 e 2010, comportamento bem distintos das taxas de crescimento de outros municípios, caso de Goioerê, Quinta do Sol, Roncador e Terra Boa que apresentaram desempenhos negativos em relação ao PIB a preços correntes e constantes e no PIB per capita o desempenho foi de crescimento (Tabela 27).

A renda per capita seria assim o critério menos inconveniente para classificar os diferentes municípios de acordo com seus níveis de desenvolvimento. Por meio de índices, pode-se perceber a que ponto os níveis de desenvolvimento dos municípios de economia mais primária são inferiores quando comparados ao grupo dos municípios mais industrializados.

Embora a redução de desigualdade possa continuar, entendemos que a Mesorregião Centro Ocidental terá dificuldades de reduzir consideravelmente as diferenças do PIB per capita sem a aplicação de políticas públicas regionais para, pelo menos, minimizar da situação de pobreza a que os municípios estão submetidos, levando-se em consideração as desigualdades existentes na região que é uma característica marcante no Estado devido ao elevado índice de heterogeneidade nas suas bases geográficas, econômicas e sociais.

O estudo do PIB a preços correntes e constantes e per capita nos remete ao entendimento de uma economia regional com desigualdades socioeconômicas e socioespaciais que precisam ser revertida por meio de políticas públicas de emprego e renda com novas frentes de trabalho, como o incentivo inicial as indústrias, e delinear um padrão de desenvolvimento que tenha característica mais homogênea para a região com utilização das potencialidades econômicas, espaciais e geográficas e aptidões regionais.

Ciente da existência de perigos inerentes ao surgimento de um processo de desenvolvimento acarretador de disparidades regionais crescentes, devido aos *backwash effects* (significando o impacto negativo), Myrdal defendia a criação de políticas públicas de intervenção que pudessem contrariar esses potenciais efeitos negativos sobre as regiões menos desenvolvidas [...]. (SANTOS, 2002a, p.194).

A seguir o PIB da Mesorregião Centro Ocidental com ênfase as microrregiões de Campo Mourão e Goioerê (Figura 23).

Os estudos seguintes sobre Índice de Gini tem a finalidade de mostrar o grau de concentração de renda, assim estabelecer uma simetria com os resultados do PIB per capita e Renda per capita. Para Silva (2004, p. 64) “as regiões mais ricas, centrais, exercem um efeito

polarizador sobre as regiões mais pobres, periféricas, correspondendo a acréscimos de remuneração obtidos pelos fatores trabalho e capital nas regiões centrais, que não são compensados pelo movimento de capitais dessas para as regiões periféricas”.

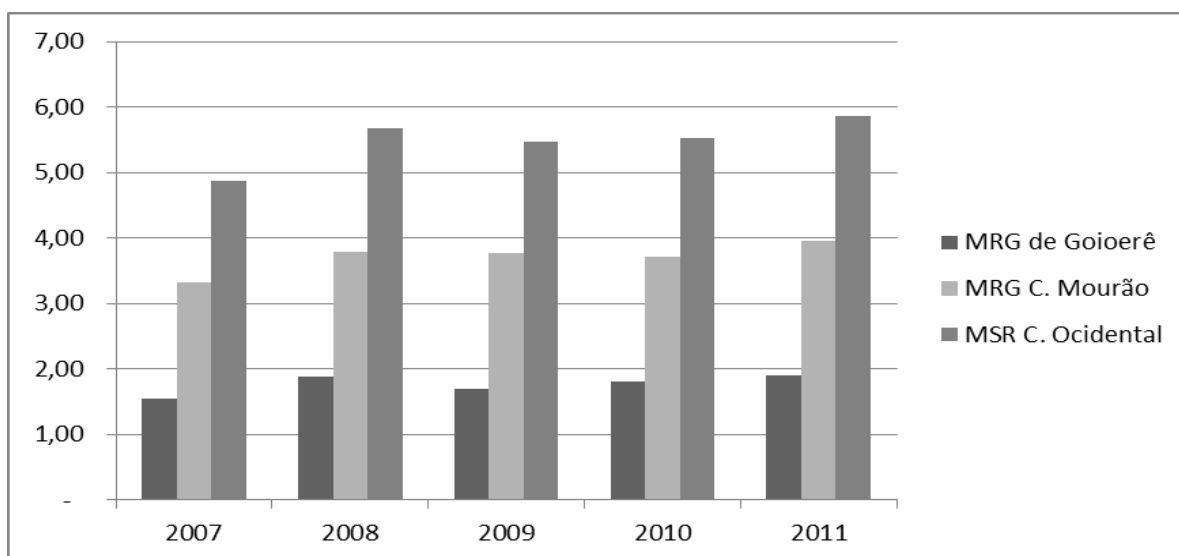


Figura 23: Mesorregião e Microrregiões. Produto Interno Bruto deflacionado, 2007-2012 (R\$ bilhões)

Fonte: IBGE/Órgãos Estaduais de Estatística, Suframa e Iparides

Entre as dez mesorregiões paranaenses a Mesorregião Centro Ocidental com 2,5% de participação no PIB do Estado é a que tem a mais baixa contribuição, seguida da Sudeste (2,91%) e Centro Sul (2,93%). Essas três regiões somam somente 8,34% de participação na totalidade do PIB no ano de 2012 sendo, portanto, os mais baixos indicadores de crescimento econômico do Paraná. Os municípios de Campo Mourão, União da Vitória e Guarapuava são os principais municípios dessas regiões que no *ranking* do PIB Estadual estão classificados pela ordem 11^a, 17^a e 42^a colocação.

A microrregião de Campo Mourão com seus 14 municípios detêm 65,93% do PIB 2012 da Mesorregião Centro Ocidental, com destaque do município polo que responde pela maior participação entre os vinte e cinco municípios da região. A microrregião de Goioerê tem um desempenho com poucas oscilações, porém se encontra num patamar inferior ao da microrregião de Campo Mourão, correspondendo a 34,07% do PIB a preços constantes da mesorregião (Figura 23).

A constatação da diferença no PIB entre as regiões nos remete mais uma vez ao debate sobre as desigualdades regionais. Barro (1991) sua literatura especializada analisa as desigualdades regionais, buscando verificar a existência de convergências de renda. Enquanto

indicador de bem-estar social deve-se atentar para o fato de que a distribuição geográfica do PIB per capita não possui o mesmo apelo que a distribuição de indicadores como a renda domiciliar *per capita*.

Azzoni (1997) buscou na reunião de dados de diversas fontes uma maneira de montar séries de renda *per capita* dos municípios e estados da Federação como uma das formas para identificar as fases de convergência e de divergência e acima de tudo estabelecer parâmetro para analisar a evolução da distribuição espacial da produção per capita em cada região e em cada município isoladamente pela metodologia atual das contas regionais do IBGE.

Para ilustrar o PIB dos municípios mais industrializados e dos mais primários economicamente, apresentamos os dados que refletem a diferença das economias mais industrializadas e as de economia mais primária (Figura 24).

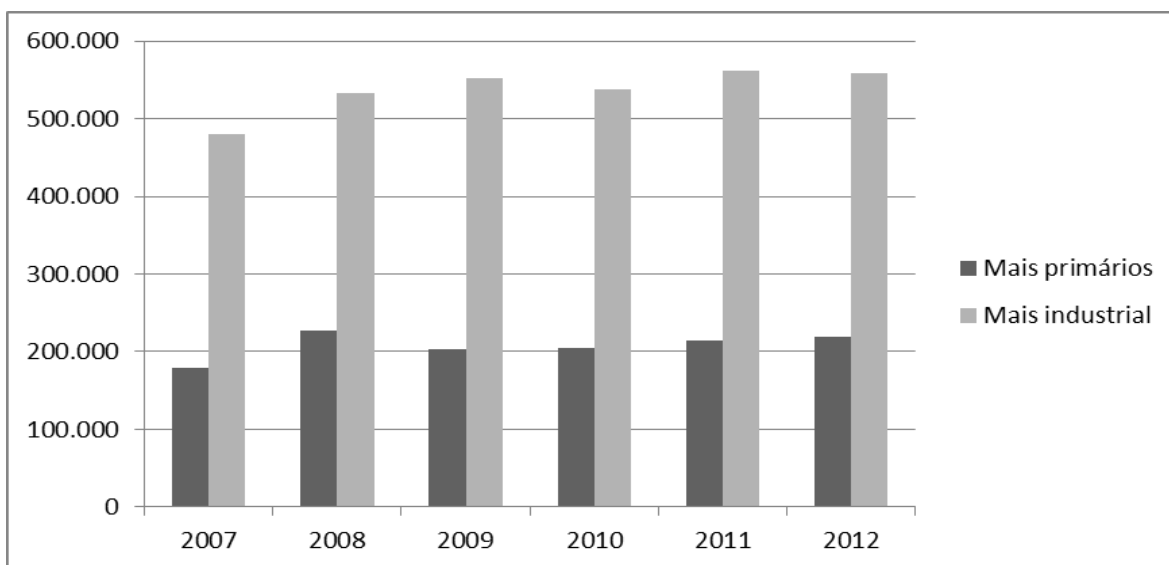


Figura 24: Mesorregião Centro Ocidental. Produto Interno Bruto dos municípios mais primários e mais industrializados, 2007-2012 (R\$ 1.000,00)

Fonte: IBGE/Órgãos Estaduais de Estatística, Suframa e Ipardes.

O PIB dos municípios das economias mais primária representam 39,25% do PIB dos municípios mais industrializadas em 2012 - mostrando a diferença de valores que reflete na intensidade de possibilidades de desenvolvimento dos municípios mais industrializados e da mesorregião inserida.

Conforme demonstração gráfica, as diferenças de valores do PIB dos grupos dos municípios mais primários e mais industrializados da região, ou seja, em média no período 2007-2012, o PIB a preços constantes de 2012 dos municípios mais primários equivale a 38,72% do PIB industrial da mesorregião.

Cabe salientar que o grupo dos municípios menos industrializados apresentou queda no ano de 2009 enquanto nos mais industrializados a queda aconteceu no ano de 2010, significando que as economias primárias da região apresentaram uma ligeira reação. Os dois grupos mostraram que o melhor desempenho do período ocorreu em 2008 com crescimento de 27,08% entre os mais primários e 10,92% entre os mais industrializados.

Os dados estatísticos do PIB nos levam a avaliar como a estrutura política e institucional de um município pode afetar o nível de renda, além de dar suporte para que as políticas públicas promovam o desenvolvimento. O desempenho dos municípios da região medidos pelo PIB a preços constante e PIB per capita se refletem em indicadores para a tomada de decisão de cunho governamental e estratégias empresariais que venham auxiliar no desenvolvimento local e regional motivando a entrada e/ou ampliação de investimentos.

O desempenho econômico recente do Paraná alternou entre as regiões, algumas delas merecendo atenção especial por se apresentarem deficitárias quanto ao seu desempenho econômico e os baixos níveis de crescimento e desenvolvimento verificados nas mesorregiões Centro Ocidental e Centro Sul.

Sachs (2004) com suas ideias humanísticas define o desenvolvimento de forma diferenciada da visão tradicional, se preocupando em focar em variáveis relacionadas ao bem-estar da população:

Igualdade, equidade e solidariedade estão, por assim dizer, embutidas no conceito de desenvolvimento, com consequências de longo alcance para que o pensamento econômico sobre o desenvolvimento se diferencie do economicismo redutor. Em vez de maximizar o crescimento do PIB, o objetivo maior se torna promover a igualdade e maximizar a vantagem daqueles que vivem nas piores condições, de forma a reduzir a pobreza, fenômeno vergonhoso, porquanto desnecessário, ao nosso mundo de abundância (SACHS, 2004, p.14).

Becker *et al.* (2002) revela que este novo conceito acerca do tema desenvolvimento, em que se busca o equilíbrio das questões econômicas e sociais das cidades, das regiões e das nações permeia o debate entre os estudiosos da economia, da geografia humana e da sociologia ilustram bem os novos entendimentos acerca do desenvolvimento socioeconômico, pois o contexto recente é muito propenso a essa nova maneira de aborda-lo. Assim:

As crescentes evidências do custo ambiental do desenvolvimento industrial vigente, a crise ambiental, a queda da renda agrícola, a superprodução aliada a má distribuição de alimentos, as rupturas recentes, as insuficiências do pensamento clássico e dos debates contemporâneos são elementos decisivos no debate social e político sobre a temática (BECKER, 2002, p.24).

Essas ponderações ajudam a repensar os resultados evolutivos do PIB para sua aplicação com metas claras no bem estar da população e na distribuição espacial dos investimentos de forma que os setores econômicos sejam alimentadores de condições capazes de fomentar o desenvolvimento propostos por Sachs e Becker.

2.3.1 Concentração de renda segundo o Índice de Gini

O Índice de Gini, criado pelo matemático italiano Conrado Gini, é um instrumento para medir o grau de concentração de renda em determinado grupo, esse indicador aponta a diferença entre os rendimentos dos mais pobres e dos mais ricos. Numericamente, varia de zero a um (alguns apresentam de zero a cem). O valor zero representa a situação de igualdade, ou seja, todos têm a mesma renda. O valor um (ou cem) está no extremo oposto, isto é, quando uma só pessoa detém toda a riqueza. Na prática, o Índice de Gini costuma comparar os 20% mais pobres com os 20% mais ricos (IPEA, 2013).

Segundo Espínola *et al.* (2010), a análise do Índice de Gini no Brasil, manteve-se maior e estacionado nos anos de 1995 a 1998, se quanto menor o Índice de Gini reduz a desigualdade entre os indivíduos, sobretudo, do ponto de vista das remunerações que recebem. Em 1995, o Índice de Gini se situava em 0,59 e em 2009 atingiu a 0,54 – assim, podemos compactuar que os números indicam melhora na distribuição da renda dos trabalhadores e famílias.

Na Tabela 28 demonstramos o Índice de Gini de todos os municípios da mesorregião, assim como também mostra as variações entre duas décadas e acumulativo.

“O Índice de Gini é uma medida de concentração ou desigualdade comumente utilizada na análise da distribuição de renda, mas que pode ser utilizada, para medir o grau de concentração de qualquer distribuição estatística” (HOLANDA *et al.*, 2006, p. 3).

Assim, pode-se medir o grau de concentração de posse da terra em uma região, da distribuição da população urbana de um país pelas cidades, de uma indústria considerando o valor da produção ou o número de empregados de cada empresa, mensuração do grau de concentração ou de desigualdade da distribuição de renda em uma população.

Assim, a destituição dos meios de sobrevivência física, as dificuldades para utilização dos benefícios promovidos pelo avanço tecnológico e a falta de amparo público adequado não tem facilitado a satisfação da cidadania e caracteriza a situação de vida dos pobres. A análise

do Índice de Gini, nesse estudo, é relevante para identificação dos níveis de concentração de renda dos municípios da Mesorregião Centro Ocidental.

Tabela 28: Mesorregião Centro Ocidental. Índice de Gini anos de 1991, 2000 e 2010

LOCALIDADE	ÍNDICE DE GINI			VARIÇÕES DO ÍNDICE DE GINI (%)		
	1991	2000	2010	1991-2000	2000-2010	1991-2010
Altamira do Paraná	0,45	0,63	0,58	40,00	-7,94	28,89
Araruna	0,52	0,51	0,40	-1,92	-21,57	-23,08
Barbosa Ferraz	0,60	0,58	0,48	-3,33	-17,24	-20,00
Boa Esperança	0,55	0,52	0,47	-5,45	-9,62	-14,55
Campina da Lagoa	0,55	0,61	0,46	10,91	-24,59	-16,36
Campo Mourão	0,54	0,56	0,50	3,70	-10,71	-7,41
Corumbataí do Sul	0,59	0,49	0,42	-16,95	-14,29	-28,81
Engenheiro Beltrão	0,51	0,59	0,43	15,69	-27,12	-15,69
Farol	0,53	0,61	0,49	15,09	-19,67	-7,55
Fênix	0,50	0,49	0,43	2,00	-12,24	-14,00
Goioerê	0,57	0,57	0,48	0,00	-15,79	-15,79
Iretama	0,51	0,62	0,58	21,57	-6,45	13,73
Janiópolis	0,58	0,51	0,50	-12,07	-1,96	-13,79
Juranda	0,57	0,59	0,44	3,51	-25,42	-22,81
Luiziana	0,62	0,54	0,48	-12,90	-11,11	-22,58
Mamborê	0,66	0,56	0,49	-15,15	-12,50	-25,76
Moreira Sales	0,52	0,53	0,44	1,92	-16,98	-15,38
Nova Cantú	0,58	0,62	0,48	6,90	-22,58	17,27
Peabiru	0,54	0,55	0,54	1,85	-1,82	0,00
Quarto Centenário	0,48	0,52	0,61	8,33	17,31	27,08
Quinta do Sol	0,60	0,51	0,44	-15,00	-13,73	-26,67
Rancho Alegre D'Oeste	0,66	0,44	0,44	-33,33	0,00	-33,33
Roncador	0,52	0,60	0,53	15,38	-11,67	1,92
Terra Boa	0,49	0,46	0,40	-6,12	-13,04	-18,37
Ubiratã	0,63	0,54	0,46	-14,29	-14,81	-26,98
Mais primários*	0,58	0,56	0,43	-3,45	-23,21	-21,82
Mais industrializados**	0,52	0,53	0,46	1,92	-13,21	-16,36
MRG Goioerê	0,56	0,55	0,49	-1,79	-10,91	-12,50
MRG Campo Mourão	0,55	0,55	0,47	0,00	-14,55	-9,62
MSR Centro Ocidental	0,55	0,55	0,48	0,00	-12,73	-17,24
Estado do Paraná	0,60	0,60	0,53	0,00	-11,67	-11,67

Fonte: Elaborada pelo autor com dados do IBGE/ PNUD, Censo 2010.

* Boa Esperança, Juranda, Luiziana, Mamborê e Quinta do Sol.

** Araruna, Campo Mourão, Engenheiro Beltrão, Rancho Alegre D'Oeste e Terra Boa.

Pires e Longo (2008) sustentam que os programas de transferência de renda são programas sociais com uma intervenção do governo na economia buscando resultados imediatos para combater a pobreza e a concentração de renda. Segundo Neves *et al.* (2014) é necessário uma maior participação do setor privado nos programas sociais e também eficiência na alocação e na distribuição de recursos que garanta aos indivíduos as suas necessidades básicas, interagindo os indivíduos na vida econômica moderna, necessário se faz salientar que nem sempre os programas sociais adotados pelo governo alcançam os resultados esperados devido a própria cultura das pessoas e das regiões.

Considerando o comportamento entre 2000 e 2010, o Índice de Gini que mede a concentração de renda medida, no município de Campo Mourão desacelerou caindo 0,06

pontos (de 0,56 para 0,50), significando que mesmo com a redução de 10,71% ao longo dos dez anos, a concentração de renda ainda é uma realidade local. Enquanto que na Mesorregião Centro Ocidental envolvendo os 25 municípios a queda foi de 0,07 pontos (de 0,56 para 0,48) no mesmo período representando uma queda de 12,73%.

Baseado nas informações do Censo de 2010, os municípios de Araruna e Terra Boa (0,40) são menos concentradores de renda logo em seguida os municípios de Corumbataí do Sul (0,42), Engenheiro Beltrão e Fênix (0,43). O menor índice de desigualdade é justificado, pelo bom nível educacional e emprego. Por outro lado, os pontos críticos estão localizados nos municípios de Quarto Centenário (0,61), de Altamira do Paraná/Iretama (0,58) e de Peabiru (0,54) que estão situados entre os municípios mais concentradores de renda da região.

Os municípios de Araruna, Engenheiro Beltrão e Terra Boa que são detentores dos melhores Índices de Gini e estão entre os municípios mais industrializados da região que é um forte aliado para a contribuição da redução das desigualdades.

Segundo Espínola *et al.* (2010) é inegável que o período recente do desenvolvimento do Brasil, tem sido marcado tanto pela redução da pobreza, como pela queda no nível de desigualdade econômica e social. Essa situação acontece na Mesorregião Centro Ocidental que foi beneficiada com redução de concentração de renda medida pelo índice de Gini. As quedas na mesorregião aconteceram nos períodos 2000-2010 e 1991-2010 (Tabela 28).

A média estadual do Índice de Gini (0,53) encontrada no ano de 2010 é superior a 84,0% dos municípios da mesorregião, apenas os municípios de Altamira do Paraná, Iretama, Peabiru e Quarto Centenário estão com índices superiores a média paranaense. Ressaltamos que os municípios mais primários e mais industrializados, além das microrregiões de Campo Mourão e Goioerê e da Mesorregião Centro Ocidental apresentam, também, Índices de Gini melhores que o Estado.

Como definir respostas a tantos questionamentos como a existência da pobreza, a concentração de renda e até mesmo, de consistência em suas políticas, essas discussões poderão revelar as necessidades de novas dinâmicas de gestão pública e privada para atração de novos investimentos e que provoque uma melhor distribuição espacial com atividades que representem oportunidades de reprodução social para a sociedade nessa região.

Os dados permitiram mostrar que 25% dos municípios (Altamira do Paraná, Iretama, Nova Cantú, Quarto Centenário e Roncador) da Mesorregião Centro Ocidental aumentaram o grau de concentração de renda na comparação 1991-2010. Os casos mais críticos estão localizados em Altamira do Paraná e Quarto Centenário que aumentaram suas variações me

28,29% e 27,08%, respectivamente. Lembramos que Altamira do Paraná é também o que tem taxas mais altas de esvaziamento demográfico.

Alguns destaques regionais são oportunos citar no presente estudo, como é o caso do município de Corumbataí do Sul que devido ao início do processo de industrialização que contribuiu para a redução dos níveis de concentração de renda nos três períodos de analisados, ou seja, 16,95% (1991-2000), 14,29% (2000-2010) e 28,81% (1991-2010), substancialmente pelo plantio do maracujá e a consequente comercialização e industrialização desse produto iniciada em meados da década de 2000.

Na Mesorregião Centro Ocidental identificamos que 28% dos municípios mantiveram elevados indicadores de concentração de renda, que chegaram a patamares de 50% ou mais no Índice de Gini desses municípios em relação ao ano de 2010, entre eles se encontra Campo Mourão que é maior e mais bem desenvolvido município da região. Os municípios com alto índice de Gini são vizinhos de outros municípios com a mesma característica, assim como os municípios com baixo índice de Gini são cercados por municípios nas mesmas condições.

A forma geográfica de povoamento dos municípios da Mesorregião Centro Ocidental pode ajudar a explicar em partes como vem apresentando altos e baixos níveis de concentração de renda entre os municípios, micro e mesorregião, medida pelo índice de Gini, comparamos a trajetória espacial do Índice de Gini dos anos 1991, 2000 e 2010, constatando que de fato, na variável desigualdade de renda, algumas localidades representam um caso a parte, pois dentro do processo de formação socioeconômica do Estado, é possível observar as distorções do desenvolvimento social dentro dos municípios paranaenses.

2.3.2 Valor adicionado da indústria de transformação das mesorregiões do Paraná

Levando em consideração a relevância da dinâmica econômica para se compreender a condição de vida social e as tendências de mobilidade da população, detalhamos nessa parte o comportamento espacial das atividades industriais, tomando por referência as mesorregiões geográficas. Iniciamos com dados referentes ao valor adicionado da indústria de transformação com o objetivo de mostrar a relevância econômica das mesorregiões paranaenses.

A indústria de transformação tem participação substancial na indústria do Paraná. A indústria do refino do petróleo é o segmento mais significativo, assim como a indústria automobilística e a indústria de alimentos tem grande influência no valor adicionado das

indústrias de transformação, num plano um pouco abaixo a indústria do cimento que é o mais relevante segmento da indústria mineral paranaense.

Tabela 29: Paraná. Mesorregiões Geográficas. Valor Adicionado da Indústria de Transformação em valores deflacionados a preços de 2012 das mesorregiões, período 2007-2012 (em R\$ 1.000,00)

MESORREGIÕES	VALORES DEFLACIONADOS (EM 1.000,00)					
	2007	2008	2009	2010	2011	2012
Centro Ocidental	430.772	528.429	460.130	588.429	642.556	585.374
Centro Oriental	4.996.704	5.398.374	4.997.455	5.298.800	5.882.439	6.256.374
Centro Sul	735.270	750.991	685.263	736.635	804.101	927.423
RMC	38.783.781	41.178.368	40.157.685	43.181.833	47.279.485	43.564.824
Noroeste	1.573.848	1.766.683	2.088.229	2.463.454	3.286.874	3.006.761
Norte Central	6.656.885	6.976.655	6.875.239	8.101.009	8.866.614	8.768.159
Norte Pioneiro	845.760	994.231	840.612	1.070.626	1.199.090	1.413.088
Oeste	2.527.195	2.952.028	2.803.056	3.155.253	3.653.546	3.599.083
Sudeste	980.920	900.180	777.547	888.551	951.752	933.348
Sudoeste	1.040.225	1.248.630	1.156.591	1.442.833	1.373.939	1.623.213
Estado do Paraná	58.571.361	62.693.668	60.793.828	66.927.364	73.940.395	70.677.647

Fonte: IBGE/Órgãos Estaduais de Estatística, Secretarias Estaduais de Governo, Suframa e Iparides.

Firkowski (2001) reafirma que os gêneros industriais predominantes no interior são qualitativamente diferenciados daqueles localizados na RMC. Nesse sentido, na nova fase da indústria paranaense se faz necessária atenção a perspectiva espacial de acordo com um processo para evitar as especificidades e generalizar para o conjunto do estado de mudanças que foram e são muito intensamente destinado a RMC daí resulta a maior participação do valor adicionado da indústria de transformação dessa região no contexto estadual.

Os maiores investimentos industriais destinados para a RMC dentro da espacialização das mesorregiões paranaenses, ratifica a supremacia daquela região em relação às demais do Estado, pois no ano de 2012 detinha 61,64% da totalização do valor adicionado das indústrias de transformação do Paraná, enquanto que a Mesorregião Centro Ocidental mostram a baixa participação na economia do Paraná representando 0,83% do total do Estado.

Seguindo a análise comparativa, as mesorregiões de menor representatividade (Centro Ocidental, Centro Sul, Norte Pioneiro, Sudeste e Sudoeste) que é a metade das mesorregiões do Estado respondem por 7,76% de participação, enquanto as mesorregiões Norte Central e Centro Oriental consideradas as mais industrializadas do interior representam 21,26% de participação e as mesorregiões: Noroeste e Oeste com nível médio de participação no valor adicionado das indústrias de transformação representando 9,34% da totalização.

Considerando os valores reais ou valores deflacionados, a evolução do valor adicionado da indústria de transformação entre 2007 e 2012 em um tratamento relativo (percentual), as mesorregiões paranaenses se comportaram assim:

- A Mesorregião Noroeste apresentou o melhor desempenho com o crescimento de 91,05% saindo de R\$1,57 bilhão em 2007 para R\$3,0 bilhões em 2012 em seguida a norte pioneiro com evolução de 67,01% que proporcionou uma elevação de R\$567 milhões.
- A Mesorregião Sudeste mostrou o desempenho negativo no período com queda de 4,85%; a RMC devido a sua estabilidade, estrutura e equilíbrio ao longo dos anos teve o segundo menor crescimento entre as mesorregiões atingindo 12,33% o que não diminui sua supremacia absoluta no Estado do Paraná.
- As mesorregiões Sudoeste (56,04%), Oeste (42,41%), Centro Ocidental (35,89%), norte central (31,72%) também apresentaram desempenho significativo no segmento, nessas regiões ressaltamos a participação efetiva dos municípios de Pato Branco, Francisco Beltrão, Toledo e Cascavel, Campo Mourão, Londrina e Maringá.
- Em um nível de crescimento de intensidade um pouco menor ficaram as mesorregiões Centro Oriental (25,21%) e Centro Sul (26,13%). Levando em consideração que o crescimento do valor adicionado da indústria de transformação do Estado atingiu a 20,67%. Inferiores ao crescimento do Estado ficaram as mesorregiões: RMC e Sudeste.

Os dados relacionados ao valor adicionado da indústria de transformação paranaense são essenciais para análises e aplicação de políticas para atração de novos investimentos e ao mesmo tempo estimular a entrada de empresas industriais e de serviços. Essas medidas visam estabelecer reforçar a integração regional para reduzir os baixos níveis de participação de regiões como a Centro Ocidental e Centro Sul que precisam buscar alternativas capazes de alavancar o desenvolvimento econômico e social.

Como já demonstramos na primeira parte, a indústria paranaense está bastante concentrada na RMC, a região Ponta Grossa-Castro que é a segunda maior concentração industrial seguida da região de Londrina-Maringá. Essas regiões participaram com destaque na indústria do Estado, tanto quantidade estabelecimentos e empregos industriais e com acentuada participação no valor adicionado.

O baixo índice populacional nas regiões do Estado do Paraná é reflexo direto nos resultados do valor adicionado na indústria de transformação. Para que essa análise seja desenvolvida e visualizada é prudente transformar em média por habitante que leva ao estudo do valor adicionado per capita.

Os resultados financeiros conhecidos através valor adicionado da indústria de transformação proporcionaram as possibilidades da criação de programas de incentivos fiscais do governo estadual para atração de investimentos industriais, que apesar de críticas do seu modelo é pertinente vetor nas transformações das estruturas da indústria paranaense. Em discussão anterior Tinoco (2001) ficou evidente que essas transformações, em parte, ocorreram com base em ramos intensivos em capital e em conhecimento e, em parte nos ramos intensivos em trabalho.

Uma forma de medir os indicadores econômicos é a média por habitante de determinada região, localidade e nação, por isso cuidamos de demonstrar o valor adicionado industrial das principais mesorregiões que se apresentam com atividades industriais mais intensas no Paraná (Figura 25).

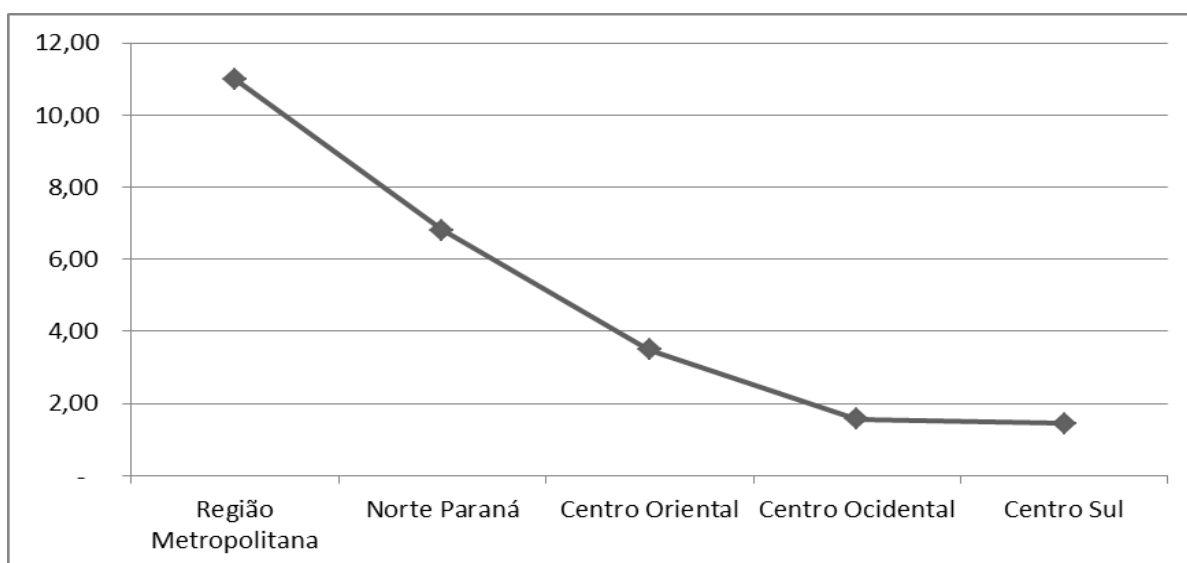


Figura 25: Mesorregiões. Valor adicionado per capita da indústria de transformação das principais regiões do Paraná, 2010 (em R\$)

Fonte: IBGE/Órgãos Estaduais de Estatística, Secretarias Estaduais de Governo, Suframa e Ipardes.

As regiões de maior número de habitantes como a RMC, Norte do Paraná e Centro Oriental possuem valor adicionado per capita superior ao das demais regiões. Com menor população do Estado, a Mesorregião Centro Ocidental tem o segundo menor valor adicionado per capita, comparando com a RMC a diferença é de R\$ 9,44.

Para o entendimento desse processo, um aspecto essencial é a distinção entre as indústrias de maior ou menor intensidade tecnológica. Para tanto, em função das diversas classificações, quer quanto aos próprios ramos industriais, quer quanto à intensidade

tecnológica, buscamos uma compatibilização das mesmas, tentando amenizar ao máximo os problemas de interpretação possíveis em função da diversidade de classificação existente.

Esses resultados sugerem avaliar o desenvolvimento das regiões e assim a Centro Ocidental que não apresenta indicadores que possam atender as necessidades reais de seus municípios, por isso como o valor adicionado per capita é um referencial determinante para a economia local e regional e a região superou a centro sul, pois os valores são baixos e refletem na produção, emprego, arrecadação de impostos e a ausência de um setor industrial mais fortalecido.

2.3.3 Valor Adicionado Bruto a preços básicos dos setores econômicos

Conhecer o valor adicionado dos municípios por setor permite identificar mais detalhadamente a sua inserção econômica atual. Dentro desse estudo dos setores econômicos que compõem o valor adicionado bruto a preços básicos quando analisado sob a ótica da produção mostram as realidades entre municípios essencialmente industriais ou daqueles rigorosamente primários. O valor adicionado dos setores de comércio e de serviços está com participação bem acima dos valores adicionados agropecuários e industriais (Tabela 30).

A análise do valor adicionado contribui para a visualização das diferenças existentes entre os municípios, dando condições de visualização mais relevante econômica, social e espacialmente, permitindo inclusive o estabelecimento de políticas públicas e estratégicas para o desenvolvimento das áreas mais carentes e com mais dificuldades de resultados para a cidade e para a região.

A estrutura produtiva nas duas microrregiões da Mesorregião Centro Ocidental é relativamente semelhante no tratamento e análise do valor adicionado bruto a preços básicos por setor. Considerando os valores de 2011, destacamos a maior participação da indústria na microrregião de Campo Mourão, notadamente com os municípios mais industrializados da região (Araruna, Campo Mourão, Engenheiro Beltrão, Rancho e Terra Boa).

A microrregião de Goioerê se destaca mais no setor agropecuário, apesar de que os municípios de Goioerê, Moreira Sales e Rancho Alegre D'Oeste tem desempenho satisfatório de acordo com os indicadores do setor industrial medidos pelo valor adicionado bruto a preços básicos ou Produto Interno Bruto por setor econômico (Tabela 30) . Os pontos comuns entre as duas microrregiões estão relacionadas ao setor de serviços que é o mais forte setor econômico na maioria dos municípios, regiões e país.

As diferenças nas economias municipais auxiliam na compreensão do comportamento da taxa de crescimento da economia dos municípios e das regiões paranaense entre 2007 e 2012. Nesse período o PIB a preços correntes e constantes cresceu em taxa real 4,53% na Mesorregião Centro Ocidental. Esta dinâmica de crescimento econômico da região mostrou bem a reação diante dos problemas econômicos internacionais, clima e economia regional com dificuldades, principalmente pelo peso da agropecuária e sua importância para as indústrias e para o comércio.

Conforme discussão anterior, o setor de serviços sustenta a maior participação entre os municípios da Mesorregião Centro Ocidental. Com uma economia mais bem distribuída estão os municípios de Araruna, Terra Boa, Engenheiro Beltrão, Goioerê, Moreira Sales, notadamente entre a agropecuária e a indústria que mantém expressiva participação no cenário econômico local (Tabela 30).

Tabela 30: Mesorregião Centro Ocidental. Participação dos setores econômicos no valor adicionado bruto a preços básicos, anos de 2010, 2011 e 2012 (%)

Localidade	PARTICIPAÇÃO DOS SETORES ECONÔMICOS EM RELAÇÃO DO VAB EM PERCENTUAL (%)								
	2010			2011			2012		
	Agropecuária	Indústria	Serviços	Agropecuária	Indústria	Serviços	Agropecuária	Indústria	Serviços
Altamira do Paraná	36,49	6,76	56,75	33,12	7,17	59,71	34,06	7,88	58,05
Araruna	20,91	31,42	47,67	25,14	28,65	46,21	27,81	25,03	47,16
Barbosa Ferraz	26,30	9,74	63,95	27,83	9,24	62,93	27,51	10,26	62,23
Boa Esperança	33,07	5,43	61,51	35,08	5,46	59,46	36,46	5,79	57,75
Campina da Lagoa	33,66	9,31	57,03	34,42	9,37	56,21	34,99	8,99	56,02
Campo Mourão	3,57	28,56	67,87	4,56	28,37	67,07	4,39	24,08	71,53
Corumbataí do Sul	39,63	6,89	53,47	37,38	7,02	55,60	33,54	8,60	57,86
Engenheiro Beltrão	20,16	18,27	61,56	24,58	19,41	56,01	24,83	15,54	59,64
Farol	35,83	15,71	58,54	42,26	5,15	52,59	36,84	6,42	56,74
Fênix	29,77	6,37	63,86	38,65	5,66	55,69	34,11	6,31	59,57
Goioerê	12,55	15,69	71,76	13,73	14,54	71,73	13,41	13,84	72,75
Iretama	31,06	9,19	59,75	29,13	9,67	61,20	38,93	8,36	52,71
Janiópolis	40,93	6,06	53,01	39,48	6,17	54,35	36,82	6,98	56,20
Juranda	24,72	5,21	70,07	24,60	5,31	70,09	26,81	5,79	67,40
Luiziana	43,13	4,79	52,08	43,39	4,86	51,75	43,00	5,26	51,74
Mamborê	25,14	5,69	69,16	29,45	5,39	65,16	27,10	6,11	66,79
Moreira Sales	24,22	17,68	58,10	26,50	15,02	58,48	26,49	10,50	63,01
Nova Cantú	41,02	6,05	52,92	38,84	6,20	54,96	41,57	6,54	51,89
Peabiru	24,01	8,26	67,74	28,64	7,95	63,41	29,72	8,37	61,91
Quarto Centenário	36,73	12,10	51,17	41,02	11,17	47,81	40,02	12,12	47,86
Quinta do Sol	38,35	5,29	56,36	38,89	5,27	55,84	36,21	6,23	57,56
Rancho A. D'Oeste	40,52	18,73	40,75	43,63	16,37	40,00	37,77	19,66	42,57
Roncador	27,87	6,97	65,16	31,28	6,72	62,00	32,98	6,77	60,25
Terra Boa	20,74	22,39	56,87	24,53	23,11	52,36	28,28	20,92	50,80
Ubiratã	23,09	16,60	60,31	27,82	11,62	60,56	26,29	12,57	61,14
Mais primários*	35,51	7,75	59,26	37,28	5,15	57,57	32,14	5,85	62,01
Mais industrializados**	16,35	25,16	58,49	19,70	24,89	55,41	11,86	22,90	65,24
MRG de Goioerê	26,20	12,37	61,43	27,89	10,81	61,30	27,83	10,79	61,38
MRG Campo Mourão	15,78	20,28	63,94	18,37	19,85	61,78	19,04	17,22	63,74
MSR Centro Ocidental	19,23	17,66	63,11	21,51	16,87	61,62	22,05	15,02	62,93
Estado do Paraná	8,48	27,45	64,07	8,68	27,27	64,04	9,22	24,54	66,24

Fonte: IBGE/Órgãos Estaduais de Estatística, Secretarias Estaduais de Governo, Suframa e Iparde

* Boa Esperança, Juranda, Luiziana, Mamborê e Quinta do Sol.

** Araruna, Campo Mourão, Engenheiro Beltrão, Rancho Alegre D'Oeste e Terra Boa.

Continuando a análise setorial, no ano de 2012 o espaço econômico industrial foi superior ao espaço agropecuário somente nos municípios de: Campo Mourão e Goioerê, sendo que Goioerê não figura como componente dos mais industrializados, ao passo que Araruna, Engenheiro Beltrão, Rancho Alegre D'Oeste e Terra Boa estão entre os municípios mais industrializados da região com elevados índices de participação no valor adicionado bruto a preços básicos, porém inferiores aos indicadores do setor agropecuário.

Entre o grupo de municípios mais industrializados região, destacamos os municípios de Araruna e Terra Boa devido à relevância na economia local. O primeiro com participação industrial superior ao setor agropecuário nos anos 2010 e 2011 e o segundo a indústria foi superior somente em 2010, mas sempre estiveram entre os mais industrializados.

O município de Campo Mourão devido a intensidade do grau de urbanização (94,82%) é um dos mais elevados do Estado em consequência com participação de 4,39% da agropecuária do valor adicionado bruto a preços básicos em 2012. Entretanto o município de Goioerê é o mais representativo da mesorregião no setor de serviços com participação de 72,75% seguido de Campo Mourão com 71,53% de participação no valor adicionado (Tabela 30).

De outro lado, a mesorregião tem dados pouco significativos no setor industrial. Com referência ao período 2010-2012, em média 61,33% dos municípios com participação menor de 10% do valor adicionado bruto a preços básicos entre os setores econômicos. Enquanto isso, o Paraná está se fortalecendo cada vez mais no setor secundário, explicado, principalmente, pelo desempenho das indústrias de transformação que espacialmente estão em sua maioria estabelecidas na RMC, com tendências espacial, seletiva e pontual.

No caso da agricultura constatamos aumentos das quantidades produzidas de grãos, basicamente milho e soja em toda a região. Ocorre, também, um papel relevante na disseminação da cultura de frutas em localidades onde predominava a agropecuária tradicional, como é o caso do plantio de maracujá que já passa por um período inicial de industrialização na cidade de Corumbataí do Sul e em outros municípios do entorno.

A pecuária registrou expansão, estimulada pelo aumento na produção, principalmente de aves devido a instalação de frigoríficos de grande porte nas cidades de Campo Mourão e Ubitatã, respondendo ao desenvolvimento dos mercados interno e externo de carnes e acrescentando no valor adicionado desses municípios devido as próprias características desse segmento.

Por outro lado, identificamos municípios com participação industrial muito reduzida, como é o caso do município de Altamira do Paraná com relevo não adequado a expansão da

agricultura modernizada e que depende basicamente da agropecuária e do comércio, as indústrias existentes são de pequeno porte. Outros municípios pequenos com baixa participação industrial, mas que por deterem uma topografia mais favorável ao cultivo de lavouras mecanizadas tem potencialidades capazes de obtenção de renda mais elevada, como é o caso de Boa Esperança, Juranda e Rancho Alegre D'Oeste.

O setor de serviços nos anos de 2010, 2011 e 2012 detém, em média, cerca de 60% de participação no valor adicionado bruto, ao passo que o setor secundário a participação em torno de 17%. No setor agropecuário responde por cerca de 20% de participação do valor adicionado bruto que é superior ao desempenho do Estado aproximadamente 10%. A microrregião de Goioerê tem no setor da agropecuária como sua segunda maior participação no valor adicionado e a microrregião de Campo Mourão o setor da agropecuária ocupa a terceira colocação.

Em análise sobre o valor adicionado bruto a preços básico de 2012, o setor de serviços detém os maiores índices de participação nos municípios da Mesorregião Centro Ocidental. O valor adicionado bruto a preços básico da indústria é mais expressivo na microrregião de Campo Mourão, no entanto para os municípios mais industrializados é levemente menor que a média do Estado do Paraná (Tabela 30).

Como destacado anteriormente as indústrias são responsáveis pela entrada de outros setores econômicos, os quais proporcionam novos investimentos com instalações e ampliações de empresas fornecedoras de insumos para transformação, além de ampliar a estrutura de recursos humanos e estes precisam de recursos para sobrevivência (alimentação, moradia, lazer e etc.). Essa prática possibilita a movimentação de outros setores, aumenta a arrecadação de impostos, o setor público investe em infraestrutura e adequa a racionalidade espacial promovendo uma cadeia produtiva, além de estabelecer uma nova ordem cultural, econômica e espacial.

Além do valor bruto da produção, a Organização de Desenvolvimento Industrial das Nações Unidas (Unido) trabalha com o índice de competitividade industrial. Com base nele é possível avaliar de forma mais abrangente a importância da indústria e seu grau de desenvolvimento tecnológico.

O índice de competitividade é composto pela capacidade industrial; capacidade de exportação de produtos industrializados; intensidade de industrialização e qualidade da exportação. Nesse ponto as indústrias alocadas na cidade de Campo Mourão estão mais próximas dessa realidade atual com unidades industriais exportadoras de tecnologias mais

avançadas devido as condições econômicas e financeiras em relação aos demais municípios da região.

Entretanto, as atividades agrícolas, o comércio e os serviços não funcionariam caso não existisse a indústria. A agricultura moderna utiliza ferramentas, sementes selecionadas, adubos, inseticidas, máquinas e diversos outros insumos produzidos industrialmente; as diversas lojas existentes nas cidades - de roupas, sapatos, eletrodomésticos, automóveis, móveis etc., além de supermercados e farmácias, não teriam mercadorias para vender caso não existisse a indústria de bens de consumo.

À medida que uma cidade cresce industrialmente perde trabalhadores vinculados a agricultura em função das possibilidades de melhor condição de vida nos espaços urbanos. As cidades mais industrializadas e que prepararam melhor infraestrutura e absorção de tecnologias tiveram o valor adicionado industrial em patamares mais elevados. Apesar de que a crescente automatização tem reduzido relativamente o número de pessoas empregadas na indústria.

A assimetria de distribuição geográfica do trabalho pode ser interpretada pela decisão de localização das indústrias e pela mobilidade da mão-de-obra, fatores cruciais para explicar o processo contraditório entre países, regiões e municípios ricos e pobres, (POCHMANN, 2001).

A partir das leituras de Henri Lefebvre e Milton Santos, as tendências à urbanização integral do território são evidentes, reunindo situações provenientes de diferentes origens e condições de modernização que registram o espaço de forma seletiva e incompleta. Essas condições, ou estímulos modernizadores, dependem de como se comportam os diversos contextos históricos e geográficos nas várias escalas de integração socioespacial econômica e socioespacial.

Detectamos que mesmo nas cidades de Campo Mourão, Araruna, Goioerê, Ubitatã, Engenheiro Beltrão e Terra Boa onde estão as indústrias mais avançadas da região, a maioria dos trabalhadores está empregada no setor de serviços. Quanto mais avançada uma economia, menos trabalhadores são empregados na indústria e mais nos serviços. Nesse contexto, observamos que o setor de serviços, inclusive administração, saúde, educação (públicas) e seguridade social representam as maiores participações no valor adicionado bruto devido ao elenco de componentes mais diversificados que os setores agropecuário e industrial.

Para essa contextualização, Lemos (1988) considera o centro urbano que apresenta um setor de serviços com maior peso e maior participação na economia local, de modo que o processo de urbanização implica necessariamente uma terciarização da economia, assim:

[...] podemos afirmar que o conceito de urbanização confunde-se com o de terciarização e que consiste na gradual, embora progressiva, mercantilização do setor serviços. E [...] dada sua restrição espacial, os serviços, na medida em que se desenvolvem capitalistamente, trazem necessariamente um movimento de urbanização, isto é, concentração de atividades terciárias nas cidades. (LEMOS, 1988. p.288).

Enquanto cidades fragmentadas, Campo Mourão, Araruna, Goioerê, Ubiratã, Engenheiro Beltrão e Terra Boa seguem uma tendência nacional de crescimento do grau de urbanização, embora apresente suas especificidades, principalmente nos ramos industriais. “Destacam-se duas características neste fenômeno: o turbilhão demográfico e a terciarização” (SANTOS, 2005, p. 9).

Isso reflete na mensuração que o desenvolvimento da Região Sul ocorre neste impacto desenvolvimentista, seja no tocante às melhorias de infraestrutura ou nas mudanças nos sistemas de engenharia e sociais. Segundo Käsmayer (2009), a partir dos anos 1940 e 1950, introduz-se a lógica da industrialização, com um significado não apenas de criação de atividades industriais, mas de todo o processo social que vai desde a formação de um mercado nacional, com o equipamento do território para integrá-lo, até a expansão do consumo, “o que impulsiona a vida de relações (leia-se terciarização) e ativa o processo de urbanização” (SANTOS, 2005, p. 30).

2.3.4 Valor Adicionado Fiscal dos municípios da Mesorregião Centro Ocidental

Um dos pontos mais relevantes para o setor industrial está pautado na participação dos municípios no Valor Adicionado Fiscal (VAF) que reflete da arrecadação do ICMS. Considerando as dez maiores empresas da região, as indústrias de Ubiratã e Moreira Sales representam 70%, Corumbataí do Sul 50%, Engenheiro Beltrão 39%, Goioerê 28,89%, Campo Mourão 24,73% e Campina da Lagoa 10% do VAF das indústrias desses municípios.

Em relação aos 25 municípios da mesorregião, buscamos apoio do Iparde (2013) para identificar de uma visão mais ampla, a participação das indústrias no VAF (com a inclusão de todos os setores econômicos) dos municípios da região (Figura 26).

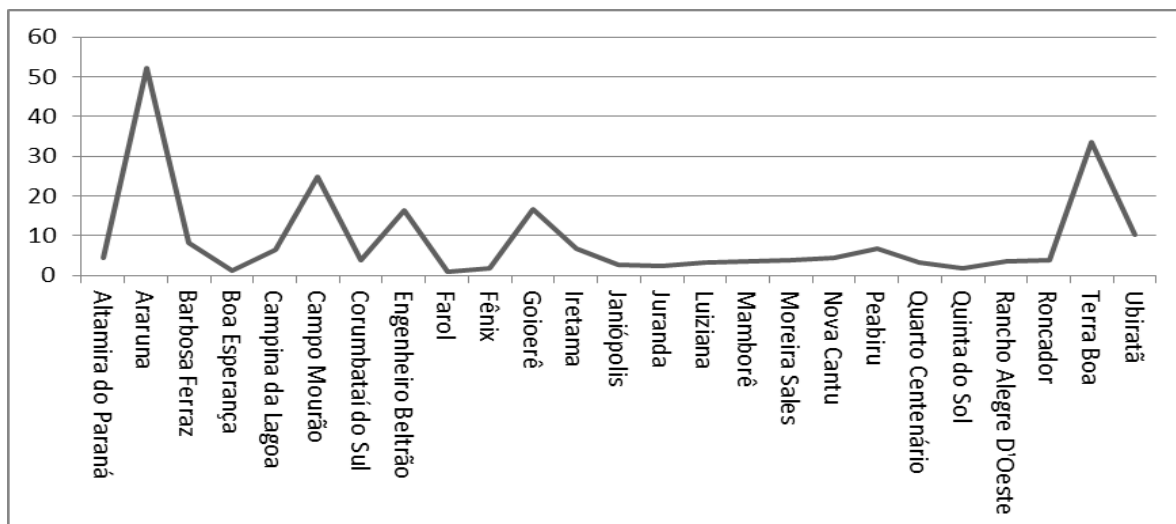


Figura 26: Mesorregião Centro Ocidental. Participação industrial no Valor Adicionado Fiscal total dos municípios (Divisões da CNAE 2.0), 2013

Fonte: IparDES

A indústria com participação mais expressiva no valor adicionado fiscal total se encontra nos municípios de Araruna (52,11%), Terra Boa (33,62%), Campo Mourão (24,73%), Goioerê (16,67%) e Ubiratã (10,32%).

Como resultado desses dados, de acordo com a Classificação Nacional de Atividades Econômicas (CNAE 2.0) a fabricação de produtos alimentícios é significativa na composição do VAF através das principais indústrias dos municípios de: Araruna (24,35%), Campo Mourão (25,86%), Terra Boa (46,6%), Goioerê (43,81%) e Ubiratã (63,3%). Na cidade de Engenheiro Beltrão a fabricação de derivados de petróleo e de biocombustíveis é a principal contribuição do VAF total do município.

A fabricação de confecções de artigos do vestuário e assemelhados também assume relevância em vários municípios da região, caso de Engenheiro Beltrão (65,33%). Na avaliação do valor adicionado fiscal dos segmentos em relação ao seu total. Esses segmentos assumem relevância em vários municípios da região, caso de Terra Boa (36,98%), Goioerê (23,71%).

Na cidade de Araruna o ramo de móveis com 65,41% é a maior participação entre os segmentos das principais cidades industriais da região. Com participação média de 15,82% o segmento eletricidade, gás e outras utilidades foi destaque nas cidades de Campo Mourão, Engenheiro Beltrão, Goioerê e Ubiratã. Assim como a fabricação de máquinas e equipamentos; produtos eletrônicos e ópticos; e captação, tratamento e distribuição de água também é destaque.

Diante das ponderações de cunho econômico expostas nesse item, passamos para o estudo dos indicadores sociais da Mesorregião Centro Ocidental.

2.4 MESORREGIÃO CENTRO OCIDENTAL E OS INDICADORES SOCIAIS

Dentro das reflexões relacionadas e a ampla gama de questões que os indicadores sociais provocam, para elaboração desse item buscamos analisar inserindo exaustivos levantamentos e estudos de dados disponíveis para os municípios e região. Examinamos o contexto social que originou a sua construção e o debate sociológico que os envolve, para isso selecionamos os indicadores sociais que mais podiam nos auxiliar e contribuir para a pesquisa proposta.

O texto tem um caráter analítico de acordo com as informações dos institutos oficiais, e vale aqui chamar atenção para o fato de que não procuramos esgotar o assunto em questão devido a sua extensão.

Devemos ressaltar a existência de espaços concentradores de resultados não tão favoráveis quanto aos indicadores sociais que abrange parte da população pobre das localidades da região como é o caso dos municípios de relevo acidentado, como Altamira do Paraná, Corumbataí do Sul, por exemplo, uma vez que seus moradores têm dificuldade para consumir e circular no espaço urbano, sobretudo no exercício das atividades.

Santos (1982) supera a polêmica do espaço enquanto um fator, instância da sociedade ou mero reflexo dessa, apresentando-o como um fato social, e requerendo, para descrição de suas particularidades o reconhecimento de seu papel na sociedade. Assim, uma teoria do espaço está submetida a uma teoria da sociedade.

São várias as tentativas de criar indicadores para apreender as diferenças sociais. Utilizaremos nessa parte algumas dessas iniciativas com o objetivo de detalhar a condição de vida da sociedade que vive na região que estamos analisando. Segundo Jannuzzi (2001), estes dados se prestam a subsidiar as atividades de planejamento público e formulação de políticas sociais nas diferentes esferas de governo; como possibilitam o monitoramento das condições de vida e bem-estar da população por parte do poder público e da sociedade civil e, também, nas possibilidades que permitem aprofundamento da pesquisa acadêmica sobre a mudança social e sobre os determinantes dos diferentes fenômenos sociais.

As condições sociais e econômicas implicam diretamente na condição de vida da população nos espaços territoriais onde vive e a evolução tecnológica é determinante no processo de crescimento e desenvolvimento das localidades, regiões e nação e os conflitos culturais, econômicos e interesses são praticamente inevitáveis. Nesse prisma Zanella (2006) entende que a tecnologia e seu uso são determinados pela lógica capitalista e esta, por sua vez, é controlada pelo capital. Com isso, o processo de produção prioriza o capital, em detrimento do trabalho e do emprego, gerando a precarização do trabalhador. Independente dessa dinâmica, ressaltamos que a perversidade não está no avanço tecnológico propriamente dito, mas sim o modo capitalista que não é nada humanizador.

A motivação em trazer os indicadores sociais ocorre no intuito da capacidade de sintetização que eles possibilitam acerca das condições humanas e sociais e sobre as diferenças regionais quanto a elas. Eles tornam possível a análise das dimensões para a escala territorial ampla que adotamos como foco que é o regional. Esperamos que na análise dos dados coletados seja possível identificar que mesmo semelhantes, os problemas interferem de modo bastante peculiar em cada município da região. Começamos com alguns dados relativos ao nível educacional da população da região e seguimos com indicadores de alfabetização, IDHM e Índice de Exclusão Social que apresentamos como dissemos anteriormente, uma realidade regional.

2.4.1 Nível educacional e as taxas de alfabetismo

A partir de 1920 as proporções de alfabetizados da população têm crescido de maneira estável. Da metade deste século em diante, a população mostra crescimento acelerado, mas o volume de analfabetos se mantém relativamente constante. A constância desse volume, em parte, pode ser explicada pela manutenção dos analfabetos de gerações passadas na população. Quando o ensino, especialmente o escolar, focaliza quase que exclusivamente a população jovem, torna-se, após certa idade, difícil aos adultos reverter sua condição de analfabeto (SOUZA, 1969).

O indicador para anos de estudo, reflete a potencialidade da população na busca de qualificação, não somente para o mercado de trabalho, mas, sobretudo pela capacitação intelectual, política e cidadania que no seu conjunto venham contribuir para melhorar os níveis de desenvolvimento das localidades, da região e do país.

Estaremos, a seguir, abordando sobre nível educacional quanto aos alfabetizados e os anos de estudos da população dos municípios da Mesorregião Centro Ocidental (Tabela 30), antes, porém teceremos algumas considerações iniciais sobre a temática:

Assim, segundo Souza (1969) o envelhecimento de uma geração de analfabetos pode, nesse caso, ser considerado o componente demográfico da manutenção do analfabetismo. Entretanto, para ser mantido no tempo, o estoque de analfabetos exige reposição, ou seja, o surgimento de novos analfabetos nas gerações mais novas. Além dos aspectos essencialmente relacionados à dinâmica demográfica, o analfabetismo está também relacionado na produção de novos analfabetos.

Conforme relato de Lourenço Filho (1965), do início até meados do século XX, uma grande parte dos brasileiros ainda era analfabeta. Em 1900, a população brasileira era de 17,4 milhões dos quais 65,3% daqueles que tinham quinze anos ou mais não sabiam ler e escrever. Em 1950, a população havia crescido para 51,9 milhões de habitantes, e a metade dos que tinham, no mínimo, quinze anos, era analfabeta.

Alguns dos problemas levantados no tocante a educação brasileira de modo geral foram objeto de certo número de pesquisas e estudos nas mais diversas áreas da academia brasileira, alguns por certo publicados, enquanto outros ainda ficaram somente nos ensaios e como diz Milton Santos e uma de suas obras, “não puderam tomar uma forma definitiva” (SANTOS, 1988, p. 4).

A seguir os dados da alfabetização e dos anos de estudos e a comparação entre os municípios mais e menos industrializados e as diferenças entre as microrregiões (Tabela 31).

No Paraná, segundo o IBGE (2013) o analfabetismo apresentou quedas de desempenho nas décadas de 1990, 2000 e 2010. Entre 1990 e 2010 o analfabetismo do Estado caiu 38,26%, enquanto que na Mesorregião Centro Ocidental a redução foi, ainda, mais relevante atingindo a 47,64%.

Por outro lado, o Censo Demográfico de 2010 indicou que a população alfabetizada no Paraná, baseada na faixa etária acima de 15 anos equivale a 8,0 milhões e/ou 93,87% de pessoas. De outro lado, na condição de analfabetos se encontravam cerca de 490 mil e/ou 6,13% de pessoas. A taxa de analfabetismo nas regiões metropolitanas foi de 3,99% e nas demais regiões do Estado atingiu o patamar de 7,89% em 2010 (IBGE, 2013).

Tabela 31: Mesorregião Geográfica Centro Ocidental. Participação de alfabetização e anos de estudos da população dos municípios da região, em 2010

LOCALIDADE	POPULAÇÃO ALFABETIZADA (%)	ANOS DE ESTUDO
Altamira do Paraná	84,40	9,13
Araruna	91,00	10,77
Barbosa Ferraz	85,70	11,08
Boa Esperança	87,70	10,73
Campina da Lagoa	88,30	10,47
Campo Mourão	93,30	10,39
Corumbataí do Sul	82,50	8,50
Engenheiro Beltrão	91,20	9,92
Farol	86,60	10,79
Fênix	87,80	10,94
Goioerê	90,30	10,88
Iretama	85,00	10,55
Janiópolis	83,80	10,01
Juranda	88,90	11,14
Luiziana	86,80	9,71
Mamborê	90,00	10,65
Moreira Sales	85,60	10,92
Nova Cantú	84,60	10,45
Peabiru	90,40	9,69
Quarto Centenário	88,40	10,07
Quinta do Sol	85,00	8,90
Rancho Alegre D'Oeste	87,40	10,91
Roncador	85,90	10,21
Terra Boa	92,10	11,41
Ubiratã	91,10	10,27
Mais primários*	86,83	10,14
Mais industrializados**	91,90	10,62
Microrregião de Goioerê	87,32	10,45
Microrregião Campo Mourão	88,09	10,25
Mesorregião Centro Ocidental	87,75	10,34
Estado do Paraná	94,20	10,43

Fonte: IBGE/ Atlas do Desenvolvimento Humano do Brasil, Censo 2013.

* Boa Esperança, Juranda, Luiziana, Mamborê e Quinta do Sol.

** Araruna, Campo Mourão, Engenheiro Beltrão, Rancho Alegre D'Oeste e Terra Boa.

A Mesorregião Centro Ocidental foi sustentada por 87,75% de pessoas alfabetizadas indicando taxas inferiores em relação ao Estado. As taxas de alfabetismo se sobressaem nos municípios mais industrializados da região e apresenta indicadores próximos a média do Estado. Apenas o município de Campo Mourão se apresenta com taxas praticamente iguais a média do Estado. Entretanto, o município de Corumbataí do Sul e de forma geral os municípios menos industrializados se apresentam com as menores taxas de alfabetizados.

O que se verifica é que a intensificação do processo de urbanização e o crescimento demográfico, combinados com o crescimento da renda *per capita*, foram acompanhados pela diminuição da taxa de analfabetismo. Assim, segundo Lourenço Filho (1965) a urbanização e

a industrialização foram fatores que influenciaram a escolarização da população. Entre os anos 1920 e 1940, a taxa de urbanização dobrou e o analfabetismo sofreu uma sensível queda.

A medição da desigualdade regional, de acordo com Lima (2011) apresenta desafios particulares, uma vez que, ao contrário dos estudos sobre desigualdade entre indivíduos, as medidas comuns de concentração e dispersão nem sempre mostram um resultado coerente com a realidade a ser estudada, nesse prisma a elevação dos níveis educacionais é prioridade a ser colocadas na pauta das metas de desenvolvimento dos municípios independentemente de seu tamanho.

Como indicador, a taxa de alfabetização não se limita a sintetizar a capacidade média de acesso à cultura escrita, podendo também representar o perfil educacional básico de uma população, pois o aprendizado da escrita ocorre simultaneamente ao aprendizado de outras habilidades intelectuais (SOARES; ROCKWELL, 1985). Vemos nesse caso uma participação mais efetiva dos municípios com potencial de industrialização sobressaírem-se em relação aos municípios menos industrializados.

Complementando essa análise com sentido mais exploratório sobre os níveis de alfabetização, constatamos que na mesorregião a média de anos de estudos (10,34 anos) - nos municípios mais industrializados (10,62 anos). O município de Terra Boa com 11,41 anos de estudos se consolidou com o maior índice entre os 25 municípios da mesorregião. Na comparação com Estado (10,43anos). Os dados do IBGE mostram que 48% dos municípios, inclusive Campo Mourão o tempo de estudos atingiu indicadores inferiores a média estadual.

Apesar de ser ainda insuficiente, a região despertou para o problema, empenhando-se por incorporar cada vez mais em um contingente maior de pessoas na escola. Tal processo se completará quando em todos os municípios priorizarem investimentos e estratégias para a permanência da criança e do jovem da escola.

Apesar dos níveis significativos de alfabetização da população de alguns municípios da mesorregião em estudo, ainda resta municípios com baixos níveis de alfabetização e com taxas de analfabetismo consideráveis que serão tratados na análise a seguir (Tabela 32).

A taxa de analfabetismo, geralmente, é calculada para toda a população com pessoas de 15 anos ou mais de idade, englobando nessa avaliação toda a história do sistema de educação. O desenrolar de políticas para o ensino básico para auxiliar na formulação de políticas de alfabetização de adultos remete a analisar a taxa de analfabetismo por faixa etária e ainda,

“Como o maior número de analfabetos concentra-se nas idades mais velhas, uma população mais envelhecida pode ter uma taxa de estrutura etária que está embutido nesta

taxa. Como o maior número de analfabetos concentra-se nas idades mais velhas, uma população mais envelhecida pode ter uma taxa de analfabetismo mais alta que outra mais jovem, mesmo que elas tenham as mesmas taxas por grupos etários” (INEP/CEDEPLAR, 2005, p. 105).

Tabela 32: Mesorregião Geográfica Centro Ocidental. Taxas de Analfabetismo, 2010 (em percentual)

	TAXA DE ANALFABETISMO DE 15 ANOS OU MAIS				TAXA DE ANALFABETISMO DE 50 ANOS E MAIS			
	1991	1996	2000	2010	1991	1996	2000	2010
Altamira do Paraná	28,73	22,28	23,33	18,04	59,61	56,70	55,43	37,07
Araruna	20,50	16,80	13,77	9,77	47,38	47,63	34,45	23,87
Barbosa Ferraz	31,19	26,06	22,87	15,40	61,00	57,53	47,80	33,80
Boa Esperança	23,19	16,58	14,93	14,14	55,18	51,04	37,45	30,98
Campina da Lagoa	24,00	19,97	18,29	12,34	55,03	53,26	42,42	28,60
Campo Mourão	16,54	12,37	10,68	6,99	42,45	38,23	30,13	19,50
Corumbataí do Sul	29,24	29,09	23,28	19,38	58,05	63,24	53,43	40,17
Engenheiro Beltrão	18,24	16,04	13,99	9,45	41,21	43,40	33,69	23,32
Farol	0,00	22,33	21,76	14,90	0,00	54,40	54,00	35,07
Fênix	20,26	20,43	19,10	13,57	45,59	51,56	43,90	27,40
Goioerê	21,24	17,48	13,83	9,13	49,23	48,05	34,86	25,04
Iretama	30,86	25,37	22,16	16,63	61,34	55,63	47,47	34,97
Janiópolis	25,94	23,13	21,13	17,44	55,05	56,90	45,62	35,52
Juranda	22,06	18,22	14,66	11,31	54,58	52,42	40,19	28,24
Luiziana	27,64	23,39	19,32	15,57	59,77	58,28	46,41	36,68
Mamborê	19,76	14,66	13,75	10,82	47,80	41,34	35,51	25,47
Moreira Sales	25,51	24,89	19,70	14,89	55,14	58,72	42,82	31,79
Nova Cantú	26,93	23,10	19,16	18,27	55,50	59,33	46,13	37,05
Peabiru	21,25	17,93	15,27	9,72	44,70	44,97	36,05	23,67
Quarto Centenário	0,00	0,00	20,02	14,02	0,00	0,00	48,62	30,77
Quinta do Sol	25,01	24,61	21,59	16,77	49,45	56,16	47,38	39,48
Rancho Alegre D'Oeste	0,00	18,86	17,70	14,89	0,00	51,97	45,42	30,31
Roncador	24,80	21,47	18,60	15,00	51,44	52,86	42,54	34,57
Terra Boa	22,46	16,74	15,33	8,72	50,95	45,32	37,46	22,60
Ubiratã	18,87	16,98	15,09	8,55	47,42	48,94	38,27	23,10
Mais primários*	24,90	22,14	19,33	14,64	54,60	55,32	47,00	34,87
Mais industrializados**	19,44	15,49	13,44	8,73	45,50	43,65	33,93	22,32
Microrregião de Goioerê	24,05	20,15	17,99	12,11	54,08	53,73	43,39	30,77
Microrregião Campo Mourão	23,67	20,52	17,96	10,24	50,86	50,75	42,16	30,04
Mesorregião Centro Ocidental	23,83	20,37	17,97	10,89	52,18	52,00	42,70	30,36
Estado do Paraná	14,85	11,12	9,53	6,13	35,59	31,81	25,34	15,89

Fonte: Ministério da Saúde, Datasus/população analfabetizada e IBGE. e Iparides

* Boa Esperança, Juranda, Luiziana, Mamborê e Quinta do Sol.

** Araruna, Campo Mourão, Engenheiro Beltrão, Rancho Alegre D'Oeste e Terra Boa.

As taxas de analfabetismo na Mesorregião Centro Ocidental e nos municípios são elevadas em comparação com as taxas de analfabetismo paranaense. A Tabela 32 mostra a taxa de analfabetismo dos municípios da mesorregião especificamente nas faixas etárias de 15 anos e mais e de 50 anos e mais. Os efeitos comparativos nas duas faixas etárias estão destacados nessa avaliação.

Ressaltamos que os municípios de menores taxas de analfabetismos na faixa etária 15 anos ou mais em relação a 2010 são pela ordem: Campo Mourão, Ubitatã, Terra Boa e Engenheiro Beltrão. Os municípios mais industrializados nessa faixa etária levam grande vantagem sobre os municípios mais primários. As menores taxas de analfabetismos na faixa etária de 50 anos e mais, pela ordem são: Campo Mourão, Terra Boa, Ubitatã e Engenheiro Beltrão. Os municípios mais industrializados nessa faixa etária superaram os mais primários.

Os melhores indicadores nas faixas etárias de 15 e de 50 anos de estudos e mais, estão em poder de quatro municípios (Campo Mourão, Ubitatã, Terra Boa e Engenheiro Beltrão) da mesorregião, apenas variando a ordem de classificação entre uma faixa etária e outra. Além disso, os dados mostraram a relevância dos municípios mais industrializados em comparação aos mais primários com os mais baixos índices de alfabetização.

Os níveis existentes de analfabetismo trazem como pressuposto a necessidade de elevar as taxas de alfabetização para melhorar a condição e competitividade do trabalhador no mercado de trabalho, o que não garante uma geração de empregos industriais na mesma proporção da elevação dos melhores níveis de educação.

Os municípios de Barbosa Ferraz, Iretama, Corumbataí do Sul e Altamira do Paraná, pela ordem foram os piores desempenhos entre os 1991 e 2010, a concentração maior de analfabetos com as taxas mais elevadas na faixa etária de 15 anos e mais, enquanto que na faixa etária da população mais adulta de 50 anos e mais, Corumbataí do Sul, Quinta do Sol, Altamira do Paraná e Luiziana foram os municípios que apresentaram os piores resultados. Nessa condição a microrregião de Campo Mourão detém $\frac{3}{4}$ dos municípios. Os dados são relevantes para o diagnóstico que será apresentado ao término da pesquisa. Os melhores indicadores estão centralizados no município de Campo Mourão.

Além das diferenças entre as microrregiões e os municípios e grupos etários, as taxas de alfabetização também diferem entre os grupos específicos, como sexo. Nessa ótica, de acordo com DATASUS (2010) e IBGE - Censo de 2010, a faixa etária mais jovem de 15 a 24 anos a categoria de sexo feminino (0,67%) é menor que a do sexo masculino (1,62%), porém nas demais faixas etárias para o sexo masculino as taxas são inferiores a feminino, notadamente a partir dos 60 anos de idade, como exemplo, com 80 e mais anos as pessoas do sexo feminino atingiu a 58,81% de analfabetismo contra 43,99% do sexo masculino.

Essa preocupação debatida sobre os níveis de escolaridade continua sendo uma variável capaz de promover mudanças nos níveis de desenvolvimento e estará intrinsecamente atreladas aos níveis de desenvolvimento humano a ser retratado no próximo item.

2.4.2 Índice de Desenvolvimento Humano Municipal – IDH-M

O IDH-M é uma adaptação do IDH⁴⁸, composto por três áreas do desenvolvimento humano: vida longa e saudável (longevidade), acesso ao conhecimento (educação) e padrão de vida (renda), confrontando com as características do município e a demografia. O Índice de Desenvolvimento Humano Municipal (IDH-M) vai de 0 a 1: quanto mais próximo de zero, pior o desenvolvimento humano, quanto mais próximo de um, melhor e são classificados de acordo com a Faixa de Desenvolvimento Humano Municipal estabelecido pelo Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD). Esta tipologia, além de propiciar maior confiabilidade ao processo analítico, permite comparações inter-regionais e no interior de uma região; possibilitando, principalmente ao gestor municipal, melhores condições de atendimento no esforço por sustentabilidade do processo de desenvolvimento.

Cada dimensão do IDH-M tem sua importância e aplicabilidade como função de governo para atender a demanda da população por uma melhor qualidade de vida. Na dimensão educação é função de governo os investimentos e acompanhamento na qualidade do ensino, da cultura, da ciência e tecnologia e do desporto e lazer. Na longevidade cada vez mais o governo deve ampliar programas para melhoramento na segurança pública, assistência social, previdência social, saúde, urbanismo, saneamento básico, gestão ambiental e agricultura. Em relação a dimensão renda, um dos sérios problemas da sociedade é a de encontrar alternativas para o trabalho disponível para a população economicamente ativa (PEA), a adequação das pessoas no contexto da ciência e tecnologia, agricultura, indústria, comércio, serviços e transportes.

A avaliação dos dados está baseada em quatro faixas de desenvolvimento humano definidas pelo PNUD (Quadro 3):

Quadro 3: Faixas de Desenvolvimento Humano, 2013

TIPOLOGIA DO IDH-M	INTERVALO DOS VALORES
Muito Baixo Desenvolvimento Humano	IDH-M entre 0,0 e 0,499
Baixo Desenvolvimento Humano	IDH-M entre 0,5 e 0,599
Médio Desenvolvimento Humano	IDH-M entre 0,6 e 0,699
Alto Desenvolvimento Humano	IDH-M entre 0,7 e 0,799
Muito Alto Desenvolvimento Humano	IDH-M entre 0,8 e 1,000

Fonte: Programa das Nações Unidas, PNUD (2013)

⁴⁸ O IDH é o índice sintético resultante do processamento desses quatro indicadores e, por isso, tornou-se um indicador mais realista e confiável do grau de desenvolvimento de uma sociedade do que as medições simplistas tradicionais baseadas apenas no PIB *per capita*.

Nas pesquisas realizadas pelo Atlas do Desenvolvimento Humano no Brasil foram utilizados dados do IBGE (2013) através do último censo que aconteceu no ano de 2010. O Índice de Desenvolvimento Humano Municipal (IDH-M) é uma medida internacionalmente reconhecida (Tabela 33).

Tabela 33: Mesorregião Centro Ocidental. Índice de Desenvolvimento Humano, 2010

LOCALIDADES	ÍNDICE DE DESENVOLVIMENTO HUMANO (IDH-M)			
	IDH-M	EDUCAÇÃO	LONGEVIDADE	RENDA
Altamira do Paraná	0,667	0,571	0,780	0,667
Araruna	0,704	0,648	0,785	0,685
Barbosa Ferraz	0,696	0,625	0,808	0,667
Boa Esperança	0,720	0,673	0,808	0,687
Campina da Lagoa	0,704	0,623	0,829	0,677
Campo Mourão	0,757	0,689	0,841	0,749
Corumbataí do Sul	0,638	0,520	0,790	0,632
Engenheiro Beltrão	0,730	0,677	0,820	0,701
Farol	0,715	0,665	0,818	0,671
Fênix	0,716	0,665	0,825	0,669
Goioerê	0,731	0,639	0,850	0,720
Iretama	0,665	0,521	0,811	0,696
Janiópolis	0,696	0,593	0,826	0,688
Juranda	0,708	0,639	0,818	0,678
Luiziana	0,668	0,580	0,781	0,659
Mamborê	0,719	0,649	0,821	0,698
Moreira Sales	0,675	0,570	0,802	0,673
Nova Cantú	0,658	0,558	0,792	0,646
Peabiru	0,723	0,629	0,826	0,727
Quarto Centenário	0,710	0,603	0,819	0,724
Quinta do Sol	0,715	0,631	0,842	0,689
Rancho A. D'Oeste	0,698	0,625	0,831	0,673
Roncador	0,681	0,595	0,797	0,665
Terra Boa	0,728	0,680	0,803	0,708
Ubiratã	0,739	0,669	0,854	0,706
Mais primários*	0,682	0,589	0,808	0,667
Mais industrializados**	0,730	0,674	0,812	0,711
MRG de Goioerê	0,701	0,615	0,819	0,685
MRG Campo Mourão	0,704	0,627	0,812	0,687
MSR Centro Ocidental	0,703	0,621	0,815	0,686
Estado do Paraná	0,749	0,668	0,830	0,757

Fonte: IBGE/ Atlas do Desenvolvimento Humano do Brasil, Censo (2013)

* Boa Esperança, Juranda, Luiziana, Mamborê e Quinta do Sol.

** Araruna, Campo Mourão, Engenheiro Beltrão, Rancho Alegre D'Oeste e Terra Boa.

Inicialmente, as pesquisas e análises se estendem ao IDH-M com olhar para todos os municípios e grupos de municípios com atividades econômicas mais industrializadas e mais primárias, microrregiões de Campo Mourão e Goioerê, e Mesorregião Centro Ocidental.

Em análise anterior quando se referia ao PIB alguns municípios da região como: Boa Esperança, Juranda e Rancho Alegre D'Oeste tem PIB per capita superior a média do Estado do Paraná, porém com IDH-M inferior a média estadual.

Após a análise de cada índice procuramos estabelecer a comparação entre as variáveis comuns entre eles o que vislumbra a possibilidade de entender melhor o que se passa na mesorregião.

A população dos municípios da mesorregião; a classe empresarial; as entidades e as organizações civis e de classes; os poderes públicos das três esferas político-administrativas e as entidades de financiamento e fomento são os principais atores para formação do processo de desenvolvimento regional e que na integração dos municípios em relação a esses atores, venham até o próximo Censo dar sinais de melhoras para os indicadores ruins do IDH-M e outros indicadores sociais como taxa de pobreza, resultados econômicos com PIB, renda per capita, empregos.

O Índice de Desenvolvimento Humano Municipal – IDH-M médio dos municípios mais industrializados (0,730) e menos industrializados (0,682); das microrregiões de Campo Mourão (0,704) e de Goioerê (0,701): da Mesorregião Centro Ocidental (0,703) se apresentam com desempenho inferior a do Estado do Paraná (0,749). Nesse contexto, apuramos, também, significativas diferenças existentes entre os IDH-M (educação, longevidade, renda e renda per capita) mostrando as potencialidades nos níveis de desenvolvimento dos municípios de perfil industrializados em detrimento aos municípios com economias mais primárias detalhadas ao longo desse trabalho. O IDH-M é maior que o Paraná somente para o município de Campo Mourão, todos os demais municípios da região o índice é menor que o Paraná (Tabela 33).

Os municípios de Campo Mourão (0,757); Ubitatã (0,739) e Goioerê (0,731) representam as três maiores economias e respondem pelos maiores IDHM, além de possuir os maiores contingentes populacionais entre os 25 municípios da Mesorregião Centro Ocidental, mostrando a importância de níveis populacionais mais elevados. O efeito multiplicador reflete em investimentos, mão-de-obra qualificada que podem possibilitar o desenvolvimento e criar expectativas de melhor condição de vida. Entretanto, os municípios de: Corumbataí do Sul (0,638), Nova Cantú (0,658) e Iretama (0,665) apresentaram os piores IDHM e confirmam com esses resultados as dificuldades econômicas, sociais e populacionais que se encontram.

Os níveis de IDH-M da mesorregião não deixam de ser preocupantes para alguns municípios em que os indicadores sociais: taxa de pobreza e taxa de analfabetismo retratam as causas principais que colocam essas localidades com baixo padrão de desenvolvimento, como é o caso dos municípios de Altamira do Paraná, Corumbataí do Sul, Nova Cantú, Roncador e Iretama.

O IDH-M de Campo Mourão (0,757) está classificado como *alto*⁴⁹, superior às médias do Paraná (0,749) e do Brasil (0,727). Dos 25 municípios que compõem a mesorregião, 36% estão com o IDH-M abaixo de 0,700 na faixa de médio desenvolvimento e 64% estão na faixa de alto desenvolvimento com índices acima de 0,700.

De acordo com a Metodologia Censo 2010 e PNUD (2013), o IDH-M da Mesorregião Centro Ocidental nos Censos de 1991 (0,420) e 2000 (0,584), se encontravam nas faixas de desenvolvimento muito baixo, assim como as microrregiões de Campo Mourão e Goioerê. Esses desempenhos do IDH-M são reflexos daquilo que acontece com as dimensões educação e renda que se localizaram nas faixas de desenvolvimento muito baixo, baixo e médio, salvo a dimensão longevidade entre médio e alto.

Na média a Mesorregião Centro Ocidental apresentou evolução saindo da faixa de desenvolvimento humano muito baixo (0,420) em 1991 para baixo (0,584) em 2000 e alto em 2010 (0,703) demonstrando capacidade de recuperação apesar das dificuldades sociais e econômicas, além da evasão populacional. Os destaques para Campo Mourão, Ubitatã, Goioerê, Engenheiro Beltrão e Terra Boa que estão acima da média nacional (PNUD, 2013).

Na Mesorregião Centro Ocidental o pior IDH-M - 2010 estão localizados no município de Corumbataí do Sul (0,638), de Nova Cantú (0,658) e Iretama (0,665), esses municípios mostram dificuldades pela condição social de seus habitantes, concentração de renda e o relevo mais acidentado, cujos processos de produção agrícola ficaram a margem do interesse econômico das grandes cooperativas agrícolas, especialmente por suas condições físico-topográficas, emergindo assim, o interesse pela produção agrícola familiar em pequenas propriedades da cultura de milho, da pecuária, da fruticultura e olericultura.

O município de Corumbataí do Sul mesmo estando na última posição do *ranking* da mesorregião apresentou melhor desempenho em relação à Nova Cantú e Iretama nos Censos 1991, 2000 e 2010. Corumbataí do Sul foi beneficiada pelo plantio de maracujá e a instalação de indústria de suco de maracujá incentivados pela Associação dos Produtores de Corumbataí do Sul (Aprocor) e pela Cooperativa Agroindustrial de Corumbataí do Sul (Coaprocor).

Na Mesorregião Centro Ocidental identificamos o crescimento do IDH-M a partir de 1991 com significativos avanços, mas ao mesmo tempo as diferenças como a precariedade e a desigualdade econômica e social entre os municípios da região são perceptíveis. Nessa linha de interpretação constatamos que o grupo dos municípios mais industrializados da mesorregião, o crescimento do IDH-M no período 1991-2010 foi de 54,84%, enquanto os

⁴⁹ Faixas de Desenvolvimento Humano de acordo com PNUD (2013): 0 a 0,499 (Muito Baixo), de 0,500 a 0,599 (Baixo), de 0,600 a 0,699 (Médio), de 0,700 a 0,799 (Alto) e Acima de 0,800 (Muito Alto).

municípios com atividades econômicas mais primárias o crescimento no mesmo período é de 77,15% - apesar dos índices menores e devido a maiores dificuldades econômicas por não utilizar o processo de agregação de valor em sua produção primária, as variações foram maiores.

O município de Campo Mourão apresentou crescimento de 44,47% no IDHM, no período 1991-2000 com variação de 28,82% e em período mais recente equivalente a 2000-2010 atingiu 12,15% de elevação. Isso significa que na década de 1990 a evolução do IDHM apresentou níveis de desenvolvimento humano superior ao da década de 2000 devido a nova dinâmica do mundo com tecnologia cada vez mais eficaz, melhora nas dimensões longevidade, renda e educação, nesta última apesar, ainda dos sérios problemas de analfabetismo.

No *ranking* nacional Campo Mourão está na 420ª colocação entre os 5.565 municípios brasileiros e na 25ª posição entre os municípios paranaenses com avanço de 49 posições no Estado e perda de 118 no *ranking* nacional entre 2000 e 2010.

Dentre os 25 municípios da Mesorregião Centro Ocidental origem dessa pesquisa, cinco deles se destacam em uma ou outra dimensão (Longevidade, Educação e Renda) que avalia o desenvolvimento humano (Figura 27).

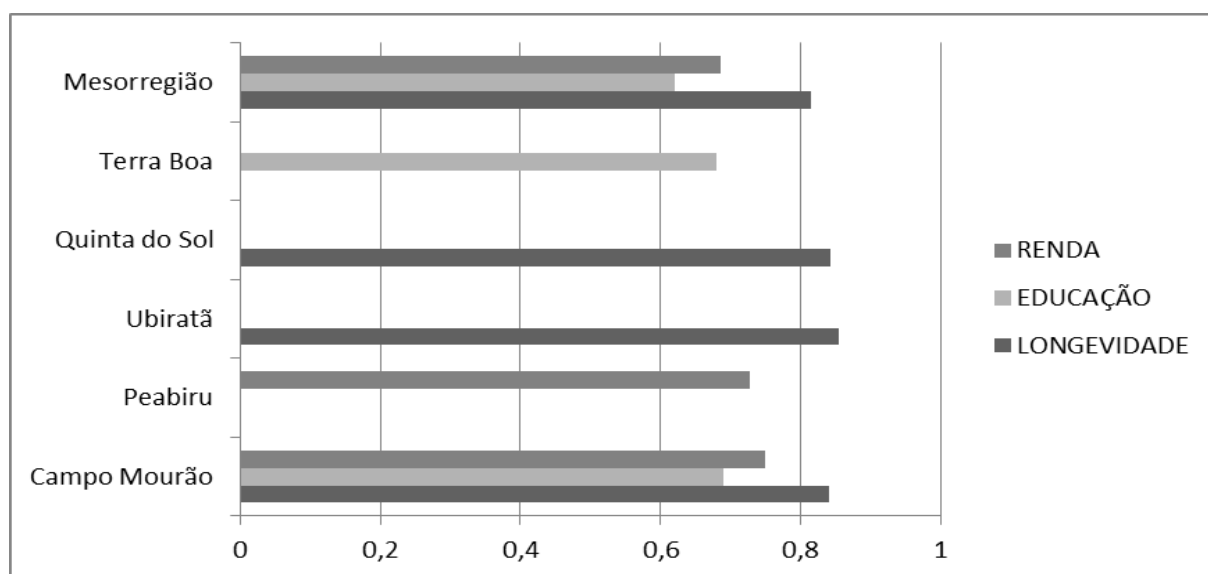


Figura 27: Mesorregião Centro Ocidental. IDH-M - Municípios com maior relevância nas dimensões longevidade, educação e renda, 2010

Fonte: IBGE/ PNUD, Atlas 2013.

O município de Campo Mourão foi ultrapassado pelos municípios de Quinta do Sol e Ubiratã na dimensão longevidade e nas demais dimensões superou a todos os demais

municípios da região. Na educação, o município de Terra Boa conquistou a segunda colocação, e por último o município de Peabiru ficou com a segunda colocação na dimensão renda Peabiru (Figura 27).

As análises específicas abordando o comportamento das três magnitudes do IDHM: renda per capita, ou seja, a renda média de cada residente, longevidade que relaciona com a esperança de vida ao nascer sintetizando as condições de saúde e salubridade e a educação que reflete a taxa de alfabetização de pessoas acima de 15 anos de idade conjugada a taxa bruta de frequência à escola, no desenvolvimento humano.

Os dados estatísticos de 2010 mostram considerável melhoria dos indicadores para os municípios da região. O município de Campo Mourão devido sua condição de polo regional conseguiu os melhores resultados, tais como a expectativa de vida de 84,1 anos acima das médias estadual e nacional; queda expressiva na mortalidade infantil saindo de 31,9 para 12,1 a cada mil nascidos; fecundidade baixando para em média dois filho por mulher e atingindo a faixa de desenvolvimento humano de nível alto, renda per capita é 21ª maior do Estado, além da diversificação de investimentos para a produção de serviços e produtos.

Destacamos que as contribuições sempre estão aliadas a presença da aplicação de tecnologias, intensivas no recurso capital, porém, devido às disparidades regionais exigem aperfeiçoamentos para facilitar o trabalho humano, o que significa desenvolvimento dos trabalhadores para absorção destas tecnologias e com isso criar a expectativa de melhor condição de vida das pessoas.

O IDH-M Educação basicamente depende do comportamento das taxas de alfabetização e de matrículas. No índice municipal, a taxa de alfabetização mede o número de pessoas com mais de 15 anos alfabetizadas. Este critério é utilizado porque, segundo o calendário do MEC, uma pessoa já deve estar alfabetizada ao fim do ensino fundamental com 14 anos de idade.

Segundo Pagliarini e Colavite (2010), a baixa escolaridade pode estar correlacionada com as dificuldades de acesso ao ensino, devido à concentração da população distante do núcleo urbano, o que ainda ocorre em alguns municípios. Essas interferências acabam facilitando a evasão escolar uma vez que as fontes de renda são na maior parte advindas da agricultura com a mão-de-obra familiar e pela baixa renda dos pais dos alunos.

Quanto à educação, além dos índices preocupantes com o analfabetismo, ao mesmo tempo em que se consegue uma escolarização mais prolongada e um nível mais alto de cultura, dá-se uma falta de relação entre o que se aprende nas escolas e o mercado de trabalho,

provocando desmotivações e um índice elevado de fracasso escolar. Esses contextos ajudam a entender os baixos valores do IDH-M-Educação na região, Estado e no Brasil.

Assim, o IDH-M Educação setorizado é calculado pela média ponderada entre as três variáveis: taxa de alfabetizados acima de 15 anos; média normalizada de anos de estudos dos chefes de família; e taxa de alfabetizados entre sete e 14 anos (PNUD, 2003).

Na região, considerando a decomposição do IDH-M as médias mais baixas dos municípios referentes às três dimensões que compõem a sua totalidade, o IDH-M-Educação (2010) é a que mostra os menores e mais preocupantes resultados, por isso essa dimensão deverá passar por processo de replanejamento considerando sua importância vital para a promoção do desenvolvimento socioeconômico.

Dos 25 municípios da região 84% deles apresenta desempenho da educação inferior a média paranaense. Os piores índices de desenvolvimento da educação estão localizados com os municípios com baixo grau de urbanização.

Considerando os dados divulgados PNUD/Atlas do Desenvolvimento Humano no Brasil (2013), o desempenho do IDH-M-Educação do grupo dos municípios mais industrializados (0,674) e de Campo Mourão (0,689); Terra Boa (0,680); Engenheiro Beltrão (0,677); Boa Esperança (0,673) e Ubitatã (0,669) superou a média do Estado (0,668).

O IDH-M-Educação da Mesorregião Centro Ocidental (0,621) e da microrregião de Campo Mourão (0,627) e de Goioerê (0,615) ficou abaixo da média do Estado, creditamos esse resultado aos desempenhos dos quatro municípios menos industrializados (0,589), além dos municípios Corumbataí do Sul (0,520); Iretama (0,521); Nova Cantú (0,558) e Altamira do Paraná (0,571).

Considerando os baixos índices em relação a Renda e Longevidade, na Mesorregião Centro Ocidental, o IDH-M-Educação cresceu cerca de 200% entre os anos de 1991 e 2010, notadamente no período 1991-2000 que se aproximou de 120% e com menor intensidade entre 2000 e 2010 com crescimento de 38,62%, devido aos avanços da década anterior que apresentava vulnerabilidades mais acentuadas na área da educação.

O Índice de Desenvolvimento Humano – Educação em todos os Censos 1991, 2000 e 2010 cresceu a taxas crescentes, ou seja, sempre mostrando crescimento superior ao Censo anterior em todos os municípios da mesorregião. Essa evolução na educação foi motivada, principalmente, pelo aumento do fluxo escolar de crianças e jovens e programas de alfabetização como o Centro Estadual Educação Básica para Jovem e Adulto (CEEBJA) diminuindo as taxas de analfabetismo.

Os investimentos em transportes, principalmente, escolar se tornaram preponderantes para a redução do analfabetismo e nesse sentido utilizando dados do Ministério da Fazenda-Secretaria do Tesouro Nacional, IPEA e Deepask (2014), com exceção dos municípios de Boa Esperança, Campo Mourão, Fênix, Juranda, Quarto Centenário, Roncador e Terra Boa, nos demais municípios o investimento municipal em transporte per capita em 2010 estava acima da média nacional (R\$46,28).

O investimento municipal em transporte per capita na mesorregião variou de R\$2,34 a R\$330,28, portanto a desigualdade é latente. Os investimentos em transporte per capita com valores mais baixos estão localizados em Juranda (R\$2,34), Quarto Centenário (R\$5,05) e Campo Mourão (R\$11,43) e o mais elevados ficaram com os municípios de: Farol (R\$330,28), Luiziana (R\$247,81) e Corumbataí do Sul (R\$211,77). Enquanto isso as médias da mesorregião, das microrregiões de Campo Mourão e Goioerê e dos municípios mais e menos industrializados ficaram acima da média nacional.

Os dados do IDH-M referentes à renda per capita de Campo Mourão cresceu 32,65% no período 1991-2000 e 50,85% no período 2000-2010 e de 110,10% entre 1991 e 2010, enquanto que em média a mesorregião cresceu em igual período 32,42%, 62,87% e 115,67%, respectivamente. Peabiru foi o município que mais se aproximou de Campo Mourão com a renda per capita de R\$737,63 contra R\$843,42 de Campo Mourão em 2010.

A renda é calculada tendo como base o PIB per capita do país ou município. Como existem diferenças entre o custo de vida de um país para o outro, a renda medida pelo IDH é em dólar PPC (Paridade do Poder de Compra), que atenua essas diferenças.

Nos estudos do desenvolvimento humano referente ao ano de 2010, o IDH-M Renda da Mesorregião Centro Ocidental é de 0,686; a média do Estado é de 0,757; a média dos quatro municípios mais industrializados é de 0,711 a média dos quatro municípios menos industrializados é de 0,667. O pior IDH-M-Renda é atribuído ao município de Corumbataí do Sul (0,632), seguido por Nova Cantú (0,646), Luiziana (0,659) e Altamira do Paraná/Boa Esperança (0,667). O melhor IDH-M-Renda foi contemplado pelo município de Campo Mourão (0,749), seguido pelo município de Peabiru (0,727), Quarto Centenário (0,724) e Goioerê (0,720).

Os dados do IDH-M-Renda mostram que para os municípios mais industrializados o desempenho é bem mais eficiente e qualitativo e mostra que a industrialização é uma variável significativa para o desenvolvimento local e regional, inclusive a renda per capita dos municípios mais industrializado é superior em 32,34% ao dos municípios menos industrializados. Outro fato relevante é de que, quanto maior é a renda *per capita*, maior é o

valor do IDH-M, o que significa dizer que quanto maior é o desenvolvimento econômico de um município, maior será o seu desenvolvimento social.

Embora nos municípios de Campo Mourão (0,749), Peabiru (0,727), Quarto Centenário (0,724) e Goioerê (0,720) IDH-M-Renda de 2010 sejam os mais expressivos da mesorregião, são inferiores a média do Estado (0,757), isso mostra as desigualdades presentes quando se analisa a distribuição da renda gerada na região e no Estado. Mesmo observando que a distribuição da renda melhorou nas últimas três décadas (1991, 2000 e 2010), ainda encontramos elevados índices de pobreza.

A análise relacionada ao compartimento IDH-M-Educação retrata que esse indicador tem a finalidade contribuir para a melhor desenvoltura das questões ligadas a renda e a saúde, podendo propiciar entendimentos e conscientização das pessoas para o desenvolvimento econômico e social das cidades, das regiões e da federação.

Em relação a dimensão IDH-M-Longevidade somente quatro dos vinte cinco municípios da Mesorregião Centro Ocidental possuem índices acima da média paranaense, sendo Ubiratã (0,854); Goioerê (0,850); Campo Mourão (0,841) e Rancho alegre do D'Oeste (0,831), enquanto que a média do Estado é de 0,830. A média dos quatro municípios mais industrializados é de 0,812 e a média dos quatro municípios menos industrializados é de 0,808, enquanto que na mesorregião o índice é de 0,815 e a microrregião de Goioerê (0,819) e de Campo Mourão (0,812).

2.4.3 Índice de exclusão social e a Mesorregião Centro Ocidental

Nesse item trataremos sobre um dos mais relevantes assuntos relacionado a condição de vida da população com mais dificuldades socioeconômicas das regiões brasileiras e em especial da Centro Ocidental Paranaense, para tanto utilizamos, principalmente o Atlas da Exclusão Social editado nos anos de 2003 e 2014 com informações de 2000 e 2010, com abordagem a partir de indicadores de pobreza, emprego, desigualdade, escolaridade, juventude e violência, portanto não entraremos nas questões históricas e metodológicas.

O presente estudo se torna relevante instrumento para auxiliar no processo de redução das desigualdades sociais na priorização de território para facilitar as iniciativas públicas, destinadas ao desenvolvimento socioeconômico e à diminuição dos aspectos nocivos da exclusão social.

Assim, de acordo com Atlas de Exclusão Social (2003) “o fenômeno da exclusão surge não apenas para aqueles segmentos sociais que já estiveram incluídos em algum momento do tempo, mas também para aqueles que jamais passaram pela condição de inclusão” (POCHMANN; AMORIM, 2003, p. 10).

Isso acontece porque a exclusão passa a ter participação tanto de segmentos sociais deserdados de condição de vida digna, que numa situação anterior tinham um emprego adequado e renda decente e agora convivem com o desemprego e a ausência de renda, como segmentos sociais despossuídos de situação prévia de inclusão, ou seja, que nunca tiveram acesso, por exemplo, a um emprego adequado (POCHMANN; AMORIM, 2003).

2.4.4 Índice de exclusão social - IES

A expressão exclusão social é recente, porém com representação clara na história mundial. Trata-se de um tema relevante, e de fundamental importância para o entendimento das desigualdades sociais e, sobretudo para o estado de pobreza da população. Em função disso alguns entendimentos são necessários para a melhor compreensão:

O conceito de “exclusão social”, como tantos outros nas ciências sociais, carece de definição precisa. Também como outros ele é originalmente utilizado para superar as deficiências de conceitos correntes e seu mérito maior é agrupar descontentes, dessa forma não apenas estabelecendo uma comunidade de interesse, mas, geralmente, referendando uma nova problemática de investigação. No caso, o conceito aglutina estudiosos dos problemas da pobreza que, de uma perspectiva *policy oriented*, buscam um entendimento dinâmico e processual dos mecanismos que criam, preservam ou mesmo agravam a pobreza. Nesse esforço, optam por “exclusão” como conceito que ajudaria a ir além da radiografia propiciada pelos diagnósticos de pobreza que constituíram por longo tempo o cânone. Mais ainda, o conceito traz implícita a problemática da desigualdade, já que os excluídos só o são pelo fato de estarem privados de algo que outros (os incluídos) usufruem (REIS; SCHARTZMAN, 2005, p. 5).

Para Oliveira Júnior (2010), a exclusão social é vista como o não acesso ou acesso insuficiente aos bens e serviços e oportunidades que podem ser potencializados por uma bem estruturada agenda de políticas públicas.

A noção de «exclusão social» pertence à perspectiva própria da tradição francesa na análise de pessoas e grupos desfavorecidos. Em termos simplificados, Robert Castel (...) define «exclusão social» como a fase extrema do processo de «marginalização», entendido este como um percurso «descendente», ao longo do qual se verificam sucessivas rupturas na relação do indivíduo com a sociedade. Um ponto relevante desse percurso

corresponde à ruptura em relação ao mercado de trabalho, a qual se traduz em desemprego (sobretudo desemprego prolongado) (...). A fase extrema – a da «exclusão social» - é caracterizada não só pela ruptura com o mercado de trabalho, mas por rupturas familiares, afectivas e de amizade. (COSTA, 2007, p. 10).

A questão da exclusão em muitas ocasiões é tratada a partir da economia e da sociedade como um todo e é fato que ela também tem sua face regional, como por exemplo, dentro da Mesorregião Centro Ocidental temos realidades distintas entre os municípios, por isso é bom saber se são necessárias práticas diferenciadas para as políticas públicas pensadas para as áreas do território regional. Alguns municípios, principalmente os mais industrializados sintetizam em apontar as diferenças e especificidades encontradas na região.

A obra Atlas da Exclusão Social permite identificar, em um determinado território, onde e em que grau está ocorrendo o processo de exclusão e, a partir dessa mensuração, oferecer elementos para orientação de políticas públicas, objetivando resgatar os mais excluídos, a parcela da população situada às margens dos avanços sociais.

Enquanto o IDH estuda itens como longevidade, renda e alfabetização, o Índice de Exclusão Social estuda: pobreza, concentração de jovens, alfabetização, escolaridade, emprego formal, violência e desigualdade social. (Pochmann e Amorim, 2003).

De acordo com dados do Atlas de Exclusão Social discutidos por Guerra *et al.* (2014) a construção do Índice Sintético de Exclusão Social, os pesos considerados para as variáveis que o compõe foram assim distribuídos: pobreza, emprego, desigualdade e juventude tiveram peso de 17% cada um, enquanto escolaridade com 11,3% - alfabetização com 5,7% e violência 15%. O Índice de Exclusão Social é o somatório dos sete indicadores citados. É sobre o índice de exclusão social que se apoia a essência deste item.

Segundo Guerra *et al.* (2014) a construção do índice de exclusão social tem natureza humana que permeia o tecido social, tocando, inclusive, em questões comportamentais e inéditas, como a violência. O cálculo do índice-síntese trabalha com três dimensões e sete indicadores, Vida Digna (pobreza; emprego formal e desigualdade social), Conhecimento (alfabetização; escolaridade) Vulnerabilidade (juventude; violência).

De forma idêntica de mensurações em relação ao IDHM e ao Índice de Gini, o IES também varia entre 0 e 1 - considera-se que a unidade de análise cujo índice é baixo, próximo de zero, é possuidora de tecido social na pior condição, com elevado grau de exclusão social; a unidade de análise cujo índice é elevado, próximo de 1, é detentora de tecido social em melhor situação, possuindo baixo grau de exclusão social e em termos mais radicais, o zero representa a plena exclusão social, enquanto o 1 é representativo da plena inclusão social.

Como leitura para compreensão dos resultados é considerada pelo Atlas: quanto maior o índice, melhor a situação social; quanto menor o índice, pior a situação social (ATLAS-IES, 2003 e 2014).

Dessa forma a condição de inclusão ou exclusão não é produto de apenas um dado econômico ou social, mas é, antes, o resultado da conjunção de atributos que compõem o tecido social.

A partir dos dados do Atlas de Exclusão Social (2003 e 2014) passaremos a discussão da Exclusão Social dos municípios da Mesorregião Centro Ocidental a seguir, do *ranking* regional e das variáveis que compõem IES para os anos 2000 e 2010 e ao final retrataremos sobre as manchas extremas de exclusão social (Tabela 34).

Tabela 34: Mesorregião Centro Ocidental. Componentes do Índice de Exclusão Social (IES) dos municípios da região, período 2000 e 2010

LOCALIDADE	POSIÇÃO NACIONAL		ÍNDICES SOCIAIS (DE ZERO A UM)															
			ÍNDICE DE EMPREGO		ÍNDICE DE POBREZA		DESIGUALDADE		ALFABETIZAÇÃO		ESCOLARIDADE		JUVENTUDE		VIOLÊNCIA		EXCLUSÃO	
	2000	2010	2000	2010	2000	2010	2000	2010	2000	2010	2000	2010	2000	2010	2000	2010	2000	2010
Altamira do PR.	3174°	3848°	0,047	0,320	0,320	0,554	0,037	0,426	0,734	0,666	0,326	0,348	0,630	0,533	1,000	0,638	0,404	0,485
Araruna	1614°	994°	0,147	0,551	0,538	0,807	0,061	0,785	0,838	0,813	0,464	0,423	0,733	0,616	0,971	0,922	0,497	0,702
Barbosa Ferraz	2769°	2313°	0,072	0,451	0,364	0,637	0,046	0,605	0,762	0,702	0,389	0,391	0,675	0,606	1,000	0,918	0,434	0,613
Boa Esperança	1667°	1881°	0,083	0,358	0,513	0,690	0,090	0,632	0,837	0,753	0,473	0,443	0,745	0,669	1,000	1,000	0,494	0,642
Campina Lagoa	2526°	2374°	0,080	0,383	0,437	0,686	0,069	0,650	0,788	0,756	0,411	0,411	0,666	0,564	0,977	0,865	0,451	0,607
Campo Mourão	692°	1260°	0,192	0,672	0,648	0,838	0,167	0,580	0,862	0,857	0,602	0,594	0,693	0,599	0,952	0,720	0,549	0,681
Corumbataí Sul	3397°	2536°	0,075	0,308	0,333	0,631	0,030	0,735	0,747	0,633	0,345	0,224	0,617	0,589	0,825	1,000	0,384	0,596
Eng. Beltrão	882°	798°	0,255	0,642	0,580	0,807	0,096	0,677	0,837	0,829	0,503	0,500	0,721	0,619	1,000	0,963	0,535	0,715
Farol	2605°	1492°	0,085	0,430	0,438	0,686	0,075	0,597	0,761	0,728	0,371	0,382	0,644	0,561	1,000	0,850	0,446	0,599
Fênix	2713°	2035°	0,088	0,499	0,457	0,688	0,064	0,696	0,774	0,754	0,433	0,424	0,689	0,607	0,829	0,783	0,438	0,632
Goioerê	1309°	1690°	0,167	0,558	0,553	0,773	0,106	0,603	0,837	0,795	0,504	0,468	0,707	0,611	0,973	0,821	0,511	0,654
Iretama	3259°	3057°	0,083	0,363	0,374	0,644	0,042	0,427	0,762	0,682	0,346	0,268	0,634	0,547	0,810	0,951	0,397	0,549
Janiópolis	2762°	2607°	0,065	0,348	0,367	0,732	0,032	0,580	0,770	0,650	0,383	0,343	0,697	0,625	1,000	0,841	0,434	0,590
Juranda	2158°	1792°	0,080	0,395	0,537	0,711	0,104	0,692	0,834	0,776	0,440	0,393	0,678	0,609	0,906	1,000	0,471	0,648
Luiziana	2628°	2599°	0,121	0,484	0,480	0,614	0,040	0,615	0,776	0,716	0,370	0,346	0,591	0,539	1,000	0,858	0,445	0,591
Mamborê	2078°	2115°	0,118	0,455	0,480	0,705	0,083	0,574	0,835	0,789	0,453	0,424	0,693	0,593	0,948	0,925	0,474	0,626
Moreira Sales	2453°	1454°	0,109	0,568	0,479	0,738	0,056	0,686	0,787	0,698	0,385	0,322	0,713	0,614	0,910	1,000	0,456	0,669
Nova Cantú	2945°	3016°	0,055	0,251	0,387	0,586	0,071	0,622	0,765	0,676	0,377	0,313	0,587	0,532	1,000	0,930	0,423	0,552
Peabiru	2099°	2212°	0,099	0,571	0,497	0,738	0,073	0,486	0,813	0,793	0,465	0,468	0,678	0,591	0,970	0,771	0,474	0,619
4º Centenário	2745°	2321°	0,075	0,558	0,438	0,711	0,052	0,377	0,783	0,767	0,387	0,326	0,660	0,598	0,927	1,000	0,435	0,612
Quinta do Sol	2725°	1295°	0,120	0,584	0,469	0,788	0,052	0,697	0,754	0,679	0,416	0,347	0,652	0,581	0,850	1,000	0,437	0,679
Rancho A. Oeste	2384°	1800°	0,080	0,448	0,481	0,697	0,045	0,681	0,793	0,723	0,391	0,343	0,689	0,588	1,000	1,000	0,459	0,647
Roncador	2727°	3094°	0,073	0,322	0,382	0,592	0,067	0,519	0,793	0,705	0,372	0,289	0,653	0,580	1,000	0,865	0,437	0,545
Terra Boa	1460°	256°	0,183	0,744	0,526	0,879	0,067	0,777	0,827	0,839	0,446	0,463	0,735	0,630	1,000	0,967	0,504	0,760
Ubiratã	1864°	1541°	0,097	0,442	0,489	0,754	0,083	0,629	0,829	0,824	0,467	0,467	0,733	0,630	0,982	0,976	0,485	0,664
Mais primários*	-	-	0,102	0,473	0,481	0,700	0,068	0,650	0,781	0,725	0,399	0,367	0,641	0,573	0,939	0,927	0,450	0,629
Mais industrial**	-	-	0,194	0,652	0,573	0,833	0,098	0,705	0,841	0,835	0,504	0,495	0,721	0,616	0,981	0,893	0,521	0,715
MRG Goioerê	-	-	0,085	0,421	0,455	0,694	0,126	0,598	0,796	0,735	0,413	0,380	0,682	0,598	0,970	0,916	0,457	0,615
MRG Mourão	-	-	0,122	0,718	0,469	0,718	0,069	0,626	0,796	0,751	0,427	0,396	0,675	0,590	0,940	0,892	0,461	0,636
MSR C Ocidental	-	-	0,106	0,468	0,463	0,707	0,094	0,614	0,796	0,744	0,421	0,389	0,677	0,593	0,953	0,903	0,459	0,627
Estado do Paraná																		

Fonte: Atlas da Exclusão Social no Brasil, 2000 e 2010.

* Boa Esperança, Juranda, Luiziana, Mamborê e Quinta do Sol.

** Araruna, Campo Mourão, Engenheiro Beltrão, Rancho Alegre D'Oeste e Terra Boa.

O Índice de exclusão social da Mesorregião Centro Ocidental, no ano de 2000 atingiu 0,459 - ou seja, 36,63% pior que o verificado em 2010 (0,627). A diferença entre o maior e o menor grau de exclusão de todos os municípios região da foi de 0,275 durante ano de 2010. Os maiores destaques em 2010 ficaram com os municípios de Terra Boa, Engenheiro Beltrão e Araruna que estão entre os municípios mais industrializados, enquanto os indicadores de emprego mais baixos se localizaram nos municípios de Iretama, Roncador e Altamira do Paraná.

Algumas diferenças são representativas no IES - quando se trata dos municípios menos e mais industrializados (13,67%); microrregiões de Goioerê e Campo Mourão (3,41%) no ano de 2010 – demonstrando que os municípios mais industrializados e a microrregião de Campo Mourão apresentam melhores indicadores, com isso os níveis de crescimento e desenvolvimento dessas localidades se apresentam com mais possibilidades, destacando os quatro municípios mais industrializados da microrregião de Campo Mourão. Em termos de evolução entre os anos de 2000 e 2011: os municípios de Quinta do Sol e Corumbataí do Sul apresentaram a maior redução que os colocou com o menor grau de exclusão social e o pior foi dos municípios de Campo Mourão e Altamira do Paraná.

O índice de exclusão social dos municípios da Mesorregião Centro Ocidental entre os anos de 2000 e 2010 retrata a evolução havida no processo de inclusão e exclusão social (Tabela 35).

Tabela 35: Mesorregião Centro Ocidental. Resumo do Índice de Exclusão Social em quantidade de municípios e proporção, 2000 e 2010

CLASSE DO ÍNDICE	NÚMERO DE MUNICÍPIOS (2000)		NÚMERO DE MUNICÍPIOS (2010)	
	ABSOLUTO	(%)	ABSOLUTO	(%)
0,000 a 0,400	2	8	-	-
0,400 a 0,500	19	76	1	4
0,500 a 0,600	4	16	7	28
0,600 a 1,000	-	-	17	68
Totais	25	100	25	100

Fonte: Atlas de Exclusão Social no Brasil (2000 e 2010)

A exclusão social, no ano de 2000 e 2010 se espalhou por todo o território da Mesorregião Centro Ocidental, sem discriminar microrregiões e seus municípios estando presente em todos os seus quadrantes geoeconômicos. Como observamos os números de 2000 foram literalmente inferiores aos números de 2010, enquanto as classes 0,000 a 0,500 do ano de 2000 se equivaliam a 84% dos municípios no ano de 2010 apenas 4%. Ao contrário nas classes 0,500 a 1,000 no ano de 2000 apenas 16% dos municípios ao passo que no ano de

2010 essa proporção passou para 96%. Resumindo o IES saiu do alto grau de exclusão social para baixo grau de exclusão social no ano de 2010 (Tabela 35).

Na totalidade dos municípios quanto a posição no *ranking* nacional, os municípios da mesorregião mais bem colocados de 2000 para 2010 foram Campo Mourão que saiu da 692^a para 1260^a em 2010; Engenheiro Beltrão da 882^a para 798^a. Dois municípios, mais especificamente, Araruna e Terra Boa que melhoraram o desempenho de 2000 para 2012, enquanto o primeiro saiu da 1614^a para 994^a, o segundo ainda melhor saiu 1460^a colocação para 256^a. Curiosamente esses municípios destaques fazem parte dos mais industrializados da região demonstrando a importância do setor industrial no processo de desenvolvimento local e regional. As piores classificações no ano de 2010 ficaram com os municípios de Altamira do Paraná, Iretama, Nova Cantú e Roncador que possuem relevo mais acidentado conforme citado anteriormente.

O empobrecimento das localidades pode ser medido, entre outras variáveis, pelo número de famílias beneficiadas pelo programa “Bolsa Família” de acordo com Ministério de Desenvolvimento Social e Combate a Fome. Os municípios de Nova Cantú, Iretama, Farol, Altamira do Paraná, Moreira Sales, Campina da Lagoa e Roncador possuem as maiores equivalências de cadastros no programa bolsa família, com equivalência entre a quantidade de famílias e a população. Nova Cantú é a maior (10,29%) e a menor equivalência foi no município de Roncador (7,05%). Na região são 29.358 famílias beneficiadas que corresponde a 7,41% das famílias beneficiadas no Estado do Paraná.

Do ponto de vista social esses dados refletem uma ajuda aos beneficiários e torna-se um processo de relativa exclusão social, porém sob a ótica da economia a falta de opções de trabalho e a vinculação muito forte a produtos agropecuários que não passam por processos industriais não agregando valor nos produtos e não promovendo elevação no valor adicionado para os municípios.

A seguir analisamos as sete variáveis que compõem o IES referente ao ano de 2010 mais especificamente de acordo com dados disponíveis na Tabela 34:

A primeira variável do IES a ser tratada é o Indicador de Emprego (proporção de trabalhadores com carteira de trabalho assinada e funcionários públicos estatutários na PEA) - a principal forma de inclusão das pessoas nas sociedades modernas é o mercado de trabalho, sendo o ponto de partida para as análises sobre inclusão e exclusão social.

O crescimento econômico, a distribuição territorial da atividade econômica, a adoção de tecnologias intensivas de capital, as mudanças do perfil das habilidades da mão-de-obra, são indicadores centrais na ampla literatura que trata do assunto, e devem ser objeto de

levantamentos específicos, que transcendem os limites estabelecidos nesse trabalho (HENRIQUES; BARROS, 2000).

O emprego formal da mesorregião como componente do IES no ano de 2000 atingiu 0,106 - ou seja, 340% pior que o verificado em 2010 (0,468). A diferença entre o maior e o menor grau de exclusão de todos os municípios região da foi de 0,424 durante ano de 2010. Os maiores destaques em 2010 ficaram com os municípios de Terra Boa, Campo Mourão e Engenheiro Beltrão que estão entre os municípios mais industrializados, enquanto os indicadores de emprego mais baixos se localizaram nos municípios de Nova Cantú, Corumbataí do Sul, Altamira do Paraná.

Algumas diferenças são representativas, no indicador de emprego, quando se trata dos municípios menos e mais industrializados (37,84%); microrregiões de Goioerê e Campo Mourão (70,55%) no ano de 2010 – demonstrando que os municípios mais industrializados e a microrregião de Campo Mourão geram mais empregos e renda, com isso os níveis de crescimento e desenvolvimento dessas localidades se apresentam com mais viabilidade, valendo destacar que os quatro municípios mais industrializados fazem parte da microrregião de Campo Mourão. Em termos de evolução entre os anos de 2000 e 2011: os municípios de Quinta do Sol e Corumbataí do Sul apresentaram a maior redução que os colocou com o menor grau de exclusão social e o pior foi nos municípios de Engenheiro Beltrão e Goioerê.

A segunda variável é o Indicador de Pobreza (proporção de domicílios particulares permanentes com rendimento nominal mensal domiciliar per capita de até $\frac{1}{2}$ salário mínimo) - considerando a pobreza como um fenômeno social não podemos ser indiferentes a ela pois é uma situação de privação devido a falta de recursos financeiros e para essas duas partes, privação e falta de recursos, existe uma relação de causa e efeito (COSTA, 2007).

Costa (2007) entende que por privação se entende em más condições de vida, o lado mais visível da privação e da própria pobreza. Normalmente trata-se de privação múltipla, isto é, em diversos domínios das necessidades básicas: alimentação, vestuário, condições habitacionais, transportes, comunicações, condições de trabalho, possibilidades de escolha, saúde e cuidados de saúde, educação, formação profissional, cultura, participação na vida social e política, etc. A falta de recursos é outra das vertentes da definição “a falta de recursos impedirá, naturalmente, ou limitará fortemente, o acesso ao mercado de bens e serviços” (COSTA, 2007, p. 28).

A medida da pobreza no IES da Mesorregião Centro Ocidental entre 2000 e 2010 apontou redução de 52,9%, saindo de um elevado índice de exclusão social na dimensão da pobreza de 0,463 para 0,707 apontando uma redução significativa da pobreza em 2010.

Tratando dos municípios da mesorregião constatamos que Altamira do Paraná, Nova Cantú e Roncador apresentaram o maior grau de exclusão em relação à pobreza na região em 2010. Com menor grau de exclusão social em pobreza foram os municípios de Terra Boa, Campo Mourão e Engenheiro Beltrão que estão entre os municípios mais industrializados da região. A desigualdade entre o maior e o menor grau de exclusão em pobreza 0,325 entre os municípios da mesorregião.

Apontamos como principais diferenças no indicador de pobreza, quando se trata dos municípios menos e mais industrializados (19%); microrregiões de Goioerê e Campo Mourão (3,08%) – demonstrando que os municípios mais industrializados e a microrregião de Campo Mourão diminuíram o IES da pobreza. Na evolução entre 2000 e 2011, os municípios de Janiópolis e Corumbataí do Sul apresentaram a maior redução de pobreza que os colocou com o menor grau de pobreza de exclusão social e o pior foi nos municípios de Luiziana e Campo Mourão.

A terceira variável é o Indicador de Desigualdade Social – com a pobreza presente em nossa história, os índices de desigualdades sociais atingem grande dimensão. Estudiosos tratam a temática desigualdade que têm tratado do tema e concordam que o maior correlato da desigualdade de renda no país são as diferenças relacionadas a educação. “Sem educação, é difícil conseguir emprego, e, na ausência de uma população educada, poucos empregos de qualidade são criados. Com a escassez da educação, seu valor de mercado aumenta, e esta é uma das grandes causas da desigualdade de renda observada no país” (REIS; SCHARTZMAN, 2005, p. 5).

Segundo Guerra *et al.* (2014) a dimensão de desigualdade foi a mais grave na composição do IES do Brasil no ano de 2010. Os autores encontraram desigualdade social na distribuição de cuidado médico, por exemplo, cujo serviço os mais pobres necessitam mais, mas consomem menos os serviços, o que acaba por aprofundar o quadro de desigualdade dos rendimentos por consequência.

A medida da desigualdade do social no IES da Mesorregião Centro Ocidental entre 2000 e 2010 apontou redução de 552%, saindo de um elevado índice de exclusão social de desigualdade social 0,094 para 0,614 apontando uma redução significativa da desigualdade social em 2010.

Em análise da variável desigualdade, os municípios da mesorregião constatamos que Quarto Centenário, Altamira do Paraná e Iretama apresentaram o maior grau de exclusão em relação a desigualdade na região em 2010. Ao passo que municípios de Terra Boa, Araruna e Corumbataí do Sul se constituíram no menor grau de exclusão social em desigualdade - sendo

os que os dois estão entre os municípios mais industrializados da região, enquanto que Corumbataí do Sul está num processo de industrialização com a produção de suco de maracujá. A desigualdade entre o maior e o menor grau de exclusão em pobreza 0,408 em 2010 entre os municípios da mesorregião.

As principais diferenças no indicador de desigualdade social, em relação aos municípios menos e mais industrializados (8,46%); microrregiões de Goioerê e Campo Mourão (4,68%) – demonstrando que os municípios mais industrializados e a microrregião de Campo Mourão conseguiram reduzir os níveis de desigualdade do IES em proporção maior que na comparação das duas microrregiões. O desempenho dos municípios de Quinta do Sol e Corumbataí do Sul apresentou a maior redução de pobreza da mesorregião, enquanto que os municípios de Altamira do Paraná e Campo Mourão com os menores índices de redução de pobreza na dimensão da exclusão social entre 2000 e 2010.

A quarta variável do IES a ser tratada é o Indicador de Alfabetização (taxa de alfabetização das pessoas de cinco anos ou mais de idade) - a princípio, pode parecer que não muda muito escolher entre analfabetismo e alfabetização; é como escolher cara ou coroa de uma mesma moeda; ou como enfocar o lado problemático de uma realidade como o analfabetismo, ou o lado da solução com a alfabetização (FERRARO; KREIDLOW, 2004). Para tanto é pertinente o alerta: “Hay pocos temas en la problemática social contemporánea de los que se hable tanto e se llegue a tan pocos acuerdos como el analfabetismo y su aparente ‘solución: la alfabetización’” (LLOMOVATTE, 1989, p. 5).

Llomovatte (1989) provoca o fato de ver na alfabetização não mais do que a solução para o analfabetismo. Então que programas de superação do analfabetismo continuem constituindo objeto de políticas públicas. A alfabetização, mesmo no limitado sentido censitário, representa livrar-se de um estigma. O fato de que, por menor que seja o ganho representado pela alfabetização, medida pelo critério de saber ler e escrever um bilhete simples, ele representa o primeiro passo decisivo no processo de escolarização.

O IES do indicador alfabetização registra percentuais de população alfabetizada indicando que um caminho para a melhoria das condições desta população ainda passa por esforços maciços na área da alfabetização.

A alfabetização da mesorregião como componente do IES no ano de 2000 atingiu o índice (0,796) que foi melhor que o verificado em 2010 (0,744). A diferença entre o maior e o menor grau de exclusão entre os índices de alfabetização em 2010 é de 0,207 entre os municípios da região. Os maiores destaques em 2010 ficaram com os municípios de Terra Boa, Campo Mourão e Engenheiro Beltrão que estão entre os municípios mais

industrializados, enquanto os indicadores de alfabetização mais baixos se localizaram nos municípios de Altamira do Paraná, Janiópolis e Corumbataí do Sul.

Algumas diferenças são representativas, no indicador de alfabetização, quando se trata dos municípios menos e mais industrializados (15,17%); microrregiões de Goioerê e Campo Mourão (2,18%) no ano de 2010 – demonstrando que os municípios mais industrializados e a microrregião de Campo Mourão possuem melhores indicadores de alfabetização na dimensão de exclusão da mesorregião. Em termos de evolução entre os anos de 2000 e 2010: apesar da melhoria de acesso à educação, os índices de analfabetismo ainda são relativamente elevados.

Assim, verificamos que nos municípios da mesorregião, com exceção de Terra Boa os demais municípios aumentaram os índices de alfabetização da IES, principalmente nos municípios de Janiópolis e Corumbataí do Sul que apresentam mais dificuldades na área.

A quinta variável do IES a ser tratada é o Indicador de Escolaridade (proporção de pessoas com 17 anos ou mais que concluíram o ensino médio) – tanto o IDH como o IES não sinalizam a relação, que talvez exista, entre renda e nível de escolaridade, assim como não conhece a existência de trabalhos que tenham tentado buscar essa correlação, e, mais do que isso, a provável relação de causa e efeito existente entre renda e escolaridade média (LEMOS, 2008).

A escolaridade da mesorregião como componente do Índice de Exclusão Social, no ano de 2000 atingiu o índice (0,421) que foi melhor que o verificado em 2010 (0,389). A diferença entre o maior e o menor grau de exclusão entre os índices de exclusão na escolaridade em 2010 foi de 0,276. Os maiores destaques em 2010 ficaram com os municípios de Campo Mourão, Engenheiro Beltrão, Goioerê e Peabiru – os dois primeiros estão entre os municípios mais industrializados, enquanto os indicadores de escolaridade mais baixos se localizaram nos municípios de Rancho Alegre D'Oeste, Iretama e Corumbataí do Sul.

Algumas diferenças são representativas, no indicador de escolaridade, quando se trata dos municípios menos e mais industrializados (34,88%); microrregiões de Goioerê e Campo Mourão (4,21%) no ano de 2010 – demonstrando que os municípios mais industrializados e a microrregião de Campo Mourão possuem melhores indicadores de escolaridade na dimensão de exclusão no contexto da mesorregião.

Em termos de evolução entre os anos de 2000 e 2010: apesar da melhoria de acesso à educação, os índices de escolaridade, assim como aconteceu com o índice de alfabetização ainda são relativamente elevados na dimensão de exclusão. Na região 72% dos municípios apresentaram variação negativa, 8% com variação nula e apenas cinco municípios apresentaram variação positiva entre 2000 e 2010 no índice de escolaridade na dimensão de

exclusão, principalmente nos municípios de Corumbataí do Sul, Iretama e Roncador que apresentam dificuldades na área.

A sexta variável do IES a ser tratada é o Indicador de Juventude (proporção da população com até 19 anos de idade) - uma grande participação da população juvenil, no total da população, significa uma população ainda predominantemente jovem marcada pela existência de famílias numerosas, com elevadas taxas de mortalidade infantil, elevada dependência econômica dos membros adultos (LIMA, 2003).

O IES do indicador juventude contempla que quanto maior a proporção da população juvenil, ou seja, com os mais baixos índices, piores as condições familiares de sustento e de assistência, maior a exclusão.

A juventude da Mesorregião Centro Ocidental como componente do IES no ano de 2000 atingiu o índice (0,677) que foi melhor que aquele registrado em 2010 (0,593). A diferença entre o maior e o menor grau de exclusão entre os índices de exclusão de juventude dos municípios da região em 2010 foi de 0,137. Os maiores destaques em 2010 ficaram por conta dos municípios de Boa Esperança, Terra Boa e Ubitatã – somente Terra Boa está entre os municípios mais industrializados, enquanto os indicadores de juventude de maior exclusão se localizaram nos municípios de Altamira do Paraná, Luiziana e Nova Cantú.

Algumas diferenças são representativas, no indicador de juventude, quando se trata dos municípios menos e mais industrializados (7,5%); microrregiões de Goioerê e Campo Mourão (-1,34%) no ano de 2010 – demonstrando que os municípios mais industrializados e a microrregião de Goioerê possuem melhores indicadores de juventude na dimensão de exclusão na região. Em termos de evolução entre os anos de 2000 e 2011: A totalidade dos municípios da região apresentou variação negativa no índice de juventude na dimensão de exclusão, principalmente nos municípios de Araruna, Altamira do Paraná e Campina da Lagoa que apresentam dificuldades de concentração juvenil.

A sétima variável do IES a ser tratada é o Indicador de Violência (taxa de homicídio por 100 mil habitantes) – trata da vulnerabilidade a que está sujeita a população. Os homicídios (assassinatos, latrocínios, desafios, etc.) estão presentes atualmente em todas as comunidades humanas, sejam elas grandes (as metrópoles) ou pequenas. (LIMA, 2003).

O IES do indicador violência contempla que quanto maior a violência (mais baixo o índice), menor a expectativa de longevidade da população, menor a sensação de segurança, pior a qualidade de vida, maior a exclusão.

A violência da Mesorregião Centro Ocidental como componente do IES no ano de 2000 atingiu o índice (0,953) que foi melhor que aquele registrado em 2010 (0,903). A

diferença entre o maior e o menor grau de exclusão entre os índices de exclusão de violência dos municípios da região em 2010 foi de 0,362. Os maiores destaques em 2010 ficaram por conta dos municípios de Boa Esperança, Corumbataí do Sul, Juranda, Moreira Sales, Quarto Centenário, Rancho Alegre D'Oeste, e Quinta do Sol todos com índice de violência máximo (1,000) indicando maior sensação de segurança e praticamente nula a dimensão de exclusão nenhum desses está entre os municípios mais industrializados, enquanto os indicadores de violência de maior exclusão se localizaram nos municípios de Altamira do Paraná, Peabiru, Campo Mourão e Fênix.

Algumas diferenças são representativas, no indicador de violência, quando se trata dos municípios menos e mais industrializados (-3,67%); microrregiões de Goioerê e Campo Mourão (-2,62%) no ano de 2010 – demonstrando que os municípios menos industrializados e a microrregião de Goioerê possuem melhores indicadores de violência na dimensão de exclusão na região.

Em termos de evolução entre os anos de 2000 e 2011 na região 68% dos municípios apresentaram variação negativa, 8% com variação nula e apenas seis municípios apresentaram variação positiva no índice de violência na dimensão de exclusão, principalmente nos municípios de Altamira do Paraná, Campo Mourão, Corumbataí do Sul e Peabiru que aumentou a sensação de insegurança.

Seguindo o estudo sobre IES, finalizaremos com os pontos relacionados as manchas extremas de exclusão social na Mesorregião Centro Ocidental abarcando os municípios das microrregiões de Campo Mourão e Goioerê, ou seja, a apresentação dos municípios que apresentam os piores IES da região. Considerando a dinâmica econômica entre os anos de 2000 e 2010 percebemos que as diferenças entre os principais municípios da região ficaram menores, embora a situação de equilíbrio regional ainda parecesse um pouco distante, como já visto nos indicadores econômicos e sociais apresentados anteriormente.

Os piores municípios indicadores sociais são aqueles localizados em municípios com territórios cujo relevo é mais acidentado e historicamente identificado com o problema e demandam um acompanhamento mais eficiente para o equilíbrio regional com a redução da desigualdade econômica e social.

As diferenças entre as microrregiões quanto a concentração de municípios com elevado IES, durante o ano de 2000. No ano de 2010 nenhum dos municípios da região se encontravam com IES menor que 0,45 (Tabela 36).

Tabela 36: Região Centro Ocidental. Manchas de Extrema Exclusão Social, 2000 e 2010

REGIÃO	2000			2010		
	MUNICÍPIOS			MUNICÍPIOS		
	TOTAL (A)	IES < 0,45 (B)	B/A (%)	TOTAL (A)	IES < 0,45 (B)	B/A (%)
Mesorregião	25	12	48,00	25	-	-
MRG Campo Mourão	14	8	57,14	14	-	-
MRG Goioerê	11	4	36,36	11	-	-

Fonte: Atlas de Exclusão Social no Brasil (2000 e 2010)

Os dados expostos indicam que a microrregião de Campo Mourão em 2010 se apresenta com 57,14% e a microrregião de Goioerê conta com 36,36% dos municípios com IES menor ou igual a 0,45 – indicando elevado grau de pobreza, oportunidades de emprego não atende as necessidades e alguns problemas pontuais nos níveis de escolaridade e alfabetização. São oito municípios da microrregião de Campo Mourão (Barbosa Ferraz, Corumbataí do Sul, Farol, Fênix, Iretama, Luiziana, Quinta do Sol e Roncador) que detinham 30,5% da população da microrregião em 2000 e 27,37% em 2010, enquanto que na microrregião de Goioerê era composta por quatro municípios (Altamira do Paraná, Campina, Janiópolis, Nova Cantú e Quarto Centenário) com 23,42% da população da microrregião de Goioerê em 2010 e 19,8% em 2000.

Nesse raciocínio, nos municípios das microrregiões de Campo Mourão e Goioerê, queda de população com IES menor ou igual a 0,45 indicando o fortalecimento dos municípios para redução do grau de IES. Dos 12 municípios citados nenhum deles está enquadrado como municípios mais industrializados. Nos municípios com maior grau de exclusão social, as dificuldades são origem a falta de disponibilidade de serviços públicos essenciais como as estruturas de saúde e educação.

Ressaltamos que os piores indicadores estão localizados nos municípios que mais perderam população, principalmente Altamira do Paraná, Corumbataí do Sul, Janiópolis, Nova Cantú, Quinta do Sol e Roncador. A microrregião de Goioerê com cerca de 10% de perda de população nos dois últimos censos também apresentou baixos IES. Esses dados nos mostram que o problema da região é mais social que econômico, sem desconsiderar a participação do econômico que é essencial para gerar as oportunidades.

Os dados gerais registrados no ano de 2000 para os índices de emprego e desigualdade social eram de alto grau de IES para todos os municípios da Mesorregião Centro Ocidental, mas que em 2010 esses indicadores melhoram sensivelmente com evolução acentuada principalmente no índice de desigualdade social, apesar de não ser ainda o ideal para a sociedade regional.

Qualquer dos outros índices coadjuvantes pode ser apreciado isoladamente, inclusive visando possíveis intervenções de políticas públicas naquele setor específico, objetivando influenciar no seu desempenho, na sua melhoria junto à população. Por resultado observamos melhoras do índice final de exclusão social quando comparados dados entre 2000 e 2010.

A diminuição da “Exclusão” e da “Pobreza” deve ser relativizada com o Programas Sociais estabelecidos pelo Governo Federal, porém, isso mostra que a Mesorregião é precária sob o ponto de vista das Políticas Públicas e da gestão social e econômica dos municípios dessa mesorregião.

Tomando por referência a Mesorregião Centro Ocidental nos estudos realizados até esse ponto, ressaltamos o processo de ampla modernização agrícola vinculado a industrialização, com implicações nas demais mesorregiões paranaenses. Segundo a linha de pensamento de Milton Santos (1996) há de se considerar a industrialização não em seu sentido restrito com atividades mais localizadas, mas como uma lógica em que há um complexo processo social, seguramente abarcando a composição de um mercado nacional, a criação de infraestruturas no território tendo em vista sua integração e a ampliação das formas e volumes de consumo. Essa é uma concepção do processo de industrialização fundamental para compreender a região em estudo. A indústria está nela presente, mas mesmo nos municípios onde ela não está, a lógica da industrialização pode alterar o local de moradia das pessoas, o consumo, a cultura, enfim toda a condição de vida devido a influência da indústria instalada em outros locais. Os municípios mais industrializados apresentam algumas vantagens comparativas em relação àqueles que menos industrializados.

A ocorrência da movimentação do emprego industrial traz consequências sociais e econômicas, é o foco da crítica social dirigida aos projetos baseados no padrão flexível⁵⁰, exigindo cada vez mais das empresas a elaboração de argumentos e ações para justificar e legitimar essa nova faceta do processo produtivo.

A modernização industrial tem reorganizado o espaço geográfico do local ao mundial, pois a instalação de uma indústria em determinado lugar depende de uma série de elementos que se tornaram imprescindíveis para justificar sua implantação, mas acima de tudo o atendimento social. Contudo a questão do emprego vai além do embate entre capital e trabalho dentro da fábrica. A reestruturação afetou também a situação social de regiões que tiveram suas histórias associadas à industrialização.

⁵⁰ A produção flexível tem como objetivo alcançar os anseios de seus consumidores, o desenvolvimento desse tipo de produção conduziu a uma diminuição nos estoques de matéria-prima e de outros suprimentos usados nas indústrias. A produção flexível substituiu a produção fordista, pois o modelo de produção e distribuição em massa não atendia os requisitos das perspectivas industriais.

Os municípios da região apresentam grande heterogeneidade quanto aos seus indicadores econômicos e sociais. Ao longo desse trabalho vimos que é possível classificá-los quanto ao potencial de desenvolvimento local e regional, de acordo com os níveis populacionais, indicadores sociais, indicadores econômicos. A relevância do setor industrial, que apesar de pouca população beneficiada pelo emprego, apresenta renda superior para os trabalhadores ao comparar com os demais setores econômicos da região, é determinante para a condição de vida da sociedade dos municípios analisados, haja vista, a aparente capacidade endógena de superar problemas e mobilizar potenciais que se encontram quase estagnado em boa parte dos municípios.

De modo geral, observamos no conteúdo desse trabalho que a região mostra um perfil pouco empregador e com tecnologia ainda em desvantagem em relação a outras regiões do Estado, além de baixa remuneração um pequeno número de municípios que foram beneficiados por políticas industriais locais, por isso a necessidade urgente de conceber e programar um ciclo de longo prazo de crescimento econômico sustentado para a economia regional que está se tornando dependentes de transferências de renda.

Vimos que a projetos de intenções investimentos que foram concretizados no Paraná, mostram que eles, usualmente, abrem um amplo leque de benefícios e de oportunidades para a promoção do desenvolvimento dos municípios em que se localizam, em termos de geração de renda e de emprego, de ampliação da base tributável, de novas oportunidades de melhorias na infraestrutura econômica e social, de oferta de capitais para as indústrias.

As cidades pequenas com maiores dificuldades de atração de investimentos industriais não somente na Mesorregião Centro Ocidental como em outras regiões do Paraná, são polarizadas por núcleos regionais, mesmo em caso de regiões mais pobres, a exemplo de Goioerê, com áreas de economicamente dinâmicas, mas também áreas de pobreza, mostrando desenvolvimento desigual e combinado do espaço e na causação circular e acumulativa do capital em que onde os ricos sempre terão mais em detrimento da exploração dos pobres (MYRDAL, 1957).

Entretanto, todas estas novas chances de desenvolvimento inclusivo talvez tenha condições de se realizar em um contexto de práticas de desenvolvimento endógeno, como o preconizado por Vázquez Barquero (2007). No caso da Mesorregião Centro Ocidental – a Coamo detém uma parcela significativa de exportações sendo a segunda no *ranking* do Paraná atrás apenas da *Renault* no ano de 2010 (ESTADO DO PARANÁ - SEIM, 2012). Isso claramente demonstra que um dos fatores para a perda de população não é pela falta mas pelo tipo de investimento captado que é pouco absorvedor de mão-de-obra.

Ao longo da presente pesquisa, selecionamos alguns pontos relevantes para debate mais conclusivo após as análises das entrevistas com foco nas atividades industriais da região. Para tanto procuramos o entendimento do perfil industrial do Estado modificado com o processo de desconcentração industrial, as formas de reestruturação do capital e da dinâmica de industrialização que se refletiu nos valores econômicos e investimentos mais fortemente na RMC – porém com gradual descentralização para o interior, notadamente para as regiões Norte Central e Oeste. O estudo mostrou até aqui a importância social dos segmentos industriais na geração de emprego, principalmente os mais qualificados e que a indústria do Paraná paulatinamente vai se inserindo na produção de intensidade tecnológica mais elevada.

As espacialidades e os resultados econômicos das indústrias são relevantes, conforme dados econômicos desde o PIB até o faturamento com o mercado interno e externo. Além de que o protocolo de intenções de investimentos se interioriza cada vez com regiões e localidades absorvendo valores expressivos no contexto estadual. Contudo, lembramos a necessidade de que o desempenho econômico não represente apenas volumes financeiros positivos, mas uma melhor condição de vida para a população dos diferentes municípios.

Nessa parte identificamos o desenvolvimento industrial da Mesorregião Centro Ocidental em comparação com as demais mesorregiões do Estado, para tanto os dados socioeconômicos estão dando suporte para a avaliação da inserção industrial dos municípios da mesorregião e a importância desses na economia local quando as atividades industriais são mais expressivas e, sobretudo os reflexos sociais para a população regional.

Nas questões sociais identificamos avanços, principalmente quando deparamos com algumas dimensões do IES, IDH-M e o Índice de Gini, por outro lado, o decréscimo populacional é preocupante, pois a maioria dos municípios da região não conseguem, ao menos manter a população em seus territórios, demonstrando que para parte da sociedade a reprodução social foi inviabilizada ou as oportunidades não eram suficientes para a sua formação ou expectativas profissionais entre outros aspectos de análise.

A região até aparece bem classificada nos investimentos industriais e nas exportações cujos valores são expressivos, o que nos leva a entender que a princípio não haveria ausência de investimentos na região, mas que esses investimentos parecem concentrados e não alcançam resultados sociais esperados que venham corresponder aos desafios socioeconômicos e espaciais da região.



PARTE 3

3 AS INDÚSTRIAS DA MESORREGIÃO CENTRO OCIDENTAL PARANAENSE E DO MUNICÍPIO DE CAMPO MOURÃO

Como apresentamos em partes anteriores, pretendemos analisar a inserção de Campo Mourão e da região no cenário industrial do Paraná. Precisamos lembrar que procuramos fazer isso levando em conta que se estabeleceu um novo cenário industrial no Paraná e nos questionamos qual o alcance disso para as regiões do interior do Estado, em especial a que tomamos como recorte territorial para análise.

Quando expomos na Parte 1 sobre a indústria de modo geral e no Paraná, fizemos várias referências quanto ao perfil industrial da região. Portanto, a problematização desenvolvida nessa parte exige retomar as ideias já apresentadas. A Parte 2 nos mostrou o perfil da região tanto do ponto de vista econômico como social, expressando que preocupações e que desafios existem na região para serem respondidos. Obviamente esse trabalho não pode ter a pretensão de esgotar as possibilidades de análise, mas trazer algumas contribuições para a interpretação da realidade regional pela natureza da inserção da região por meio da indústria no cenário econômico atual.

Antes de aprofundarmos nos aspectos sobre as indústrias da Região e de Campo Mourão e do seu relacionamento com a promoção do bem estar social da população, faremos algumas referências correlatas ao tema proposto nessa parte.

Segundo Moore (1965), a partir da revolução industrial, houve migração do direcionamento econômico do setor agropecuário e extrativista para colocar o setor manufatureiro no centro das decisões e revelando que a industrialização se manifestasse como força motriz do desenvolvimento econômico das nações e com ela a criação de um novo conjunto de critérios da ordem social.

Com base nessa abordagem de Moore, observamos a realidade que encontramos por meio dos diversos procedimentos utilizados nesse trabalho no Paraná e, mais especificamente, a Mesorregião Centro Ocidental o que nos permitiu ver a relevância do setor industrial para o desenvolvimento econômico das cidades e das regiões e os efeitos produzidos nos investimentos e nos níveis de emprego e renda gerados a partir do processo de industrialização verificado nos resultados que incluem as externalidades econômicas.

Com apoio nas teorias de Diniz; Crocco (1996) e Nasser (2000) que retratam sobre a concentração industrial que refletem situações que mostrem de fato as vantagens competitivas dentro de uma determinada região, como mão-de-obra e recursos de produção, além da necessidade de se lidar com as desigualdades regionais. Baseados nessa premissa, vinculamos o predomínio dos municípios mais industrializados da região, caso de Campo Mourão, Araruna e Terra Boa, assim como Engenheiro Beltrão, Ubitatã e Moreira Sales que estão se constituindo em potenciais espaços industriais, principalmente por contar com empresas de

grande porte e com significativa capacidade de geração de emprego, vem exercendo relevante participação nos aspectos apontados como pertinentes ao estudo da economia regional e, especificamente na concentração industrial que esses municípios promovem na região.

As dinâmicas industriais atuais reforçam essa desigualdade na distribuição espacial da indústria e, portanto, da geração de oportunidades de emprego e renda que ela representa. Como assinalara Veltz (1997, p.37), o emprego é ainda mais concentrado do que a população. É esta realidade que torna relevantes os estudos sobre mobilidade intermunicipal.

Estabelecendo uma ligação na concentração do emprego que Veltz (1988) menciona, levamos em conta de que o maior fluxo de pessoas motivadas pelo trabalho e estudo no Brasil foi constatado entre Americana e Santa Bárbara d'Oeste, em São Paulo (32,5 mil pessoas), das quais 77,5% se davam em função do trabalho. Algumas ligações apresentaram mobilidade estudantil superior a 30% da população: Balneário Camboriú e Itajaí (SC), com 33,3%, Petrolina (PE) e Juazeiro (BA), com 31,7%, e Cabo Frio e São Pedro da Aldeia (RJ), com 30,3% (IBGE, 2015).

Treze ligações entre municípios superaram a marca de 10 mil pessoas se deslocando, e o trabalho foi o maior motivador, com destaque no Paraná para os fluxos entre Maringá e Paiçandu. Paiçandu apresenta alto nível de integração com o pólo, como evidencia a quantidade de pessoas que se deslocam para outros municípios – 10,5 mil pessoas se dirigem à cidade de Maringá (IBGE, 2015).

Segundo pesquisa realizada por Silva (2008) a cidade de Campo Mourão tem recebido diariamente um fluxo da força de trabalho, vindos dos municípios Araruna, Mamborê, Peabiru e Luiziana. Os fluxos de migração pendular⁵¹ diária da força de trabalho desses municípios em direção a Campo Mourão totalizam cerca de 1600 pessoas que utilizam ônibus metropolitano que representa 60% do total de passageiros que utilizam esse tipo de transporte.

Enfim, não é nosso objetivo, mas sinalizamos que a mencionada desigualdade existente na região analisada promove nela fluxos similares. Portanto, a presença industrial nos municípios mencionados é fundamental no âmbito regional, extrapolando os limites municipais.

Abordaremos nessa parte mais diretamente as indústrias regionais e tomaremos como base dados secundários, mas também visitas e entrevistas a algumas indústrias e gestores públicos. Procuramos analisar itens que tratam das indústrias da Região de Campo Mourão

⁵¹ Embora não haja nenhum estudo científico a respeito de quantos trabalhadores utilizam o transporte coletivo intermunicipal, as empresas de ônibus, tendo por base o número total de passageiros após as viagens diárias realizadas entre Campo Mourão e os municípios periféricos, nos horários considerados de pico de entrada e saída do trabalho (SILVA, 2008, p. 94).

em relação ao perfil, políticas industriais, espacialidades e as perspectivas industriais. Pela expressividade que a Coamo tem na região reservamos a ela um item em especial devido a condição de maior referência nos ramos do agronegócio e industrial da Mesorregião Centro Ocidental.

Essa parte do trabalho tem como objetivo finalizar, ao menos momentaneamente, a análise a que nos propomos, tomando por referências mananciais teóricos e empíricos pesquisados e analisados até aqui, que permitiram esboçar respostas aos questionamentos apresentados ao longo e nossas reflexões durante a trajetória de elaboração desse trabalho acadêmico.

3.1 ASPECTOS GERAIS DAS INDÚSTRIAS LOCALIZADAS NA MESORREGIÃO CENTRO OCIDENTAL

A região possui 25 municípios, polarizados por Campo Mourão que é a cidade com maior centralidade regional. Sua rede urbana é constituída basicamente por pequenas localidades, ancoradas economicamente em atividades agrícolas, mas com produção que só pode ser compreendida mediante a lógica industrial.

A Mesorregião Centro Ocidental e mais especificamente o entorno de Campo Mourão destaca-se na agroindustrial com algumas grandes indústrias no ramo alimentar e em outros níveis de intensidade tecnológicas mais avançadas na indústria e grandes cooperativas, além da condição econômica e cultural das cidades de Campo Mourão, Goioerê e Ubitatã que são consideradas como as mais expressivas da região. Não desconsiderando o potencial do setor nas cidades de Araruna e Terra Boa com suas indústrias que abrangem os ramos de alimentos, móveis, destilarias e metalurgia e do segmento sucroalcooleiro nos municípios de Engenheiro Beltrão e Moreira Sales.

Nos municípios da região no campo destacam-se a pecuária o cultivo de soja e milho. Trata-se de uma região do ponto de vista rodoviário com um dos entroncamentos mais expressivos do Estado. Apresenta, contudo diversos desafios sociais quanto à desigualdade e acesso a prestação de serviços públicos.

Na economia, a região apresenta resultados nas atividades primárias, secundárias e terciárias com baixa participação no contexto estadual. Apesar disso, de acordo dados relativos às exportações a Coamo Agroindustrial Cooperativa, em volume financeiro, figura

como umas das empresas paranaenses de maior relevância nesse processo, conforme a Secretaria da Indústria e Assuntos do Mercosul – SEIM (Tabela 37).

Tabela 37: Ranking das Empresas Exportadoras no Paraná em 2009 a 2011

EMPRESAS	US\$ FOB 2009	PARTICIPAÇÃO DAS EXPORTAÇÕES 2009 (%)	US\$ FOB 2010	PARTICIPAÇÃO DAS EXPORTA- ÇÕES 2010 (%)	US\$ FOB 2011	PARTICIPAÇÃO DAS EXPORTAÇÕES 2011 (%)
Bunge Alimentos S/A	585.738.982	5,22	570.829.701	4,03	941.347.741	5,41
Coamo Agroindus Cooperativa	661.627.183	5,90	706.765.909	4,99	939.647.909	5,40
Renault do Brasil S/A	544.213.106	4,85	1.003.154.844	7,08	921.303.985	5,30
Cargill Agrícola S/A	375.542.004	3,35	699.128.785	4,93	889.438.010	5,11
Usina de Açúcar S Terezinha Ltda.	393.118.621	3,50	679.600.720	4,79	858.017.385	4,93
Sadia S/A	668.811.085	5,96	696.755.635	4,92	817.042.692	4,70
Petróleo Brasileiro Petrobrás	334.132.781	2,98	356.265.498	2,51	685.566.392	3,94
CHS do Brasil-Grãos Fertilizantes Ltda.	306.355.794	2,73	325.190.970	2,29	528.174.744	3,04
Volkswagen do Brasil Ltda.	499.658.783	4,45	557.536.833	3,93	415.813.260	2,39
Volvo do Brasil Veículos Lt	198.112.486	1,77	292.391.493	2,06	405.531.411	2,33
ADM do Brasil Ltda.	279.741.946	2,49	295.883.787	2,09	337.970.086	1,94
Nidera Sementes Ltda.	161.037,693	1,43	276.824.722	1,95	333.466.476	1,92
Klabin S.A.	215.077.145	1,92	284.990.844	2,01	315.977.699	1,82
Robert Bosch Ltda.	154.883.098	1,38	281.574.686	1,99	312.414.170	1,80
Cervejaria Petrópolis do Ce Oeste Ltda.	-	-	-	-	291.319.904	1,67
Usina Alto Alegre S.A.	-	-	149.598.274	1,06	254.267.967	1,46
CNH Latin América Ltda.	146.987.362	1,31	227.549.185	1,61	-	-
Outras empresas exportador:	5.697.788.727	50,77	6.771.968.454	47,77	8.146.928.519	46,84
Total exportado	11.222.826.796	100,00	14.176.010.340	100,00	17.394.228.350	100,00

Fonte: MDIC-SECEX

O arranjo das exportações paranaenses de 2011 trouxe a estrutura dos dois exercícios anteriores (Tabela 37). O desempenho satisfatório das *commodities* pode ser notado pela expansão anual da demanda externa. O reflexo desses resultados pode ser visto na perspectiva da exportação da Coamo por fator agregado relacionado à relevância dos produtos básicos adquiridos pela China, como as exportações da soja e derivados. Dessa forma, o *ranking* das empresas exportadoras do Paraná no ano de 2011 predominam as negociações de *commodities*, na categoria: *trading companies*, cooperativas ou usinas de cana-de-açúcar.

Em 2011, a Coamo foi responsável por 5,4% das exportações paranaense. As exportações cresceram 32,95% no período 2010-2011 superior ao crescimento do período 2009-2010 com o crescimento de 6,82%. No Estado do Paraná, a Coamo Agroindustrial Cooperativa está na segunda posição no *ranking*, ou seja, superado pela Sadia (2009),

Renault (2010) e Bunge Alimentos (2011). Em relação a essa última a Coamo 0,01% acima da Coamo foi superada em 0,01%.

Essas informações financeiras são relevantes porque nos ajudam a ponderar acerca da argumentação de que a região é economicamente periférica. Com esses dados é difícil fazer afirmações como essa. Trata-se de ir além, mostrando que embora com esses volumes financeiros na economia regional há uma desigualdade na inserção espacial e, em especial o modo como se organiza a produção que é bastante limitadora em termos de oportunidades sociais para empregos de qualidade e de geração de renda suficientes para manter a população na região.

Os pontos estratégicos da indústria da região são as características diferenciadas, se comparadas, por exemplo, com outras regiões mais desenvolvidas no setor industrial. Embora existam grandes plantas industriais que mencionaremos, observamos que numericamente predominam indústrias de pequeno e médio porte que se instalam próximas de suas matérias-primas, por exemplo, fábricas de alimentos próximas às áreas produtoras de soja, ou ainda, abatedouro de aves localizados próximos das áreas das granjas. As grandes empresas se localizam, principalmente, no entorno de Campo Mourão, destacando-se os segmentos de alimentos, sucroalcooleiro e produtos destinados a equipamentos médicos e odontológicos entre outros com perfil mais tecnológico, onde se encontra mão-de-obra especializada e o desenvolvimento de produtos através de componentes e processos de alta tecnologia, como máquinas e equipamentos para produção e corte de espuma, produtos de esterilização como autoclave e destilador.

A cidade de Campo Mourão com seu entroncamento rodoviário com forte integração ao sistema de corredores de exportação permite fácil acesso aos principais centros consumidores do país. Suas indústrias mais recentemente estão dedicadas à transformação da soja seu principal produto agrícola, bem como à industrialização de produtos vindos da pecuária e outros ramos que a colocam como o principal centro industrial da região.

De acordo com políticas de atração industrial, a Prefeitura Municipal de Campo Mourão para acelerar o processo de industrialização, oferece isenção de impostos municipais, doação de terrenos e serviços de terraplanagem, assim criou dois distritos industriais entre 1976 e 1980 (IPARDES, 1981).

A Coamo Agroindustrial Cooperativa com sede em Campo Mourão é considerada a maior cooperativa agropecuária do Brasil e a mais expressiva referência econômica da região. Ela alavanca indicadores econômicos como já sinalizamos antes em relação ao volume

financeiro de exportações e quanto ao desenvolvimento do segmento agroindustrial, concentrado na produção do café moído, fiação, produtos derivados da soja, e farinha de trigo.

Ressaltamos que, o processo de industrialização de Campo Mourão tem grande contribuição do ritmo de urbanização e de certa forma com o desenvolvimento da cidade aumentou o nível de atração de investimentos industriais de empresas de capital local e regional, bem como de capital externo proveniente de outros centros que se instalaram e aumentaram as possibilidades de oferta de emprego. Com isso houve a atração de migrantes para a cidade como moradores ou como parte do processo de migração pendular (SILVA, 2008). Dessa forma Campo Mourão é o ponto de concentração do emprego na região, nos permitindo aqui verificar sua relevância como município polo dentro de processo que pode ser conferido regionalmente, conforme assinala Veltz (1988).

A atividade industrial, mesmo em escalas diferentes, está presente na grande maioria dos municípios da Mesorregião Centro Ocidental, como poderá ser apreendido pelas partes subsequentes do trabalho. Como parte do preparo regional para a atividade industrial encontra-se em Campo Mourão a Usina Hidrelétrica Mourão I de propriedade da Companhia Paranaense de Energia Elétrica (Copel), instalada no Parque Estadual Lago Azul de Campo Mourão, desde 1964, com capacidade de produção para gerar 8.500 KW o que permitiu a oferta de energia para a região Noroeste do Estado do Paraná (MASSOQUIM *et al.*, 2006).

Galvão *et al.* (2009), retrata que o reservatório da Usina Hidrelétrica Mourão I, com volume de 65 milhões de m³, é alimentado pelas águas do Rio Mourão e que a barragem tem comprimento na crista de 193 m e altura máxima de 19 m.

A presença desta usina e investimentos contínuos da Copel para sua manutenção e atualização tecnológica tem fortalecido a cidade de Campo Mourão que polariza a rede urbana da região. Essa centralidade é confirmada pelo Regic (2008) e exerce influência em outras áreas da região como Campina da Lagoa, Roncador e Goioerê, porém durante muito tempo atendeu isoladamente a região composta por 15 municípios da Mesorregião Centro Ocidental, através da eficiência das ações ambientais realizadas pela Copel para reduzir os impactos causados com incêndios florestais, que viabilizou a criação do Parque Estadual do Lago Azul (COPEL, 2015).

A Usina Hidrelétrica Mourão I tem relevante participação no fornecimento de energia elétrica para as residências, comércio, agricultura e, notadamente, para que as indústrias. Essa localidade revela em âmbito regional, a drenagem de renda trazendo um contraste que mostra a desigualdade quanto aos demais municípios da região (CORRÊA, 1989 e CORRÊA, 2007).

A Região de Influência das Cidades prioriza a função de gestão do território como definidora das hierarquias urbanas. A cidade de Campo Mourão assumiu o rótulo de polo regional, pelas características: comercial, industrial, agronegócio e serviços públicos disponibilizados. Assim, de acordo com Corrêa (1995, p.83), “centro de gestão do território, por outro lado, é aquela cidade onde se localizam, de um lado, os diversos órgãos do Estado e, de outro, as sedes de empresas cujas decisões afetam direta ou indiretamente um dado espaço que passa a ficar sob o controle da cidade através das empresas nelas sediadas”. O autor ainda ressalta que não é nada incomum a existência de concentração dos órgãos de Estado e sedes de grandes empresas em uma mesma cidade. No âmbito da região estudada isso se encontra em Campo Mourão.

Configurando espacialidades de média relevância, a Região de Campo Mourão se constitui em pontos relevantes localizados em porções do território com nítidos problemas socioeconômicos, funcionam como receptáculo da produção do entorno sem nítido desdobramento regional (IPARDES, 2006).

Nesse processo de polarização retomamos nosso foco por meio da citação de Botelho (2008, p. 20) que destaca: “O espaço da indústria continuaria tendo uma contribuição importante para a confirmação do espaço, e a sua análise ainda é necessária, pois na indústria contemporânea se produz grande parte da riqueza (mais-valia) social. Assim, é necessário sempre levar em conta as mudanças que ocorrem na indústria e que afetam a localização desta no território [...]”.

De acordo com a base de dados disponibilizados pelo IparDES, leva-se ao entendimento de que se consolida a matriz industrial região. Em algumas das cidades se destacam os segmentos açúcar e álcool, óleo, gorduras vegetais, algodão e mandioca, que têm forte participação no valor adicionado do setor industrial das localidades e da região. O segmento têxtil ainda mantém relevância, apesar da crise da cultura do algodão dos anos 1990, principalmente no município de Goioerê.

No complexo agroindustrial, a Coamo tem uma atuação que extrapola os limites mesorregionais, constituindo-se no maior grupo exportador de produtos agrícolas e agroindustriais e o segundo do Paraná em nas exportações totais de acordo com dados de 2008 e 2010 divulgados pela SEIM, além de outros ramos mencionados em análises em partes anteriores desse trabalho, como o segmento mobiliário e de equipamentos médico-hospitalar.

O segmento que mais se destaca na mesorregião da indústria de transformação é a indústria de alimentos praticados na maioria dos municípios e com destaque para Campo Mourão e Araruna.

Embora proporcionalmente a outras regiões do Estado, a participação industrial da Mesorregião Centro Ocidental possa parecer pequena, a atividade industrial tem peso na dinâmica econômica interna a região atual e tem alcançado projeção bastante significativa pelo porte de empresas como a Sabarálcool, Unitá, Coamo e A.J. Rorato. Na região a maioria dos municípios não possui tradição industrial, nos quais predominam os setores primário e terciário da economia.

No âmbito da mesorregião, os municípios da microrregião de Campo Mourão apresentam vantagens econômicas e níveis de industrialização superiores em relação aos municípios da microrregião de Goioerê, conforme destaques a seguir:

- As indústrias da microrregião de Campo Mourão além dos processos industriais mais tradicionais se utilizam de processos mais avançados; i) Campo Mourão com diversificados segmentos industriais, desde os mais tradicionais até os de intensidade tecnológica mais avançada, tais como, a transformação do grão da soja em óleo vegetal e margarina vegetal, equipamentos da área de saúde, autoadesivo para impressão em *offset* e montagens de placas de circuito impresso e conjuntos eletrônicos; ii) Araruna atuando fortemente nos ramos mobiliário, alimentos, torneiras de metal, artefatos de madeira, equipamentos industriais, estofados e etc.; iii) Terra Boa, devido à proximidade com o município de Cianorte que é considerada a capital do vestuário, tem no segmento de confecções seu principal ramo industrial que detém 52% das indústrias da cidade, outros segmentos como moveleiro, embalagens, etiquetas, laticínios e calçados (BENETON; BOVO, 2011); iv) Engenheiro Beltrão conta com a maior usina e destilaria da região, significativo número de indústrias de confecção, metalurgia e v) Peabiru com indústria de torrefação, alimentos, acabamento em vidros, metalurgia e confecções.

- As indústrias da microrregião de Goioerê com exceção dos municípios de Ubitatã e Moreira Sales, os processos industriais estão na linha das indústrias mais tradicionais: i) Goioerê com os segmentos industriais, alimentos, móveis para escritório, ducha de banho, fiação de algodão e a produção de açúcar e álcool; ii) Ubitatã atuando mais recentemente com abatedouro de aves, laticínios, alimentos, têxtil e de vestuário; iii) Moreira Sales tem ramo sucroalcooleiro sua principal atividade industrial; iv) Rancho Alegre D'Oeste tem no segmento de confecções seu principal ramo industrial com participação significativa no valor adicionado bruto a preços básicos e; v) Campina da Lagoa conta com indústria de confecção e vestuário, papel e artefatos, metalúrgica e produtos alimentares.

Estes parágrafos foram introdutórios e vamos avançar na análise da presença industrial na região nos itens a seguir.

3.2 O PERFIL INDUSTRIAL DA MESORREGIÃO CENTRO OCIDENTAL

Nesta parte do trabalho, ainda que continuemos recorrendo a dados secundários, procuramos complementar com a sistematização dos resultados de procedimentos de visitas e entrevistas realizadas que nos permitam trabalhar com mais detalhes com algumas indústrias na região.

O conhecimento da realidade do setor é essencial para identificação das dificuldades e das potencialidades, condiciona também a função de orientar as ações do poder público e os investimentos para aplicação na área, assim segundo Fiero (1997, p. 134), é preciso saber quantas indústrias permanecem, a localização, o que produzem, como e onde comercializam sua produção e como suprem suas necessidades de matérias-primas.

A região passou por períodos marcantes com os segmentos industriais de fiação de algodão e madeireiro que por escassez de matéria-prima deixaram de ser representativos para a região.

Historicamente, o processo de formação do parque industrial da região de Campo Mourão esteve sempre atrelado à exploração das matérias-primas vegetais, passando gradativamente, a contar com significativo número de indústrias ligadas ao beneficiamento de produtos agropecuários e de outros segmentos de tecnologia mais avançada, principalmente a partir da década de 2000. Contudo, a pauta de produção foi bastante modificada nas últimas décadas, além dos segmentos de produtos alimentares nela foram incorporadas indústrias de móveis, autoadesivos, têxtil, vestuário, equipamentos industriais e médico-hospitalar e odontológico entre outros.

A partir da década de 1980 com os investimentos da Coamo a atividade industrial na região começou a ficar mais evidente, não desconsiderando as décadas anteriores com as madeireiras, denominadas a época como serrarias, além das farinheiras e máquinas de arroz que se tornaram um marco do início da industrialização regional.

Com a diversificação na indústria, a região experimenta um novo perfil econômico em alguns dos seus principais municípios, principalmente na microrregião de Campo Mourão e, sobretudo as possibilidades de crescimento industrial das cidades de Moreira Sales, Goioerê e Ubitatã por pertencerem a um território com mais dificuldades de desenvolvimento.

Os registros acerca do quantitativo de indústrias dos municípios da região passaram a ser mais intensa a partir de 1980, ocasião em que entraram em funcionamento diversas indústrias com segmentos diversificados e foram iniciadas algumas pesquisas na mesorregião,

principalmente devido à sua condição das unidades industriais da Coamo que vem ao longo dos anos anunciando investimentos significativos no Estado do Paraná (IPARDES, 2014).

O desenvolvimento do setor industrial na região, além do próprio avanço do Estado do Paraná foi marcado por mudanças devido ao aumento da demanda dos mercados de outras regiões brasileiras, pelas facilidades por matérias-primas nas localidades da região aliadas à expansão da produção primária e ao crescimento populacional conforme fora mencionado anteriormente. Portanto, pensar em fatores que levam as localizações industriais, ainda que renovados continuem sendo um exercício revelador, mesmo não sendo nosso objetivo neste trabalho.

A Tabela 38 mostra os resultados do levantamento quantitativo realizado na Mesorregião Centro Ocidental, com o número de estabelecimentos industriais por município e sua comparação com o total de indústrias da região, proporcionando um quadro recente que permite identificar as tendências dos municípios.

Tabela 38: Mesorregião Centro Ocidental. Comparação da totalidade dos estabelecimentos com a quantidade de estabelecimentos industriais dos municípios, período 2008-2013

Localidade	2008		2009		2010		2011		2012		2013	
	Total	Indústria	Total	Indústria	Total	Indústria	Total	Indústria	Total	Indústria	Total	Indústria
Altamira do Paraná	46	1	55	1	59	1	67	1	70	1	75	2
Araruna	230	54	259	56	280	60	328	62	300	67	315	66
Barbosa Ferraz	218	11	221	13	234	16	259	17	241	17	265	21
Boa Esperança	113	3	120	3	126	2	131	3	143	2	142	4
Campina da Lagoa	305	11	329	12	350	12	361	9	373	11	393	14
Campo Mourão	2.516	224	2.623	236	2.857	256	3.027	264	3.137	281	3.288	298
Corumbataí do Sul	63	4	70	6	72	6	72	5	70	5	72	7
Engenheiro Beltrão	328	32	343	36	366	36	366	37	406	38	432	41
Farol	60	1	62	2	57	1	56	1	50	2	58	3
Fênix	76	4	80	3	84	2	74	2	92	2	101	3
Goioerê	698	60	717	57	744	60	811	59	828	66	936	72
Iretama	144	4	160	6	160	5	189	6	196	5	196	4
Janiópolis	119	8	132	10	132	7	133	11	133	13	141	12
Juranda	132	3	145	3	149	5	175	7	172	6	200	9
Luiziana	165	8	181	10	187	12	198	15	226	12	226	14
Mamborê	393	20	391	20	426	20	459	17	439	21	470	20
Moreira Sales	190	29	204	26	220	20	230	23	251	25	240	26
Nova Cantú	132	2	131	1	142	3	145	2	146	2	162	5
Peabiru	298	34	296	35	323	36	370	38	375	41	377	48
Quarto Centenário	86	4	89	7	88	6	82	4	93	4	98	5
Quinta do Sol	108	2	108	2	108	4	113	3	119	4	122	5
Rancho Al. D'Oeste	57	1	63	1	61	1	79	1	80	1	77	1
Roncador	240	15	254	19	244	16	253	17	262	16	275	14
Terra Boa	413	95	446	97	483	109	489	105	484	99	525	97
Ubiratã	501	47	517	43	550	47	599	60	672	64	694	57
MRG Campo Mourão	5.252	508	5.494	541	5.881	579	6.253	589	6.397	610	6.722	641
MRG Goioerê	2.379	169	2.502	164	2.621	164	2.813	180	2.961	195	3.158	207
MSG Centro Ocidental	7.631	677	7.996	705	8.502	743	9.066	769	9.358	805	9.880	848

Fonte: MTE/Rais e IparDES/Banco de Dados

Dessa forma, ao considerarmos os dados da Rais do período 2008-2013, percebemos que o setor industrial vem evoluindo, embora no período 2010-2011 tenha ocorrido redução de crescimento da quantidade de industriais em relação aos períodos anteriores caracterizando um ponto de inflexão, pois o crescimento de 3,5% foi inferior aos crescimentos dos períodos que antecederam e sucederam ao período 2010-2011.

O incremento no número de empresas industriais foi de 25,26% no período 2008-2013 correspondendo a 171 novas empresas industriais estabelecidas na região. Se considerarmos a participação quantitativa de indústrias em relação à totalização dos estabelecimentos da mesorregião, em média correspondeu a 8,68% durante o período 2008-2013. A maior participação ocorreu em 2009 com base no ano imediatamente anterior que atingiu a 8,87% (Tabela 38).

Do total de 848 estabelecimentos industriais distribuídos no território da mesorregião no ano de 2013, a microrregião de Campo Mourão foi responsável por 75,59% e a cidade de Campo Mourão com 298 indústrias respondeu por 35,18% da totalidade de estabelecimentos da região, participação superior ao da microrregião de Goioerê que contabilizou 24,41% dos estabelecimentos nos 11 municípios que a compõe. No contexto geral estes estabelecimentos demonstraram representar uma relevante parcela na atividade socioeconômica da região, com expressiva participação na geração de emprego que será vista nessa parte ainda.

De acordo com dados de 2013, a distribuição espacial das 848 indústrias da mesorregião, 83,17% delas se encontra nos seguintes municípios: Campo Mourão (35,18%), Terra Boa (11,44%), Goioerê (8,49%), Araruna (7,78%), Ubitatã (6,72%), Peabiru (5,66%), Engenheiro Beltrão (4,83%) e Moreira Sales (3,07%). Isso significa que apenas 32% dos municípios da região possuem acima de 3% de participação na totalidade dos estabelecimentos industriais; 40% dos estabelecimentos são para municípios entre 0,1% a 0,99% de participação; 20% são municípios que tem entre 1% a 1,99% de participação e 8% dos municípios está entre 2% e 2,5% de participação da mesorregião. Essa tendência prevaleceu nos anos anteriores com pequenas variações que não comprometem a análise referenciada pelo ano de 2013.

Durante a análise sobre a localização e a concentração das indústrias na região, percebemos que os municípios com mais de cem indústrias em média no período 2008-2013 são Campo Mourão e Terra Boa. Um aspecto a ser observado é que apesar do município de Terra Boa apresentar uma população menor, obtém uma quantidade, proporcionalmente, mais expressiva de estabelecimentos industriais em toda a região. A participação de Campo

Mourão no quadro geral de estabelecimentos ainda é a mais relevante em valores absolutos e com uma parcela significativa de indústrias com maior expressividade de capital.

A seguir trataremos da evolução dos estabelecimentos industriais em relação as microrregiões de Campo Mourão e Goioerê, além dos municípios de Campo Mourão e Terra Boa (Figura 28).

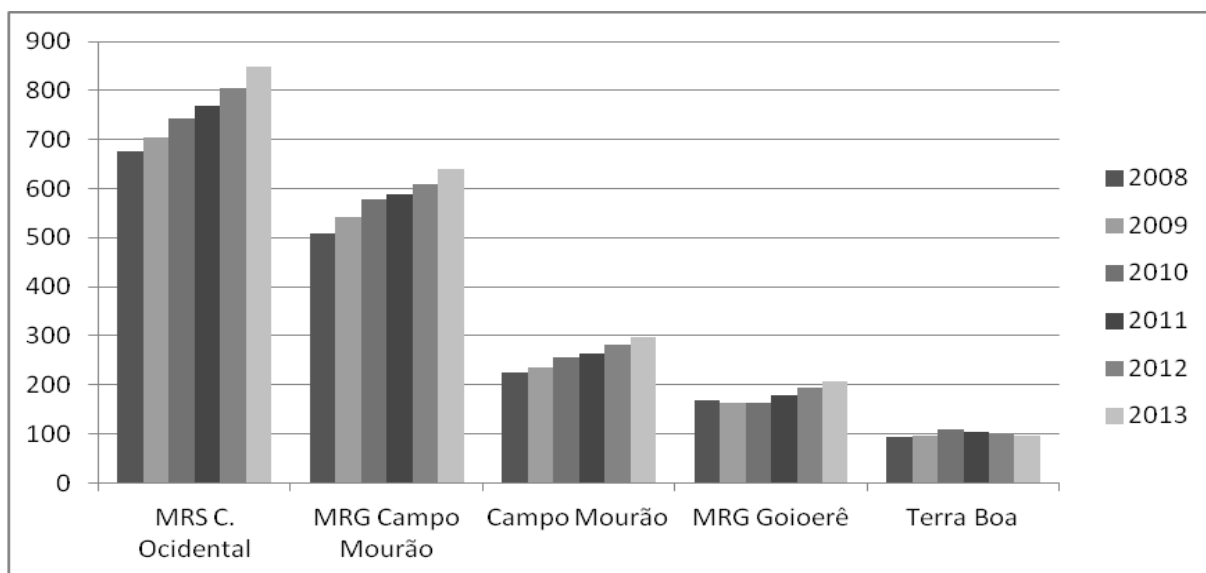


Figura 28: Mesorregião Centro Ocidental. Evolução dos estabelecimentos industriais da mesorregião, microrregiões e cidades de Campo Mourão e Terra Boa, 2008-2013

Fonte: MTE/Rais e Iparde/Banco de Dados

Percebemos o incremento real no número de indústrias da mesorregião, da microrregião de Campo Mourão e mais especificamente das cidades de Campo Mourão e Terra Boa; enquanto a microrregião de Goioerê apresenta mais dificuldades na área industrial, exceto Goioerê, Ubitatã e Moreira Sales, notadamente, entre 2008 e 2010, mas sinalizando recuperação a partir de 2011. A evolução industrial da região com destaque para os municípios de Campo Mourão e Terra Boa (Figura 28).

As participações mais baixas ficaram em Rancho Alegre D'Oeste, Altamira do Paraná, Farol, Fênix, Boa Esperança e Iretama que apresentaram variação abaixo de 0,5% em relação a totalidade da mesorregião no número de indústrias.

De maneira geral houve aumento no número de estabelecimentos industriais na mesorregião. Os dados permitem deduzir que há tendência de que o município de Campo Mourão se consolide cada vez mais como polo industrial. Por outro lado, o crescimento havido nos demais municípios da mesorregião mostra a possibilidade de disseminação quanto à distribuição espacial de algumas atividades industriais.

Ao analisarmos a localização das indústrias, defrontamos com situações que em muitos municípios os estabelecimentos encontram-se dispersos e em alguns casos funcionando em locais não apropriados. Ou seja, observamos a não existência de parques industriais ou áreas adequadas a prática das atividades específicas, principalmente os municípios de participação relativa muito baixa no contexto regional. Ao afirmarmos isso, tomamos em consideração que criar solo industrial tem sido parte das estratégias denominadas como de desenvolvimento local (VAZQUEZ BARQUERO, 1987).

Os municípios de Campo Mourão, Terra Boa, Goioerê, Araruna e Ubiratã possuem as maiores quantidades de estabelecimentos industriais da região (Figura 29).

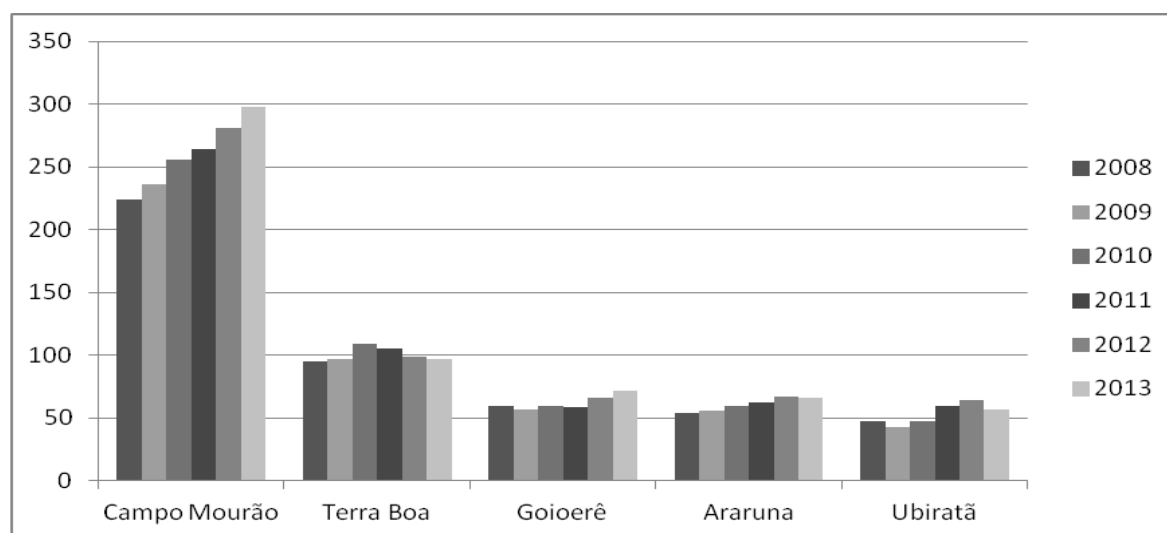


Figura 29: Mesorregião Centro Ocidental. Evolução dos estabelecimentos industriais da mesorregião, microrregiões e cidades de Campo Mourão e Terra Boa, 2008-2013

Fonte: MTE/Rais e Ipardes/Banco de Dados

A média de estabelecimentos industriais no período 2008-2013: Campo Mourão (34,23%), Terra Boa (13,31%), Goioerê (8,23%), Araruna (8,03%) e Ubiratã (6,97%), juntos representam mais de $\frac{3}{4}$ do setor industrial na região. Dos cinco municípios detentores das maiores fatias de participação de estabelecimentos industriais dois deles pertencem a microrregião de Goioerê e três estão localizados na microrregião de Campo Mourão.

Assim, obtivemos que em média cada município possui 38,58 estabelecimentos industriais. A cidade de Campo Mourão detendo 49,68% dos estabelecimentos industriais da região se consolidou como o principal polo industrial da região e Engenheiro Beltrão com 32 indústrias a participação atingiu 6,91%. Os municípios de Ubiratã (40), Moreira Sales (46), Goioerê (72) os mais industrializados da microrregião de Goioerê participam em média 34,13% dos estabelecimentos do setor.

Além das informações mencionadas anteriormente a respeito da quantidade de estabelecimentos industriais, de acordo com entrevistas realizadas com prefeituras no ano de 2014 envolvendo com 15 municípios⁵² da Mesorregião Centro Ocidental que concederam as entrevistas totalizando 463 estabelecimentos industriais⁵³.

Nessa entrevista ainda, constatamos que o município de Luiziana com 16 indústrias se apresenta quantitativamente em condições superiores aos municípios de Peabiru (10) e Campina da Lagoa (9), esses municípios com população superior a de Luiziana contam com número de estabelecimentos industriais inferiores a ela, enquanto que os demais municípios dessa relação são inexpressivos na formação de indústrias. Na escala dos estabelecimentos industriais, Campo Mourão tem as maiores empresas da região em seguida Ubiratã com a Coagru e Unitá e Moreira Sales com Usina de Açúcar e Álcool Santa Terezinha. O município de Goioerê que em termos de número é inferior somente a Campo Mourão é constituído por pequenas indústrias.

A partir da verificação do número de estabelecimentos por segmento e a sua participação no setor industrial, elaboramos as Tabelas 39 e 40 com a composição das principais atividades industriais da mesorregião e suas microrregiões.

Segundo informações levantadas junto a Rais (2015), em 2013, existiam na Mesorregião Centro Ocidental, cerca de 30 segmentos industriais. De acordo com o perfil industrial, a mesorregião se caracteriza com diversificação e verticalização das atividades.

Verificamos que parte das atividades depende de matérias-primas e produtos regionais, enquanto outros segmentos de confecções, máquinas e equipamentos e materiais de saúde, fitas adesivas, móveis, metalúrgicas, entre outros dependem de matérias-primas nacionais e internacionais.

⁵² Campo Mourão, Goioerê, Moreira Sales, Ubiratã, Engenheiro Beltrão, Luiziana, Peabiru, Campina da Lagoa, Janiópolis, Corumbataí do Sul, Farol e Quarto Centenário. Os municípios de Boa Esperança, Roncador e Rancho Alegre D'Oeste não constam registros de indústrias no cadastro das respectivas prefeituras,

⁵³ Nesse estudo não definimos as quantidades de estabelecimentos industriais de Araruna e Terra Boa que possuem relevância industrial na região, pela impossibilidade de entrevistas com as prefeituras.

Tabela 39: Mesorregião Centro Ocidental. Estabelecimentos industriais por atividade das Microrregiões de Campo Mourão e Goioerê, período 2008-2013

SEGMENTOS INDUSTRIAIS	2008			2009			2010			2011			2012			2013		
	MSG C. O.	MRG C. M	MRG GOIO	MSG C.O.	MRG C.M.	MRG GOIO	MSG C.O.	MRG C.M.	MRG GOIO	MSG C.O.	MRG C.M.	MRG GOIO	MSG C.O.	MRG C.M.	MRG GOIO	MSG C.O.	MRG C.M.	MRG GOIO
Metalúrgica	69	57	12	73	61	12	88	69	19	95	72	23	96	76	20	109	84	25
Mecânica	30	28	2	32	31	1	40	37	3	42	39	3	53	50	3	59	56	3
Material elétr. e comunicação	12	11	1	13	11	2	12	10	2	10	7	3	16	12	4	19	14	5
Material de transporte	8	7	1	9	8	1	9	9	-	10	8	2	12	10	2	10	9	1
Madeira e mobiliário	77	58	19	84	63	21	90	68	22	89	69	20	94	71	23	109	79	30
Papel, papelão, edit. e gráfico.	33	24	9	35	23	12	34	26	8	41	31	10	41	30	11	47	34	13
Produtos similares e ind. dvsa.	32	30	2	35	33	2	34	31	3	38	34	4	38	33	5	35	29	6
Química, produtos diversos	28	25	3	26	24	2	29	27	2	32	29	3	31	27	4	36	31	5
Têxtil, vestuário	180	130	50	195	144	48	203	154	49	206	156	50	208	151	57	200	148	52
Calçados	10	8	2	8	7	1	9	8	1	6	5	1	7	7	-	5	5	-
Produtos alim. e álcool etílico.	156	95	61	158	103	55	146	101	45	147	98	49	146	101	45	152	106	46
Total indústria	677	508	169	705	541	164	743	579	164	769	589	180	805	610	195	848	641	207

Fonte: MTE/Rais e Iparde/Banco de Dados

Legenda: MSG C.O. : Mesorregião Centro Ocidental | MRG C.M.: Microrregião de Campo Mourão | MRG GOIO: Microrregião de Goioerê

Tabela 40: Mesorregião Centro Ocidental. Comparativo entre estabelecimentos e empregos industriais por atividade das microrregiões de Campo Mourão e Goioerê, 2013

SEGMENTOS INDUSTRIAIS	TOTAL MESORREGIÃO CENTRO OCIDENTAL		MICRORREGIÃO DE CAMPO MOURÃO		MICRORREGIÃO DE GOIOERÊ	
	ESTABELECEMENTOS	EMPREGOS	ESTABELECEMENTOS	EMPREGOS	ESTABELECEMENTOS	EMPREGOS
	Metalúrgica	109	470	84	394	25
Mecânica	59	854	56	843	3	11
Material elétrico e de comunicação	19	280	14	264	5	16
Material de transporte	10	77	9	77	1	-
Madeira e mobiliário	109	2.084	79	1.931	30	153
Papel, papelão, editorial e gráfico.	47	544	34	515	13	29
Produtos similares e indústria diversa	35	407	29	372	6	35
Química, produtos diversos	36	1.550	31	1.538	5	12
Têxtil, vestuário e artefatos de tecidos	200	3.896	148	3.494	52	402
Calçados	5	39	5	39	-	-
Produtos alimentícios e álcool etílico.	152	4581	106	1.809	46	2.772
Total indústria	848	15.294	641	11.654	207	3.640

Fonte: MTE/Rais e Iparde/Banco de Dados

Comparando o período 2008-2013, observamos que na totalidade dos estabelecimentos industriais, na indústria metalúrgica e na indústria mecânica tanto a mesorregião como um todo como a microrregião de Campo Mourão registrou crescimento em todo o período. Nas demais atividades houve quedas ao longo do período o que não influenciou no resultado final da quantidade de estabelecimentos industriais. Enquanto isso, as microrregiões de Campo Mourão e Goioerê apontaram crescimento sem interrupção na indústria de madeira e mobiliário durante o período.

Na mesorregião os estabelecimentos industriais nos segmentos têxteis e vestuário quantitativamente foi o mais expressivo entre todos os ramos, seguido pelo segmento de produtos alimentícios, madeira e mobiliários, metalúrgica e mecânica. As microrregiões apresentam os mesmos perfis, com exceção da indústria mecânica que apresenta baixos índices na microrregião de Goioerê.

Quando se analisa o período 2008-2013, ao longo dele verificamos que houve queda no número de alguns segmentos industriais e leve redução dos segmentos têxtil e vestuário, indústria diversa, materiais de transporte e calçados. Enquanto os segmentos: metalúrgica, material elétrico, madeira e mobiliário, produtos químicos e produtos alimentícios tiveram elevação na quantidade de estabelecimentos.

Dos 848 estabelecimentos industriais existentes, de acordo com dados de 2013, os segmentos de produtos alimentícios e têxtil/vestuário predominaram no setor representando 41,51% do total de empregos da indústria em geral e são os que mais empregam trabalhadores. Em termos percentuais, a maior variação entre 2008 e 2013 se deu no segmento de mecânica (96,67%), todavia a participação desse segmento no total de indústrias ainda é pequena, representando apenas 6,96%.

Antes de adentrarmos a análise dos dados se faz necessário mostrar a distribuição espacial dos municípios da Mesorregião Centro Ocidental para análise dos empregos da indústria de transformação que respondeu por aproximadamente 95% da totalidade do emprego industrial durante o período 2000-2010. Relacionados ao número de estabelecimentos da mesorregião composto com informações industriais de cada município, passamos a análise dos dados referentes ao emprego (Tabela 41):

Tabela 41: Mesorregião Centro Ocidental. Comparação da totalidade de empregos com empregos industriais dos municípios, período 2008-2013

LOCALIDADE	2008		2009		2010		2011		2012		2013	
	INDÚSTRIA	TOTAL	INDÚSTRIA	TOTAL	INDÚSTRIA	TOTAL	INDÚSTRIA	TOTAL	INDÚSTRIA	TOTAL	INDÚSTRIA	TOTAL
Altamira do Paraná	3	308	6	391	14	392	17	429	3	388	1	445
Araruna	1.816	2.724	1.883	2.858	2.120	3.117	2.147	3.345	2.170	3.356	2.266	3.549
Barbosa Ferraz	78	1.000	46	990	171	1.164	165	1.206	171	1.197	199	1.291
Boa Esperança	6	524	7	565	3	601	5	593	5	579	9	637
Campina da Lagoa	54	1.574	50	1.742	51	1.742	58	1.758	74	1.734	84	1.949
Campo Mourão	3.093	19.004	3.299	19.090	3.344	20.720	3.738	21.224	3.772	24.553	4.025	24.363
Corumbataí do Sul	20	376	30	386	36	382	34	391	30	413	30	437
Engenheiro Beltrão	2.202	3.541	2.496	3.907	1.635	3.115	1.664	3.305	1.608	3.410	1.586	3.446
Farol	4	349	11	376	4	338	1	352	2	300	4	353
Fênix	5	426	6	408	6	441	8	431	8	566	6	615
Goioerê	779	6.159	510	5.629	453	5.463	454	5.591	490	5.139	461	5.366
Iretama	35	1.063	41	1.174	45	1.183	45	1.310	18	1.289	19	1.394
Janiópolis	54	493	46	595	43	565	48	640	53	648	48	678
Juranda	32	678	46	722	53	728	50	798	43	868	45	968
Luiziana	75	927	72	1.022	130	1.089	115	1.104	104	1.066	110	1.179
Mamborê	134	1.733	130	1.669	143	1.828	106	1.856	138	1.970	141	2.083
Moreira Sales	474	2.270	449	2.562	464	2.406	469	2.189	258	2.369	1.687	2.795
Nova Cantú	9	535	17	607	14	606	18	613	20	591	24	729
Peabiru	266	1.357	282	1.353	271	1.467	243	1.516	353	1.646	369	1.726
Quarto Centenário	63	578	41	561	70	602	70	577	81	639	80	647
Quinta do Sol	61	562	69	588	81	582	73	574	80	606	102	704
Rancho Al. D'Oeste	18	274	19	313	22	338	23	387	26	401	25	393
Roncador	46	1.106	51	1.289	43	1.257	38	1.301	45	1.443	66	1.537
Terra Boa	2.179	3.528	2.294	3.763	2.361	3.918	2.412	4.041	2.737	4.472	2.731	4.546
Ubiratã	306	2.854	325	3.018	360	3.304	379	3.582	505	3.886	1.176	4.612
MRG Campo Mourão	10.014	37.696	10.710	38.853	10.390	40.601	10.789	41.956	11.236	46.287	11.654	47.223
MRG Goioerê	1.798	16.248	1.516	16.705	1.547	16.747	1.591	17.157	1.558	17.242	3.640	19.219
MSG Centro Ocidental	11.812	53.944	12.226	55.558	11.937	57.348	12.380	59.113	12.794	63.529	15.294	66.442

Fonte: MTE/Rais e Iparde/Banco de Dados

Os municípios de Araruna, Campo Mourão, Engenheiro Beltrão e Terra Boa estão na faixa territorial de maior número de empregos formais da indústria regional. Em condições intermediárias de ocupação formal de trabalhadores estão os municípios de Barbosa Ferraz, Goioerê, Luiziana, Mamborê, Moreira Sales, Peabiru e Ubitatã. Em escala menor, estão os demais municípios da mesorregião com menores níveis de absorção de empregos industriais formais da região.

Diante dos dados relacionados ao emprego, segundo a Rais (2015), a atividade industrial da região respondeu em média entre 2008 e 2013 por 12.740 empregos diretos que corresponde a 21,48% do emprego total da região. Quando comparado a quantidade de emprego industrial registrada em 2008 com a quantidade obtida em 2013, a elevação foi 29,48% (Tabela 41).

A força de trabalho na indústria da mesorregião em 2013 era composta por 15.294 trabalhadores, dos quais 26,32% exerciam suas atividades na cidade de Campo Mourão. Campo Mourão, Terra Boa, Araruna, Moreira Sales, Engenheiro Beltrão e Ubitatã juntos absorviam 87,96% dos trabalhadores do setor industrial da região.

Na comparação entre os empregos das indústrias e a totalidade de empregos da região, as seis cidades representam 20,25% dos empregos. A cidade de Campo Mourão, como o polo regional, durante o período analisado superou a microrregião de Goioerê e se destacou com cerca de 40% dos empregos industriais da microrregião de Campo Mourão.

Cabe lembrar que as cidades de Engenheiro Beltrão e Moreira Sales juntas se apresentam com mais de 3.273 empregos industriais em 2013. Esse nível de emprego está vinculado as atividades no segmento sucroalcooleiro. Enquanto que os municípios de Altamira do Paraná, Farol e Fênix foram inexpressivos na geração de empregos.

Quando analisamos o nível de absorção de empregos no setor industrial as atividades com maior índice de ocupação de empregados na produção, constatamos que Moreira Sales e Engenheiro Beltrão por força do ramo sucroalcooleiro estão entre os melhores índices de empregabilidade industrial da Mesorregião Centro Ocidental.

A análise da distribuição geográfica de empregos nas principais cidades com nível de industrialização mais expressivo na região também permite delinear a indicação a participação em relação à totalização de empregos em cada uma das cidades (Figura 30).

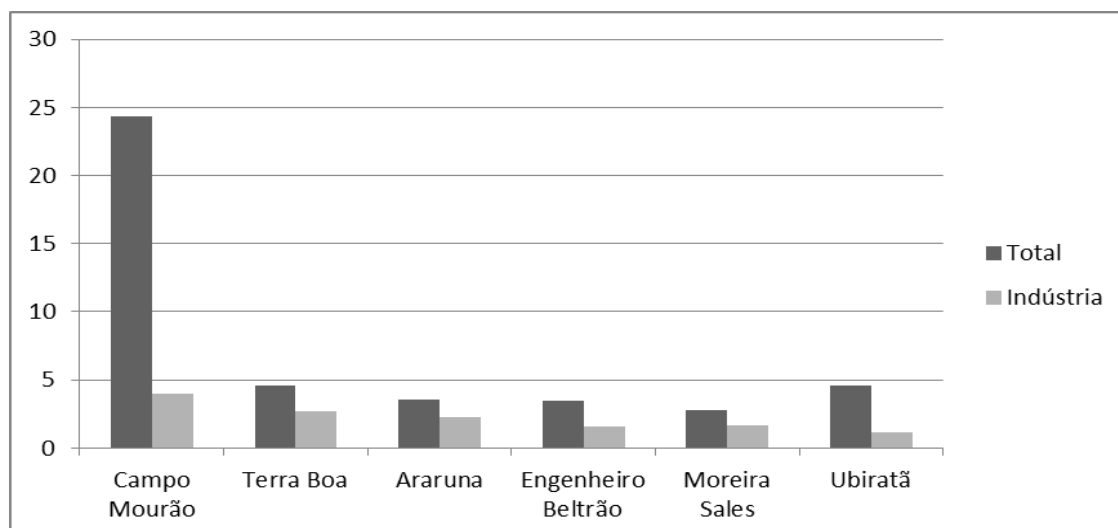


Figura 30: Municípios. Comparativo de empregos na indústria com a totalidade dos empregos nas municípios de Campo Mourão, Terra Boa, Araruna, Moreira Sales, Engenheiro Beltrão e Ubiratã em 2013 (em mil)

Fonte: MTE/Rais e Ipardes/Banco de Dados

A composição industrial das principais cidades da região no ritmo de empregos é relevante quando comparada com os níveis totais de emprego, caso de Terra Boa, Araruna e Moreira Sales em que a indústria tem participação superior a 60% dos trabalhadores locais. Estes podem ser considerados municípios industriais, tomando por referência os empregos.

Campo Mourão (16,52%) e Ubiratã (25,5%) que estão entre os maiores municípios da mesorregião em termos de população e arrecadação - figuram entre os seis municípios mais representativos na empregabilidade industrial, porém estão em situação inferior a Terra Boa (60,07%), Araruna (63,85%), Moreira Sales (60,36%) e Engenheiro Beltrão (46,02%), quando tratamos da participação na totalidade de emprego das respectivas localidades.

Cabe lembrar que na distribuição geográfica, quatro desses municípios estão localizados na microrregião de Campo Mourão e dois na microrregião de Goioerê, prevalecendo a primeira, puxada pelo município polo regional e pela potencialidade de suas empresas industriais. O município sede da microrregião de Goioerê, por ser o segundo maior município da região está fragilizado no setor industrial com apenas 8,59% de participação na totalidade de empregos da cidade, apesar de contar com mais de 70 indústrias.

Elaboramos um comparativo tomando a região como um todo e as suas microrregiões quanto ao emprego industrial em diferentes anos, que nos ajuda a entender o peso da microrregião de Campo Mourão no contexto regional (Figura 31).

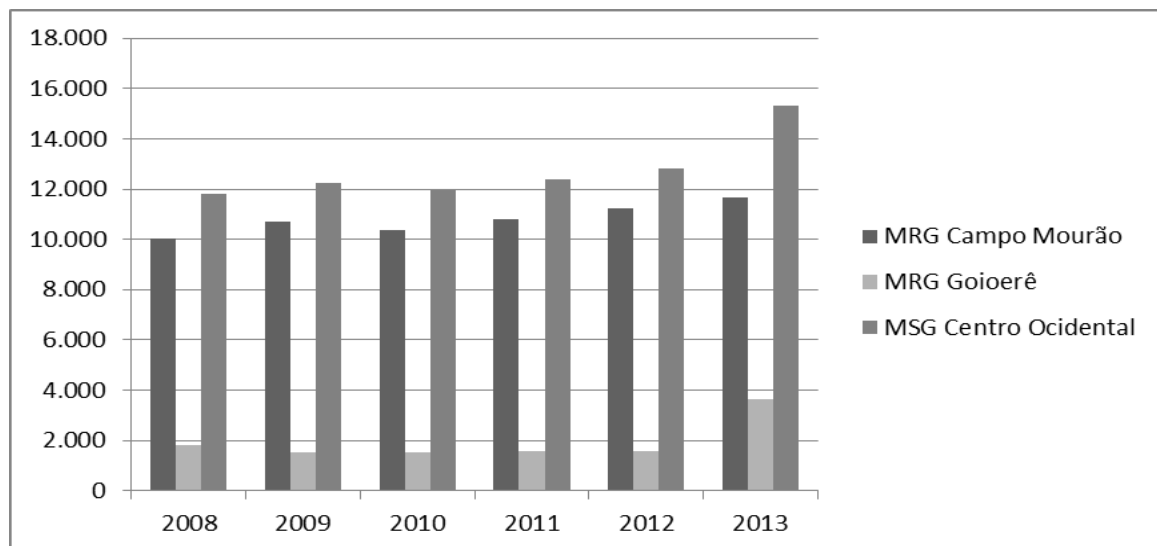


Figura 31: Mesorregião Centro Ocidental. Comparativo de empregos na indústria na mesorregião e microrregiões de Campo Mourão e Goioerê, período 2008-2013

Fonte: MTE/Rais e Iparades/Banco de Dados

Entre 2008 e 2013, à medida que houve aumento de estabelecimentos industriais, a região criou expectativa de evolução socioeconômica demonstrada na elevação de emprego, especialmente, na microrregião de Campo Mourão com grande expansão no ano de 2013.

Segundo a Rais, havia 15.294 empregados na indústria em 2013 na mesorregião que corresponde a 23,02% do total de empregos. No mesmo raciocínio a microrregião de Campo Mourão atingiu 24,68% e a microrregião de Goioerê com menor participação (18,94%). Esses números reforçam a concentração regional do emprego industrial nos municípios: Campo Mourão, Terra Boa, Araruna, Moreira Sales, Engenheiro Beltrão e Ubitatã.

A microrregião de Campo Mourão é mais diversificada nos segmentos industriais e possui duas grandes empresas (Coamo e Tyson Foods-JBS) que contribui para a maior participação dos empregos em relação microrregião de Goioerê.

A cidade de Campo Mourão é responsável pelas atividades industriais mais complexas e também onde se encontram as instalações dos órgãos federal e estadual que oferecem a prestação de serviços para a toda a região. Os centros urbanos de maior complexidade e desenvolvimento industrial oferecem poder de atração e concentram população gerando mais empregos e renda. Corrêa (1994) diz que:

Outro aspecto da natureza da hierarquia urbana é o de que, como em uma localidade central de mais alto nível hierárquico, o número de funções centrais é maior do que em um centro de nível inferior, e isto representa maior número de empregos; verifica-se que a população total da cidade de hierarquia mais elevada é maior que a dos demais centros [...] (CORRÊA, 1994, p. 28).

Mesmo com avanços no setor industrial, no que diz respeito ao processo de verticalização da produção, a exemplo do segmento mobiliário, em que a atividade de desdobramento apresentou crescimento de estabelecimentos no ano de 2013 comparativamente a 2008.

O segmento mobiliário, também, ostentou a terceira maior absorção de mão-de-obra em 2013 do setor industrial da região, enquanto que outras atividades verticalizadas, caso da indústria têxtil e vestuário e produtos alimentícios com expressivos desempenhos nos níveis de emprego. A fabricação de móveis, o valor agregado chega a alcançar até dez vezes o valor da madeira beneficiada, com igual ganho na arrecadação de tributos para os cofres públicos.

A seguir faremos o estudo comparativo dos níveis de emprego e estabelecimentos por atividade industrial com o objetivo de identificar os segmentos de maior expressão na indústria da mesorregião tendo como parâmetro o ano de 2013 (Tabela 41).

Para desenvolvimento da análise dos estabelecimentos e empregos industriais, separamos em três grupos de composição que caracterizam a região, ou seja, i) Mesorregião Centro Ocidental; ii) microrregião de Campo Mourão e iii) microrregião de Goioerê. O nível de emprego e de estabelecimentos industriais aumentou, chegando ao seu máximo em 2013, quando foi responsável pela geração de mais de 15 mil empregos com um parque industrial composto por mais de 850 indústrias.

Na Mesorregião Centro Ocidental, o mercado de trabalho industrial está composto pelas indústrias de transformação - beneficiado pelo processo de diversificação e expansão de atividades industriais tradicionais favorecidas pela expansão recente dos mercados regional, nacional e internacional.

Durante o ano de 2013, as maiores representações no emprego e estabelecimentos industriais estão nos segmentos mobiliário, têxtil e vestuário e produtos alimentares. Considerando a totalidade dos empregos da indústria, na soma dos quatro recortes analisados, o emprego formal representava 69,05% dos empregos em 54,36% dos estabelecimentos. Enquanto que na microrregião de Campo Mourão nos empregos atingiu 62,07% e nos estabelecimentos 51,95%. Na microrregião de Goioerê 91,4% dos empregos e 61,84% dos estabelecimentos.

Esse desempenho do emprego da indústria na mesorregião está atrelado, em parte, à conjuntura econômica nacional com a oferta de crédito e aos preços dos produtos com maior intensidade tecnológica, como aparelhos eletroeletrônicos, que favoreceu o consumo interno apoiada na política cambial que ajudou na redução dos custos de produção, isso quando falamos da paridade real e dólar, notadamente nas importações de bens de capital.

A dinâmica recente de crescimento do emprego formal e de estabelecimentos, principalmente na indústria de transformação, de acordo com a Caged/Rais, sinaliza para a expectativa dessa tendência com o contínuo aumento de sua participação no mercado de trabalho regional. Os segmentos mobiliário, têxtil e vestuário e produtos alimentares refletem uma possibilidade de fortalecimento e domínio industrial na região.

Segundo o Iparde (2008) esse desempenho é marcado pela concentração do emprego industrial formal e estabelecimentos em poucos segmentos; concentração do crescimento recente do emprego industrial em poucos segmentos; aceleração do ritmo de crescimento do emprego formal no período mais recente (2008/2013).

Ressaltamos que o processo de industrialização tem aumentado o grau de urbanização com a evolução urbana dos municípios, exemplificando a cidade de Campo Mourão que na medida em que foi se desenvolvendo com a crescente elevação da quantidade de estabelecimentos comerciais e industriais apresentou evolução nos níveis de empregos que ocasionou a expansão da população urbana e ao contrário a população rural decresceu. Como resultados do crescente processo de urbanização reflexo, também, dos investimentos que se expressaram na instalação de uma quantidade significativa de indústrias que aumentaram as ofertas de emprego e atraindo novos habitantes nos municípios com perfil industrial na região.

Esse ponto se torna relevante, ao consideramos que a geração de empregos é um dos atrativos populacionais. Devemos ponderar que os setores de serviços e comércio e da indústria estão presentes nos municípios que possuem melhor infraestrutura, como rodovias que permitam a circulação de bens e serviços.

No estudo regional, a indústria têxtil e vestuário apresenta o maior número de estabelecimentos, que corresponde a 23,6% da totalidade. Com relação ao número de pessoal ocupado, este segmento se encontra na segunda posição do setor. Esse número poderia ser maior, pois esse serviço quase sempre é terceirizado por facções, uma vez que os dados analisados consideram somente os trabalhadores com carteira assinada. A indústria de confecção foi uma das primeiras a se desenvolver na Mesorregião Centro Ocidental, se tornando em um dos principais segmentos da indústria que se apresenta com relevância econômica na região em se tratando de geração de emprego e renda.

A indústria de produtos alimentares apresenta-se como a maior fonte geradora de postos de trabalho respondendo próximo a 30% dos empregos da região, caracterizando na essência a indústria tradicional da região. O número de estabelecimentos nesse segmento atingiu 17,92% do total correspondendo a 152 unidades produtivas.

A indústria mobiliária vem ganhando representatividade, com as indústrias instaladas, particularmente, em Araruna. Considerando o número de estabelecimentos esse segmento, em 2013 empregava 13,64% da mão-de-obra desse ramo de atividade.

Os municípios com mais destaques exercem influência regional atuando como referências industriais e atuando como áreas de relativa atração populacional. As atividades industriais não são significativas apenas para os municípios onde elas estão localizadas, pois possuem expressividade espacial mais ampla abrangendo o entorno que se beneficia pelo fornecimento de matéria-prima e pela mão-de-obra demandada pela indústria e outras atividades econômicas influenciadas diretamente pelo setor de transformação.

Na região os segmentos de madeira e mobiliário, têxtil e vestuário e produtos alimentares são relevantes para a indústria da região. O comparativo de empregos per capita com o número estabelecimentos industriais na microrregião de Campo Mourão e a microrregião de Goioerê estão demonstrados na Figura 32.

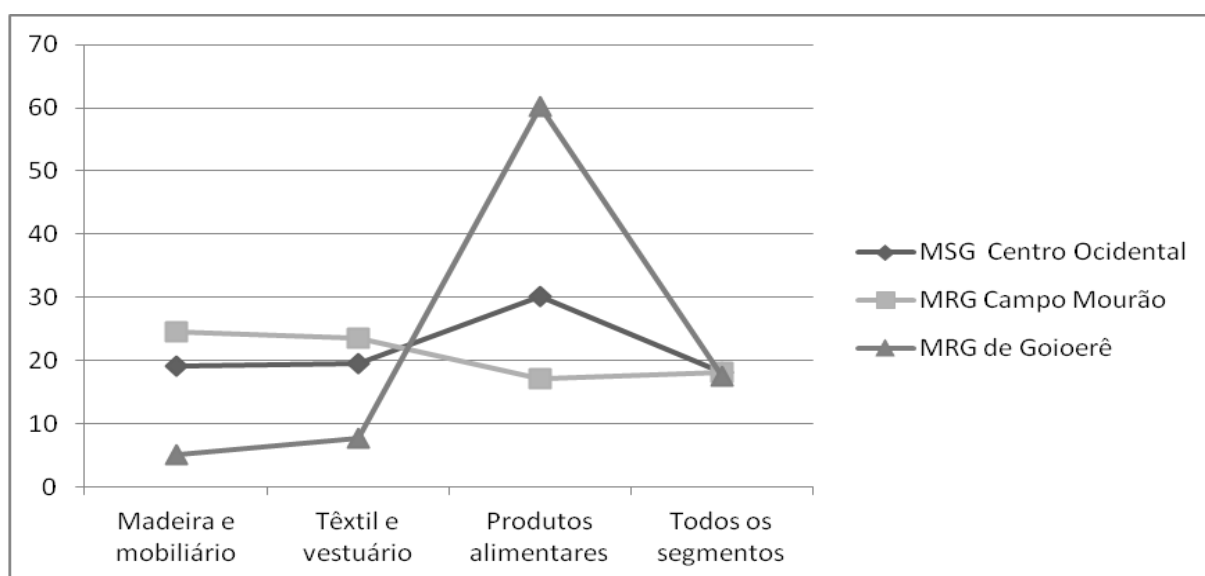


Figura 32: Mesorregião Centro Ocidental Comparativo de empregos per capita na indústria X estabelecimentos na mesorregião e microrregiões de Campo Mourão e Goioerê, 2013
Fonte: MTE/Rais e Ipardes/Banco de Dados

Segundo a Rais, havia 15.924 empregados na indústria da região em 2013 com grande concentração do emprego na microrregião de Campo Mourão. O segmentos industriais: madeira e imobiliário, têxtil e vestuário e produtos alimentares são essenciais para a região pela participação per capita entre empregados e estabelecimentos industriais.

A partir desse ponto discutiremos a distribuição espacial dos núcleos industriais e ressaltamos que apesar do avanço industrial, a região pode ser considerada ainda como

potencialmente carente de indústrias em especial quando se compara com outras áreas do Paraná. Adotamos nesta parte do trabalho os dados da Fiep, ainda que eles não correspondam a uma fonte que apresente todas as indústrias, consiste em fonte complementar. Ainda que os dados da Fiep não correspondam a uma fonte que apresente todas as indústrias, mesmo assim elas consistem em fonte complementar (Figura 33).

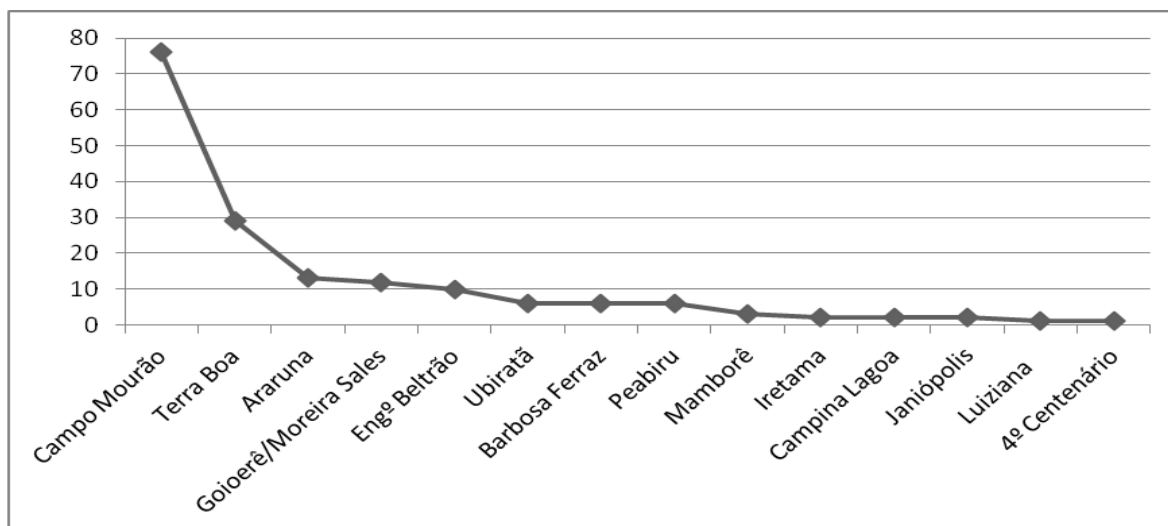


Figura 33: Mesorregião Centro Ocidental. Municípios com estabelecimentos industriais com registro na Fiep, 2014

Fonte: Federação das Indústrias do Paraná – Cadastro Industrial do Paraná

São 228 estabelecimentos industriais, 27 empresas industriais que exportam e/ou importam produtos e 14.499 empregos diretos em municípios da região pesquisada.

Pelos dados apresentados, a alta concentração industrial está localizada nas cidades de Campo Mourão, Terra Boa e Araruna, porém com uma estrutura produtiva pouco integrada entre esses municípios. É evidente que a abrangência e a finalidade de atuação variam substancialmente entre cada uma das indústrias dessas localidades e da política industrial aplicada ao setor. Nesse sentido, as empresas da região, com exceção da Fundação Educere, não interagem e utilizam os benefícios de algumas das mais respeitáveis indústrias no processo de inovação, por exemplo. Assim, explorando novas oportunidades de investimento nesses espaços, poderia promover uma integração das empresas da região, articuladas por meio de produção compatíveis ou complementares entre elas.

Quando acompanhamos a distribuição dos estabelecimentos pela região, destacamos a diversidade geográfica industrial caminhando em paralelo a especialização de algumas áreas, como a produção de alimentos, móveis, produtos destinados à saúde e equipamentos.

Os dados do Fiep confirmam tendências já verificadas em outras fontes com a tendência de localização industrial e da concentração de empregos, levando a constatações como a de que os estabelecimentos industriais localizados no eixo Campo Mourão, Terra Boa e Engenheiro Beltrão têm comportamento crescente no número de pessoas ocupadas por estabelecimento. Campo Mourão e Terra Boa tem participação significativa na composição total dos estabelecimentos industriais, correspondendo a 46,05% das indústrias da região.

Segundo Sposito (2007) para atração de investimentos industriais, além dos acessos ao transporte, é relevante a ótica de áreas dotadas de alta densidade tecnológica e de informática.

Lencioni (1994) constatou que o crescimento da indústria do interior não é um fenômeno recente, pois as fontes históricas mostram que as primeiras manufaturas e fábricas surgem para atender as necessidades locais. As aglomerações das indústrias vão surgindo aos poucos em áreas com maior infraestrutura na região que propiciem a atratividade de indústrias e mais recentemente com investimentos mais significativos para as cidades de Campo Mourão e Ubitatã como a instalação de abatedouros de aves *Tyson Foods* (JBS) e Unitá, respectivamente.

Pode-se dizer que os municípios que atraíram grandes agroindústrias e cooperativas geram maior ou menor grau de dependência dessas empresas na configuração dos empregos formais da região. Entre os menos dependentes está a cidade de Campo Mourão, onde está instalada a Coamo, a Colacril Auto Adesivos Paraná Ltda., a VRI Eletrônica, como também o grupo norte-americano *Tyson Foods* o maior processador de carnes do mundo que foi incorporado pela JBS em 2014, entre outros.

Em virtude dos investimentos diretos e em infraestrutura realizados nas regiões periféricas, das quais estavam ausentes até bem pouco tempo, com expansão da fronteira agrícola, notamos uma maior participação industrial na microrregião de Campo Mourão e o fortalecimento socioeconômico através da geração de empregos e renda.

As escalas das potencialidades de emprego industrial das empresas com registro na Fiep em 2014 são mostradas na Figura 34.

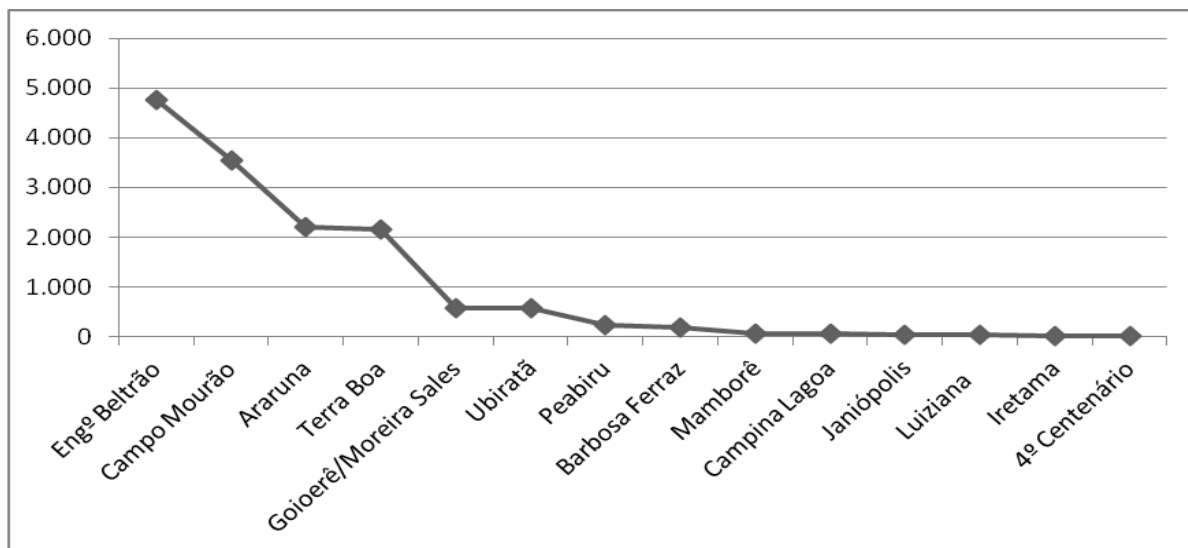


Figura 34: Mesorregião Centro Ocidental. Empregos industriais dos municípios com registro na FIEP, 2014

Fonte: Federação das Indústrias do Paraná – Cadastro Industrial do Paraná

O deslocamento da indústria, estimulada pela possibilidade de instalação em novos espaços geográficos, motivados pelos incentivos municipal e estadual aliado às expectativas e potencialidades econômicas tem chegado mais recentemente a alguns municípios da região, como com o caso das indústrias avícolas: *Tyson Foods*, adquirida pela JBS Alimentos em 2014, com a contrapartida do município de Campo Mourão na doação de terreno; incentivadas pelo programa Paraná Competitivo, do Governo do Paraná a *Unitá* em Ubiratã com o abatedouro de aves e a *GTF Foods - Frangos Canção* em Terra Boa com a fábrica de ração. A *Gold Frango* de Terra Boa foi adquirida pela *GTF Foods* em 2009 com estratégia de descentralização com a produção de 1,35 milhão de aves/mês contra 500 mil aves/mês da empresa anterior. As inclusões dessas indústrias no cenário econômico e local implicaram na elevação dos níveis de emprego e renda aos trabalhadores.

Para melhor compreensão do emprego industrial é necessário, consideramos a indústria de transformação da região de acordo com a intensidade de fator de produção utilizado nos segmentos em capital (fabricação de produtos têxtil; químico, máquinas e equipamentos de saúde; metalúrgico; equipamentos de instrumentações médico-hospitalares, entre outros), no segmento intensivo de trabalho (confeção de artigos e acessórios; edição e impressão; papel; fabricação de móveis e indústrias diversas) e no segmento intensivo em recursos naturais (fabricação de alimentos; produtos de madeira).

O setor industrial nos municípios em que se encontram as agroindústrias possuem enormes capacidades de geração de emprego. O município de Engenheiro Beltrão é maior

empregador do setor industrial da Mesorregião Centro Ocidental com 32,86% dos empregos formais, notadamente pela produção sucroalcooleira pela Sabarálcool.

O município de Campo Mourão que detém a maior diversificação industrial regional com 24,39% dos empregos; Araruna (15,26%); Terra Boa (14,84%); Goioerê/Moreira Sales (13,9%) e Ubiratã (3,97%) e os demais municípios com 4,65% de participação entre as indústrias. As indústrias que são de capital intensivo geram, proporcionalmente, menor quantidade de emprego. (FIEP, 2014).

Outra contribuição que os dados da Fiep trazem é quanto as indústrias internacionalizadas, isto é com inserção internacional (exportação e/ou importação). Trata-se de um processo que vem avançando no mundo atual, por isso buscamos esse debate das cidades que possuem empresas industriais com vínculos comerciais com outros países, assim se constituindo em novas estratégias para o fortalecimento das empresas e melhorar os níveis de competitividade para seus produtos, em um ambiente de elevada competitividade de mercado interno e externo (Figura 35).

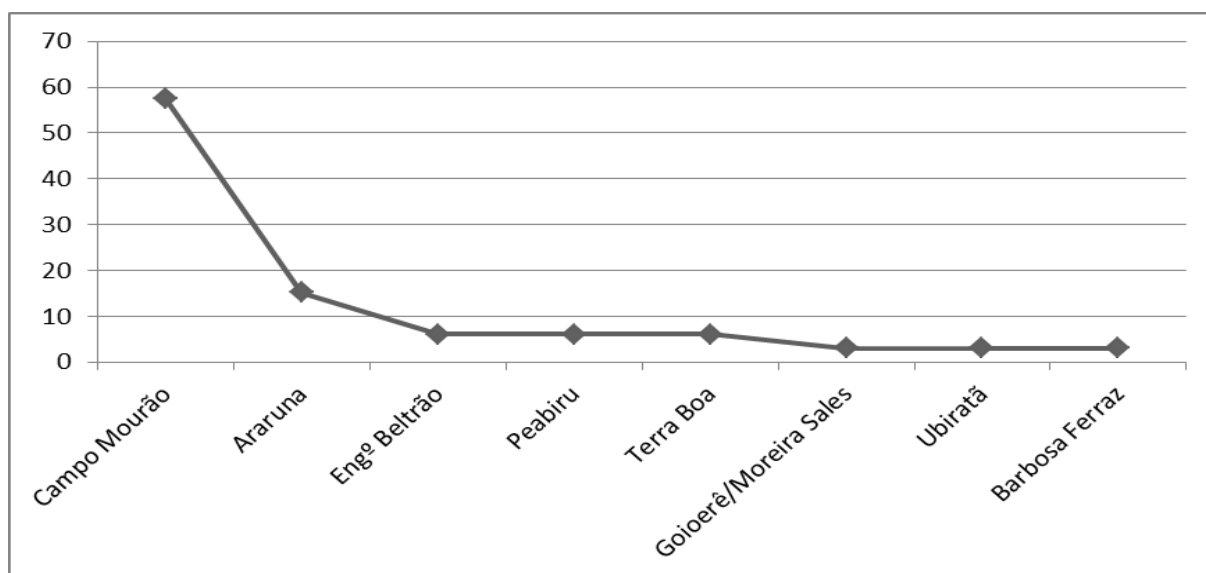


Figura 35: Mesorregião Centro Ocidental. Participação das indústrias com registros na Fiep com processos de internacionalização comercial, 2014

Fonte: Federação das Indústrias do Paraná – Cadastro Industrial do Paraná

O processo de internacionalização de mercado possibilita maior interdependência dos mercados mundializado, com isso as empresas podem ser afetadas tanto pela economia interna como pela competição internacional. Especificamente, o setor industrial envolve o atendimento de mercados externos via exportações de seus produtos e importações de matérias-primas necessárias para a transformação em bens finais de consumo.

Características diferentes dos produtos entre as diversas indústrias das cidades abrem espaço para criação de estratégias distintas atuais e futuras de investimentos industriais, observando, porém, as políticas de industrialização em nível local e regional.

Indústrias tradicionais, caracterizadas pelo uso de tecnologias ainda não avançadas, dependem de mão-de-obra abundante e barata para serem competitivas. Nesse caso, a empresa sediada em uma cidade específica, além de atender o mercado interno tem o mercado mundial como fonte de escoamento dos seus produtos via exportações através dos excedentes de produção.

Baseado nesses fundamentos, as indústrias estabelecidas na cidade de Campo Mourão são as mais representativas na região e em seguida Araruna, que possuem dezenove e cinco estabelecimentos industriais, respectivamente, com vínculos comerciais com outros países.

A estrutura econômica regional, de maneira desigual entre os municípios, vem sendo adaptada pela expansão e modernização das empresas, sobretudo, a partir da década de 1990 com a abertura comercial em âmbito mais global e com processo crescente de industrialização. Alguns aspectos têm sido marcantes, entre 2013 e 2014 houve acréscimo de apenas um estabelecimento industrial no processo de internacionalização, ou seja, saindo de 32 em 2013 para 33 estabelecimentos industriais em 2014.

Devido à expressiva participação da Coamo como agente de exportação, Campo Mourão aparece com 57,58% das indústrias internacionalizadas e a cidade de Araruna com 15,15% se constituindo em aproximadamente $\frac{3}{4}$ das empresas da região que mantém transações no mercado internacional. Engenheiro Beltrão, Peabiru e Terra Boa com 6,06% de participação cada um deles, enquanto que Barbosa Ferraz, Goioerê/Moreira Sales e Ubitatã com 3,03% cada um, formando o conjunto de indústrias comercialmente internacionalizadas.

A experiência internacional das empresas desses municípios indica para uma evolução dentro do comércio externo, levando-se em conta que a grande complexidade do processo de internacionalização envolve empresas de consolidadas estruturas administrativa e operacional durante o processo de negociações.

De acordo com Alem e Cavalcanti (2005, p. 55) ao contrário do que possa parecer “[...] o fortalecimento da empresa com a internacionalização pode levar a um crescimento do número de empregos na economia de origem, o que certamente poderia deixar de acontecer caso uma empresa não internacionalizada e enfraquecida pela concorrência internacional com outras transnacionais viesse a fechar as suas portas”.

3.2.1 Municípios, estabelecimentos e emprego industriais

Sistematizamos nesse item os municípios em dois grupos para a análise, sendo: i) municípios com seis ou mais estabelecimentos industriais com análises individualizadas, e ii) municípios que possuem menos que seis estabelecimentos industriais para os quais elaboramos tabela única. Os dados estatísticos foram coletados na Federação das Indústrias do Paraná 9 FIEP.

Os principais municípios da Mesorregião Centro Ocidental com estabelecimentos industriais estão localizados na microrregião de Campo Mourão, conforme Figura 36.

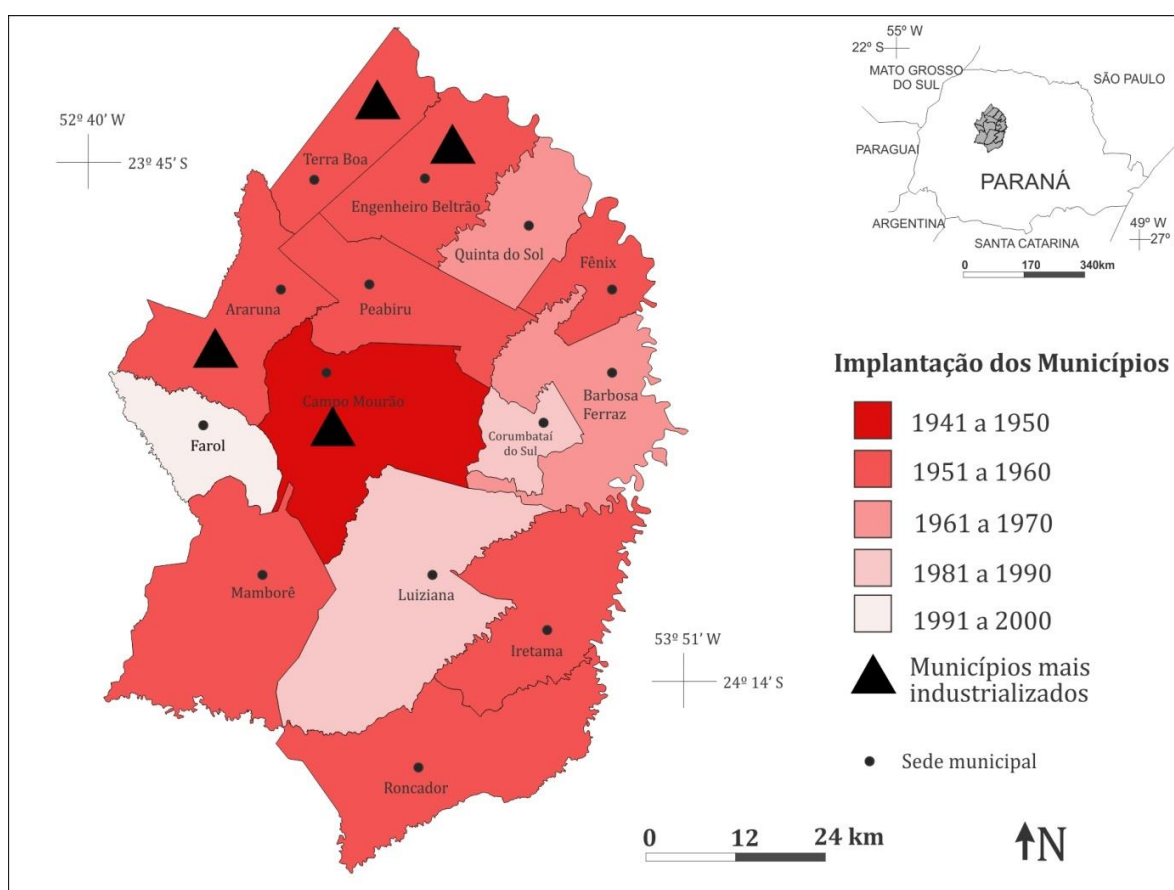


Figura 36: Microrregião Campo Mourão – municípios mais industrializados

Fonte: Iparides – Instituto Paranaense de Desenvolvimento Econômico e Social (2014)

As principais industriais da região são associadas a Fiep, Sesi, Sebrae e Sindicatos, além de ligação com universidades, centros de tecnologia e fundações. As empresas, em geral, não financiam a produção, porém optam pela utilização de recursos próprios (capital de giro).

3.2.1.1 Indústrias e emprego na cidade de Araruna

O município de Araruna está a 21,7 km de distância de Campo Mourão. Possui população total de 13.419 habitantes e população urbana de 10.475, com População Economicamente Ativa (PEA) de 7.464 pessoas (IBGE-Censo 2010). O setor industrial é o maior empregador na cidade de Araruna com 2.240 empregos; o segundo setor com maior número de pessoas ocupadas está setor de serviços e comércio 1.114 empregos e o setor da agropecuária, com 116 pessoas empregadas no ano de 2014 (IPARDES, 2015).

Os dados referentes as indústrias de Araruna, sobre estabelecimentos, produtos, tipos de comercialização e quantidade de funcionários serão tratados a partir da Tabela 42.

Tabela 42: Araruna. Estabelecimentos industriais, produtos, tipo de comercialização e quadro de funcionários, 2014

ESTABELECEMENTOS	PRODUTO	IMP.	EXP.	FUNC.
A. D. Patrício & Filhos Ltda.	Farinha de mandioca, raspa de mandioca.	Não	Não	15
A. J. Rorato & cia Ltda.	Armários para cozinha, pias, móveis para banheiro.	Sim	Sim	1500
Cofama Indústria e Comércio de Máquinas e Equipamentos	Batedor industrial Cf 17000, Laminadora horizontal Cf 5300, torno para laminar espuma Cf 2001.	Não	Sim	80
Edson Harena S Montanholi ME	Estufa para secagem de mantas de espumas, aglomerados, caixa cilíndrica.	Não	Não	32
Helce Indústria de Produtos Alimentícios	Farinha de mandioca, polvilho.	Não	Não	19
Ledbetter do Brasil Ltda. – EPP	Lingerie	Não	Não	9
Líder Lar Estofado e Colchões Ltda.	Estofados, colchões	Sim	Não	130
Mandionorte Indústria e Comércio de Farinha	Farinha de mandioca, polvilho.	Não	Não	5
Pinduca Indústria Alimentícia Ltda.	Farinha de mandioca, fécula e amido de mandioca.	Sim	Sim	290
Sahequis & Cia Ltda. – ME	Painéis modulados	Não	Não	75
Uniprest Indústria e Comércio de Máquinas	Bomba transportadora, caixa coletora.	Não	Não	23
W. M. Indústria e Comércio de Artefatos de Madeira Ltda.	Artefatos de madeira	Não	Não	35
Zaca Indústria de Móveis Tubulares Ltda.	Cadeiras de metal	Não	Não	10
Total de Funcionários	-	-	-	2.213

Fonte: Federação das Indústrias do Paraná – Cadastro Industrial do Paraná

Em Araruna identificamos empresas com atividades iniciadas há aproximadamente 50 anos, como a A.J.Rorato e Cia Ltda., Pinduca Indústria Alimentícia Ltda. que atuam no mercado nacional e internacional. Elas estão às empresas mais representativas para o desenvolvimento econômico do município e as que apresentam maior capacidade de geração de emprego e renda.

Devido ao parque industrial relativamente diversificado em produção e matéria-prima, com o intuito de atender a demanda das indústrias instaladas outras empresas foram se estabelecendo na cidade. Nesse caso citamos as indústrias do segmento mobiliário de Araruna a Líder Lar e A.J.Rorato que atraíram pequenas fabricas fornecedoras de móveis complementares para montagem dos móveis principais. O setor industrial ainda promove movimentação ao utilizar serviços terceirizados como fretes de caminhões, transporte urbano para os trabalhadores (MICHELONI, 2013).

O município de Araruna se tornou conhecido popularmente como “Terra da Farinha” pelo grande número de farinheiras instaladas. Nesse segmento industrial as empresas Uniprest, Indumak e Paulimak fabricam máquinas utilizadas no processo industrial das farinheiras, além de prestar serviços de manutenção e conservação dos equipamentos. A Uniprest produzindo máquinas que auxiliam no processo de fabricação da farinha de mandioca, e a Indumak e Paulimak na produção de máquinas empacotadeiras, enfardadeiras, dosadoras, paletizadoras, datadoras, dentre outras. O segmento metalúrgico tem sua expressiva participação no cenário industrial de Araruna, pois suas empresas utilizam alta tecnologia no seu processo de produção, como é o caso das empresas Cofama, Comaster e Fameger (Micheloni, 2013).

O número de empregados da indústria de transformação de Araruna no ano de 2014 está em sua maioria concentrado nas indústrias A.J. Rorato e Pinduca equivalente a 80,88% dos empregos industriais local que estão distribuídos em forma de participação na Figura 37.

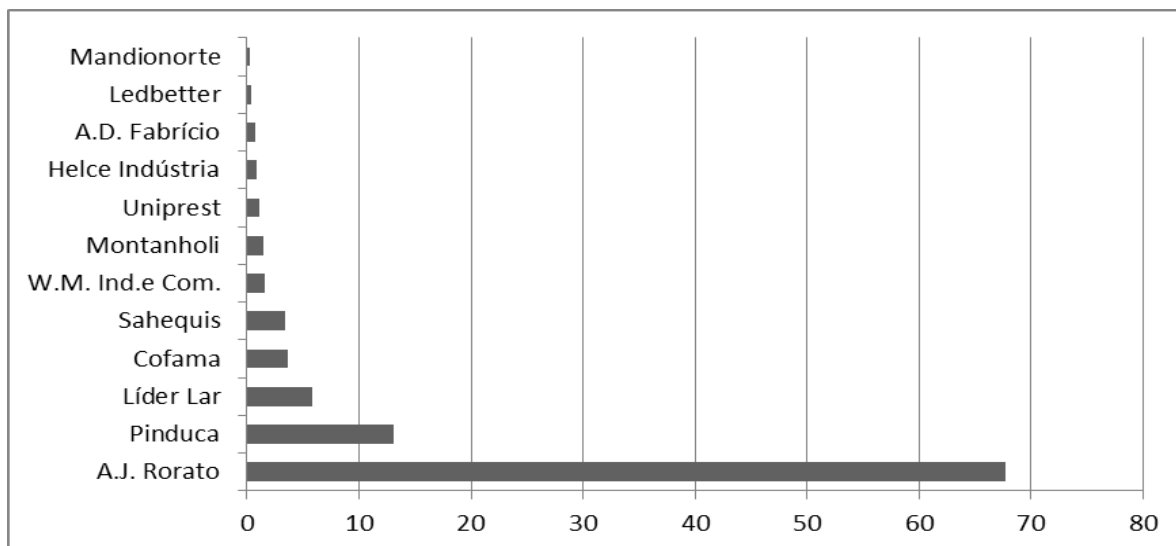


Figura 37: Araruna. Participação percentual no emprego dos principais estabelecimentos industriais, 2014

Fonte: Federação das Indústrias do Paraná – Cadastro Industrial do Paraná

A indústria de móveis A.J. Rorato com 1.500 empregos é a maior empregadora no setor industrial de Araruna respondendo a 67,78% - a Pinduca com 290 funcionários é a segunda com 13,1% de participação da totalidade de emprego industrial em 2014. As indústrias de transformação do município de Araruna possuem entre cinco a 1.500 funcionários do total de 2.213. Esses números colocam Araruna com a terceira posição na região atrás de Engenheiro Beltrão e Campo Mourão.

O segmento de móveis de Araruna representado pela A.J.Rorato e Líder Lar com 73,66% dos empregos industriais do município é o mais relevante da indústria local, cujo setor detém 2.213 empregos diretos, número significativo quando tratamos de uma pequena cidade o interior do Estado do Paraná. O avanço industrial do município trouxe especialização e mudanças de perfil do trabalhador exigindo profissionais com maior qualificação e alfabetização (NEVES et al., 2009).

As empresas industriais de Araruna apresentam diversificação de produtos finais para o mercado consumidor, desde alimentos até máquinas e equipamentos. Das doze indústrias com cadastro na FIEP, cinco delas mantem relação comerciais com o mercado exterior. Dados gerais das transações internacionais apontam déficits nos anos de 2011 e 2014 (Figura 38).

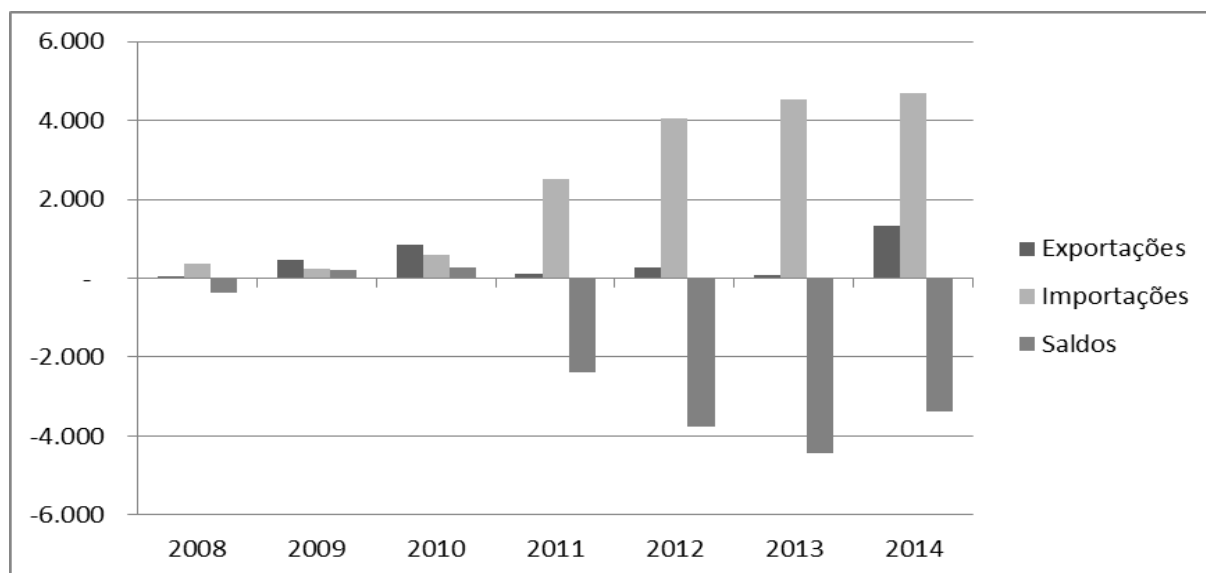


Figura 38: Araruna. Balança Comercial do município, 2008-2014 (milhões de US\$, FOB).

Fonte: Ministério do Desenvolvimento Indústria e Comércio Exterior (MDI/SECEX).

Os dados mostram que as importações aumentaram consideravelmente nos anos de 2011 a 2014. Considerando o ano imediatamente anterior, no ano de 2011 o aumento de 327,97% no valor das importações, com uma variação monetária de US\$ 1,93 milhão, no ano de 2012 o aumento foi de 60,27% em valores absolutos representou US\$ 1,52 milhão.

Durante os anos de 2013 (12,09%) e 2014 (3,5%) os níveis de crescimento das importações foram desacelerando e mesmo assim o saldo da balança comercial de Araruna com valores monetários negativos. Durante o período de 2008-2014 as importações cresceram variação percentual cerca de 1.200%.

Esse aumento ocorreu, principalmente, em decorrência da utilização de produtos importados no processo de fabricação de móveis, da empresa A.J.Rorato, especialmente de produtos de origem chinesa. Segundo dados do Secex os dois principais produtos importados foram: guarnições e dobradiças de metais comuns para móveis.

No ano de 2014, segundo o MDIC/Secex (2015), as empresas que mais exportaram foram: Cofama Indústria e Comércio de Maquinas e Equipamentos Ltda., Fameger, Pinduca Industrial Alimentícia com exportações de até US\$ 1 milhão cada uma e as empresas importadoras foram: A.J.Rorato & Cia Ltda., Líder Lar Estofados e Colchoes Ltda., Roper Indústria e Comércio de Plásticos Ltda., Strike Industrial e Comércio de Móveis e Esquadrias Ltda., exceto A.J. Rorato & Cia Ltda. (de US\$ 1 a US\$ 10 milhões), as demais empresas o valor atingiu até US\$ 1 milhão.

Com relação às exportações verificamos oscilações com aumentos de exportações em 2009 e 2010 e uma queda de 85,59% em 2011 em relação a 2010. Grande parte dessas exportações é realizada pela empresa Cofama, produtora de máquinas para fabricação de espumas e colchões, e suas máquinas possuem alto valor. (MICHELONI, 2013).

Nos anos de 2009 a 2012 o principal produto exportado foi “Outros Misturadores” que é uma espécie de máquina produzida pela Cofama. No ano de 2008 os únicos produtos exportados foram: móveis de madeira para cozinhas e outras obras de cimento, concreto ou de pedra artificial, que são fabricados pela empresa A.J.Rorato. Em 2014 os produtos foram máquinas e aparelhos mecânicos, amidos e féculas que responderam por cerca de 80% do total das importações em 2014. (MICHELONI, 2013 e MDIC 2015).

Sobre as exportações das empresas industriais de Araruna, pode se considerar que existe uma diversificação de mercados relativamente ampla para uma pequena cidade, pois durante o período 2008-2014 Araruna exportou para oito países. As vendas externas de Araruna estão mais concentradas nos países da América do Sul e da Europa. Isso resulta de acordos preferenciais regionais no bloco Mercosul e demais países da região tem desenvolvidos com seus parceiros sul americanos em quantidade e intensidade de comércio superior aos países dos demais continentes, haja vista que tem sido muito ativa nos negócios e troca de preferências comerciais com seus parceiros regionais e os seus interesses geográficos.

Na Tabela 43 apresentamos os países que realizam exportações e importações com as empresas de Araruna. Os dados da balança comercial de Araruna remete a teoria da base exportadora elaborada por North (1977), em que o desenvolvimento de determinada região poderia ocorrer através da especialização da região em produtos para a exportação, atraindo vários tipos de investimento. Os produtos provenientes das importações são utilizados no processo de fabricação das empresas locais, com agregação de valor, e vendidos principalmente no mercado nacional.

Tabela 43: Araruna. Exportações e importações, principais países de destino e origem comercial – US\$, FOB - 2008 a 2014

PAÍSES	2008		2009		2010		2011		2012		2013		2014	
	EXP.	IMP	EXP.	IMP	EXP.	IMP	EXP.	IMP	EXP.	IMP	EXP.	IMP	EXP.	IMP
Argentina	2.083	-	-	-	278.381	-	980	88.220	-	-	-	-	369.321	89.512
Paraguai	-	-	383.558	-	108.584	-	39.827	-	18.675	-	21.953	-	103.874	-
Peru	-	-	-	-	-	-	-	-	210.000	-	780	-	8.101	-
Uruguai	-	-	1.599	-	30.437	-	923	-	467	-	5.099	-	108.513	-
Bolívia	-	-	35.000	-	99.100	-	75.559	-	2.459	-	-	-	1.912	-
Chile	-	-	-	-	122.791	-	3.290	-	38.416	-	-	-	62.315	-
China	-	-	-	-	-	226.594	225	1.971.613	10	3.287.463	-	2.749.676	-	3.469.081
Coréia do Norte	-	-	-	16.599	-	48.341	-	-	-	-	-	-	-	-
Coréia do Sul	-	306.367	-	230.372	-	213.435	-	237.137	-	104.878	-	268.071	-	173.091
Hog Kong	-	-	-	-	-	-	-	-	-	80.400	-	-	-	-
Taiwan-Formosa	-	40.891	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Espanha	-	-	-	-	-	99.014	-	4.522	-	-	-	-	-	46.739
Itália	-	6.396	-	1.091	23.305	2.234	-	85.278	-	87.195	-	296.323	-	353.906
Alemanha	-	-	-	-	-	-	-	-	-	547.333	-	973.659	-	122.182
Polônia	-	-	-	-	-	-	-	-	-	17.260	-	152.383	-	436.948
Estados Unidos	-	-	46.615	-	64.447	-	2.009	136.589	2.995	-	65.953	-	287.646	12.500
México	-	4.583	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Moçambique	-	-	-	-	125.157	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Angola	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	376.897	-
Totais	2.083	361.267	466.772	248.062	852.202	589.618	122.813	5.523.359	273.022	4.044.129	93.785	44.401.112	1.318.579	4.703.959

Fonte: Ministério do Desenvolvimento Indústria e Comércio Exterior (MDIC/SECEX).

A internacionalização do município de Araruna no período 2008-2014 referente ao destino das exportações e a origem das importações estão distribuídos em ordem de valores monetários nas seguintes condições:

Em relação às exportações, o Paraguai, Argentina e Estados Unidos corresponderam aos maiores volumes financeiros, se constituindo nos maiores compradores de produtos das indústrias do município. Os países da América do Sul foram responsáveis por 68,2% das exportações das indústrias de Araruna, os países africanos corresponderam a 16,04% e a China com menor participação nas exportações do município.

As importações efetuadas pelas indústrias ararunenses, que por sinal superaram as exportações, mostraram o predomínio dos países asiáticos, especialmente a China que respondeu por 69,92% e a Coreia do Sul com 7,78% dos produtos importados a isso se deveu aos baixos preços que possibilitam a redução dos custos de produção das empresas locais em particular. A Alemanha com 9,82% é o segundo país maior exportador para as empresas ararunenses, enquanto que as importações do México foram às de menor valor monetário entre os países. Dos países da América do Sul, apenas a Argentina exportou produtos (Tabela 43).

Nesse contexto de internacionalização, as indústrias de Araruna mantiveram, no período 2008-2014, relações comerciais com dezenove países localizados em cinco continentes, distribuídos na América do Sul, Ásia, Europa, América do Norte e África e que em termos de resultados as importações foram superiores as exportações em US\$ 13,6 milhões.

Os dados mostram a ocorrência de comércio bilateral com os países da Argentina, China, Itália e Estados Unidos, enquanto que com os demais países o comércio foi unilateral, sendo nas exportações com os países: Paraguai, Peru, Uruguai, Bolívia, Chile, Moçambique e Angola e nas importações com os países: Coreia do Norte, Coreia do Sul, Hong Kong, Taiwan-Formosa, Espanha, Alemanha, Polônia e México.

A China que envolveu o maior valor das importações foi responsável também pelo menor valor das importações realizadas pelas indústrias de Araruna, enquanto com os Estados Unidos ocorreu superávit comercial de US\$ 320 mil. Os países da Europa foram responsáveis por 19,3% das importações e que as exportações foram somente para a Itália no pequeno valor de US\$ 23 mil.

A seguir apresentamos análise sobre as relações comerciais internacionais por regiões geográficas abrangendo os continentes da Ásia, Europa, América do Sul, América do Norte e África no período 2008-2014 (Figura 39).

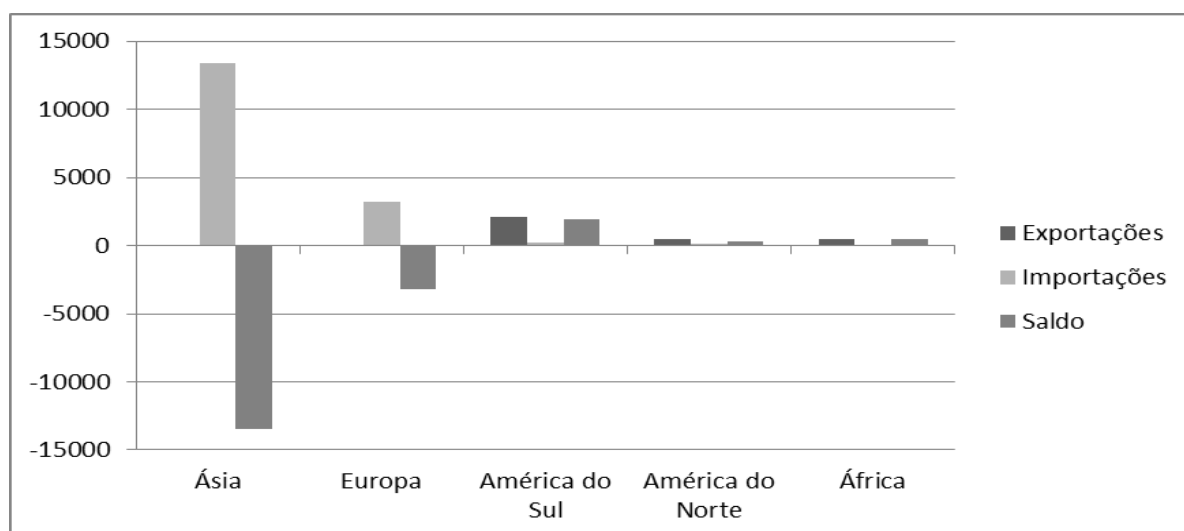


Figura 39: Araruna. Balança Comercial, regiões geográficas, (em milhões US\$, FOB), 2008- 2014 .

Fonte: Ministério do Desenvolvimento Indústria e Comércio Exterior (MDIC/SECEX).

A Ásia tem a maior participação monetária no comércio internacional com as empresas industriais de Araruna, principalmente nas exportações com valores monetários de US\$ 13,42 milhões equivalente a 79,02% da totalidade das importações que é o maior volume comercial externo de Araruna. Dentre o valor total das importações feitas 68,9% o equivalente a US\$ 11,74 milhões está relacionado às transações com a China, o que demonstra alto grau de conectividade comercial entre essas duas localidades. Contudo, a Coreia do Sul também aparece como um admirável país exportador com US\$ 1,53 milhão.

De outro lado, as exportações com maiores valores ficaram na comercialização com os países da América do Sul com o valor de US\$ 1,45 milhão representando 84,58% das exportações totais. Países como a Argentina, Paraguai, Bolívia, Peru e Itália também estabelecem fluxos de comércio com Araruna, tanto através de importações como exportações. Os dados ainda sugerem que os países da América do Sul estão entre os principais mercados consumidores de produtos exportados pelo município de Araruna.

Os dados referentes ao comércio internacional mostraram déficit comercial de US\$ 13,85 milhões que a diferença monetária entre as importações e exportações das indústrias de Araruna.

3.2.1.1.1 A dinâmica industrial de Araruna sob a ótica das empresas locais

Retomando os estudos mais locais, o município de Araruna ao lado dos municípios de Campo Mourão e de Terra Boa é considerado um dos mais industrializados da região Campo Mourão, levando-se em consideração o potencial de investimentos e tecnológicos das indústrias instaladas. Para ilustrar o presente estudo, entrevistamos pessoas que respondem pelas três principais indústrias com sede no município: A. J. Rorato⁵⁴, a Cofama, e Líder Lar.

3.2.1.1.1.1 A dinâmica industrial de Araruna sob a ótica da A.J. Rorato & Cia. Ltda.

O texto elaborado está pautado basicamente nas informações coletadas durante a entrevista realizada e com alguns subsídios extraídos da página eletrônica da empresa. Ressaltamos que a entrevista é uma das fontes para se alcançar os resultados. Após a coleta das informações, selecionamos os dados e desenvolvemos a redação respeitando a base fornecida pelo entrevistado em relação aos questionamentos transcritos no roteiro da entrevista.

A.J.Rorato & Cia. Ltda., localizada na Rodovia 467, Km 13, Chácara Éden, na cidade de Araruna, Estado do Paraná. A Missão “Desenvolver e produzir móveis com qualidade, acessível à todas as famílias”.

O início das atividades da A. J. Rorato ocorreu em 20 de julho de 1973 com atuação no ramo de materiais de construção. A natureza do capital é familiar e com sede localizada na cidade de Araruna. Os produtos fabricados são móveis para cozinha, banheiro, pias e tanques de material sintético. O principal fornecedor é a Duratex localizada no estado de São Paulo. Outros fornecedores são do Espírito Santo, de Curitiba, de Botucatu (SP) e Serra (ES).

As principais matérias-primas utilizadas são: madeira, pinus de reflorestamento próprio, duratril mdf. O reflorestamento está localizado nos municípios cidades de Araruna e Luiziana.

A história da empresa começa em 1969, na pequena cidade de Jaci, interior do estado de São Paulo, região de São José do Rio Preto com uma pequena fábrica de móveis, onde Aparecido Rorato, Antonio de Jesus Rorato e seu cunhado Pedro Perle formavam uma

⁵⁴ Francisco Soares Rorato, responsável pela produção industrial e designado a participar da entrevista realizada em 22 de julho de 2014.

pequena sociedade fabricando móveis com encomenda. Antonio de Jesus Rorato conduzia mais efetivamente a parte comercial, enquanto os outros dois verdadeiros artesãos, lidavam produziam os móveis.



Figura 40: A.J. Rorato. Imagens de 1969 e 2014

Fonte: A.J. Rorato

A empresa escolheu o ramo de móveis devido às experiências anteriores no ramo de marcenaria. O mercado oferecia espaço regional, a pequena fábrica já fazia móveis na base de encomenda para toda a região, mas não tinha ainda uma linha definida de produtos, só os detalhes do acabamento que se destacavam dos demais. O crescimento da pequena fábrica foi inevitável.

Conforme nos foi informado em entrevista a administração da empresa é de responsabilidade maior do Senhor Antonio Rorato. A empresa é ligada diretamente ao comando acionário e não tem vínculo de rede empresarial e nem possui filiais.

Geograficamente, a empresa A.J. Rorato possui clientes nos vários estados brasileiros, com exceção do Amazonas, Roraima, Ceará, Rio Grande do Norte, Paraíba e Pernambuco. Segundo o entrevistado, os estados São Paulo, Minas Gerais e Paraná se constituíram como os principais estados de atuação compradores dos produtos da A. J. Rorato.

Sobre o relacionamento da empresa com o município de Araruna quanto a gestão política parece ser diretamente muito pequena. Indiretamente ela é expressiva por meio da contribuição com o poder público com recolhimento de taxas e contribuições, já que ela é a

principal empresa ararunense em arrecadação do ICMS, comprovado com a participação no valor adicionado fiscal do município.

De acordo com a entrevista realizada, a empresa não tem recebido nenhum incentivo ou vantagens no município e na região. A instalação da empresa na cidade de Araruna foi escolhida por ser o local de residência dos seus proprietários. A desvantagem da indústria se localizar em Araruna é a distância geográfica dos principais fornecedores e clientes e, sobretudo a carência de mão-de-obra, tanto qualificada com não, com essa dificuldade a empresa recorre a contratação de trabalhadores das cidades vizinhas.

Quanto à cooperação técnica, a A.J. Rorato trabalha em conjunto com uma empresa de resina do Estado do Espírito Santo. Como em todo o mercado a concorrência, notadamente, ocorre com as empresas que possuem produtos similares, no caso da Rorato, a Gaam Indústria e Comércio de Móveis Ltda., localizada na cidade de Ampere e a Fimap de Birigui ambas no Estado de São Paulo com a produção de gabinetes e na produção de pias e tanques a empresa Decoralita da cidade de Belo Horizonte Estado de Minas Gerais.

Quanto ao volume de produção e circulação de mercadorias a empresa não passa por processo de reestruturação. A comercialização é escoada através de frota de veículo própria, uma vez que possui transporte próprio para mercadorias.

Para a fabricação de móveis para cozinha e banheiro e pias e tanques de material sintético, os bens de produção como máquinas e equipamentos são adquiridos da Alemanha e Itália devido a característica da produção industrial. A produção com utilização de equipamentos modernos e sempre atualizados possibilita a produção de 360 peças de gabinete por hora e 460 peças de pia e tanque por hora.

O planejamento e a gestão da empresa são muito disciplinados, de acordo com o entrevistado. Todo início de anos representantes comerciais se reúnem para traçar as ações referentes ao ano e curso. O mercado da empresa é basicamente nacional. Com base neste planejamento traçado ao longo dos anos, a empresa A. J. Rorato executa um projeto de crescimento de 10% para os próximos dois anos, no entanto as condições econômicas de uma maneira ou de outra afetam diretamente os planos dela. A empresa adapta sua linha produtiva de acordo com as demandas, notadamente com a produção de produtos populares. No entanto, diferentemente de outras empresas do ramo não há produção com prévia encomenda para atendimento específico, devido a grande escala de produção.

Sobre os dados da política de trabalho, a empresa possui vínculos empregatícios como: CLT e menor aprendiz. O perfil do trabalhador é diversificado, com funcionários desde ensino fundamental até graduados e pós-graduados. A maior concentração dos 1.350 funcionários da

A.J.Rorato está na área de produção, mais especificamente na marcenaria que é o cerne da empresa, nessa função estão cerca de 70% dos trabalhadores. Os funcionários têm residência fixa nos municípios de Araruna, Peabiru, Luiziana e Farol, comprovando a indisponibilidade de mão-de-obra no município para atender a demanda da indústria.

A A.J. Rorato não está inserida em programas de informação, apesar de atender as exigências ambientais, como tratamento de água, reciclagem de resíduos sólidos e o programa 5S⁵⁵, cujo papel é cuidar da base, facilitando o aprendizado e prática de conceitos e ferramentas para a qualidade que inclui cuidar dos ambientes, equipamentos, materiais, métodos, medidas, e, especialmente pessoas.

De acordo com informações durante a entrevista, a empresa mantém liderança nacional na fabricação de armários, pias e tanques e é ambientalmente responsável pela produção da madeira utilizada proveniente de reflorestamento próprio, o que garante autonomia de produção e conservação do meio ambiente. As premiações recebidas nos últimos anos através das Revistas Revenda e Anamaco ajudou a empresa conquistar as primeiras colocações em vendas nos produtos: armário para cozinha e banheiro, pia e tanque de material sintético.

A A.J. Rorato, que esteve prestes a mudar a centralização industrial para a cidade de Taubaté – SP, voltou atrás e recuou a fixação dessa centralidade para a cidade de Araruna, onde tem participação efetiva na economia local e tem enfrentado o grande problema com a contratação de trabalhadores, já que a cidade não dispõe de mão-de-obra suficiente para atender a demanda de pessoal para a indústria.

3.2.1.1.1.2 A dinâmica industrial de Araruna sob a ótica da Cofama Indústria e Comércio de Máquinas e Equipamentos Ltda.⁵⁶

O texto elaborado está pautado basicamente nas informações coletadas durante a entrevista realizada e com alguns subsídios extraídos da página eletrônica da empresa. Ressaltamos que a entrevista é uma das fontes para se alcançar os resultados. Após a coleta das informações, selecionamos os dados e desenvolvemos a redação respeitando a base

⁵⁵ O programa 5S surgiu nas empresas do Japão, durante a reconstrução do país depois da segunda guerra mundial.

⁵⁶ Bruno Bonato, sócio proprietário e gestor com 50% dos direitos da Cofama Indústria e Comércio de Máquinas e Equipamentos, foi designado a participar da entrevista realizada em 23 de julho de 2014.

fornecida pelo entrevistado em relação aos questionamentos transcritos no roteiro da entrevista.

Cofama Indústria e Comércio de Máquinas e Equipamentos Ltda., localizada na Rodovia PR 558, Km 18, na cidade de Araruna Estado do Paraná. A Missão “Transformar ideias em soluções”.

O início da atividade ocorreu em agosto de 2000 atuando no ramo de indústria de máquinas, desde então concentrou suas atividades em apenas um estabelecimento localizado na cidade de Araruna. Os produtos fabricados são: máquinas para fabricação de espuma e colchão.

As matérias-primas utilizadas são: ferro, materiais elétricos, mecânicos e pneumáticos adquiridos de empresas nacionais e internacionais.

A história da empresa mostra que a fundação ocorreu em 1986, pelo empresário Carlos Carmindo Bonato, a Cofama é pioneira no desenvolvimento de máquinas para produção e corte de espuma. No esforço de suplantar suas barreiras, a Cofama iniciou em 2007 a expansão de seus negócios também no mercado externo, com sucessos significativos no setor. Em 2008 com a reestruturação de sua presença digital, organizando toda a empresa em torno da valorização tecnológica.

A escolha do ramo de indústria de máquinas devido ao número reduzido de concorrentes na época, além de que a empresa já trabalhava no ramo de máquinas para fabricação de farinha de mandioca e houve a necessidade de trocar de ramo devido as dificuldades desse segmento no mercado e as vendas eram baixas.

Conforme nos foi informado em entrevista a administração da empresa é de responsabilidade maior do Senhor Bruno Bonato que é sócio proprietário. A empresa é ligada diretamente ao comando acionário e não tem vínculo de rede empresarial e nem possui filiais.

A área geográfica de atuação da Cofama, segundo o entrevistado é bem ampla, se estendendo para todo o território brasileiro e América Latina, tendo como principais clientes a Castor, Ortobom, Ortocrin, Gazin, Americanflex, Umafelx, Estofados Helen e as principais empresa de colchão do mercado brasileiro. As empresas Fameger, Comaster e Smuziger são consideradas as maiores concorrentes comerciais da Cofama.

Sobre o relacionamento da empresa com o município, existe a aproximação, haja vista que um dos diretores esteve frete à prefeitura como prefeito da cidade. Com a comunidade prioriza de ajuda de custo em eventos e doações a entidades. Sendo uma das principais empresas da cidade tem participação significativa na arrecadação de impostos para o município.

De acordo com a entrevista realizada, a empresa não tem recebido nenhum incentivo ou vantagens no município e na região. A instalação da empresa na cidade de Araruna foi escolhida por ser o local de residência dos seus proprietários. A desvantagem da indústria se localizar em Araruna é, sobretudo a carência de mão-de-obra, tanto qualificada com não, com essa dificuldade a empresa recorre a contratação de trabalhadores das cidades vizinhas e em outras regiões.

Não há procedimento quanto à cooperação técnica da Cofama com outras empresas e instituições. Segundo o entrevistado, as concorrências as mais relevantes estão relacionadas com as empresas Fameger Indústria de Máquinas para Espuma, Comaster Indústria de Máquinas para Espuma instaladas na cidade de Araruna e a Smuziger Indústria e Comércio de Máquinas da cidade de São Paulo-SP.

No processo de enfrentamento a concorrência, as dificuldades estão mais presente no ambiente exógeno da empresa, como a prática da alta carga tributária imposta pela política fiscal brasileira, que historicamente vem onerando os custos de produção e criando problemas no fator competitividade de mercado, como disse o entrevistado que a Cofama não tem o benefício fiscal de ser inclusa no modelo Simples Nacional em que as empresas gozam de algumas isenções fiscais que baixam os custos de produção, ao passo que os concorrentes se enquadram nesse sistema.

Quanto ao volume de produção e circulação de mercadorias a empresa não passa por processo de reestruturação. A produção comercializada é escoada através de serviços de transporte terceirizado.

Para a fabricação das máquinas e equipamentos, os bens de produção são adquiridos nas cidades de Maringá e São Paulo. Os produtos são produzidos, montados e testados, cada setor desenvolve um tipo de máquina obedecendo a uma formatação de produção, através da utilização de equipamentos modernos. A quantidade produzida depende muito de cada tipo de máquina, o principal produto máquina para a produção de espuma e colchão leva em média 45 dias para colocação no mercado.

O entrevistado relatou que para a gestão e o planejamento estratégico anual são utilizados indicadores mensais com uma visão interna e externa da empresa no cenário econômico brasileiro. Com relação às exportações de produtos para os países, a empresa mantém um agente de vendas na Argentina. Os clientes dos demais países (Paraguai, Uruguai, Argentina, Chile, Bolívia e EUA) concretizam os negócios diretamente com a Cofama.

Sobre os dados da política de trabalho, a empresa possui vínculos empregatícios normalmente na condição da CLT. O entrevistado informou a empresa tem em quadro de

funcionários com mão-de-obra especializada, como é o caso de torneiro, soldador e frezeiro. Os trabalhos são realizados em dois turnos durante o dia. A maior concentração dos funcionários da Cofama está na área de produção com 70% dos trabalhadores, cujos trabalhadores têm residência fixada nos municípios de Araruna e Campo Mourão.

No corpo técnico é integrado por profissionais nas áreas de automação industrial, tecnologia da informação, redes industriais, redes de computador, engenharia da produção.

A Cofama possui programas de inovação para melhoria contínua no processo de produção para adaptação as exigências do mercado consumidor, para isso tem um setor de qualidade que desenvolve processos para melhorar os produtos e serviços, tais como, 5S, PDCA⁵⁷, 4Q1POC⁵⁸ entre outros. Na preocupação com meio ambiente, a Cofama tem no seu parque fabril, um sistema de cisterna para coletar água da chuva e separação de materiais recicláveis que são coletados por empresas certificadas.

Segundo o entrevistado, a abaixa carga tributária nas exportações e abrangência de mercado são as principais variáveis para se investir no mercado internacional para a Cofama, porém demonstra preocupações com as expectativas comerciais devido as dificuldades das empresas, mormente pelo que passa a economia nacional e internacional, sobretudo com o desdobramento dos agregados macroeconômicos, tais como, o PIB, política cambial e política fiscal.

A Cofama se apresenta como uma das indústrias de fabricação de produtos de intensidade tecnológica de alta intensidade, porém se recente da baixa participação de políticas industriais para as empresas do setor na cidade de Araruna, mas que por iniciativa própria realiza investimentos que se traduzem em benefícios para a cidade. As questões políticas e econômicas brasileiras tem afetado diretamente os níveis de produção e comercialização de produtos, mas que necessidades de infiltração em outros mercados fazem parte do planejamento de médio e longo prazos.

⁵⁷ O Ciclo PDCA se trata de uma ferramenta de gestão que visa controlar e melhorar os processos e produtos de uma forma contínua (WERKEMA, 2012).

⁵⁸ O 4Q1POC é uma ferramenta utilizada para planejar a implementação de uma solução. O planejamento da solução deve ser elaborado em resposta às seguintes sete questões sobre planejamento: *O quê?*, *Quem?*, *Quando?*, *Quanto?*, *Por quê?*, *Onde?* e *Como?* (OLIVEIRA, 2012).

3.2.1.1.1.3 *A dinâmica industrial de Araruna sob a ótica da Líder Lar Estofados e Colchões Ltda.*⁵⁹

O texto elaborado está pautado basicamente nas informações coletadas durante a entrevista realizada e com alguns subsídios extraídos da página eletrônica da empresa. Ressaltamos que a entrevista é uma das fontes para se alcançar os resultados. Após a coleta das informações, selecionamos os dados e desenvolvemos a redação respeitando a base fornecida pelo entrevistado em relação aos questionamentos transcritos no roteiro da entrevista.

Líder Lar Estofados e Colchões Ltda., localizada na Rodovia PR 465, Km 14, Chácara Éden na cidade de Araruna, Estado do Paraná. A Missão “Transformar ideias em soluções”.

As matérias-primas utilizadas são: madeira, prego, grampo, tecido, percinta, espuma, embalagens plásticas, Fitim, TNT, etiquetas e mola. Essa matéria-prima é fabricada nos estados do Paraná, Santa Catarina e São Paulo, Rio Grande do Sul e Minas Gerais.

A história da empresa, segundo relato do entrevistado o surgimento em 1986 no ramo de fabricação de móveis, disse que a Líder Lar teve início através da aquisição da empresa Venalex de Paranavaí, que passava por dificuldades financeiras e que a instalação do estabelecimento na cidade de Araruna foi motivada por ser o local de residência dos seus proprietários.

A empresa escolheu o ramo de estofados e colchões devido a sua origem (adquirida de outra empresa). Com o passar dos anos a Líder Lar foi se especializando na fabricação de estofados e colchões, expandindo e modernizando suas estruturas físicas e humanas em função das necessidades de melhoria e adaptações das instalações para atender as demandas e aumentar a competitividade, assumindo assim a responsabilidade social, porém não se preocupou em investir em novas unidades de produção em locais e cidades diferentes.

Conforme nos foi informado em entrevista a administração da empresa é de responsabilidade dos Senhores Amarildo Benedito Perle, Laerti Perle e Laércio Perle que não fazem parte do comando acionário da empresa mas tem vínculo de rede empresarial notadamente com a A.J. Rorato.

A área geográfica de atuação da Líder Lar se limita aos estados do Paraná, Santa Catarina, São Paulo, Rio Grande do Sul, Minas Gerais, Mato Grosso e Mato Grosso do Sul,

⁵⁹ Amarildo Benedito Perle, gestor da Líder Lar Estofados e Colchões, foi designado a participar da entrevista realizada em 23 de julho de 2014.

abrangendo sete Estados localizados nas regiões Sul, Sudeste e Centro Oeste do Brasil que estão entre as principais regiões do país. Os principais clientes são: a MM Mercadomoveis (Ponta Grossa - PR), Lojas Becker (Cerro Largo – RS), Comercial de Moveis Harter (Ijuí – RS), Ancesane Comercio de Moveis Ltda. (Teodoro Sampaio – SP).

Sobre o relacionamento da empresa com o município de Araruna e região é comercial e a responsabilidade social com a comunidade gerando emprego e renda, além da contribuição com o município através de recolhimentos de taxas, contribuições e impostos.

De acordo com a entrevista realizada, a empresa não tem recebido incentivos ou vantagens no município e na região disponibilizada pelo Poder Público. A instalação da empresa na cidade de Araruna foi escolhida por ser o local de residência dos seus proprietários. A desvantagem da indústria se localizar em Araruna é a logística e distância geográfica de quase todos os fornecedores e a maioria dos clientes.

Quanto à cooperação técnica, a Líder Lar trabalha em conjunto com as empresas do Grupo A. J. Rorato de Araruna. Os principais concorrentes da Líder Lar no segmento de estofados são: Gralha Azul, Gazin, Estofados Helen, Umaflex, Simbal e Somopar e no segmento de colchões estão: Castor, F. A. Maringá, Ecoflex, Americanflex, Gazin, Anjos e Ortobom.

Na sequência da entrevista, tratamos sobre os dados da produção e a circulação de mercadorias, nesse ponto, a empresa não passa por processo de reestruturação, pois a produção total atende a demanda real para seus produtos. A produção comercializada é escoada através de serviços de transporte próprio.

Para a fabricação das máquinas e equipamentos, os bens de produção são adquiridos direto da China e da Espanha em função dos preços mais atraentes que viabilizam os custos de produção. A utilização do sistema artesanal de fabricação, segundo o entrevistado por se tratar de produtos quase que totalmente dessa linha e finaliza dizendo “que existe dificuldade para implantar uma linha de produção nesse sistema produtivo”. A quantidade produzida depende muito de cada tipo de produto, variando entre uma e quatro horas.

O planejamento é feito em médio prazo e realinhado sempre que há necessidade de mudanças, ou seja, a empresa adapta sua linha produtiva de acordo com as demandas de mercado. A Líder Lar, devido ao alto volume cúbico dos produtos preferiu produzir apenas para o mercado interno, enquanto que no mercado externo apenas importa. As perspectivas de mercado a médio e longo prazo é de crescimento moderado, devido algumas preocupações com cenário político e econômico do Brasil.

Sobre os dados da política de trabalho, a empresa possui vínculos empregatícios na condição de CLT e contratados. O entrevistado informou a empresa têm um quadro 165 funcionários com idade entre 18 e 35 anos que trabalham em turno diurno. A maior concentração dos funcionários está na área de produção (tapeçaria de estofado), com cerca de 40% dos trabalhadores. A mão-de-obra utilizada tem residência fixada nas cidades de Araruna e Campo Mourão.

A Líder Lar, em 2013, obteve o certificado do Inmetro para a venda de colchões de espuma, nas seguintes densidades: d18, d23, d26, d28 e d33 e d45. Juntamente com este certificado a empresa implantou um sistema de rastreabilidade das matérias-primas e do produto acabado.

A Líder Lar na sua base de fabricação compõe o setor industrial da cidade de Araruna, com participação na economia e espacialidade local, com abertura para o mercado internacional, principalmente na aquisição de equipamentos utilizados na produção de produtos. Trata-se de um ramo muito competitivo e que exige estratégias de produção e comercialização para a manutenção no mercado, o que vem sendo realizado, não obstante as dificuldades com as questões macroeconômicas, envolvendo as políticas: fiscal, cambial e monetária que afetam diretamente as empresas e as pessoas de modo geral.

3.2.1.2 Indústrias e emprego na cidade de Campo Mourão

O município de Campo Mourão, polo da região centro ocidental, com população total de 87.194 habitantes e população urbana de 82.676, com PEA de 46.283 pessoas (IBGE-Censo 2010). Sua economia é caracterizada por um intenso setor de serviços e por uma produção agrícola voltada principalmente para a cultura de soja e uma base industrial em crescimento (IBGE, 2013).

Segundo a Federação das Indústrias do Estado do Paraná as indústrias de Campo Mourão cadastradas são em maior número que os demais municípios da região, destacamos as indústrias com maior quadro de funcionários de acordo com a Tabela 44.

O município de Campo Mourão conta com indústrias instaladas e distribuídas na categoria de pequenas, média e grandes empresas. Apesar de sua economia ser voltada à agricultura, o município possui grandes indústrias com diversos segmentos como a Coamo a Cristófoli Biossegurança que é fabricante e montadora de aparelhos médico-odontológico; Tyson do Brasil Alimentos S.A., a VRI e a Colacril (ENTREVISTA PMCM, 2014).

Tabela 44: Campo Mourão. Estabelecimentos industriais, produtos, tipo de comercialização e quadro de funcionários, 2014

ESTABELECIDAMENTOS	PRODUTO	IMP	EXP	FUNC
Agropecuária Ipê Ltda.	Soja e milho, semente de soja, gado.	Não	Não	180
Auto Adesivos Paraná Ltda.	Placas adesivas	Sim	Sim	300
Bokada Alimentos Ltda.	Paçocas de amendoim, geleias de frutas	Não	Não	130
Campusmorão Construção Ltda.	Construção de estruturas, contenção de encostas	Não	Não	60
Casali Cia Ltda.	Construção civil, pedreira.	Não	Não	100
Coamo Agroindustrial Cooperativa	Farelo e óleo de soja bruto e refinado e café	Sim	Sim	476
Companhia de Desenvolvimento Urbano e Saneamento	Construção civil	Não	Não	37
Construtora Casali Ltda.	Construção civil em geral	Não	Não	38
Construtora Malavasi Ltda.	Construção civil, obras de terraplanagem.	Não	Não	52
Cristófoli Equipamentos de Biossegurança Ltda.	Aparelhos esterilizadores, autoclaves e etc.	Sim	Sim	130
D Volts Indústria e Comércio de Resistências Elétricas Industriais Ltda.	Resistências elétricas industriais	Sim	Sim	45
Davery Confeções de Uniformes Industriais Ltda.	Uniformes	Não	Não	68
Eletrônica Campo Mourão Ltda.	Manutenção industrial, Equipamentos de Solda Elétrica, equip. semiautomáticos mig-mag.	Sim	Sim	115
Evolutec Indústria e Comércio de Eletrônicos Ltda.	Projeto e Fabricação de Circuitos Eletrônicos	Não	Não	26
Fertimourão Agrícola Ltda.	Insumos agrícolas, Adubos químicos.	Não	Não	138
Frigorífico Cristal Ltda.	Carne bovina	Não	Não	60
Fundição Albatroz Ltda. EPP	Tampas para autoclaves, para autofalantes em alumínio, Mancais para exaustores.	Não	Não	45
Indústria de Produtos Naturais Deshydrater Ltda.	Vaselina sólida, enxofre, Sal amoníaco, solução fisiologia 0,9%, água oxigenada 10 vol. Álcool 70	Não	Não	20
Indústria e Comércio de Confeções Lever Ltda. – EPP	Roupas de sport	Não	Não	23
Indústrias Reunidas Cristo Rei Ltda.	Papel liner, papel miolo, papel bolacha	Não	Não	60
J R Corsato e Cia Ltda. – EPP	Confeção de vestuário	Não	Não	29
Khromus Indústria Acústica	Alto-falantes, Drivers	Não	Não	21
Marmocampo Mármore e Granitos Ltda.	Mesas e túmulos de granito, bancadas de mármore.	Não	Não	25
Metalnorte – Comércio de Portas e Janelas Ltda.	Portas de ferro e aço, Janelas de ferro e aço.	Não	Não	23
MF Plástico Transporte Indústria e Comércio de PVC	Transportes em geral	Não	Não	23
Mourão Facção de Peças do Vestuário Ltda.	Calças jeans, jaquetas jeans	Não	Não	65
OM Jeans Indústria e Comércio do Vestuário Ltda.	Roupas jeans em geral	Sim	Sim	275
PRO Solus do Brasil Ltda. – EPP	Monitor de plantio	Não	Não	26
Retifica Retifort Ltda.	Peças para motores	Não	Não	20
Sajama Malhas Ltda.	Malhas de algodão, malhas de poliéster.	Não	Sim	70
Santos & Mata Ltda.	Pães, bolos, salgados	Não	Não	60
Sinapse Industrial Ltda. EPP	Aquecedor digital para hidromassagem e banheira, Iluminação para banheiras e spas.	Sim	Sim	50
Usicampo Indústria Metalúrgica Ltda.	Prestação de serviços, usinagem convencional e Cnc, Corte e dobra de chapas Cnc	Não	Não	24
Versátil Engenharia Ltda.	Construção civil em geral	Não	Não	40
Vivax – Indústria e Comércio de Equipamentos Ltda.	Equipamentos médicos	Sim	Não	23
VRI – Indústria Eletrônica Ltda.	Montagem de placas de circuito impresso, Calibragem	Sim	Sim	214
W. F. R. Casali – ME	Pedras, areia	Não	Não	65
Empresas com menos de 20 funcionários	Diversos	S/N	S/N	381
Total de Funcionários	-	-	-	3.537

Fonte: Federação das Indústrias do Paraná – Cadastro Industrial do Paraná

De acordo com a FIEP (2014), as empresas industriais de Campo Mourão são na maioria aquelas que possuem entre vinte e 476 funcionários, representando 50,68% das indústrias cadastradas. Desse conjunto de empresas, dez empresas têm acima de cem funcionários; entre cinquenta e cem funcionários estão lotados em nove estabelecimentos e entre vinte e quarenta e nove funcionários dezoito empresas. Ao passo que em 49,32% dos estabelecimentos a quantidade de funcionários varia entre dois e dezenove empregados.

Considerando empresas acima de vinte funcionários, cinco delas tem ligação direta com o ramo da construção civil gerando 150 empregos; nos ramos que envolvem a utilização de produtos agropecuários somam 656 empregos; nos ramos têxteis e confecções são 530 empregos; em ramos de tecnologia mais avançada, (placas adesivas, autoclave, equipamentos médicos, circuitos eletrônicos, aquecedor e etc.) 788 empregos e outros ramos com quantidades menores de funcionários.

O número de empregados da indústria de transformação de Campo Mourão no ano de 2014, de acordo com FIEP (2014) está em sua maioria concentrado em dez indústrias que equivale a 57,51% dos empregos industrial local (Figura 41).

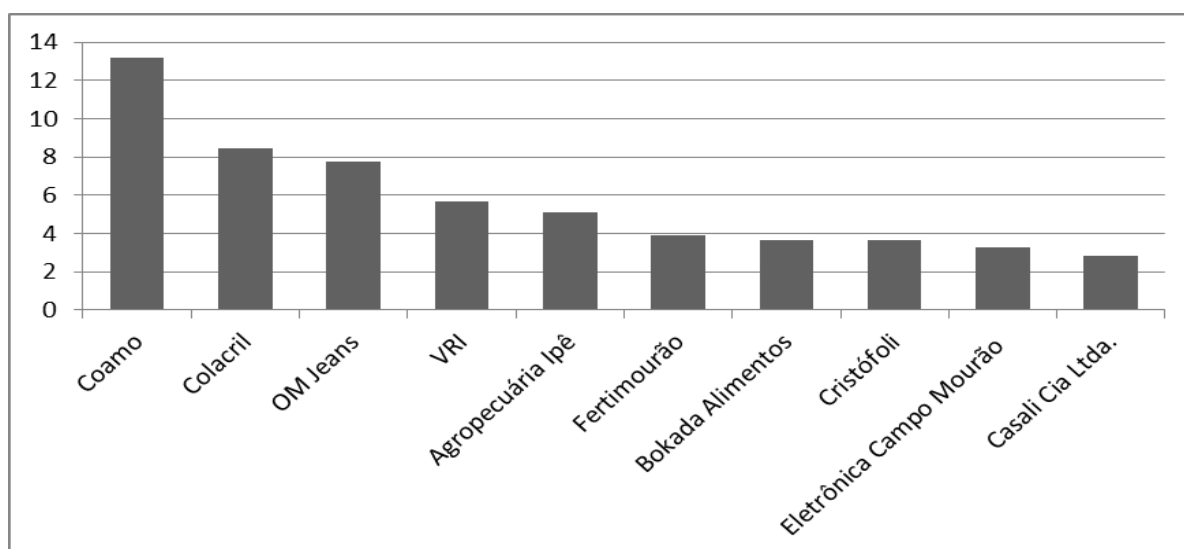


Figura 41: Campo Mourão. Participação percentual no emprego dos principais estabelecimentos industriais, 2014

Fonte: Federação das Indústrias do Paraná – Cadastro Industrial do Paraná

A empresa Coamo Agroindustrial Cooperativa com 466 empregos é a maior empregadora no setor industrial de Campo Mourão equivalendo a 13,18% da totalidade de emprego industrial de acordo com registros na FIEP no ano de 2014. A Colacril que empregou 300 funcionários foi a segunda colocada com 8,48% de participação. Os segmentos das dez maiores indústrias empregadoras são diversificados: alimentos, produção

de sementes agrícolas, equipamentos, saúde, adesivo, eletrônicos e vestuários, mostrando que não há um ramo predominante entre essas empresas.

As indústrias de transformação do município de Campo Mourão possuem entre dois a 476 funcionários em total de 3.537 empregados. Esses números colocam Campo Mourão com a segunda posição regional atrás apenas de Engenheiro Beltrão que é sede da Sabarálcool (Tabela 44).

No âmbito do mercado externo o município de Campo Mourão tem a participação mais expressiva entre os municípios da Mesorregião Centro Ocidental, com 18 empresas em processo de exportação e importação de produtos. A empresa Coamo Agroindustrial Cooperativa é a maior exportadora da região e a segunda maior no Estado.

As empresas industriais de Campo Mourão apresentam as maiores diversificações de produtos finais para o mercado consumidor da região, como a produção industrial de alimentos, máquinas, madeira, produtos de saúde e equipamentos.

A Figura 42 ilustra os resultados das 18 indústrias de Campo Mourão com registro Fiep e que atuam no mercado internacional.

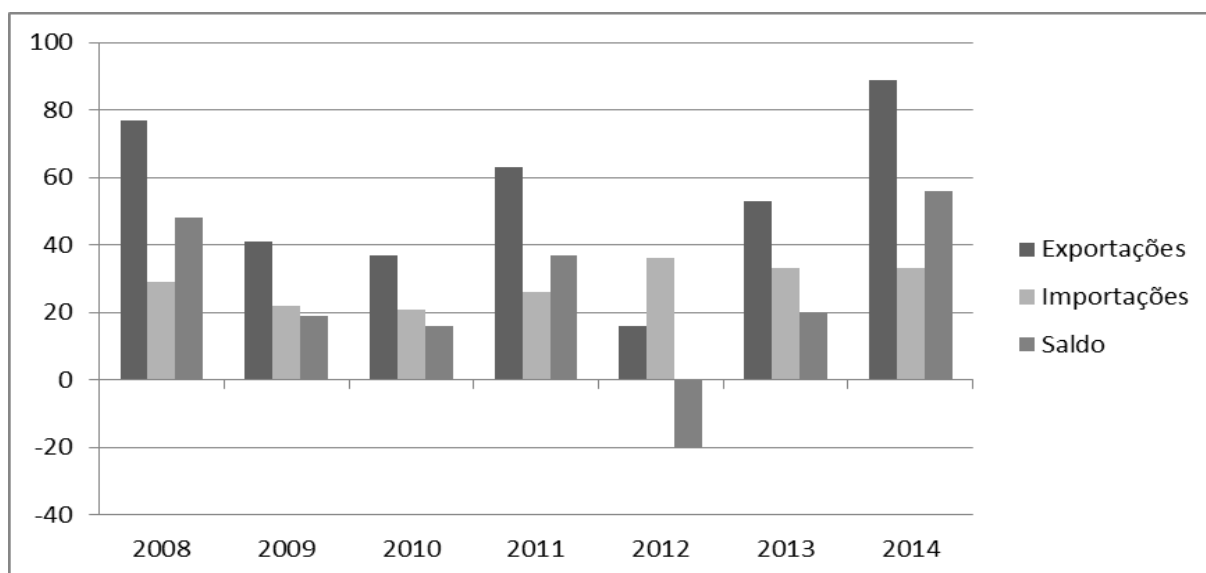


Figura 42: Campo Mourão. Balança Comercial do município, período 2008-2014 (em milhões de US\$, FOB)

Fonte: Ministério do Desenvolvimento Indústria e Comércio Exterior (MDIC/SECEX).

Os dados mostram que as importações aumentaram consideravelmente nos anos de 2011 e 2012. Considerando o ano imediatamente anterior, no ano de 2012 o aumento de 38,73% no valor das importações, com uma variação monetária de US\$ 10,07 milhões,

refletindo no déficit de US\$ 18,81 milhões. Durante o período analisado as importações aumentaram 14,87%, o que representa uma elevação de US\$ 4,25 milhões.

Considerando o ano de 2014, do grupo de empresas exportadoras, a Coamo foi a que apresentou maior relevância com exportações totais acima de US\$ 100 milhões, em seguida a *Tyson Foods* (JBS) com os produtos Macedo entre US\$ 50 e US\$ 100 milhões. As exportações entre US\$ 1 e US\$ 10 milhões ficaram as empresas Colacril Adesivos Paraná S.A., C. Vale Cooperativa Agroindustrial e Cristófoli Equipamentos de Biossegurança. Com exportações com até US\$ 1 milhão ficaram Comercial Importadora e Exportadora Ltda. – Me, *Pro Solus* do Brasil Ltda. – Me, B.S. Indústria e Comercio de Cereais e seus Derivados, Hema Tecnologia Industrial Ltda., Eletrotécnica Campo Mourão Ltda., Paulo Henrique Salvadori, *Saubern Tech* Manutenção de Equipamentos Hospitalares, *Clean Up Brazil* Biotecnologia Ltda. – Me (MDIC. 2015).

No período 2008-2014 observamos oscilações das exportações e importações de produtos industrializados em Campo Mourão (Figura 43).

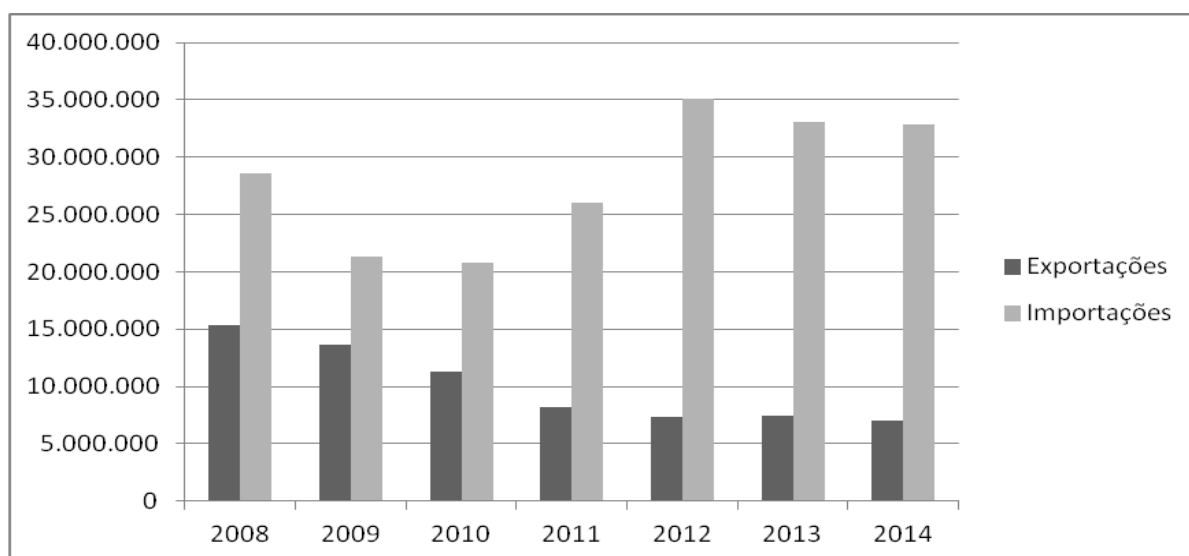


Figura 43: Campo Mourão. Exportações e importações de produtos industrializados (US\$, FOB), 2008-2014

Fonte: Ministério do Desenvolvimento Indústria e Comércio Exterior (MDIC/SECEX).

Em relação às exportações de produtos industrializados observamos desempenho em queda quando comparamos o ano base 2008. A maior queda ocorreu no período 2010-2011 com redução de 27,76% resultante de desestímulo interno causado pela competitividade internacional, notadamente pela entrada de produtos chineses que oferecem preços menores. Entre 2008 e 2014 a queda das exportações foi substancial saindo de US\$15,3 milhões para US\$ 6,98 que representou uma perda de 54,56%.

A partir dos resultados apresentados, constata-se significativo *déficit* na balança comercial da indústria de Campo Mourão, explicando a diferença entre entradas e saídas de valores com a comercialização de mercadorias do mercado externo, sendo que em valores monetários a maior diferença ocorreu entre anos de 2012 a 2014 em que as importações foram superiores as exportações em média US\$ 26,42 milhões (Figura 43).

O principal produto exportado foi carnes e miudezas comestíveis que corresponde a 88,95% (2014) e 85,44% (2013) - em seguida papel, cartão e produtos derivados de celulose com 3,75% (2014) e 6,52% (2013) do valor total das exportações. Os principais produtos importados foram: papel e cartão revestidos de caulino e outras substâncias teve participação de 38,34% (2014) e 31,94% (2013) – em seguida colas e outros adesivos preparados com 10,02% (2014) e 12,95% (2013) do valor total das importações. (MDIC 2015).

As exportações de produtos das empresas de Campo Mourão, com base nos dados do MDIC vêm sofrendo um viés de queda e de outro lado, às importações vem crescendo devido a aquisição de matérias-primas de origem basicamente estrangeira e indispensáveis para o processo de produção. Os fluxos dessas comercializações estão inseridos na Figura 43.

O processo de tratamento da internacionalização das empresas de Campo Mourão que as torna competitivas vem de encontro com os argumentos de Porter (1999) sobre os conhecimentos de competitividade no mercado externo, menos focalizado no preço para obtenção de vantagens comparativas internacionais, caso dos produtos agroindustrializados e outros produtos de intensidade tecnológica mais elevada. Outro dado relevante é que as indústrias acenam para além dos fatores de produção básicos, mas de forma estratégica para as diferenças tecnológicas para qualificar, ainda mais o nível de produção.

Nessa linha as empresas mourãoense, entre elas a Coamo, Cristófoli, VRI, Colacril e Tyson tem realizado investimentos em bens de capital de tecnologia mais avançada, além das questões técnicas e especialização na fabricação de produtos para inserção na competitividade internacional.

Os dados seguintes mostram os países de destino das exportações e a origem das importações, sendo citados valores mais expressivos com os respectivos países e para os países menos relevantes foram incorporados de forma conjunta e, portanto não nominados (Tabela 45).

Tabela 45: Campo Mourão. Exportações e importações, principais países de destino e origem comercial – US\$, FOB - 2008 a 2012

Países de Destino	2008		2009		2010		2011		2012		2013		2014	
	EXP.	IMP.	EXP.	IMP.	EXP.	IMP.	EXP.	IMP.	EXP.	IMP.	EXP.	IMP.	EXP.	IMP.
Chile	3.658.223	-	2.822.632	-	2.125.113	-	1.120.309	-	-	-	1.054.081	-	1.535.692	-
Argentina	3.027.418	2.556.257	2.522.576	1.271.692	2.816.670	493.212	2.394.986	188.635	2.325.892	213.411	1.562.813	23.629	1.531.942	446.909
Uruguai	690.923	-	656.093	20.287	915.080	-	537.757	-	1.030.743	-	1.101.755	-	870.746	-
Paraguai	943.083	-	633.427	443.820	858.141	894.231	817.196	450.095	802.484	1.144.140	1.069.277	-	1.314.018	-
Bolívia	442.721	2.880	478.414	9.747	500.439	13.420	646.324	94.464	359.267	70.594	304.885	26.684	513.519	18.513
Equador	257.497	70.777	160.307	183.863	281.983	424.042	21.781	585.414	63.724	227.852	-	-	-	-
Peru	56.664	-	57.830	-	136.419	-	112.940	-	336.891	-	177.935	-	604.788	-
Colômbia	33.914	-	54.639	439.470	98.593	305.304	64.649	764.606	32.669	-	10.742	-	160.355	-
Venezuela	812.067	-	2.531.542	-	-	-	420.301	-	110.616	-	286.977	-	388.952	-
Canadá	-	330.592	-	872.329	-	1.088.606	-	-	135.027	82.488	-	-	-	119.627
México	234.573	12.544	242.732	4.953	657.124	26.028	572.639	7.939	752.770	208	1.126.739	176.706	730.019	9.455
E.U.A.	473.720	976.295	211.376	1.594.040	130.331	2.825.124	24.750	10.135.492	257.604	18.982.166	1.783.564	20.114.629	182.990	19.009.227
China	21.746.133	753.958	10.348.404	2.051.408	2.864.533	3.411.415	1.591.043	3.824.156	2.210.163	8.210.343	786	6.134.629	1.270.394	7.899.178
Coreia do Sul	1.212.600	382.523	1.468.838	20.405	609.700	98.166	-	4.821	-	1.339	-	105.387	616.347	243.731
Hong Kong	-	3.388	522.799	-	6.073.404	72.054	-	20.433	-	41.697	7.640.576	331.813	13.913.157	33.511
Japão	-	1.849.659	516.270	852.718	191.676	582.365	-	174.916	-	125.686	7.402.376	207.531	17.161.452	24.179
Taiwan	-	1.329.086	-	117.033	54.900	633.416	-	272.824	-	264.174	-	368.363	-	624.401
Índia	-	4.746	-	219.975	-	47.317	139.517	81.920	207.930	9.226	412.309	578.338	688.849	5.675
Itália	6.377.561	2.691.943	2.508.500	4.077.438	-	2.817.480	179.575	4.174.621	136.603	2.143.080	-	372.159	-	311.984
França	3.664.981	2.152.202	1.198.975	1.591.559	-	3.663.900	-	2.284.505	508.053	-	-	-	-	-
Espanha	5.174.244	-	656.970	-	-	-	-	1.153	-	99.484	-	-	-	-
Bélgica	-	397.722	-	891.851	-	1.043.180	-	-	-	-	-	-	-	119.627
Alemanha	28.247	4.958.042	103.824	4.112.379	702.606	338.208	46.580	2.022.104	15.652	3.811.090	-	893.786	-	1.066.925
Emir. Árabes	-	-	598.467	-	7.429.787	-	-	-	-	-	12.361.903	-	19.833.242	-
Demais Países	28.075.644	10.121.757	12.515.848	3.089.801	10.722.891	2.369.271	54.546.936	922.540	6.842.686	813.603	16.240.023	3.515.270	27.402.544	2.959.846
Total da Área	76.910.213	28.594.371	40.810.461	21.864.768	37.169.390	21.150.739	63.237.283	26.019.462	16.128.774	36.240.581	52.536.741	32.848.924	88.719.006	32.892.788

Fonte: Ministério do Desenvolvimento Indústria e Comércio Exterior (MDIC/SECEX).

Em base inicial, entendemos que o mercado internacional cada vez mais está presente no mundo dos negócios, entre os produtos mais comercializados estão os destinados para a alimentação aí a referência se deve ao crescimento da população mundialmente, pois em muitos países que compõem os blocos econômicos está ocorrendo redução de barreiras comerciais e os preços ficam mais competitivos.

Enquanto as exportações praticamente revelaram declínios durante, praticamente, todo o período em análise, as diferenças das importações aumentaram significativamente em relação às exportações a partir de 2011. Esse desempenho das importações mostra que a indústria local depende bastante de produtos de outros países que levou ao déficit da balança comercial do setor industrial, ao contrário do que aconteceu com a balança comercial total, incluindo todos os setores da economia (Tabela 45).

A diversificação de mercados de exportação é relativamente ampla, pois durante o período 2008-2014 as vendas atingiram mais de 30 países. As vendas externas de Campo Mourão estão mais concentradas nos países da Ásia e da América do Sul. Isso é resultado de acordos preferenciais com os países China e Coréia na Ásia e regionais países com seus parceiros sul americanos em quantidade e intensidade de comércio superior aos países aos continentes; Europa, América do Norte e Oriente Médio.

As importações provenientes dos Estados Unidos, China e Alemanha durante o período 2008-2014 representam 61,68% das importações totais de Campo Mourão. Dentre os países da América do Sul, a Argentina participou no período com 45,62% das importações de Campo Mourão e em seguida o Paraguai com 25,76%. Por outro lado as exportações de maior valor monetário estão localizadas nos países: Emirados Árabes, China, Hong Kong, Japão, Argentina e Chile que juntos respondem por 43,19% das exportações.

Essas análises tem a indústria como foco para a compreensão do mercado internacional e elas mostram que nenhuma empresa pode ser competitiva em todos os setores e, como as economias de cada empresa são muito especializadas, portanto o retorno de investimentos depende da forma como as empresas se organizam e participam no mercado mundializado (DIAS, 2007). As indústrias que funcionam como bases favoráveis ao desenvolvimento das vantagens competitivas de produção são alvo de processos de internacionalização (PORTER, 1999).

Observamos a s relações comerciais internacionais por regiões geográficas dos continentes com a totalidade dos valores entre os anos 2008 a 2014, como foco às exportações, importações e saldos com superávit e déficit na balança comercial de Campo Mourão (Figura 44).

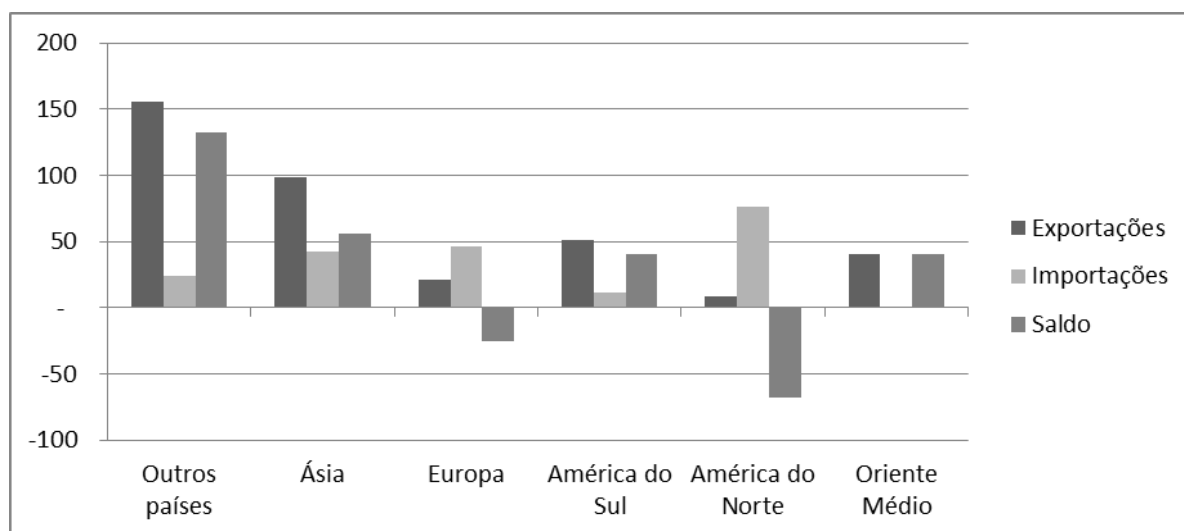


Figura 44: Campo Mourão. Balança Comercial por regiões geográficas, 2008 a 2014 (em milhões de US\$, FOB)

Fonte: Ministério do Desenvolvimento Indústria e Comércio Exterior (MDIC/SECEX).

Os países asiáticos foram os mais representativos no saldo da balança comercial de Campo Mourão, durante 2008-2014, com valores monetários de US\$ 56,84 milhões equivalente a 32,32% da totalidade do município, em seguida ficou o Oriente Médio representado pelos Emirados Árabes (não houve importações) e a América do Sul com saldo na balança comercial em cerca de US\$ 40 milhões cada um. O maior déficit ocorreu nas transações com a América do Norte na ordem de US\$ 68,85 milhões e na Europa com US\$ 24,73 milhões. Contudo, a Coreia do Sul também aparece como um respeitável país exportador com US\$ 1,53 milhão.

As exportações com maiores valores ficaram na comercialização com os países da Ásia com US\$ 98,64 milhões e América do Sul com US\$ 51,26 milhões e Oriente Médio com US\$ 40,22 milhões juntos somaram 50,69% do total das exportações em Campo Mourão. Os dados mostram que os países da América do Sul estão entre os principais mercados consumidores de produtos exportados pelo município.

No entanto, as importações com valores mais expressivos estão localizadas nos continentes da América do Norte, Europa e Ásia. Os países da América do Sul ficam na quarta posição com US\$ 11,38 milhões, enquanto as três regiões principais exportadoras pra Campo Mourão somam US\$ 164,42 milhões ou 93,48% do total das importações no período 2008-2014.

Cabe salientar aqui, a expressividade de outros países com valores menores individualmente, mas que respondem por 41,64% das exportações, 13,53% das importações e

75,36% do saldo da balança comercial de Campo Mourão. Isso mostra a conectividade comercial do município com os mais diversos países do hemisfério.

3.2.1.2.1 A dinâmica industrial de Campo Mourão sob a ótica das empresas locais

Reiteramos que o município de Campo Mourão, pelo número de indústrias, é o mais industrializado da região. Grandes indústrias com diversos segmentos são representados pela Coamo, Cristófoli Biossegurança e Tyson (JBS) que durante o processo de entrevistas repassaram a visão da empresa nos aspectos geral e mais especificamente industrial.

No município de Campo Mourão, segundo cadastro da Prefeitura Municipal, são 230 indústrias de ramos diversos constando empresas de pequeno, médio e grande porte. Considerando que as dez maiores empresas pertencem ao setor industrial que respondem por 35,38% do valor adicionado da indústria e 24,7% do total do valor adicionado do município em 2013, isso representou uma evolução de 5,36% em relação a 2012 (Quadro 4).

Quadro 4: Campo Mourão. Valor Adicionado Fiscal – Principais Empresas, 2013

Tyson do Brasil Alimentos Ltda.	19,2896
Coamo Agroindustrial Cooperativa	8,6464
Auto Adesivos Paraná S.A.	3,5715
Aion Indústria e Comércio de Confeções Ltda.	1,3502
Cristófoli Equipamentos de Biossegurança Ltda.	1,0419
VRI – Indústria Eletrônica Ltda.	0,7623
VIVAX – Indústria e Comércio de Equipamentos Ltda.	0,2782
Frigorífico Central	0,1744
Concrecampus – Indústria e Com. de Artefatos Dorion e Magistral Ltda.	0,1355
Consolata Alimentos	0,1288

Fonte: Entrevista – Prefeitura Municipal de Campo Mourão (2014)

A empresa Coamo Agroindustrial Cooperativa que é considerada a maior empresa da região com faturamento de R\$ 8,17 bilhões em 2013, no entanto, o seu desempenho foi inferior ao da Tyson do Brasil Alimentos Ltda. (JBS) quando nos referimos sobre a composição do Valor Adicionado Fiscal. A terceira força econômica do município é a Colacril – Auto Adesivos Paraná S.A. com relevantes resultados para Campo Mourão (Quadro 4).

Em virtude de quantidade muito grande de alusões a empresa Coamo Agroindustrial Cooperativa ao longo desse trabalho e pela relevância econômica e referência para a cidade de

Campo Mourão e região, destinamos parte do texto sobre o panorama geral da empresa e em seguida editamos a entrevista sobre as indústrias da Coamo que complementam os dados.

3.2.1.2.1.1 I. A dinâmica industrial de Campo Mourão sob a ótica da Coamo Agroindustrial Cooperativa Ltda.

Com sede na cidade de Campo Mourão (PR), a Coamo foi fundada em 28/11/1970 por um grupo de 79 agricultores que se uniram para lutar por uma vida melhor para suas famílias, se consolidou como a maior empresa da Mesorregião Centro Ocidental e entre as principais firmas do Estado e, segundo a Organização das Cooperativas do Estado do Paraná ela foi reconhecida como a maior cooperativa de produção da América Latina. Essas considerações a referenciam como organização e academicamente em todo o território brasileiro e até internacional no sistema cooperativista.

Diversos estudos já foram realizados sobre essa cooperativa, como: A hegemonização da Coamo no campo e na cidade – artigo no IX EPCT, 2014; A Coamo e o desenvolvimento geoeconômico da região de Campo Mourão – dissertação de mestrado PGE/UEM, 2012; A expansão e crescimento da Coamo – dissertação de mestrado UFPR, 2009; Transferência de tecnologias: uma análise na Cooperativa Coamo de Toledo, no Paraná – artigo 48º Congresso Sober, 2010; Cooperativa Coamo: Gerenciando os conflitos do crescimento – Documento FEA/USP, 1996; Agronegócio cooperativo da Coamo: A reprodução do capital no território - artigo VII Congresso Brasileiro de Geógrafos, 2014; Coamo e Coagel: abertura de um novo território – artigo VI EPCT, 2011; Historiografia da Cooperativa Agroindustrial Coamo – artigo XIX Eaic/Unicentro, 2010 entre outros.

Fajardo (2007) argumentou que, diferentemente das várias cooperativas surgidas principalmente no norte paranaense, impulsionada pela cafeicultura, a Coamo nasce na perspectiva das lavouras modernas e com mentalidade mais voltada para o aumento da produtividade.

Com a consolidação das lavouras mecanizadas de soja e trigo na região depois da erradicação do café. Com a nova base da agricultura do Estado, foram dados os primeiros passos para a implantação da agroindústria, com o argumento de que com a transformação da produção entregue pelos associados, os ganhos seriam repassados aos associados na forma usual do cooperativismo chamado sobras (SERRA, 1992).

O recebimento de 7,0 milhões de toneladas de produtos agrícolas, principalmente a *commodities* soja, seguido pelo milho, café e outros, a Coamo respondeu por 3,6% da produção brasileira e 16% de grãos e fibras das cooperativas. Para atender a movimentação de produtos, a cooperativa disponibiliza uma capacidade estática de armazenagem a granel de 4,86 milhões de toneladas e capacidade de armazenagem de ensacado de 920,14 mil toneladas (COAMO, 2015).

De acordo com o Balanço Patrimonial da Coamo de 2014, a receita total da cooperativa somou R\$ 8,68 bilhões, somente com a produção de alimentos marca Coamo o faturamento atingiu R\$ 767,41 milhões, esses resultados propiciaram sobras líquidas⁶⁰ (lucro para os capitalistas) de R\$ 647,70 milhões e o patrimônio líquido é de R\$ 3,14 bilhões. Essa movimentação resultou na industrialização de 1,50 milhão de toneladas de soja, 59,68 mil toneladas de trigo, 3,25 mil toneladas de café beneficiado e 9,54 mil toneladas de algodão em pluma (COAMO, 2015).

Segundo Fajardo (2007) o processo de verticalização da Coamo começa na década de 1980, e logo no início dessa década ocorreu a instalação da fiação de algodão, da destilaria de álcool (desativada em 2001), e também da indústria de esmagamento e produção de óleo de soja, consolidando a agroindustrialização da cooperativa. A construção da infraestrutura atual da Coamo consolida-se nos anos de 1990

A cooperativa começou atuar no Porto de Paranaguá- no final de 1990 – com o objetivo de atuar com atividades vinculada a operação portuária, esmagamento de soja e industrialização de óleo. Além da unidade produtora de óleo com capacidade de produção de 2.000 toneladas/dia, do terminal portuário, são três armazéns, duas linhas de embarque e duas moegas. Com isso, 100% do escoamento dos produtos é realizado pelo Terminal de Paranaguá, porém o porto de São Francisco também é considerado estratégico para a cooperativa (COAMO, 2014).

Em 2012 foram exportados pelo terminal portuário de Paranaguá, no Paraná e porto de São Francisco, em Santa Catarina, um total de 2,81 milhões de toneladas (crescimento de 8,7% em relação ao ano anterior) que resultaram no montante de US\$ 1,12 bilhão. Esse montante, no ano de 2012, colocou a Coamo na 36ª posição entre empresas exportadoras do Brasil, a segunda no Paraná e a primeira no agronegócio paranaense. (COAMO, 2013).

Com o passar dos anos, a Coamo consolidou sua presença no mercado internacional de grãos, óleo bruto e farelo, não apenas pela quantidade, mas também pela qualidade de seus

⁶⁰ A Coamo distribuiu aos seus associados oriundo dos resultados obtidos em 2014. Esses resultados financeiros implicaram num pagamento de impostos, taxas e contribuições de R\$ 355,27 milhões (COAMO, 2015)

produtos e da capacidade de fornecimento constante que é uma das características desse mercado. Isso exige agilidade na venda CIF, com contratação de navios pela própria cooperativa, com operações nas bolsas de Chicago, Londres e Nova York e com um corretor na Europa, assim formando a Coamo internacional (SETTI, 2010).

O mercado internacional acabou se tornando um das principais fontes de comercialização e, por isso, em 1990 “[...] adquiriu uma indústria de óleo de soja e um terminal portuário em Paranaguá, o que possibilitou no ano seguinte exportar os produtos dos cooperados como óleo, farelo de soja, café, algodão em pluma e fio de algodão para diversos países do mundo”. (PAULA, 2001, p. 64). Nesse estado de coisas, da grandeza da Coamo no cenário cooperativista nacional e internacional, conforme discussão nesse item se caracteriza, ao lado de outras cooperativas, como Coopervale, Cocamar, Coopavel, Castrolanda, como uma das empresas líderes no setor.

A Cooperativa exportou 1,8 milhões de toneladas que rendeu US\$ 903,69 milhões pelo terminal portuário de Paranaguá, no Paraná, pelo Porto de Santos, em São Paulo, e pelo porto de São Francisco, em Santa Catarina. A exportação da Coamo é equivalente a 11% do total de todas as cooperativas brasileiras e a 37ª no *ranking* de exportação do país e a 1ª do Paraná. Em Paranaguá, no litoral paranaense, a Coamo mantém o seu terminal marítimo para escoar os produtos para os países importadores (COAMO, 2015).

A industrialização dos produtos recebidos tem como principal objetivo agregar valor à produção dos associados e é feita em um parque fabril composto por indústrias de esmagamento de soja, fábrica de margarinas e gorduras vegetais, indústria de óleo de soja refinado, fiações de algodão localizadas em Campo Mourão e Goioerê, moinho de trigo e torrefação e moagem de café. “Seu maior parque agroindustrial está situado em Campo Mourão, mas também utiliza um sistema de terceirização junto a outras cooperativas e empresas industriais para atender a demanda do mercado interno e externo” (AZEVEDO e SHIKIDA, 2004, p. 273).

Suas atividades industriais assumem relevante participação nos resultados financeiros, correspondendo em média 40% do seu faturamento total. As cooperativas, industrializadas, atendem aos objetivos e estratégias do Estado e do grande capital oligopolizado são decisivas, no processo de modernização e diversificação da agricultura, pela adoção do pacote tecnológico da chamada Revolução Verde (PEREIRA, 1995).

Serra (1992) argumenta que com a estabilização das agroindústrias a Coamo Agroindustrial Cooperativa se consolidou e se fortaleceu no sistema cooperativo e um dos fatores foi pela industrialização da matéria-prima entregue pelos associados como sendo a

melhor alternativa que as cooperativas agropecuárias puderam utilizar para alcançar um determinado grau de crescimento que as tornassem menos vulneráveis aos mecanismos de mercado, incluindo o sistema cooperativista. Os contrastes ficam mais acentuados, quando uma região com problemas sérios de desenvolvimento econômico social, tem uma empresa do porte da Coamo que cada vez mais se consolida no mercado nacional e internacional.

De acordo com a Revista Exame – Edição: Melhores e Maiores 2014 como a 17ª maior empresa do país com capital 100% nacional e a 53ª maior empresa do Brasil entre todas as companhias estatais, multinacionais e privadas instaladas no Brasil. A cooperativa é a primeira empresa⁶¹ genuinamente paranaense e 2ª maior do Paraná na classificação geral e a 3ª maior da região Sul.

Ela é constantemente destacada como pode se observar por meio das homenagens recebidas pela Coamo, através do Diretor-Presidente: José Aroldo Galassini, ao longo do ano 2014 de diversos órgãos de imprensa em nível nacional, entre elas a Revista “Valor” 1000: “Campeã da Agricultura em 2014”, sendo a maior e melhor empresa do setor Agricultura no Brasil; Revista “Isto É Dinheiro”: em “As Melhores do Dinheiro” Coamo é a campeã do setor Cooperativo; Prêmio A Granja do Ano outorgado pela Revista “A Granja”, de Porto Alegre, Rio Grande do Sul, como destaque no setor Cooperativismo.

Após o entendimento e ponderações sobre as potencialidades, logísticas e resultados coletamos informações concedidas através de entrevista⁶² sobre as indústrias da Coamo.

O texto elaborado está pautado basicamente nas informações coletadas durante a entrevista realizada e com alguns subsídios extraídos da página eletrônica da empresa. Ressaltamos que a entrevista é uma das fontes para se alcançar os resultados. Após a coleta das informações, selecionamos os dados e desenvolvemos a redação respeitando a base fornecida pelo entrevistado em relação aos questionamentos transcritos no roteiro da entrevista.

Coamo Agroindustrial Cooperativa Ltda., localizada à Rua Fioravante João Ferri, 99, Jardim Alvorada, na cidade de Campo Mourão, Estado do Paraná. A missão da empresa é de promover o desenvolvimento dos cooperados com vista a melhoria gradual e contínua do *status* econômico-social, fixando-os a terra e proporcionando-lhes, através da prestação de serviços eficientes e com qualidade, um crescimento sustentado a fim de que possam ser agentes propulsores do desenvolvimento da sociedade onde vivem.

⁶¹ Empresa: organização econômica, civil ou comercial, constituída para explorar um ramo de negócio e oferecer ao mercado bens e/ou serviços.

⁶² José Carlos Bertipalha, Assessor de Auditoria e responsável pelos dados industriais da Coamo, foi designado a participar da entrevista realizada em 16 de outubro de 2014.

A cooperativa atua no ramo cooperativo, iniciando suas atividades em 14/09/1971 – tendo como natureza do capital advindo dos associados ou cooperados, tendo em Campo Mourão a localidade municipal da matriz. A capacidade de produção industrial da Coamo está planejada para 660 toneladas/dia de óleo da soja refinado; 100 toneladas/dia de gordura hidrogenada; 180 toneladas/dia de margarina; 30 toneladas de fio/dia (fiação de algodão); para 15 toneladas/dia moagem de café torrado e 200 toneladas/dia de farinha de trigo, gerando um faturamento de R\$ 726,43 milhões e aproximadamente 500 empregos diretos em 2013.

As principais matérias-primas basicamente é a soja, o trigo e parte do café beneficiado adquiridos junto aos associados, e outras adquiridas de outras fontes como o próprio café e algodão em pluma que são comprados nos estados de Minas Gerais e Mato Grosso.

A história da empresa ocorreu no período de abril a setembro de 1969, conduzido pelo engenheiro agrônomo José Aroldo Gallassini, como os primeiros experimentos de trigo na região de Campo Mourão com pesquisa de competição de variedades, adubação, calagem e época de plantio. Depois foi a vez da soja. Os agricultores, então, passaram a ter outra preocupação: afinal, para quem vender a produção? Foi assim que começou a ganhar força a ideia de se montar uma cooperativa de produtores rurais.

Essa era considerada uma tarefa difícil de acordo com a entrevista que realizamos. A região contava com terras impróprias para a exploração devido à acidez do solo e os agricultores desconheciam a tecnologia agrícola. Tratores, por exemplo, só existiam cinco na região. Pelos campos, apenas algumas lavouras manuais de arroz, milho e algodão. Não por menos, a região era conhecida como terra dos "três S" - sapé, samambaia e saúva, acrescentou o entrevistado.

O ciclo da madeira estava chegando ao fim na região de Campo Mourão, no Centro-Oeste do Paraná, quando o engenheiro agrônomo recém-formado, José Aroldo Gallassini, chegou ao município. Era maio de 1968. Ele era funcionário da extinta Acarpa que mais tarde passou a ser denominada de Emater e foi enviado a Campo Mourão com a missão de levantar a realidade rural da região.

Fioravante João Ferri, um madeireiro que tinha conhecimento de uma cooperativa de madeiras no Rio Grande do Sul, foi escolhido como presidente da Coamo devido ao prestígio na comunidade e intocável idoneidade. Ele aceitou o desafio, com a condição de que Gallassini fosse o seu gerente geral. Como funcionário da Acarpa, Gallassini sabia que a formação de uma cooperativa era fundamental para o desenvolvimento da agricultura regional. Foram identificadas as lideranças do setor e iniciou-se uma série de reuniões e encontros para debater o assunto. E assim, em 28 de novembro de 1970, nasceu a Cooperativa

Agropecuária Mourãoense Ltda., cuja sigla Coamo foi sugerida pelo cooperado e posteriormente vice-presidente, Gelindo Stefanuto.

A cooperativa nasceu com 79 agricultores associados que subscreveram a ata de fundação e um capital social de Cr\$ 37.540,00. A primeira sede foi um escritório com 50 m². Com a formalização da Coamo veio o crescimento da produção de trigo na região, o que obrigou a cooperativa a alugar armazéns para receber a produção.

Na condição de uma empresa cooperativa a responsabilidade na administração é pelos associados eleitos em Assembleia Geral para formação diretiva com os Diretores Executivos (presidente, vice-presidente e secretário) e o Conselho de Administração e Conselho Fiscal para um mandato de quatro anos. A Assembleia Geral é soberana e representa a vontade absoluta dos associados da Coamo nas decisões. Para o quadriênio 2012-2015 – José Aroldo Galassini (Diretor Presidente), Claudio Francisco Bianchi Rizzato (Diretor Vice-Presidente) e Ricardo Accyoli Calderari (Diretor Secretário) são os responsáveis pela administração.

O quadro social cooperativa, base 2015, é composto por 27.398 associados que cultivam em área superior a quatro milhões de hectares de terras. Mais de 120 mil pessoas, entre cooperados, funcionários e familiares estão ligados a Coamo. Também faz parte do atendimento integral dos associados e familiares os programas de capacitação e desenvolvimento que abrangem as áreas técnica, educacional, social.

A área de produção da Coamo está distribuída nos Estados do Paraná, Mato Grosso do Sul e Santa Catarina, enquanto que a produção de matérias-primas como algodão e café são processados nos estados do Mato Grosso, Bahia e Minas Gerais. Em relação aos entrepostos (filiais), a Coamo tem 116 unidades distribuídas nos estados do Paraná (56), Santa Catarina (5), e Mato Grosso do Sul (7) que corresponde a 68 municípios (Figura 45).

Geograficamente os principais clientes da Coamo estão localizados nos estados do Paraná, São Paulo, Santa Catarina, Rio Grande do Sul, Minas Gerais, Goiás, Mato Grosso e Rio de Janeiro e nos países da China, Alemanha, Holanda, Coreia do Sul, Itália, Japão, Indonésia, Egito, Eslovênia, Espanha, França, Tailândia, Portugal, Malásia, Vietnã, Romênia, Eslováquia, Bangladesh, Índia, Iêmen, Turquia.

As principais empresas compradoras são: ADM do Brasil, Agrícola Jandele S.A., BRF Brasil *Foods* S.A., Bunge Alimentos, Cargill Agrícola S.A., Gonçalves & Tortola S.A., J. Macedo, Sara Lee Cafés do Brasil Ltda., Seara Alimentos S.A., Triângulo Alimentos Ltda., Agrograin Ltd., Amaggi International Ltda., Bunge International Commerce Ltd., Concórdia Agritrading B.V., Fleming + Wendeln, Glencore Grain B.V. Nethgrain B.V., Noble Resources S.A., Mega Tierernaehrung GMBH and CO KG.

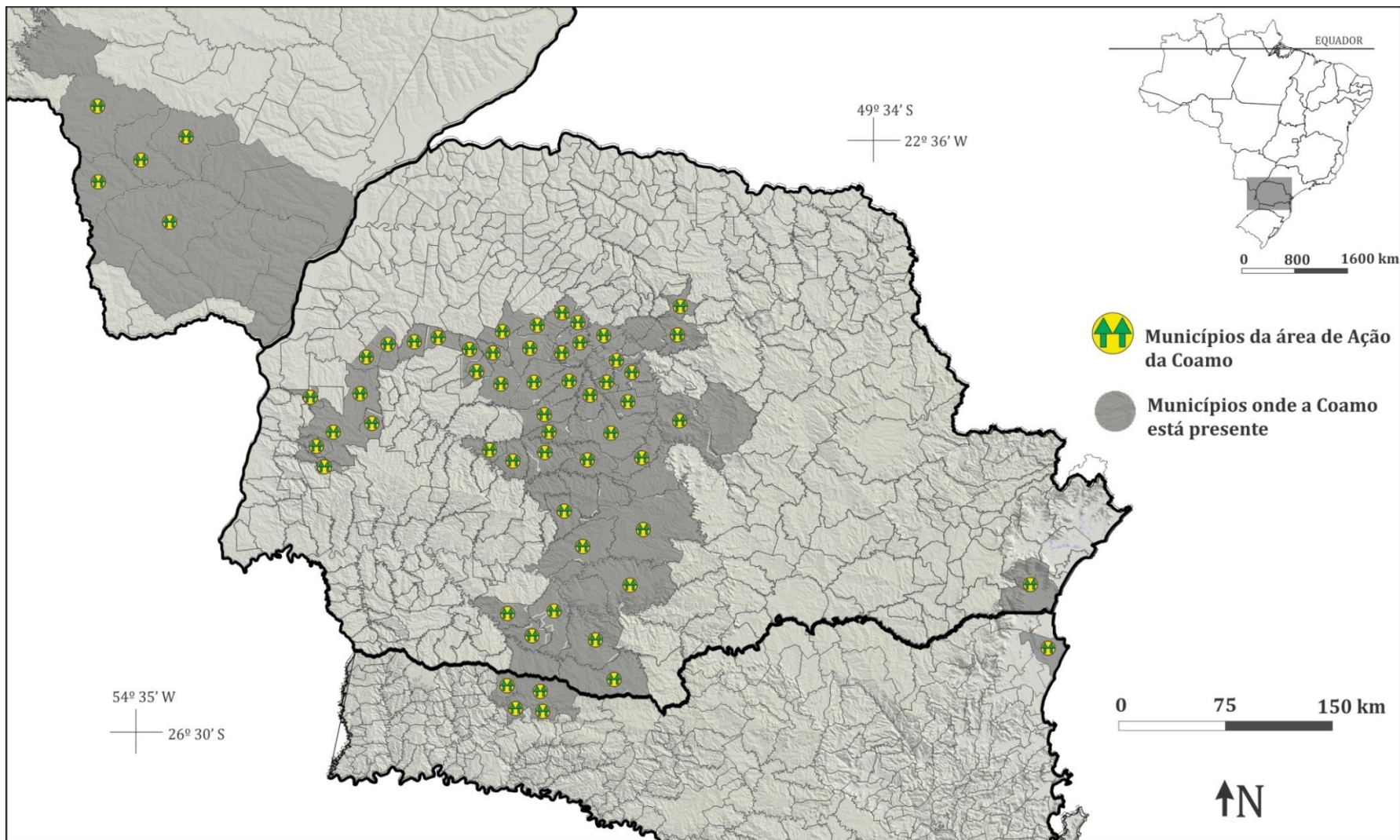


Figura 45: Coamo – Distribuição Geográfica das Unidades nos Estados do Paraná, Santa Catarina e Mato Grosso do Sul

Fonte: Coamo Agroindústria Cooperativa

De acordo com a entrevista realizada, a empresa não tem recebido nenhum incentivo ou vantagens no município e na região. A empresa tem mais uma característica própria e independente por não se utilizar de incentivos dos municípios em que está instalada com suas unidades de recebimento e entrepostos.

Sobre o relacionamento da empresa com o município, região e com o poder público, Bertipalha (2014) foi enfático, dizendo que a empresa, acima de tudo cumpre as leis, respeita o associado e proporciona recursos para as comunidades, além de contribuir para o desenvolvimento das regiões onde atua.

O entrevistado relata que a empresa cumpre as leis e proporciona a geração de emprego e renda, além de contribuir com o recolhimento de impostos e o próprio desenvolvimento regional. A preocupação na escolha dos municípios para instalação de suas unidades está relacionada pela necessidade dos produtores da região em comercializar a produção e também pelo fornecimento dos bens de produção. Os municípios de forma geral apresentam deficiência em infraestrutura de transporte para os centros consumidores e a carência de mão-de-obra especializada.

A cooperativa, por sua própria característica tem exercido cooperação técnica com outras instituições de pesquisas, comercial e universidades no sentido de melhora contínua de qualidade de serviços e produtos. No tocante a concorrência, de forma geral, as empresas do agronegócio brasileiro e em relação às dificuldades na comercialização ficam creditada as variáveis preços dos produtos, câmbio e safra dos demais países produtores.

A comercialização é escoada por meio de transporte rodoviário e marítimo, para tanto, no transporte rodoviário a empresa demanda de transporte com frota própria e de terceiros.

Para a transformação de produtos primários em produtos industrializados, os bens de produção como máquinas e equipamentos são adquiridos tanto no mercado interno como no mercado externo. A empresa utiliza-se dos sistemas flexíveis e automatizado de produção, através de equipamentos com tecnologias sempre atualizadas. O processo de produção é diário com operações em três turnos nas indústrias de trabalho.

O planejamento da empresa está vinculado aos orçamentos previstos e a flexibilidade aos ajustes de acordo com a demanda e crescentes exigências de mercado interno e externo. Com relação as exportações a empresa possui tradição sobre as demandas e critérios para atuar no mercado externo. As oportunidades de mercado e os níveis de concorrências são desafios constantes da empresa, porém não deixando de considerar as oscilações econômicas nacionais e internacionais.

Em relação aos trabalhadores a empresa possui no seu quadro 6.727 funcionários diretos e em média mensal 1.527 trabalhadores temporários e terceirizados. Os vínculos empregatícios estão distribuídos no regime da Consolidação das Leis do Trabalho CLT, terceirizados, menor aprendiz e contratados. A cooperativa conta com 23,47% de funcionários com ensino superior; 8,51% com pós-graduação em nível de especialização e mestrado, 47,1% com ensino médio concluído e 20,92% com ensino fundamental.

Os funcionários da Coamo participam de cursos, treinamento de qualificação profissional, inclusive cursos de nível de pós-graduação na modalidade *MBA - Maste in Business Administration* no sistema presencial em parceria com universidades como Fundação Getúlio Vargas e Universidade Positivo de Curitiba. A maior concentração de funcionários está na área operacional da empresa com 65% dos trabalhadores que residem em 70 municípios distribuídos no Paraná, Santa Catarina e Mato Grosso do Sul. Os trabalhadores tem suas residências fixadas nas cidades onde estão instaladas as Unidades da empresa e nos entornos delas.

Na Figura 46 mostramos a quantidade de funcionários da Coamo de acordo com os Estados de localização dos estabelecimentos da cooperativa.

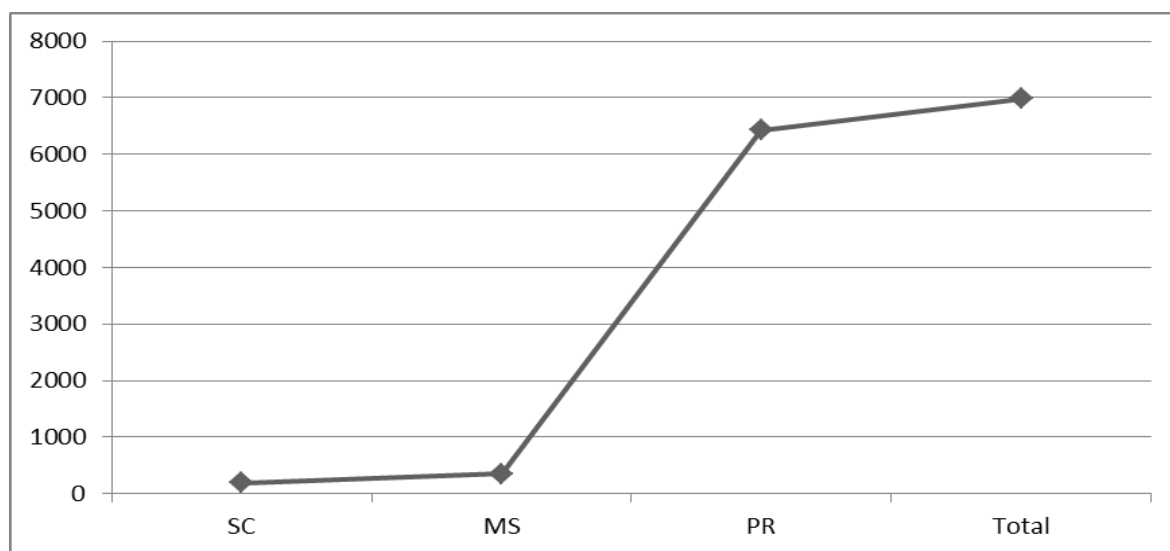


Figura 46: Coamo. Distribuição de funcionários por área de atuação (2015)

Fonte: Entrevista (Coamo)

Com dados de junho de 2015, o quadro de funcional da Coamo é composto por 6.982 funcionários na sua totalidade que são distribuídos nos estados do Paraná (6.430), Mato Grosso do Sul (357) e Santa Catarina (195). Entre esses números, as indústrias da Coamo absorvem 1.290 funcionários representando 20,06% dos empregos fixos da empresa. Embora ampla a quantidade de municípios beneficiados é mais restrito do que as relações espaciais

decorrentes das suas implicações econômicas. Dessa forma, os dados mostram essa dimensão considerando a quantidade de unidades que a cooperativa sustenta nos territórios dos estados em que atua.

Os aspectos relacionados a modernização e as certificações são cuidadosamente atribuídas a produção através das seguintes técnicas: Certificação junto ao GMP+FSA da Holanda (*Good Manufacturing Practice – Feed Safety Assurance*) para a comercialização das commodities soja em grãos e farelo de soja nos mercado europeu e asiático; Certificação junto ao PQC (Programa de Qualidade do Café) da ABIC – Associação Brasileira das Indústrias de Café para a produção de café torrado em grãos e moído; Credenciamento junto ao MAPA (Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento) para a produção de sementes certificadas de aveia branca e preta, soja, trigo e triticale; Implementação da Norma ABNT NBR ISO 22000 – Sistema de Segurança de Alimentos na produção de farinha de trigo, margarinas, gorduras vegetais, creme vegetal e café torrado/moído; Certificação na Norma FSSC 22000 – Sistema de Segurança de Alimentos (Projeto para 2014) na produção de margarinas e gorduras vegetais.

Os investimentos são constantes nas melhorias das Unidades como forma de aperfeiçoar a logística da empresa. A Coamo é a principal empresa da região de Campo Mourão, considerada a maior cooperativa de produção do Brasil

A Coamo é a principal empresa da região de Campo Mourão, considerada a maior cooperativa de produção do Brasil que tem contribuído economicamente com vários municípios da região, além de outras regiões do Estado do Paraná e de outros Estados. Suas indústrias transformam matérias-primas adquiridas, principalmente, de associados e comercializam os produtos finais para o mercado interno e externo. Devido alguns avanços industriais na cidade de Campo Mourão, ela divide a cultura industrial com outras grandes empresas locais e regionais, minimizando o entendimento de muitos pesquisadores que a tinham como monopolizante e que inibia a entrada de outras indústrias.

3.2.1.2.1.2 *A dinâmica industrial de Campo Mourão sob a ótica da Cristófoli Equipamentos de Biossegurança Ltda.*⁶³

O texto elaborado está pautado basicamente nas informações coletadas durante a entrevista realizada e com alguns subsídios extraídos da página eletrônica da empresa. Ressaltamos que a entrevista é uma das fontes para se alcançar os resultados. Após a coleta das informações, selecionamos os dados e desenvolvemos a redação respeitando a base fornecida pelo entrevistado em relação aos questionamentos transcritos no roteiro da entrevista.

Cristófoli Equipamentos de Biossegurança Ltda., localizada na Rodovia BR-158, 127, Jardim Bandeirantes na cidade de Campo Mourão, Estado do Paraná. A missão da empresa é desenvolver soluções inovadoras para proteger a vida e promover a saúde. Fundada em 1991 por Áter Carlos Cristófoli, a Cristófoli Equipamentos de Biossegurança tem sede em Campo Mourão, classificada como empresa de médio porte, com 220 funcionários em 2014.

É uma empresa especializada em fabricação de equipamentos odontológicos, porém nos últimos anos vem diversificando sua produção com equipamentos nas áreas de clínicas médicas, hospital, beleza, veterinária e tatuagem & piercing. Ao longo dos anos líder em vendas de autoclaves de mesa no mercado nacional, tendo fabricado mais de 180 mil autoclaves para o Brasil e para mais de 30 países para onde exporta sua produção (CRISTÓFOLI, 2015).

O início das atividades da Cristófoli Biossegurança Ltda. ocorreu em fevereiro de 1991 com atuação no ramo da indústria de equipamentos odontológicos, para o seu funcionamento utilizou uma área de 250 m² e com uma produção de 150 autoclaves/ mês. Em 2014 está instalada em uma área total de 2.805 m² com 1.084 m² construídos, possuindo um quadro de 220 funcionários distribuído na sede de Campo Mourão, na China e em Curitiba.

As principais matérias-primas utilizadas são componentes eletrônicos, chapas-de-aço carbono, aço inoxidável, plástico injetado, alumínio vindas das cidades de Maringá, Londrina e São Paulo onde se encontram os principais fornecedores brasileiros.

O pensamento da empresa em relação aos fornecedores nas palavras de Áter é faça o produto para a Cristófoli, mas cresça também. Segundo Áter, isto é muito bom mesmo que na eminência de perder o fornecedor pelo fato dele se especializar e ampliar seus produtos e

⁶³ Áter Carlos Cristófoli, Fundador e sócio proprietário, responsável pelos dados industriais da Cristófoli Equipamentos e Biossegurança Ltda., foi designado a participar da entrevista realizada em 22 de julho de 2014.

achar que não é mais interessante continuar parceiro da empresa. O que notamos é de que trabalha com a subcontratação, ou seja, que uma empresa faz da outra para que a última execute parte dos serviços para os quais a primeira foi contratada diretamente.

A história da Cristófoli tem como protagonista o seu fundador, na época, era um jovem protético que trabalhava com seu pai, o qual era um dentista prático⁶⁴. No entanto, mostrava-se interessado na parte de equipamentos odontológicos. Em 1995, passou a vender material odontológico na região de Campo Mourão, e naquela época com as campanhas de conscientização sobre a AIDS, aumentou o número de vendas de equipamentos autoclave que substitui a estufa. Nessa época, os dentistas eram convidados para participar de palestras de esclarecimentos sobre a importância da segurança no trabalho dos dentistas com os pacientes, sobre a esterilização dos instrumentos (biossegurança). Assim, ganhou projeção, mas sentia a necessidade de vender um equipamento à altura das necessidades de seus clientes. Foi a partir daí que surgiu a necessidade de produzir uma autoclave melhor do que aquela que ele representava/distribuía na região.

Ele tinha conhecimento da clientela, de venda, mas não tinha capital para o investimento. Por isso, no início, ele levava o protótipo para o cliente e vendia a partir daquela amostra. Como já vendia equipamentos para consultórios há anos, os clientes confiavam na entrega e na qualidade do produto.

Depois desses primeiros passos Áter Cristófoli descobriu que o conhecimento é mais salutar do que o dinheiro. Assim ele sempre repete essa afirmação que o dinheiro é bom, mas pode ser ruim e é um perigo querer duplicar a produção só porque tem dinheiro; às vezes, isso pode tirar a empresa do equilíbrio. Prossegue dizendo que o maior capital que teve para iniciar o meu empreendimento foi formado pela história e pelo trabalho, ou seja, capital humano, conhecimento e a confiança das pessoas em mim.

A empresa escolheu o ramo pelo envolvimento do fundador com a área de prótese devido às experiências anteriores, além de sua capacidade de argumentação e as facilidades de relacionamentos com os fornecedores fez com que a empresa desse certo, pois o fornecedor realizava o trabalho diante das especificações apresentadas pela empresa.

Conforme nos foi informado em entrevista da empresa pratica gestão profissional acompanhada pelo conselho de sócios. A sociedade da empresa é composta por: Áter Cristófoli, Juci Cristófoli, Jane Cristófoli e Lourdes cada qual com funções específicas.

⁶⁴ Os dentistas práticos ou empíricos compõem o setor informal da mão-de-obra odontológica, reunindo pessoas sem treinamento ou capacitação em cursos regulares. No Brasil e em muitos países essa atividade é considerada ilegal (CARNEIRO, 1982).

Geograficamente a produção da Cristófoli está distribuída no Estado do Paraná e na China, enquanto que a área de atuação está localizada geograficamente na América Latina com produção no Brasil e a produção da China atende 25 países espalhados pelo mundo. Os principais clientes da Cristófoli estão distribuídos com os seguintes segmentos: dentistas representando 60%, a área médica (médicos e clínicas médicas) com 20% e suas clínicas, 15% são esteticistas, manicures e pedólogos e os 5% restantes entre veterinários, laboratórios de análises clínicas.

A localização dos clientes da Cristófoli Biossegurança de Campo Mourão se encontra no território nacional com 85% de participação e os 15% restantes nos países da América Latina; enquanto que a Cristófoli China, 30% da produção vão para o mercado chinês e 70% para diversos países.

Autoclave de esterilização é o principal produto fabricado, entre outros produtos que foram criados ao longo de 23 anos (1991-2014) – a natureza do capital é familiar, Campo Mourão a sede da Cristófoli Biossegurança Ltda., filiais na China na cidade de Nigbo e uma unidade em Curitiba com a Cristófoli Próteses.

Sobre o relacionamento da empresa com o município a região e com o poder público, o entrevistado disse que além do recolhimento de impostos, taxas e contribuições pouco relacionamento diretamente político nas cidades ou regiões onde atua.

De acordo com a entrevista realizada, a empresa não utilizou de benefícios na forma de incentivos ou vantagens do município e da região. As desvantagens da indústria se resumem na de cultura industrial, falta de fornecedores qualificados, falta de mão-de-obra especializada. A instalação da empresa na cidade de Campo Mourão foi escolhida por ser o local de residência dos seus proprietários.

Quanto à cooperação técnica, a Cristófoli trabalha em conjunto com as empresas da Fundação Educere que vai desde as montadoras de circuitos eletrônicos à metalúrgicas para a confecção dos gabinetes metálicos. Isso leva a empresa a afirmar que existem vários fornecedores dentro dessa cooperação técnica. No tocante a concorrência, o entrevistado relata que a Cristófoli é líder na fabricação de autoclaves de mesa no Brasil com cerca de 60% deste mercado e que os principais concorrentes estão localizados no Estado de São Paulo.

A concorrência mostra a intenção de conquistar o mercado europeu, graças as possibilidades de redução dos custos de produção devido a instalação da filial na China com a fabricação de autoclaves instalada na China onde a Cristófoli tem uma funcionária brasileira e os diretores da empresa acompanham semanalmente a gestão chinesa.

Para a fabricação dos equipamentos pela Cristófoli, os bens de produção como máquinas e equipamentos são adquiridos em São Paulo como principal fornecedor, mas a China tem avançado bastante e ocupando, cada vez mais, espaço nesse mercado. A utilização do sistema flexível de montagem dos aparelhos, uma vez que a empresa é praticamente uma montadora, através da utilização de equipamentos modernos e sempre atualizados, possibilitando a montagem do principal produto (autoclave) em média com menos de 10 minutos cada. A comercialização é escoada por meio de transportadora de atuação nacional e terceirizada.

O planejamento da empresa está vinculado à demanda e exigências de mercado interno e externo. A Cristófoli é assessorada por um departamento totalmente voltado para o planejamento da empresa, com reuniões mensais para discussões que se refiram desde os menores projetos até o planejamento estratégico. O investimento no mercado externo, para o entrevistado, é uma questão de consolidação no mercado, frisando que o ramo é muito pequeno e que desejam crescer, investir e vender os produtos para outros países para não restringir as operações no mercado interno. Além da China, a Cristófoli investe 5% do faturamento no departamento de Pesquisa e Desenvolvimento para a criação de novos produtos com a expectativa de novos mercados.

A respeito dos recursos humanos, o trabalho é suprido por meio de contratos diretos e está baseado na CLT, por terceirização e outros. Quanto ao perfil do trabalhador, a empresa exige que os funcionários tenham no mínimo o segundo grau.

Dos 220 funcionários da empresa 79,55% estão lotados na matriz, na fábrica chinesa são 17,27% e em Curitiba 3,18% de participação em relação a totalidade. Quanto aos turnos de trabalho para 95% o turno é durante o dia e o restante no período noturno para trabalho nos fornos e fresas. A Cristófoli tem um plano de remuneração por resultados que está sendo reestruturado de acordo com propostas dos gestores. A maior concentração de funcionários está na área de produção (45%) enquanto as áreas vendas, P&D administrativo e pós-vendas da empresa juntos somam 55% dos trabalhadores que residem no município de Campo Mourão.

Para os funcionários existe a disponibilidade metas específicas de treinamentos e capacitações, além de financiamento de cursos, parcial e integral, de acordo com o interesse da empresa. Nesse contexto, o entrevistado pondera que a empresa qualifica os funcionários internamente ou na Fundação Educere e usando também a estrutura e cursos do oferecidos pelo Senai.

Em relação a modernização nas atividades, alguns pontos foram abordados, iniciando pela estrutura física como meio de produção, são quatro veículos, 150 computadores ligados a Internet e nove ligados a rede financeira por fibra óptica e uso de software de gestão.

Em relação a modernização nas atividades, alguns pontos foram abordados, iniciando pela estrutura física como meio de produção, são quatro veículos, 150 computadores ligados a Internet e nove ligados a rede financeira por fibra óptica e uso de software de gestão. Essas práticas auxiliam no processo de inovação e todos os anos são encaminhadas duas ou três solicitações de patentes para adaptar a linha de produção as demandas.

O *design* dos produtos é elaborado pelo Departamento de Pesquisas e Desenvolvimento. Em alguns casos ocorre a terceirização do desenvolvimento de determinados produtos. O *marketing* tem um orçamento de 7% do faturamento da empresa, em geral é uma mídia direcionada, já que o público alvo é muito específico.

A empresa é associada a Fiep, Sesi, Senai, Sebrae, Sindicatos e Fundação Educere. O entrevistado lamenta o baixo relacionamento com outras entidades de ensino e pesquisa e diz que as maiores parcerias são com a Fundação Educere e Senai. Os financiamentos são, normalmente, através de bancos privados e públicos em todas as linhas de crédito, de descontos de duplicatas a financiamentos de longo prazo.

A Cristófoli transcende suas atividades normais e com iniciativa exemplar, criou e participa diretamente da Fundação Educere que é um Centro de Pesquisas e Desenvolvimento na área de biotecnologia, cujo foco principal é a incubação de empresas a partir do projeto social inovador que atua na formação de jovens empreendedores. A instituição fornece suporte para o desenvolvimento de novos negócios voltados para a difusão e transferência de tecnologia na área biomédica, e é referência em pesquisa e desenvolvimento de produtos inovadores e que agregam valor tecnológico, que estão presentes em todo o território nacional e em diversos países América Latina, Ásia e Europa (CRISTÓFOLI, 2015).

A Fundação Educere que além da Cristófoli Equipamentos de Biossegurança sua principal parceira, conta com mais 12 indústrias associadas, sendo nove delas chamadas de graduadas (Clean-Up, MGE, Ortus, Via Láctea, Saubern, Sieger, Visium, Evolutec e Levevida) e três empresas incubadas (Busker, Medstorm e R&A). Todas as quinze indústrias produzem equipamentos, máquina e produtos vinculados à área da saúde (FUNDAÇÃO EDUCERE, 2015).

A Cristófoli, através da Fundação Educere, vem inovando seus produtos e aumentando a fatia de mercado e a credibilidade de seus clientes, fornecedores e parceiros. Nessa linha Drucker (1999) relata sobre as mudanças de paradigmas nas empresas modernas, pelo fato de

que as forças externas são as que mais afetam o que vale dizer que o administrador deve centrar o exterior e não somente o interior para obter os resultados desejados.

Os aspectos relacionados à modernização e as certificações são cuidadosamente atribuídas à produção através do certificado ISO 9000 desde 1996, ISO 13485 e ISO 14000. BPF Boas Práticas de Fabricação, Inmetro para vários produtos e estamos desenvolvendo os novos produtos de acordo com normas internacionais.

A Cristófoli se apresenta com um modelo de gestão direcionado a fabricação de média-alta e alta intensidade tecnologia e se beneficia das atividades e formação de novas indústrias pela Fundação Educere da qual é a principal mantenedora. Esse modelo de parceria tem dupla função, uma criando as possibilidades para novos empreendedores adentre ao mercado e outra que a Cristófoli se beneficia com a aquisição de matérias-primas produzidas pelas empresas desencubadas que, também, geram novos empregos e renda.

3.2.1.2.1.3 A dinâmica industrial de Campo Mourão sob a ótica da Tyson do Brasil Alimentos Ltda. (JBS)⁶⁵

O texto elaborado está pautado basicamente nas informações coletadas durante a entrevista realizada e com alguns subsídios extraídos da página eletrônica da empresa. Ressaltamos que a entrevista é uma das fontes para se alcançar os resultados. Após a coleta das informações, selecionamos os dados e desenvolvemos a redação respeitando a base fornecida pelo entrevistado em relação aos questionamentos transcritos no roteiro da entrevista.

A Tyson do Brasil Alimentos Ltda., localizada BR 487, Estrada da Boiadeira, na cidade de Campo Mourão, Estado do Paraná. Os valores essenciais da empresa “Tão importante para nós hoje como eram então, eles refletem nosso compromisso de tentar sempre fazer o que é certo como nós manter o foco em fazer boa comida e fazer a diferença”.

Originariamente o abatedouro de aves iniciou suas atividades em 19 de agosto de 2008 com a empresa Frangobras Indústria e Comércio de Carnes e Derivados Ltda., localizada em Campo Mourão, região também grande produtora de grãos, contou com investimento de R\$ 65 milhões, em parte financiados pelo BNDES. Seu projeto foi iniciado em 2004 por cinco sócios. A Globoaves, de Cascavel, possuía 25% e o restante estava dividido entre investidores

⁶⁵ Márcio Soares, funcionário da Tyson Foods, responsável pelos dados industriais da empresa, foi designado a participar da entrevista realizada em 15 de outubro de 2014.

de Maringá. O complexo tem 30 mil metros quadrados de área construída. O terreno de 50 alqueires e a terraplanagem foi doado pela Prefeitura Municipal de Campo Mourão (AVISITE, 2008).

A aquisição da agroindústria paranaense Frangobras pelo grupo norte-americano Tyson Foods foi confirmada 18 de setembro de 2008 e anunciada no dia da inauguração da

Frangobras. A multinacional detém 70% do capital da empresa recém-inaugurada e situada em Campo Mourão, no Centro-Oeste do Estado do Paraná. Matéria da Gazeta do Povo anunciara que a região de Campo Mourão sofreria mudança no perfil socioeconômico com a chegada da Tyson, salientou o então presidente da Frangobras, Edmar Arruda (GAZETA DO POVO, 2008).

Nesse contexto, o abatedouro de aves passou por duas transições com mudanças de grupo empresarial, iniciou com a Frangobras que praticamente nem chegou a operar, pois na sua inauguração foi, para surpresa geral da população de Campo Mourão, adquirida pela multinacional Tyson do Brasil Alimentos e em outubro de 2014 a JBS Foods do Brasil fechou negócio bilionário com a americana Tyson comprando as unidades brasileiras e mexicanas.

O Conselho Administrativo de Defesa Econômica (CADE) aprovou, sem restrições, a aquisição pela JBS da Tyson do Brasil Alimentos por US\$ 175 milhões, devendo incrementar a receita anual em cerca de US\$ 350 milhões. O aval foi publicado no Diário Oficial da União de 24 de outubro de 2014 (G1 ECONOMIA, 2014).

Os produtos manipulados são: matéria-prima frango vivo; frango inteiro ou em pedaços/cortes; partes comestíveis e não comestíveis e produtos resfriados ou congelados. A planta industrial possui capacidade de abate de 160 mil aves/dia, distribuídas em dois turnos de abate, com velocidade de mil aves/hora. (MANSO, 2014).

O abatedouro de aves *Tyson Foods* de Campo Mourão localiza-se fora do perímetro urbano, próximas a vias de acesso rápido e dotado de rede rodoviária, facilitando o escoamento da produção. O *layout* é adequado e suficiente às operações unitárias necessárias, sendo os setores de processamento constituídos, basicamente de: plataforma de recepção das aves, sangria, escaldagem/depenação, sala de evisceração, sala de resfriamento, sala de cortes, paletização e expedição. Os principais equipamentos são: ventiladores, nebulizadores, esteiras, nórias, insensibilizadores, tanques de escaldagens, depenadeiras, cortadores, evisceradores, extratores de vísceras, *chillers* e tuneis de congelamento (MANSO, 2014).

Portanto, a *JBS Foods* assumiu o comando do abatedouro, no ramo de criação de frangos para corte e transformado em alimentos de frango, utilizando o frango vivo como sua

principal matéria-prima. O complexo industrial é formado por abatedouro, fábrica de ração, túnel de congelamento e fábrica de subprodutos.

Em relação à participação no mercado externo, a unidade produtiva da Tyson Foods de Campo Mourão, foi habilitada pelo Ministério da Agricultura para exportar carne de frango à União Europeia. A unidade de produção atende aos mercados do Oriente Médio, Japão e *Hong Kong*, sendo responsável por 40% do volume de produtos exportados pela empresa. Conforme Raphael Martins, diretor da *Tyson* do Brasil, Campo Mourão é fundamental na estratégia de desenvolvimento de novos mercados externos. Exemplo disso, a *Tyson* (JBS) está preparando a habilitação da unidade para exportação com destino aos mercados da África do Sul, Canadá e China.

A *Tyson* do Brasil (JBS) no município e na região promove a inserção neste segmento com atuação global no processamento de carne de frango, bovina e suína e que tem participação de cerca de 20% do valor adicionado fiscal do município de Campo Mourão.

A expectativa inicial era a geração de cerca de 1.700 empregos diretos e oito mil indiretos, sendo uma unidade de processamento completamente integradas⁶⁶ (AVISITE, 2008). No entanto, ao todo, em 2014 são 1.601 trabalhadores com vínculo empregatício. A empresa oferece treinamentos técnicos operacionais e de liderança como forma de qualificar o quadro de funcionários.

Quanto ao perfil dos trabalhadores uma parte possui o ensino fundamental e médio vindos à grande maioria de pequenos municípios da região e oriundos do trabalho com a lavoura. O trabalho é executado em dois turnos e a maior concentração de funcionários está na sala de cortes. A área de produção concentra 90% dos trabalhadores que residem no município de Campo Mourão, Iretama, Roncador, Moreira Sales, Fênix, Mamborê, Peabiru, Farol, Boa Esperança, Araruna, Engenheiro Beltrão.

A *Tyson* (JBS) exerce uma relevante contribuição na economia local, tendo na produção industrial no processamento de aves sua atividade principal, a qual proporciona o *status* de maior empregador de Campo Mourão, apesar da grande rotatividade de mão-de-obra no corte de aves, devido as características da função. Para a economia local, a comercialização de produtos para o mercado interno e externo gera uma participação

⁶⁶ No que diz respeito ao produtor rural integrado, é muito comum que as grandes empresas do setor do agronegócio, como as transnacionais, não produzam a matéria prima de que necessitam, mas atuam nas várias etapas de produção, sobretudo no processamento industrial, muitas vezes trabalhando com pequenos produtores na condição de integrados. Como por exemplo, podemos citar os aviários de produção integrada da empresa *Tyson*, em Campo Mourão.

expressiva na arrecadação de impostos, pois é a empresa que mais contribui com o valor adicionado fiscal no município de Campo Mourão.

3.2.1.3 Indústrias e emprego no município de Engenheiro Beltrão

O município de Engenheiro Beltrão está a 31,5 km de distância de Campo Mourão e 58,4 km de Maringá. Possui população total de 13.906 habitantes e população urbana de 12.278, com População Economicamente Ativa (PEA) de 7.464 pessoas (IBGE-Censo 2010). O município está distribuído em cinco distritos: Figueira do Oeste, Ivailândia, Sertãozinho, Sussuí e Triângulo, além da sede Engenheiro Beltrão.

O maior ativo industrial se encontra no Distrito de Ivailândia onde está localizada a Sabarálcool que é a maior empregadora da região. A principal atividade econômica da região é a agropecuária. No setor industrial, merece destaque a produção de confecções influenciada pelos municípios vizinhos, Cianorte e Terra Boa.

A reação à crise cafeeira neste município, a substituição de cultivos inclui de modo bastante expressivo a cana-de-açúcar. A Usina Sabarálcool que atua no processamento industrial de derivados de cana-de-açúcar é a principal indústria do município de Engenheiro Beltrão e vem alavancando a economia local através de empregos e arrecadação de impostos e é a responsável pelo plantio da cana na região, cuja área plantada aumentou três vezes no município (PETSCH; BUENO, 2010).

As agroindústrias em municípios demograficamente menores são predominantemente do segmento sucroalcooleiro. A cana-de-açúcar é um dos principais produtos agrícolas do Paraná industrializado pela Sabarálcool no Distrito de Ivailândia que pertence territorial e politicamente ao município de Engenheiro Beltrão com destaque no cenário econômico nacional e assim como Porecatu, São Pedro do Ivaí, Cidade Gaúcha, Bandeirantes estão inseridas em pequenas localidades. Com a perspectiva de aumento de área das lavouras de cana-de-açúcar avançando sobre as culturas temporárias e pastagens caracterizam uma paisagem de monocultura.

Rezende (2005) revela que o município de Engenheiro Beltrão é a terceiro colocado na arrecadação de impostos da Mesorregião Centro Ocidental devido à expressiva participação da Sabarálcool, pois a cada alqueire de cana-de-açúcar colhido pela usina deixa cerca de R\$ 3,8 mil em ICMS que comparativamente é superior ao imposto gerado pela soja que atinge de R\$ 284,20 por alqueire.

Rezende (2005) relata que quanto à geração de empregos, os dados indicam que, para cada alqueire cultivado com a cana-de-açúcar, até 13 empregos são gerados, enquanto que na soja cada alqueire cria 0,02 vagas no campo, portanto a geração de emprego em canaviais é 650 vezes superior aos registrados na soja. A Sabarálcool exerce liderança na criação de empregos formais do município e da região.

Na discussão do autor, devemos levar em consideração de que a grande diferença está que a colheita da soja é mecanizada e a de cana-de-açúcar é manual com a utilização de mão-de-obra sem qualificação, esse registro esclarece essa desproporção, tal como acontecia com a cultura do algodão em décadas passadas.

Do ponto de vista da diversificação na agroindustrialização, os derivados da soja, do milho, da mandioca e da cana-de-açúcar concentram a produção industrial com matéria-prima da região de Campo Mourão. Engenheiro Beltrão se especializou na agroindústria da cana-de-açúcar em que a disponibilidade de matéria-prima é o principal fator para atração de investimentos da indústria local processadora com vendas de açúcar e álcool para o mercado interno e externo. No município de Engenheiro Beltrão, estão presentes duas cooperativas a Coamo Agroindustrial Cooperativa e a Cooperativa dos Agroempreendedores de Engenheiro Beltrão – Agrobeltão.

Outros tipos de indústrias se fazem presentes no município de Engenheiro Beltrão, gerando emprego e renda, como: indústria da facção têxtil, alimentos, cabine, metalurgia e etc., que debateremos a seguir no setor industrial que trata dos estabelecimentos industriais com os padrões de comercialização e a quantidade de empregos gerados como relevantes indicadores para caracterização da economia local (Tabela 46).

Tabela 46: Engenheiro Beltrão. Estabelecimentos industriais, produtos, tipo de comercialização e quadro de funcionários, 2014

ESTABELECEMENTOS	PRODUTO	IMP.	EXP.	FUNC.
Agro Spray – Cabines e Transformações Ltda. M	Cabines para tratores, Colheitadeiras, Pá Carregadeiras	Não	Não	10
Bernardo Industrial Ltda.	Perfiladeira-telhas, Prensas, Desbobinadores	Não	Não	35
Cerâmica Benete Ltda. – EPP	Tijolos	Não	Não	37
E A Cunha & Cunha Ltda. – EPP	Cabines para máquinas agrícolas, Kit de pulverização	Não	Não	30
Ecoçucar Indústria de açúcar Orgânico Ltda.	Açúcar mascavo orgânico	Não	Não	25
F. P. Facção produtiva Ltda.	Camisas masculinas	Não	Não	43
Morena Rosa Indústria e Comércio de Confeções AS	Roupas em geral	Sim	Sim	66
Nilson Moreira dos Santos	Pães, doces e salgados.	Não	Não	7
Sabarálcool S/A Açúcar e Alcool	Alcool e açúcar	Sim	Sim	4500
Sidnei Pontim - ME	Pepinos em conserva	Não	Não	11
Total de Funcionários	-	-	-	4.764

Fonte: Federação das Indústrias do Paraná – Cadastro Industrial do Paraná

As empresas industriais do município de Engenheiro Beltrão registradas na FIEP representam significativa participação socioeconômica advinda dos resultados que tem contribuído para o desenvolvimento local.

A distribuição espacial dos estabelecimentos da indústria de transformação de Engenheiro Beltrão está nos segmentos sucroalcooleiros, confecção de artigos do vestuário e acessórios; fabricação de produtos de metal, equipamento industrial e comercial; fabricação de produtos alimentícios e fabricação de cabines e máquinas agrícolas.

Entre as empresas industriais de maior expressão no cenário local estão a Sabarálcool, Morena Rosa Indústria e Comércio de Confeções⁶⁷, F.P. Facção Produtiva, Cerâmica Benette e Bernardo Industrial - juntas respondem por 98,26% dos empregos industriais no município de Engenheiro Beltrão. As empresas Sabarálcool e Morena Rosa atuam no comércio interno e externo e respondem por 95,84% dos empregos industriais, conforme FIEP (2014).

O número de empregados da indústria de transformação de Engenheiro Beltrão no ano de 2014, está em sua maioria concentrado na Sabarálcool praticamente monopoliza emprego da indústria local (Figura 47)

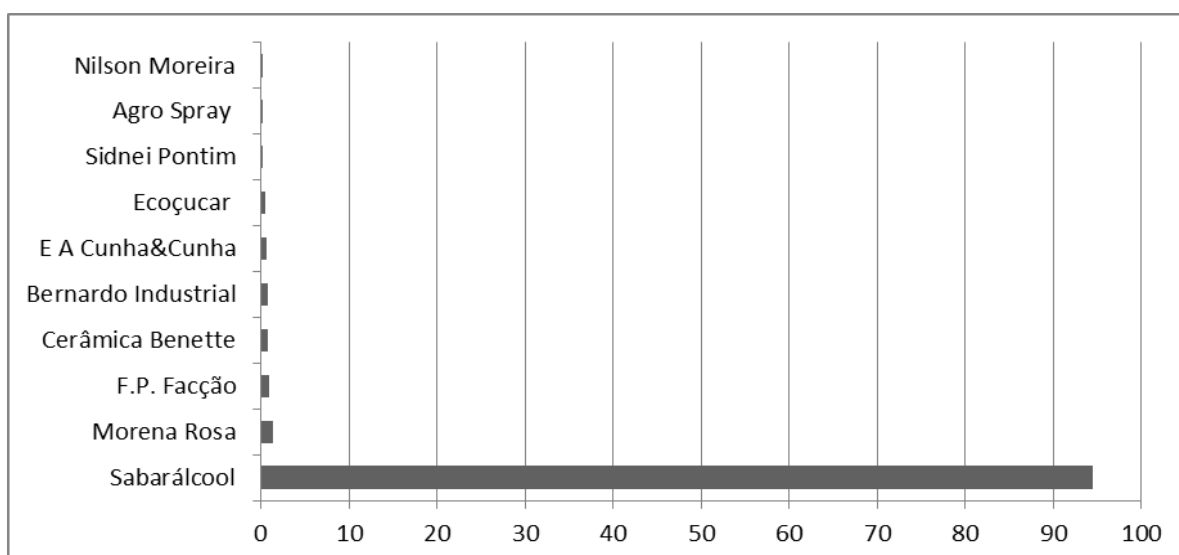


Figura 47: Engenheiro Beltrão. Participação percentual no emprego dos principais estabelecimentos industriais, 2014

Fonte: Federação das Indústrias do Paraná – Cadastro Industrial do Paraná

Segundo a FIEP (2014) a Sabarálcool com 4.500 empregos é a maior empregadora no setor industrial de Engenheiro Beltrão representa 94,46% da totalidade de emprego do setor industrial de Engenheiro Beltrão. A indústria de vestuário Morena Rosa empregou 66

⁶⁷ Unidade de facção na cidade de Engenheiro Beltrão, atualmente se encontra desativada. A comercialização é realizada pela matriz na cidade de Cianorte – Paraná.

funcionários e é segunda maior empregadora local com 1,39% de participação no emprego, demonstrando a relevância absoluta da Sabarálcool neste e em outros quesitos para a economia local. Em relação ao total de empregados da indústria de transformação, as empresas que possui de sete a 66 funcionários representam 90% das indústrias do município.

No âmbito do mercado externo o município de Engenheiro Beltrão tem a participação das empresas Sabarálcool e Morena Rosa. No processo de exportação e importação de produtos o ramo sucroalcooleiro é a fonte principal é referência econômica.

A balança comercial de Engenheiro Beltrão sinaliza que as exportações superaram as importações em todo o período. (Figura 48).

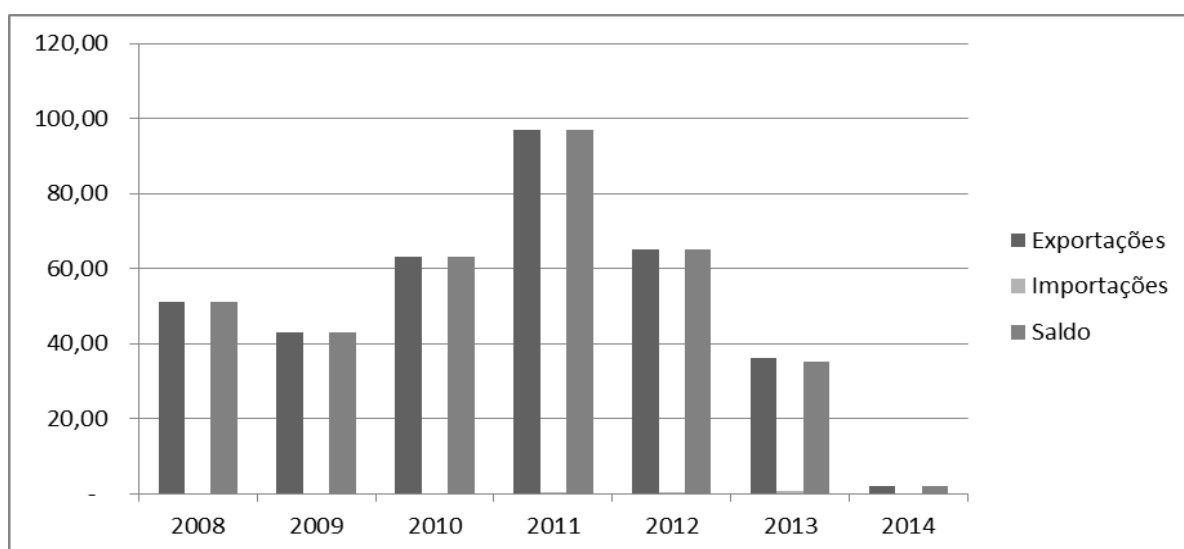


Figura 48: Engenheiro Beltrão. Balança Comercial, 2008-2014 (milhões de US\$, FOB)

Fonte: Ministério do Desenvolvimento Indústria e Comércio Exterior (MDIC/SECEX).

O comércio exterior de Engenheiro Beltrão durante o período 2008-2014 foi basicamente definido pelas exportações. Notadamente nos de 2010, 2011 e 2012 aconteceram os melhores desempenhos com importações em níveis reduzidos. As *commodities* comercializadas pelas empresas de Engenheiro Beltrão ficaram mais competitivas no mercado internacional, isso porque no caso de produtos manufaturados o ritmo é menor, mesmo assim as oportunidades de mercados com outros países estão surgindo em função da própria dinâmica de demanda global.

Posteriormente ao ano de 2011, as exportações foram reduzidas significativamente mesmo mantendo superioridade comercial em relação às importações. A balança comercial desde 2008 se apresentou com desempenho praticamente unilateral em virtude da ausência de importações no período 2008-2010 e no ano de 2014. Durante o período 2008-2014 as

indústrias exportadoras de Engenheiro Beltrão fortaleceram a marca do município no mercado internacional e assim a contribuição socioeconômica se ampliou no município.

Os dados mostram que as importações aumentaram consideravelmente em 2013, apesar de valores bastante inferiores aos das exportações. Considerando o ano imediatamente anterior, no ano de 2013 o aumento de mais de 2.000% no valor das importações, com uma variação monetária de US\$ 717 mil, refletindo no superávit de US\$ 34,83 milhões. Durante o período 2011-2013 as importações aumentaram 729,27% que representa uma elevação de US\$ 659,23 mil. Durante o período 2008-2013 as exportações, exceto as ocorridas em 2013, foram de produtos industrializados. As exportações totais em 2013 atingindo US\$ 35,58 milhões, dos quais US\$ 24,84 milhões tiveram origem de semimanufaturados.

Considerando o ano de 2014, a Sabarálcool apresentou maior relevância com exportações totais entre US\$1milhão e US\$3 milhões, enquanto que a empresa Morena Rosa Indústria e Comércio de Confecções (matriz em Cianorte), as exportações foram de até US\$ 1 milhão e as importações foram entre US\$ 1milhão e US\$3 milhões (MDIC, 2015).

Os dados seguintes mostram os países de destino das exportações e a origem das importações com os respectivos países. Considerando a indústria de transformação, o superávit no saldo da balança comercial praticamente foi composto pelos valores das exportações (MDIC, 2015).

Dentro dessa realidade, no município de Engenheiro Beltrão, o principal produto exportado foi o açúcar derivado da cana-de-açúcar com matéria-prima local. Esse processamento agregou valor na industrialização.

A movimentação comercial dos produtos industrializados no município de Engenheiro Beltrão no mercado externo está demonstrada na Tabela 47.

Enquanto as exportações praticamente revelaram que toda a movimentação do comércio exterior do município foi em relação a ela. Durante o período ocorreu importações somente nos anos de 2012 e 2013. Esse desempenho das importações mostra que a indústria local, pelo tipo de produtos transformados não depende tanto de insumos de produtos de outros países, por isso a balança comercial do município é superavitária.

Tabela 47: Engenheiro Beltrão. Exportações e importações, principais países de destino e origem comercial – US\$, FOB - 2008 a 2012

Países de Destino	2008		2009		2010		2011		2012		2013		2014	
	EXP.	IMP.	EXP.	IMP.	EXP.	IMP.	EXP.	IMP.	EXP.	IMP.	EXP.	IMP.	EXP.	IMP.
Chile	2.300	-	-	-	-	-	-	-	1.929.398	-	1.461.629	-	-	-
Venezuela	-	-	-	-	-	-	4.384.460	-	-	-	-	-	-	-
Canadá	-	-	1.873.414	-	3.107.141	-	5.717.608	-	5.259.976	-	2.239.741	-	576.463	-
México	6.024.560	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
E.U.A.	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	749.623	-	-
Geórgia	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	2.399.488	-	529.035	-
Cingapura	-	-	15.120	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
China	1.754.498	-	-	-	2.780.231	-	7.858.912	-	3.328.821	32.351	-	-	-	-
Coreia do Sul	4.383.610	-	30.800	-	12.480	-	-	-	-	-	396.551	-	-	-
Japão	18.700	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Índia	-	-	18.760.256	-	7.818.083	-	-	-	1.082.724	-	-	-	-	-
Bangladesh	-	-	8.632.341	-	1.520.238	-	11.505.106	-	8.251.924	-	693.413	-	386.025	-
França	-	-	-	-	-	-	6.371.990	-	-	-	-	-	-	-
Portugal	-	-	-	-	4.413.744	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Holanda	2.903.807	-	-	-	2.474.775	-	-	-	-	-	10.340.818	-	-	-
Bélgica	-	-	1.393.000	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Bulgária	-	-	-	-	-	-	-	-	3.892.727	-	-	-	-	-
Rússia	20.280.736	-	6.286.984	-	9.084.505	-	26.478.398	-	10.753.580	-	4.946.037	-	-	-
Romênia	2.247.912	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Reino Unido	2.601.750	-	-	-	11.028.528	-	20.498.577	-	-	-	-	-	-	-
Arábia Saudita	-	-	-	-	9.547.815	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Irã	-	-	-	-	-	-	-	-	10.002.127	-	-	-	-	-
Malásia	-	-	-	-	4.745.973	-	-	-	8.573.841	-	1.498.790	-	-	-
Egito	11.028.961	-	5.435.077	-	-	-	6.914.635	-	-	-	-	-	-	-
Argélia	-	-	670.314	-	6.220.668	-	-	-	12.182.331	-	11.603.935	-	21.678	-
Marrocos	-	-	-	-	-	-	7.696.289	-	-	-	-	-	-	-
Total da Área	51.246.834	-	43.097.306	-	62.754.181	-	97.025.975	-	65.257.449	32.351	35.580.402	749.623	1.513.201	-

Fonte: Ministério do Desenvolvimento Indústria e Comércio Exterior (MDIC/SECEX).

A diversificação de mercados para exportação de produtos é relativamente ampla para um pequeno município, pois durante o período 2008-2014 as vendas atingiram 26 países. As exportações estão mais concentradas nos países da Europa e Ásia que respondem por 70,64% do total das vendas externas, com destaque para a China e Coréia do Sul na Ásia, Rússia, Reino Unido. As importações das indústrias de Engenheiro Beltrão, nos anos de 2012 e 2013, foram realizadas somente com empresas dos Estados Unidos e da China.

Nas considerações de resultados, o município de Engenheiro Beltrão aumenta cada vez mais a movimentação de compra e venda em relação ao mercado internacional traduzido, por exemplo, pelo superávit da balança comercial de US\$ 317,4 milhões durante o período 2008-2014.

A seguir contemplamos as relações comerciais internacionais das exportações, importações e saldos da balança comercial de Engenheiro Beltrão de acordo com as regiões geográficas dos continentes afins, para tanto utilizamos a totalidade dos valores no período 2008-2014, (Figura 49).

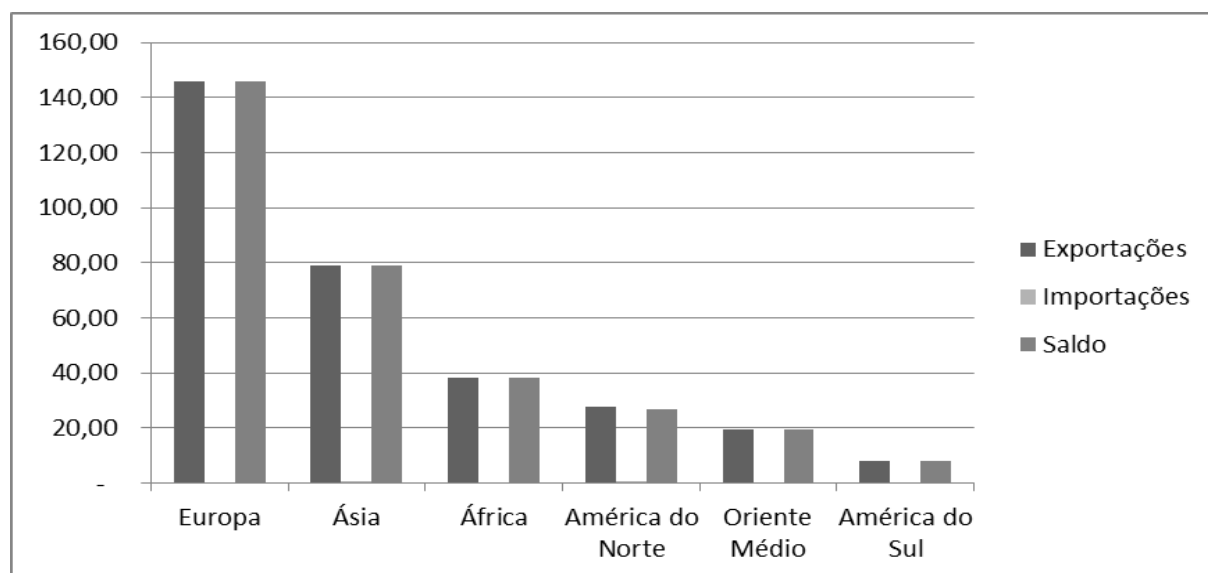


Figura 49: Engenheiro Beltrão. Balança Comercial por regiões geográficas, 2008 a 2014 (milhões de US\$, FOB)

Fonte: Ministério do Desenvolvimento Indústria e Comércio Exterior (MDIC/SECEX).

A Europa aparece com destaque no mercado internacional em que as exportações somaram US\$ 146,0 milhões equivalente a 46% da totalidade da movimentação financeira com o mercado externo. Em seguida a Ásia com 24,89% de participação enquanto que a América do Sul, com saldo na balança comercial de US\$ 7,77 milhões foi a menor participação (2,45%) nesse contexto. Esses dados que formam o saldo da balança comercial

são quase que em sua totalidade os mesmos valores das exportações, haja vista e os inexpressivos valores das importações.

Os valores destes produtos correspondem a maior fatia das exportações pelo município, sendo extremamente relevantes para a economia local baseado na formação do valor adicionado fiscal da indústria.

3.2.1.3.1 A dinâmica industrial de Engenheiro Beltrão sob a ótica da Sabarálcool⁶⁸

O grupo Sabarálcool é composto por duas unidades uma denominada matriz localizada na cidade de Engenheiro Beltrão – PR e a filial na cidade de Perobal – PR, contudo concentraremos o estudo na unidade matriz.

A empresa Sabarálcool S/A Açúcar e Álcool, fundada em 1º de outubro de 1982 pelo Senhor Ricardo Albuquerque Rezende com a denominação Destilaria de Álcool Sabará S/A – Sabarálcool, localizada no território do Distrito de Ivailândia pertencente ao município de Engenheiro Beltrão no Estado do Paraná. Ainda naquele ano, a Comissão Executiva Nacional do Álcool (CENAL) aprovou o Projeto desta Destilaria.

Natural de Sabará (MG), o Sr. Ricardo Albuquerque Rezende retornou ao Paraná para iniciar sua vida profissional em 1975. Seus pais eram, na época, proprietários da Fazenda Sabará S/A, localizada no Distrito de Ivailândia, Município de Engenheiro Beltrão (PR), e tinham como atividades principais o café e a pecuária.

A migração dos pais do Sr. Ricardo para o Paraná ocorreu após uma passagem do Sr. Amilcar na Construtora Rabello (1948-1950), quando da participação desta na construção de uma estrada de ferro no noroeste do Paraná. Nessa passagem, o Sr. Amilcar tomou gosto pelas terras paranaenses e, junto com um primo da Construtora Rabello, comprou as terras (1950) que constituem a Fazenda Sabará, onde foi construída a Usina Sabarálcool.

A decisão de adentrar na agroindústria canavieira ocorreu devido a necessidade de agregação de valor à produção agropecuária de modo a aumentar a lucratividade do negócio, além disso, estímulos proporcionados pelo PROÁLCOOL (Programa Nacional do Álcool).

A partir de 1985 iniciou efetivamente as atividades industriais da Destilaria Sabarálcool com uma capacidade de produção de 120 mil litros/dia de álcool. Em 1992 a

⁶⁸ Fizemos inúmeras tentativas de entrevistas junto aos responsáveis pela empresa Sabarálcool e não conseguimos em nenhum momento o retorno para agendamento, mas como não foi possível foram utilizadas outras fontes por considerarmos o valor dessa empresa para interesses do município de Engenheiro Beltrão e da região.

Usina ampliou as suas instalações industriais, passando a produzir 34,47 milhões de litros de álcool equivalente a 127mil litros/dia e álcool e colocando em operação, a partir da safra de 1993-1994 a sua fábrica de açúcar. Dessa forma, a unidade passou da condição de destilaria autônoma para uma condição de usina com destilaria anexa⁶⁹ (SABARÁLCOOL S/A, 2009).

No período 1997-2000, foram anos de crise no segmento sucroalcooleiro. Falta de insumos, redução de produtividade e da produção. Além da maior geada do século no Paraná em 2000. Mesmo diante dessas dificuldades, em 1998, é inaugurada a fábrica de açúcar na Perobálcool em 2001 na cidade de Perobal na Mesorregião Noroeste e a partir daí vem a recuperação do segmento. A produtividade volta aos níveis históricos, embora ainda, sob os efeitos da geada (BENATTI, 2012).

Ela faz parte do conjunto das usinas de porte médio do Estado do Paraná neste segmento, com moagem de 718 mil toneladas de cana-de-açúcar na safra 1999-2000. A produção da Usina corresponde a 4,1% do total de álcool hidratado, do álcool anidro 0,9%, do açúcar 2,9%, e da moagem 2,5% total das usinas instaladas no Estado Paraná. (SABARÁLCOOL S/A, 2009).

Em comparação com as demais usinas do Estado na safra 2008-2009, a Sabarálcool ocupou a 18ª colocação na moagem de cana e de produção de açúcar, com a participação de 2,6% e 2,9% respectivamente, e na produção do álcool a produção foi de 2,7% do volume de álcool no Paraná (ALCOPAR, 2009).

A evolução da capacidade produtiva da Usina foi gradual ao longo dos anos, sendo que a sua capacidade instalada é de 20 mil sacas de açúcar e 500 mil litros de álcool. Na safra 2011-2012 as duas unidades moeram 1,88 milhões de toneladas de cana, 145 mil toneladas de açúcar e aproximadamente 50 mil m³ de álcool. O mix de produção da unidade matriz para a safra 2012-2013 é de 36,07% para o álcool e 63,93% para o açúcar.

A Sabarálcool detém 30,4 mil hectares disponíveis para o cultivo da cana-de-açúcar, sendo 15,7 na matriz e 14,7 mil na filial. Desse total, aproximadamente 80% é no sistema de parcerias, arrendamento de propriedades no entorno das destilarias e em municípios vizinhos as cidades sedes das duas unidades.

No quadro seguinte observamos a evolução do emprego gerado nas duas unidades da Sabarálcool no período 2008-2012.

⁶⁹ A partir de 1976, começaram a surgir as chamadas destilarias autônomas, que produziam somente etanol a partir do caldo de cana. Em paralelo, foram sendo instaladas destilarias anexas às fábricas de açúcar existentes.

Quadro 5: Evolução do Quadro de Funcionários da Sabarálcool – Matriz e Filial, período 2008-2012

EVOLUÇÃO DO QUADRO DE FUNCIONÁRIOS - MATRIZ E FILIAL						
SAFRAS		2008	2009	2010	2011	2012
Categoria	Unidade					
Urbana	Matriz:	803	763	699	698	734
	Filial:	625	591	556	571	551
Rural	Matriz:	1481	1646	1113	862	728
	Filial:	1284	1053	769	710	587
Total	Matriz:	2284	2409	1812	1560	1462
	Filial:	1909	1644	1325	1281	1138

Fonte: Banco de Dados Sabarálcool – Elaboração Própria do autor.

Entre matriz e filial, o quadro de funcionários se concentra em 2,6 mil, dos quais 56,23% na unidade matriz e 43,77% na unidade filial.

Entre os anos 2008 e 2012 notamos que a categoria de trabalhadores rurais teve a maior redução do seu quadro de funcionários, 50,84% na unidade matriz e 54,28% na unidade filial. Com relação aos funcionários da categoria urbana, devido a menor rotatividade e as funções com características mais restritas a redução se enquadrou em 8,59% na matriz e 11,84% na filial.

Em uma análise geral do quadro de funcionários das duas unidades observamos que a redução de mão-de-obra utilizada pela Sabarálcool foi reduzindo gradativamente no decorrer do período, sendo 35,99% na matriz e 40,39% na filial. Esse quadro tende a ser maior com o passar das safras devido ao aumento do uso de tecnologias e a gradativa implantação da colheita mecanizada.

Os trabalhadores urbanos contratados como tratoristas, apontadores⁷⁰ e outros postos de trabalho (exceto para o corte da cana). Além disso, os trabalhadores da região que chegam a aproximadamente mil no corte da cana e como cortadores de cana volantes trazidos de outras regiões brasileiras (Norte, Minas Gerais e Bahia) somam em média 500 trabalhadores por safra (DELIBARI, 2010).

No campo do mercado internacional, a Sabarálcool exporta aproximadamente 80% do açúcar produzida pela Usina. As exportações do município de Engenheiro Beltrão foram totalmente de responsabilidade da Sabarálcool que em 2008 atingiu US\$ 51,25 milhões e em 2009 com US\$ 43,1 milhões. Entre 2000 e 2009 as exportações cresceram 683,19% que explica o crescimento da empresa e sua participação no cenário socioeconômico (MDIC, 2009).

⁷⁰ Apontador é responsável em manter as normas disciplinares e o domínio da força de trabalho, cargo que estabelecia a segurança conquistada pelos trabalhadores perante o usineiro. Assim ele organiza as tarefas e é responsável pelos os trabalhadores nas propriedades inclusive nas horas trabalhadas (NEVES, 1997., p.18).

A produção de álcool é absorvida pelo mercado interno, se destinando as indústrias farmacêuticas e ao consumo automobilístico este último impulsionado pelo crescente aumento dos carros *flex* no país.

Com relação ao açúcar produzido, seu destino é o mercado externo, para a safra citada à cima a expectativa é realizar vendas para países como: Reino Unido, Bulgária, Argélia, Irã, Rússia, Bangladesh e China.

A apreciação da sociedade local sobre a presença da empresa no município pode ser apreendida pelo que expõe o Senhor Rui Guilherme, morador há quase 30 anos em Engenheiro Beltrão: “a agroindústria traz o desenvolvimento, sim. Depois que a Usina foi instalada não faltou emprego, somente fica desempregado quem não quer trabalhar”. Os reflexos na valorização para o arrendamento de terras foi expressiva. Antes da presença da Usina na região o arrendamento do alqueire custava aproximadamente de 30 a 40 sacas de soja. Com o início do plantio da cana-de-açúcar esse valor passou para 50 a 60 sacas por alqueire. Rui Guilherme em sua nova afirmação diz: “Sem contar a segurança do recebimento, a Usina independente do que acontecer paga o arrendo” (DELIBARI, 2010).

O relacionamento da Sabarálcool com o município e a comunidade é salutar, pois desde o ano de 2000 várias ações, através de projetos com doações de álcool e açúcar para entidades local e da região (creches, escolas, prefeitura, polícia e outros) que influenciam no emprego, na renda, na alfabetização de jovens e adultos.

Os investimentos da Sabarálcool nos Programas de Assistência Social alcançam a 2% sobre o faturamento do álcool e 1% sobre o faturamento de açúcar, como exemplo, no ano de 2004 os investimentos em programas sociais chegaram a R\$ 1,04 milhão (DELIBARI, 2010).

Uma das conquistas recentes é a política da qualidade da Sabarálcool, foi à certificação de qualidade, ISO 9001:2000, sendo a empresa uma das poucas do segmento de açúcar e álcool a obter tal mérito. Os esforços se voltam para obtenção de outra certificação, a ISO 14.000, na área ambiental, visando à integração do sistema de Gestão da Qualidade com a Gestão Ambiental (SABARÁLCOOL S/A, 2009).

É reconhecida também como empresa Amiga da Criança e Amiga da Escola, além dos programas: combate às drogas e dia da saúde bucal realizados em parceria com as escolas do município e região; projeto Sorriso Feliz para gestantes da comunidade; programa interno de alfabetização e parceria com a APAE de Engenheiro Beltrão o que denota sua responsabilidade social (BENATTI, 2012).

A Sabarácool pelas suas significativas contribuições socioeconômicas se situa como o maior empregador da Mesorregião Centro Ocidental e relevante participação na arrecadação de impostos e a importação de mão-de-obra de outras regiões.

3.2.1.4 Indústrias e emprego no município de Terra Boa

O município de Terra Boa está a 44,9 km de distância de Campo Mourão e 24,9 km de Cianorte. Tem população total de 15.576 habitantes e população urbana de 13.051 - com População Economicamente Ativa (PEA) de 8.899 pessoas (IBGE-Censo 2010).

A atividade econômica do Município de Terra Boa está ligada a agropecuária, indústria e serviços. Recentemente as indústrias vêm desempenhando papel relevante para o município, na arrecadação de impostos, geração de emprego e renda (PREFEITURA DE TERRA BOA, 2013).

O processo industrial de Terra Boa, ao longo do tempo vem se apresentando economicamente, como por exemplo, para o aproveitamento da matéria-prima da mandioca, o município foi beneficiado com a instalação de farinheiras e fecularia, como também recebeu indústrias de calçados, confecções, estofados e móveis, e mais recentemente o abatedouro de aves local que passou para a direção do abatefouro da Frango Canção com sede em Maringá.

Esse conjunto industrial está sendo capaz de geração de emprego e renda e tornando o município cada vez mais urbanizado e com reflexos no aumento da população, melhorias em vários setores e a promoção do desenvolvimento econômico, social e cultural o que por sua vez converte-se em atrativo para o fortalecimento do setor industrial como é tratado processo de industrialização defendido por (CORRÊA, 1994, p. 64-66).

Segundo Beneton e Bovo (2011) a política municipal de incentivo a indústria foi o caminho encontrado para que o município pudesse voltar a sentir e experimentar avanços, os quais tinham como objetivo melhorar a condição de vida da população local tendo como ferramenta o desenvolvimento industrial e a consequente modernização do município de Terra Boa para torná-lo como dos mais expressivos da região.

Beneton e Bovo (2011) quando retratam sobre a industrialização nos lembra das pequenas cidades, assim como o próprio campo, se transformam em locais de implantação de indústrias. A presença industrial nestas áreas está relacionada a presença de matéria-prima associada a demais condições que a viabilizam. Por outro lado, existem as indústrias que

possuem outras motivações e explicações, como infraestrutura e meios de escoamento da produção, por exemplo.

Tal processo é justificado, segundo Corrêa (1994), pela descentralização das indústrias dos grandes centros para cidades menores próximas dos pólos regionais para os investimentos industriais, pois estas dispõem de mão-de-obra de especializada e não especializada como menor custo que viabiliza a produção e as novas dinâmicas socioespaciais a serem implantadas na localidade. Porém, entendemos que as agroindústrias, nem sempre resultam de descentralização pelas próprias características da região que tem o protagonismo das cooperativas para essa atividade, devido o domínio delas na produção agropecuária.

Esse tipo de industrialização, em algumas situações, oferece vantagens como a descentralização da produção de matéria-prima, aproximando as agroindústrias do local da produção da matéria-prima, como por exemplo, cidades com abatedouros de aves, destilaria de álcool e açúcar, indústrias de óleo (soja, milho, girassol) e indústria de maracujá que podem ampliar as oportunidades diretos de emprego da indústria e do meio rural, além da diminuição das migrações beneficiando dos municípios (TESTA *et. al.*, 1996).

Através dos dados a respeito dos estabelecimentos industriais, produtos fabricados e tipo de comercialização é possível verificarmos a expressividade dos segmentos industriais na cidade, dentre eles: o moveleiro, produção de embalagens, produção de embalagens plásticas, vestuário, alimentos, entre outros que visa o atendimento ao mercado consumidor regional, nacional e internacional (Tabela 48).

Ao tratarmos da diversificação da produção industrial, a concentração no segmento de vestuário, da mandioca e embalagens na cidade de Terra Boa se especializou na confecção de roupas muito influenciado pela cidade de Cianorte em que a disponibilidade de matéria-prima e mão-de-obra privilegiam a formação de fatores para atração de investimentos da indústria, caso da Dudalina que gera cerca de 660 empregos.

As industriais estão distribuídas nos segmentos de: embalagens plásticas, confecções, etiquetas, laticínios, calçados e móveis são os ramos que dão sustentação ao setor industrial local com os padrões de comercialização e a quantidade de empregos gerados.

Tabela 48: Terra Boa. Estabelecimentos industriais, produtos, tipo de comercialização e quadro de funcionários, 2014

ESTABELECEMENTOS	PRODUTO	IMP.	EXP.	FUNC.
Amafil Indústria e Comércio de Alimentos Ltda.	Farinha, fécula e polvilho de mandioca.	Sim	Sim	53
Camisaria Brasileira Ltda. ME	Camisas social masculina	Não	Não	69
Cathan Plast Ind. e Com. de Plásticos Ltda. ME	Embalagens plásticas em geral	Não	Não	50
Center Plástico Ltda. ME	Sacolas plásticas, Sacos de lixo	Não	Não	9
Dudalina S/A	Camisas, Calças	Não	Sim	660
E K J Indústria e Comércio de Móveis Ltda.	Sofás, Móveis para cozinha	Não	Não	35
ETIK MAR Indústria e Comércio de Etiquetas	Metais confecção, Fivelas, Botões, Rebites	Não	Não	194
Family S Confeccões Ltda.	Camisas	Não	Não	65
Favan Confeccões Ltda.	Moda feminina	Não	Não	16
Jalluma Ind. e Com. de Confeccões Ltda. ME	Camisa masculina e feminina	Não	Não	23
LRM Alves & Cia Ltda. – ME	Embalagens plásticas	Não	Não	5
Laticínio Simionato Ltda. ME	Leite, Queijo, Iogurte	Não	Não	40
Laurymara Confeccões Ltda. – ME	Jeans em Geral	Não	Não	30
Lavagnoli & Lavagnoli Cia Ltda.	Madeira serrada	Não	Não	9
Ledara Ind. e Com. de Confeccões Ltda.	Jeans masculino e juvenil	Não	Não	100
Loopferfios Confeccões Ltda.	Confeccões jeans em geral	Não	Não	82
Loureiro, Fronchetti & Cia Ltda. ME	Camisaria	Não	Não	71
M. Rafael e Cia Ltda.	Pães, Doces, Tortas	Não	Não	20
Morezzi Confeccões Ltda.	Confeccões	Não	Não	43
P T L Nabhan – Confeccões	Confeccões em geral	Não	Não	250
Pele Azul Indústria e Comércio de Confeccões.	Blusas, Calças, Jeans	Não	Não	90
Pontual Indústria e Comércio de Metais Ltda. ME	Botões, Fivelas	Não	Não	50
Produmac Produtos Alimentícios Maria Clara	Salgadinhos, Biscoitos	Não	Não	54
Terraplastic Indústria e Comércio de Embalagens	Embalagens em geral	Não	Não	15
Uratani Higaki & Cia Ltda.	Cozinhas, Estofados	Não	Não	40
V.D. Mari & Cia Ltda.	Calçados, Botinas, Sandálias	Não	Não	23
Victor Guilherme Uchikawa ME	Confeccões em Geral	Não	Não	36
Zeimar Indústria e Comércio de Plástico Ltda.	Embalagens plásticas	Não	Não	19
Total de funcionários	-	-	-	2.151

Fonte: Federação das Indústrias do Paraná – Cadastro Industrial do Paraná

Os dados levantados durante a pesquisa nos remetem a concluir que o segmento de confecções é a maior representatividade industrial de Terra Boa, fato constatado pelo número de indústrias desse segmento e a geração de empregos. A implantação de novas indústrias visando atender a demanda de embalagens plásticas no município.

Os estabelecimentos industriais do segmento de confecções representam 50% e os segmentos de embalagens 17,86% da totalidade das indústrias. As indústrias que fornecem acessórios para a produção de vestuário são representadas por três indústrias ou 10,71% dos estabelecimentos da indústria local. Beneton e Bovo (2011) descrevem que 92% das indústrias de confecções dependem de outras indústrias processadoras de fibras, que se encontram instaladas em outras regiões do país. (Tabela 48).

As empresas industriais de Terra Boa representam, em grande parte, o poder econômico e social do município, cujos resultados alcançados contribuem de forma direta para o desenvolvimento local através dos instrumentos de políticas públicas utilizadas na

promoção de algumas desonerações fiscais, concessões de subsídios, adequação de infraestrutura e logística espacial.

Entre as empresas industriais de maior expressão na cidade de Terra Boa estão a Dudalina, PTL Nabhan, ETIK MAR Indústria e Comércio de Etiquetas, Ledara Indústria e Comércio de Confeções e Looperfios Confeções, juntas respondem por 59,76% dos empregos industriais no município (Tabela 48).

A empresa Amafil Indústria e Comércio de Alimentos fabricante de derivados da mandioca e a Dudalina atuam no comércio internacional. As exportações ficaram entre US\$ 1 a US\$ 10 milhões em 2013. O município de Terra Boa ficou ausente das exportações em 2014, assim como não consta registros de importações nos anos 2013-2014.

Quando analisamos as dinâmicas socioespaciais do município de Terra Boa, observamos a existência das cooperativas de produção: Cocamar Agroindustrial Cooperativa Maringá e C. Vale Agroindustrial Cooperativa com sede em outras cidades, que respondem pelo recebimento da produção agrícola e têm denotado influência na economia local.

A indústria desempenha um papel fundamental no desenvolvimento socioeconômico de Terra Boa quer na oferta de empregos e massa salarial, quer na arrecadação de impostos; municipal, estadual e federal (Figura 50).

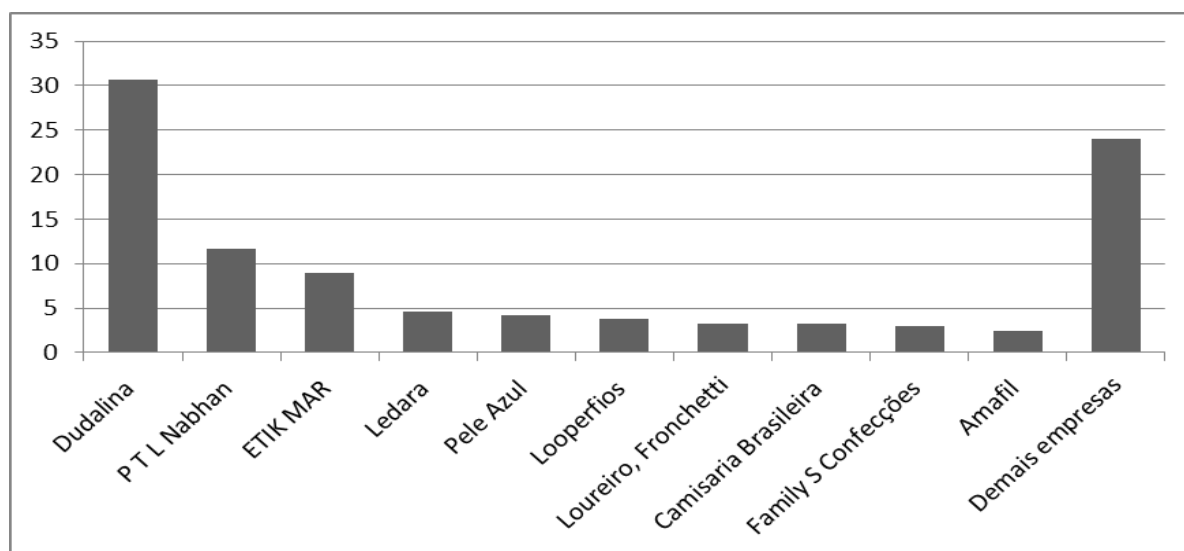


Figura 50: Terra Boa. Participação no emprego dos principais estabelecimentos industriais (percentual), 2014

Fonte: Federação das Indústrias do Paraná – Cadastro Industrial do Paraná

A localização tem influência direta na capacidade competitiva da empresa, cada cidade utiliza de estratégias para instalação de parques industriais que tenham infraestrutura para recebimento e escoamento da produção. Woiler & Mathias (1996) veem que as dificuldades

locacionais para as organizações devem ser revisadas e alteradas, pois ao longo do tempo podem ocorrer mudanças de projetos e aí a necessidade de expandir suas plantas.

A atividade de confecções está presente no município de Terra Boa com liderança econômica, financeira e de emprego e nesse sentido fica clara a enorme participação do segmento na geração de emprego, além da contribuição para o desenvolvimento local.

O número de empregados da indústria de transformação de Terra Boa no ano de 2014, de acordo com Fiep (2014) está em sua maioria concentrado no segmento de confecções como resposta aos 50% dos estabelecimentos desse segmento em relação à totalidade dos estabelecimentos do setor industrial local.

Os estabelecimentos industriais do segmento de embalagens plásticas se encontram mais concentrados em uma área do território da cidade, enquanto que para os segmentos de confecções o nível de concentração espacial é menor que o das embalagens plásticas, os demais segmentos se localizam em áreas mais dispersas.

A Dudalina com 30,68% empregos, a PTL Nabhan empregou 11,62% e a ETIK MAR com 9,02% de participação no emprego na indústria de Terra Boa se constituíram nas três principais empresas do município (FIEP, 2014).

A diferença relativa entre a Dudalina com demais empresas é expressiva, isso é representado pelos valores absolutos, ou seja, dos 2.151 empregos industriais do município, a Dudalina mantém 660 ou 30,68% de participação de empregos no cenário industrial local. Em relação ao total de empregados da indústria de transformação, as empresas que possuem de 5 a 104 funcionários representam 40,68% das indústrias e entre 194 e 250 funcionários somam 20,64%. Esses dados mostram a expressiva participação da Dudalina no mercado de trabalho da cidade (Tabela 48).

Não obstante, a cidade de Terra Boa pertencer ao grupo dos municípios mais industrializados da região e um dos que mais geram empregos e renda da Mesorregião Centro Ocidental, o comércio internacional tem baixa expressividade com as indústrias locais.

3.2.1.4.1 A dinâmica industrial de Terra Boa sob a ótica da Dudalina S/A

O texto elaborado está pautado basicamente nas informações coletadas durante a entrevista realizada e com alguns subsídios extraídos da página eletrônica da empresa. Ressaltamos que a entrevista é uma das fontes para se alcançar os resultados. Após a coleta das informações, selecionamos os dados e desenvolvemos a redação respeitando a base

fornecida pelo entrevistado em relação aos questionamentos transcritos no roteiro da entrevista.

A Dudalina⁷¹ S/A filial de Terra Boa, localizada na Rodovia BR 082, S/N, Lote 25B, na cidade de Araruna, Estado do Paraná. A ideologia da empresa é de criar produtos que encantem, envolvendo as pessoas na magia do Universo da Dudalina, para ser a empresa brasileira de moda mais admirada.

O início das atividades da Dudalina S/A na cidade de Terra Boa ocorreu em setembro de 1994 atividades no município em setembro de 1994. A Composição do capital é de Sociedade Anônima e a matriz está localizada em Blumenau (SC), atua no ramo de vestuário, com a produção de camisas, calças e malhas.



Figura 51: Terra Boa. Instalações da Dudalina na cidade de Terra Boa

Fonte: Dudalina S/A, Unidade de Terra Boa, 2015.

De acordo com o entrevistado, o surgimento da empresa, ocorreu por meio de um casal (Duda e Adelina) no interior de Santa Catarina. Ela inicia sua história na cidade de Luís Alves em 1953, quando Dona Adelina decidiu transformar tecidos comprados de forma exagerada, em camisas. Assim, em 1957 é fundada a empresa. Na década de 1960, o casal adquire duas lojas em Balneário Camboriú - SC e muda-se para Blumenau - SC, onde a nova sede da empresa é inaugurada.

Além da sua matriz em Blumenau – SC, a Dudalina conta com seis unidades fabris nas cidades de Blumenau – SC (duas unidades), Luís Alves – SC, Benedito Novo – SC, Presidente Getúlio – SC, Blumenau – SC e Terra Boa – PR e um escritório comercial em São Paulo com faturamento de mais de R\$ 500 milhões.

⁷¹ Cícero Ricardo Mendes, Gerente da Dudalina na Unidade de Terra Boa, responsável pelos dados industriais foi designado a participar da entrevista realizada em 01 de outubro de 2014.

Em relação à área geográfica, a empresa é uma das principais exportadoras de camisas masculinas de tecido da América Latina, produz mais de 2,6 milhões de peças de roupas por ano e está presente em 1.800 pontos-de-venda do Brasil com suas quatro marcas (Dudalina Masculina, Dudalina Feminina Base e Individual). Seus produtos chegam 55 países, especialmente o Paraguai, a Venezuela e a Argentina seus principais clientes, que leva a Dudalina a responsável por 70% das exportações de camisas do Brasil.

O entrevistado relata que a relação da empresa com o município de Terra Boa e região e o poder público é da mais harmoniosa possível, com participação expressiva no capital social, como por exemplo, ajuda à comunidade e Instituições como Apae, entre outros tem feito a diferença da Dudalina na cidade. Outras ações sociais também têm como objetivo a geração de renda, através da doação de matéria-prima e capacitação na técnica patchwork.

A escolha do município para instalação da empresa foi pela mão-de-obra disponível e a situação geográfica do município, devido às distâncias para grandes cidades, como Maringá, Londrina e os municípios de Campo Mourão e Cianorte são municípios polos da região com destaques econômicos no Estado do Paraná. A fábrica possui 1.194 m² de área construída na cidade de Terra Boa.

Nas questões sobre a produção e circulação de mercadorias, 65% da produção é destinada a fabricação de calça, tricô, malha e outros produtos, enquanto que a produção de camisaria que é o principal produto responde por 35% da produção. A filial de Terra Boa tem a responsabilidade de criar células de trabalho especializadas e qualificadas para a produção da marca individual e exportação.

Continuando a entrevista e com auxílio de Goulart (2014), tratamos agora dos negócios internacionais da empresa, após mais de cinco décadas de atuação no mercado brasileiro, a Dudalina iniciou seu processo de internacionalização comercial como forma de expandir a marca e atingir novos mercados.

Em 2012 abriu sua primeira loja em Milão. No final do ano de 2013 a empresa inaugurou mais um ponto de venda internacional na forma de franquia no Panamá e nesse mesmo período foi anunciado à venda de 72,2% do capital da Dudalina para fundos de investimentos americanos, para expansão da marca e aumentar o volume de vendas total. As exportações da marca representam 5% do faturamento total da Dudalina. A empresa, também, exporta seus produtos para Paraguai, Uruguai, Bolívia, Chile, Colômbia, El Salvador, Nicarágua, Suíça, Angola, Zimbábue e Tunísia.

A empresa possui como parte de seu quadro funcional: contratados, menores aprendizes além de estagiários. A maior concentração de funcionários ocorre na produção

(Costura MOD) com 238 trabalhadores do total de 600 na área de produção (outras atividades de suporte), sendo que 73% dos funcionários da empresa são do sexo feminino. Para os funcionários existe a disponibilidade de treinamento e qualificação profissional nas áreas lideranças e incentivo a formação. Os trabalhadores residem na sua maioria na cidade de Terra Boa. Os funcionários da linha de produção trabalham em três turnos.

A Dudalina exerce grande participação para a economia da cidade de Terra Boa, sendo a maior empregadora local e formação constante de mão-de-obra qualificada para a fabricação de vestuário. A comercialização de seus produtos abrange os mercados: interno e externo.

3.2.1.5 Indústrias e emprego nos municípios de Goioerê e Moreira Sales

Para análise conjunta dos municípios de Goioerê e Moreira Sales com destaque para o setor industrial da microrregião de Goioerê, levamos em consideração a proximidade física e logística entre as duas cidades e a relevância da Usina Santa Terezinha antiga Usina de Álcool Goioerê localizada na cidade de Moreira Sales que promove o maior volume de empregos da microrregião.

Na condição de segundo município de maior relevância política e administrativa da Mesorregião Centro Ocidental, Goioerê tem como principal atividade econômica a agricultura, sobretudo o plantio da soja, e também tem destaque na economia municipal o setor comercial, mas com baixa intensidade industrial.

As transformações ocorridas no município de Goioerê, tais como o esvaziamento populacional, complementando com a venda da Cooperativa Agropecuária de Goioerê (Coagel) para a cooperativa Coamo de Campo Mourão. Os problemas políticos das últimas décadas e processo industrial muito tímido fez a cidade passar por períodos difíceis e aí sacrificando o crescimento e desenvolvimento local.

O município de Goioerê com 75 km de distância de Campo Mourão, com população total de 29.018 habitantes e população urbana de 25.242, com População Economicamente Ativa (PEA) de 14.744 pessoas; enquanto que o município de Moreira Sales com 74,9 km de distância de Campo Mourão, com população total de 12.606 habitantes e população urbana de 9.933, com População Economicamente Ativa (PEA) de 6.094 pessoas (IBGE-Censo 2010).

Na microrregião de Goioerê estão inseridos diferentes tipos de indústrias, no entanto, as atividades que mais predominam é a produção têxtil e de vestuário; álcool e açúcar e alimentícia, com utilização de matéria-prima da produção agropecuária cultivada,

principalmente, no entorno das cidades de Goioerê e Moreira Sales; essa combinação entre a produção agropecuária e industrial denominada de agroindústria.

O município de Moreira Sales vem diminuindo o número de PEA (Pessoas Economicamente Ativas), entre 2000 e 2010 caiu de 6.335 para 6.094 pessoas (IPARDES, 2013).

Moreira Sales conta com 24 indústrias⁷² de pequeno e médio porte, predominantes na área de produção alimentar, metalurgia, extração de minerais e madeira. A Usacucar é a maior indústria no município e tem a melhor participação no valor adicionado fiscal do município e está entre as maiores indústrias da região.

A empresa Coamo Agroindustrial Cooperativa é a única cooperativa instalada em Moreira Sales, sua linha de produção está centrada em produtos defensivos para agricultura, implementos agrícolas, farmácia veterinária, loja de peças e demais equipamentos (PREFEITURA, MUNICIPAL DE MOREIRA SALES, 2013).

Outros tipos de indústrias se fazem presentes nos municípios de Goioerê e Moreira Sales, gerando emprego e renda, como: indústria da facção têxtil, alimentos, usina de álcool, beneficiamento de arroz e etc., que debateremos a seguir no setor industrial que trata dos estabelecimentos industriais com os padrões de comercialização e a quantidade de empregos gerados como relevantes indicadores para caracterização da economia local (Tabela 49).

Tabela 49: Goioerê e Moreira Sales. Estabelecimentos industriais, produtos, tipo de comercialização e quadro de funcionários, 2014

ESTABELECEMENTOS	PRODUTO	IMP.	EXP.	FUNC.
Amitec Indústria e Comércio de Amidos Ltda.	Fécula de mandioca	Não	Não	45
Construtora Beleski Ltda.	Construção Civil e Construção Industrial	Não	Não	28
Goio Arroz Comércio e Beneficiamento Ltda.	Arroz	Não	Não	22
L R Costa – Confecções EPP	Uniformes escolares, Moda feminina	Não	Não	26
MJ Construções Civas Ltda.	Construção Civil em Geral	Não	Não	20
Panificadora Marangoni Ltda.	Pães, Doces e Salgados	Não	Não	12
Realme Ind.e Comércio de Móveis Ltda.	Móveis para escritório, balcão, banquetas	Não	Não	49
Zadimel Indústria e Comércio de Alimentos	Biscoito, Macarrão e Sucos	Não	Não	36
Boreal Água Mineral Ltda.	Galões de Água	Não	Sim	11
Bravo & Oliveira Ltda.	Lingerie	Não	Não	20
Selma de Brito Prado Alimentos EPP	Café, Feijão	Não	Não	6
Usina Santa Terezinha Ltda. - Usacucar	Álcool e açúcar	Não	Não	309
Total de funcionários	-	-	-	584

Fonte: Federação das Indústrias do Paraná – Cadastro Industrial do Paraná

⁷² Das 24 indústrias informadas pela Prefeitura Municipal de Moreira Sales, somente quatro delas estão cadastradas na Federação das Indústrias do Paraná. Esses dados diferem das informações do IparDES.

As empresas industriais dos municípios de Goioerê e Moreira Sales registradas na FIEP são relevantes para o desenvolvimento local. Algumas das empresas que compõem o conjunto das maiores empresas geradoras de emprego e renda, como a Usina de Açúcar e Álcool (Tabela 49).

A distribuição espacial dos estabelecimentos da indústria de transformação dos municípios de Goioerê e Moreira Sales está nos segmentos sucroalcooleiros, têxtil e vestuário, móveis, produtos alimentícios, beneficiamento de arroz e construção civil.

Entre as empresas industriais de maior expressão no cenário local estão a Usina Santa Terezinha, Amitec, Realme e Zadimel - juntas são responsáveis por 75,17% dos empregos industriais no município de Goioerê e Moreira Sales (Figura 52).

Os empregos alocados na empresa Usina de Açúcar e Álcool correspondem a 52,91% dos empregos industriais, concentrando assim o maior número de empregos da indústria de transformação desses municípios (FIEP, 2014).

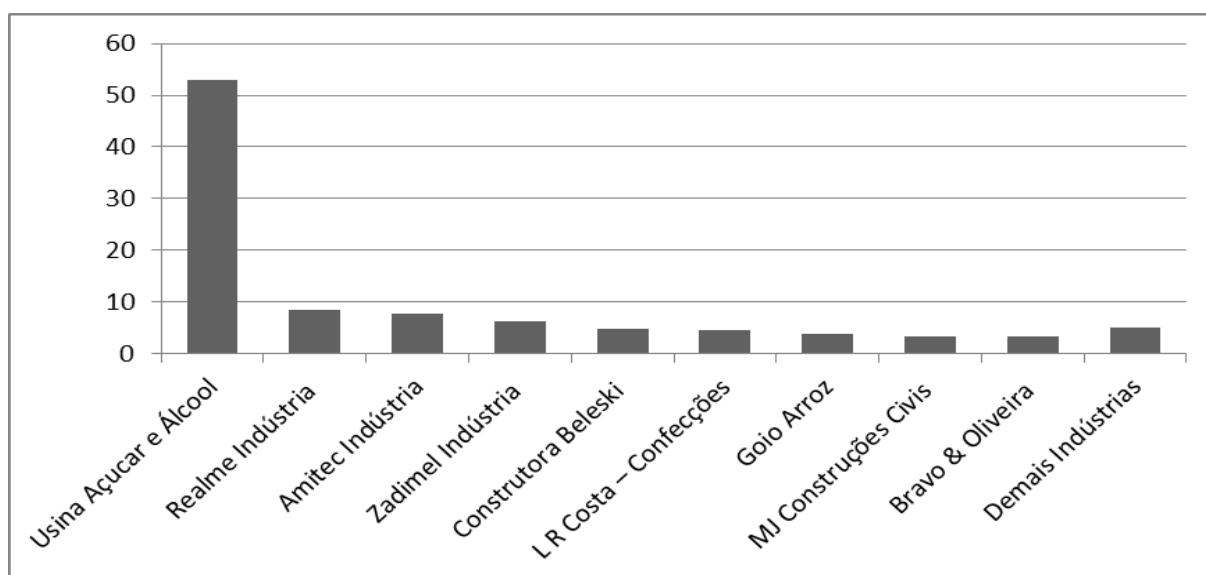


Figura 52: Goioerê e Moreira Sales. Participação percentual no emprego dos principais estabelecimentos industriais, 2014

Fonte: Federação das Indústrias do Paraná – Cadastro Industrial do Paraná

A atividade canavieira está presente no município de Moreira Sales com liderança econômica, financeira e de emprego devido à especialização na produção de cana-de-açúcar e seus derivados que faz com que a Usina de Açúcar e Álcool com 309 empregos seja a maior empregadora no setor industrial dos dois municípios em análise. A Realme Indústria e Comércio de móveis para escritório com 49 empregos e segunda empresa que mais emprega e tem 8,39% de participação na totalidade de empregos dos municípios de Goioerê e Moreira Sales (FIEP, 2014).

Ao considerarmos somente os empregos de Moreira Sales, a Usina Santa Terezinha participa com 92,24% do emprego local e nesse sentido comprova a relevante participação desse segmento na geração de emprego e na contribuição de desenvolvimento local de pequenos municípios. No município de Goioerê a Realme com 49 empregos a maior empregadora nesse município é responsável por 19,68%.

A diferença relativa entre Usina de Álcool com demais empresas é muito expressiva, representado pelos valores absolutos, ou seja, dos 584 empregos nos dois municípios 309 deles estão na Usina. Em relação ao total de empregos da indústria de transformação, as empresas que possuem de seis a 49 funcionários representam 91,64% das indústrias.

Em relação ao mercado internacional constatamos a não incidência das empresas industriais cadastradas na Fiep em termos de participação no processo de exportação e importação de produtos, porém no contexto geral os registros do MDIC mostram operações com o comércio internacional dos municípios de Goioerê e Moreira Sales (Figura 53).

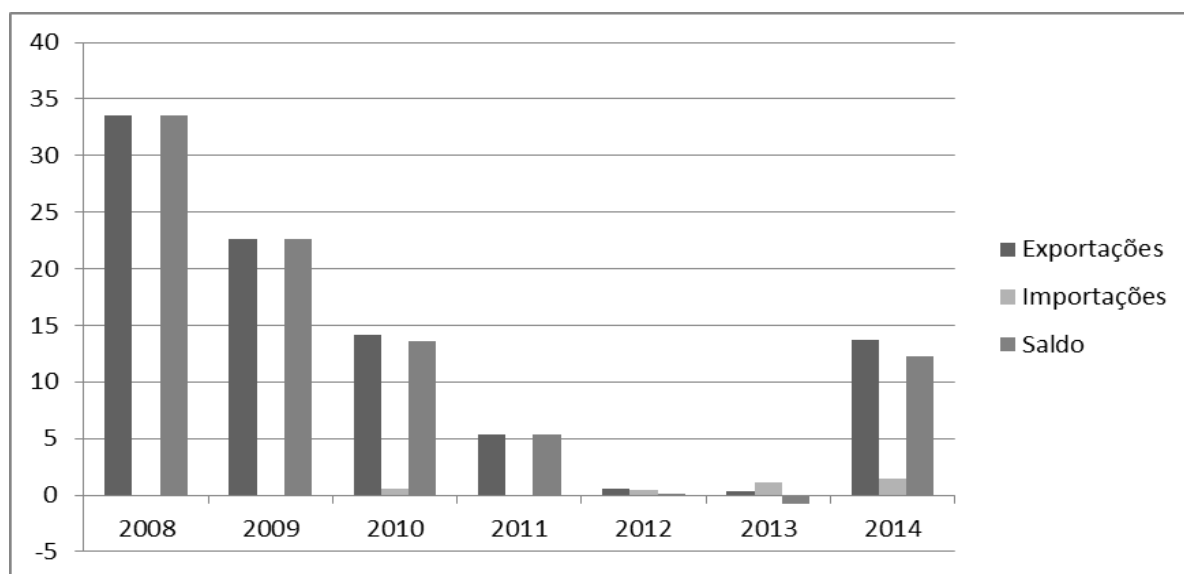


Figura 53: Goioerê e Moreira Sales. Balança Comercial, 2008-2014 (milhões de US\$, FOB)

Fonte: Ministério do Desenvolvimento Indústria e Comércio Exterior (MDIC/SECEX).

As transações comerciais com o mercado externo que envolveu os municípios de Goioerê e Moreira Sales no período 2008-2014 mostraram somente exportações nos anos de 2008, 2009 e 2011 com maior concentração nos derivados da cana-de-açúcar que proporcionou volume financeiro bem superior às vendas de produtos primários.

As exportações realizadas nos anos 2010, 2012 e 2013 foram superiores às importações, porém com redução radical em seus valores monetários. A recuperação ocorreu em 2014, cujo desempenho fora idêntico ao melhor desempenho do período que ocorreu de

2010, considerado o melhor. A balança comercial, exceto no ano de 2013, apresentou com saldo positivo com mais entradas de divisas para a economia local, que foi fortalecida pelas indústrias exportadoras de derivados da cana-de-açúcar robusteceram a marca do município de Moreira Sales no mercado internacional.

As importações aumentaram em volume financeiro em 2014 em relação aos anos de 2010, 2012 e 2013 apesar de valores das exportações bastante superiores ao das importações, exceto no ano de 2013 em que o saldo da balança comercial foi negativo. Considerando o ano imediatamente anterior, em 2014 o aumento de 74,73% no valor das exportações, com uma variação monetária de US\$ 366 mil, refletindo no superávit de US\$ 12,24 milhões. Durante o período de 2010 a 2013 as importações aumentaram 164,15% que representa uma elevação de US\$ 534,5 mil. As exportações referentes a 2008 atingiram o melhor desempenho com US\$ 33,52 milhões e a de 2014 no valor de US\$ 13,7 bilhões significando uma redução de US\$ 19,82 milhões. Assim como em toda a série em análise, as exportações totais de 2014 atingiram US\$ 13,7 milhões com produtos de origem semimanufaturados.

A Usina de Açúcar e Alcool de Moreira Sales no ano de 2014 exportou entre US\$10milhão e US\$50 milhões. Nas importações a C. Vale Cooperativa Agroindustrial (Unidade de Goioerê) desembolsou entre US\$1milhão e US\$3 milhões (MDIC. 2015).

Os dados seguintes mostram os países de destino das exportações e a origem das importações com os respectivos países. Considerando a indústria de transformação as exportações foram superiores as importações com exceção das transações realizadas no período 2012-2013. Dentro dessa realidade os derivados da cana-de-açúcar são responsáveis pelo maior volume financeiros entre os produtos exportados (Tabela 50).

Enquanto as exportações praticamente revelaram toda a movimentação do comércio exterior do município de Moreira Sales. As importações foram superiores as exportações nos anos 2012 e 2013, com esse desempenho o grau de dependência das indústrias dos municípios de Goioerê e Moreira Sales em relação a bens importados não compromete no todo o saldo da balança comercial.

Tabela 50: Goioerê e Moreira Sales. Exportações e importações, principais países de destino e origem comercial – US\$, FOB - 2008 a 2012

Países de Destino	2008		2009		2010		2011		2012		2013		2014	
	EXP.	IMP.	EXP.	IMP.	EXP.	IMP.	EXP.	IMP.	EXP.	IMP.	EXP.	IMP.	EXP.	IMP.
Paraguai	-	164.890	-	139.973	-	131.040	-	21.840	-	-	-	-	-	-
Canadá	-	-	656.998	-	952.731	-	-	-	-	-	-	-	-	-
E.U.A.	75.440	-	801.812	-	-	-	-	-	-	-	6.590	-	-	-
Geórgia	-	801.812	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
El Salvador	1.272.982	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Jamaica	895.846	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Trind. Tobago	515.107	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Bangladesh	-	-	1.393.804	-	2.290.285	-	-	-	511.366	-	-	-	-	-
China	1.561.373	77.208	632.018	201.200	766.795	1.200.222	430.308	-	-	3.711.922	36.362	2.780.707	14.737.113	1.296.185
Cingapura	-	-	-	-	-	25.729	-	-	-	-	-	-	-	-
Coréia do Sul	-	-	-	-	-	-	-	70.070	-	48.235	280.065	49.500	21.722	-
Hong Kong	-	-	-	-	-	76.957	-	-	-	-	-	-	-	38.266
Índia	-	2.725	12.278.074	2.968	1.218.504	-	848.390	-	-	-	-	-	-	-
Japão	375.650	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Malásia	-	-	-	-	1.910.376	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Taiwan	-	-	-	145.095	-	1.047.273	-	519.567	-	486.775	-	322.966	-	73.112
Alemanha	69.437	-	-	-	-	-	-	4.748	-	-	-	11.505	-	-
Eslovênia	-	-	-	84.124	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Espanha	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	355.197	-	389.792	-
França	-	-	-	-	-	-	-	291.720	-	-	-	-	-	-
Holanda	120.950	-	-	-	-	-	-	78.313	-	-	691.656	-	-	-
Itália	-	-	-	185	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Reino Unido	3.986.584	-	-	-	-	-	3.407.518	-	-	-	-	-	-	-
Romênia	1.093.788	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Rússia	21.053.903	-	4.158.410	-	4.285.442	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Suíça	-	-	-	-	-	-	-	68.334	-	-	-	-	-	-
Arábia Saudita	-	-	-	-	370.333	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Síria	810.309	-	1.801.002	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Egito	891.307	-	573.583	-	-	-	-	-	578.616	-	-	-	-	-
Argélia	-	-	1.126.234	-	2.358.656	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Marrocos	-	-	-	-	-	-	282.738	-	-	-	-	-	-	-
Total da Área	32.722.676	1.046.635	23.421.935	573.545	14.153.122	2.481.221	4.968.954	1.054.592	1.089.982	4.246.932	1.363.280	3.171.268	15.148.627	1.407.563

Fonte: Ministério do Desenvolvimento Indústria e Comércio Exterior (MDIC/SECEX).

A diversificação de mercados de exportação é relativamente ampla quando consideramos um município pequeno, pois durante o período 2008-2014 as vendas para o mercado externo chegaram a dezenove países de diversos continentes. As exportações estão mais concentradas nos países da Europa e Ásia que respondem por 85,83% da totalidade. Os acordos preferenciais com os países Rússia, China e Índia significaram os grandes volumes financeiros. As importações com os países da China e do Taiwan foram às principais transações de compras no comércio externo realizadas pelos municípios de Goioerê e Moreira Sales.

Considerando os resultados das exportações e importações, o município de Moreira Sales em relação ao mercado internacional vem se consolidando com o aumento das vendas dos produtos derivados da cana-de-açúcar, digamos que supera em muito o município de Goioerê nas transações externas.

Abordaremos análise sobre as relações comerciais internacionais por regiões geográficas dos continentes: Europa, Ásia, África, Oriente Médio e as Américas em relação às exportações, importações e saldos com superávit e déficit na balança comercial (Figura 54).

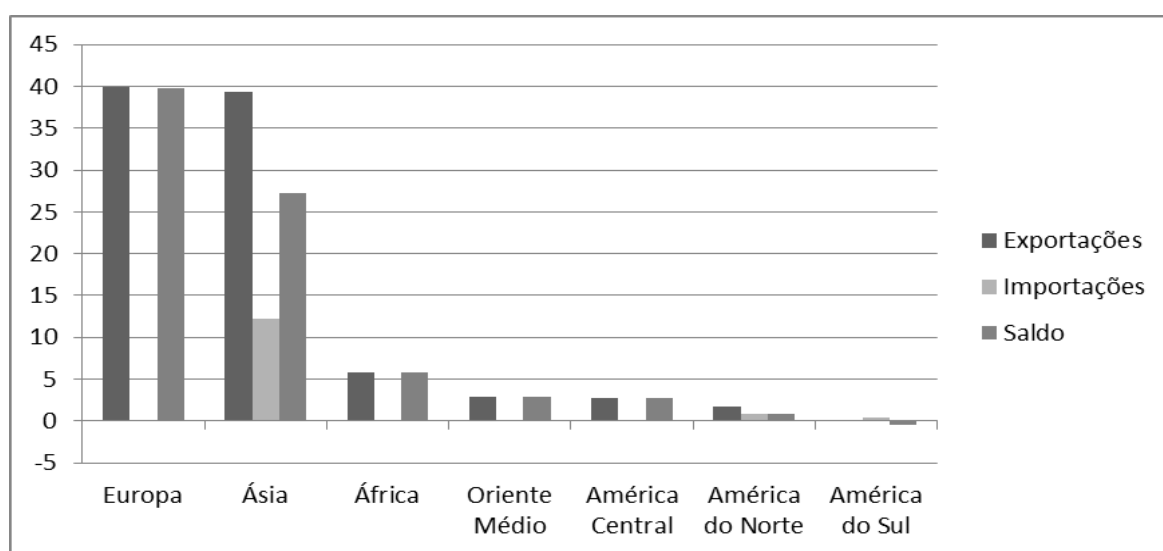


Figura 54: Goioerê e Moreira Sales. Balança Comercial por regiões geográficas, 2008 a 2014 (milhões de US\$, FOB)

Fonte: Ministério do Desenvolvimento Indústria e Comércio Exterior (MDIC/SECEX).

Neste caso também há predomínio da Europa nas importações e exportações no período 2008-2014 foram mais expressivos em relação aos demais continentes equivalente a 50,51% da totalidade de transações financeiras dos municípios Goioerê e Moreira Sales que atingiu a quantia de US\$ 39,81 milhões. Em seguida a Ásia com 34,48% de participação

enquanto que a América do Sul com saldo na balança comercial de US\$ 457,43 milhões, que corresponde a 0,58% de participação.

Entretanto, os dados indicam que o saldo das relações comerciais é superavitário somando o valor de US\$ 78,22 milhões durante o período 2008-2014 tornando relevante a efetividade das exportações realizadas pelas indústrias de Moreira Sales, ao passo que as indústrias de Goioerê se apresentam tímidas quando se trata de industrialização, mesmo sendo o principal município da microrregião.

A análise das exportações foi feita tomando por base os principais produtos comercializados, sendo em grande parte elas estão basicamente condicionadas aos produtos do segmento sucroalcooleiro e agronegócio. Os valores destes produtos correspondem a maior fatia das exportações pelo município de Moreira Sales que são de extrema relevância para a economia local dada a base significativa na formação do valor adicionado.

3.2.1.5.1 A dinâmica industrial de Goioerê sob a ótica da Sintex – Tinturaria Industrial⁷³

O texto elaborado está pautado basicamente nas informações coletadas durante a entrevista realizada e com alguns subsídios extraídos da página eletrônica da empresa. Ressaltamos que a entrevista é uma das fontes para se alcançar os resultados. Após a coleta das informações, selecionamos os dados e desenvolvemos a redação respeitando a base fornecida pelo entrevistado em relação aos questionamentos transcritos no roteiro da entrevista.

Sintex – Tinturaria Industrial, localizada na Rodovia PR 180, S/N, Km 1, na cidade de Goioerê, Estado do Paraná. A missão da empresa é desenvolver e tingir roupas com qualidade.

O início das atividades da Sintex – Tinturaria Ltda., surgiu em 01 de novembro de 1997 - no ramo têxtil. A empresa presta serviços de tingimento como terceiro aos clientes. A natureza do capital de sócios na classificação como sociedade empresarial limitada, com sede na cidade de Goioerê.

As matérias-primas utilizadas são: tecidos em meia malha 100% algodão e tecidos em meia malha sintético. Essa matéria-prima é fabricada, assim como a área geográfica de atuação estão nos estados do Paraná, Mato Grosso, Mato Grosso do Sul e São Paulo.

⁷³ Ivonir Amâncio de Souza, sócio proprietário da Sintex, responsável pelos dados industriais foi designado a participar da entrevista realizada em 03 de outubro de 2014.

A história da empresa começa com o nome de Indústria Têxtil de Monte Catini, a tinturaria Sintex foi fundada em 1989, permanecendo até 1997 quando devido a um processo de reestruturação, passou a ser chamada de Tinturaria Sintex. A reestruturação ocorreu depois de uma série de problemas econômicos e financeiros enfrentados pela Indústria Têxtil de Monte Catini. Ela foi formada por grupo de ex-funcionários de uma empresa que operava no local no mesmo ramo que era interessado no processo de reestruturação. Inicialmente foram 27 sócios proprietários se resumindo em 10 a partir do ano de 2005.

Sobre a administração da empresa, o entrevistado disse que a gestão é de responsabilidade dos sócios proprietários com a devida distribuição de funções. A empresa não possui filial e não está ligada a uma rede.

Geograficamente a Sintex atua nos estados do Paraná, Mato Grosso do Sul, Mato Grosso e São Paulo. Os principais clientes da empresa estão localizados no Estado do Paraná e são eles: Paraiso/Celma (Terra Roxa), Dimatex (Paiçandu), Sonhart (Londrina), Cotex (Cascavel), Cara de Criança (Londrina). O entrevistado argumentou que a maior concorrência está no mercado externo, mais precisamente as confecções de origem importada, acrescentou, ainda que a Sintex não atua no mercado internacional.

Sobre o relacionamento da empresa, o entrevistado, disse que a empresa possui uma boa relação com os clientes da região, devido a facilidade de atendimento e entrega das mercadorias com agilidade. A produção comercializada é escoada através de serviços de transporte terceirizado. O maior cliente da Sintex, localizado no município de Goioerê é a tecelagem Fama Têxtil. Segundo o entrevistado: "os clientes de tinturaria tem que ter certa estrutura em termos de tamanho da empresa, pois não se tem um cliente que produz cerca de mil, duas mil peças mês, que não tenha uma demanda de matéria-prima equivalente ao que proporcionamos para ele consumir".

A empresa não tem recebido nenhum incentivo ou vantagens locais e da região. A desvantagem da indústria está na logística, como a distância dos fornecedores de matéria-prima que aumentam os custos e atrapalham na competitividade comercial. A instalação da empresa na cidade de Goioerê foi escolhida pela qualidade da infraestrutura do município existente a época da sua criação. Não há cooperação técnica com empresas, entidades e universidades.

A utilização do sistema automatizado de fabricação para o processo produtivo se caracteriza através do beneficiamento de tecidos em meia malha. O planejamento da empresa é sempre feito com base nos dados contábeis e gerenciais, nesse sentido o entrevistado comentou que pela instabilidade do mercado as perspectivas não animadoras.

Sobre os dados da política de trabalho, a empresa possui vínculos empregatícios apenas na condição de CLT e de acordo com o entrevistado elas têm em seu quadro de funcionários 92 trabalhadores com residências fixadas em Goioerê, filiadas ao Sindicato da categoria. A maior concentração dos funcionários está na área de produção, correspondendo a 90% dos trabalhadores. A Sintex oferece políticas de treinamento em parceria com o Senai, Senac e Sebrae.

A Sintex pode, então, ser considerada como uma das maiores e mais importantes empresas do setor têxtil do município de Goioerê. Por ser uma empresa com uma considerável capacidade de produção instalada e por estar atuante no mercado há 17 anos (1997 a 2014) tempo sua participação é fundamental para o desenvolvimento, concluiu o entrevistado.

O município de Goioerê como sede de microrregião, tem na Sintex uma das principais indústrias com atuação no mercado local e regional, que dentro de suas limitações contribui de forma relevante o papel de empregadora e na arrecadação de impostos.

3.2.1.5.2 A dinâmica industrial de Moreira Sales sob a ótica da Usina Santa Terezinha (Usacucar)

O texto elaborado está pautado basicamente nas informações coletadas durante a entrevista realizada e com alguns subsídios extraídos da página eletrônica da empresa. Ressaltamos que a entrevista é uma das fontes para se alcançar os resultados. Após a coleta das informações, selecionamos os dados e desenvolvemos a redação respeitando a base fornecida pelo entrevistado em relação aos questionamentos transcritos no roteiro da entrevista.

Usina Santa Terezinha⁷⁴, localizada na Rodovia PR 180, KM 178, Zona Rural, na cidade de Moreira Sales, Estado do Paraná - com o ramo sucroenergético. A matriz da Usina está localizada na cidade de Maringá, estando ligada a uma rede comercial e industrial com a finalidade de melhorar o desempenho técnico e financeiro. A Usina tem como missão, atuar de forma segura e rentável, com produção de cana-de-açúcar, açúcar, etanol, energia elétrica e seus derivados. Atender aos mercados nacionais e internacionais, com responsabilidade

⁷⁴ Matriz na cidade de Maringá e filiais em: Iguatemi, distrito de Maringá, Paranacity, Tapejara, Ivaté, Terra Rica, São Tomé, Rondon, Cidade Gaúcha, Moreira Sales, Umuarama no Estado do Paraná e na cidade de Eldorado/MS (em construção).

socioambiental e contribuição para o desenvolvimento sustentável da companhia e da comunidade.

O Grupo Usina Santa Terezinha adquiriu a Usina de Açúcar e Álcool de Goioerê no ano de 2012, tendo sua primeira safra iniciado em maio de 2014, com a fabricação do açúcar VHP e etanol hidratado. Os fornecedores são de origem nacional e internacional com representação em território brasileiro.

A matéria-prima utilizada é cana-de-açúcar extraída da lavoura de cana que é originária das fazendas no raio de 60 km da Unidade, sendo que as áreas são disponibilizadas para cultivo através do Sistema de Parceria Agrícola.

A história da empresa teve sua fundação em outubro de 1976, no município de Moreira Sales, a Usina de Açúcar e Álcool Goioerê Ltda., que apresenta esse nome já que está localizada nas margens do rio Goioerê, era primariamente uma destilaria. Pertencia inicialmente à família Okamoto, com capital familiar. Na área agrícola, a unidade já fazia parte do grupo desde a sua aquisição, que foi realizada em maio de 2012, com investimentos em máquinas e implementos para a reforma dos canaviais onde, neste período, foram plantados 12.711 ha. Para o biênio 2014 e 2015 a previsão de plantio é de mais nove mil hectares e a primeira safra sob a gestão da Usina Santa Terezinha tem a previsão de moagem no período de maio a dezembro de 2014.

A empresa é dirigida pelo Conselho Administrativo, tendo como representantes diretos o Presidente, Superintendente e Diretores. A Direção é diretamente ligada ao comando acionário da empresa.

Geograficamente a Usacucar de Moreira Sales tem sua área atuação na região Noroeste do Estado do Paraná e no Mato Grosso do Sul e tem como clientes no segmento de açúcar a *tradings* (comercializadoras) que revendem o produto no mercado externo; Etanol: Distribuidoras de Combustíveis. Os principais clientes da Usacucar na América do Sul, América do Norte, África, Ásia e Europa para o produto açúcar e o para o etanol os clientes estão localizados no Brasil, América do Norte e Ásia.

Com relação às exportações, o açúcar é 100% destinado à exportação, que é realizada através de *tradings*. A empresa optou pela destinação de toda a produção de etanol para o mercado externo devido às vantagens econômicas existentes.

Sobre o relacionamento da empresa com o município, região e com o poder público, o entrevistado respondeu a Usina mantém relacionamento saudável com o poder público, certa de que a transparência, a ética e o profissionalismo conferem credibilidade e confiabilidade aos projetos, pautando-se pelo cumprimento das leis aplicáveis ao setor em que está inserida.

Com relação aos Municípios da área de abrangência da Unidade e à comunidade que ali reside, a Usina conduz projetos sociais que visam ao desenvolvimento destas comunidades, incentivando a educação, esporte, lazer e cultura, pois tem consciência de que exerce papel vital para o desenvolvimento e manutenção destas localidades.

Com base na entrevista, entendemos que a empresa não tem recebido nenhum incentivo ou vantagens no município e na região. A desvantagem da indústria é a expansão de plantio das culturas de soja e milho e áreas destinadas a pecuária que são caracterizadas como áreas de concorrência para o plantio da cana-de-açúcar, apesar de o segmento foi escolhido pelas oportunidades e incentivos oferecidos na época da instalação. A instalação da empresa na cidade de Moreira Sales foi escolhida pela oportunidade de negócio (crescimento por aquisição).

Quanto à cooperação técnica, a Usacucar tem acordo com o CTC – Centro de Tecnologia Canavieira, Canavialis – Melhoramento Genético de Cana-de-açúcar, Ridesa - Rede interuniversitária para desenvolvimento do setor sucroalcooleiro. As maiores dificuldades de produção é ausência de mão-de-obra em virtude da concorrência com outras empresas da região. Quanto ao mercado por se tratar de *commodities* com preços controlados pela Bolsa de Valores a empresa tem pouca flexibilidade na comercialização do produto.

A Usina passa por processo de reestruturação produtiva com a finalidade de ampliar a produção e a produtividade. Para a comercialização do açúcar o transporte é rodoviário até a cidade de Maringá e ferroviário até o Porto de Paranaguá no caso das exportações, enquanto que o etanol é somente pelo transporte rodoviário. Para a transformação de produtos primários em produtos industrializados, os bens de produção como máquinas e equipamentos são adquiridos de fornecedores com origem nacional e internacional com representação no Brasil.

O entrevistado disse que a empresa enquadra-se no denominado sistema fordista e que esse processo produtivo se caracteriza como um fluxo contínuo de produção, porém depende de fatores independentes para sua manutenção, como as condições climáticas, por exemplo. A produção da Unidade depende da qualidade da matéria-prima (cana-de-açúcar). A produção é de, em média, 7.500 toneladas de cana processada a cada 24 horas. A produção diária gira na média de 120.000 litros de Etanol Hidratado e 16.500 sacas de açúcar.

O planejamento e gestão são feito através do orçamento anual (produção e financeiro); consultorias contratadas; sistemas de monitoramento; indicadores de produção e financeiro; reuniões de prestação de contas (mensal); comitês de gestão (sustentabilidade, tributário, financeiro e comercial, projetos específicos, ambiental, relações institucionais, controle de qualidade, saúde e segurança do trabalho). A empresa adapta sua linha produtiva de acordo

com as demandas, com o crescimento populacional mundial, haverá maior demanda para o consumo de açúcar e etanol.

Sobre os dados da política de trabalho, a empresa possui vínculos de empregos diretos, terceirizados, os menores aprendizes, além dos estagiários. A Usina Santa Terezinha tem ao todo 1.860 funcionários. A maior concentração de funcionários está na área agrícola com 1.500 trabalhadores, distribuídos em 4,5% de administrativos, 80,8% na área agrícola e 14,7% na área industrial da Usina de Moreira Sales. Os trabalhadores residem em Moreira Sales, Mariluz, Goioerê e outras cidades da região.

O perfil dos trabalhadores vai desde analfabeto até o maior grau de escolaridade, porém em média, o perfil do colaborador está entre, ensino fundamental incompleto e ensino médio completo. A cada ano os níveis de escolaridade aumentam através dos programas adotados pela empresa.

Para os funcionários existe a disponibilidade de treinamento, a Usina Santa Terezinha possui programas de incentivo e apoio à educação e capacitação profissional, além de convênios e parcerias com instituições de desenvolvimento técnico de pessoas. Adota o desenvolvimento contínuo como base da capacitação. A empresa adota políticas de bonificação com a participação nos resultados, além de outros sistemas de prêmios e remuneração variável.

A empresa busca sempre manter-se tecnológica e operacionalmente atualizada com as mais novas práticas, no sentido de adaptação da linha de produção para atendimento as demandas de seus produtos. A área industrial da empresa em alguns momentos recorre à linhas de crédito específicas para financiamento de sua produção, como por exemplo, Prorenova.

A duração dos equipamentos de produção é variável, pois é determinada por diversos fatores que podem acelerar ou desacelerar o processo de desgaste. Por este motivo a empresa busca disciplinar rigorosamente as manutenções dos equipamentos durante a safra e durante a entressafra.

A empresa é associada da Faep. Senar, Fieop, Sesi, Senai e Sindicatos de Classe da Região de Cada Unidade do Grupo (Rural e Industrial), além de parcerias com a Universidade Federal do Paraná e Universidade Estadual de Maringá e outros centros tecnológicos da região.

No encerramento da entrevista, abordamos os aspectos relacionados a modernização e as certificações que habilitam os produtos a serem vendidos a países do exterior que exigem este tipo de comprovação do produtor. Ex: *CARB – California Air Resources Board e EPA –*

Environmental Protection Agency. Além do compromisso Nacional e Selo ODM – Objetivos de Desenvolvimento do Milênio.

A Usina Santa Terezinha de Moreira Sales, é a principal empresa empregadora da microrregião de Goioerê. A sua entrada consolida o segmento sucroalcooleiro na cidade de Moreira Sales e é a maior referência industrial a microrregião. A participação no mercado internacional renova o processo industrial e ajuda sobremaneira a economia e a ocupação espacial do município.

3.2.1.6 Indústrias e emprego no município de Ubiratã

O município de Ubiratã com 95,6 km de distância de Campo Mourão, com população total de 21.558 habitantes e população urbana de 18.397 e a População Economicamente Ativa (PEA) de 10.703 pessoas (IBGE-Censo 2010).

A economia de Ubiratã é baseada na agricultura comercial que se constitui na principal fonte de riqueza do município com as culturas da soja e do milho. A partir de 2008 ocorreu maior diversificação com a implantação da avicultura decorrente de abatedouro de aves. O setor industrial que possui 40 indústrias distribuídas em seu território vem tomando corpo com estabelecimentos de pequeno porte, como as indústrias têxteis e mais recentemente com o abatedouro de aves da Unitá Cooperativa Central que é uma parceria da Coagru Cooperativa Agroindustrial União, a Copacol Cooperativa Agroindustrial Consolata e a Coperflora Cooperativa Florestal e as indústrias da Coagru que são estabelecimentos de porte superior (PREFEITURA MUNICIPAL DE UBIRATÃ, 2015).

No município de Ubiratã estão instaladas a Cooperativa Integrada com sede na cidade de Londrina; a Coagru Cooperativa Agroindustrial União e Unitá Cooperativa Central ambas com sede na cidade de Ubiratã. Apesar de sua economia baseada na agricultura, o município possui duas grandes indústrias (Coagru e Unitá Cooperativa Central) que juntamente com a Usina Santa Terezinha de Moreira Sales são as principais indústrias da microrregião de Goioerê.

A seguir expomos sobre o setor industrial no que se trata dos estabelecimentos industriais, com os padrões de comercialização e a quantidade de empregos gerados como relevantes indicadores para caracterização da economia local (Tabela 51).

Tabela 51: Ubitatã. Estabelecimentos industriais, produtos, tipo de comercialização e quadro de funcionários, 2014

ESTABELECIDAMENTOS	PRODUTO	IMP.	EXP.	FUNC.
Pereira da Silva & Cia Ltda.	Prensas de mangueiras, Guinchos	Não	Não	9
Coagru Cooperativa Agroindustrial União	Soja, Cereais	Não	Sim	470
Indústria e Comércio de Madeira Zampieri	Rodapé, Vigas, Ripas	Não	Não	17
M A de Araújo Facção – ME	Confecções de jeans em geral	Não	Não	20
Pedreira Ubitatã Ltda.	Pedras Britas	Não	Não	25
S.A. Pastro	Artefatos de cimento, tanques, confecções de barracões para aviários	Não	Não	35
Total de funcionários	-	-	-	576

Fonte: Federação das Indústrias do Paraná – Cadastro Industrial do Paraná

As empresas industriais do município de Ubitatã com registro na FIEP representam o os resultados que contribuem para o desenvolvimento local. Algumas das empresas que compõem o conjunto das maiores empresas geradoras de emprego e renda e utilizam modernas tecnologias de produção. A distribuição espacial dos estabelecimentos da indústria de transformação de Ubitatã está nos segmentos: alimentícios, confecção de artigos do vestuário e acessórios; processamento de aves de corte, equipamento industrial; artefatos e pedreira.

Entre as empresas industriais de maior expressão no cenário local estão a Coagru e Unitá embora não possuam registros da FIEP. A Coagru responde por 81,6% dos empregos industriais no município de Ubitatã e é a única a atuar no mercado externo.

A diferença de empregos entre Coagru com as demais empresas é muito grande. Em relação ao total dos empregos da indústria de transformação de Ubitatã, as demais empresas representam 18,4% dos estabelecimentos industriais do município.

A Figura 55 mostra os principais estabelecimentos industriais do município de Ubitatã e a participação no emprego total do setor. Não consta nessa ilustração a cooperativa Unitá por falta de registro na Fiep, porém em momento posterior essa empresa será caracterizada.

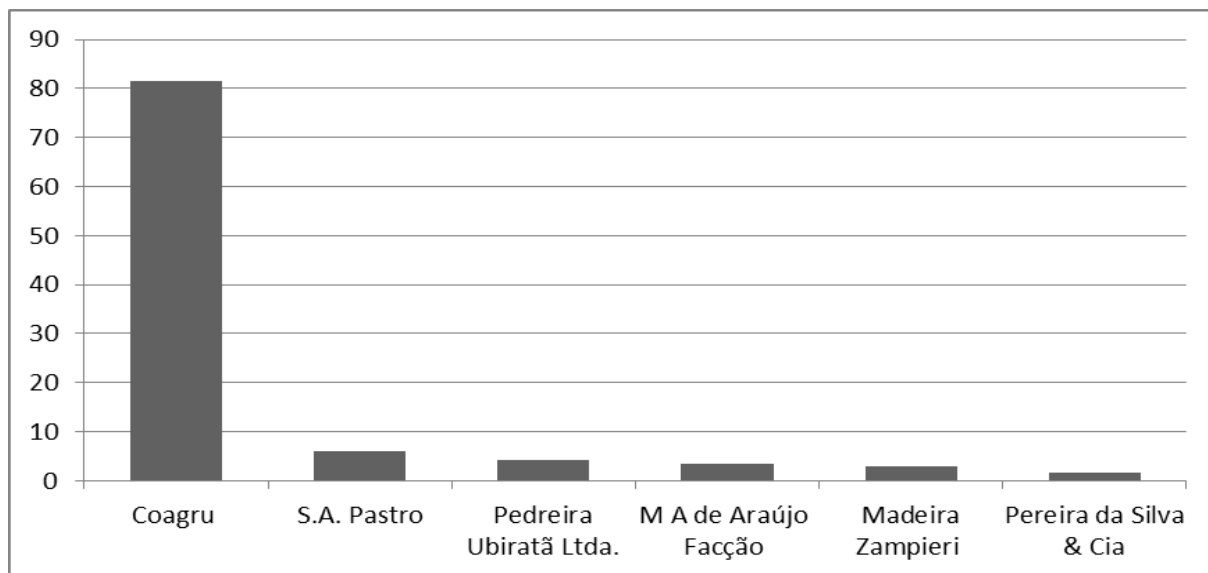


Figura 55: Ubitatã. Participação percentual no emprego dos principais estabelecimentos industriais, 2014

Fonte: Federação das Indústrias do Paraná – Cadastro Industrial do Paraná

A Coagru é a maior empregadora no setor industrial de Ubitatã, Em seguida a indústria S.A. Pastro que produz de artefatos de cimento empregou 35 pessoas equivalente a 7,45% de participação no emprego (FIEP, 2014).

Os dados apontados mostram a fragilidade industrial local, apesar da disponibilização dos dados da Unitá (que não foi citada pela FIEP) demonstram que as potencialidades do município devem ser exploradas, principalmente com a inclusão da cooperativa Unitá que é de um ramo bastante empregador, conforme veremos em momento posterior desse trabalho.

No âmbito do mercado externo o município de Ubitatã tem a participação das empresas Coagru e Unitá (sem registro na FIEP) no processo de exportação e importação de produtos. A balança comercial sinaliza que as exportações superaram as importações em todos os anos em que houve transações comerciais de compra e venda com o mercado externo (Figura 56).

Nas transações financeiras de Ubitatã no comércio exterior durante o período 2008-2014 foi basicamente definido pelas exportações. Notadamente nos anos de 2012, 2013 e 2014 ocorreram importações, porém em níveis menores que os valores das exportações.

As *commodities* produzidas em Ubitatã ficaram mais competitivas no mercado mundial, isso porque os produtos manufaturados se apresentaram com ritmo mais modesto, mesmo assim as oportunidades de mercados com outros países surgem em função da própria dinâmica de demanda global.

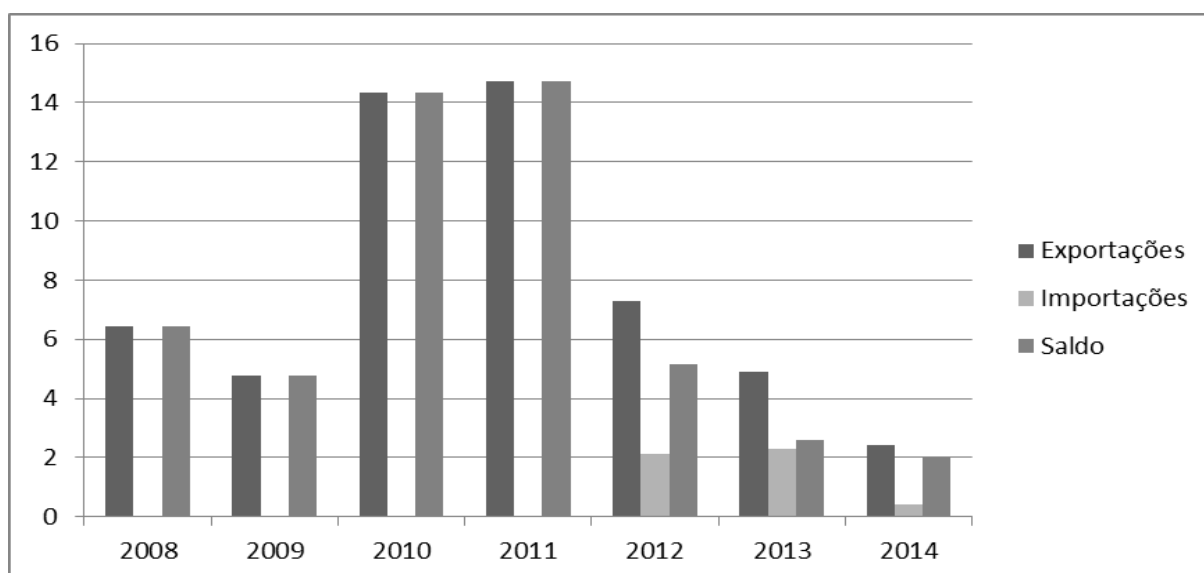


Figura 56: Ubiratã. Balança Comercial do município, 2008-2014 (milhões de US\$, FOB)

Fonte: Ministério do Desenvolvimento Indústria e Comércio Exterior (MDIC/SECEX).

A balança comercial desde 2008 se apresentou com desempenho praticamente unilateral em virtude da ausência de importações no período 2008-2011. Durante o período 2008-2014 a Coagru foi a única indústria exportadora de Ubiratã.

Os dados mostram que os valores das importações nos anos de 2012 e 2013 foram quase iguais, com diferença de US\$ 162,34 mil de superioridade de 2013 em relação a 2012 e com queda de 82,56% entre 2013 e 2014 – significando uma redução de US\$ 1,89 milhão. Durante o período 2012- 2014, as importações caíram 532,59% que representa uma redução de US\$ 1,72 milhão (Figura 56).

As exportações de Ubiratã no período 2008-2014 se referem a produtos básicos. As movimentações mais expressivas das exportações foram nos anos de 2010 e 2011 quando atingiu valores acima de US\$ 14,5 milhões, enquanto que em 2008 e 2012 as exportações foram de pouco mais de US\$ 7,0 milhões. Esses dados demonstram drásticas oscilações das exportações e importações, devido a própria instabilidade do mercado internacional.

As exportações realizadas pela Coagru em 2014 estiveram entre US\$1milhão e US\$3 milhões, enquanto que a Indústria de Quadros, Molduras e Máquinas Mercosul Ltda. atingiram a faixa de até US\$ 1 milhão. As importações em 2014 ficaram exclusivamente com a Unitá Cooperativa Central (não registrada na Fiep) com valores entre US\$1milhão e US\$3 milhões (MDIC. 2015). Esses resultados das comercializações com os países dependem da capacidade de negociações, qualidade dos produtos, confiabilidade.

Os dados seguintes mostram o comportamento das indústrias da cidade de Ubiratã com os países de destino das exportações e da origem das importações. Entre os anos de 2008 e 2011 o superávit no saldo da balança comercial foi composto somente pelos valores das exportações devido a ausência de importações. Enquanto as importações foram registradas nos anos de 2012, 2013 e 2014 mesmo assim prevaleceu superávit na balança comercial (Tabela 52).

Os superávits na balança comercial garantem divisas para o município e o fortalecimento das indústrias locais resultante das exportações dos produtos fabricados e/ou produzidos no local e na região. Dentro dessa realidade no município os principais produtos exportados foram: a soja, máquinas para limpeza de grãos ou de produtos; máquinas e aparelhos para a indústria de moagem que na transformação acrescentou na agregação de valor nos produtos (MDIC, 2015).

Tabela 52: Ubitatã. Exportações e importações, principais países de destino e origem comercial – US\$, FOB - 2008 a 2012

Países de Destino	2008		2009		2010		2011		2012		2013		2014	
	EXP.	IMP.	EXP.	IMP.	EXP.	IMP.	EXP.	IMP.	EXP.	IMP.	EXP.	IMP.	EXP.	IMP.
Venezuela	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1.940	-	-	-
E.U.A.	-	-	-	-	-	-	-	-	-	391.933	-	44.058	-	5.715
Geórgia	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Panamá	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1.400	-	-	-
China	4.403.560	-	2.638.500	-	11.729.290	-	6.860.729	-	7.284.950	-	2.757.731	-	2.424.300	1.083
Coréia do Sul	1.050.920	-	840.000	-	720.200	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Israel	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	5.076	-	-
Alemanha	-	-	-	-	-	-	-	-	-	109.761	-	976	-	2.236
Dinamarca	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	390.090
Espanha	964.200	-	-	-	-	-	2.994.968	-	-	-	1.063.400	-	-	-
Holanda	-	-	560.360	-	682.240	-	2.955.613	-	-	1.295.678	1.071.500	2.237.910	-	-
Itália	-	-	-	-	-	-	-	-	-	137.566	-	-	-	-
Reino Unido	-	-	-	-	-	-	-	-	-	190.714	-	-	-	-
Suíça	-	-	-	-	-	-	-	-	-	28	-	-	-	-
Argélia	-	-	344.000	-	360.000	-	1.740.000	-	-	-	-	-	-	-
Malásia	-	-	390.000	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Marrocos	-	-	-	-	845.000	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Quênia	-	-	-	-	-	-	163.217	-	-	-	-	-	-	-
Total da Área	6.418.680	-	4.772.860	-	14.336.730	-	14.714.527	-	7.284.950	2.125.680	4.895.950	2.288.020	2.424.300	399.124

Fonte: Ministério do Desenvolvimento Indústria e Comércio Exterior (MDIC/SECEX).

Enquanto as exportações se revelaram em toda a movimentação do comércio exterior das indústrias de Ubitatã, as importações ocorreram nos anos 2012 e 2013, porém inferiores aos valores das exportações, com esse desempenho o grau de dependência das indústrias de Ubitatã em relação a bens importados não compromete os resultados da balança comercial (Tabela 52).

A diversificação de mercados para exportação de produtos é relativamente ampla para o município, levando em consideração que no período 2008-2014 as vendas foram destinadas para 26 países de diversos continentes. As exportações estão mais concentradas nos países da Europa e Ásia com 70,64% das vendas externas. Os acordos preferenciais com os países China, Coréia na Ásia, Rússia, Reino Unido. As importações realizadas pelas indústrias de Ubitatã se resumiram nos parceiros internacionais dos Estados Unidos e da China. Como resultado dessas movimentações o saldo da balança comercial significou um superávit de US\$ 317,4 milhões durante o período.

A seguir abordaremos análise sobre as relações comerciais internacionais por regiões geográficas de diversos continentes com a totalidade dos valores entre os anos 2008 e 2014, em relação às exportações, importações e superávits na balança comercial de Ubitatã (Figura 57).

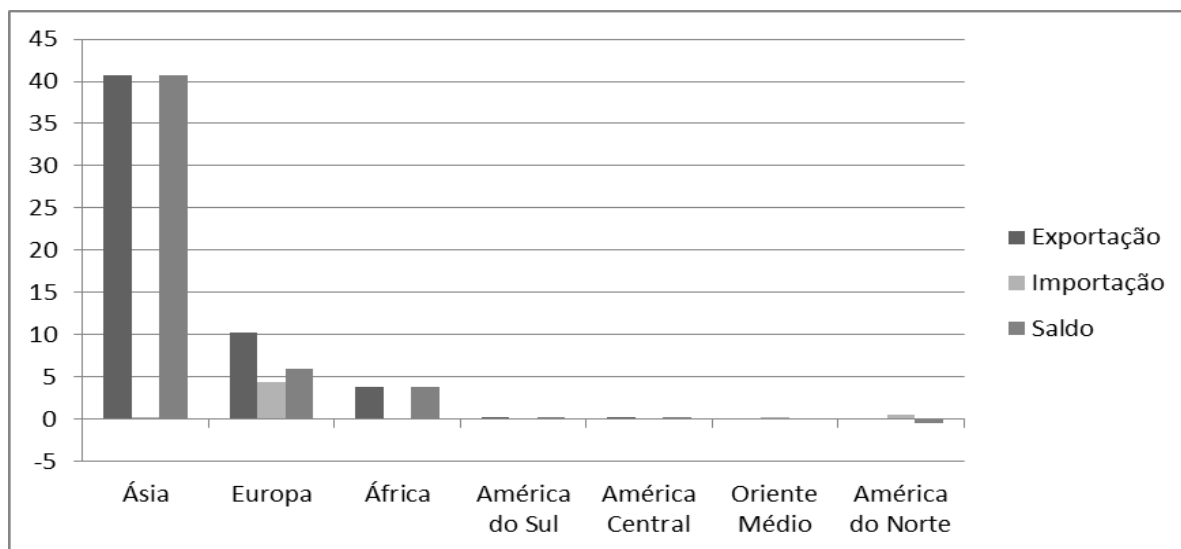


Figura 57: Ubitatã. Balança Comercial por regiões geográficas, 2008 a 2014 (milhões de US\$, FOB)

Fonte: Ministério do Desenvolvimento Indústria e Comércio Exterior (MDIC/SECEX).

O continente asiático apresentou participação expressiva da balança comercial de Ubitatã no período 2008-2014, com valores monetários de US\$ 40,71 milhões equivalente a 81,36% da totalidade. Em seguida a Europa com 11,85% de participação enquanto que a

América do Sul com saldo na balança comercial de US\$ 441 mil foi a menor participação nesse contexto representando o baixo índice de 0,88% do total do município.

Entretanto, os dados indicam que o saldo das relações comerciais é com *superávit* no valor de US\$ 45,27 milhões que leva as indústrias a centrar com mais vigor na pauta das exportações devido às vantagens comerciais que elas oferecem para a dinâmica das empresas e aumento de emprego e renda. A análise das exportações foi feita tomando por base os principais produtos: soja mesmo triturada, máquinas para limpeza.

3.2.1.6.1 A dinâmica industrial de Ubitatã sob a ótica da Coagru Cooperativa Agroindustrial União Ltda.⁷⁵

O texto elaborado está pautado basicamente nas informações coletadas durante a entrevista realizada e com alguns subsídios extraídos da página eletrônica da empresa. Ressaltamos que a entrevista é uma das fontes para se alcançar os resultados. Após a coleta das informações, selecionamos os dados e desenvolvemos a redação respeitando a base fornecida pelo entrevistado em relação aos questionamentos transcritos no roteiro da entrevista.

Coagru Cooperativa Agroindustrial União Ltda., localizada na Estrada das Indústrias, Km 1, na cidade de Ubitatã⁷⁶, Estado do Paraná. A missão da empresa é de promover o desenvolvimento técnico, econômico e social do cooperante, fornecendo-lhes bens e serviços necessários à atividade agropecuária para aumento da sua rentabilidade e melhoria da qualidade de vida.

A Coagru Cooperativa Agroindustrial União atua no ramo agroindustrial, iniciando suas atividades em 13/09/1975⁷⁷ – tendo como natureza do capital advindo dos associados ou cooperados. A área industrial teve seu início em maio de 1992 com a instalação do Moinho de Trigo no município de Campina da Lagoa. Os principais produtos são: soja, milho, algodão, trigo, canola, frango e leite.

⁷⁵ José Roberto De Peder, Gerente Industrial da Coagru Cooperativa Agroindustrial União com sede na cidade de Ubitatã, foi designado a participar da entrevista realizada em 25 de agosto de 2014.

⁷⁶ Os entrepostos da Coagru estão localizados nos municípios Campina da Lagoa, Nova Cantú e Anahy e os Distritos de Yolanda (Ubitatã) e Rio Verde (Juranda).

⁷⁷ Em 30 de junho de 1975, a comissão pró-fundação reuniu-se novamente para discutir detalhes como o número de associados, valor da joia e a necessidade de aquisição de um terreno suficientemente grande e bem localizado para a instalação da cooperativa. A autorização para funcionamento da cooperativa deu-se somente a 26 de janeiro de 1976.

Ela possui três fábricas com utilização de matérias-primas basicamente de produtos adquiridos dos associados. i) Na fábrica de ração são produzidos a ração animal (bovino e equino) e suplemento mineral animal (bovino, equino, suíno, ovino e caprino). Grande parte da matéria-prima (milho, soja, trigo, farelo de trigo, farelo de soja, soja desativado, farelo de algodão, calcário, melaço de cana, sal) origina-se da própria região, porém algumas são adquiridas no Rio Grande do Norte, São Paulo, e região de Curitiba; ii) Unidade de beneficiamento de madeira: madeira beneficiada de eucalipto, paletes maravalha e cavaco – matéria-prima de madeira de eucalipto e pinus; iii) Moinho de Trigo: farinha de trigo, marcas Anabella, Dona Lola, Anabella mix para pão francês, Anabella Integral (com embalagens de 1, 5, 25 e 50 kg) e farelo de trigo com utilização da matéria-prima do trigo em grão.

A história da cooperativa começa com a união de 36 agricultores visando superar as dificuldades de transporte e preço da região, nasce a Coagru que iniciou da vontade dos produtores rurais em desenvolverem a agricultura regional. Foi no início dos anos 1970, em virtude do crescimento do cultivo do binômio trigo e soja. Vários obstáculos se antepunham a sua vontade: estrada ruim, carências de meios de comunicação, falta de armazéns, limitada assistência técnica e creditícia, insumos caros, inexistência de serviço de comercialização. A solução encontrada pelos idealizadores foi o cooperativismo que contaram com apoio das autoridades municipais, das lideranças comunitárias e da participação indispensável da Emater-Pr (antiga Acarpa) e do Banco do Brasil S/A. Os primeiros sinais surgiram em Ubiratã no dia 13 de setembro de 1975.

Na condição de uma empresa cooperativa a responsabilidade na administração é pelos associados eleitos em Assembleia Geral para formação diretiva com os Diretores Executivos (presidente, vice-presidente e secretário) e o Conselho de Administração e Conselho Fiscal para um mandato de quatro anos.

Geograficamente, a Coagru possui clientes em vários estados brasileiros localizados nos Estados: Acre, Rondônia, Tocantins, Mato Grosso, Mato Grosso do Sul, Minas Gerais, São Paulo e Paraná. A área de atuação da Coagru está situada no Médio Vale do Piquiri onde estão distribuídos os entrepostos e se encontram os agricultores pecuaristas cooperados.

O relacionamento da cooperativa com o poder político municipal, de acordo com o entrevistado é harmonioso e, sem interferência política. Ela é independente por não se utilizar de incentivos dos municípios em que está instalada. A preocupação na escolha dos municípios para instalação de suas unidades está relacionada à viabilidade socioeconômica e a necessidade de atendimento aos produtores rurais no recebimento até a comercializar da produção, além do fornecimento dos insumos.

Ao longo dos anos, desde a instalação da Coagru, a sede em Ubitatã não teve alteração de endereço. A cooperativa, por sua própria característica tem exercido cooperação técnica com outras instituições públicas e privadas no sentido de aperfeiçoar a qualidade de serviços e produtos. A comercialização é escoada por meio de transporte rodoviário com cerca de 40% de frota própria. Para a transformação de produtos primários em industrializados, os bens de produção como máquinas e equipamentos são adquiridos no mercado interno, para utilização do sistema produção flexível.

Como as demais empresas nesta também existem os contratados diretamente, terceirizados, uso de mão-de-obra de menor aprendiz, além de estagiários. A Coagru tem ao todo 400 funcionários, dos quais 50 estão lotados na área industrial distribuídos na serraria (10), no moinho de trigo (35) e na fábrica de ração (15).

Para os funcionários existe a disponibilidade de treinamento e qualificação profissional nas áreas de qualidade total, segurança, e treinamentos específicos de áreas. A maior concentração de funcionários está na área operacional da empresa, o setor industrial da Coagru emprega 12,5% dos trabalhadores da empresa. Os trabalhadores residem em Ubitatã, Nova Cantú, Campina da Lagoa, Anahy e Juranda.

Os aspectos relacionados a modernização e as certificações são cuidadosamente atribuídas a produção e de acordo com o entrevistado a Coagru sempre atua com os sistemas de qualidade total com adequação para o ISO.

A empresa, pela natureza jurídica e industrial, tem ligação mais estreita com a Federação das Indústrias do Estado do Paraná (Fiep) e a Organização das Cooperativas do Estado do Paraná (Ocepar) e Organização das Cooperativas Brasileiras (OCB) que são entidades da área cooperativista e algumas entidades atreladas a agricultura, como a Federação da Agricultura do Estado do Paraná (FAEP).

Com a incorporação da Coagel de Goioerê pela Coamo de Campo Mourão as cooperativas Coagru, Coamo e mais recentemente a Unitá e a Coaprocor são as cooperativas com sedes na Mesorregião Centro Ocidental. As indústrias da Coagru são fundamentais para a economia de Ubitatã contribuindo para a geração de emprego e renda que ajudam minimizar a saída da população para outros centros. A Coagru juntamente com a Cooperativa Central Unitá são os pilares do setor industrial da cidade de Ubitatã.

3.2.1.6.2 A dinâmica industrial de Ubiratã sob a ótica da Unitá Central Cooperativa

Essa empresa que divide com a Usina Santa Terezinha de Moreira Sales o *status* de maiores indústrias da microrregião de Goioerê.

Ela⁷⁸ foi criada a partir da associação entre a Coagru Cooperativa Agroindustrial União, a Copacol Cooperativa Agroindustrial Consolata e a Coperflora Cooperativa Florestal. Anunciada em outubro de 2011, a cooperativa nasceu da cisão total da BFC Alimentos S/A, uma sociedade anônima de capital fechado, fundada pela Coagru e a Big Frango.

Com a união econômica entre as cooperativas Coagru, Copacol e Coperflora ficou consolidada uma parceria inédita com a criação de Cooperativa Central voltada à avicultura em 20/10/2011. A avicultura de corte fixa o homem no campo, respeita o meio ambiente e é atividade que viabiliza a propriedade rural com renda para os granjeiros integrados. Além de propiciar lucro para suas filiadas e renda para os granjeiros integrados e geração de empregos para os trabalhadores e tributos para os municípios regionais.

O projeto inicial é de abater 160 mil aves/dia e a partir do ano 2017 o abate de 320 mil aves/dia. A cooperativa exportará produtos para diversos países, inclusive no continente Europeu, Japão, China e da América Latina além é claro do mercado interno.

O abate diário de 85 mil aves no ano de 2013 resultou em uma produção de 24 milhões de aves e 69 mil toneladas de carne de frango, para isso foram necessário 1.25 milhões de sacas de milho, 447 mil sacas de farelo de soja e 237 mil sacas de soja na fabricação de 2,118 milhões de sacas de ração (UNITÁ, 2014).

De acordo com o diretor vice-presidente⁷⁹ da Unitá “Os impactos já estão gerando uma série de benefícios não só para a economia de Ubiratã, mas também para toda a região do médio Vale do Piquiri. Finalizamos o ano gerando 814 empregos diretos e 3.327 empregos diretos e indiretos. Além disso, no âmbito social, ampliamos a distribuição de riqueza para os municípios circunvizinhos através do pagamento de mais de R\$ 10 milhões de reais aos nossos integrados” (UNITÁ, 2014).

A Unitá finalizou o ano de 2013 em primeiro lugar no ranking custo de operação e custo de fabricação em comparação a 147 fábricas espalhadas pelo mundo, além do 11º lugar no custo total da carne de frango entre 141 abatedouros culminando com a aprovação da

⁷⁸ Em face de impossibilidade de realizarmos entrevista com a Unitá Central Cooperativa sediada em Ubiratã, mas devido a sua importância no contexto regional, pela sua representatividade socioeconômica, julgamos a pertinência trabalhar com dados e informações. O texto é baseado fundamentalmente nas informações extraídas da página eletrônica da Unitá (UNITÁ, 2015).

⁷⁹ Entrevista do Senhor Claudemir Cavalini que foi concedida a Assessoria de Imprensa da Unitá Cooperativa em 14 de fevereiro de 2014.

Supervisão do Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento para habilitação de Unidade Exportadora (UNITÁ, 2014).

Com a instalação da Unitá na cidade de Ubiratã, abriu-se novas oportunidades de produção agropecuária e a transformação em produtos industrializados com significativa agregação de valor e com reflexos no mercado de trabalho e na arrecadação de impostos. Essa indústria obedece uma cadeia produtiva que permite o envolvimento de novos investimentos, setores econômicos e empregos que assumem as espacialidades capazes de promover o desenvolvimento local e regional.

3.2.1.7 Indústrias e emprego no município de Peabiru

O município de Peabiru, com 15,6 km de distância de Campo Mourão, com população total de 13.624 habitantes e população urbana de 11.009 e a População Economicamente Ativa (PEA) de 6.640 pessoas (IBGE-Censo 2010).

A história do município de Peabiru está ligada à história do conhecido Caminhos de Peabiru, que se estendia por mais de 3.000 km da costa de São Vicente ao rio Paraná, atravessando os rios Tibagi, Ivaí e Piquiri (SANTOS *et al.* 2002).

No setor industrial, o município possui um parque industrial que esta em processo de expansão. Algumas das principais indústrias existentes estão ligadas a fabricação de moveis, calçados, de artefatos de cimento, de beneficiamento de cereais, além de produtos alimentícios e indústria de componentes elétricos (SANTOS *et al.* 2002).

A seguir que mostramos a composição do setor industrial desse município Neste conjunto de dados observamos empresas que são as maiores geradoras de emprego e renda do município e têm na sua maioria, indústrias de pequeno porte e sem expressão em nível regional (Tabela 53).

A distribuição espacial dos estabelecimentos da indústria de transformação de Peabiru está nos segmentos: fundição de metais, aquecedores para piscinas, resistências elétricas, metal-mecânica entre outros.

A cidade de Peabiru pelas proximidades com as cidades de Campo Mourão, Araruna, Engenheiro Beltrão e Terra Boa se apresenta com um parque industrial mais tímidos que os do entorno, mas mesmo assim possuem indústrias de pequeno porte que favorecem a empregabilidade de pessoas.

Tabela 53: Peabiru. Estabelecimentos industriais, produtos, tipo de comercialização e quadro de funcionários, 2014

ESTABELECIDAMENTOS	PRODUTO	IMP.	EXP.	FUNC.
Fhort Sol Indústria e Comércio Ltda.	Aquecedores para piscinas, Cascatas, Acionadores.	Não	Não	26
Infinity – Indústria de Metais Ltda. ME	Dispositivo para banheira, Aquecedores para banheira, Cromoterapia para banheira	Não	Não	50
Kamawero – Industrial e Comércio de Pedras	Areia, Pedras	Não	Não	15
KL do Brasil Componentes Elétricos Ltda.	Resistências elétricas tubulares, Resistências elétricas tipo coleira mica e porcelana, Resistências elétricas cartucho baixa e alta carga.	Sim	Não	79
Reymann – Indústria de Acessórios Elétricos Ltda.	Resistências elétricas tipo coleira mica e porcelana, Resistências elétricas cartucho baixa e alta carga, Termopares.	Sim	Não	60
Serraria do Norte Ltda.	Forros, Caibros	Não	Não	6
Total de funcionários	-	-	-	236

Fonte: Federação das Indústrias do Paraná – Cadastro Industrial do Paraná

De acordo com os dados da Fiep, o município possui seis indústrias com registros que subsidiam nas análises sobre emprego e comercialização com o exterior.

Das empresas cadastradas, apenas a Reymann – Indústria de Acessórios Elétricos participou do comércio internacional com importações de produtos, além de ser a segunda empresa com mais funcionários no município.

A empresa KL do Brasil com 79 empregos é a maior empregadora no setor industrial, ou seja, 33,47% da totalidade de emprego da indústria de Peabiru. A *Reymann* vem em seguida com 60 empregos com 25,42% de participação no emprego e na terceira colocação a *Infinity* como 21,19% dos empregos (FIEP, 2014).

A diferença absoluta entre KL do Brasil com *Reymann* e *Infinity* é de dezenove e vinte e nove empregos, respectivamente, e com as demais empresas 32 empregos.

Em relação ao total de empregados da indústria de transformação, as empresas que possui de seis a vinte e seis funcionários participam com 19,92% dos empregos das indústrias no município de Peabiru (Figura 58).

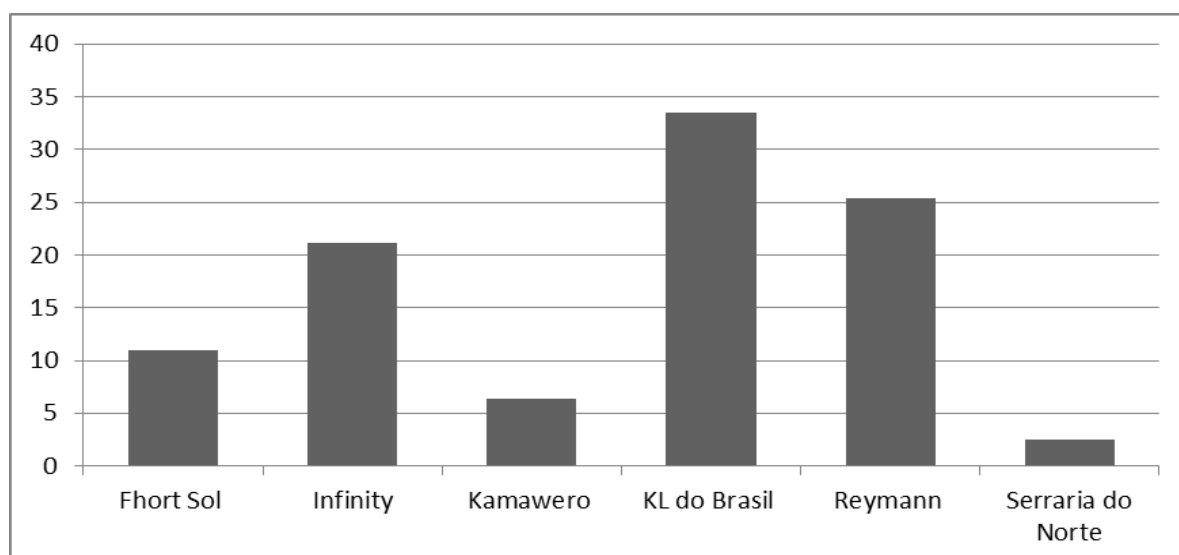


Figura 58: Peabiru. Participação percentual no emprego dos principais estabelecimentos industriais, 2014

Fonte: Federação das Indústrias do Paraná – Cadastro Industrial do Paraná

De acordo com o Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio, no domínio do mercado externo a participação expressiva da Coamo nas exportações. O saldo da balança comercial foi superaviário somente no ano de 2013 (Figura 59).

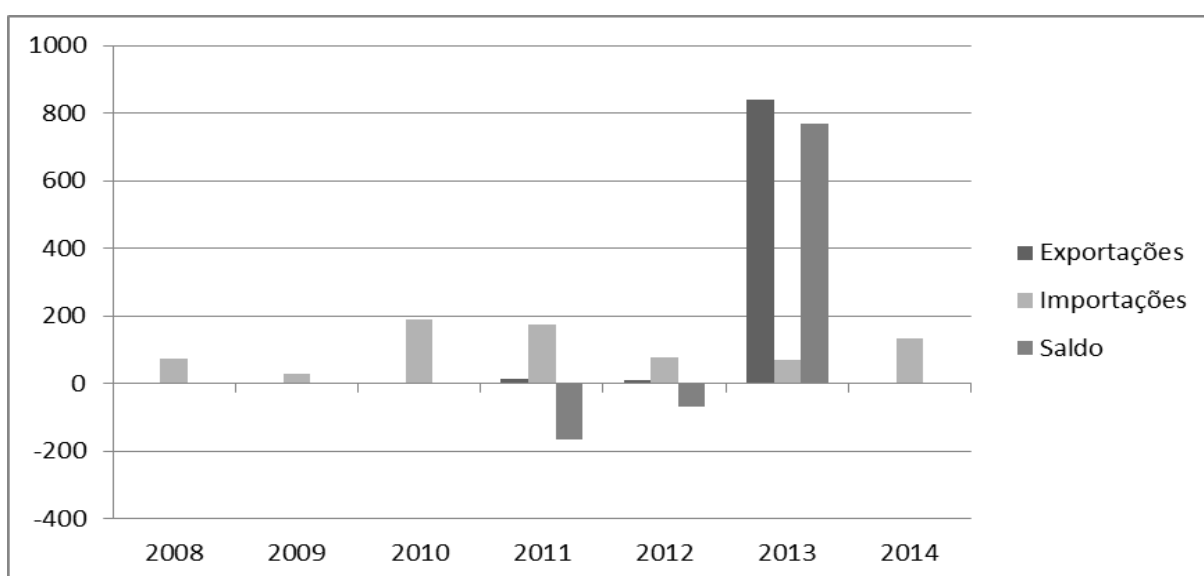


Figura 59: Peabiru. Balança Comercial do município, 2008-2014 (mil de US\$, FOB)

Fonte: Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior (MDIC/SECEX).

Nas transações financeiras internacionais do município de Peabiru durante o período 2008-2014, exceto em 2013, as importações superaram as exportações, gerando resultados deficitários na balança comercial. As *commodities* (milho em grão) produzidas em Peabiru

representaram a totalidade das exportações em 2013. Os produtos manufaturados se apresentaram em ritmo acanhado com valores US\$ 8,65 mil nas exportações de 2012 referente a exportação de ligas de cobre-zinco e outros artigos para usos sanitário/higiênicos que pouco representou na entrada de divisas para o município.

Os valores mais expressivos das importações ocorreram nos anos de 2010, 2011 e 2014 com valores superiores a US\$ 100 mil. A partir de 2010 os valores das importações foram diminuindo e a queda de 29,48% entre 2010 e 2014 significando uma redução de US\$ 55,6 mil e demonstrando que a dependência de produtos do exterior está cada vez menor. Os produtos importados foram basicamente máquinas, ferramentas, aparelhos mecânicos, torneiras e válvulas.

As exportações realizadas pela Coamo (2013), Fhortsol (2012) foram de até US\$1milhão cada, enquanto as importações foram operacionalizadas pelas empresas KL do Brasil (2012), Fhortsol (2012 e 2013), Mineradora Skyros (2012) e José Augusto Pasqualini Alves (2013) com valores de até US\$1milhão cada empresa (MDIC. 2015).

Com a finalidade de verificar o destino das exportações bem como a origens das importações realizadas da cidade de Peabiru no período de 2008 a 2014, elaboramos a Tabela 54 com dados referentes ao volume importado e exportado segundo os países parceiros.

Tabela 54: Peabiru. Exportações e importações, principais países de destino e origem comercial – US\$, FOB - 2008 a 2014

Países de Destino	2008		2009		2010		2011		2012		2013		2014	
	EXP.	IMP.	EXP.	IMP.	EXP.	IMP.	EXP.	IMP.	EXP.	IMP.	EXP.	IMP.	EXP.	IMP.
Paraguai	-	-	-	-	-	-	12.581	-	8.766	-	-	-	-	-
Canadá	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	45.444	-	-
E.U.A.	-	26.142	575	7.547	-	2.764	-	40.149	-	5.994	-	-	-	-
Bangladesh	-	3.615	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
China	-	303	-	5.163	-	-	-	28.802	-	1.315	-	26.464	-	133.026
Coréia do Sul	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	12.210	-	-	-
Índia	-	-	-	5.693	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Indonésia	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	827.377	-	-	-
Tailândia	-	-	-	64	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Taiwan	-	-	-	-	-	-	-	-	-	32.249	-	-	-	-
Croácia	-	45.348	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Itália	-	-	-	22.160	-	185.964	-	107.471	-	37.633	-	-	-	-
Portugal	-	-	-	198	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Total da Área	-	75.408	575	40.825	-	188.638	12.581	176.422	8.766	77.191	839.587	71.908	-	133.026

Fonte: Ministério do Desenvolvimento Indústria e Comércio Exterior (MDIC/SECEX).

Os dados mostram o comportamento das indústrias da cidade de Peabiru no mercado exterior. O *déficit* no saldo da balança comercial nos anos de 2008, 2010 e 2014 foi composto somente pelas importações devido à ausência de exportações.

A diversificação de mercados de exportação é relativamente pequena, mas existe e mostra a inserção internacional dessas pequenas localidades. As vendas foram distribuídas para treze países.

As exportações estão mais concentradas nos países da Ásia que respondem por 97,46% desse continente somente a Indonésia participou com 96,04% do total das exportações. As importações com valores mais significativos foram realizadas com o continente europeu que teve 52,24% e a Itália a maior exportadora teve participação de 31% das importações totais do período.

Nas considerações de resultados, o município de Peabiru não tem uma participação e representatividade em relação ao mercado internacional devido a baixa expressividade das indústrias locais no comércio internacional.

As relações comerciais internacionais por regiões geográficas de diversos continentes totalizaram os valores encontram-se sintetizadas na Figura 60.

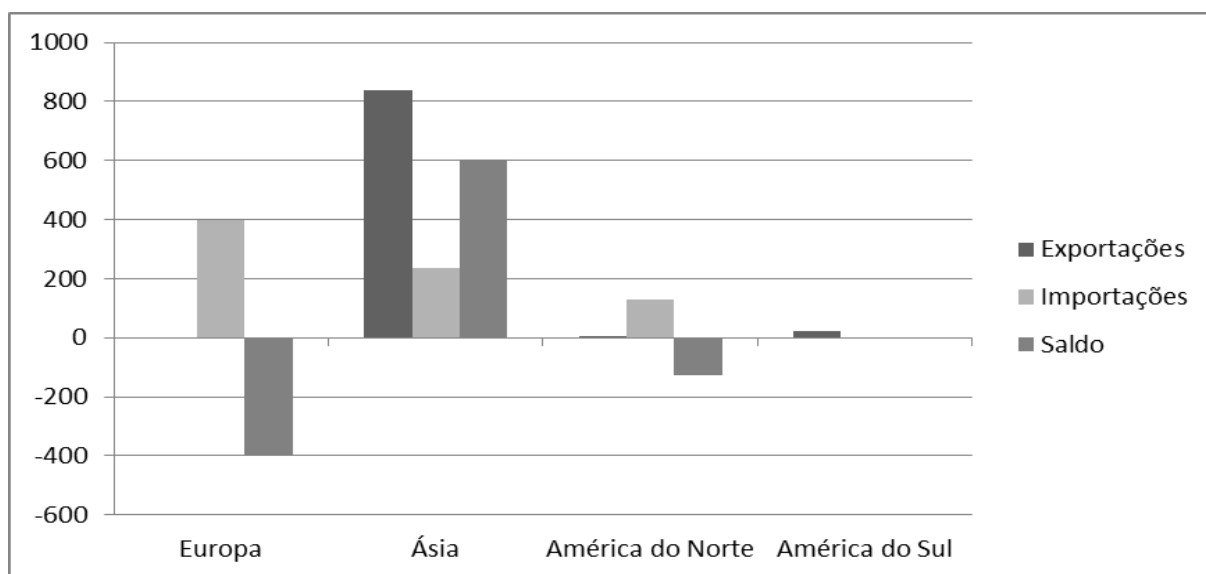


Figura 60: Peabiru. Balança Comercial por regiões geográficas, 2008 a 2014 (mil de US\$, FOB)

Fonte: Ministério do Desenvolvimento Indústria e Comércio Exterior (MDIC/SECEX).

A Ásia apresentou participação mais expressiva nos fluxos provenientes da indústria de Peabiru no período 2008-2014, com valores monetários de US\$ 602,9 mil, em seguida a América do Sul com US\$ 21,35 mil, enquanto que nos demais continentes o saldo da balança comercial apresentou déficits comerciais (Figura 60).

Entretanto, os dados indicam que o saldo das relações comerciais foi superavitário no período 2008-2014 no valor de US\$ 98 mil. Os valores negativos da balança comercial foram creditados para as regiões da Europa e da América do Norte, enquanto que as comercializações com os parceiros da América do Sul houve *superávit*, Apesar dos baixos valores de exportação e importação.

A análise das exportações foi feita tomando por base os principais produtos transacionados, com grande parte das exportações condicionada pelos produtos primários em maior escala. Os valores destes produtos correspondem a maior fatia das exportações pelo município, porém inexpressivo em produtos industrializados.

3.2.1.8 Indústrias e emprego nos município de Barbosa Ferraz

O município de Barbosa Ferraz está a 68,6 km de distância de Campo Mourão, com população total de 12.656 habitantes, população urbana de 9.581 e População Economicamente Ativa (PEA) de 5.938 pessoas (IBGE-Censo 2010).

O perfil econômico do município de Barbosa Ferraz é agrícola e tem na Coamo a empresa que favorece a acessibilidade do produtor no escoamento da produção. As atividades turísticas têm seus parques, cachoeiras e o turismo religioso e cultural. O comércio local é acanhado e sem muitas alternativas de consumo. Na indústria algumas empresas sobressaem como a fábrica de confecções de jeans Confecções Barbosa Ferraz que é uma extensão do Grupo Nabhan, de Cianorte com geração de emprego e renda.

A cidade é servida por cooperativas, sendo a Coopercrochê – Cooperativa das Crocheteiras e Bordadeiras do Paraná – voltada para a geração de emprego e renda familiar com atividades principalmente para mulheres. No ramo de produção industrial a Coamo tem função de recebimento da produção agrícola do município e a criação de empregos diretos indiretos para a Barbosa Ferraz.

A seguir focamos o setor industrial, estabelecimentos industriais, padrões de comercialização e a quantidade de empregos gerados como relevantes indicadores para caracterização da economia local (Tabela 55).

Tabela 55: Barbosa Ferraz. Estabelecimentos industriais, produtos, tipo de comercialização e quadro de funcionários, 2014

ESTABELECEMENTOS	PRODUTO	IMP.	EXP.	FUNC.
A M da Fonseca Ltda. ME	Pães, Tortas, Salgados	Não	Não	41
Cleonice de Castro Balman Oliveira ME	Crochê, Barbantes, Linha	Não	Não	11
Confecções Barbosa Ferraz Ltda. – EPP	Confecções em jeans	Não	Sim	109
D V Toniello e Toniello Ltda.- ME	Barbante, Tear	Não	Não	8
Madeiraira Santo André Ltda.- ME	Madeira serrada	Não	Não	4
Triângulo Industrial e Comércio de Farinhas	Farinha de Trigo	Não	Não	11
Total Funcionários	-	-	-	184

Fonte: Federação das Indústrias do Paraná – Cadastro Industrial do Paraná

As empresas industriais do município de Barbosa Ferraz com registro na FIEP representam o setor quanto às atividades e número de funcionários e que contribuem para o sistema de produção local. As indústrias que compõem o conjunto das maiores empresas geradoras de emprego e renda do município e têm na sua maioria, indústrias de pequeno porte e com baixa expressão em nível regional e nacional (Tabela 55).

A distribuição espacial dos estabelecimentos da indústria de transformação de Barbosa Ferraz está nos segmentos: crochê, alimentos, confecções, madeiras farinha de trigo entre outros. A fábrica de jeans Confecções Barbosa Ferraz Ltda. é uma extensão do Grupo Nabhan que gera 109 empregos, a Coopercrochê (sem registro na FIEP) e a Panificadora AM Fonseca são segmentos que puxam o setor na geração de emprego e renda.

A Coopercrochê (ainda não cadastrada na FIEP) foi fundada em 10 de fevereiro de 2006, para formação profissional de seus cooperados, disponibilizando a eles cursos básicos e avançados nas áreas artesanais e educacionais. Destaca-se o curso de inclusão digital que já beneficiou mais de 450 pessoas, como costura industrial, crochê, decoração de cestas e laços para datas comemorativas. A Cooperativa já possui em seu quadro de cooperados 375 pessoas. A principal atividade tem sido o trabalho com o crochê, colocando seus produtos em feiras e exposições artesanais (PREFEITURA MUNICIPAL DE BARBOSA FERRAZ, 2015).

As indústrias de Barbosa Ferraz não participam do mercado externo. Nessa área a Unidade da Coamo Agroindustrial Cooperativa com embarque de produtos para a Coréia do Sul, no valor de aproximadamente US\$ 40 mil. Ademais o município conta com seis indústrias registradas na Fiep que serão analisadas com os dados de emprego e comercialização com o exterior (Figura 61).

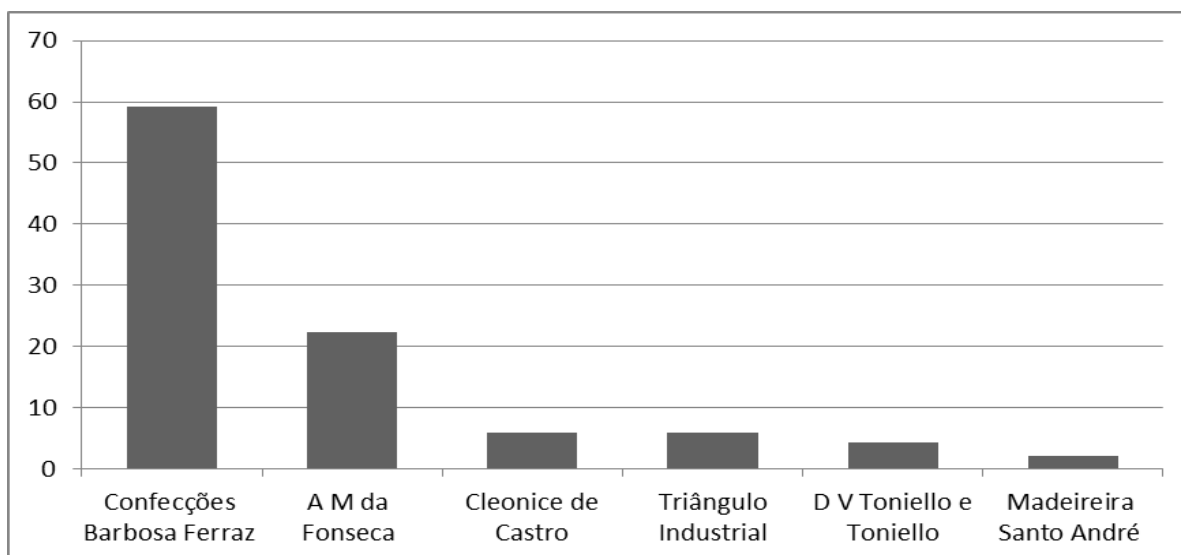


Figura 61: Barbosa Ferraz. Participação percentual no emprego dos principais estabelecimentos industriais, 2014

Fonte: Federação das Indústrias do Paraná – Cadastro Industrial do Paraná

A empresa Confeccões Barbosa Ferraz com 109 empregos é a maior empregadora no setor industrial, equivalente a 59,54% da totalidade de emprego da indústria de Barbosa Ferraz. A empresa A M Fonseca vem em seguida com 41 empregos com 22,28% de participação no emprego e as demais indústrias com 18,18% de participação no emprego total (FIEP, 2014).

A diferença absoluta entre as empresas Confeccão Barbosa Ferraz e A M Fonseca é de 68 empregos e com as demais empresas 75 empregos industriais. As empresas com quatro a onze funcionários representam 18,48% dos empregos do município.

A evolução da atividade industrial de Barbosa Ferraz teve como principal causa a instalação, em 2010 da Fábrica de Confeccões Barbosa Ferraz. Essa empresa é uma parceria com o Grupo *Nabhan*, de Cianorte, como parte de um programa de implantação de emprego e renda no município⁸⁰ (SOUZA *et al.* 2012).

Os novos postos de trabalho na confecção industrial geraram resultados de encadeamento na economia local devido ao efeito multiplicador como resposta a alocação da renda dos trabalhadores e aumento do consumo que ocorre sistematicamente com os trabalhadores de baixa remuneração salarial, pois dificilmente esses trabalhadores gastariam suas rendas em outras localidades face às despesas com locomoção e alimentação.

⁸⁰ O projeto contou com o apoio do programa Universidade Sem Fronteiras da Secretaria de Estado de Ciência, e Tecnologia e Ensino Superior – SETI e da Universidade Estadual do Paraná – UNESPAR– *Campus* Campo Mourão.

3.2.1.9 Indústrias e emprego no município de Corumbataí do Sul

O município de Corumbataí do Sul dista 51,8 km de Campo Mourão, com população total de 4.002 habitantes, população urbana de 2.127 e a População Economicamente Ativa (PEA) de 2.234 pessoas (IBGE-Censo 2010).

O município possui somente a indústria da Cooperativa Agropecuária de Corumbataí do Sul - Coaprocor. Apesar das fortes tendências da agricultura na economia local, o município tem nessa indústria sua principal referência, pela natureza da sua produção, especialmente os derivados da fruta maracujá.

A indústria de Corumbataí do Sul, não tem registro na Fiep, mas é relevante economicamente para o referido município.

3.2.1.9.1 *A dinâmica industrial de Corumbataí do Sul sob a ótica da Cooperativa Agroindustrial de Corumbataí do Sul - Coaprocor*⁸¹

O texto elaborado está pautado basicamente nas informações coletadas durante a entrevista realizada e com alguns subsídios extraídos da página eletrônica da empresa. Ressaltamos que a entrevista é uma das fontes para se alcançar os resultados. Após a coleta das informações, selecionamos os dados e desenvolvemos a redação respeitando a base fornecida pelo entrevistado em relação aos questionamentos transcritos no roteiro da entrevista.

Cooperativa Agroindustrial de Corumbataí do Sul (Coaprocor), localizada a Rua Guarani, 120 Centro na cidade de Corumbataí do Sul, Estado do Paraná. A Missão “Prestar assistência aos produtores de café, maracujá e outras frutas e participar do desenvolvimento regional”.

Formalmente a Cooperativa Agroindustrial de Corumbataí do Sul iniciou suas atividades em 2012 com sede no município de Corumbataí do Sul e uma filial em Godoy Moreira, com o ramo agroindustrial. A natureza do capital é associativa, com origem na cidade sede e está ligada a uma rede comercial e industrial com empresas de objetivos afins. Os produtos fabricados fabricação de polpa de frutas congeladas.

⁸¹ Carlos Alves de Souza, Gerente Geral da Coaprocor foi designado a participar da entrevista realizada em 30 de setembro de 2014.

A matéria-prima utilizada é a base de frutas *in-natura* de diversos sabores (maracujá, acerola, uva, morango, goiaba, melão, manga, entre outras). Esses produtos são oriundos dos associados da cooperativa.

A história da Coaprocor teve início em 17 de julho de 2009 com um grupo de 23 agricultores. Esses agricultores que já eram organizados em associação, passaram a unir força e comercializar seus produtos, bem como para ter acesso a financiamentos e créditos do governo, elaboração de projetos para captação de recursos, dentre outros.

Em 2011 a Coaprocor tinha cadastrado cerca de 500 associados em 13 municípios, Barbosa Ferraz, Godoy Moreira, Campo Mourão, Iretama, Nova Tebas, Arapuã, Reserva, Fênix, Jandaia do Sul, Jardim Alegre, São João do Ivaí, São Pedro do Ivaí e Prudentópolis (Figura 62). Em pouco mais de três anos o grupo passou para 800 associados, em 16 municípios do Estado do Paraná, incluindo os municípios de Pérola, Cândido de Abreu e Cruzeiro do Oeste, tendo em sua maior parte associados, do município de Corumbataí do Sul. E, finalmente em 2012 a Coaprocor inicia suas atividades comerciais e industriais para atendimento aos pequenos produtores associados.

O surgimento da Coaprocor, segundo o entrevistado tem uma história diferenciada de outras cooperativas, pois se trata de uma cooperativa de pequenos produtores rurais, com produtos alimentares, especialmente a produção de maracujá e, em segundo, em razão da sua origem vinculada à Associação dos Produtores Rurais de Corumbataí do Sul – APROCOR.

A escolha pelo segmento de atuação ocorreu como forma de dar uma nova dinâmica ao município e aproveitar as potencialidades do município com o plantio de frutas e em especial o maracujá, levando-se em consideração que o sistema cooperativista é uma forma de juntar a produção, industrializar e remunerar melhor e de forma mais justa para o produtor.

Na condição de uma empresa cooperativa a responsabilidade na administração é pelos associados eleitos em Assembleia Geral para formação diretiva com os Diretores Executivos (presidente, vice-presidente e secretário) e o Conselho de Administração e Conselho Fiscal para um mandato de quatro anos.

Geograficamente, a Coaprocor tem sua área atuação distribuída em 25 municípios abrangendo as mesorregiões: Centro Ocidental, Centro Sul, Noroeste e Campos Gerais. Os principais fornecedores estão localizados em: Corumbataí do Sul, Iretama, Barbosa Ferraz, Nova Tebas, Cândido de Abreu, Pérola, Cruzeiro, Reserva, São Pedro, e Ariranha do Ivaí. Os clientes potenciais da cooperativa estão às redes de supermercados, lanchonetes, restaurantes, escolas estaduais e escolas municipais que estão distribuídos em todas as regiões do Estado do Paraná e algumas regiões de São Paulo.

A Figura 62 permite a visualização geográfica das ações da Coaprococor como incentivadora do plantio de frutas e a transformação. Ela conta com um mix de produtos, os principais são o maracujá e o café cultivados no município e na região, outros produtos como o tomate, a uva de mesa e uva para sucos e vinhos, laranja, poncã, caqui, batata doce e pimentão vem ganhando volumes significativos de produção.

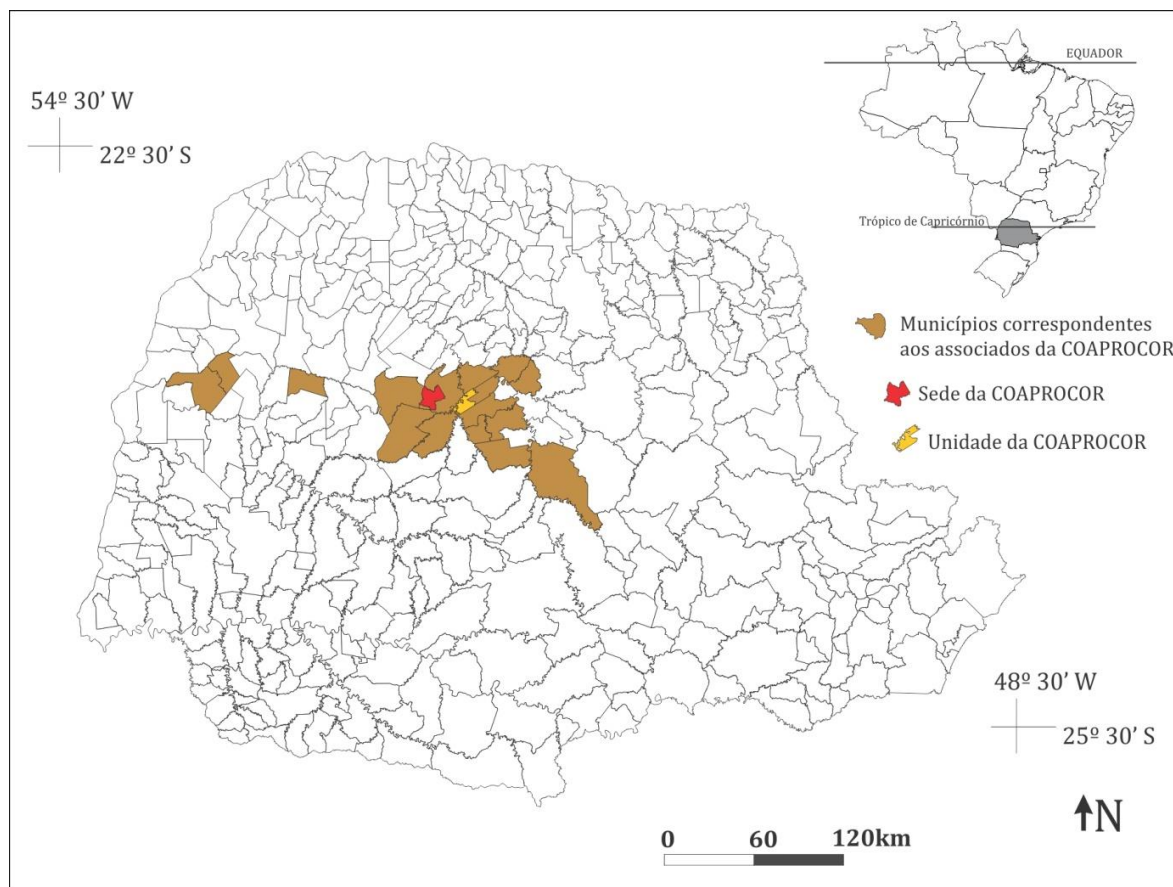


Figura 62: Estado do Paraná, Municípios com associados da Coaprococor

Fonte: Coaprococor, 2012 – Org.: Andrade, Áurea (2013).

A agricultura Familiar é a principal beneficiada pela Coaprococor, notadamente pela produção das culturas orgânicas que se elevam significativamente a condição de vida dos pequenos produtores, considerando também as características de relevo acidentado no município de Corumbataí do Sul.

Quando Benko (1993) faz seus questionamentos sobre onde estão as oportunidades de emprego, umas das respostas está definido na Figura (62) em que a instalação da Coaprococor com a inserção de novos investimentos industriais e novos empregos, além da cadeia de produção desde o plantio até a industrialização dos produtos.

Sobre o relacionamento da Coaprocor com o município de Corumbataí do Sul e da região quanto a gestão política é satisfatória, havendo entendimentos entre eles. Por parte da cooperativa existe uma expressiva contribuição com o poder público na forma de recolhimento impostos em geral.

De acordo com o entrevistado as vantagens recebidas no município e na região se resumem na boa conservação das rodovias que favorece o recebimento e o escoamento dos produtos. As desvantagens da indústria é a falta de mão-de-obra especializada.

Quanto à cooperação técnica na Coaprocor não há formalização com empresas, mas existem as parcerias com as Instituições de Ensino Superior de Campo Mourão: Unespar, UTFPR e Grupo Integrado Faculdade.

A cooperativa produz cerca de 70 mil quilos de frutas e polpas de frutas por mês. Com a venda dos produtos para a merenda escolar trouxe uma mudança radical na cidade. As frutas colhidas pelos pequenos agricultores do município seguem direto para as 2,5 mil escolas estaduais e conveniadas do Paraná. Com a valorização de mais de 60% nos preços animou os esses agricultores. Segundo o entrevistado, iniciamos a cooperativa, com comercialização do maracujá, porém a compra dos produtos pelo Governo do Estado abriu um leque de diversificação para outras culturas.

A maior dificuldade de mercado está em direcionar as vendas mais volumosas para o Governo (mercado institucional), que diminui espaço para aumentar as vendas para empresas privadas e esse é o maior desafio para os próximos anos. Essa necessidade de atingir novas demandas se faz oportuna pelos acirrados níveis de concorrência, principalmente com a Polpa Norte uma empresa localizada na cidade de Japurá na região Noroeste do Estado do Paraná, que tem uma variedade de mais de 30 sabores de polpa de frutas.

Em relação a merenda escolar, destacamos as entrevistas concedidas a Ocepar (2014) com os produtores Nelson Marques de Neira, João Batista Campos e Olavo Aparecido Santos. Neira se referia a segurança conquistada e conta que a compra dos produtos da agricultura familiar para a merenda escolar trouxe um novo ânimo para a cidade. “É muito interessante esse sistema da compra da merenda escolar, essa parceria do governo para manter os pequenos agricultores no campo. Antes a gente vivia na mão dos atravessadores e nosso produto não tinha valor”, explicou; enquanto Campos ressalta o poder de compra adquirido com a renda das duas colheitas de caqui que já entregou para a merenda escolar, comprou uma moto nova para se deslocar do sítio para a cidade e assegura “Antes eu vendia a caixa de caqui por R\$ 15,00 e R\$ 16,00 para o mercado normal. O preço agora está girando em torno de R\$ 40,00 a caixa. A vantagem é que entregamos toda a mercadoria para a merenda escolar

e não há perda, como acontecia com os mercados”. Por fim, Luciano sobrepõe a união dos agricultores e formar grandes quantidades de produtos para uma melhor comercialização, dizendo “Graças à cooperativa conseguimos fazer esse trabalho. Antes a gente trabalhava mais com a monocultura, mas agora diversificamos a produção e temos um preço melhor. Podemos arriscar em todos os sentidos. Se diversificarmos a produção, temos a garantia de comercialização, vamos saber que teremos produção e entrega o ano inteiro”.

Das dificuldades da agricultura familiar que leva a população rural dos municípios como Corumbataí do Sul, a perda populacional e de arrecadação enfraquecem as comunidades que necessitam de ações que venham reduzir essas perdas e medidas de aproveitamento dos recursos de produção transformados em produtos industrializados passam a ser uma saída para a população.

O gerente da Coaprocor pondera que graças à venda dos produtos para a merenda escolar foi possível construir a agroindústria em Corumbataí do Sul. O que antes tinha que ser vendido fora da cidade, e acabava não criando empregos no município, agora é transformado em Corumbataí do Sul, onde as frutas viram polpa. “Isso agrega valor e renda. Esse apoio do governo estadual ao cumprir essa política de comprar mais de 30% da agricultura familiar é muito importante para nós aqui do campo. Beneficia várias famílias e complementa a renda de todos. A agricultura familiar do Paraná tem ganhado muito com o fornecimento dos alimentos para a merenda escolar”, disse Carlos Souza.

Para a transformação de produtos primários em produtos industrializados, os bens de produção como máquinas e equipamentos são adquiridos de fornecedores de centros maiores como Maringá e Londrina.

A gestão do planejamento é feita através do orçamento anual. A empresa adapta sua linha produtiva de acordo com as demandas do mercado interno, pois a empresa não atua no mercado internacional. O entrevistado entende que as perspectivas de mercado para a Coaprocor é de crescimento de 20% a 30% ao ano.

Ela possui vínculos empregatícios regidos pela CLT, terceirizados, menor aprendiz, além de contar também com estagiários. A Coaprocor tem ao todo 65 funcionários. Sobre o perfil dos trabalhadores, a empresa opta por trabalhadores mais jovens e, preferencialmente estudantes trabalhadores.

Para os funcionários existe a disponibilidade de treinamento, com cursos em parcerias com as Universidades e cursos técnicos pelo sistema “S”. A empresa adota políticas de bonificação através de cartão alimentação e insalubridade e plano de carreira. A maior concentração de funcionários está na produção industrial com 35 trabalhadores que representa

58,33%. Os funcionários obedecem dois turnos de trabalho na produção e para a área administrativa em horário comercial (turno único).

A cooperativa passa por um contínuo processo de inovação na criação de novos produtos, em todas as áreas, não foi possível mostrar pontos específicos. A área industrial da empresa em alguns momentos recorre às linhas de crédito específicas para financiamento de sua produção, como por exemplo, Pronaf.

A empresa é associada da Fiep, Sesi, Sebrae, Sindicatos e ao sistema Ocepar. Sobre os aspectos relacionados a modernização e as certificações, por enquanto existe somente uma parceria com a UTFPR para apoio ao lançamento de produtos.

A Coaprocor estabelecida em pequena cidade da Mesorregião Centro Ocidental vem se transformando em referência industrial para os pequenos municípios, demonstrando que a produção é baseada integralmente na matéria-prima oriunda do próprio município. Esse procedimento mantém o homem no campo e cria mais empregos para a cidade de Corumbataí do Sul.

3.2.1.10 Indústrias e emprego nos municípios de Campina da Lagoa, Iretama, Janiópolis, Luiziana, Mamborê e Quarto Centenário.

Considerando os seis municípios da região com menor número de estabelecimentos industriais aqui também tomando por referência os registros na Fiep, elaboramos análise mais sintetizada, de forma que sejam contemplados nesse trabalho. Desses municípios que estão assim enquadrados, Campina da Lagoa e Mamborê tiveram alguma participação no mercado internacional.

As características e perfil de cada um dos seis municípios (Campina da Lagoa, Iretama, Janiópolis, Luiziana, Mamborê, Quarto Centenário) de menor expressão industrial da Mesorregião Centro Ocidental estão delineados da seguinte forma:

I - Campina da Lagoa a 82,9 km de distância de Campo Mourão, com população total de 15.394 habitantes, população urbana de 12.557 e População Economicamente Ativa (PEA) de 7.950 pessoas (IBGE-Censo 2010). Tem economia voltada à agricultura (grãos: milho, soja). No município existe agroindústria vinculada a Coagru (sede em Ubiratã) que promove o recebimento, beneficiamento, armazenamento de produtos agrícolas, fornecimento de bens de produção e industrialização de farinha de trigo com capacidade de moagem de 1.440 toneladas/mês; a C. Vale Agroindustrial Cooperativa (sede em Palotina) com recebimento,

beneficiamento, armazenamento de produtos agrícolas, fornecimento de bens de produção; além do laticínio: Cooperativa de Laticínio de Campina da Lagoa e Colari – Cooperativa de Laticínio de Mandaguari (PREFEITURA MUNICIPAL DE CAMPINA DA LAGOA, 2015).

II - Iretama a 62,9 km de distância de Campo Mourão, com população total de 10.622 habitantes, população urbana de 6.187 e População Economicamente Ativa (PEA) de 5.129 pessoas (IBGE-Censo 2010). As principais culturas do município de Iretama são: milho e soja. A base socioeconômica voltada para as explorações agropecuárias e tem na Coamo a principal empresa de recebimento da produção. As áreas não agriculturáveis dão lugar à criação de bovinos, equinos, suínos e ovinos, onde, se destaca a criação de bovinos que possui em média 45.000 cabeças. As indústrias de pequeno porte com atividades de matérias-primas oriundas da agropecuária local possuem significativo papel na economia de Iretama (PREFEITURA MUNICIPAL DE IRETAMA, 2015).

III - Janiópolis – a 46,4 km de distância de Campo Mourão, com população total de 6.532 habitantes, população urbana de 4.038 e População Economicamente Ativa (PEA) de 3.040 pessoas (IBGE-Censo 2010). A base socioeconômica voltada para as explorações agropecuárias e tem na Coamo a cooperativa a principal receptora da produção. As principais culturas do município são: milho e soja, enquanto as indústrias existentes são tradicionais e de pequeno porte.

IV – Luiziana – esta a 33,1 km de distância de Campo Mourão, com população total de 7.315 habitantes e população urbana de 4.756 e População Economicamente Ativa (PEA) de 3.434 pessoas (IBGE-Censo 2010). O município é caracterizado pela produção agrícola, produzindo em grande escala seja trigo, soja ou milho. No município está instalada uma Unidade da Coamo Agroindustrial Cooperativa (sede em Campo Mourão) que tem a responsabilidade de recebimento e armazenamento de grãos e composto por pequenas indústrias locais.

V – Mamborê – com 39,3 km de distância de Campo Mourão, com população total de 13.961 habitantes, população urbana de 8.984 e a População Economicamente Ativa (PEA) de 6.773 pessoas (IBGE-Censo 2010). No aspecto socioeconômico a principal atividade é a agricultura e as principais culturas são: soja milho e trigo. Enquanto que nas pequenas propriedades prevalece atividade leiteira e produção de grãos para uso na própria alimentação ou a comercialização no mercado local e pequenas indústrias. (IPARDES, 2014).

VI – Quarto Centenário - com 87,8 km de distância de Campo Mourão, com população total de 4.856 habitantes, população urbana de 2.912 e a População Economicamente Ativa (PEA) de 2.361 pessoas (IBGE-Censo 2010). Município com a agricultura, através do plantio da

soja, do milho e do trigo como sendo a principal economia local. No setor industrial com poucas indústrias e as existentes são de pequena escala. O comércio é pequeno e seu conjunto de empregos é predominante rural. No município duas grandes cooperativas, a Cooperativa Integrada e Coamo Agroindustrial Cooperativa, processam o recebimento e o armazenamento da produção agrícola dos produtores rurais de Quarto Centenário (IPARDES, 2014).

Apresentamos na sequência a síntese sobre o setor industrial referente aos municípios com menos de seis estabelecimentos industriais registrados na FIEP (Tabela 56).

Tabela 56: Campina da Lagoa, Iretama, Janiópolis, Luiziana, Mamborê, Quarto Centenário. Estabelecimentos industriais, produtos, tipo de comercialização e quadro de funcionários, municípios com até cinco indústrias, 2014

ESTABELECEMENTOS	PRODUTO	IMP.	EXP.	FUNC.
Campina da Lagoa Coagru Cooperativa Agroindustrial União	Soja Milho, Trigo, Farinha de Trigo, Trigo para quibe.	Não	Não	56
Iretama Indústria de Laticínios Bello Ltda.	Queijo	Não	Não	13
Indústria e Comércio de Laticínios Colmeia	Mussarela	Não	Não	10
Janiópolis Farinheira Bredópolis Ltda. ME	Polvilho	Não	Não	20
J. Harmatiuk & Harmatiuk Ltda. ME	Confecções em Geral	Não	Não	24
Luiziana Cerâmica Kiba SE Ltda.	Tijolos	Não	Não	40
Mamborê Indústria e Comércio de Pipocas Sorriso Ltda.	Pipocas, Pirulitos, Paçoca	Não	Não	22
Moinho Balestrin Ltda. – EPP	Farinha de trigo	Não	Não	40
POVH e POVH Ltda. ME	Esquadrias de metal	Não	Não	7
Quarto Centenário Integrada Cooperativa Agroindustrial	Cereais	Não	Não	22
Total de Funcionários	-	-	-	254

Fonte: Federação das Indústrias do Paraná – Cadastro Industrial do Paraná

O município de Mamborê com 69 empregos é a maior empregador no setor industrial, equivalente a 27,17% da totalidade de emprego da indústria desse grupo de municípios com até três empresas cadastradas na FIEP (2014). O Moinho Balestrin com 40 empregos é a que se apresenta com as maiores possibilidades de empregabilidade, seguido pela Indústria e Comércio de Pipocas Sorriso Ltda. com 22 empregos. O município de Campina da Lagoa com 22,05% de participação com uma única representante, a Coagru que emprega 56 pessoas (FIEP, 2014).

A diferença absoluta de empregos entre as indústrias de Mamborê (69) e Campina da Lagoa (56) é de 13 empregos, e na comparação com as demais indústrias desse grupo em análise essa diferença aumenta. Sobre o emprego nas localidades, o registro da indústria Cerâmica Kiba de Luiziana emprega 15,75% do total desse grupo (Figura 63).

A distribuição espacial dos estabelecimentos das indústrias está direcionada a indústria de alimentos, farinha de trigo, cereais, confecções, cerâmica e esquadrias de metal. As indústrias: Cerâmica Kiba de Luiziana e o Moinho Balestrin de Mamborê que juntos geram 80 empregos que corresponde a 27,49% dos empregos desse grupo de municípios.

As Cooperativas: Coamo, Coagru e Integrada tem o destaque principal com 78 empregos e corresponde a 30,71% da totalidade do emprego, ambas tem atuação nas cidades de Campina da Lagoa e Quarto Centenário. Destaca-se a comercialização de grãos e farinha de trigo (Tabela 56).

De acordo com FIEP, as indústrias das cidades de: Campina da Lagoa, Iretama, Janiópolis, Luiziana, Mamborê, Quarto Centenário não participaram de transações econômicas internacionais no ano de 2014. Ademais esses municípios são compostos por 11 estabelecimentos industriais registrados na FIEP conforme nível de distribuição na participação dos empregos por cidade (Figura 63).

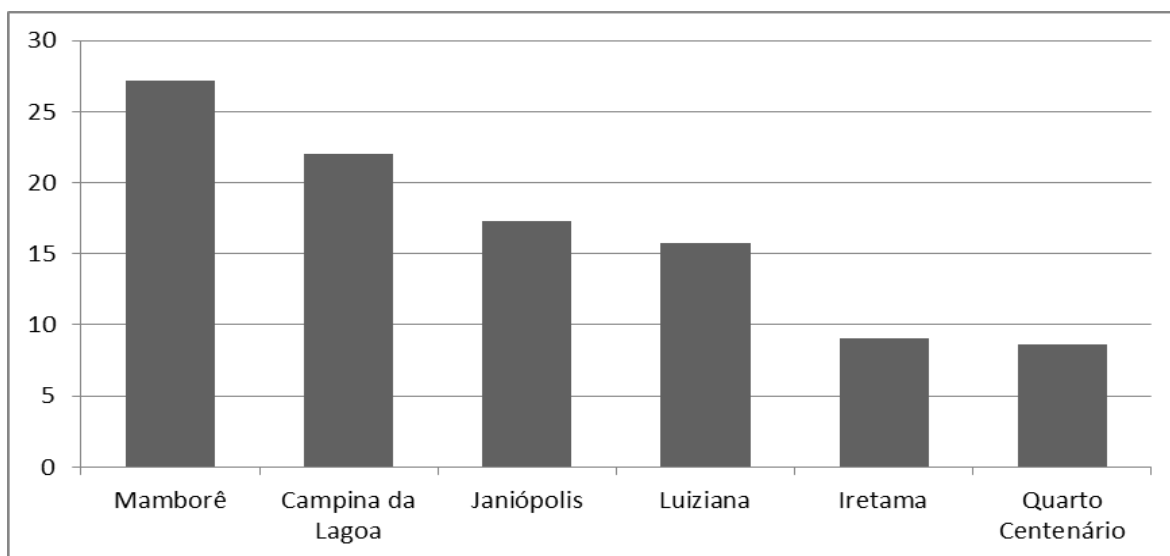


Figura 63: Municípios. Participação percentual no emprego dos estabelecimentos industriais de Mamborê, Campina da Lagoa, Janiópolis, Luiziana, Iretama e Quarto Centenário 2014

Fonte: Federação das Indústrias do Paraná – Cadastro Industrial do Paraná

Na totalização dos empregos dos municípios, Mamborê com 27,17% e Campina da Lagoa com 22,05% de participação abarcam cerca de 50% dos empregos do grupo desses municípios, enquanto Janiópolis, Luiziana, Iretama e Quarto Centenário praticamente assumem os 50% restantes (Figura 63).

Os municípios desse grupo tem suas economias baseadas na agricultura, mas também se apresentam com pequenas indústrias que vem permitindo a utilização de matérias-primas locais o que vem credenciando para a participação n mercado internacional.

Apesar da ausência de registros de transações econômicas internacionais pela FIEP em 2014, o município de Campina da Lagoa, segundo o MDIC (2015), através da Coagru e F S Favarão importaram produtos que somam valores de até US\$ 1 milhão cada uma, enquanto a C. Vale exportou valor de até US\$ 1 milhão entre os anos de 2012 e 2014, gerando um déficit da balança comercial no valor de US\$ 1,14 milhão (2012), US\$ 1,27 milhão (2013) e US\$ 535 mil (2014).

No município de Mamborê a C. Vale exportou entre US\$ 1 milhão até US\$ 3 milhões e a empresa Systematic Brasil. O saldo da balança comercial foi superavitário nos anos em que houve negócios internacionais (2000, 2001, 2003, 2004 e 2013). Os maiores superávits ocorreram nos anos 2001 (US\$ 925 mil) e 2013 (US\$ 1,12 milhão). Importações foram registradas nos anos de 2001 (US\$ 416 mil), 2004 (US\$ 64 mil), 2013 (US\$ 68 mil).

Entre os anos de 2011 e 2014 as empresas do município de Campina da Lagoa as importações tiveram suas origens a China e o Paraguai e as empresas do município de Mamborê com origens na Espanha e Croácia. Nas exportações os países Coréia do Sul e Estados Unidos (Campina da Lagoa) e China, Coréia do Sul e Malásia.

Finalizando essa análise sobre as indústrias da mesorregião, entendemos que exceto Campo Mourão, Araruna, Terra Boa, Ubiratã, Moreira Sales e Engenheiro Beltrão, nos demais municípios da região a participação é pequena. Do ponto de vista empresarial as unidades mais relevantes são a Coamo as sucroalcooleiras: Sabarálcool e Usina Santa Terezinha, a VRI, Colacril e Cristófoli, Líder, A J Rorato e as empresas avicultura: Tyson Foods (JBS) e Unitá que apresentam investimentos significativos motivado com a implantação de tecnologias modernas operando em sistemas integrados e pelas expectativas de exportação.

Existe uma inegável internacionalização, mostrando que a economia regional teve uma renovação quanto ao uso de tecnologia, investimento e configuração de mercado. Ao fazer essas ponderações, elas nos remetem ao entendimento de que a região de Campo Mourão não tem como explicar a perda de população por falta de desenvolvimento econômico suficiente, mas sim pelo tipo de investimento mais concentrado que tem se mostrado pouco absorvedor de mão-de-obra.

3.2.2 A indústria sob a ótica do desenvolvimento da Mesorregião Centro Ocidental

O acesso aos processos decisórios inseridos no contexto de uma sociedade participativa transcende aspectos exclusivamente da iniciativa privada e engloba também as discussões sociais e econômicas que venham contribuir para o desenvolvimento local e da região, trazendo questões e temáticas antes consideradas como não pertinentes aos interesses da sociedade regional.

No conjunto dos municípios selecionados, representando as prefeituras municipais da região estão: Campina da Lagoa, Campo Mourão, Corumbataí do Sul, Engenheiro Beltrão, Goioerê, Luiziana, Janiópolis, Boa Esperança, Farol, Moreira Sales, Peabiru, Quarto Centenário, Rancho Alegre, Roncador e Ubatã. Representando as associações comerciais e industriais da região estão os municípios de Altamira do Paraná, Barbosa Ferraz, Campina da Lagoa, Campo Mourão, Corumbataí do Sul, Janiópolis, Moreira Sales e Ubatã.

Elaboramos este item com base em diversos procedimentos, observações, referenciais teóricos e entrevistas concedidas⁸². Tais procedimentos ajudaram na reflexão sobre necessidades, demandas e orientações que permitam auxiliar nas escolhas de estratégias de crescimento e desenvolvimento das cidades.

Esse item não se refere ao objetivo central do trabalho, mas são preocupações que aparecem como decorrência do tema analisado. Procuramos sistematizar minimamente as inquietações que pudemos apreender no decorrer da pesquisa e sinalizadas pelos interlocutores que encontramos nas prefeituras e nas associações comerciais e industriais.

3.2.2.1 A participação das prefeituras municipais no processo de desenvolvimento da região

Abrangemos neste item também reflexões sobre a contribuição das indústrias para a economia dos municípios. Para a sociedade a relevância é a geração de emprego e renda que permite a circulação dos recursos nos municípios considerando a melhoria do poder aquisitivo das pessoas, além disso, o aumento da arrecadação com pagamentos de tributos diretos e indiretos com o repasse do ICMS, IPVA, entre outros. Como resultado positivo registrou ainda o crescimento populacional, absorção de novas tecnologias e qualificação profissional

⁸² As prefeituras de Campo Mourão, Goioerê, Janiópolis, Moreira Sales, Peabiru, Luiziana, Engenheiro Beltrão, Campina da Lagoa, Corumbataí do Sul, Ubatã, Farol, Quarto Centenário, Boa Esperança, Rancho Alegre D'Oeste e Roncador concederam entrevistas entre 16/07/2014 a 23/10/2014. As demais não se dispuseram.

dos trabalhadores. Segundo a Senhora Zilmara Gonçalves⁸³ da prefeitura de Corumbataí do Sul: uma localidade sem indústria poderá estar muito atrás no mercado e no processo da busca pelo crescimento e desenvolvimento econômico.

É comum que as prefeituras apresentem concessões ou facilidades para atrair os investimentos industriais. Sobre as contrapartidas dos municípios para a atração de novas indústrias, de modo geral as propostas encontradas são a doação de terrenos nos parques industrial ou outras áreas de interesse comum, isenção e/ou redução de impostos e taxas municipais em regime temporário. Observamos em partes anteriores que algumas industriais não mencionam ou não receberam esses incentivos, por isso essa parte apresenta a política existente e sinalizada pelos gestores públicos.

Deste modo, os incentivos e as alternativas são oferecidos, caso de Corumbataí do Sul que oferece programa de doação de terreno com edificação para instalação e equipamentos, acessórios para manutenção da atividade industrial e veículos para o escoamento da produção.

O município de Ubiratã tem como propostas de atração de investimentos industriais, alguns programas em andamento: aluguel por dois anos para novas indústrias; Lei de Cessão de Uso Real de terrenos e o Proubem – Programa Ubiratã Empresarial em fase de instalação, com o objetivo de incentivar e fortalecer a atividade econômica industrial, acrescentou o Senhor Antonio Magron⁸⁴.

Os municípios de Campo Mourão com Lei Pró-Campo, Peabiru com Leis de Incentivo Fiscais, Engenheiro Beltrão instituiu a Lei Progride – Programa de Geração de Renda, Industrialização e Desenvolvimento, para incentivar e fortalecer a atividade industrial, Quarto Centenário e Rancho Alegre D'Oeste com a Lei de incentivo a criação do polo de facção que além da isenção de tributos municipais, arca com pagamento de aluguéis para instalação das empresas pelo período de dois anos, prorrogado por igual período.

O objetivo dos municípios com a atração de empresas comerciais e industriais está voltado para geração de empregos e renda e aumentar a arrecadação municipal se constitui em alguns dos benefícios que ajudam o setor industrial para o desenvolvimento local. Essa ponderação pactuada pela Secretaria da Administração⁸⁵ de Engenheiro Beltrão, considerando que a cidade possuem uma indústria de grande porte a Sabarálcool que emprega milhares de pessoas, principalmente no corte da cana que ainda é manual na região.

⁸³ Zilmara Tatiane de Camargo Gonçalves, encarregada do setor de tributação da Prefeitura Municipal de Corumbataí do Sul, responsável pela entrevista realizada em 30/09/2014.

⁸⁴ Antonio Hideraldo Magron, Secretário de Desenvolvimento Econômico da Prefeitura Municipal de Ubiratã, responsável pela entrevista realizada em 23/10/2014.

⁸⁵ Verônica Tibério, Secretária da Administração da Prefeitura Municipal de Engenheiro Beltrão, responsável pela entrevista realizada em 22/10/2014.

Percebemos a existência de relações estáveis e conciliadoras, de modo geral, entre as indústrias e o poder público dos municípios. Apesar de existir em alguns municípios com um pouco mais de dificuldades, como argumenta o Senhor José Carlos Gomes,⁸⁶ do município de Campina da Lagoa, ele percebe que ainda está um pouco distante esse relacionamento, mas que estão tentando corrigir essa lacuna para que o município venha a adiantar os entendimentos para novas políticas industriais que venham estimular o desenvolvimento local.

Quanto as política dos municípios para o planejamento e desenvolvimento, obtivemos dos entrevistados o argumento de que primeiro precisam criar a confiabilidade, apoiar e incentivar os empreendedores locais e receber os novos investimentos industriais que vierem com o objetivo de criar novas frentes de trabalho. Municípios como Quarto Centenário e Rancho Alegre D'Oeste aprovaram Leis do Plano Diretor que contempla ações de desenvolvimento econômico, com foco na indústria, para isso a aplicação prática é essencial para avaliação dos resultados.

No município de Ubitatã instituir o Comitê Gestor do Programa Ubitatã Cidade Empreendedora, apoiado pelo SEBRAE-PR e formado por representantes de instituições dos setores empresariais, cooperativista, financeiro, filantrópico e público que têm atuação expressiva na região. Nesse sentido o município realiza encontros mensais e diversas soluções em favor do empreendedorismo já estão em funcionamento na busca do desenvolvimento econômico e social.

Para consolidação do desenvolvimento há necessidade de políticas específicas para ampliar a participação da indústria e oferecer a população uma melhor condição de vida. Neste sentido, Altair Casarin⁸⁷, em entrevista, retratou sobre o valor do planejamento para a promoção do desenvolvimento que necessita de diagnóstico econômico para identificar as carências da cidade para atração de investimentos. Segundo, ainda o entrevistado, o diagnóstico configurou Campo Mourão como uma cidade polo regional e comprovou o agrupamento da matriz econômica nos setores da agropecuária e comércio e serviços.

O município de Campo Mourão é bem posicionado geograficamente, mas para atração de investimentos mais qualificados para o setor industrial há necessidade de disponibilizar melhores condições como infraestrutura e logísticas para tornar o município capaz de motivar novos investimentos que beneficiem as condições socioeconômicas.

⁸⁶ José Carlos Gomes, Secretário de Governo da Prefeitura Municipal de Campina da Lagoa, responsável pela entrevista realizada em 02/08/2014.

⁸⁷ Altair Casarin, Secretário da Administração e Fazenda da Prefeitura Municipal de Campo Mourão, responsável pela entrevista realizada em 16/07/2014.

Enquanto as políticas industriais são mais definidas nas regiões de Curitiba, Londrina, Maringá, Ponta Grossa e Cascavel/Toledo, os municípios da Mesorregião Centro Ocidental ainda carecem de uma organização nesse sentido. Pelo que vimos nas entrevistas e pela vivência de região, poucos municípios estão se preocupando de forma mais clara e com objetivos traçados para a preparação de infraestrutura adequada para suportar os investimentos e as expectativas sobre os resultados que o setor pode proporcionar para melhoria da condição de vida da população.

Os grandes investimentos industriais nas cidades que mais destacam na região tiveram pouca participação do setor público apesar de existir bom relacionamento. Os programas de desenvolvimento econômico se restringem as cidades de Campo Mourão e Ubitatã. Como na região existem municípios e empresas que vem se fortalecendo na produção industrial, entendemos que com as parcerias entre os gestores públicos e privados e a sociedade em geral venham se concretizar, mesmo sabendo das dificuldades econômicas nacional e internacional que exigem cuidados nas tomadas de decisões.

3.2.2.2 A indústria e o desenvolvimento da região sob a ótica das associações comerciais e industriais

As associações comerciais e industriais⁸⁸, de maneira geral, estabelecem como missão, o fortalecimento socioeconômico do município, discutindo os interesses comuns dos seus associados, traçando estratégias de ações em busca de melhores resultados para os mesmos, preservando os interesses do empresariado, estabelecendo inclusive parcerias com demais entidades representativas da sociedade e poder público e o seu principal compromisso é com o desenvolvimento econômico do município.

Como contribuição as associações comerciais e indústrias estão na responsabilidade de ajudar no fortalecimento da economia local e regional, promovendo condições, juntamente com a sociedade civil e o poder público, para geração de emprego, renda e investimentos nos setores econômicos. O presidente da Associação Comercial e Industrial de Campo Mourão

⁸⁸ Associações Comerciais e Industriais dos municípios de Campo Mourão, Moreira Sales, Altamira do Paraná, Campina da Lagoa, Barbosa Ferraz, Janiópolis, Corumbataí da Sul e Ubitatã concederam entrevistas entre 29/07 a 23/10/2014. Todas as associações da região foram previamente consultadas.

(Acicam)⁸⁹, disse que uma contribuição é o programa Acorda Comcam que visa aumentar a representatividade política para Campo Mourão e região.

As associações, internamente promovem ações, como seminários, *workshop*, feiras e palestras para melhorar o desempenho dos associados e contribuir direta e indiretamente com o município, através de pagamentos de taxas, impostos para aumento da arrecadação municipal.

Quando perguntamos se o município poderia estar mais bem desenvolvido, obtivemos a resposta unânime em afirmar que o município poderia estar em outro patamar de desenvolvimento se fosse mais industrializado. Nesse sentido, em entrevista a Acicam, seu presidente citou a falta de integração das elites e lideranças locais como ponto comum ao fortalecimento da cidade e políticas mais contundentes para atrair investimentos e promoção da imagem da cidade. A presidente da Associação Comercial e Empresarial de Campina da Lagoa⁹⁰ justificou as dificuldades locais em encontrar o caminho do desenvolvimento, isso porque o município tem grande dificuldades para atrair investimentos que ajudem na geração de empregos, quando isso não acontece a população economicamente ativa acaba tendo que sair do município para trabalhar em outras cidades, especialmente nos frigoríficos de frango da região.

Edivaldo Nascimento, presidente da Associação Comercial e Industrial de Janiópolis, município com população total de 6.500 habitantes, disse que um município de menor porte, sofre com a falta de recursos e com a concorrência com os municípios maiores, com isso a dificuldade de manter a renda dentro da cidade são grandes, pois acaba fluindo para outras cidades ou regiões que tenham melhor infraestrutura para absorção de capital e população.

As dificuldades da busca exercida pelos municípios da região de uma inserção econômica esbarram na falta de planejamento estratégico, nos investimentos mais localizados, no nível de desigualdade regional, esvaziamento populacional, integração local e regional com entidades e sociedade em geral, além da necessidade de uma representatividade política mais eficaz e capaz de conter interesses contrários e alavancar o desenvolvimento local e regional.

⁸⁹ Newton Leon, Presidente da Associação Comercial e Industrial de Campo Mourão, que concedeu entrevista em data de 23/10/2014.

⁹⁰ Luciana Rak Bueno, Presidente da Associação Comercial e Empresarial de Campina da Lagoa, concedeu entrevista em 08/10/2014.

O presidente da Associação Comercial e Industrial de Ubiratã⁹¹ lembrou que a falta de investimento no setor empresarial e industrial é uma das causas principais do desenvolvimento tardio. Assim creditamos que faltou a integração das lideranças para fortalecer as buscas de investimentos públicos e privados e de apresentar as potencialidades da cidade.

Em relação ao aproveitamento das vantagens geográficas, os entrevistados foram quase unânimes em dizer que os municípios aos quais representam não estão sabendo utilizar dessas vantagens ou com aproveitamento mínimo, citamos o caso de Campo Mourão com o entroncamento rodoviário que liga o Estado do Mato Grosso do Sul ao Porto de Paranaguá, assim como o tráfego entre as cidades de Londrina e Maringá com destino a Cascavel e Foz do Iguaçu e para o Paraguai e Argentina.

Em municípios como Corumbataí do Sul, Roncador e Iretama as estruturas e o relevo que dificultam a diversificação de plantio de culturas mecanizadas acabam sendo prejudicados de certa forma no aproveitamento das condições geográficas, porém, o município de Corumbataí do Sul, em 1997 com a instalação da Aprocor e transformada na Coaprocor em 2012 vem quebrando paradigmas com a industrialização de produtos derivados das frutas, especialmente o maracujá.

Oswaldo Menon considera que o município de Ubiratã aproveitou as vantagens geográficas e justifica pela instalação da Unitá com o abatedouro de aves que se deveram as proximidades com Cascavel e Toledo dois dos principais municípios da Mesorregião Oeste.

Oportuna declaração do presidente da Associação Comercial, Industrial e Agropecuária de Altamira do Paraná⁹² quando disse que o município não soube aproveitar as vantagens geográficas até por falta de conhecimento das potencialidades e recursos a explorar em vários segmentos.

Em Janiópolis foi destacada a dificuldade de uma pequena localidade que fica a margem de rodovia. Nas palavras presidente da Associação Comercial e Industrial de Janiópolis⁹³: [...] todo o progresso passa pela BR e vai embora, já que a nossa cidade tem um nível baixíssimo de industrialização. Seria estratégico trazer indústrias para a nossa cidade, considerando a facilidade de escoamento de produtos, e investir mais no pequeno agricultor já que a nossa região é muito propícia para o plantio.

⁹¹ Oswaldo Menon, Presidente da Associação Comercial e Industrial de Ubiratã, concedeu entrevista em 15/10/2014.

⁹² Eduardo Campos, Presidente da Associação Comercial, Industrial e Agropecuária de Altamira do Paraná, concedeu entrevista em 29/07/2014.

⁹³ Edivaldo Nascimento, Presidente da Associação Comercial e Industrial de Janiópolis, concedeu entrevista em 19/10/2014.

A política regional é contestada pelos entrevistados e por isso as interferências políticas foram consideradas inexpressivas e insuficientes para reverter a realidade local e regional. Contudo, existe o reconhecimento de que elas podem ser diferentes e apoiar condições de desenvolvimento.

As pequenas cidades que não foram incluídas no *ranking* das mais industrializadas estão ficando mais distanciadas do processo industrial, acreditamos que pela falta de maior integração regional que poderia dar uma vertente diferente para o desenvolvimento local e da região com o aproveitamento das potencialidades intrínsecas a cada município.

Políticas públicas para incentivar e atrair novos investimentos, foram mencionadas somente nos municípios de Campo Mourão com os projetos Pró-Campo e em Ubitatã com o Projeto Condomínio Empresarial. O município por Lei Municipal não pode oferecer infraestrutura gratuita para instalações industriais.

Nos pequenos municípios, como Corumbataí do Sul, Altamira do Paraná, Barbosa Ferraz e Janiópolis ainda não possuem estrutura para atração de novos investimentos, como destacou o Senhor Eduardo Campos que o município Altamira do Paraná não tem estrutura para expansão da área industrial, não há incentivo e isenções de impostos ou outros estímulos para a implantação de indústrias. Do mesmo modo, Marcos Vedovoto⁹⁴ de Barbosa Ferraz destacou e lamentou pela falta de parque industrial.

É, portanto plausível a aplicação de políticas industriais mais claras e mais atrativas para os novos investidores. Não sendo possível a vinda de médias e grandes indústrias, relevante seria a instalação de pequenas indústrias que podem criar visibilidade para atrair outras indústrias e criando uma cultura industrial sem interferir no crescimento dos demais setores econômicos.

Igualmente os entrevistados reconheceram que ações da gestão poderiam mudar o panorama econômico, social e melhoraria da renda *per capita*, entre outros fatores de vinculados ao desenvolvimento Nesse sentido Luciana Rak, da cidade de Campina da Lagoa, entende que deveria haver um estudo e levantamento das riquezas regionais bem como do potencial agrícola e pecuário para a implantação de políticas de desenvolvimento industrial considerando dados técnicos e perspectiva de continuidade elevando assim a geração de empregos e o IDH-M.

O presidente da Associação de Campo Mourão entende que com a melhoria dos indicadores sociais e sua expansão, os municípios podem promover mudanças significativas

⁹⁴ Marcos Vedovoto, Presidente da Associação Comercial de Barbosa Ferraz, concedeu entrevista em 05/11/2014.

no perfil socioeconômico e com essa dinâmica o fortalecimento e a vinda de indústrias levarão a instalação de empresas industriais e comerciais criando possibilidades para aumento da arrecadação de impostos, emprego e renda. Enquanto isso, Osvaldo Menon reforça essa ideia, pois aumentaria a empregabilidade, melhor rentabilidade e melhor qualidade de vida, pois quanto mais forte o setor industrial melhor desenvolvido estará a nossa região.

Sobre as colocações dos presidentes das associações comerciais de Campo Mourão e Ubitatã entendemos que os municípios da região apresentam indicadores sociais que devem ser melhorados, tais como, a diminuição da exclusão social, a elevação da alfabetização, a redução da perda populacional que se transformam em parâmetros de grande relevância para as mudanças nas condições de vidas da população que refletirão na formação de possibilidades de atração de indústrias e a correspondente inserção de outros setores econômicos que dariam uma nova postura de emprego e renda melhor distribuída na região.

Nas hipóteses das comparações, o Senhor Marcos Vedovoto referenciou sobre a dinâmica do segmento industrial têxtil das cidades de Cianorte e Terra Boa que se expandem ano após ano que contam com apoios para o desenvolvimento das atividades.

Para os entrevistados os grandes problemas que vem segurando o desenvolvimento regional se concentram na ausência de representatividade e vontade política, nas disputas desnecessárias e manipulações políticas, planejamento de médio e longo prazo, gestão municipal e perda de população. Sobre os problemas encontrados, alguns depoimentos são marcantes como é o caso de um dos municípios selecionados onde existia uma empresa de ônibus que atendia toda a região e, quando surgiu a oportunidade de avançar as fronteiras da região, com itinerário até a capital do Estado, as forças políticas se mobilizaram e a empresa local foi derrotada, entrando uma empresa de outro município para fazer esse tipo de transporte.

A falta de planejamento de no mínimo em médio prazo e que a gestão pública municipal se constituiu em um sério problema local e regional nas últimas décadas, com grandes obras postergadas nas proximidades das eleições. Newton Leal enfatizou que o problema da política é tão sério que projetos viáveis propostos pela oposição sofrem retaliações para execução prejudicando sobremaneira o processo de desenvolvimento local e até regional por ser o município polo. Para Newton Leal faltou planejamento estratégico, profissionalismo na condução dos interesses do Município e representatividades políticas. Enquanto isso, Edivaldo Nascimento, da Associação de Janiópolis, preocupado afirma que [...] como se houvesse barrado a vinda de fábricas e empresas para fortalecer o município.

Buscando respostas sobre como seria a cidade e a região caso ela fosse mais industrializadas os entrevistados foram unânimes em afirmar que os municípios poderiam vislumbrar novos horizontes com a instalação de mais indústrias, como disse Osvaldo Menon: se a cidade e região fossem mais industrializadas, por certo haveria mais opções de estudo, lazer, médicos especialistas e melhor distribuição de renda. Constantina Franco⁹⁵ atribui que teríamos mais desenvolvimento com maior número de empregos e aumento populacional e deixaríamos de exportar nossos jovens para centros maiores, a renda familiar aumentaria e com isso o comércio se fortaleceria. Para Newton Leal haveria uma maior concentração de renda regional e o aumento de mão-de-obra especializada e a demanda por novos profissionais seria uma consequência. Além de tudo, o município teria uma exposição mais ampla para mercado interno e externo e por certo a paisagem da cidade e da região seria um reflexo dessa nova dinâmica.

Em três dos municípios de baixa população regional, algumas ponderações foram destaques nas entrevistas, por exemplo, Eduardo Campos, da Associação de Altamira do Paraná retratou que se o município fosse mais industrializado teríamos maior desenvolvimento e geraria mais oportunidades de emprego, pois por falta de política industrial muitas pessoas que foram embora do município a procura de emprego e renda”. Alexandre Morello, da Associação de Corumbataí do Sul⁹⁶ destaca perdas do capital humano e prossegue dizendo com uma cidade mais industrializada a oferta de emprego na linha de produção seria maior e o município seria mais bem desenvolvido.

Sobre a relevância da industrialização do município e da região, Luciana Rak, Associação de Campina da Lagoa destacou bem essa vantagem dizendo que basta surgir grandes obras, como o caso das barragens, para a chegada de novos moradores e o incremento econômico no comércio local, além de aluguéis, matrículas em escolas particulares etc., ou seja, se ao invés de uma empresa passageira tivéssemos indústrias essa realidade seria uma constante.

Entre os estudos que move o processo industrial e o emprego, considerando a realidade geral de que com a automação a indústria emprega cada vez menos, isto é máquinas e equipamentos que proporcionam maior produtividade com a utilização de menor número de mão-de-obra. Pelo que vem demonstrando os dados de emprego, na região o setor tem sido ainda grande empregador, devido que na maioria de suas fábricas permanecerem entre baixa e

⁹⁵ Constantina Franco, Presidente da Associação Comercial de Moreira Sales, concedeu entrevista em 06/08/2014.

⁹⁶ Alexandre Morello, Presidente da Associação Comercial e Industrial de Corumbataí do Sul, concedeu entrevista em 13/08/2014.

média intensidade tecnológica e, por isso ainda é justificado as expectativas dos gestores quanto ao volume de emprego e desdobramentos das externalizações geradas a partir da indústria.

Sobre a questão do esvaziamento populacional dos municípios e da região tem causado desestímulo no comércio regional e o desinteresse na implantação de indústrias, ante a ausência de mão-de-obra e as que restam serem desqualificadas sendo essa a expressão dos municípios mais afetados evasão da população.

Em municípios que dependem mais de mão-de-obra, principalmente nas atividades de facção e corte de cana-de-açúcar, a saída de trabalhadores mais qualificados acaba trazendo desconforto e prejuízos para o comércio em geral, ao passo que em outros municípios a agricultura familiar era a forma de segurar a população na área rural, com a perda de população abre espaço a agricultura de grande escala e reduz os níveis de emprego que tem causado atraso no desenvolvimento local e na região.

No município de Altamira do Paraná que um dos municípios mais pobres da região, a questão do esvaziamento é vista com muita preocupação, devido ao encerramento de atividades de algumas empresas e a desmotivação da população que reflete na saída de profissionais qualificados (geralmente ficam aqueles que estão em começo de aprendizagem).

Os municípios de Campo Mourão e Ubitatã que juntamente com Goioerê são os mais populosos da região também passaram por declínio e estagnação populacional. Todo esse fenômeno que afetou diversos municípios da região representa um desafio a ser superado pela sociedade em geral e em especial pelos gestores públicos e privados. Nesse processo fica a marca de que outros desdobramentos de estagnação, como a perda de centralidade e atividades econômicas que se encerram precocemente implicam em modificações nos repasses constitucionais como FPM que está vinculado ao volume demográfico de cada município.

Esses depoimentos nos levam a pensar a região a médio e logo prazos capaz e traçar a espacialidade territorial com aproveitamento das riquezas e paisagens existentes em todas as áreas para projetar o crescimento e em seguida o desenvolvimento econômico com ajuda da sociedade regional. A transformação das matérias-primas em produtos industrializados que agregam valor é uma das fontes de desenvolvimento econômico e capacitação dos trabalhadores para o exercício das atividades que exigem um pouco mais de qualificação profissional e melhorias salariais.

3.2.3 A presença industrial na Mesorregião Centro Ocidental

Considerando referenciais teóricos, dados estatísticos e pesquisas primárias utilizados ao longo das partes da pesquisa realizada para a elaboração dessa tese, procuramos apresentar essa síntese.

Inicialmente, observamos que as indústrias da região apresentam diversificação em segmentos, apesar da estrutura mais direcionada para a agroindustrialização aproveitando as características da própria região, reforçada pelas três grandes cooperativas sediadas em Campo Mourão e Ubitatã (Coamo, Coagru e Unitá) que possuem atividades de relevância produtiva diversificada no setor industrial, além de outras grandes cooperativas de produção caso da Integrada (Londrina) e da C Vale (Palotina).

Na região estão inseridos diferentes tipos de indústrias, no entanto, as atividades predominantes estão na produção alimentícia com derivados da cultura da soja, a avicultura, têxtil e ramo sucroalcooleiro que utilizam matéria-prima da produção agropecuária desenvolvida na região. A maior parte dessas empresas está enquadrada na indústria tradicional, porém, a média-alta intensidade tecnológica está presente na fabricação de margarina e óleo da soja, moinhos de trigo, nas usinas de açúcar e álcool e nos abatedouros de aves.

As agroindústrias estão instaladas em locais estratégicos, perto das fontes de matérias-primas, nas áreas de produção pecuária e avicultura. Portanto, podemos afirmar que são indústrias caracteristicamente de áreas não metropolitanas, já que demandam grandes extensões de terras para o cultivo das matérias-primas, bem como os estabelecimentos industriais são extensos e demandam grandes áreas de solo industrial.

Grandes indústrias como as Usinas Sabarálcool e Santa Terezinha e os abatedouros Tyson e Unitá são as mais empregadoras da região, não obstante a tecnologia utilizada no processo produtivo das fábricas, o sistema de produção detém cerca de $\frac{3}{4}$ dos trabalhadores em funções que exigem menos qualificação técnica e educacional.

As indústrias da região estão distribuídas em pequenos e médios centros urbanos, áreas rurais e distritos. No entanto, a concentração das indústrias da região está localizada em áreas urbanas. As cidades que concentram as indústrias são: Campo Mourão, Araruna, Terra Boa e Engenheiro Beltrão, da microrregião de Campo Mourão e as cidades de Ubitatã, Goioerê e Moreira Sales, da microrregião de Goioerê. Além dessas cidades, os municípios de Barbosa Ferraz, Corumbataí do Sul, Mamborê e Peabiru estão se desenvolvendo no setor industrial.

Um dos fatores marcantes para o desenvolvimento industrial região é o potencial tecnológico seguido pela Cristófoli Biossegurança de Campo Mourão que como já mencionamos ela é mantenedora da Fundação Educere que tem a função de criar novos empreendedores voltados a produção de alta intensidade tecnológica formada por empresas industriais que passaram por um processo contínuo de incubação e formação de novas indústrias na área da saúde. O mesmo ocorreu com indústrias instaladas na cidade de Araruna no segmento de produção de máquinas e equipamentos na produção de média e alta intensidade tecnológica.

A cidade de Campo Mourão se beneficiou do processo de desconcentração industrial, principalmente do Estado de Paulo, se resumindo as empresas Colacril Auto Adesivos Paraná Ltda. e VRI - Soluções em Tecnologia e que iniciaram suas atividades no Estado de São Paulo, motivadas por incentivos fiscais e políticas de atração de investimentos industriais se instalaram em Campo Mourão nos anos de 1999 e 2003, respectivamente. Como são poucas empresas que chegaram via desconcentração industrial, essas constatações nos remete ao entendimento que o capital de um número grande de indústrias da região é de origem local ou regional.

Os incentivos para atração de indústrias na região estão diretamente ligados aos benefícios fiscais oferecidos pelos municípios mais o conjunto de infraestrutura e logística necessárias para promover a circulação de mercadorias, capitais e pessoas, além das vantagens geográficas para acesso ao território dos países membros do Mercosul e a condição geoeconômica favorável da região.

Mesmo com predomínio da indústria mais tradicional na região, ao longo dos anos outros segmentos se inseriram nesse processo com o setor industrial absorvendo indústrias com tecnologia mais avançada. Dessa forma, algumas indústrias das cidades de Araruna, Campo Mourão, Corumbataí do Sul e Ubiratã mostram uma nova tendência de produção com indústrias de perfis tecnológicos de tecnologia mais intensa. Ainda assim, como foi possível observar na primeira parte do trabalho, essas modificações não projetam significativamente a região no cenário paranaense, porque os dados mais significativos industriais com maior intensidade tecnológica e com volumes financeiros mais expressivos prosseguem predominantemente na Região Metropolitana de Curitiba.

Conforme dados mencionados durante essa pesquisa, os volumes financeiros que abrange a economia da região são significativos e com participação tanto no mercado interno como externo, nesse último tipo de mercado se destacam as empresas Coamo, Tyson,

Dudalina, Sabarácool e Unitá, notadamente, a Coamo que está em um patamar superior as demais, conforme *ranking* paranaense das empresas exportadoras mostrado nessa parte.

Como forma de avaliação regional, analisamos comparativamente entre o paradoxo dos altos volumes de produção, financeiro, a participação da indústria no valor adicionado bruto a preços básicos (PIB por setor) e principalmente no valor adicionado fiscal, além das condições de uma região considerada das mais deprimidas do Estado e em declínio demográfico. Assim, durante a presente pesquisa, constatamos a baixa participação industrial nos resultados econômicos da região, em termos de quantidade de estabelecimentos e municípios industrializados. Essa realidade acentua a tendência de decréscimo demográfico existentes em municípios da região com as modificações agrícolas.

Considerando esses decréscimos demográficos da região que vem ocorrendo sistematicamente ao longo das últimas décadas, entendemos que as implicações socioespaciais as transformações econômicas e o perfil industrial da Mesorregião Centro Ocidental, reveladas em maiores oportunidades no mercado de oportunidades de emprego que enfatizamos no decorrer desse trabalho, são elementos explicativos dos desdobramentos demográficos que continuam a oscilar entre uma pequena concentração no município de Campo Mourão e o esvaziamento populacional da maioria dos municípios.

Endlich (2006) retrata bem essas alterações, argumentando que:

Se as mudanças na agricultura trouxeram ampla subtração demográfica por toda a região, sobretudo entre as décadas de 1970 e 1990, observamos que a partir da década de 2000 o processo não se esgotou e que o declínio demográfico na maioria dos municípios continuou. A explicação dessa pertinaz situação na região está articulada ao desenvolvimento do Estado, tal como ele se apresenta, confirmado o modesto papel das cidades menores quanto às atividades industriais, em especial no que se refere à geração de empregos melhor remunerados (ENDLICH, 2006, p. 141).

No território da Mesorregião Centro Ocidental, os municípios de Campo Mourão, Araruna, Peabiru e Terra Boa possuem crescimento demográfico significativo, quando comparados com os demais municípios da região. Os municípios de Campo Mourão e Terra Boa apresentaram taxas de crescimento populacional equivalentes em aproximadamente 8% entre 2000 e 2010.

Os municípios demograficamente menores na mesorregião são os que apresentam taxas de crescimento negativas. Somente quatro municípios apontaram crescimento populacional que podem ser considerados demograficamente estáveis ou com baixo

crescimento anual, pois, tomando por base o recenseamento de 2010, apenas um município com população acima de 50 mil habitantes.

A dinâmica demográfica da Mesorregião Centro Ocidental, mediante o contexto econômico assinalado, mostra que entre 2000 e 2010 significando que 84% dos municípios da região perderam população (Figura 64).

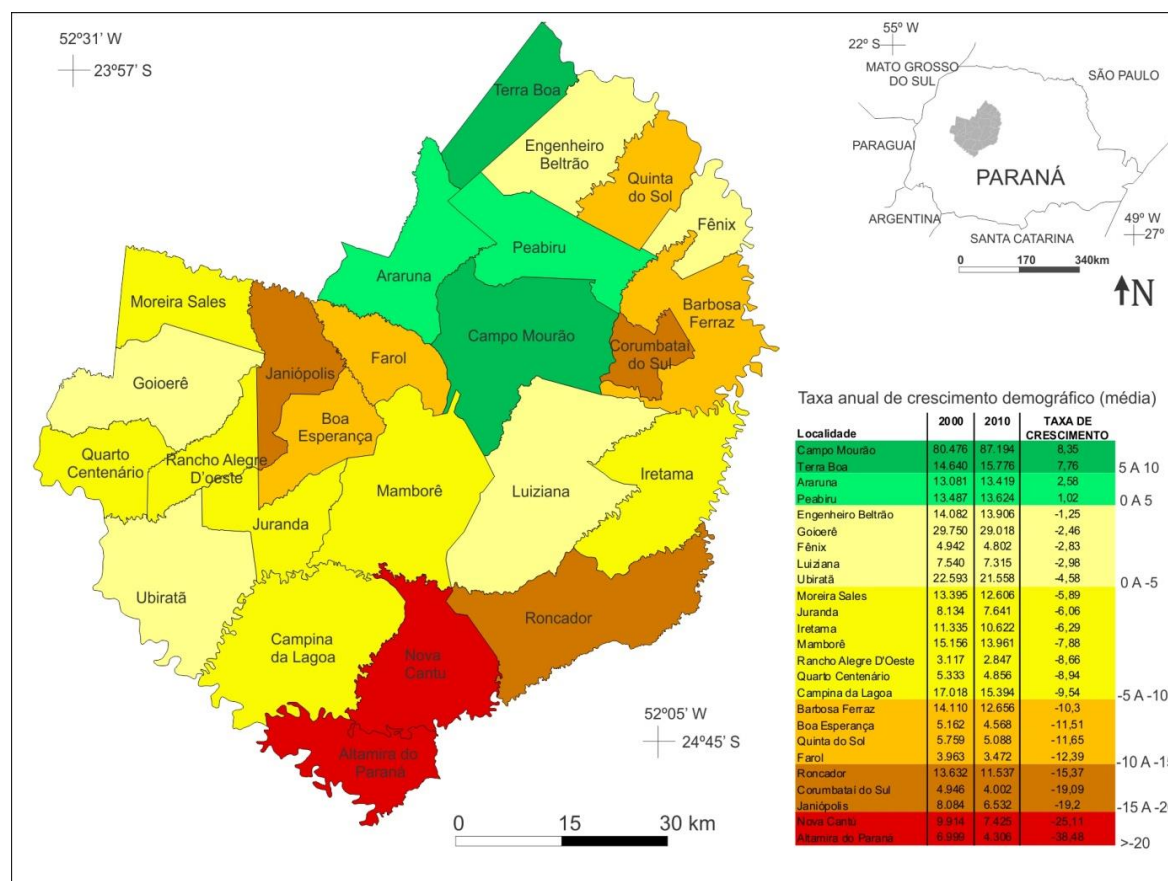


Figura 64: Mesorregião Centro Ocidental. Taxas de crescimento demográfico, 2000-2010

Fonte: IBGE. Censos demográficos de 2000 e 2010

Verificamos que houve uma persistência no declínio demográfico, embora menores em relação às décadas anteriores, levando-se em consideração que alguns municípios que também estão em áreas com maiores dificuldades econômicas, tendo em vista suas características naturais, principalmente a qualidade do solo e o relevo.

As maiores perdas de população da região, ocorreram nos municípios de Roncador, Corumbataí do Sul e Janiópolis. Esses municípios se enquadram nas dificuldades encontradas na utilização do solo devido o relevo não favorável, principalmente para a mecanização da agricultura.

A Tabela 57 mostra as quantidades de municípios por classe de habitantes com a finalidade de mostrar o declínio demográfico no período 2000-2010.

Tabela 57: Mesorregião Centro Ocidental. Quantidade de municípios com declínio demográfico por classes de municípios, 2000-2010

CLASSES DE MUNICÍPIOS (HABITANTES)	NÚMERO DE MUNICÍPIOS		TAXA DE CRESCIMENTO (%)
	EXISTENTES	EM DECLÍNIO DEMOGRÁFICO	
Até 5 mil	7	7	100
De 5 mil a menos de 10 mil	5	5	100
De 10 mil a menos de 20 mil	10	7	70
De 20 mil a menos de 50 mil	2	2	100
De 50 mil a menos de 100 mil	1	0	-
Total	25	21	84

Fonte: IBGE, Censo Demográfico 2010.

No período 2000-2010 os dados apontam que em 84% dos municípios da Mesorregião Centro Ocidental houve redução de população entre esses municípios quatro perderam população urbana⁹⁷, inclusive. Dados indicam que existe a mesma tendência nas classes de municípios com até 20 mil habitantes que possuem percentuais de declínio demográfico, ou seja, em 95,45% desses municípios houve migração das pessoas para outros centros maiores, notadamente para RMC. Com os municípios entre 20 e 50 mil habitantes, o percentual é menor, embora o número de municípios desta categoria se constitua de apenas dois municípios (Goioerê e Ubiratã) ambos perderam população.

O município de Campo Mourão que está em faixa demográfica com mais de 50 mil habitantes não apresenta indicadores de decréscimo populacional, indicando acréscimos demográficos, revelando o reverso do processo de esvaziamento, a concentração, absorvendo habitantes que saem dos municípios demograficamente menores, ocorrendo nesse município uma centralidade para a região.

O grande problema da região, levando-se em conta as contradições, é de que são poucos os municípios e empresas que tiveram avanços mais relevantes na economia. Os municípios de Campo Mourão, Araruna, Terra Boa, Engenheiro Beltrão, Ubiratã e Moreira Sales exercem um peso maior na região pelo nível mais alto de industrialização em detrimento aos demais municípios, no entanto eles representam 28% dos municípios da

⁹⁷ Conforme levantamento elaborado sobre diminuição de população urbana, foi a seguinte - entre 1991-2000: sete municípios e entre 2000-2010: quatro municípios. Ao todo, dos 25 municípios, 11 tiveram redução de população urbana em um dos períodos analisados.

mesorregião. No conjunto, as dificuldades das pequenas cidades com baixíssimo poder industrial é algo inexorável o que faz transparecer o baixo nível de crescimento e desenvolvimento econômico e social delas.

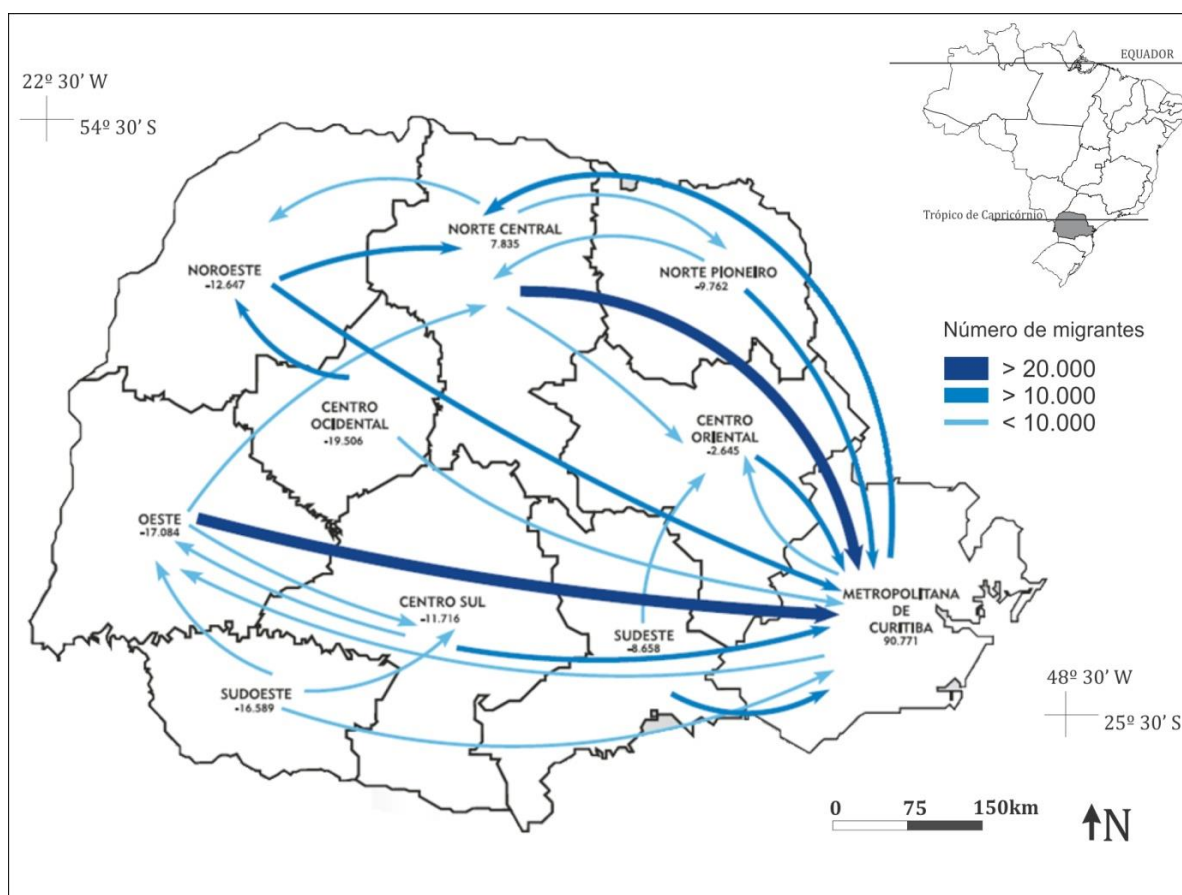


Figura 65: Paraná. Fluxos migratórios intermesorregionais no Paraná 1995/2000

Fonte: Ipardes, Os Vários Paranas (2005).

Especificamente sobre o esvaziamento populacional da região, em todas as mesorregiões do interior do Estado apresentaram fluxo migratório com destino preferencial para a RMC (Figura 65). Esta afirmação reitera o que sinalizamos anteriormente, ou seja, o Estado do Paraná vem consolidando espacialidades de concentração, como o caso das aglomerações na RMC e na Mesorregião Norte Central através das cidades de Londrina e Maringá, enquanto que na Mesorregião Centro Ocidental surgem extensas áreas em ritmo de esvaziamento.

A região possui no seu cerne uma gama de atividades econômicas distribuídas na agropecuária, serviços e de indústrias, mas a natureza das atividades da maioria delas não é expressiva na absorção de mão-de-obra e com predominância de baixos salários que motivam a migração de parte da população para centros maiores.

O desafio regional está na criação de mecanismos econômicos e sociais que minimizem a saída das pessoas em um primeiro momento. Em um segundo momento o retorno do crescimento populacional e com isso da expressividade das pequenas localidades e da dinâmica econômica regional. Para que isso aconteça dependerá de um amplo conjunto de modificações, dentre as quais sinalizamos a necessária criação de políticas industriais mais contundentes, em especial para indústrias que possam contribuir com as condições socioeconômicas da região.

Nessa linha, para as cidades da região os desafios são grandes e permanentes, mas sentimos que os gestores estão preocupados e buscando a ampliação de suas unidades produtivas, aumentando os níveis de produtividade mediante a melhoria dos processos tecnológicos e aprimorando o perfil dos trabalhadores através de exigências técnicas inerentes a cada atividade. As deficiências ainda existem, sobretudo na seleção de mão-de-obra mais qualificada e a quantidade de recursos humanos nas cidades, porém a expectativa é que isso seja corrigido ao longo do tempo pelo fato da entrada de mão-de-obra mais especializada vinda de outras regiões do Estado, do país e até do exterior.

De acordo com os representantes das indústrias que concederam as entrevistas, os trabalhadores mais qualificados vindos de outras regiões e do exterior repassam seus conhecimentos e suas experiências aos trabalhadores locais na forma de prepara-los para as funções e torna-los aptos para minimizar a dependência de mão-de-obra externa. Essa passagem gera a expectativa de substituição da mão-de-obra importada pela local e regional.

No entendimento dos entrevistados, a industrialização é o caminho para que os municípios possam gerar mais emprego e renda para a população, além da fixação das pessoas nas cidades e que a indústria poderá trazer o desenvolvimento. No entanto, como a região está bem localizada geograficamente, terras produtivas, e com fácil acesso para os países membros do Mercosul, outro desafio é saber valer-se das vantagens geográficas, o que não vem sendo feito com cuidados e estratégias específicas para atrair novos investimentos industriais, como o aproveitando das matérias-primas produzidas nos municípios da própria região para agregar valor e aumentar a arrecadação do município, não somente com o setor industrial, mas também com os demais setores econômicos que são impulsionados pelo desenvolvimento industrial.

As gestões locais precisam, segundo os entrevistados, apressar-se em buscar respostas aos desafios socioespaciais, na forma de promover os investimentos públicos e privados que criem possibilidades para alavancar o crescimento e o desenvolvimento sócio econômico com a instalação de empresas que saibam aproveitar as potencialidades locais e a exploração de

suas vantagens comparativas de produção, como é o caso de Corumbataí do Sul com a transformação industrial de frutas, entre elas o maracujá.

Ao contrário das mesorregiões: RMC e Norte Central que se caracterizam como regiões mais dinâmicas economicamente e espacialmente com significativa industrialização, a Centro Ocidental mesmo considerando os municípios mais intensos na indústria possuem restrita capacidade de absorção de novas indústrias devido a baixa dinâmica econômica para geração de renda e emprego. Esse fato foi agravado com a expressiva saída da população para outras regiões nas últimas décadas, conforme já destacamos anteriormente.

Podemos dizer que há grande preocupação regional acerca das políticas industriais quase inexistentes e muitas vezes sofríveis na maioria dos municípios da região. Mesmo cidades de Campo Mourão, Ubitatã, Terra Boa e Araruna que possuem os melhores desempenhos industriais regionais devido à diversidade de segmentos, também carecem de políticas industriais que possam trazer melhores resultados.

Os estudos e análises da indústria da região podem ser visto por dois lados: o que provoca o sentimento de desenvolvimento, e o outro, que motiva os questionamentos e a busca para superar os desafios. Esse é decisivamente estratégico para o crescimento e desenvolvimento dos municípios, pois, enfoca um contexto histórico, político, econômico, o que valoriza e traduz a visão regional das cidades pelo desempenho econômico motivado pelo setor industrial.

Mediante as necessidades da região, que precisa apressar o desenvolvimento, encontra nas desigualdades socioeconômicas uma vertente negativa e, por isso, se espera muito das instituições, sociedade em geral e o poder público esforços para estabeleça uma integração regional de estímulo conjunto para disseminar ideias de agroindustrialização para o uso da matéria-prima e até mesmo criar outras condições como faz Fundação Educere que oferece oportunidades para novos empreendedores nos segmentos industriais de intensidade tecnológica mais avançada, cujo mercado nacional e internacional seja potenciais compradores de seus produtos.

Como vimos, ao longo do trabalho em diversas variáveis sociais e econômicas, notadamente, nos avanços significativos dos indicadores de exclusão social vistos mais claramente nos municípios mais industrializados. Assim como, ao tratar de indústrias da região (número de estabelecimentos, empregos, participação maior no valor adicionado, investimentos, anúncios de investimentos, agregação de valor nos produtos primários, exportações, importações entre outros), os dados mostraram que grandes indústrias estão

estabelecidas nas principais cidades da mesorregião e que são referências para o Estado do Paraná.

Essas ponderações permitem retratar que Campo Mourão e região se inserem na economia industrial atual do Paraná com resultados expressivos nas exportações, tendo na Coamo a segunda empresa no *ranking* de exportação do Estado em valores financeiros. A região possui duas usinas de açúcar e álcool de portes médio e grande, indústria de intensidade tecnológica avançada com a fabricação de equipamentos de biossegurança destinado à área da saúde, fabricação de máquinas e equipamentos, autoadesivos, soluções em tecnologia e três grandes abatedouros de aves, entre outras unidades como segmento mobiliário, têxtil.

Esses segmentos industriais, ainda que limitados a poucos municípios, contribuem dentro das proporcionalidades, para o fortalecimento da indústria paranaense e a economia atual do Estado com participação crescente do emprego, da renda e na arrecadação de impostos. Essa inserção da indústria de Campo Mourão e região representa do ponto de vista social, uma capacidade de geração de empregos direto e indireto de forma mais consistente, inclusive com salários melhores em relação ao comércio, serviços e agricultura sem contar com os efeitos da externalidade econômica, caso da entrada de outras empresas (indústrias, comércio e serviços) motivadas pela instalação de indústrias nas cidades da região. Portanto, o setor industrial foi confirmado como expressivo para a região, ainda que ela seja comparativamente inexpressiva frente aos dados comparativos no âmbito estadual.

Embora exista a predominância dos segmentos tradicionais, observamos que existe tanto a presença que paulatinamente se instala de segmentos industriais que demandam maior tecnologia. De modo geral, observamos que muitos estabelecimentos industriais promovem fluxos geograficamente amplos entre os municípios da região e diversos países, além do mercado nacional. Isso mostra como a economia regional participa de dinâmicas recentes relativos a mundialização da economia.

Quando tratamos do processo de industrialização dos municípios de acordo com a Federação das Indústrias do Estado do Paraná, dedicamos boa parte das análises dos dados para a internacionalização das indústrias da região, conforme os fluxos que chegam e partem dos municípios da Mesorregião Centro Ocidental.

A Figura 66 sintetiza os referidos fluxos das empresas da região em que pudemos fazer a análise apresentada em páginas anteriores. Ela mostra as dimensões do comportamento geográfico das indústrias das cidades da região para poder compreender o processo de interferência e inserção dentro da atividade industrial do Estado.

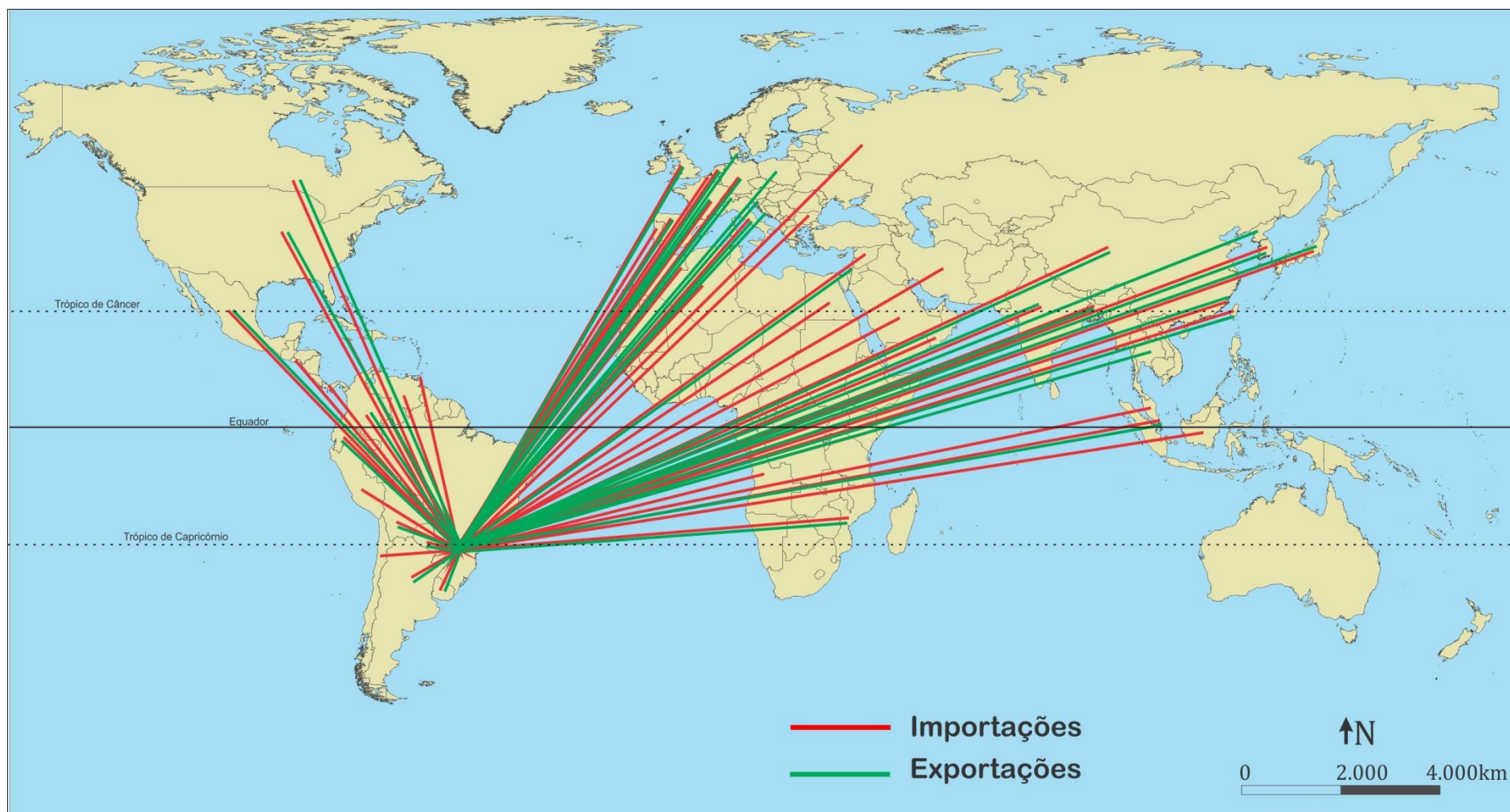


Figura 66: Mesorregião Centro Ocidental. Movimentação dos municípios com o mercado internacional, período 2008-2014

Fonte: Federação das Indústrias do Estado do Paraná.

Segundo Zeferino (1991), analisar e dimensionar as variações na origem geográfica dos investimentos industriais da região faz parte das reflexões e permitem novos níveis de compreensão sobre a geração de empregos e os processos de exportação e importação para determinados anos e relação com a origem geográfica dos investimentos das localidades da região.

Os fluxos entre as empresas das cidades da região envolvem sete continentes (América do Sul, América do Norte, América Central, Europa, Ásia, Oriente Médio e África) e 56 países, dos quais as exportações foram direcionadas para 49 países e as importações para 34 países.

Para chegar aos patamares de comercialização internacional, a entrada de empresas com operacionalidade mais complexa, deram margem a estruturas mais corporativas integradas, onde cada planta, em cada cidade, passa a produzir um componente de um determinado produto como é o caso dos equipamentos da área da saúde fabricado pela Cristófoli e Fundação Educere e das máquinas e equipamentos produzidos pela Cofama.

As exportações das empresas da região tiveram destino para 21 países, sendo que para os países da América Central ocorreram somente exportações e nos continentes Oriente Médio e África dos países abarcados apenas um município de cada um desses continentes não importaram os produtos da região.

Considerando, exclusivamente, as importações pelas empresas da região foram relacionadas com oito países, sendo cinco localizados na Europa (Dinamarca, Eslovênia, Suíça, Croácia e Polônia), um na Ásia (Tailândia), um no Oriente Médio (Israel) e um na África (Moçambique).

O comércio bilateral entre as empresas da região ocorreu com 25 países, localizados na América do Sul (seis), América do Norte (quatro), Europa (sete) e Ásia (oito). Na América do Norte todos os países envolvidos (Estados Unidos, Canadá, México e Geórgia) participaram das negociações de compra e vendas de produtos.

Os valores mais significativos conforme dados apresentados anteriormente, ficou evidente que os países da Europa e da Ásia como respeitáveis parceiros comerciais, todavia outras opções também se apresentam com parcela significativa no comércio externo da região. O resultado final foi *superávit* da balança comercial durante o período 2008-2014.

Para chegar aos resultados desse trabalho, os investimentos industriais, oportunidades no mercado de trabalho e expansão de mercado comercial foram identificadas nas indústrias das cidades de Campo Mourão, Terra Boa, Araruna, Ubiratã, Moreira Sales e Engenheiro

Beltrão. Em um processo de menor escala, mas significativos estão os municípios de Barbosa Ferraz, Peabiru e Corumbataí do Sul.

Esse panorama explica as desigualdades territoriais, dentre elas o comportamento demográfico, quando Benko (1994) retrata sobre os novos empregos e investimentos em que podem alterar a dinâmica econômica das cidades e provocar, inicialmente, o crescimento econômico. Para entender os fluxos demográficos será preciso observar onde estão os empregos e onde estão os investimentos.

Ainda explorando a literatura de Benko para a interpretação regional e procurando responder aos questionamentos a que nos propusemos com este trabalho, assinalamos que existem localidades economicamente melhor sucedidas que outras. Os estudos sobre a região até aqui nos remetem ao entendimento que a centralidade dos investimentos industriais está mais postada na cidade de Campo Mourão e municípios do entorno, como Araruna, Terra Boa e Engenheiro Beltrão, além das expectativas animadoras para os municípios de Goioerê, Moreira Sales e Ubiratã da região de Goioerê.

Quanto a preferência desses investimentos relativamente a diversas cidades, fica evidente, no registro dos dados, a superioridade das cidades mais industrializadas, tendo Campo Mourão como o maior favorecido. Essa concentração de investimentos industriais tem cooperado para elevar a oferta de emprego e de renda da região, fazendo com que a disparidade inter-regional tenha considerável significância para a economia da mesorregião.

Segundo Silva (2008) a heterogeneidade dos municípios da área em estudo revela que o desenvolvimento industrial da região não se reproduziu de maneira igualitária para todos eles, e que a capacidade de organização social, política e administrativa do poder local foram decisivas para que se constate essa realidade contemporânea, o que evidencia o fato de que “mudança depende de vontade política e reformas” (SCHULZ, 2007, p.182).

As desigualdades regionais bem como as desigualdades no interior de uma região como ocorreu na área que analisamos são características do capitalismo. Elas já motivaram muitos trabalhos no âmbito da Geografia Econômica. Observamos que falar de um novo perfil industrial do Paraná, tomando por referência essas ponderações é algo bem mais complexo do que pode parecer em um primeiro momento.



CONSIDERAÇÕES FINAIS

Durante uma trajetória de aulas, leituras, pesquisas, orientações, visitas, entrevistas e campos nos mais variados lugares, chegamos ao processo final de um trabalho que nos proporcionou aprendizados que ficarão arraigados em nossa mente, algo assim que ninguém rouba. O caminho percorrido, por certo foi de idas e vindas com erros e acertos, em que muitos questionamentos e dúvidas surgiram, mas sempre em busca de respostas e que para chegar ao intento o texto foi refeito várias vezes, inclusive para apresentar uma versão mais atualizada possível quanto aos dados estatísticos, pois a realidade modifica-se constantemente. Ressaltamos que questões foram respondidas e que outras necessitam ser retomadas em investigações futuras para avaliação mais apurada. No entanto, não escondemos a dureza do trajeto e por mais que quiséssemos acertar cometemos equívocos na construção dessa tese.

Durante a execução das partes desse trabalho os resultados foram sendo identificados, portanto, deduzimos que a sua reapresentação aqui produziria uma repetição de dados e análises já tão longamente debatidos. Assim, optamos por apresentar como considerações finais alguns pontos de reflexão, tomando o desenvolvimento do trabalho em seu todo.

O principal objetivo para a construção desse trabalho foi a possibilidade de compreensão da dinâmica industrial da Mesorregião Centro Ocidental e sua inserção econômica no Estado, considerando o processo de reestruturação produtiva e transformações que se manifestaram nas cidades da região, onde o processo industrial evoluiu com destaque frente ao cenário nacional.

Nesse sentido, a presente pesquisa possibilitou a leitura geográfica e econômica das indústrias do Paraná, de Campo Mourão e da região, auxiliando no entendimento sobre a inserção econômica da Mesorregião Centro Ocidental no cenário econômico do Paraná com foco nas atividades industriais, bem como sobre a relevância do setor na geração de emprego e renda indispensáveis para a estruturação dos assuntos e esclarecimentos das relações que se constituem como parâmetros para a promoção do desenvolvimento socioeconômico permitidos pelo recorte espacial da região.

O recente crescimento industrial do Estado pode ser caracterizado como um novo ciclo de expansão industrial, mais uma vez ancorado em bens de capital, com a liderança da indústria automobilística; nitidamente concentrada na Região Metropolitana de Curitiba, o que vem propiciando o aumento na dinâmica da área do Paraná Urbano como Rolim (1995) já havia identificado em período anterior.

A partir da década de 1960 a dinâmica das políticas industriais do Paraná começou a se destacar no cenário nacional e internacional. A economia e a espacialidade industrial

paranaense registraram profundas alterações nessas últimas quatro décadas, tanto quantitativas como qualitativas em sua base produção.

Com os investimentos em infraestruturas básicas a partir da década de 1960, da modernização agrícola e agroindustrial, da implantação da Cidade Industrial de Curitiba e da refinaria de petróleo no município de Araucária, na década de 1970, o segmento industrial do Paraná se desenvolveu e conquistou indicadores inéditos nos anos de 1970 e apesar das dificuldades econômicas, a indústria paranaense ganhou maior dinamismo nos anos de 1980.

Implicações da desconcentração despontam no Paraná com o início do processo de transformações industriais na década de 1980, com vigoroso crescimento dos segmentos de maior intensidade tecnológica e ampliação da concentração na Região Metropolitana de Curitiba.

A economia paranaense na década de 1990 passou por grandes transformações em sua estrutura produtiva com a instalação de grandes montadoras de automóveis multinacionais e de um grande número de fornecedores que colocaram o Paraná em uma posição de destaque na economia nacional, graças às atrativas estratégias e mecanismo dos governantes, além de que o próprio setor já vem buscando instalar-se em áreas diferentes o que se associa as políticas de atração de investimentos que identificamos, assim como as intenções de investimentos entre 2008 e 2013 que analisamos na Parte 1.

Segundo Firkowski (2001), o Estado do Paraná na sua trajetória de atração de investimentos produtivos e com sua política industrial tem figurado como território convincente para instalação de empresas industriais que pretendem vir para o Brasil.

Essas dinâmicas são responsáveis por alterações no perfil industrial do Paraná e com elas denota-se a ascendência de setores de alta tecnologia que possuem maior destaque econômico, como a indústria de material de transporte e eletromecânica, com isso o declínio tendencial das atividades industriais tradicionais perdem espaços. No entanto, a agroindústria paranaense continua como fator de sustentação de grande parte das atividades econômicas no interior do Estado.

As desigualdades regionais bem como as desigualdades no interior de uma região como ocorreu na área que analisamos são características do capitalismo. Elas já motivaram muitos trabalhos no âmbito da Geografia Econômica. Observamos que falar de um novo perfil industrial do Paraná, tomando por referência essas ponderações é algo bem mais complexo do que pode parecer em um primeiro momento.

Com a modernização do parque industrial do Estado, evidenciou-se mais a concentração das atividades industriais de mais alta tecnologia na Mesorregião Metropolitana

de Curitiba onde se localizou mais forte que das um núcleo industrial bem mais fortalecido econômica e politicamente em relação as outras regiões do Estado, além de ser composto pelos que os setores estruturantes, os de maior nível tecnológico. Enquanto que no interior estão concentrados os setores ligados às indústrias mais tradicionais, o que nos leva a entender que o desenvolvimento industrial do Paraná ocorreu de maneira muito diferenciada entre as dez mesorregiões.

De acordo com as demonstrações estatísticas e estudos acerca das questões econômicas e espaciais no decorrer desse trabalho, o Paraná apresenta transformações econômicas que tem mudado sua imagem, ou seja, de um perfil de grande dependência do agronegócio que no final da década de 1980 representava mais de 50% do PIB estadual, para uma economia com fortes vínculos com o setor secundário. De todos os investimentos, o segmento industrial que se destaca é o metal-mecânico liderado pelas montadoras de automóveis que absorvem a maior fatia dos investimentos industriais.

O setor agroindustrial aparece logo em seguida na escala de atração de investimentos, envolvendo unidades de beneficiamento e industrialização de alimentos, como carnes, óleos vegetais, farinhas. Segmentos como madeireiro e químico são responsáveis por quase $\frac{1}{4}$ dos investimentos industriais no Paraná.

Segundo a Federação das Indústrias do Estado do Paraná - FIEP, os segmentos industriais metalúrgicos, papel, químico, plástico, alimentos e bebidas por força da automatização entraram num processo de reestruturação nos processos de produção, motivado por maiores lucros. A reestruturação produtiva, em que a mobilidade geográfica do capital é uma das estratégias para sua reprodução, abarca alterações nos padrões de desenvolvimento desigual, tanto no setor industrial como entre as mesorregiões, admitindo as peculiaridades dos segmentos industriais e das regiões.

Conforme discutido na Parte 1 desse trabalho, a reestruturação produtiva no Paraná ocorre num contexto de recessão, desemprego, instabilidade econômica e abertura comercial. Esse processo de reestruturação produtiva ocorreu primeiramente no setor automobilístico e aos poucos foi atingindo outros ramos produtivos e serviços, acarretando em alterações significativas na estrutura dos empregos.

Assim, esse processo de reestruturação produtiva conjectura a partir do final dos anos 1970, ganhando dimensão maior na década de 1990 como foi demonstrado na abertura econômica e da política neoliberal. Esse processo de reestruturação acarretou transformações no processo produtivo, organização e gestão do trabalho, bem como na dinâmica do espaço.

A Geografia tem o compromisso de desvendar a dinâmica espacial, as manifestações dessas transformações no espaço através dos arranjos espaciais que o processo de reestruturação produtiva vem conduzindo e também é possível compreender as práticas sociais, o reflexo da reestruturação produtiva no mundo do trabalho.

Ao atrair grandes investimentos industriais, mais especificamente para a RMC e em menor proporção no interior do Estado. Desse modo o Paraná coloca-se como uma nova fronteira para a instalação de novas indústrias em seu território se caracterizando como um processo de desconcentração industrial. Diante das distorções regionais no território paranaense e problemas socioespaciais gerados pelo modelo concentrador do processo industrial na região Sudeste.

Mas é na década de 1990 que a desconcentração industrial brasileira se intensificou com a maior abertura econômica e pelo desenvolvimento técnico-científico, através da informática e da comunicação, esse processo de desconcentração acabou gerando o que os geógrafos chamam de Guerra dos Lugares, ou seja, uma disputa entre estados e municípios, com a intenção de atrair empresas a partir da diminuição ou isenção de impostos.

Nesse processo de desconcentração industrial na Mesorregião Centro Ocidental, a cidade de Campo Mourão, conta com pelo menos duas empresas a VRI e a Colacril que vieram do Estado de São Paulo e contribuíram na geração de renda e emprego diretos e indiretos para a cidade. A VRI iniciou suas atividades industriais com montagem de placas de circuito impresso e conjuntos eletrônicos no ano de 1991 e transferiu sua unidade fabril para Campo Mourão no ano de 2003. A Colacril é a maior e mais moderna indústria de autoadesivos da América Latina, iniciou suas atividades na cidade de Ribeirão Preto Estado de São Paulo e em 1999 instalou sua unidade industrial na cidade de Campo Mourão.

Diante dessas ponderações e em consonância com os levantamentos realizados acerca da indústria paranaense, retratamos evolução considerável em que a torna um dos principais polos brasileiros.

Há de se considerar que o novo perfil industrial do Estado do Paraná está se direcionando para as indústrias com capital e tecnologia de maior intensidade com empregos que exigem maior remuneração que se localizam, principalmente na Região Metropolitana de Curitiba, seguidos no interior que se apresentam com menor intensidade, com destaque para as mesorregiões: Centro Oriental, Norte Central e Oeste.

As demais regiões apresentam dados que as colocam atrás dessas duas últimas, mas começam também a apresentar novos investimentos e maior participação na produção industrial, como as cidades de: Araruna, Campo Mourão, Cianorte, Guarapuava e Pato Branco

vêm demonstrando esse perfil levando a industrialização do interior como o avanço do segmento agroindustrial e os arranjos produtivos locais que é o caso do segmento de vestuários instalado na cidade de Cianorte com influência na cidade de Terra Boa que está localizada em suas proximidades territoriais.

Constatamos que a indústria automotiva se apresenta com grande destaque no cenário industrial paranaense. Segundo Oliveira (2003), esse segmento foi trazido no Governo Lerner para promover o desenvolvimento industrial do Estado, para isso foi autorizado incentivos fiscais, além de investimentos públicos efetuados em uma empresa privada de capital estrangeiro o que acumulou crescente endividamento externo.

Os investimentos industriais anunciados no Paraná pelo setor privado no período 2008-2013 demonstraram que a interiorização da indústria paranaense em algumas regiões e mais especificamente cidades, aumentou sua participação nesse cenário, apesar do domínio da RMC que é o maior polo industrial do Estado.

Os três macro polos de concentração econômica do Estado, constituído pelos espaços: i) Paranaguá, RMC e Ponta Grossa com base produtiva diversificada e com liderança do agronegócio, metal-mecânica e refino de petróleo; ii) o eixo Londrina e Maringá, ancorada no agronegócio e em serviços (liderados pelas Universidades Estaduais de Maringá e Londrina) e iii) corresponde à área Cascavel-Foz do Iguaçu, impulsionada pelo agronegócio, turismo e geração de energia (LOURENÇO, 2012).

Conforme constatações durante a pesquisa, de acordo com o Iparde (2012), se forem considerados os projetos protocolados no âmbito do Programa Paraná Competitivo, instituído pelo governo do Estado no princípio do exercício de 2011, com a finalidade de torná-lo com mais poder de atração de investimentos, percebe-se pronunciada aglutinação geográfica no eixo Curitiba-Ponta Grossa, abarcando 75,0% do montante de R\$ 16,4 bilhões a ser aplicado, ou 65,0% se for excluído o megaempreendimento anunciado pela Klabin.

Nas mesorregiões Norte Central e Oeste Paranaense com as cidades de Londrina, Maringá, Cascavel e Toledo apresentam maior desenvolvimento industrial do interior do Estado. Outras cidades como Pato Branco, Apucarana, Araçongas, Cianorte, Campo Mourão estão numa escala um pouco menor, mas em evolução nos investimentos industriais de média-alta intensidade tecnologia.

Apesar dos avanços da industrialização no interior do Estado com intensidades tecnológicas diferentes das RMC, ainda predominam as atividades ligadas a agroindústria ou indústria tradicional, isso ainda tem causado diferenças significativas em relação a condição

de vida, oportunidades e motivações quando comparados interior e RMC, notadamente em questões salariais, mobilidade social, infraestruturas entre outros.

A Mesorregião Centro Ocidental tem presença industrial, mas comparativamente ao restante do Paraná, tornou-se espaço com dinâmica de desenvolvimento em menor proporção quando comparado com outras áreas do Estado. Apesar da existência de grandes empresas, cooperativas e usinas, mesmo assim elas não conseguem irradiar o desenvolvimento econômico esperado pela região, conforme o estágio de desenvolvimento que se encontra a região. Essas empresas não recebem benefícios fiscais dos municípios e tem uma independência de tomada de decisões pelo que sentimos durante as entrevistas.

Ela também é marcada por desigualdades internas, em especial quanto a alguns dados sociais, a exemplo o baixo IDH-M e IES, além do esvaziamento populacional em vários municípios destacados no texto desse trabalho. Pela característica regional, o perfil industrial é relativamente voltado para a transformação de produtos primários não processados com origem na produção agropecuária.

A cidade de Campo Mourão ostentando o *status* de polo regional detém um elevado percentual de participação da economia regional devido ao comércio e serviços mais expressivos, setor industrial bem sedimentado comparativamente na região e um sistema bem desenvolvido no agronegócio que tem na Coamo sua referência como a maior cooperativa de produção do país.

Não obstante, o crescimento dessa cidade que polariza a região, conforme já assinalamos ocorreu um preocupante processo de estagnação populacional, notadamente entre 1996 e 2006 com crescimento médio de 0,05% e no período 2006-2010 o crescimento atingiu a 5,88% de acordo com o IBGE. No entanto, a Mesorregião Centro Ocidental entre 1980 e 2010 teve uma queda de 17,85% da população, ou seja, uma redução de 73 mil habitantes em virtude do processo de mecanização da lavoura; desemprego e baixo nível de industrialização na maioria dos municípios.

Para a maioria dos municípios da mesorregião a agricultura concentrada basicamente nas culturas da soja, milho e trigo é a base da economia. Nesses municípios com base muito forte na agricultura detectamos ausência de atividade industrial e a geração de receitas públicas locais ocorre uma dependência das transferências governamentais (pensões, aposentadorias, bolsa família, entre outros), ou seja, uma interferência estatal que ajuda com maior grau na economia das localidades mais empobrecidas da região. Essa situação tem sido relevante nas pequenas cidades que mostram os problemas sociais relacionados à geração de emprego e renda e a perda de população.

No campo dos indicadores econômicos e sociais analisados, mostram que com exceção de Campo Mourão, Araruna, Goioerê, Ubiratã, Terra Boa e Engenheiro Beltrão, os demais municípios se apresentam com preocupantes indicadores econômicos relacionados ao Produto Interno Bruto, Valor Adicionado e com os baixos indicadores sociais, como IDH, Gini e escolaridade/analfabetismo.

Na contextualização dos indicadores econômicos, entendemos que há necessidade de inovar nas opções de gestão pública das administrações dos municípios pesquisados, no sentido de criar possibilidades eminentes para uso racional dos recursos primários, ocupação dos espaços territorial da região, bem como estabelecer políticas de investimentos em infraestruturas que sejam capazes de se tornar a força motriz para atração de investimentos na agroindústria e na indústria de transformação e na formação profissional e humana da sociedade.

É possível que o declínio demográfico regional e a natureza do seu desenvolvimento econômico com investimentos aquém do esperado estejam relacionados a esses indicadores. Nesse sentido, compete, principalmente, aos gestores públicos entender a realidade local e a elaboração políticas públicas para, inicialmente minimizar os problemas existentes e, posteriormente vislumbrar o desenvolvimento socioeconômico dos municípios da região.

Dessas situações surge mais claramente a pobreza e com ela os índices elevados de analfabetismo, saúde deficiente, baixos salários, mão-de-obra sem qualificação, razão de dependência. Essa correlação das dificuldades econômicas com os indicadores sociais quando não cuidados com políticas públicas capazes de minimizar podem interferir diretamente no desenvolvimento local e regional.

A região sofre com essas dificuldades que podem afetar na captação de investimentos públicos e privados. Reduzir a evasão populacional pode minimizar a estagnação que se encontra a maioria dos municípios de suas microrregiões, principalmente a de Goioerê onde o nível de industrialização é bem mais baixo em relação a de Campo Mourão.

Especificamente a presença da indústria da região revelou que os segmentos mais solidificados estão distribuídos geograficamente nos municípios de Araruna, Campo Mourão, Terra Boa, Engenheiro Beltrão, Moreira Sales e Ubiratã que vêm de alguma forma, introduzindo indústrias que pela tecnologia adotada vem se adaptando e sinalizando também para o novo perfil industrial do Paraná, expressando o seu significado diante da economia do Estado, como plataforma agroindustrial, baseada especialmente na pecuária, alimentos, cana-de-açúcar e no processamento de oleaginosas.

A Mesorregião Centro Ocidental, é detentora de indústrias de ramos diversificados, como mecânica, metalurgia, alimentos, equipamentos, facção, química, saúde (hospitalar e odontológico), destilaria, móveis e etc. As principais indústrias da região são de alimentos (Coamo, Coagru, Unitá, Frangos Canção e Tyson Foods, Pinduca), usinas (Sabarálcool e a Usacucar), móveis (A.J. Rorato, Líder Lar), equipamentos (Cofama e VRI) e médico-hospitalares (Cristófoli, ACME, Orto-Press e Ortus), além da Fundação Educere com empresas graduadas e incubadas na linha industrial.

Registros da Fiep mostram que as indústrias Coamo, Coagru, Unitá, Tyson Foods, VRI, Colacril, Cristófoli, Sabarálcool e Usacucar instaladas nas principais cidades da região são representativas no cenário industrial do Estado.

A participação dessas empresas no desenvolvimento econômico regional vai além dos investimentos específicos, mas a possibilidade da externalização econômica com a instalação de outras novas empresas industriais, comércio e serviços, devido a nova dinâmica industrial, como por exemplo, o surgimento de indústrias oriundas do processo de incubação pela Fundação Educere de Campo Mourão que fornecem materiais e equipamentos para a Cristófoli Biossegurança. Essas ações propiciam aumento na arrecadação de impostos, renda emprego, divulgação dos produtos regionais através da comercialização para o mercado interno e externo.

A Mesorregião Centro Ocidental não tem bons indicadores econômicos quando comparadas a outras, mas tem o seu quinhão de participação no chamado novo perfil industrial do Paraná. Ainda que não se sobressaiam nos dados ela tem empresas que contam com inovações e tecnologia avançada caso das indústrias da Coamo, Tyson, Cristófoli Biossegurança, Colacril e VRI localizadas em Campo Mourão, Rorato, Cofama, Líder Lar, Cofama e Pinduca em Araruna, Unitá em Ubitatã, Dudalina e Frango Canção em Terra Boa, Sabarálcool em Engenheiro Beltrão, Usacucar em Moreira Sales e Coaprocor em Corumbataí do Sul.

Essas unidades industriais estimulam a entrada de outras empresas fornecedoras de produtos que abastecem a produção das principais indústrias e também de outros ramos do comércio e serviços. Além da externalização da economia local e regional contribuem para a elevação dos níveis dos indicadores socioeconômicos dos municípios e da região. Esse processo poderá minimizar as dificuldades econômicas causadas pelos baixos indicadores sociais: IDHM, níveis de pobreza, concentração de renda, escolaridade, principalmente nos municípios fortemente dependentes da agricultura que são causas do desempenho insatisfatório para a região nas últimas décadas.

Entendemos que a melhoria dos indicadores sociais estão atreladas a melhoria dos indicadores econômicos que venham proporcionar produção, emprego, renda e assim otimizar a arrecadação de impostos que venham atender as demandas sociais que possam mudar a direção dos indicadores sociais existentes.

As pesquisas demonstraram a capacidade do setor industrial na criação de emprego na região. Os segmentos da avicultura, sucroalcooleiro, móveis e vestuário, localizados nas cidades de Campo Mourão, Ubitatã, Engenheiro Beltrão, Moreira Sales, Araruna e Terra Boa reúnem os maiores números de empregos na indústria. No entanto, exceto as cidades de Campo Mourão e Ubitatã, nas demais cidades citadas o emprego industrial detém a maior parte da totalidade do emprego total.

Vale destacar que nas destilarias e abatedouros de aves, a maior parte dos empregos é de trabalhadores que efetivamente estão envolvidos em atividades agrícolas, em particular com a colheita no caso do ramo sucroalcooleiro e no ramo da avicultura os trabalhadores estão mais concentrados em atividades que não exige qualificação. Ao passo que atividades que maior intensidade tecnológica, o emprego é mais qualificado no seu todo, porém de empregos efetivos é de proporção menor em relação aos empregos de mão-de-obra não qualificada.

Como em toda a região, a indústria tradicional se estabelece com um nível de atividade, mesmo com variações anuais, mantém certa estabilidade nos níveis de emprego devido as características dessa modalidade industrial. As indústrias, de forma geral, possuem trabalhadores qualificados e não qualificados, em número maior ou menor dependendo da intensidade tecnológica que estejam inseridas.

Assim resumindo as questões do emprego, na região existem indústrias que utilizam mão-de-obra com melhor qualificação. Esses trabalhadores, devido a formação superior que detém acabam sendo responsáveis pelas maiores remunerações. A disponibilidade de emprego é relativamente grande para os empregos sem exigência de qualificação profissional, porém, a mão-de-obra mais qualificada é mais escassa na região, com as empresas recorrendo a importação desses trabalhadores.

No contraponto, a Fundação Educere vem contribuindo com a formação de trabalhadores e empreendedores mais qualificados através das empresas encubadas e desencubadas que fabricam produtos de tecnologia avançada.

O trabalho nos permitiu entender o quanto uma política industrial bem definida pode alterar os rumos de desenvolvimento dos municípios e da região. Os resultados apresentados nos indicaram o quanto os municípios mais industrializados têm uma situação econômica e

social mais elevada que os municípios com economia direcionada ao setor primário. Vemos os casos de Araruna, Terra Boa com uma diversificação industrial significativa que precisam atrair trabalhadores de outras cidades e regiões para a produção, visto que a mão-de-obra local é insuficiente para atender a demanda.

Verificamos que a indústria presente em um município tem implicações microrregionais, pois possibilita a aquisição de matérias-primas produzidas na região, inclusive estimulando a integração intra-regional, formação de arranjos produtivos locais, além de criar uma cultura industrial, atração de investimentos, elevação populacional, empregos e melhorar a arrecadação municipal com fonte na agregação de valor para os produtos da agropecuária, principalmente.

Entre uma e outra entrevista e pesquisa no presente trabalho, vimos a participação do valor adicionado fiscal da indústria na economia local, a internacionalização das empresas, principalmente nas exportações, que além das receitas pelas empresas coloca o municípios em evidência global. Por outro lado, sentimos que os municípios de forma geral não se preparam Araruna, Campo Mourão, Corumbataí do Sul, Terra Boa, Ubitatã.

Entendemos que os municípios industrializados e não industrializados precisam repensar a indústria dentro da realidade atual, ou seja, buscar a promoção da integração regional como forma de agregar valor para a produção, investigar porque deu certo e porque não deu certo o que foi realizado até agora e assumir o que é o desenvolvimento regional, começando a preparação efetiva para a industrialização visando o aproveitamento das potencialidades locais e regionais. Sinalizamos essa necessidade em especial tendo em vista os desafios socioespaciais da região, como o esvaziamento demográfico. É preciso gerar oportunidades de emprego e renda nos municípios e viabilizar a permanência das pessoas, bem como é necessário que a geração de receitas públicas e do encaminhamento adequado da gestão sejam capazes de melhorar o suprimento de bens e serviços públicos de modo adequado e de forma a alavancar os indicadores sociais verificados.

Considerando a cidade de Terra Boa como uma pequena cidade, torna-se pertinente a avaliação de Endlich (2007, p. 08) “a existência de atividades industriais em pequenas cidades, no atual contexto, é substancialmente diferente daquela que se voltava a atender necessidades locais, em tempos de circulação dificultada e fluxos precários”. Elas decorrem da divisão do trabalho, da especialização e explicam-se exclusivamente pelo significado de mercados mais amplos.

A indústria da Mesorregião Centro Ocidental apresenta três processos distintos:

- O primeiro está relacionado ao desenvolvimento dos setores industriais tradicionais intensivos em mão-de-obra, com empresas de pequeno, médio e grande porte com origem de capital local, regional e internacional, além de segmentos industriais vinculados a produtos alimentares com base agropecuária.
- O segundo está relaciona ao processo industrial de tecnologia mais avançada com produtos químicos, saúde, móveis, equipamentos, etiquetas, vestuário, entre outros.
- O terceiro é a participação de quatro cooperativas: Coamo, Coagru, Coaprocor e Unitá localizadas na região que estão inseridas no processo industrial com a utilização de matérias-primas advindas de seus associados.

Recentemente a Coaprocor instalada na cidade de Corumbataí do Sul desempenha papel relevante para o desenvolvimento local e da região assegurando a produção de alimentos e a permanência do trabalhador rural no campo, com a produção de frutas e mais especificamente o plantio do maracujá, cuja fruta é industrializada pela cooperativa e comercializada no mercado e o abastecimento de merenda escolar em parceria como o Governo do Estado.

O desenvolvimento industrial desigual com implantação das grandes indústrias que foram ou não beneficiadas por incentivos fiscais se concentram em Araruna, Campo Mourão, Engenheiro Beltrão, Moreira Sales, Terra Boa e Ubitatã. Essas cidades estão territorialmente próximas ou não e as condições gerais de produção estão relacionadas às novas exigências do capital na região. Os capitalistas somente iniciam uma indústria onde existem condições favoráveis para a produção e a comercialização de seus produtos, ignorando quase sempre as necessidades reais da população.

Assim as mudanças produzidas pelo processo de centralização econômica sinaliza que as cidades mais industrializadas, respeitando as condições de produção disponíveis podem ser selecionadas para a disseminação das atividades industriais, servindo como modelo. Para a Mesorregião Centro Ocidental, se essas condições não foram suficientes para alterar a estrutura industrial, com a participação das indústrias de intensidade tecnológica mais baixa, esperamos que as mesmas venham representar uma condição marcante para as futuras transformações industriais.

Quanto a inserção regional em relação ao industrial, inicialmente vemos que o desenvolvimento recente do Estado do Paraná implicou mudanças que definiram a modernização da base produtiva, que ativaram a desigualdade pela dificuldade em atuar sobre a dimensão social, principalmente nos municípios com relevos em seus territórios, caso de Altamira do Paraná, Roncador e Iretama onde a mecanização fica prejudicada e os municípios

têm poucas expectativas de industrialização que refletem nos baixos indicadores sociais e econômicos. Os municípios de Altamira do Paraná, Farol, Iretama, Nova Cantú, Quarto Centenário e Roncador se apresentam com situações muito preocupantes em termos de pobreza, conforme os indicadores econômicos e sociais apontados nesse trabalho.

Os municípios de Altamira do Paraná, Boa Esperança, Farol, Fênix, Quarto Centenário, Quinta do Sol e Rancho Alegre D'Oeste que possuem população de até cinco mil habitantes (Censo 2010), além de apresentar uma dinâmica socioeconômica associada a área rural, contemplam um reduzido contingente populacional e praticamente são fornecedores de matérias-primas para transformação industrial na região e nas proximidades territoriais.

No entendimento de Prebisch, nas cidades em que as economias mais avançadas os fatores de produção absorvem os ganhos de produtividade através do aumento de suas remunerações, tal fato não ocorre com as cidades pouco industrializadas com produção mais distribuída em produtos primários. Essa diferença faz com que as indústrias retenham os benefícios da inovação tecnológica. Dentro dessa lógica, Presbich sugere a industrialização das cidades periféricas (CARVALHO; SILVA, 2002). Ideia que queremos reiterar para a região que analisamos.

Quando consideramos que o modelo de desenvolvimento capitalista embasado no lucro e tendo e na utilização da teoria de crescimento econômico infinito, na exploração da força de trabalho e dos recursos naturais, está sentindo a limitação da natureza que precisam ser utilizado mais racionalmente e com olhos na sustentabilidade. Esse é um desafio que merece um estudo mais específico.

De outro lado, os municípios com perfis industriais mais consolidados se apresentam com os melhores indicadores e tem uma significativa base de inserção no cenário regional que impede com que as médias não sejam mais baixas de como se apresentam e assim o processo de industrialização promove reflexões sobre:

- - Os municípios mais industrializados sustentam os números médios dos indicadores sociais e econômicos;
- - A inserção regional da industrialização minimiza o empobrecimento da região, devido a participação dos níveis de empregos e da renda que o setor exige.
- - As externalidades econômicas provocadas pelas indústrias, tem causado mudanças econômicas e sociais nos cenários locais e do entorno em que estão localizadas, como por exemplo, a demanda por mão-de-obra, matéria-prima e aumento de competitividade dos produtos regionais.

- A industrialização mostrou capacidade de internacionalização das empresas da região.
- As inserções das indústrias na região minimizou a evasão populacional da mesorregião de acordo com o Censo 2010.
- Centralidade reforçada nos municípios mais industrializados.
- Novos investimentos industriais e a instalação de novas indústrias vêm mudando a imagem da região.
- Pequenas cidades como Corumbataí do Sul, Barbosa Ferraz, Peabiru e Campina da Lagoa começam a despontar com pequenas unidades de produção industrial.
- A cidade de Goioerê sede de microrregião, não desponta como potencia industrial, mas se apresenta com quantidade significativa de pequenas indústrias com pouca expressão regional.

Como analisado nesse trabalho a Mesorregião Centro Ocidental ainda não aparece com destaque industrial no cenário atual do Paraná se comparado com as quatro mais industrializadas (RMC, Norte Central, Centro Oriental e Oeste), mas começa a despontar com grandes empresas industriais, inclusive com intensidade tecnológica avançada, nível de internacionalização, abrangência de mercado, tendências de novos investimentos em valores significativos.

A região Centro Ocidental está necessitando de participação mais efetiva dos empreendedores locais e regional. A industrialização está concentrada poucas cidades que detêm os melhores indicadores socioeconômicos, porém sentimos que alguns gestores das escalas consultadas para as entrevistas não estão preparados para avaliar as necessidades de seus municípios e com isso deixando de contribuir com informações locais sobre os problemas vividos e das atividades industriais, justamente pela falta de conhecimentos sobre o desenvolvimento local e regional.

Esse estudo nos deu a clareza de que a indústria, independentemente do seu porte, é capaz de minimizar os problemas econômicos, sociais e espaciais, devido a formação da cadeia produtiva que a mesma é capaz de promover, ou seja, elevando os níveis do valor adicionado fiscal que com seu efeito multiplicador provoca o aumento da arrecadação municipal, além das externalidades econômicas devido a instalação de outros estabelecimentos industriais, comerciais e de serviços que se estabelecem pós-instalação de uma ou mais indústrias nas localidades.

Todas essas atividades estimulam o setor agropecuário que pode se consolidar como grande fornecedor de matérias-primas não processadas que são direcionadas para os

segmentos industriais da região caracterizando a interdependência dos setores econômicos na ocupação dos espaços do território. Na região ainda predomina a indústria tradicional que é uma grande empregadora e capaz de reduzir a evasão populacional, qualificar a mão-de-obra e até importar trabalhadores mais qualificados que, paulatinamente, transferem seus conhecimentos, dando a condição que as empresas comecem a substituir a mão-de-obra importada e com isso melhorar os níveis salariais e assim ajudar no crescimento e no desenvolvimento regional.

O fato é de que a região tem enormes problemas com esvaziamento populacional, empregos, salários e comercialização de produtos in natura que não agrega valor ao produto e deixa de premiar os municípios da região com melhor arrecadação, empregos e fraco desenvolvimento, principalmente nos espaços territoriais de relevo comprometedor para as atividades agrícolas, casos de Altamira do Paraná, Roncador, Iretama, Corumbataí do Sul e Nova Cantú em que se instalam baixos indicadores que levam a região com precárias condições para a promoção do desenvolvimento econômico.

Assim como existem os territórios mais precários na região, também é verdadeira a existência de territórios mais industrializados em que o valor adicionado fiscal é significativo para o município e onde os investimentos são relevantes para a promoção do crescimento e desenvolvimento dos municípios nos quais estão inseridos um número maior de indústrias ou mesmo com poucas indústrias mas representados por grandes estabelecimentos manufatureiros.

Constatamos que os municípios beneficiados por investimentos industriais em geral se sobressaem em relação aos outros, mostrando claramente os retornos para as próprias empresas que ampliam e modernizam suas instalações e, sobretudo geram renda e mais empregos diretos e indiretos e com melhorias na condição de vida das pessoas.

As grandes empresas tem papel fundamental para a região, como fontes de estímulos para o desenvolvimento e na atração de novos investimentos industriais de diversos segmentos por força da expressão industrial e pela representação dos baixos riscos de investimentos que as fazem ampliarem suas instalações e aumento da produção, além das facilidades na adesão a internacionalização os produtos devido ao grande volume físico e financeiro que as grandes empresas ostentam.

Em relação as exportações, ocorre uma concentração da Coamo que participa com 5,4% das exportações do Paraná e praticamente a maior exportadora do Estado, devido a comercialização de produtos primários que perfazem o maior volume financeiro, além das

facilidades de operar no mercado internacional por possuir um terminal portuário no Porto de Paranaguá.

O amadurecimento das grandes indústrias da região tanto na produção como na comercialização dos produtos se refletem nos resultados adquiridos no contexto da industrial local e regional com mercado nas mais diversas regiões brasileiras e em muitos países de vários continentes.

Essas grandes empresas como: Coamo, Tyson, Coagru, Unitá, VRI, Colacril, Cristófoli, Dudalina, Frango Canção, A.J. Rorato, Pinduca, Usina Santa Terezinha, Sabarálcool, Cofama e Líder Lar, reverterem seus esforços em investimentos, além da capitalização financeira e patrimonial que é inerente ao capitalismo, são os maiores empregadores da região, com níveis salariais acima das empresas do comércio e agricultura. Além da contribuição significativa com a arrecadação de impostos que beneficiam a comunidade através da contrapartida do Governo Federal e Estadual na forma de serviços e infraestrutura disponibilizada para a população.

De maneira geral a região é considerada com precárias condições socioeconômicas que são minimizadas pela elevação da média puxada pelos municípios mais industrializados que, apesar do *ranking* nada favorável da Mesorregião Centro Ocidental em relação as mesorregiões mais industrializadas, o cenário poderia ser mais calamitoso caso não existissem essas grandes empresas estabelecidas nos espaços territoriais da região. Por isso, defendemos as políticas públicas e iniciativas privadas para atração de novas unidades industriais, independente de porte, para compor o processo de transformação de produtos como forma de diminuir o esvaziamento populacional e aumentar a oferta de emprego e renda.

Afinal, o nosso trabalho nos oportunizou conhecer, principalmente, a realidade industrial da região e que as condições gerais de produção estabelecidas tem importância estratégica no desenvolvimento regional e que essas condições tem alcance econômico, espacial, social e regional amplo. Ainda reticentes as políticas industriais, os municípios demograficamente pequenos encontram-se historicamente enraizados na produção agrícola, com baixo grau de urbanização apresentam diferenças de papéis, dinâmicas e significados entre muitas pequenas cidades, quando comparadas com municípios mais urbanizados e industrializados.

Avaliação de dinâmicas recentes e possíveis alterações quanto aos atributos característicos das cidades, como o ritmo, a sociabilidade, a segurança, a condição política, educação, serviços públicos de todas as esferas e infraestrutura de forma geral formam um conjunto de variáveis sensibilizadoras para atração de investimentos, entrada de população e

criar oportunidade de empregos e formação de empreendedores que venham dar continuidade de gerar qualidade de produto e recursos humanos, como se faz na Fundação Educere de Campo Mourão.

A existência de indústrias da região que possuem bom nível de tecnologia aumenta a preocupação dessas indústrias em manter a atualização tecnológica, para adequação a dinâmica de mercado, pois a entrada de novos produtos tecnologicamente mais avançados acelera os níveis de competitividade mercadológica e a inserção econômica das localidades na região e no Estado. Essas metas precisam ser avaliadas e disponibilizadas para iniciar o processo mais consistente para obtenção de ferramentas que auxiliem no processo de desenvolvimento local e regional.

Nessas ponderações a respeito da região quando retratamos sobre as necessidades de industrialização permanece o desafio de encontrar políticas industriais que representem a inserção mais adequada da sociedade nesse processo com boas oportunidades de trabalho. É essa economia que se desdobra em oportunidades que falta na região.

Para terminar, parafraseamos Endlich (2006, p. 431) “ao traçar esses novos panoramas de estudo, deixam estas de ser considerações finais. São considerações para continuar pensando as pequenas cidades, como parte significativa e concreta da espacialização social”. Levamos essa reflexão para as cidades e a região objeto desse trabalho com relação ao desafio de como gerar políticas industriais e mais que isso, políticas industriais permeadas com preocupações baseadas nos desafios socioespaciais existentes na região, que se desdobrem em significativas oportunidades de geração de renda e trabalho.



REFERÊNCIAS

ABBADE, Eduardo Botti. *Cooperação interorganizacional na associação londrinense de empresários supermercadistas /ALES e no APL têxtil de Goioerê - uma análise sob a ótica da teoria dos custos de transação*. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal do Paraná. Curitiba, 2005.

AKEL, A. *Dois pesos e duas medidas*. Folha de Londrina, Caderno 1, 21 out. 2001.

ALBUQUERQUE, F. *Desenvolvimento econômico local: caminhos e desafios para a construção de uma nova agenda política*. Tradução de Antonio Rubens Pompeu Braga, Rio de Janeiro, BNDS, 2001.

ALBUQUERQUE, Edu Silvestre; CAVA, Sandra Regina; MEJ Thiago; VILLELA, Marília Miranda. A integração regional e o comércio exterior paranaense. *Revista Geografia* (Londrina) v. 19 n. 1, 2010.

ALCOPAR - Associação de Produtores de Bioenergia do Estado do Paraná. Desenvolvimento rural e sistemas agroalimentares: Os agronegócios no contexto das Nações. *Revista Sociedade Brasileira de Economia, Administração e Sociologia Rural (SOBER)*. Porto Alegre, 2009.

_____. *Produtos e estatísticas*. 2010. Disponível em: <<http://www.alcopar.org.br>>. Acesso em: 24 maio 2010.

_____. *Maringá, 2013*. Disponível: <<http://www.alcopar.org.br>>. Acesso: 13 nov 2014.

ALEM, Ana Claudia; CAVALCANTI, Carlos Eduardo. O BNDES e o apoio à internacionalização das empresas brasileiras: Algumas reflexões. *Revista do BNDES*, v. 12, n. 24, p. 43-76. Rio de Janeiro, 2005.

ANDRADE, M. C. *Geografia econômica*. 12. ed. São Paulo: Atlas, 1998.

ANDRADE, Áurea Andrade Viana de. *Vilas rurais da Microrregião Geográfica de Campo Mourão*. 2005. 162 páginas. Dissertação (mestrado em Geografia) PGE/UEM. Maringá, 2005.

ANFAVEA. Associação Nacional dos Fabricantes de Veículos Automotores do Brasil *Anuário da indústria automobilística*. São Paulo, 2011.

_____. *Anuário da indústria automobilística brasileira*. São Paulo, 2013.

ARAÚJO, T. Bacelar. Por uma política nacional de desenvolvimento regional. *Revista Econômica do Nordeste*, Fortaleza, 30(2): 144-161, abril-junho 1999.

ARBIX, Glauco. Políticas do desperdício e assimetria entre público e privado na indústria automobilística. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, São Paulo, v. 17, n. 48, fev. 2002. p. 109-129.

AVISITE – O Portal da Avicultura. Após várias tentativas, Tyson Foods instala subsidiária brasileira. *Revista Produção Animal – Avicultura*, n. 18, ano 02, outubro de 2008.

AZEVEDO, Charles Marcelo de e SHIKIDA, Pery Francisco Assis. Assimetria de informação e o crédito agropecuário: o caso dos cooperados da Coamo-Toledo (PR). *Revista de Economia e Sociologia Rural*, v. 42, n. 2, p. 267-292, abr./jun. 2004.vol.42.

AZZONI, C. R. Concentração regional e dispersão das rendas per capita estaduais: análise a partir de séries históricas estaduais 1939-1995. *Estudos Econômicos* 27(3): 341-393. São Paulo, 1997.

BACEN. O Boletim Regional do Banco Central do Brasil, Brasília, 2012.

_____. O Boletim Regional do Banco Central do Brasil, Brasília, 2014.

BANZZATTO, Antonio Carlos. *Entrevista concedida a Cândida Deichmann Santos Lima*. Curitiba, nov 2005.

BARRO, R. Economic growth in a cross-section of countries. *The Quarterly Journal of Economics* 106(2): 407-443, 1991.

BECKER, Dinizar Fermiano. *Desenvolvimento sustentável: necessidade e/ou possibilidade*. 4. ed. São Paulo: Saraiva, 2002.

BENATTI, Elisabeth. *Os Reflexos da crise mundial de 2008 sobre o desempenho econômico da Usina Sabarálcool S/A Açúcar e Alcool*. Monografia (Graduação em Economia) - Universidade Estadual do Paraná - Campo Mourão, Campo Mourão, 2012.

BENETON, João Carlos; BOVO, Marcos Clair. Análise do setor industrial da cidade de Terra Boa/Pr: Projeção E Interdependência Econômica. Artigo, *I Simpósio de Estudos Urbanos – SEURB*, Unespar, Campo Mourão, 2011.

BENKO, G. B. Desenvolvimento Regional e Indústria de Alta- Tecnologia: Um Estudo das Dinâmicas Locativas. In: *Revista Portuguesa de Geografia* . Finisterra, XXVIII, 55-56, pp. 73-100, 1993.

_____. *Economia, espaço e globalização: na aurora do século XXI*. São Paulo: Hucitec, 1996.

BENKO, G. B; LIPIETZ, A. (Org.). *As regiões ganhadoras - distritos e redes: os novos paradigmas da geografia econômica*. Oeiras (Portugal): Celta, 1994. p.77-99. Título original: Les regions Qui gagnent - districts et réseaux: les nouveaux paradigmes de la geographia économique.

_____. *La richesse des régions*. Paris: Presses Univ. France, 2000.

BIANCHI, P. *Nuevo enfoque em el diseno de políticas para las P&MEs: Aprendiendo de la experiencia europea*. Buenos Aires: Cepal, 1996 (Documento de trabajo 72).

BITTENCOURT, Jackson Teixeira. Perfil produtivo e dinâmica espacial da Região Metropolitana de Curitiba: uma leitura a partir do desenvolvimento regional e das mudanças no padrão de produção. In: *Revista Paranaense de Desenvolvimento*. Curitiba: IPARDES, n.105, jul/dez., 2003. p.101-123.

- BORGES, Paulo R. S. *Comparativo das dinâmicas de desenvolvimento econômico nos municípios de Campo Mourão e Toledo – Paraná, durante o período de 1996 a 2006*. Dissertação. UFPR. Curitiba, 2009.
- BORJA, J.; CASTELLS, M. *Local y global: la gestión de las ciudades en la era de la información*. Madrid : Grupo Santillana de Ediciones, 1997.
- BOTELHO, Adriano. *A produção do espaço e a indústria*. In: _____. *Do fordismo à produção flexível: o espaço da indústria num contexto de mudanças das estratégias de acumulação do capital*. São Paulo: Annablume, 2008. p. 19-30.
- BRACELPA - Associação Brasileira de Celulose e Papel. *Estatísticas Bracelpa: Relatório anual 2009/2010*. São Paulo, 2010. 60 p.
- BRAGUETO, Cláudio Roberto. *Aglomeración urbano-industrial de Londrina: sua constituição e dinâmica industrial*. Geografia Industrial, elaborado a partir da tese de doutorado em Geografia Humana: USP, 2008.
- BRAGUETO, Cláudio Roberto. *Aglomeración Urbano-Industrial de Londrina: sua constituição e dinâmica industrial*. Tese (Doutorado) - Universidade de São Paulo (USP), São Paulo, 2007.
- BRANDÃO, Carlos Antônio. *Território e desenvolvimento: as múltiplas escalas entre o local e o global*. Campinas: Editora da UNICAMP, 2007.
- BRESSER PEREIRA, Luiz C. The Dutch Disease and its neutralization: a Ricardian approach. *Revista de Economia Política*, São Paulo, v. 28, p. 48-71, Jan/Mar, 2008.
- CAGED - Cadastro Geral de Empregados e Desempregados. *Bases Estatísticas*. Disponível em Bases Estatísticas. Brasília: Datamec, 2008. CD-ROM.
- _____. *Empregos e desempregos no período 1995-2007 divulgados pelo Ministério do Trabalho e do Emprego (MTE)*. Brasília, 2011.
- CANO, W. Concentração e desconcentração econômica regional no Brasil: 1970/95. *Economia e Sociedade*, Campinas, n.8, p.101-141, jun. 1997a.
- _____. *Desequilíbrios regionais*. Campinas, 2 ed. IE/UNICAMP, 1998.
- CANO, W. *Desconcentração produtiva regional no Brasil, 1970-2005*. São Paulo: UNESP, 2008.
- _____. *Auge e inflexão da desconcentração econômica regional*. In: AFFONSO, R. B. A, SILVA, P. L. B. *A Federação em perspectiva: ensaios selecionados*. São Paulo: HucitecAbet, 1997b.
- _____. *Reestruturação industrial, relação entre firmas e mercado de trabalho: as evidências na indústria eletrônica da Região Metropolitana de Curitiba*. Trabalho apresentado como requisito para o concurso de professor titular da Universidade Federal do Paraná. Curitiba, 1996.

CARLOS, Ana Fani Alessandri. A geografia brasileira, hoje: algumas reflexões. *Terra Livre*. São Paulo, ano 18, v. I n. 18, p. 161-178, jan./jun. 2002.

CARNEIRO, João de Castro. *Dentista Prático - A luta a legalização*. Goiânia: Bandeirantes, 1982.

CARVALHO, Gisélia L. Região: a evolução de uma categoria de análise da geografia. *Boletim Goiano de Geografia*, volume 22, n° 01, jan./jun. de 2002.

CARVALHO, Maria Auxiliadora de.; SILVA, César R. B. da. *Economia internacional*. 2. ed. São Paulo: Saraiva, 2002.

CASTELLS, Manuel. *The informational city: information technology, economic restructuring, and the urban regional process*. Oxford e Cambridge: BlackwellPublishers, 1992.

_____. *A Sociedade em Rede*. 3. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2000.

CHESNAIS, François. *A mundialização do capital*. São Paulo: Xamã, 1996.

CHRISTALLER, W. *Central places in Southern Germany*. Jena: Fischer, 1933.

CIGOLINI, Adilar; MELLO, Laércio de; LOPES, Nelci. *Paraná: quadro natural, transformações territoriais e economia*. 3. ed. São Paulo: Saraiva, 2004.

CLEMENTE, Ademir. *Economia regional e urbana*. São Paulo: Atlas, 1994.

COAMO. *Coamo agroindustrial cooperativa: nossa história*. Disponível em: <http://www.coamo.com.br/nossa_historia.html>. Acesso em: 18 nov. 2012.

_____. *Programa tecnologia de aplicação*. 19° Prêmio Expressão de Ecologia. Ed. Expressão, 2011-2012.

_____. *Coamo agroindustrial cooperativa: área de ação*. Disponível em: <<http://www.coamo.com.br/jornalcoamo/digital/desempenho.html>>. Acesso em: 13 mar. 2013.

_____. *Coamo agroindustrial cooperativa: desempenho*. Disponível em: <http://www.coamo.com.br/area_de_atuacao.html>. Acesso em: 14 mar. 2013.

_____. *Terminal portuário de Paranaguá*. 2014.

_____. *Coamo agroindustrial cooperativa*. Disponível em: <<http://www.coamo.com.br>>. Acesso em: 13 abr. 2015.

CONAB - Companhia Nacional de Abastecimento. *Boletim de Monitoramento Agrícola: Culturas de Verão: Safra 2012 / 2013*. Brasília, Novembro de 2012.

CONCLA – Comissão Nacional de Classificação (IBGE). *Definição das normas de utilização e padronização das classificações das estatísticas nacionais*. Rio de Janeiro, 2014.

COPEL - Companhia Paranaense de Energia Elétrica. *Usina hidrelétrica mourão*. Disponível em: <<http://www.copel.com>>. Acesso em: 11 maio 2015.

CORRÊA, R. L. *Região e organização espacial*. São Paulo: Ática, 1986. 93p.

_____. *A rede urbana*. São Paulo: Ática, 1989.

_____. *A rede urbana*. São Paulo: Ática, 1994.

_____. *Região e organização espacial*. 5. ed. São Paulo: Ática, 1995.

_____. *Espaço: um conceito-chave da Geografia* In: CASTRO, In: E. de; GOMES, Paulo Cesar da C.; CÔRREA, Roberto Lobato. *Geografia: conceitos e temas*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1995.

_____. Identificação dos centros de gestão do território no Brasil. *Revista Brasileira de Geografia*, Rio de Janeiro: IBGE, v. 57, n. 1, p. 83-102, jan./mar. 1995.

_____. Algumas considerações sobre análise regional. In: *Revista Brasileira de Geografia*. Rio de Janeiro: IBGE, 1997, 54 p., ano 49, nº 4 out/dez.

_____. *Região e organização Espacial*. 7. ed. São Paulo: Ática, 2000.

_____. *Construindo o conceito de cidade média*. In: Sposito, Maria Encarnação Beltrão (Org). *Cidades Médias. Espaços em transição*. São Paulo: Expressão Popular, 2007.

_____. *Trajetórias geográficas*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2011.

COSTA, Alfredo Bruno da. *Exclusões sociais*. Lisboa: Gradiva, 2007.

COSTA, F. R. e ROCHA, M. M. Estudo sobre os municípios periféricos na Mesorregião Centro Ocidental paranaense. *Revista UEL Geografia* (Londrina) v. 18, n. 2, 2009.

COSTA, R. M. *Estratégias competitivas e desempenho econômico: o caso da indústria automobilística brasileira de 1986 a 2007*. 184 p. 2008. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Ciências Econômicas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2008.

CRISTÓFOLI BIOSSEGURANÇA LTDA. Disponível em: <<http://www.cristofoli.com>>. Acesso em: 14 abr. 2015.

_____. *Autoclave Cristófoli manual de instruções*. Campo Mourão: Cristófoli, 2002.

CRUZ B. de Oliveira e SANTOS, I. R. S.S. *Dinâmica do emprego industrial no Brasil entre 1990 e 2007: uma visão regional da “Desindustrialização*, 2009.

CRUZ, M. J. V. da; NAKABASHI L. É possível falarmos em desindustrialização no Paraná? In: *Revista Economia & Tecnologia*, ano 02, vol. 05, abr./jun. de 2005, p. 7-8., 2006.

DATASUS. *Taxa de analfabetismo 2010..* Disponível em: <<http://tabnet.datasus.gov.br/cgi/tabcgi.exe?ibge/censo/cnv/alfpr.def>>. Acesso em: 13 jun. 2014.

DEESPASK. Dados sociodemográficos, economia, administração pública, violência, mundo, política. *O mundo e as cidades através de gráficos e mapas*. Disponível em: <<http://www.deepask.com>>. Acesso em: 07 out. 2014.

DELGADO, Paulo Roberto. Evolução e perfil do emprego no setor sulcraolcooleiro paranaense. *Caderno Ipardes. Estudos e Pesquisas*. Curitiba – PR, v. 1, n.1, p. 44-57, jan./jun. 2012.

DELIBARI, Edson Antonio. *O perfil do desenvolvimento socioeconômico dos municípios paranaenses que possuem agroindústria canavieira: estudo de caso*. Dissertação. Universidade Estadual do Oeste do Paraná - Unioeste. Toledo, 2010.

DIAS, Ana Valéria Carneiro; MARIO, Sergio Salerno. *Condomínios industriais: novas fábricas, novos arranjos produtivos e novas discussões na indústria automobilística brasileira*. Universidade de São Paulo (USP), São Paulo, 1999.

DIAS, Maria Cristina da C. F. *A internacionalização e os factores de competitividade: o caso Adira*. Dissertação de Mestrado em Ciências Empresariais – Especialização em Marketing. Faculdade de Economia Universidade do Porto 2007.

DINIZ, C. C. Desenvolvimento polygonal no Brasil: nem desconcentração nem contínua polarização. *Revista Nova Economia*, v. 31, n. 1, p. 35-64, 1993.

DINIZ, Clélio C. & CROCCO, Marco Aurélio. Reestruturação econômica e impacto regional: o novo mapa da indústria brasileira. *Nova Economia*. Revista do Departamento de Ciências Econômicas da UFMG. V. 06 nº 1, Belo Horizonte, 1996.

DINIZ, A. M. A. & BATELLA, W. B. 2005. O estado de Minas Gerais e suas regiões: um resgate histórico das principais propostas oficiais de regionalização. *Revista Sociedade & Natureza*, Uberlândia, v. 17, n. 33, p. 59-77, dez. Disponível em: <<http://www.sociedadnatureza.ig.ufu.br/include/getdoc.php?id=86&article=58&mode=pdf>>. Acesso em: 06 fev. 2014.

DOLLFUS, Olivier. O sistema mundo. *Boletim de Geografia Teórica*, v. 21, nº 41, p. 93-107, Rio Claro-SP, 1991.

DULCI, Otávio. Guerra fiscal, desenvolvimento desigual e relações federativas no Brasil. *Revista de Sociologia e Política*, nº 15, p. 95-107. Curitiba, 2002.

DRUCK, Maria das Graças. Globalização e reestruturação produtiva: o fordismo e/ou japonismo. *Revista de Economia Política*, v.19, n.2, p.31-48, 1999.

ENDLICH, Angela Maria. Inovações nas formas de produção, fluxos e territorialidade urbana. *Revista do Curso de Pós-Graduação em Geografia*. UNESP, nº 3-4, p. 1-130. Presidente Prudente, 1997.

_____. *Pensando os papéis das pequenas cidades do noroeste do Paraná*. Tese doutorado. UNESP – Presidente Prudente SP. 2006.

_____. Formação sócio espacial da região noroeste do Paraná e as pequenas cidades. *Boletim de Geografia*. Universidade Estadual de Maringá (UEM), nº 25, p. 37-58. Maringá, 1997.

_____. Novos referenciais e planejamento territorial: possibilidades para as pequenas cidades? *Revista Redes*, Santa Cruz do Sul, v. 12, n. 2, p. 5-35, mai./ago. 2007. . p. 8

ESPÍNOLA, Gepherson M.; SANTOS, Magila S.; ANDRADE, Magali A. de. A incidência da pobreza no Brasil: uma análise empírica, 1992-2005. In.: I Conferência Nacional de Políticas Públicas contra a Pobreza e a Desigualdade. *Anais...* Natal: UFRN, 2010.

ESTADO DO PARANÁ. *Plano plurianual 2008 a 2011*. Secretaria de Estado do Planejamento e Coordenação Geral. Curitiba, 2007.

_____. Secretaria de Estado da Agricultura e do Abastecimento (SEAB)/Departamento de Economia Rural (DERAL). *Soja – Análise da Conjuntura Agropecuária*. Curitiba. Outubro, 2012.

_____. Secretaria de Estado da Agricultura e do Abastecimento (SEAB)/Departamento de Economia Rural (DERAL). *A cana de açúcar e sucroalcooleira*. Curitiba. Maio, 2012.

_____. Secretaria da Agricultura e Abastecimento. *Valor bruto da produção rural paranaense. relatório governo do Paraná*. Curitiba, 2014.

_____. Secretaria de Estado de Agricultura e Abastecimento *Valor bruto da produção rural paranaense*. Relatório Governo do Paraná. Curitiba, 2013.

_____. Secretaria de Estado da Fazenda (SEFA) – *Economia e finanças*. Curitiba, 2008.

_____. Secretaria de Estado da Fazenda do Paraná. *Dados estatísticos*. Curitiba, 2013.

_____. Secretaria de Estado de Indústria, Comércio e Assuntos do Mercosul (SEIM) – *Análise da balança comercial pParanaense*. Curitiba, 2012.

_____. Secretaria de Estado de Indústria e Comércio e Assuntos do Mercosul (SEIM) – *Análise da balança comercial paranaense*, 2013.

_____. Secretaria de Estado da Cultura/Coordenação do Patrimônio Cultural. Disponível em: <<http://www.patrimoniocultural.pr.gov.br/modules/conteudo/conteudo.php?conteudo=175>>. Acesso em: 12 fev. 2014.

FAJARDO, Sergio. *Estratégias e territorialidades das cooperativas agropecuárias e das empresas globais do setor agroindustrial no Paraná*. Tese de Doutorado. Universidade Estadual Paulista – Faculdade de Ciências e Tecnologia. Presidente Prudente SP, 2007.

FAUTH, K. M MORAIS, I. A. C. ; ; CLEZAR, R. V. O mercado de automóveis, ônibus e caminhões no Brasil, 1996-2008. In: XXXVII Encontro Nacional de Economia - Anpec, 2009, Foz do Iguaçu. Encontro Nacional de economia, 2009. v. 1. p. 1-20.

FERRARO, Alceu Ravanello; KREIDLOW, Daniel. Analfabetismo no Brasil: configurações e gênese das desigualdades regionais. *Revista Educação & Realidade*, Porto Alegre, v. 29, n. 2, jul./dez. 2004, p. 179-200.

FIEP. Federação das Indústrias do Estado do Paraná. *Indicadores conjunturais*. Curitiba, 2009.

_____. *Distribuição espacial e setorial das MPMs Indústrias do Paraná*. Proposta de levantamento de dados de evolução do emprego das MPMs do Paraná. Curitiba, 2012.

_____. *Indicadores conjunturais*. Curitiba, 2013.

_____. *Proposta para competitividade da indústria paranaense: recomendações para a política industrial*. Curitiba, 2014.

FIERO. Federação das Indústrias do Estado da Rondônia. *Perfil socioeconômico e industrial de Rondônia*. Porto Velho, 1997.

FIRKOWSKI, O. L. C. de F. Industrialização, questão ambiental e Mercosul. *Geografia: Revista do Departamento de Geociências*, Londrina, v.8, n.2, p.161-174, jul./dez. 1999.

_____. *O processo recente de localização industrial na área metropolitana de Curitiba: concentração ou desconcentração?* In: SPÓSITO, E. S. *Dinâmica econômica, poder e novas territorialidades*. Presidente Prudente: Gasperr, 1999, p.137-151.

_____. *A nova territorialidade da indústria e o aglomerado metropolitano de Curitiba*. Tese (Doutorado em Geografia Humana) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2001.

_____. *A inserção do estado do Paraná no processo de desconcentração da indústria automobilística brasileira*. *Polígonos*, León, n.11-12, p.75-111, 2001-2002.

_____. *A nova lógica de localização industrial no aglomerado metropolitano de Curitiba*. *Revista Paranaense de Desenvolvimento*, Curitiba, n. 103, 2002, p.79-100.

_____. *Região Metropolitana no Brasil: Assim é se lhe parede.... I Simpósio de Estudos Urbanos*. Campo Mourão: SEURB, 2011.

FONSECA, A. M. P. P.; SOUZA, M.; SCHNEIDER, A. H. *Dinâmica e tendências do setor automotivo: região metropolitana de Curitiba*. Brasília: IEL, 2009.

FRANQUETI BERNIS, Josep M. *Un modelo racional de organización territorial: Aplicación a Cataluña*. Primera Edición, Universitat Internacional de Catalunya Campus Barcelona, 2008.

FRESCA, Tania Maria. *A dinâmica funcional da rede urbana do oeste paulista*. Dissertação de Mestrado. Florianópolis, 1990.

_____. *A rede urbana do norte do Paraná*. Londrina: Eduel, 2004.

FUINI, Lucas Labigalini. Globalização e seus aspectos geográficos: Uma revisão bibliográfica. *Revista da Casa da Geografia de Sobral (RCGS)*, Sobral – CE, v. 15, n. 1, p. 49-67, 2013.

_____. A nova dimensão da competitividade: territorialização e arranjos produtivos locais (apl). *Revista Caminhos de Geografia Uberlândia* - MG, v. 9, n. 25 p. 148 – 157, Mar/2008.

FUNDAÇÃO EDUCERE. Disponível em: <<http://www.educere.org.br/index.php>>. Acesso em: 14 abr. 2015.

GALVÃO, José Carlos Alves; PORTELLA, Kleber Franke; JOUKOSKI, Alex; MENDES, Roberto; FERREIRA, Elizeu Santos. Reparos no vertedouro da UHE Mourão: aplicação de concretos com adição de material reciclado – 1ª parte. *Revista Espaço Energia*, Curitiba - Número 11, Outubro 2009.

GARCIA, Mayara Ferreira e Silva. *Desenvolvimento socioeconômico do município de Moreira Sales –PR*. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Economia) – Universidade Estadual do Paraná, Campo Mourão, 2013.

GAZETA DO POVO. *Tyson Foods compra a Frangobras*. Publicado em 18 set. 2008. Disponível em: <<http://www.gazetadopovo.com.br/economia/tyson-foods-compra-frangobras-b6nv9xt2u94hrhmc3ccc095ce>>. Acesso em: 15 abr. 2015.

G1 ECONOMIA. *CADE aprova compra da Tyson do Brasil pela JBS*. Publicado em 24 out. 2014. Disponível em: <<http://g1.globo.com/economia/negocios/noticia/2014/10/cade-aprova-compra-da-tyson-do-brasil-pela-jbs.html>>. Acesso em: 15 abr. 2015.

GOMES, Maria T. S. O debate sobre a reestruturação produtiva no Brasil. *Revista Digital RA' EGA 21 -O Espaço Geográfico em Análise*. Departamento de Geografia UFPR. Curitiba, 2011.

GOTTDIENER, M. *A teoria da crise e a reestruturação sócio espacial: o caso dos Estados Unidos*. In: VALLADARES, L.; PRETECEILLE, E. (corr.). *Reestruturação urbana: tendências e desafios*. São Paulo: Nobel; Rio de Janeiro: IUPERJ, 1990.

GOULART, Carolina Ratto. *Internacionalizando a moda brasileira: estudo de caso sobre a inserção da Dudalina no mercado italiano*. Monografia. Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 2014.

GRAZIADIO, T. *Produção modular: mudanças e perspectivas para os fornecedores da cadeia automotiva brasileira*. Texto publicado no relatório CARS 2000.

GUERRA, A.; POCHMANN, M.; SILVA, R.A. *Atlas da exclusão social no Brasil: Dez anos depois*. Cortez: São Paulo, 2014.

HAFFNER, Jacqueline A. H. *A CEPAL e a industrialização brasileira (1950-1961)*. EDIPUCRS, Porto Alegre, 2002.

HARROD, R. F. (1933). *International economics*, Cambridge: Cambridge University Press.

HARVEY, D. *The condition of postmodernity*, Basil Blackwell, Oxford, 1989.

HARVEY, D. *A condição pós-moderna*. Uma pesquisa sobre as origens da mudança cultural. São Paulo: Edições Loyola, 1992.

HARVEY, D. *Espaços de Esperança*. (Título original: *Spaces of Hope*) Tradução: Adail Ubirajara Sobral e Maria Stela Gonçalves, São Paulo: Loyola, 2004.

HARVEY, D. *Produção capitalista do espaço*. Coleção Geografia e Adjacências, São Paulo: Annablume, 2005.

HENRIQUES, Ricardo; BARROS, Alexandre Rands. *Desigualdade e pobreza no Brasil*. IPEA. Rio de Janeiro, 2000.

HERSEN, Amarildo; LIMA, J. F.; SANTOS, Alessandro dos; LIMA, Cezar. As fontes do crescimento econômico das cidades médias do Estado do Paraná. *Revista de História Econômica & Economia Regional Aplicada* – Vol. 5 Nº 8 Jan-Jun 2010.

HESPAHOL, Antonio Nivaldo. A formação sócio-espacial da região de Campo Mourão e dos municípios de Uiratã, Campina da lagoa e Nova Cantú-PR. *Boletim de Geografia*. Maringá, ano 11, nº 01, 1993.

HOLANDA, Marcos. C., GOSSON, Annúzia M.P.M. e NOGUEIRA, Cláudio A. G. *O índice de Gini como medida de concentração de renda*. Instituto de Pesquisa e Estratégia Econômica do Ceará (IPECE). Fortaleza – CE, 2006.

HUGON, P. *La dialectique du local et du global dans le développement*. In: Abdelmalki, L; Courlet, C. *Les nouvelles logiques du développement: globalization versus localization*. Paris: L'Harmattan, 1996, p.29-40.

IANNI, Octávio. *A sociedade global*. 13. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1996.

IBGE. Séries Estatísticas Retrospectivas. INEP/MEC; *Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos*, n. 101, 1970.

_____. *Boletim de serviço*, n. 1763 (Suplemento), Rio de Janeiro, 1989.

_____. *Divisão Regional do Brasil em mesorregiões e microrregiões geográficas*. Vol. 1, Rio de Janeiro, 1990.

_____. *Produto interno bruto dos municípios*. Série relatórios metodológicos. Rio de Janeiro: IBGE, 2004. 49 p.

_____. *Pesquisa industrial anual – empresa*. Série Relatórios Metodológicos, v. 26. Rio de Janeiro: IBGE, 2004.

_____. *Censo demográfico 1940/2000 e projeção da população do Brasil por sexo e idade para o período 1980-2050 – Revisão 2008*. Dados extraídos do Atlas Nacional Do Brasil Milton Santos, IBGE, 2008: 121. Acesso Disponível em <<http://seriesestatisticas.ibge.gov.br/series.aspx?vcodigo=CD9506>> Acesso em: 15 jun. 2014.

- _____. *Indicadores sociais municipais 2010: incidência de pobreza*. Rio de Janeiro: IBGE, 2011.
- _____. *Contas regionais do Brasil, 2005-2009*. Contas Nacionais nº 35. Rio de Janeiro, 2011.
- _____. *Censos demográficos, Sidra de 1990, 2000, 2007 e 2010*. Rio de Janeiro: IBGE, Acesso 15 de novembro de 2012.
- _____. *Posição ocupada pelos maiores municípios em relação ao PIB*, 2013.
- _____. *Caderno Cidades*. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br/cidades>>. Acesso em: 07 set. 2013.
- _____. *Produção física industrial nacional de 2013*. Disponível em: <<http://www.sidra.ibge.gov.br/bda/indust/default.asp?z=t&o=22&i=P>>. Acesso em: 14 jun. 2014.
- _____. *Produção física industrial nacional de 2014*. Disponível em: <<http://www.sidra.ibge.gov.br/bda/indust/default.asp?z=t&o=22&i=P>>. Acesso em: 21 mar. 2015.
- _____. *Valor adicionado a preços básicos de 2010 a 2012*. Disponível em <<http://www.sidra.ibge.gov.br>>. Acesso em: 22 mar. 2015.
- IBGE. *Arranjos populacionais e concentrações urbanas do Brasil*. Rio de Janeiro: IBGE, 2015.
- INEP/CEDEPLAR. *Panorama evolução da educação brasileira nas últimas décadas*. Belo Horizonte, 2005.
- IDT. INSTITUTO DE DESENVOLVIMENTO DO TRABALHO. Fortaleza, 2007.
- IPARDES. *Estudos para uma política de desenvolvimento industrial no Paraná*. Curitiba, 1981.
- _____. A estrutura industrial paranaense. *Boletim de Análise Conjuntural*, Curitiba, v.4, n.9, p.6-10, 1982.
- _____. *Impacto das culturas voltadas às alternativas energéticas e à exportação sobre a agricultura de alimentos*. Volume I. Curitiba, 1983.
- IPARDES. *Dinâmica demográfica da região Sul – nos anos 70 e 80*. Curitiba, 1997.
- _____. *Crescimento, reestruturação e competitividade industrial no Paraná 1985-2000*. Curitiba: IparDES, 2002.
- _____. *Arranjos produtivos locais e o novo padrão de especialização regional da indústria paranaense na década de 90*. Curitiba, 2003.

_____. *Leituras regionais: mesorregiões geográficas paranaenses. Sumário Executivo.* Curitiba: 2004. 1 CD-ROM.

_____. *Banco de dados do estado.* IparDES 2004.

_____. *Arranjo automotivo da Região metropolitana sul- Curitiba no estado do Paraná.* Curitiba: IPARDES, 2005.

_____. *Arranjo automotivo da região metropolitana Sul-Curitiba-PR.* Curitiba, 2005.

_____. *Anuário estatístico do estado do Paraná: 2005.*

_____. *Arranjo automotivo da região metropolitana Sul-Curitiba no estado do Paraná.* Curitiba: IPARDES, 2005.

_____. *Os Vários Paranás. Identificação de espacialidades socioeconômico-institucionais como subsídio a uma Política de Desenvolvimento Regional. Síntese.* Curitiba, 2006.

_____. *Dinâmica recente da indústria paranaense: estrutura e emprego.* Curitiba, 2007.

IPARDES. *Diagnóstico socioeconômico do Território norte pioneiro. Projeto de inclusão social e desenvolvimento Rural sustentável – Paraná.* Curitiba, 2007

_____. *O emprego formal na indústria de transformação paranaense segundo a intensidade tecnológica - 1995 a 2007. Nota Técnica de 28 de fevereiro de 2008.*

_____. *Cadernos municipais.* Disponível em: <<http://www.ipardes.gov.br>>. Acesso em> 10 nov, 2009.

_____. *A distribuição da indústria de transformação no Paraná no período de 2002 a 2007: uma análise espacial.* Curitiba, 2009.

_____. *A indústria paranaense e o avanço tecnológico. Análise Conjuntural.* Curitiba, V. 31, n.º 7-8, jul/ago. 2009.

_____. *Os desafios do desenvolvimento regional: A importância e a insuficiência do crescimento do PIB na redução das desigualdades regionais.* Nota Técnica IparDES, Curitiba, n.11, out. 2010.

_____. *Plano estadual de habitação de interesse social do Paraná (PEHIS-PR) – Diagnóstico.* Curitiba, 2011.

_____. *Identificação dos setores estratégicos da indústria de transformação no Paraná. Caderno IparDES. Estudos e Pesquisas.* Curitiba, v. 1, n. 2, p. 17 a 35, jul./dez. 2011.

_____. Disponível em: <www.ipardes.gov.br>. Acesso em: 15 dez. 2011.

_____. *Caderno IparDES. Estudo e Pesquisas.* Curitiba – PR, v. 1, n.1, p. 44-57, jan./jun. 2012

_____. *Mesorregião região geográfica centro ocidental paranaense*. Instituto de Desenvolvimento Econômico e Social. Iparades 2012.

_____. Banco de dados do estado. Curitiba, 2013. Disponível em: <<http://www.ipardes.pr.gov.br/imp/index.php>>. Acesso: diversos.

_____. Banco de Dados do Estado. Curitiba, 2014. Disponível em: <<http://www.ipardes.pr.gov.br/imp/index.php>>. Acesso: diversos.

_____. Perfil avançado do município de Mamborê. Curitiba, 2014b. Disponível em: <http://www.ipardes.gov.br/perfil_municipal/MontaPerfil.php?codlocal=336>. Acesso: diversos.

_____. Observatório das Metrópoles/UEM - Núcleo Região Metropolitana de Maringá. *Retratos da região de Campo Mourão: um diagnóstico socioeconômico dos municípios da Comcam*. Diagnóstico da Região da Comcam. Maringá, 2014.

_____. Banco de Dados. Disponível em: <<http://www.ipardes.pr.gov.br/imp/index.php>> Acesso em: 06 mar.2015.

IPEA - Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada. *Paraná: Economia, Finanças Públicas e Investimentos nos anos 90. Texto para discussão n. 624*. Org. VASCONCELOS, José Romeu; CASTRO, Demian. Brasília, 1999.

_____. 2011. Disponível em: <<http://www.ipea.gov.br>>. Acesso em: 02 jan. 2014.

_____. 2013. Disponível em: <<http://www.ipea.gov.br>>. Acesso em: 02 jan. 2014.

JACOBI, P. *Causas recientes del crecimiento urbano actual de América Latina y lastendencias de corto plazo*. In: CHORNET, A. P. (Org.). *Las ciudades de América Latina: problemas y oportunidades*. Valencia: Universitat de Valencia, 1994.

JANNUZZI, Paulo de Martino. *Indicadores sociais no Brasil*. Campinas: Alínea, 2001.

JESUS, G. E.; FERRERA DE LIMA, J. *A indústria paranaense no Mercosul*. In: PIACENTI, C. A.; FERRERA DE LIMA, J. F.; PIFFER, M. (Orgs.) *O Prata e as controvérsias da integração Sul-Americana*. Cascavel: Edunioeste, 2001.

JURADO SILVA, Paulo Fernando. *Cidades pequenas e indústria: contribuição para a análise da dinâmica econômica na Região de Presidente Prudente-SP*. Tese de Doutorado. Universidade Estadual Paulista - Faculdade de Ciências e Tecnologia. Presidente Prudente, 2011.

KLABIN. Projeto Pluma. Disponível em: <<http://www.klabin.com.br/pt/a-klabin/projeto-puma>>. Acesso em: 10 jan. 2014.

KÄSSMAYER, Karin. *Cidade, riscos e conflitos socioambientais urbanos: desafios à regulamentação jurídica na perspectiva da justiça socioambiental*. Tese. Universidade Federal do Paraná. Curitiba, 2009.

LEFEBVRE, Henri. *Espacio y política*. Barcelona: Ediciones Peninsula, 1976 – original em francês de 1973.

KLEINKE, Maria de Lourdes Urban, DESCHAMPS, Marley Vanice, e MOURA, Rosa. Movimento migratório no Paraná (1986-91 e 1991-96) origens distintas e destinos convergentes. *Revista Paranaense de Desenvolvimento*. v. 1, n 95, 27-50, janeiro/abril, 1999.

LEITE, Elenice Monteiro. *Reestruturação produtiva no Brasil: mudanças no mercado de trabalho e impactos sobre a qualificação profissional*. Brasília: Convênio MTB/SEFORFLACSO, 1998.

LEITE, Carlos Antonio Moreira; JESUS, Ramon Barrozo de; PROCÓPIO, Diego Pierotti. Análise Comparativa da Cadeia Sucroalcooleira nos Estados do Paraná e São Paulo. *Artigo*. 48º Congresso SOBER - Sociedade Brasileira de Economia, Administração e Sociologia Rural. Universidade Federal de Viçosa. Campo Grande, 2010.

LEMOS, Maurício. *Espaço e capital: um estudo da dinâmica centro X periferia*. 1988. Tese (Doutorado em Economia) – Instituto de Economia, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, SP, 1988.

LEMOS, Jose de Jesus Sousa. *Assimetria na escolaridade induz desigualdades na distribuição de renda no Brasil*. Sociedade Brasileira de Economia, Administração. Sociedade Brasileira de Economia, Administração e Sociologia Rural (SOBER), 2008.

LENCIONI, Sandra. *Reestruturação industrial do Estado de São Paulo – Região da metrópole desconcentrada*. In SOUZA, Maria Adélia M. de; SILVEIRA, Maria Laura (Org.). *Território, globalização e fragmentação*. São Paulo: Huc, 1994. p. 198-210.

_____. *Reestruturação: uma noção fundamental para o estudo das transformações e dinâmicas metropolitanas*. In: Encontro de Geógrafos da América Latina, 6, 1988, Buenos Aires. *Anais...* Buenos Aires, 1998.

_____. *Cisão territorial da indústria e a integração regional no Estado de São Paulo*. In: GONÇALVES, Maria Flora; BRANDÃO, Carlos. A. e GALVÃO, Antonio Carlos F. (Orgs.). *Regiões e cidades, cidades nas regiões: o desafio urbano-regional*. São Paulo: UNESP: ANPUR, 2003.

_____. *A emergência de um novo fato urbano de caráter metropolitano em São Paulo. A particularidade de seu conteúdo sócio-espacial, seus limites regionais e sua interpretação teórica*. In: Encontro Nacional da Anpur, 10, 2003, Belo Horizonte. *Anais...* Belo Horizonte: ANPUR, maio 2003. CD-ROM.

LIMA, Emerson Gonçalves de. *Descentralização industrial no Brasil e seus reflexos no Paraná na década de 1990*. Monografia. Universidade Estadual de Londrina (UEL). Londrina, 2006.

LIMA, Fernando R. F de. Novo ciclo de expansão da indústria automobilística no Brasil. *Revista Análise Conjuntural*, v.33, n.9-10, set./out. 2011.

LIMA, Gerson Portela. *Atlas da exclusão social no Piauí*. Fundação CEPRO. Teresina, 2003.

LLOMOVATTE, Silvia. *Analfabetismo em Argentina*. Buenos Aires: Niño y Dávila, 1989.

LOSCH, A. *The economics of location*. New Haven: Yale University Press, 1954.

LOURENÇO, Gilmar Mendes. *A economia paranaense em tempos de globalização*. Curitiba, 2003.

_____. *Pauta para a interiorização do crescimento industrial do Paraná*. IparDES. Comunicado para o planejamento n. 20. Curitiba, 2012.

_____. *Economia paranaense: competitividade e desafios*. IparDES. Comunicado para o Planejamento, nº 28. Curitiba, 2014.

LOURENÇO FILHO, M. B. Redução das taxas de analfabetismo no Brasil entre 1900 e 1960: descrição e análise. *Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos*. Rio de Janeiro, v. 44, n. 100, p. 250-272, out./dez. 1965.

LUZ, A. R. *Esquemas interpretativos e os condicionantes institucionais e relacionais da adoção de práticas de gestão financeira em organizações*. Dissertação (Mestrado em Administração) – Centro de Pesquisa e Pós-Graduação em Administração, Universidade Positivo, Curitiba, 2012.

MAAR, Leo Wolfgang. A dialética da centralidade do trabalho. *Ciência e Cultura*. São Paulo, ano 58, n. 4, p. 26-28, out/dez 2006.

MACAMBIRA, J. org. *O mercado de trabalho formal no Brasil*, Fortaleza: Imprensa Universitária, 2006.

MAGALHÃES, F.B.B. O novo perfil econômico do Paraná. *Indicadores Econômicos FEE*. Porto Alegre, v.21; n. 3, p.31-52, novembro, 1993.

MAGALHÃES, M.V.; CINTRA, A.P. de U. *Dinâmica demográfica do Paraná: tendências recentes, perspectivas e desafios*. Nota Técnica, 14. Curitiba: IPARDES, 2010.

MANDEL, Ernest. *O capitalismo tardio*. São Paulo: Abril Cultural, 1982.

MANSO, Isabela Jorge. *Sistema da qualidade em abatedouros de aves*. Estágio Supervisionado. Universidade Tecnológica Federal do Paraná – UTFPR. Campo Mourão, 2014.

MARÇAL, P. S. R. *A expansão Urbana de Catalão-GO: indústria e cidade, 1997 – 2006*. 52 f. Monografia (Especialização em Geografia)-Curso de Geografia, Universidade Federal de Goiás, Campus de Catalão, 2008.

MASSOQUIN, Nair Glória; AZEVEDO, Tarik Rezende de; SANTOS, Adriana Maikut dos. *Campo Mourão: Estudo da paisagem em áreas conflitivas no entorno do Lago Azul*. Campo Mourão, 2006.

MASSOQUIM, Nair Glória. *Clima e paisagem da Mesorregião Centro Ocidental paranaense*. Tese Geografia Física – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, 2010.

MATOS, Ralfo; GRACIA, Ricardo A. *A geografia do PIB brasileiro e as tendências de crescimento populacional na Rede de Localidades Centrais*. CEPAL/CELADE. Brasília – Brasil, 2007.

MDIC - Ministério do Desenvolvimento Indústria e Comércio. *Ações setoriais para o aumento da competitividade da indústria brasileira*. Disponível em: <<http://www.mdic.gov.br/spi/asac/asac0000.htm>>. Acesso em: 14 abr. 1999.

MDIC. *Diretrizes de política industrial, tecnológica e de comércio exterior*. Brasília, 2004.

MDIC/SECEX. Ministério do Desenvolvimento Indústria e Comércio. *Dados estatísticos*. Disponível em: <<http://www.desenvolvimento.gov.br>>. Acesso em: fev. 2015.

MDS - Ministério do Desenvolvimento Social e Combate A Miséria/SAGI – Secretaria de Avaliação da Gestão e Informação. *Relatório de informação social*. 2015. Disponível em: <[http://aplicacoes.mds.gov.br/sagi/RIv3/geral/relatorio.php#Visão Geral](http://aplicacoes.mds.gov.br/sagi/RIv3/geral/relatorio.php#Visão%20Geral)>. Acesso em: 27 jul. 2015.

MENDES, Constantino Cronemberger. *Rede Urbana, Território e Desenvolvimento Regional*. IPEA – *Regional, Urbano e ambiental* n. 3, dez. 2009.

MENDES, Cesar Miranda & TOWS. Ricardo Luiz. *A questão da localização nas pequenas cidades paranaenses*. Estudos urbanos em perspectivas reflexões, escalas e desafios. Campo Mourão: Editora Fecilcam, 2013.

MEZA, Maria Lúcia. F. G. de e CARLEIAL, Liana. *Estratégias na indústria automotiva: O caso da Renault no Brasil*. Artigo. 40º Congresso Instituto Franco-Brasileiro de Administração de Empresas – IFBAE. Porto Alegre, 2007.

MICHELONI, Débora. *A dinâmica do setor industrial no município de Araruna-PR. no contexto econômico e social e na promoção do desenvolvimento econômico, durante o período de 2008 a 2012*. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Economia) – Universidade Estadual do Paraná, Campo Mourão, 2013.

MIGLIORINI, Sonia Mar dos Santos. *Indústria Paranaense: Formação, transformação econômica a partir da década de 1960 e distribuição espacial da indústria no início do século XXI*. *Revista Eletrônica Geografar*, Curitiba, v.1, n.1, p.62-80, jul./dez. 2006.

MOLLE, Tatiany Dalle. *Contextualização e diagnóstico socioeconômico do município de Terra Boa com fatores de contribuição para o desenvolvimento municipal, período de 2000 a 2010*. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Economia) – Universidade Estadual do Paraná, Campo Mourão, 2013.

MOORE, Wilbert E. *The impact of Industry* (Englewood Cliffs: Prentice-Hall, 1965).

MORAES, Antonio Carlos Robert de; COSTA, Wanderley Messias da. *A geografia e o processo de valorização do espaço*. In: SANTOS, M. (Org.) *Novos rumos da geografia brasileira*. São Paulo: Hucitec, 1982.

MOREIRA, Adriano; MELAZZO, Everaldo Santos. Fluxos de investimentos e desconcentração industrial no estado de São Paulo - 1995-2005. *Revista Formação Online*, n. 18, v.1, p. 63-87, jan/jun., 2011.

MOTTA, D. M; MUELLER, C.C; TORRES, M.O. A dimensão urbana do desenvolvimento econômico-espacial brasileiro. *Texto para discussão*, n. 530. Brasília: Ipea, 45p; 1997.

MOURA, R. *Arranjos urbano-regionais no Brasil: uma análise com foco em Curitiba*. Tese (Doutorado em Geografia), Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2009.

MOURA, R; KLEINKE, M. L. U. Espacialidades de concentração na rede urbana da região sul. In: *Revista Paranaense de Desenvolvimento*. IPARDES, 1999.

MOURA, Rosa; LIBARDI, Diócles; SILVA, Sandra Terezinha da; BARION, Maria Isabel. Os vários Paranás: diversidade, desigualdade e inserção diferenciada na divisão social do trabalho. In. *Revista Paranaense de Desenvolvimento*, n.º 111, jul./dez. Curitiba, PR: IPARDES, 2006. p.145-150.

MTE. *Ministério do Trabalho e Emprego*. Disponível em: <<http://www.mte.gov.br>>. Acesso em: 24 mar. 2011.

_____. Disponível em: <<http://www.mte.gov.br>>. Acesso em: 18 nov. 2013.

MYRDAL, Gunnar. *Economic Theory and Underdeveloped Regions*. London, Duckworth&Co. Ltd. 1957.

NASSER, Bianca. *Economia Regional, desigualdade regional no Brasil e o estudo dos eixos nacionais de integração e desenvolvimento*. *Revista do BNDES*, volume 7 nº 14 pgs. 145-178. BNDES, Rio Janeiro, 2000.

NEVES, Cleverson; ESTEVES, Emerson G.Z.; CÂMARA, Márcia R. G. da; SESSO FILHO, U. A.; BRENE, P. R. A. Análise geográfica-temporal do Índice de Gini nos municípios de Santa Catarina, 2000 e 2010. Uma abordagem exploratória de dados espaciais. *VIII Encontro de Economia Catarinense - Desenvolvimento Rural*. UNIDAVI, Rio do Sul, Santa Catarina, maio de 2014.

NEVES, Delma Pessanha. *Assentamento rural: Reforma agrária em migalhas*. EDUFF, Niterói, 1997.

NEVES, Magda de Almeida; TROMBINI, V. G.; CONSOLI, M. *Mapeamento da cadeia produtiva: um retrato panorâmico do setor sucroenergético*. In: SOUZA, E. L. de; MACEDO, I. de C. *Etanol e bioetrecidade: a cana-de-açúcar no futuro da matriz energética*. São Paulo: ÚNICA, p. 10-17, 2009.

NOJIMA, A. Crescimento e reestruturação industrial no Paraná – 1985/2000. *Revista Paranaense de Desenvolvimento*, Curitiba, nº103, jul./dez. 2002.

NORTH, D. *Teoria da localização e crescimento econômico regional* In: J. SCHWARTZMANN (org.) *Economia regional e urbana: textos escolhidos*. Belo Horizonte: UFMG, p. 333-343, 1977.

OBSERVATÓRIO DAS METRÓPOLES/UEM. *Diagnóstico da região da Comcam*. Núcleo Região Metropolitana de Maringá (UEM). Maringá, 2013.

OCEPAR - Organização das Cooperativas do Estado do Paraná. *Cooprocor: Venda de frutas para a merenda escolar transforma a vida em Corumbataí do Sul*. Informe Paraná Cooperativo, de 21 de março de 2014. Disponível: <<http://www.paranacooperativo.coop.br/ppc/index.php/sistema-ocepar/comunicacao/2011-12-07-11-06-29/ultimas-noticias/98516-cooprocor-venda-de-frutas-para-a-merenda-escolar-transforma-a-vida-em-corumbatai-do-sul>> Acesso: 15 jul. 2015.

OLIVETTE, Mario Pires de Almeida; NACHILUK, Katia; FRANCISCO, Vera Lúcia Ferraz dos Santos. Análise comparativa da área plantada com cana-de-açúcar frente aos principais grupos de culturas nos municípios paulistas, 1996-2008. *Revista Informações Econômicas*, v. 40, n. 2, fev. 2010.

OLIVEIRA, Dennison de. *Urbanização e industrialização no Paraná*. Curitiba: SEED, 2001.

OLIVEIRA, Maurício. *Gestão da qualidade e gestão estratégica-usando ferramentas de decisões*. Qualidade Brasil. Gravataí (RS), 2012.

OLIVEIRA, M. A. de. Indústria paranaense da década de 1990: reestruturação e concentração. In.: I ECOPAR, 2003. Maringá. *Anais...* Maringá, 2003.

OLIVEIRA, Vladimir Luís de. Estado, empresariado regional e o setor automotivo no Paraná. *Revista Paranaense de Desenvolvimento*. Curitiba, n. 105, p. 125-140, jul./dez. 2003.

OLIVEIRA JÚNIOR, L. B de. *Mata mineira: um estudo sobre a exclusão social e os limites e possibilidades das políticas de desenvolvimento territorial*. Tese de Doutorado. Universidade Federal de Lavras – MG. Lavras, 2010.

OPTI – SENAI/FIEP. *Setores de futuro para o estado do Paraná horizonte 2015*. Relatório Técnico. Curitiba, 2005.

PACHECO, C. A. *Fragmentação da nação*. Campinas: Unicamp/IE, 1998.

PACZYK, Rosana. Setor sucroalcooleiro: do Proálcool ao biodiesel. Artigo. *Revista Eletrônica – FAE, Vitrine da Conjuntura*, Curitiba, v.2, n.6, agosto 2009.

PAGLIARINI JR. e COLAVITE, Ana Paula. *Representações cartográficas dos indicadores estatísticos da Mesorregião Centro Ocidental paranaense com destaque para o contexto de Corumbataí do Sul*. Artigo. V En: Centro de Produção Científica e Tecnológica (EPCT) – Fecilcam. Campo Mourão, 2010.

PAIVA, C. A. *Fundamentos para uma teoria e uma política de desenvolvimento regional: de Porter a Marx, de Marx a nós*.in BECKER, D. F. e BANDEIRA, P. S. (orgs.). *Desenvolvimento local-regional: respostas regionais aos desafios da globalização*. vol. 2. Santa Cruz do Sul, EDUNISC, 2002.

PASSOS, Maria Cristina; CAMPOS, Silvia Horst. *O desempenho da indústria em 1996. Indicadores Econômicos FEE*, Porto Alegre, 1997, v. 25, n.1. p. 31--51.

PAULA, Regina Noêmia Cavalin de. *Indicadores de produtividade em cooperativas do Paraná: um estudo comparativo de casos*. Dissertação (Mestrado em Engenharia). Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, 2001.

PAZ Jr, A. C. *Memórias de minha terra*. Goioerê: Sensação, 2003.

PEDROSO HESSMANN, Luciana de Oliveira. *Uma caracterização das atividades econômicas do município de Campo Mourão com ênfase no setor industrial, no período de 2008 a 2012*. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Economia) – Universidade Estadual do Paraná, Campo Mourão, 2013.

PEREIRA, Laércio Barbosa. Análise da estrutura produtiva e do desempenho da agroindústria paranaense: período 1970-85. *Revista Economia e Sociologia Rural*. Brasília, v. 34, nº 2, p. 31-49, nov./dez. 1995.

PEREIRA, José Carlos. *Projeto estrutural com materiais compostos*. Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 2003.

PETSCH, C.; BUENO, M. B. Acompanhamento e mapeamento em caráter temporal das lavouras de cana-de-açúcar em Engenheiro Beltrão-PR e problemas relacionados. In: *Anais... I Congresso Brasileiro de Organização do Espaço e X Seminário de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Estadual Paulista*. Rio Claro. UNESP, 2010.

PETROBRAS/REPAR. *A construção de uma nova percepção da marca no Paraná*. Araucária: Refinaria Presidente Getúlio Vargas, 2011.

PIFFER, Moacir; AREND, Silvio Cezar. As transformações espaciais do desenvolvimento regional paranaense com ênfase na agropecuária e nas indústrias não-tradicionais e dinâmicas entre 1970 e 2000. *Artigo*. UNISC - Universidade de Santa Cruz do Sul. Santa Cruz, 2009.

PIFFER, M.; ALVES, L. R.; AREND, S. C.; FERRERA DE LIMA, J. *O perfil locacional e a especialização produtiva nas AMCs do Estado do Paraná entre 1970 a 2000*. In: ENCONTRO NACIONAL ENABER – Associação Brasileira de Estudos Regionais e Urbanos, 8, 2010, *Anais...*, Juiz de Fora, 2010.

PINTO, Kinsey e CASTROGIOVANI, Antonio Carlos. As representações sociais atribuídas ao (sub) espaço geográfico escola. *Revista Geografia: Ensino & Pesquisa*, Santa Maria, v.13 n. 2, p. 285-294, 2009.

PIRES, D. C. A.; LONGO, L. A. F. de B. A implantação da Bolsa Família e sua relação com a pobreza nas regiões brasileiras no período de 2004 e 2006. *Bahia Análise & Dados*, Salvador, v. 18, n. 1, p. 007-021, abr./jun. 2008.

PNAD. Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio – IBGE. Brasília, 2007.

PNUD. Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento. *Atlas do desenvolvimento do humano no Brasil* – 2003. Brasília, 2003.

_____. PNDU / ONU, 2005.

_____. Censo Demográfico 2010. *Atlas do desenvolvimento humano no Brasil, Brasileira*. Brasília, 2013.

POCHMANN, Marcio. *A década dos mitos*. São Paulo: Contexto, 2001.

POCHMANN, M.; AMORIM, R. *Atlas da exclusão social no Brasil*. Cortez: São Paulo, 2003.

PORTER, M.E. *Competição: estratégias competitivas essenciais*. Rio de Janeiro: Elsevier/Campus, 1999.

PREFEITURA MUNICIPAL DE BARBOSA FERRAZ. *Cooperativas*. Disponível: <<http://barbosaferraz.pr.gov.br/index.php?sessao=96c7939676co96&id=1>> Acesso: 03 abr. 2015.

PREFEITURA MUNICIPAL DE CAMPINA DA LAGOA. *Nossa cidade*. Disponível em: <<http://campinadalagoa.pr.gov.br/index.php?sessao=b4e974f1acncb4&id=1331>> Acesso em: 04 abr. 2015.

PREFEITURA MUNICIPAL DE CAMPO MOURÃO.
<<http://www.campomourao.pr.gov.br>>. Acesso em: 04 abr 2015.

PREFEITURA MUNICIPAL DE Iretama. *Nossa cidade/história*. Disponível em: <<http://www.iretama.pr.gov.br/index.php?sessao=b8da4210cdncb8&id=201>>. Acesso: 04 abr 2015.

PREFEITURA MUNICIPAL DE JANIÓPOLIS. *Nossa cidade/Estatística*. Disponível em: <<http://janiopolis.pr.gov.br/index.php?sessao=823efd4603nc82&id=1315>>. Acesso: 04 abr. 2015.

PREFEITURA MUNICIPAL DE LUIZIANA. *Histórico*. Disponível em: <<http://luiziana.pr.gov.br/site/menu/historia>>. Acesso em: 15 abr. 2014.

PREFEITURA MUNICIPAL DE TERRA BOA. Disponível em: <<http://terraboa.pr.gov.br/index.php?sessao=22258f3830nc22&id=1202>>. Acesso em: 20 jul. 2013.

PREFEITURA MUNICIPAL DE UBIRATÃ. Disponível em: <<http://www.ingainformatica.com.br/ubirata/cidade/cidade.php?categoria=131>>. Acesso em: 31 mar. 2015.

PREFEITURA MUNICIPAL DE MOREIRA SALES. *História*. Disponível em: <<http://www.moreirasales.pr.gov.br/historia>>. Acesso em: 24 ago. 2013.

RAIS. Ministério do Trabalho e Emprego. *RAIS - Relação anual de informações sociais*. Disponível em: <<http://www.mte.gov.br/rais/>>. Acessos em: 2015.

REGIC, Região de Influência das Cidades, IBGE: Rio de Janeiro, 2008.

REIS, E.P.; SCHWARTZMAN, S. *Pobreza e exclusão social: aspecto sócio políticos*. In: GARCITÚA-MÁRIO, E.; WOOLCOCK, M. (Org). *Exclusão social e mobilidade no Brasil*. Brasília: IPEA, 2005. Disponível em: <www.schwartzman.org.br/simon/pdf/exclusion.pdf>. Acesso em: 15 dez. 2014.

REVISTA AMANHÃ. *O maior ranking regional de empresas do país*. Porto Alegre, 2013.
REVISTA EXAME. *Maiores e melhores de 2011*. 39ª Edição Anuário Melhores e Maiores. São Paulo: julho, 2012.

REZENDE, Fábio Vicari. *Sabarálcool impulsiona a economia da região de Engenheiro Beltrão*. Jornal Cana, 02/08/2005. Acesso: <<http://www.jornalcana.com.br/sabaralcool-impulsiona-a-economia-da-regiao-de-engenheiro-beltrao>>. Disponível em: 20 mar. 2015.

ROCHA, Cássia Marques da. *A industrialização do município de Cambe-PR, de 1990 a 2010*. VII Congresso Brasileiro de Geógrafos. Vitória – ES, 2014.

ROCKWELL, E. *Os usos escolares da língua escrita*. Cadernos de Pesquisa n.52, São Paulo, 1985.

RODRIGUES, Sidnei Manoel; RICHALTZ, Fernando. *A tributação das agroindústrias: contribuições de seguridade social e de interesse das categorias profissionais ou econômicas*. 4º Congresso UFSC de Controladoria e Finanças. Florianópolis, 2011.

RODRIGUES, Katia Fabiane; LIMA, Jandir Ferrera de . *Desenvolvimento regional sustentável no estado do Paraná*. I Seminário de Desenvolvimento Regional, Estado e Sociedade. Rio de Janeiro, 2012.

ROLIM, C.F.C. Espaço e Região: um retorno aos conceitos originais. *Anais... do IX Encontro Nacional de Economia*. Águas de São Pedro: ANPEC, 1982. *Estratégias do desperdício: a guerra fiscal e as incertezas do desenvolvimento*. Novos Estudos CEBRAP, n.54, p.55-71, jul. 1999.

_____. O Paraná urbano e o Paraná do agrobusiness: as dificuldades para um projeto político. *Revista Paranaense de Desenvolvimento*, n.86, set/dez,1995,p.4 99.

SACHS, Ignacy. *Desenvolvimento incluyente, sustentável, sustentado*. Rio de Janeiro: Garamond, 2004.

SANTOS, Angela Maria M.; PINHÃO; Caio Márcio Ávila. *Polos automotivos brasileiros*. *BNDES Setorial*, Rio de Janeiro, n. 10, p. 173-200, set. 1999.

SANTOS, Denise Ap^a Peron; et al. *Conhecer e viver peabiru*. Curitiba: Imprensa Oficial do Paraná, 2002.

SANTOS, Domingos. *O modelo de causalidade circular e cumulativa e o modelo centro-periferia*. In: COSTA, José Silva (Coord.). *Compêndio de economia regional*. Coimbra: APDR, 2002. p. 189-200.

SANTOS, Milton. *Sociedade e espaço: a formação social como teoria e como método*. Petrópolis: Vozes, 1982.

_____. *A urbanização Brasileira*. São Paulo: Hucitec, 1993.

_____. *Por uma geografia nova*. 1978; 4. ed. São Paulo: Hucitec, 1996.

_____. *Metamorfoses do espaço habitado, fundamentos teórico e metodológico da geografia*. São Paulo: Hucitec 1988.

_____. *A urbanização brasileira*. 5. ed. São Paulo: EDUSP, 2005.

_____. *Economia espacial: críticas e alternativas*. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2007.

_____. *Manual de geografia urbana*. 3. ed. São Paulo: Universidade De São Paulo, 2008a.

_____. *A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção*. 4 ed. São Paulo: Edusp, 2009.

SCATOLIN, Fábio D.; FRUET, Eleonora B. (Coord). *Plano de Governo do Paraná 2003-2006: Desenvolvimento sustentável e inclusão social*. Curitiba: 2003.

SERRA, Elpídio. *A reforma Agrária e o movimento camponês*. In: ENCONTRO NACIONAL DE GEOGRAFIA AGRÁRIA, 11. 1992, Maringá. *Anais...* Maringá: UEM, 1992. v. 2, p. 108-138.

SERRA, R. M. (Org.) *Trabalho e reprodução: enfoques e abordagens*. São Paulo: Cortez; Rio de Janeiro: PETRES – FSS/UERJ, 2001.

SETTI, Olinto Eloy. *Coamo 40 anos*. Coamo Agropecuária Mourãoense. Campo Mourão, 2010.

SILVA, Heloisa Conceição Machado da. *Da substituição de importações à substituição de exportações*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2004.

SILVA, Ivanete Pereira Martins. *Dinâmica populacional e produção do espaço de Campo Mourão-PR – a espaço e temporalidade de um núcleo polarizador*. Dissertação (Mestrado em Geografia) Universidade Estadual de Maringá (UEM). Maringá, 2008.

SINDIAVIPAR - Sindicato das Indústrias de Produtos Avícolas do Paraná. *Anuário Paranaense da Avicultura* 2014. Curitiba, 2014.

SINPACEL, Sindicato das Indústrias de Papel, Celulose e Pasta de Madeira para Papel, Papelão e de Artefatos de Papel e Papelão do Estado do Paraná. Disponível em: <<http://www.sinpacel.org.br/dados-setor.html>>. Acesso em: 09 jan. 2014.

SHIKIDA, P. F. A. Evolução da agroindústria canavieira no Paraná. *Revista FAE Business*, n.11, junho 2005. Curitiba.

SCHULZ, John H; LAMOUNIER, Bolívar et al (Org). *Para o Brasil voltar a crescer*. Curitiba: IBEPEX, 2007.

SOARES, M. B. *As muitas facetas da alfabetização*. Cadernos de Pesquisa. São Paulo. n.52, 1985.

SOJA, Edward W. *Uma interpretação materialista da espacialidade*". In: BECKER, Bertha K. et alii (orgs). *Abordagens políticas da espacialidade*. Rio de Janeiro, UFRJ/Departamento de Geografia, 1983.

SOJA, Edward W. *Geografias pós-modernas: a reafirmação do espaço na teoria social crítica*. Rio de Janeiro: Zahar, 1993.

SORIANO, Sara Mônica Pinot. *Expropriação e violência: a luta dos trabalhadores rurais pelo acesso á terra (Campo Mourão: 1946-1964)*. 2002. 143 f. Dissertação (mestrado em História) PGH/UEM/UEL. Maringá, 2002.

SOUZA, Edineia Lopes Cruz; VASQUES, César Barreto; PONTILI, Rosangela Maria. *Estudo do mercado formal de trabalho no município de Barbosa Ferraz-PR*. VII Encontro de Produção Científica e Tecnológica – EPCT. Campo Mourão, 2012

SOUZA, Marcelo Medeiros Coelho de. *O analfabetismo no Brasil sob enfoque demográfico*. Caderno de Pesquisa, nº 107,1969.

SOUZA, I. A.; MAYBUK, S. L; AVELAR, J. M. B; CRISPIM, J; ROCHA, J. A. Viabilidade Econômica e Social Ecologicamente Correta de uma Usina de Reciclagem de Plásticos (PET) na Região de Campo Mourão, PR. *Anais... do XI Simpósio Brasileiro de Geografia Física Aplicada – USP Pós 4685 e 4698 – 2005*.

SPOSITO, Maria Encarnação Beltrão. *O chão em pedaços: urbanização, economia e cidades no estado de São Paulo*. Tese (Concurso de Livre Docência) – Faculdade de Ciências e Tecnologia, Universidade Estadual Paulista, 2004.

SPOSITO, Eliseu Savério. Reestruturação produtiva e reestruturação urbana no Estado de São Paulo. In *Revista Eletrônica de Geografia y Ciências Sociales*. Universidade de Barcelona. Vol. XI, núm. 245 (69). 2007a.

SPOSITO, Eliseu Savério. *Cidades médias e eixos no Estado de São Paulo*. In: BELTRÃO, Maria Encarnação (Org). *Cidades médias: espaços em transição*. São Paulo: Expressão Popular.

SUZUKI, Julio Takeshi. A indústria paranaense e o avanço tecnológico. *Análise Conjuntural*, v. 31, n. 7-8, p. 09-11, jul./ago. 2009.

TAVARES, M. C. A Crise Financeira Atual. *Paper Itamaraty de 30 de abril de 2009*. Brasília: Itamaraty, 2009.

TÉRCIO, Lúcia Marina e. *Geografia geral do Brasil*. São Paulo: Ática, 2007.

TESTA, Vilson Marcos; NADAL, Raul de; MIOR, Luiz Carlos et al. *O desenvolvimento sustentável do oeste catarinense (proposta para discussão)*. Florianópolis, 1996.

TIGRE, P. B. et al. *O impacto do Mercosul na dinâmica do setor automotivo*. Buenos Aires: BID/Intal, 1999.

TINOCO, A. de C. Integração ou fragmentação? O impasse gerado pelo fetichismo da desconcentração. *Espaço & Debates*, n.41, p.46-65, 2001.

TRINTIN, Jaime Graciano. *A economia paranaense: 1985-1998*. Tese (Doutorado em Ciências Econômicas) – Instituto de Economia da UNICAMP, Campinas, 2001. 185f.

_____. *A nova economia paranaense: 1970-2000*. Maringá: Eduem, 2006, 190p.

_____. *A nova inserção da indústria paranaense: uma análise a partir das transformações dos anos noventa do século XX*. Maringá, 2011.

_____. CAMPOS Antonio Carlos. Dinâmica regional recente da economia paranaense e suas perspectivas: diversificação ou risco de reconcentração e especialização produtiva. *Acta Scientiarum Humana and Social Sciences*. Maringá, v. 35, n. 2, p. 161-173, July-Dec., 2013.

TYSON FOODS ALIMENTOS. *Abertura de vagas em Campo Mourão-PR e São José-SC*. Publicação em 17 dez. 2012. Disponível em: <www.tyson.com.br>. Acesso em: 15 abr 2015.

UNICA. União da Indústria de Cana de Açúcar (2014). *Acompanhamento de safra*. Disponível em: <<http://www.unicadata.com.br/listagem.php?idmn=72>>. Acesso em: 26/08/2014.

_____. *Produção de cana-de-açúcar*. Disponível em: <<http://www.unicadata.com.br/historico-de-area-ibge.php?idmn=33&tipohistorico=5&acao=visualizar&idtabela=1522&produto=%c3%81rea+plantada&anoini=2010&anofim=2012&estado=pr>>. Acesso em: 26 ago. 2014.

UNITÁ COOPERATIVA CENTRAL. *Histórico da empresa*. Disponível em: <<http://www.unitacentral.com.br/novo/index.php/home>>. Acesso: 24 abr. 2015.

_____. *Unitá aquece a economia regional*. Entrevista com Claudemir Cavalini, Vice-Presidente da Unitá em 14 de fev. de 2014. Disponível em: <http://www.unitacentral.com.br/novo/index.php/noticias/ver/79/unit_aquece_a_economia_regional>. Acesso: 04 maio 2015.

VAINER, Carlos, B. *Pátria, empresa e mercadoria. Notas sobre a estratégia discursiva do planejamento estratégico urbano*. In: ARANTES, O.; VAINER, C. B.; MARICATO, E. A cidade do pensamento único: desmanchando consensos. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 2002.

_____. Planejamento territorial e projeto nacional: Os desafios da fragmentação. *Revista Brasileira de Estudos Urbanos e Regionais - ANPUR*, v.9, n. 1, p. 9-23, 2007.

VALOR ECONÔMICO. *Indústria pode ter déficit comercial recorde no próximo ano*, diz IEDI. São Paulo, 22/12/2009.

VARELA, João Costeira. Mítiga Xangai. Simbiose das épocas. *Volta ao Mundo*, Lisboa, ano 10, n. 109, p. 156-168, nov. 2003.

VASCONCELOS, José Romeu de; CASTRO, Demian. *Paraná: economia, finanças públicas e investimento nos anos 90*. (Texto para discussão, nº 624). 44p. Brasília: IPEA, 1999.

VÁZQUEZ BARQUERO, A. ;MELLA, J. M. (Coord.) *Desarrollo local y dinámica regional, Economía y política regional en España ante la Europa del s. XXI*. Madrid: Akal, 1998.

VÁZQUEZ BARQUERO A. Desarrollo endógeno. Teorías y políticas de desarrollo territorial, investigaciones regionales. 11, pp. 183-210, *Red de Revistas Científicas de América Latina, el Caribe, España y Portugal*, 2007.

VÁZQUEZ BARQUERO, A. Desarrollo local, una estrategia para tempos de crisis. Conceptos críticos. *Universitas Forum*, Vol. 1, No. 2, May 2009.

VEIGA, Pedro da. *Campo Mourão: centro do progresso*. Maringá: Bertoni, 1999.

VELTZ, P. *Mondialisation, villes et territoires – l' économie d' archipel*. 2. ed. Paris: Presses Universitaires de France, 1997.

VERDELHO, Rafael de O. R. *Desconcentração Industrial: O processo, seus motivos e um estudo de caso*. Artigo. UNIFEV, Votuporanga – SP, 2010.

VERRI, Ênio José. *O desenvolvimento recente da indústria paranaense*. Dissertação de Mestrado em Economia, Universidade Estadual de Maringá: 1998 p. 38.

WASQUES, Renato Nataniel; CAMPOS, Antonio Carlos de; GUALDA, N. L. P.. A Tese da Desindustrialização: algumas considerações sobre o caso do Paraná. In: IX Encontro Nacional da Associação Brasileira de Estudos Regionais e Urbanos, 2011, Natal - RN. *Anais...* do IX Encontro Nacional da Associação Brasileira de Estudos Regionais e Urbanos, 2011. p. 1-20.

WERKEMA, Cristina. *Método PDCA e DMAIC e suas ferramentas analíticas*. Campus, 2012.

WIEDERSHEIM-PAUL, F. e JOHANSON, J. The Internationalization of firm: four Swedish cases. *Journal of Management Studies*, Oxford, v.12, n.3, p.305-322, 1975.

WOILER, S; MATHIAS, W. F. *Projetos: planejamento, elaboração, análise*. São Paulo: Atlas, 1996.

ZAMPIERI, Disonei. *A cana de açúcar e sucroalcooleira*. SEAB/SERAL, Curitiba,2012.

ZANELLA, José Luiz. O Trabalho concreto diante das máquinas: seriam as máquinas as causadoras do desemprego? *Revista Faz Ciência*. Paraná, v. 8, n. 1, 2006. Disponível em: <<http://e-revista.unioeste.br/index.php/fazciencia/article/viewArticle/347>>. Acesso em:17 mar. 2014.

ZEFERINO, Augusto César. Análise de localização espacial dos investimentos multinacionais no Brasil. *Boletim de Geografia Teórica*, Rio Claro, v. 16, nº 2, out., 1991.

ZORATTO, A. C. *Principais impactos da cana-de-açúcar*. In II fórum Ambiental da Alta Paulista, 25 a 28 de outubro de 2006, São Paulo, p. 1-18.

ZUSMAN, Perla B. *Milton Santos e a metamorfose da geografia brasileira*. In: CARLOS, A.F.A. (Org.) *Ensaio de Geografia Contemporânea. Milton Santos, obra revisitada*. São Paulo: Hucitec, 1996.

APÊNDICE - DVD